3 1761 07839642 1

OFICINA DE ENGENHARIA
Rua do Ouvidor 57 - Casa Clarimundo

Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/primeiraquartap04cace

ESTA É A DITOSA PATRIA MINHA
AMADA
Ex-libris
G. S.

TERCEIRA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL

POR FR. LUIS CACEGAS

DA MESMA ORDEM E PROVINCIA, E CHRONISTA D'ELLA

REFORMADA EM ESTILO E ORDEM, E AMPLIFICADA EM SUCCESSOS, E PARTICULARIDADES

POR FR. LUIS DE SOUSA

FILHO DO CONVENTO DE BEMFICA

TERCEIRA EDIÇÃO

VOLUME IV

LISBOA
TYP. DO PANORAMA—Rua do Arco do Bandeira, 112.

M DCCC LXVI.

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol,.. ..... 22:000
Encadernada..... 27:000
Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos 3 vol, em papel..... 11:600
Encadernados..... 13:600
Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o sr. D. Pedro v. Um folheto com 10 gravuras..... 200

M. M. B. DU BOCAGE

Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol 4:320

BARRETO FEIO

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol..... 2:880

LIMA LEITÃO

Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez, 2 vol. 8.º..... 800
Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º fr..... 1:200

REBELLO DA SILVA

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º fr..... 960
A Mocidade de D. João v, c. d em 5 actos..... 480
Othello ou o Moiro de Veneza, t. em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º fr. 300

MENDES LEAL JUNIOR

Os Homens de Marmore, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr. 360
Homem de Oiro, d. em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º fr 300
A Herança do Chanceller, c. em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º fr. 400
Pedro. d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol 8.º fr..... 400
A Pobreza envergonhada, d. em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º fr. 480
Canticos. 1 vol. 8.º fr..... 720
Alva Estrella, d. em 5 actos.... 300

F. SOARES FRANCO

Sermões, 4 vol. 8.º fr. contendo 48 Sermões..... 1920

ANTONIO DE SERPA

Dalila, d. em 4 actos e 6 quadros 1 vol. 8.º fr..... 400
Casamento e Despacho, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 320

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO

Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio... 6:750
1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos 7 quadros e um prologo..... 300
Minhas Lembranças, poesias..... 500

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr..... 720
Lições para maridos, c. em 3 actos 1 vol. 8.º fr..... 400

L. A. PALMEIRIM

Poesias, 4.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º fr..... 600
Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos, 1 vol.... 360
Como se sobe ao poder, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 400
O Sapateiro d'escada, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º..... 160
A Domadora de feras, c. em 1 acto, 1 vol 8.º fr..... 160

A. CEZAR DE LACERDA

Um Visco, c. em 2 actos..... 160
Scenas de familia, c. em 2 actos. 320
A Duplice existencia, c. em 4 actos..... 240
A Probidade, c. em 2 actos e 1 prologo, 2.º ed..... 300
Os Filhos dos trabalhos, d. em 4 actos..... 360

TERCEIRA PARTE

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

TERCEIRA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL

POR FR. LUIS CACEGAS

DA MESMA ORDEM E PROVINCIA, E CHRONISTA D'ELLA

REFORMADA EM ESTILO E ORDEM, E AMPLIFICADA EM SUCCESSOS
E PARTICULARIDADES

POR FR. LUIS DE SOUSA

FILHO DO CONVENTO DE BEMFICA

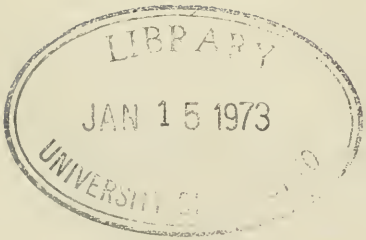
TERCEIRA EDIÇÃO

VOLUME IV

LISBOA
TYP. DO PANORAMA—Rua do Arco do Bandeira, 112

M DCCC LXVI.

BX
3542
A1C3
1866
V.11



Á RAINHA DO CEO

E DA TERRA

A VIRGEM SANTISSIMA

SENHORA NOSSA

COM A INVOCAÇÃO DE SEU SANTISSIMO ROSARIO

A duas Rainhas da terra se dedicarão as primeiras duas partes d'esta Cronica da Ordem dos Prégadores, particular dos Reinos de Portugal, de que foi autor (ainda que repartio com outrem esta honra) o Padre Frei Luis de Sousa, filho da mesma Religião. A vossos pés Rainha, e Senhora do Universo, se offerèce esta terceira, e ultima parte da mesma materia, e autor, não só para que vosso nome seja a coroa de suas obras, mas para que vosso patrocinio lhe sirva de escudo para os tiros da inveja, que sempre ao mais perfeito se atreve: E suposto que a obra he dos filhos, e filhas de nosso grande Patriarcha S. Domingos, aos quaes entregastes na terra o Jardim de vossa maior estimação, o Santissimo Rozario; e debaixo de vosso manto tendes recolhidos na gloria, aonde piamente cremos tendes tambem ao autor d'esta obra: assim a obra como o autor merecem, pedem, e tem por certo vosso patrocinio, e favor.

AO LEITOR

Em tres partes dividio o Padre Frei Luis de Sousa a Cronica que compoz da Ordem dos Prégadores, particular do Reino de Portugal. A primeira se deu á estampa em vida do mesmo Autor, no anno de mil e seiscentos e vinte e tres, ficando as outras duas com sua morte sepultadas no esquecimento, até o anno mil seiscentos e sessenta e dous, em que o Padre Mestre Frei Antonio da Encarnação, filho benemerito da mesma Religião, e Deputado do Santo Officio, fez imprimir a segunda com algumas addições, que lhe parecerão necessarias; e por desejar fazer o mesmo n'esta terceira parte, e a morte impedir seus intentos, senão imprimio em sua vida. Agora a fez imprimir hum filho indigno da mesma Provincia, no mesmo estado em que seu autor a deixou, assim porque com o estilo do autor nenhum outro pode ser ajustado, como porque qualquer materia, que haja para as Addições, o pode ser para quem seguir ao autor d'esta obra na continuação da Cronica. E porque finalmente não venha a ser a dilação occasião de se perder, ou esconder huma obra tão excellente, como já succedeo a outra do autor; que como tão conhecido pelo applauso das que tem sahido a luz, não necessita n'esta de mais recommendação que a de seu nome.

PROTESTAÇÃO

Em nome do Autor d'esta obra protesta o Procurador da Provincía da Ordem dos Prégadores dos Reinos de Portugal, que conformando-se com os Decretos do Papa Urbano VIII de treze de Março de mil seiscentos vinte e sinco, e sinco de Julho de mil seiscentos trinta e hum, e de sinco de Julho de mil seiscentos trinta e quatro, não he sua tenção, que os milagres, revelações, titulos de santidade, e mercês de Deos, de que nesta terceira parte faz menção, tenhão mais credito, ou autoridade, que a dos Autores, que os relatão, porque só se referem como Historia humana, excepto aquelles, que pela Santa Sé Apostolica estiverem recebidos, e aprovados. S. Domingos de Lisboa 16 de Julho de 1677.

Frei Vicente Veloso, Procurador geral.

LICENÇAS

DO REV.mo PADRE GERAL.

Nos Fr. Joannes Baptista de Marinis, Sacræ Theologiæ professor, Ordinisque Fratrum Prædicatorum humilis Magister Generalis, et servus. Tenore præsentium nostrique authoritate officii facimus licentiam P. Fr. Antonio de Incarnatione nostræ Provinciæ Portugalliæ, ut possit publicis typis mandare Secundam, et Tertiam Partem Historiæ Provinciæ nostræ Portugalliæ composita à R. P. Fr. Ludovico de Sousa ejusdem Provinciæ. servatis servandis. Datum Romæ in Conventu nostro Sanctæ Mariæ super Minervam die 25 Janii. An. Domini 1650.

Fr. Jo. Ba. de Marinis Magist. Ord.

Registada a fol. 19.

Fr. Bernardinus Venetiis
Magr. et socius.

Approvação do M. R. P. M. Fr. Manoel Veloso, Qualificador do Tribunal do Santo Officio de Lisboa.

Ordenou o M. R. P. M. Fr. Francisco de Santo Thomas. Vigario Geral d'esta Provincia, que visse, e revisse esta Terceira Parte da Historia de S. Domingos, particular do Reino, e Conquistas de Portugal. composta pelo P. Fr. Luis de Sousa, que vindo á Religião com o peso de muitos annos, e leve dos cuidados do mundo, trocou as assistencias, e politicas palacianas em clausura, e humildade Religiosa, applicando a mão aos movimentos da penna, depois de cançada em mover a espada, e brandir a lança com recontros de honra em ambas as Indias, e na

Ilha de Malta, aonde não chegou a ser professo, porque desviou a fortuna seus primeiros intentos.

Este tomo sendo o terceiro na ordem da Cronica d'esta Provincia, he o quinto nas suas obras: E achará quem o ler, que he a quinta essencia das Cronicas, porque sendo o ultimo traz comsigo o credito de mais perfeito: Com elle rematou o incansavel desvelo de seu trabalho, e coroou o louvavel emprego de seu estudo. Quando a penna podia estar já grossa do muito que escreveo, escreveo o P. Fr. Luis com melhor penna: Escreve com mais elegancia, e subtileza a penna já cançada, porque acha as noticias mais certas, o discurso mais facil, a fraze mais corrente, as palavras mais proprias, as sentenças mais fundadas, a explicação mais clara, a Historia mais cheia de sentenças, mais farta de erudição, de suavidade para o gosto, de recreação para o juizo. Com esta alma falou quem disse: *Groscior calamus scribit subtilius.* Alguns ignorando o estilo historico aparão muito a penna. E quem advertir em seus escritos, achará que a não aparão subtil para escrever, mas que a fizerão aguda para picar: escrevem com espinhos, não com penna, porque ignorão que a penna *scribit non pungit.*

Mostrou o Padre Fr. Luis a subtileza de sua penna escrevendo muitos livros, sem offensa de quantos escreverão; porque todo seu cuidado foi escrever sem impugnar: dizer verdades sem convencer mentiras: humilde em resolver, efficaz em persuadir, comedido em refutar. Em nada moveo contendas, porque em nada o picou a inveja, commum estimulo dos que escrevem Cronicas. Sinco tomos escreveo o P. Fr. Luis: A Cronica do grande Principe, e piadoso Rei D. João o III, obedecendo ao preceito, com que lhe commetterão este assumpto: Não se deu á estampa, porque algum a titulo de o ler curioso, escondeo este thesouro. Tambem escreveo a Vida do Arcebispo Primaz, o Senhor D. Fr. Bertholameu dos Martyres, cujas virtudes mais que por seu nome proprio o fizerão conhecido por Arcebispo Santo. A Historia d'esta Provincia repartida em tres tomos, da qual este he o terceiro, que chega quasi a nossos tempos. Se tivera mais vida, mais vidas escrevera, que quem assim aproveitou o tempo em seu trabalho, não tinha por trabalho aproveitar o tempo.

Não escreveo o Padre Fr. Luis Theologia, porque não foi Theologo. Foi Cronista, escreveo Cronicas: E foi tão insigne n'esta materia, que ninguem, que teve lição de Historia, deixou de admirar seu estilo, sua disposição, sua elegancia: a elegancia ornada com sentenças: a disposição repartida com clareza: o estilo tão proprio para o assumpto, e tão corrente para o historico, as palavras tão genuinas para o discurso, que em todo o discurso dos livros, que escreveo, foi sempre o estilo medio, emulo do altiloco: com que mostrou, que não sendo Mestre em Theologia, em nada foi idiota, antes farto de noticias em todas as materias, porque em todas correo igualmente a sua penna. Se como foi His-

toriador, fora Theologo, fora tão insigne Theologo como Historiador. Porém como a Historia não tem parentesco com a Theologia, conduz pouco saber dous dedos de Theologia, para saber escrever Historia.

As que o Padre Fr. Luis escreveo n'esta terceira parte, movem o espirito para imitação das virtudes, recreão os sentidos para alivio do trabalho, elevão o juizo com suavidade, com brandura, com lição douta, com doutrina sã, pia, e devota, sem que em nada offenda a Fé Catholica, os bons costumes, o decoro de nossa Religião Sagrada. Antes deve confessar a Ordem toda a divida, em que fica a seu trabalho, por lhe dar noticia de tantos, tão grandes, e tão insignes sugeitos E esta Provincia deve sempre respeitar com agradecidas memorias o credito, que lhe grangeou em seus escritos, tirando do thesouro do esquecimento as antigas noticias, que todos ignoravão, fazendo-nos presentes sugeitos, que florecerão em letras abalizadas, e virtudes heroicas. Pelo que me parece, não só dar-se licença, mas fazer, que este Livro se imprima a toda a pressa, para que se não dilate locução tão elegante aos discretos, e o exemplo de tanta vida santa aos devotos. Lisboa em S. Domingos, aos 18 de Julho de 677.

Fr. Manoel Veloso.

Approvação do M. R. P. M. Fr. Luis da Resurreição.

Por commissão do muito Reverendo Padre Mestre Fr. Francisco de Santo Thomas, Vigario geral d'esta Provincia, e Consultor do Santo Officio: Li com attenção, e curiosidade este livro, que he a Terceira Parte da Historia de S. Domingos particular do Reino, e Conquistas de Portugal, composta pelo M. R. P. Fr. Luis de Sousa: e não sei certo de que mais me admire, se do trabalho incansavel que teve em ajuntar papeis, revolver cartorios, e ler os pergaminhos antigos da Torre do Tombo: se da facilidade da obra, no acerto da empresa, na fertilidade da erudição, e na suavidade do estilo. Tudo he grande, tudo maior que todo o encarecimento. E assim me será permittido usar das palavras que em certa occasião disse Apelles: *Ingens labor, admirandum opus; desunt tamen gratiæ, quæ illud auferant, atque in cœlo reponant.*

Pelo que me parece, que he digno de se imprimir, e sahir a luz, visto não ter cousa alguma contra a nossa Santa Fé Catholica, nem contra os bons costumes: antes ter muitas cousas que servirão de assombro, e admiração aos leitores, outras de recreação aos curiosos, e muitas de grande exemplo aos espirituaes, como na Historia verá o devoto, e curioso leitor. Em S. Domingos de Lisboa aos 23 de Julho de 677.

Fr. Luis da Resurreição.

—

Fr. Francisco de Santo Thomas, Mestre em santa Theologia, e Vigario geral da Ordem dos Prégadores nestes Reinos de Portugal. Supposta a approvação dos Padres Mestres d'esta nossa Provincia, a quem commetti, vissem, e examinassem o livro, que se intitula: *Terceira Parte da Historia de S. Domingos, particular do Reino de Portugal*, composta pelo P. Fr. Luis de Sousa, dou licença para se poder imprimir, servatis servandis. S. Domingos de Lisboa, e de Agosto 12 de 1677.

Fr. Francisco de Santo Thomas, Vigario geral.

—

DO SANTO OFFICIO.

O Padre Mestre Fr. Christovão de Foyos, Qualificador do Santo Officio, veja este Livro, e informe com seu parecer. Lisboa 16 de Julho de 677.

Manoel de Magalhães de Menezes. *Manoel de Moura Manoel.*
Fr. Valerio de S. Raymundo.

Vi esta Terceira Parte da Historia Dominicana, particular do Reino e Conquistas de Portugal, composta pelo P. Fr. Luis de Sousa. Não tem cousa contra nossa Santa Fé, ou bons costumes, antes será sua lição muito proveitosa, não só para constar a todos o muito que esta Religião gravissima he benemerita da Igreja em toda a parte: mas tambem para se excitarem ao exercicio das virtuosas acções de que aqui se escrevem gloriosissimos exemplos com estilo puro, e religioso. He o que me parece. Lisboa, no Convento de Penha de França 22 de Agosto de 1677.

Fr. Christovão de Foyos.

O Padre Mestre Fr. Antonio dos Archanjos, Qualificador do Santo Officio, veja este livro, e informe com seu parecer. Lisboa, 17 de Agosto de 677.

Manoel Pimentel de Sousa. *Manoel de Moura Manoel.*
Fr. Valerio de S. Raymundo.

Em tudo me conformo com a Censura do R. P. M. Fr. Christovão de Foyos, no nome de seu Autor, e fica este livro com tanto no estilo, na modestia, na erudição, no espirito, e na claresa com que o escreveo,

que he digno de muitos elogios. Isto he o que me parece. S. Francisco de Xabregas, Setembro 11 de 1677,

Fr. Antonio dos Archanjos.

Vistas as informações, póde-se imprimir esta Terceira Parte da Historia de S. Domingos, Autor o P. Fr. Luis de Sousa, e impressa tornará para se conferir com o original, e se dar licença para correr, e sem ella não correrá. Lisboa 14 de Setembro de 677.

Manoel Pimentel de Sousa. *Manoel de Moura Manoel.*
Fr. Valerio de S. Raymundo.

—

DO ORDINARIO

Pode-se imprimir. Lisboa 15 de Setembro de 677.

E. Bispo de Pernambuco.

—

DO PAÇO

Manda o Principe nosso Senhor, que o Padre Antonio Vieira, seu Prégador, veja este livro, e informe com seu parecer. Lisboa 17 de Setembro de 1677.

Marquez P. *Basto.* *Mousinho.*

Approvação do M. R. P. Antonio Vieira da Companhia de Jesus, Prégador de Sua Alteza.

Intitula-se este livro *Terceira Parte da Historia de S. Domingos, particular do Reino, e Conquistas de Portugal,* reformada em estilo, e ordem, e amplificada em successos particulares por Fr. Luis de Sousa, filho do Convento de Bemfica. E posto que, sem mais exame, bastavão para a qualificação de toda a obra os dous nomes, que se lem na fachada: hum tão esclarecido no mundo, e tão benemerito da universal Igreja, como he o do Patriarcha S. Domingos, e he, e será sempre o de sua Sagrada Religião: outro tão conhecido em Espanha, e tão benemerito da Nação, e lingoa Portugueza, como he o do P. Fr. Luis de Sousa: Obedecendo com tudo á ordem de V. Alteza, li com particular attenção esta Terceira Parte, e me parece tão digna de sahir logo á luz, como o julgarão, com

maior sufficiencia os censores da Primeira, e da Segunda. E se me fora licito estranhar alguma cousa, he só o tempo, em que ella atégora, depois dos dias de seu Autor esteve sepultada com elle. Toda a Historia he mestra da vida: Esta he mestra da vida, e da Historia. Da vida, porque todos os Estados do Reino tem muito que aprender nos exemplos gloriosos, que aqui se referem, não estrangeiros, mas proprios e naturaes, e d'aquelles mesmos a quem succedemos, e por isso de mais facil imitação, e sem desculpa. Para as Religiosas he esta Historia espelho, para os Religiosos estimulo, e para todos os que professamos Observancia Regular, ou reprehensão, ou louvor. Nem se encerra só o fruto d'ella dentro dos claustros, e muros das Religiões, porque tambem o podem colher mui copioso os que vivem fóra d'elles. Aqui verão os Ministros de V. Alteza os grandes progressos, que as bandeiras de Christo igualmente com as armas de Portugal fazião em todo o seculo passado nas conquistas do Oriente: cuja memoria senão póde ler sem dor. E he a maior de todas a conhecida insensibilidade, com que, ou se desprezão tamanhas perdas, ou se lhes difficultão os remedios. Crescia aquella Monarquia em quanto crescia a Fé: E crescia a Fé em quanto os Ministros d'ella erão assistidos dos que o são dos Reis: E em quanto os mesmos Reis tinhão por tão suas as conquistas da Igreja, como a dilatação do proprio Imperio. Por onde disse com muita razão o Autor d'esta mesma Historia, na Dedicatoria da Primeira Parte, ser tão propria toda dos Reis Portuguezes, que, se lhe tirassem o titulo de S. Domingos, ficaria mais d'elles que d'elle. Assim entenderão os Religiosissimos Principes, que tudo o que se dá a Deos se recebe com usura: Sendo pelo contrario, politica não só errada, mas impia, cuidar que se podem augmentar os Estados com o que se tira a quem os dá. Isto he o que ensina, e persuade a presente Historia em quanto Mestra da vida. He tambem, como dizia, Mestra da mesma Historia, porque nella se vem juntamente praticadas todas as suas leis: Na verdade da narração, na ordem dos successos, na pontualidade dos tempos, dos lugares, das pessoas, e na noticia, e ponderação dos motivos, e causas de tudo o que se obrou, ou omitio: louvando sem ambição, nem lisonja o que he digno de louvor (que he quasi tudo) e castigando, sem sangue, alguns defeitos: dos quaes se compoem, não menos, a perfeição da Historia. O estilo he claro com brevidade, discreto sem affectação, copioso sem redundancia, e tão corrente, facil, e notavel, que enriquecendo a memoria, e affeiçoando a vontade, não cança o entendimento. Faltão geralmente nas Historias das (1) Religiosas aquelles casos, e nomes estrondosos, que por si mesmos levantão a penna, e dão grandeza, e pompa á narração: por onde notou o Mestre da facundia Romana, ser mais facil dizer as cousas sublimes com magestade, que as humildes com decencia. E n'esta parte he admiravel o juizo, discrição, e eloquencia do Autor, porque falando em materias

(1) «Casas» ou «Ordens?»

domesticas, e familiares (como são particularmente as que se obrão, e executão á sombra da clausura monastica) todas refere com termos tão iguaes, e decentes, que nem nas mais avultadas se remonta, nem nas miudas se abate: dizendo o commum com singularidade, o semelhante sem repetição, o sabido, e vulgar com novidade, e mostrando as cousas (como faz a luz) cada huma como he, e todas com lustre. A lingoagem, tanto nas palavras, como na frasi, he puramente da lingoa, em que professou escrever, sem mistura, ou corrupção de vocabulos estrangeiros: os quaes só mendigão de outras lingoas os que são pobres de cabedaes da nossa, tão rica, e bem dotada, como filha primogenita da Latina. Sendo tanto mais de louvar esta pureza no Padre Fr. Luis, quanto a sua lição em diversos idiomas, e as suas largas peregrinações em ambos os mundos o não podérão apartar das fontes naturaes da lingoa materna: como acontece aos rios, que vem de longe, que sempre tomão a côr, e sabor das terras por onde passão. A propriedade, com que fala em todas as materias, he como de quem a aprendeo na escola dos olhos. Nas do mar, e navegação fala como quem o passou muitas vezes: nas da guerra, como quem exercitou as armas: nas das Cortes, e Paço, como cortezão, e desenganado: e nas da perfeição, e virtudes religiosas, como Religioso perfeito. Por isso a sua Religião Sapientissima n'este Reino, como em toda a parte, entre tantos sogeitos eminentes nas outras letras, escolheo, com alto conselho, hum tal Cronista, entendendo que a arte de falar com propriedade em tudo o que abraça huma Historia, não se estuda nas Academias das Sciencias, senão na Universidade do mundo. O grande conhecimento que o Padre Fr. Luis de Sousa teve no mesmo mundo, se mostra bem em o haver finalmente deixado. E este he o documento geral que se lê em toda a sua Historia: tão digno de ser imitado dos que nascerão, e se criarão com semelhantes obrigações, quanto he certo, que assim nos primeiros estudos, como nas ultimas resoluções, terá poucos imitadores. Servirá porém este exemplar para confusão dos que o lerem E como elle escreveo na Primeira, Segunda, e Terceira Parte d'esta Historia as acções de tão heroicos sogeitos, assim será hum dos mais excellentes, que andarão escritos na quarta. Este he o meu parecer. N'este Collegio de Santo Antão da Companhia de Jesu, em 28 de Setembro de 1677.

Antonio Vieyra.

Vista a informação, póde-se imprimir esta Terceira parte da Historia da Ordem de S. Domingo, Author o Padre Fr. Luis de Sousa, visto ter licença do Santo Officio, e Ordinario, e impressa tornará á Mesa, para se conferir com o original, e se dar licença para correr, e sem ella não correrá. Lisboa, 5 de Outubro de 677.

Marquez P. *Carneiro.* *Roxas.* *Mousinho.*

TERCEIRA PARTE

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL

LIVRO PRIMEIRO

CAPITULO I

Entra em Portugal por Visitador, e Reformador da Ordem o P. M. Fr. João Furtado. Celebra Capitulo de eleição. Juntão-se em hum corpo os Conventos da Provincia, e Observancia, e elegem Provincial.

Entramos na terceira, e ultima parte d'este nosso trabalho: e ainda que não he pequeno o que temos por passar, confesso que sinto em mim o mesmo, que acontece a quem subio hum monte alto, ingreme, e agro, que chegando a vencer a subida desalentado, e sem forças, e em estado de não poder dar mais passo: se vê que o que resta do caminho, não he mais que decer, tanto o esforça a imaginação, que em lugar de descançar pera tornar em si, sem tomar hora de repouso, se arremessa á decida cheio de novo vigor. Assi me acho com a mão folgada, e espirito desabafado pera o que fica por escrever, vendo que temos vencido o monte alto da Segunda Parte, que não sem grande trabalho deixamos (seja o Senhor louvado) concluida: e tomando por genero de decida, e principio de alivio considerar, que chegamos á parte, que ha de ser fim, e remate d'este cuidado, que a Provincia de nossos hombros fiou, ainda que nos não ameacem n'ella menos fadigas, que na primeira, e segunda;

costuma a natureza esforçar seus effeitos, quando as cousas estão mais no cabo: corre com mais impeto o peso na maior vizinhança do centro, e em distancia proporcionada mais violento he o arremesso da lança, quando chega a executar o golpe, que ao sahir da mão. Tiremos logo forças de fraqueza, e pedindo-as ao Senhor, de quem procede todo o bem, e em cujo serviço nos manda continuar a santa obediencia, tornemos animosamente á carreira.

Levou-nos a Primeira Parte todo o tempo, que os Conventos de Portugal, e Castella estiverão juntos, e unidos debaixo do governo de hum só Provincial, que foi desde o anno de 1217, até o de 1388. No qual em razão das guerras começarão effectivamente a apartar fato, e companhia, e a este apartamento seguio pouco depois a formal divisão de Provincias. Démos á Segunda Parte os Conventos de Portugal começados a separar de Castella, e feitos já Provincia por si: E assinamos-lhe o principio no anno de 1392, em que o teve tambem o Mosteiro do Salvador. Lançamos na mesma as distinções, que então começarão de Conventos de Claustra, e Conventos de Observancia. Juntamos-lhe as casas, que cada Congregação d'estas foi levantando de novo, com relação dos successos geraes, que a huma, e outra achamos pertencentes, e especificados todos os Provinciaes da Claustra, e Vigarios da Observancia, assim em nomes, como em tempo que servirão: com que parece fica dada a toda a historia a clareza possivel. E porque este modo de governo assi dividido em nomes, e effeitos durou até o anno de 1513, no qual Deos foi servido que cessasse, unindo-se todos os Conventos do Reino debaixo da administração de hum só Prelado; pela mesma razão demos n'elle fim á Segunda Parte; e a tomamos por principio, e fonte d'esta Terceira, e de tudo o que nos resta por escrever, que estenderemos até nossos dias, e o anno de 1613, em que as voltas do tempo tornárão a resuscitar o nome antigo de Observancia temperado com titulo de Recolleta, fazendo-se novidade em alguns Conventos, do que por velhice estava esquecido. E terá esta Parte Terceira justos cem annos, que juntos com cento e vinte seis, que nos levou a Segunda, e com mais cento e setenta, que demos á Primeira, fazem somma de trezentos e noventa e seis annos. E tantos terá de residencia a nossa Ordem em Portugal, quando chegarmos com a historia ao de 613, visto como sua primeira entrada n'elle foi no anno de 1217.

Devemos os Portugueses a el-Rei dom Manoel hum perpetuo cuidado de honrar, e acrescentar todas as casas da Religião no temporal, e grande

vigilancia em lhes procurar reformação no espiritual. A nossa em particular lhe está obrigada por se acabar em seu tempo, e por seu meio a contradição, e contenda continua, em que vivia esta Provincia com os nomes de Frades Conventuaes, e Frades Reformados, nomes hum e outro sempre mal sofridos. O primeiro pela lembrança, e odio da claustra antiga: o segundo pela ambição da ventagem, que representava. Mas em seu tempo se levava peior; porque já então entre huns, e outros estavão as cousas da Religião reduzidas a tão bons termos, que a differença não era mais que de nome, e parecia genero de afronta differença em palavra, quando nenhuma havia em obras. Florecia por estes annos na Provincia de Espanha (que com tal nome se quiz ficar por excellencia a de Castella, tambem depois de separada da nossa, como atrás tocámos) hum Religioso de raro espirito, filho do Convento de Piedrahita, Convento que sempre teve graça do Ceo, pera crear semelhantes sugeitos. Era seu nome Frei João Furtado, nobre por geração: mas tanto mais nobre por partes de alma, que diz d'elle o Padre Frei Fernando de Castilho (1) que em vida, doutrina, discrição, prudencia, e conselho era hum Oraculo de seu tempo: e disse pouco para o animo com que sabemos engeitou depois dous Arcebispados, sendo hum d'elles o de Toledo; e para o brio, com que sendo encontrado de todos os principaes sugeitos de sua Provincia, meteo n'ella apezar de todos nova reformação, e fundou com grande louvor o Convento de S. Gines de Talaveira em todo o rigor da primitiva regra de N. P. S. Domingos sem nenhum genero de dispensação. Tendo el-Rei dom Manoel noticia d'este Padre, desejou que por tal medico fosse esta Provincia visitada, e segundo o que achasse nos dous Conventos de Lisboa, e Batalha, que erão os principaes d'ella, assim a visitasse e reformasse. E para o effeito lhe alcançou do Padre Geral da Ordem, o Mestre Frei Thomás Caetano, os poderes necessarios, e lh'os mandou a Castella confirmados pelo Summo Pontifice. Era isto a tempo, que entrava o anno de 1513, no qual estava lançado o Capitulo de eleição de Provincial para S. Domingos de Lisboa. Aceitou Frei João a obediencia muito contra seu gosto; porque sendo grande amigo de reformação, quizera começar antes por sua Provincia, que pelas alheias. Conta-se d'elle, que entrou pelo Reino a pé, a uso dos nossos primeiros Fundadores, e sem mais remedio de sustentação, que o que alcançava, pedindo de porta em porta. O primeiro Convento em que apre-

(1) Cronica da Ord. liv. 2. cap. 26.

sentou suas patentes, foi o de Evora. Aqui se informou do estado da Provincia, e com seu grande juizo alcançou na primeira visita como bom medico, tudo o que havía de curar, e os meios, que para a fazer havia de seguir. Era Prior em Evora Frei Ayres d'Azevedo. Tal sitio achou n'elle Frei João, e tão conforme tudo o que tinha ouvido, com o que julgou de sua pratica, depois que o tratou, que houve por escusado hir pessoalmente á Batalha se o mandasse a elle; e assi o poz logo por obra, absolvendo-o da prelacia d'Evora, constituindo-o authoritate Apostolica Prior da Batalha. E tal foi o primeiro acto de visitação, que fez entre nós.

N'esta Cidade prégou o Visitador, e lhe aconteceo o que refere o Padre Frei Fernando de Castilho (1)(caso digno de andar escrito com letras eternas em todo o coração catholico, e de não ficar fóra d'estas memorias): perdião-se as novidades por secca, era tempo de Inverno, e não havia no Ceo sinal de orvalho. Veio o povo junto ao nosso Convento com huma devota Procissão, pedindo a Deos agoa. Rogarão-lhe os Padres, que prégasse. Subindo ao pulpito, foi buscando com hum devoto, e douto discurso, que causa poderia haver para Deos fazer o Ceo de bronze com secura, e não regar os campos com as chuvas costumadas; e concluio, que a causa era outra grande secca que havia da parte da terra, e falta de outras agoas, que d'ella esperava, e queria o Ceo: pois sendo os peccados dos homens tantos, e tão continuos, e sendo obrigação nossa lavalos com chuva de lagrimas, em todo o anno lhe não davamos huma só gota, e queriamos, que Deos nos desse a sua agoa, negando-lhe nós a nossa. Em fim levantando a voz com huma estranha energia, confiança, e authoridade de Santo, disse assím: *Si quereis hermanos, que Dios dé agoa, dadsela vos otros primero: y haziendo esto, yo os certifico, que Dios regará vuestras tierras.* Foi tamanho o abalo, que no auditorio fizerão estas bem achadas razões, que não houve em toda a Igreja peito, que se não tornasse de cera, nem olhos, que se não derretessem em lagrimas de dor, e compunção. De sorte que se houve o Senhor por obrigado a desempenhar a palavra de seu servo, com não menos pontualidade, que chovendo-lhes logo ao sahir da Igreja tão copiosamente, que tornarão para casa bem molhados.

Mas tornando á historia, passou-se o Santo Visitador a Lisboa, e em virtude dos poderes que trazia, fez chamamento geral da Provincia para

(1) Cron. part. 2. liv. 2. cap. 28.

Capitulo: e por não alterar nenhuma cousa esperou que fosse tempo de acabar seu quadriennio o Provincial, que governava, que era Frei Mendo d'Abreu, que se cumpria por fim de Abril do anno seguinte de 1513. N'este meio tempo achamos por memorias, e lembranças da Provincia, que caminhou o Visitador por ella, e chegou até Guimarães. Tornando a Lisboa ao tempo sinalado, acharão-se com elle o Provincial Frei Mendo, e o Vigario da Observancia Frei Lopo Soares cada hum per si, pessoas de grande valor, e religião, juntarão-se com ambos os Priores seus subditos, e os mais vogaes segundo costume, e entrarão em Capitulo o primeiro dia de Maio. Tanto que o Visitador os teve juntos, antes de começarem a proceder á eleição, propoz-lhes com muitas, e mui efficazes razões, que postos de parte respeitos particulares, e interesses proprios, quizessem todos, como verdadeiros filhos de S. Domingos, unir-se em huma só vontade de procurar o bem, e honra da Provincia, sem pôr olhos em outra cousa. Foi-lhes logo mostrando, que o que podião de presente fazer de grande gloria de todos, era tirar do mundo nomes de Claustra, e Observancia, apagar da memoria distinções da vida commua, e vida reformada, que se em algum tempo forão toleraveis, sendo sempre semente de desgostos, e dissenções, no presente já se não podião por nenhuma maneira sofrer. Porque affirmava, como quem tinha alcançado bastantemente tudo o que se passava na Provincia, que os, que Frades chamavão Conventuaes, ou de vida commua, não devião nada na guarda essencial da regra aos mais Reformados da Congregação Observante. E n'isto estava tão certo de presente, que se assim o estivera antes de sahir de Castella, nenhum poder bastara para o arrancar da cella. Porque na verdade não achava em Portugal necessidade de Reformação, nem ainda de vista:e tudo ficaria no melhor estado, que pelos mais zelosos se podia desejar, na hora que quizessem conformar-se em darem todos sugeição, e obediencia a huma só cabeça. Por tanto lhes pedia da parte de Deos, e de N. P. S. Domingos, que desde logo tratassem de eleger hum Prelado, que os governasse a todos, e com que de todo se extinguisse a differença de nomes, onde nenhuma havia já de costumes; que n'isto que a elles muito cumpria, farião serviço a hum Rei piissimo, que lhes procurava todo o bem espiritual, e temporal: para si mesmos ganhavão honra, mostrando animos desinteressados, brandos, e obedientes; e a elle Frei João pagarião inteiramente o trabalho do caminho (todos sabião, que o tomara a pé) e a desconsolação com que o aceitara. Lembrando-

lhes finalmente para exemplo, que muito mais que isto fizera poucos annos antes toda a Provincia de Espanha por hum Visitador Portuguez, que fora o Padre Frei João Dias, cortando, e desfazendo por amor d'elle parcialidades mui arreigadas, e discordias de animos, que já não havia. Era grande a eloquencia do Visitador: mas aqui parece que obrou mais seu respeito, e virtude, porque sem nenhum genero de encontro, nem alteração se vierão todos a conformar em seu parecer, e sahio eleito em Provincial de todos os Conventos do Reino de Provincia, e Observancia o P. Frei João de Braga aos tres dias do mez de Maio d'este anno em que vamos de 1513.

CAPITULO II

Despede-se o Visitador da Provincia. Da-se conta breve dos Provinciaes, que succederão d'este anno em diante até o de mil e seiscentos e treze, em que fenece a Historia.

Foi esta eleição geralmente bem recebida, tanto pela pessoa do eleito, que era muito conhecido, e acreditado pelo governo, que já tivera da Congregação, como por ficar acabada a divisão, que largos cem annos durava entre os Frades; e o mesmo tempo, que antigamente lhe dera reputação, a fazia agora até aos seculares aborrecida. El-Rei ficou tão satisfeito da prudencia, e bom termo do Visitador, que onde d'antes não tratava de Reformação mais que de dous Conventos, fez-lhe instancia, que quizesse visitar todos os que havia no Reino. Mas o bom Padre, como não tinha nada de ambicioso, pera folgar de mandar, e ser obedecido, não só refusou o cargo, mas antes pedio licença pera se tornar pera sua Provincia, e tão efficazmente, que não póde el-Rei deixar de lh'a dar. Dizia-lhe elle, e publicamente o affirmava, que havia na Provincia homens, e muito homens de tanto valor, e partes, que lhe puderão bem forrar o trabalho de sahir da sua: que a estes podia Sua Alteza cometer visitas, e d'elles fiar todo outro grande cargo. E sem fazer mais detença se poz a caminho, tornando pela mesma Cidade d'Evora, por onde viera, e imitando n'esta pressa quasi como acinte o nosso Portuguez Frei João Dias na visita, que fez em Castella, como atrás contamos. O Cardeal Xavierre achando-se n'esta Provincia em tempo, que governava a Ordem como nosso Geral, que era, mostrou a quem isto escrevia hum tratado da vida d'este Pa-

dre em lingoa Latina. No qual se continha, que no tempo d'esta sua vinda a Portugal persuadira a el-Rei dom Manoel, que admitisse no Reino o Santo Officio da Inquisição. E tendo-o tão inclinado, que mandava escrever cartas ao Summo Pontifice pera o effeito, fora desviado por duas pessoas de grande qualidade, e poder, o qual sendo sabido por Frei João, lhe profetizara a ambos o castigo certo, que lhes não tardou de morte arrebatada, e sem Sacramentos.

Deixou o Padre Frei João nomeado por Vigario Geral da Provincia o Padre Frei Lopo Soares, que o fora até então da Observancia, para emquanto tardasse a confirmação do Geral, mas durou-lhe pouco o cargo: porque veio logo a confirmação, e a patente d'ella acompanhada de huma carta sua para toda a Provincia de grandes graças, e parabens: parabens pela união, graças pela paz, e boa eleição de Prelado. Era Frei João de Braga filho do Convento d'Aveiro, e fora Prelado da Congregação: entrando no novo governo, procedeo com igualdade, e benignidade de pai, consolando os subditos todos, sem fazer differença com nenhum, nem perder hum ponto do que devia ao officio de bom Prelado. Do que naceo, que passados alguns annos depois de acabar seu quadrienio, foi de novo buscado para o mesmo cargo. N'este primeiro aceitou a Provincia alguns Conventos, de que logo iremos dizendo, como fizermos huma lista, ou relação dos Provinciaes, que lhe succederão até o anno de 1613. E isto será em conformidade da que demos na Segunda Parte, que me persuado faz muito ao caso para luz das materias, acharem-se os nomes d'aquelles, que tem primeiro lugar na Historia, e de quem toda depende, juntos, e contados successivamente com seus annos.

Governou o P. Frei João de Braga os quatro annos de seu cargo, até a entrada do de 1517.

Succedeo-lhe o M. Frei Jorge Vogado filho do Convento d'Azeitão, Prégador, e Confessor d'el-Rei D. Manoel até o anno de 1521.

Tornou a ser Provincial o Padre Frei João de Braga, e governou até o anno de 1525.

Seguio-se o M. Frei Manoel Estaço filho do Convento d'Evora, e natural da mesma Cidade, de gente nobre, governou dous annos sómente; porque no Capitulo intermedio, que se celebrou em Lisboa no anno de 1527, foi absoluto do cargo, e penitenciado pelos Diffinidores.

Entrou segunda vez o P. M. Frei Jorge Vogado, que governou até principio do anno de 1534, porque como era muito aceito ao Rei, e á

Ordem, impetrarão-lhe prorogação do governo, sendo actualmente Prior em Lisboa, e tendo recebido ao habito, e profissão dous grandes sugeitos; Frei Bertholameu dos Martyres, e Frei Jorge de Lemos, dos quaes o primeiro foi Arcebispo de Braga, e o outro Bispo do Funchal na Ilha da Madeira.

Succedeo o M. Frei Amador Henriques filho do Convento da Batalha, por ordem, e a petição d'el-Rei D. João no Capitulo, que se celebrou em Evora na entrada d'este anno de 1534, e acabou seus quatro annos por Setembro de 1538, e foi penitenciado, e condenado á pena de graviori culpa, com assinação no Convento de N. Senhora da Serra por carcere.

N'este Capitulo foi eleito o P. Frei Mendo de Estremoz filho d'Azeitão, onde fora já Prior, depois de o ser de Bemfica, pessoa de grande religião, e virtude. E porque sua eleição foi feita com alguma contradição, por estar já no Reino o M. Frei Jeronymo de Padilha, com Patente de Vigario do Reverendissimo Geral; sem embargo que foi sua eleição confirmada, alcançou el-Rei do Capitulo Geral, que fosse absoluto do cargo; e ficou governando o Vigario Padilha até Outubro de 1540.

Por Outubro de 1540 se juntou Capitulo de eleição em Lisboa, e foi eleito em Provincial o M. Frei Jeronymo de Padilha: porque el-Rei o pedio. Havia hum anno e meio, que era Prior em Lisboa. Durou no cargo até Agosto dé 1544, e faleceo de doença no Mosteiro d'Aveiro.

Em Julho de 1545 veio ajuntar Capitulo em Evora o Presentado Frei Christoval de Valbuena, que já tinha nomeação do Reverendissimo, e de seu Vigario na Provincia, sendo actualmente Prior de Lisboa, e no Capitulo foi eleito Provincial. Durou no cargo até Setembro do anno seguinte de 1546, e faleceo em Aveiro como seu antecessor.

Por Janeiro de 1547, nas oitavas da Epifania foi eleito em Provincial o M. Frei Francisco de Bovadilha, sendo Prior de Lisboa, como seus dous antecessores, cumprio seus quatro annos até fim de 1550.

Dilatou-se o Capitulo da eleição até Julho de 1551. Fez-se em Lisboa, sahio eleito o M. Frei Jeronymo de Azambuja, que estava por Prior da Batalha. E porque el-Rei queria, que permanecesse o governo nos Padres Castelhanos, que residião em Portugal, alcançou Breve da Penitenciaria de Roma, que fosse absoluto Azambuja, sem embargo de estar confirmado pelo Geral; e ficasse Provincial o M. Frei João de Salinas: faleceo cumpridos seus quatro annos no de 1555.

Foi eleito em Provincial o P. M. Frei Luis de Granada filho do Convento d'Evora por perfilhação. Fez-se sua eleição no Convento da Batalha, servio até Junho de 1560.

Succedeo-lhe o M. Frei Jeronymo d'Azambuja filho do Convento da Batalha, governou dous annos e meio, porque faleceo.

Entrado o anno de 1564 se juntou a Provincia, pera eleger Provincial, e sahio eleito o P. Frei Estevão Leitão, filho de Lisboa, pessoa de muita qualidade, muito nobre em sangue, e virtudes, e era Prior do mesmo Convento; servio até o anno de 1568.

No mesmo anno foi eleito por seu successor o P. M. Frei Francisco Foreiro, Prégador d'el-Rei, filho, e Prior que era de Lisboa, servio até Setembro de 1571.

Por Setembro do mesmo anno se juntou Capitulo em Santarem, e sahio eleito do primeiro banco o P. M. Frei Manoel da Veiga. Foi cassada sua eleição pelo Cardeal Dom Henrique, dizendo, que o tinha occupado na Inquisição de Lisboa. Foi eleito segunda vez o P. Frei Francisco de Bovadilha, servio até Maio de 1574, porque pedio, e alcançou absolvição.

No mesmo Maio foi eleito segunda vez o P. Frei Estevão Leitão: usarão os Padres de postulação; porque o Cardeal Dom Henrique lhes mandou apontados: foi confirmado, servio inteiramente seu tempo.

Por Maio de 1578 se fez Capitulo em Bemfica, e se elegeo em Provincial o P. Prei João da Silva, que foi Prior na mesma casa, e em Lisboa, e Santarem: faleceo em Tangere no mesmo anno de doença acompanhando el-Rei D. Sebastião.

Juntou-se o Capitulo em Lisboa por sua morte; sahio eleito o Presentado Frei Thomás de Sousa, Prégador d'el-Rei D. Henrique, que inda exercitava o Officio de Legado á Latere; e foi eleito em seu lugar o M. Frei Antonio de Sousa, que pouco depois foi Vigario Geral de toda a Ordem, e ultimamente Bispo de Viseu. Governou pouco tempo o cargo de Provincial; porque na entrada do anno de 1580 partio pera Roma a se achar na eleição de Geral, por ser morto em Sevilha em Novembro de 1579 o Reverendissimo Geral Frei Serafino Caballi.

Por Agosto de 1580, tendo a Cidade de Lisboa tomado a voz d'el-Rei D. Philippe primeiro de Portugal, mandou o Nuncio do Summo Pontifice, que o acompanhava, nomear authoritate Apostolica por Vigario Geral da Provincia o P. Frei Antonio de Lacerda, Prior d'Elvas, que jun-

tando Capitulo foi eleito em Provincial, e governou a Provincia até Maio de 1585.

Succedeo-lhe por eleição Canonica, e aplauso geral o P. M. Frei Jeronymo Correa, grande pessoa, e grande sugeito: governando até Janeiro do anno seguinte, foi cassado pelo Reverendissimo. E tornou a entrar o P. Frei Antonio de Lacerda, que governou com titulo de Vigario geral até o mez de Julho de 1588.

N'este mez de Julho veio o M. Frei Diogo Ramires, Prior de Salamanca, nomeado por Provincial pelo P. Geral, durou em seu cargo até Abril de 1591.

Por morte do M. Frei Diogo Ramires, que faleceo em Roma, se juntou a Provincia no Convento de S. Domingos de Bemfica, e elegeo o P. M. Frei Gaspar Leitão, Prégador d'el-Rei: cumprio quatro annos até Abril de 1595.

Succedeo-lhe no Capitulo d'este anno, que se fez em Santarem, o P. Frei João da Cruz, grande sugeito, e pessoa de grandes merecimentos, até 599.

Apoz elle foi eleito o P. M. Frei Alvaro Leitão no Convento da Batalha, que governou seus quatro annos até 1603.

Foi seu successor, por eleição, que se fez em Lisboa, o P. M. Frei Manoel Coelho, Prégador d'el-Rei, e depois Inquisidor da Mesa grande: cumprio quatro annos até o de 1607.

Por fim de Julho de 1607 veio mandado pelo Reverendissimo para Provincial o Presentado Frei Martinho Ecay, Navarro de nação; durou seu cargo até a entrada do anno de 1608, e faleceo em Roma indo a Capitulo geral.

Por Setembro de 1608 se juntou Capitulo em Lisboa, e foi n'elle eleito Provincial segunda vez o P. Frei João da Cruz: governou até Maio de 1612.

N'este Maio se fez Capitulo de eleição em Lisboa, e sahio eleito o P. Frei Agustinho de Sousa, que era Prior da mesma casa: cumprio seus quatro annos, com que passou do que temos proposto por fim d'esta Historia, que he o de 1613.

CAPITULO III

Fundação do Mosteiro de Nossa Senhora da Annunciada de Lisboa.

Ficarão em alguns lugares grandes d'este Reino, depois de ganhados aos Mouros pelo braço dos primeiros Reis, bairros inteiros povoados dos mesmos Mouros vencidos, e sugeitos, onde d'antes erão Senhores: devia ser a tenção dos Reis, que ficassem assim, ou para ajudarem a cultivar a terra, falta então de moradores: ou tambem para hirem com a companhia dos Catholicos abrindo os olhos á verdade, e deixando a falsa seita. E como lhe deixarão bairros separados para sua vivenda, em que inda hoje dura o nome de mourarias: permitia-lhes tambem a singeleza dos tempos antigos, conservarem entre si suas Mesquitas: cousa era indigna de animos pios sofrer que no meio da Christandade Portuguesa houvesse casa, em que publicamente fosse Mafamede honrado com afronta do Salvador. Assim o sentio o mui Catholico Rei Dom Manoel, por cujo meio, e mão entrarão em Portugal todos os titulos, e grandezas, que hoje gozamos; e não só determinou tolher a indignidade das Mesquitas; mas despejar o Reino de tal gente. E mandando logo cerrar as Mesquitas, veio a despedil-os por Dezembro do anno de 1496, entrando no segundo de seu felice Reino (1): e he de considerar, que no mesmo tempo, que lançava de si, e perdia tantos vassallos, só por serem enemigos de Christo, então lhe hia o mesmo Senhor abrindo o mar para o fazer Senhor de Reis, e Reinos opulentissimos, na melhor, e mais rica parte do mundo, que he o Oriente. Foi segundo conselho consagrar ao serviço santo, e verdadeiro de Deos as Mesquitas, que tivessem commodidade para serem Igrejas. Tinhão os Mouroa huma em Lisboa, situada nas fraldas do monte do Castello ao Norte, onde o monte fica mais impinado, e menos communicavel com a cidade. Esta, como era grande, despedidos os Mouros, mandou el-Rei purificar, e consagrar ao nome da Sagrada Annunciação da Virgem Mãi de Deos: e em quanto não determinava outra cousa, consentio, que se aproveitassem d'ella humas boas molheres, que vivião juntas, e se fazião chamar Beatas da Terceira Ordem do Seraphico P. S. Francisco: porém sem clausura, nem obediencia certa de Prelado.

(1) Cron. d'el Rei D. Manoel, part. 1. liv. 18

Passados alguns annos impetrou el-Rei hum Breve do Papa Leão X, para fundar no mesmo lugar Mosteiro de Freiras de São Domingos, e lhe nomear Prelada, e fazer Estatutos. Foi despachado o Breve no anno de 1515, em Viterbo, e d'este tempo lhe damos sua antiguidade: não lançamos aqui o Breve por escusar leitura. El-Rei não querendo usar dos poderes, que por elle tinha, contentou-se com o mandar remeter quatro annos adiante (que foi no de 1519), ao Mestre Frei Jorge Vogado, seu Confessor, e Prégador, e muito aceito, que tinha succedido no cargo de Provincial ao Padre Frei João de Braga, para que elle ordenasse Mosteiro segundo os costumes da Ordem, fazendo vir Religiosas de Jesus d'Aveiro; para que logo começasse a correr em perfeita observancia, e houvesse em Lisboa hum retrato vivo da muita, que em Aveiro florecia. E advertindo, que as Beatas, que a quizessem seguir, e ficar n'ella, fossem admitidas ao habito, e profissão. A este fim escolheo o Provincial pessoas, com que em tudo satisfizesse á santa tenção d'el-Rei. Forão as que vierão Dona Joanna da Silva, filha do Conde de Penella Dom Affonso de Vasconcellos; Dona Brites de Menezes, sobrinha sua, filha do Conde Dom João de Menezes, seu irmão; Dona Brites de Noronha, filha do Conde de Abrantes Dom João d'Almeida. Não se costumava inda então nos Mosteiros deixar os apellidos das Familias, como hoje se faz com melhor conselho. Porque o certo, e o mais acertado he, quem por amor de Deos renunciou os bens do mundo, não querer nada d'elle, nem em nome, e folgar não só de se igualar até no apelido com as mais humildes, e pobres irmãas, mas honrar-se de sua companhia, como nos aconselha em sua Regra o nosso Padre Santo Agustinho. A estas tres Madres, que nas virtudes Monasticas tinhão tanto nome, que não ficavão devendo nada ao de sua geração, acompanharão outras tres, se bem menos nobres, quanto ao mundo, na Religião, e guarda d'ella nobilissimas. Era a primeira a Madre Isabel Luis, Religiosa tão anciãa, que tinha quasi sincoenta annos de habito. E foi huma das primeiras, que o tomarão em Aveiro, e de suas virtudes fazemos atrás larga menção. E veio n'esta companhia, como por mãi de todas. As outras duas erão Soror Catharina de Andrade, e Soror Catharina Dias. Chegarão juntas a Lisboa hum sabbado á noite, doze dias de Novembro do anno de 1519. E sem parar em outra parte, forão demandar a sua casa, conhecida já pelo nome da Annunciada, onde erão esperadas, e forão recebidas com alvoroço, e cortezia de muita gente nobre, e devota, seculares, e Religiosos, e na mesma hora

derão primeiro principio ao concerto da Religião com perfeito encerramento, e clausura: nomeando-lhe o Provincial por Vigaria, e Presidente, até fazerem sua eleição, a Madre Dona Joanna da Silva.

Foi primeiro cuidado da nova Prelada, tentar que animo tinhão as Beatas pera a Religião de São Domingos, em conformidade da Ordem que el-Rei tinha dado. Aceitarão o habito, e ficarão a Regente Catharina de Christo, e outras tres; as mais se forão. Passados poucos dias mandou o Provincial, que como em communidade perfeita, que entre as seis havia, fizessem eleição da Prioresa. E sahio canonicamente eleita a Madre Dona Joanna, que fazia o officio de Vigaria. O que foi em dous de Dezembro do mesmo anno; e no mesmo dia a confirmou o Provincial. Grandes são em todo o tempo os poderes da virtude; só por si val, sem mais ajuda, nem companhia, que de si mesma: e com tudo se acontece juntar-se com nobreza de sangue, he Sol em Ceo claro, he esmalte em ouro fino. Com tal Prioresa, e taes subditas, começou o Mosteiro da Annunciada huma vida celestial, na casa que fora cova de ladrões, quero dizer, morada de Mafamede, escola de infidelidade. Vida não só semelhante áquella, que então era mui celebrada de Jesus d'Aveiro, pelos exemplos frescos da Santa Princesa Dona Joanna: mas á de São Xisto de Roma, quando em mais alto ponto esteve. E bom testemunho nos dá, quando faltarão historia, memorias, e tradições, o grande concerto, e perfeição em que hoje vemos a mesma casa.

Com a fama, que então corria d'ella, começarão a buscal-a sugeitas de grande qualidade, e tantas em numero, que era a casa estreita para as recolher. Cuidarão em a estender, mas não dava boa commodidade o sitio, posto em a ladeira, e senhoreado de outros mais altos, dos quaes ficava descuberto, e cativo. Ajuntava-se ser muito frio, e pelo mesmo caso pouco sadio para naturezas delicadas. Porque sendo assombrado da altura do monte, e muralhas do castello, que lhe tomão o Sol do Nacente, ficava de todo sugeito aos rigores do Norte. Passarão annos, forão-se descubrindo mais os inconvenientes, e o dano da vivenda. Dezejava-se muito, ou largueza, ou mudança. Acudio-lhes Deos com o melhor, que foi a mudança, a cabo de vinte e tres annos. Reinava já el-Rei Dom João terceiro: e era Prioresa a Madre Dona Brites de Menezes, immediata successora de sua tia Dona Joanna. Foi esta Madre aconselhada, que pedisse a el-Rei hum Convento, que estava no valle, e estrada que corre da porta de Santo Antão para N. Senhora da Luz. Era o

Convento de fabrica antiga, pobre e mal composta, e da Ordem de Santo Antão Abbade; annexo à outro mais antigo, e da mesma Ordem no Bispado da Guarda, que chamão Santo Antão de Benespera, do qual era Prelado com titulo de Commendador, hum Frei Affonso d'Andrada: e d'elle tinha tomado o nome, que inda hoje retem a porta da Cidade, que lhe fica mais perto. Não desagradou a el-Rei o intento, quando lhe foi proposto: mandou que se tratasse de troca das casas. Aceitou-a o Commendador. Fez a escritura Jorge Coelho, Notario Apostolico, em 22 de Fevereiro de 1538. Mandou el-Rei que se executasse por seu Alvará, em que se declara por Padroeiro da que ficasse com as Freiras: e foi confirmada em sete de Junho do mesmo anno por Jeronymo Ricenas, Nuncio Apostolico. Tratou-se logo de accomodar o novo Mosteiro, e correndo a obra com diligencia vierão as Madres a entrar n'elle na vespera d'Ascenção de Christo do anno seguinte de 1539, sendo Prior de Lisboa, e Vigario do Reverendissimo Geral em esta Provincia, o Mestre Frei Jeronymo de Padilha. Fez-se a mudança com fermosa solemnidade. Sahirão da casa velha em procissão trinta e huma Religiosas, acompanhadas de toda a Communidade de Frades de São Domingos de Lisboa, e de muita gente nobre de todos os estados. Cerrava a procissão o Arcebispo Dom Fernando de Menezes, tio da Prioresa, irmão do Conde de Penela seu pai, Metropolitano de Lisboa, e Capellão Mór d'el-Rei. N'esta ordem entrarão na Cidade, pela porta da Mouraria; e forão demandar primeiro o Convento de São Domingos: onde feita a oração ao Santissimo Sacramento no Altar de Jesus, e tomada a benção ao Santo Patriarcha, tornarão a sahir da Cidade, e pela porta de Santo Antão forão entrar na nova morada. Acudio toda a terra, como a hum espectaculo poucas vezes visto, com tanto alvoroço, e tamanho ajuntamento de povo, que se caminhava com trabalho. Erão de ver as janellas cheas, e os telhados cubertos de gente, mostrando-se a devação e Christandade Portuguesa em muitas lagrimas, que arrancava a consideração, nos que notavão a quietação, e facilidade, com que caminhavão para encerramento perpetuo, e mais verdadeiramente enterro eterno, molheres fracas, humas de longa idade, outras muito moças, e muitas d'ellas do melhor do Reino, envoltas em pannos pobres, e sobre os rostos cahidos os veos pretos, para não verem, nem serem vistas. Grande poder, e grande triumpho da Fé. D'este dia em diante fizerão ambos os Mosteiros a mesma troca de nomes, que n'elles começou de moradores: que tambem estava capi-

tulada na Escritura. Chamou-se do pé do monte aquelle, o Santo Antão, e este do valle, Annunciada.

CAPITULO IV

De algumas Religiosas, que n'esta Casa florecerão em grandes virtudes.

Merece com justiça o primeiro lugar n'esta conta, quem deu principio á Religião da Casa, e foi primeira n'ella, digo a Madre Dona Joanna da Silva, Fundadora, e primeira Prelada. Bem se diz, que no bom fundamento consiste toda a firmeza do edificio, e confirma-se com o proverbio antigo, que dá por meio feito tudo o que bem começa. *Dimidium facti, qui bene cœpit, habet* (1). Tambem soube assentar a Madre Dona Joanna as primeiras pedras, e fabrica da verdadeira observancia, que podemos referir a suas mãos, e boa diligencia, a grande perfeição com que hoje se mantêm, e guarda. Assentou-a Dona Joanna com grandes virtudes, que possuia em alto gráo. Huma só especificaremos, com que ás mais ficarão entendidas. He cousa certa, que o tempo, que tinha livre de maiores occupações, empregava em remendar por sua mão os calçados da Communidade. Fermosa humildade de Prelada, e grande sinal de amor de pobreza em subditas. Juntava a esta humildade huma affectuosa devoção para com nosso Santo Patriarcha, de que resultou deixar-nos escrito á sua instancia o grande M. Frei Diogo de Lemos, filho do Convento de Bemfica, hum livro da vida do mesmo Santo em vulgar, como atrás fica dito (1), que foi impresso no anno de 1525, e sendo á Prioreza dedicado, mandou fazer o gasto da impressão a Rainha Dona Lianor, terceira, e ultima molher d'el-Rei Dom Manoel. Governou a casa nove annos, e faleceo por fim do de 1528.

Tenha segundo lugar n'estas memorias quem o teve na casa, e no cargo, que foi a Madre Dona Brites de Menezes sua sobrinha, que tambem achamos com nome de Soror Brites da Annunciada. Que se á tia temos obrigação, por saber lançar bons alicesses no santo edificio; devemos á sobrinha proseguil-o, e conserval-o sem quebra por tempo de trinta e tres annos, que trás ella continuou o cargo de Prioresa. E vio-se bem, quão sabio, e quão conveniente era seu governo, em que mandando por este tempo os Prelados maiores, que não houvesse Prelada

(1) Ovid. (2) Part. 2. liv. 2. cap. II.

perpetua nenhuma entre nós, e absolvendo-se ella, pela mesma razão, depois dos trinta e tres annos: na hora que sua successora Dona Catharina de Menezes, por outro nome Soror Catharina Bautista, acabou seus quatro annos de Prioreza, logo a Communidade toda a tornou a buscar, e foi segunda vez eleita, e servio mais quatro annos, sobre os trinta e tres passados, com que fez trinta e sete. Mas porque isto não espante, visto o muito que enfastião governos prolongados, inda que muito acertado seja, diremos d'esta Madre mais alguma cousa. Mudou-se para a casa nova com trinta bocas comsigo de portas a dentro, sem as que servião de fóra, e tinha tão pouca renda, com que as sustentar, que não chegava a cem mil réis em dinheiro a que el-Rei Dom Manoel lhes dera para a fundação, que foi a hum por cento da siza do pescado, e carvão, e lenha; esta possuio o Mosteiro sempre, e inda hoje não chega a cem mil réis. No que chamavão Convento, achou tudo paredes velhas, sobrados, e madeiramentos podres, e huma Igreja de telha vãa. E o que peior era, como toda a fabrica fora feita para vivenda de homens, em todo estava desacomodado pera mulheres. Ficou toda a companhia desconsolada, quando se vio dentro, e desconfiada de poderem aturar em tal morada: era tanto o arrependimento da vinda, que já lhes fazia saudades a que tinhão deixada. Cahio a Prioresa no engano, vio que dera casa feita, e nova, por huma em que não havia mais de bom, que o sitio. Sentia o erro, em que já não havia remedio, e muito mais as queixas das subditas, que todas vinhão como ondas a quebrar sobre ella, que taes são os interesses das Prelasias, inda que não hajão culpas. Mas lembrada do que diz Deos, que a quem de seu serviço tratar em primeiro lugar, não faltará nada de tudo o mais (1), poz seus olhos, e confiança n'elle, e fazendo com grande animo, que no que tocava á Religião, e culto Divino, não houvesse nem huma minima falta, veio a experimentar as verdades Evangelicas. Porque dentro no tempo de seu governo vio reedificado, e quasi feito de novo todo o Mosteiro com dous dormitorios muito custosos, e officinas capazes de sincoenta Freiras, e a Igreja forrada. Foi o meio hum bom vizinho, pera que demos por acertado o pregão, que o outro Grego mandava dar da herdade, que vendia, allegando por qualidade de importancia que tinha bom vizinho (2). Mas n'este da Annunciada houve mais circunstancias; porque era juntamente rico, e honrado, e virtuoso. Buscava Fernão d'Alvares d'Andrada sitio accom-

(1) Math. 6. (2) Plutarch.

modado para edificar aposento pera si junto das Freiras, onde hoje a possuem seus descendentes. Era isto dous mezes depois da passagem. Visitou a Prioresa, quiz saber como, e de que vivião: admirou-se da pobreza, edificou-se do espirito, e parecendo-lhe que ganharia muito com Deos quem em serviço de tal gente se occupasse; offereceo-se á Prioresa para o fazer toda a vida. E cumprio a offerta. Porque, como rico ajudou a casa com grossas esmolas da sua, como honrado foi requerente de outras com el-Rei, e com os homens; e como virtuoso tomou por gosto a reedificação do Mosteiro, e assistir como Arquitecto, e sobrestante em toda a fabrica. Era a Prioresa generosa de animo, e condição tanto, como de sangue: vendo-se com casa, e remedio por sua via, julgava por menoscabo de quem era ficar vencida em beneficios. E para se desindividar em alguma maneira, fez hum acto de agradecimento muito importante para exemplo da boa correspondencia, que he razão guardemos os Religiosos com a gente secular, e foi doar-lhe com licença d'el-Rei Dom João a Capella mór para sua sepultura. E para que se veja, que não foi leviandade das Madres darem a melhor parte de seu Convento, poremos aqui as proprias palavras do Alvará da licença, que el-Rei lhes mandou passar, que são as seguintes: Como Padroeiro que sou do Mosteiro da Annunciada, dou licença ás Religiosas d'elle, e ao seu Vigario geral Frei Christoval de Valbuena, para darem o uso da Capella de sua Igreja a Fernão d'Alvares d'Andrada, e a sua mulher Isabel de Paiva, para sua sepultura, e de seus descendentes, herdeiros, e successores, por querer fazer mercê ao dito Fernão d'Alvares, por justos respeitos: mas principalmente tendo respeito ás muitas esmolas, e boas obras, que elle tem feito, e cada dia faz ao dito Mosteiro, e a estar reedificado quasi de novo por sua industria, e esmolas. Este Alvará se fez no anno de 1542, e no mesmo a doação.

No governo ordinario tinha a Madre Dona Brites notavel inteireza, e authoridade. Não havia leis, nem constituições mais poderosas, que seu mandado, e seu respeito, e com tudo era mui facil em seguir o parecer das Madres velhas, e das que conhecia serem zelosas da virtude, e do bem commum. Assim era venerada dos Prelados, e estimada d'el-Rei, e dos Principes do Reino; e a ella se deve huma grande esmola, que el-Rei Dom João fez á casa, de vinte moios de renda, que se lhe pagão de presente nas jugadas de Santarem. Gastava muitas horas em oração, com tal cuidado, e atenção, que se lhe enxergava estar toda n'ella, com to-

dos os sentidos, e potencias promptas, sem se divertir a outra cousa. De seu tempo ficarão introduzidos n'esta Communidade alguns costumes mui louvados, que em outras partes não achamos. He hum recolher-se em commum toda a roupa, e vestidos das Religiosas, em huma officina pera isso deputada; e entregue a duas, que tem a seu cargo mandal-os lavar, e a seus tempos leval-os ás cellas de cada huma. O outro costume he, trabalharem todas em serviço da Communidade tão pontualmente, que não só fazem a custura propria de molheres, mas até os vestidos de todas, e das servidoras cortão, e cozem. E para o Culto Divino lavrão obras ricas de ouro, e seda, e bordados. E cortão, e acabão com perfeição ornamentos inteiros, sem ajuda de official de fóra. Costumes são estes ambos, que nossas Constituições encomendão: mas tão difficultosos de executar por outras partes, que se deve muito a quem aqui os assentou, e ás Madres que os mantem, e conservão. E saiba-se que nas Communidades onde faltarem, de força ha de haver muito de singularidade, e propriedade, ou pelo menos representação de huma cousa, e outra. Do mesmo tempo sabemos que ficarão, como recebidos por lei, varios generos de penitencia, mui pesadas disciplinas de sangue, cilicios crueis, não só asperos; jejuns de pão, e agoa, e dormir no chão; e em tudo tanta continuação, que foi necessario acudirem os Prelados maiores com força de preceito; porque adoecião muitas, e morrião algumas. Merecia tal valor huma vida mui larga para bem do mundo: estendeo-lh'a o Senhor até quasi cem annos. Porque nos consta, que tinha vinte seis, quando sahio d'Aveiro com sua tia: e veio a falecer no de 1587, na oitava de Santo Agustinho, recebidos todos os Sacramentos.

Muitos annos antes, e com muito menos de vida tinha deixado a terra a Madre Soror Margarida da Cruz. Puderamos dizer muito de suas penitencias, oração, e zelo da Religião. Mas como isto são qualidades, em que toda a Communidade conformava, parece cousa superflua gastar tempo n'ellas. Tratando das Religiosas d'este Mosteiro, só diremos algumas mais particulares. D'esta Madre ficou em memoria, que conhecendo de si ser de condição colerica, e esquiva, passou muitos annos em tão estreito silencio, que ninguem ouvia de sua boca mais palavras, que aquellas, que só para viver na Religião erão necessarias, e não podia escusar. Na ultima doença de que acabou, ministrando-lhe os Sacramentos da Communhão, e Unção o Padre Frei João da Cruz, que depois foi duas vezes nosso Provincial, fez-lhe huma estranha pergunta, da qual

sem muitos argumentos se pode colligir, que havia rara pureza na alma, d'onde sahia. Era a questão, se seria culpa achar-se com hum tão vehemente desejo de ver a Deos, e tanto alvoroço de se hir para elle, que lhe tirava toda a lembrança de suas culpas, e do temor, que devia ter por ellas? Grande misericordia do Senhor, quando o temor se converte em amor! Era mulher nobre, passava de sessenta annos de idade. E tinha servido muitos officios de confiança, com grande satisfação das Preladas; e acabou no de 1568.

Seguio-a ao Ceo falecendo no mesmo anno, como a seguia na terra em toda a virtude, a Madre Soror Brites da Coroa. Todo seu trato, e praticas ordinarias erão do Ceo, e tão afervoradas, que se via n'ellas sahirem d'alma, que ardia em Amor Divino. O mesmo fervor tinha na oração, e houve pessoa de bom entendimento, e muita virtude, entendimento para julgar, e virtude para falar verdade, que affirmava vel-a levantada da terra mais de tres palmos hum dia, que estava orando. E o P. Prei João da Cruz, que então a confessou, e em vida a confessara muitas vezes, falava n'ella como em Santa.

D'estas duas Madres era particular amiga, e companheira a Madre Soror Lianor de São Jeronymo. E foi-se trás ellas no anno seguinte de 1569. Sobre grandes virtudes achava-se n'ella tanta prudencia, e valor, que a Madre Dona Brites de Menezes, sendo Prelada, estimava e seguia seu parecer em tudo com muita confiança. No artigo da morte fez hum termo, que pareceo a todas ter expirado. Dada por morta tornou em si, e com voz esperta, e clara disse estas palavras formaes: Já estou julgada, e pela misericordia de Nosso Senhor tenho lugar no Ceo. Tal era a pessoa, e tal o passo, que não houve quem puzesse duvida no dito, e expirou logo.

CAPITULO V

Vida, e Morte da Madre Soror Maria de Jesus.

A Madre Soror Maria de Jesus foi filha de Fernão d'Alvares d'Andrada, e de Isabel de Paiva, de quem atrás temos falado. Nasceo em 16 de Abril do anno de 1554, dia em que então cahio o oitavo da Paschoa. Nos primeiros annos era amada de seus pais, como filha da velhice, porque tinhão outros filhos, e filhas: Mas crescendo na idade foi descobrindo tantas partes naturaes, juntas com muita brandura, sugeição, e

humildade, que já seu amor era mais força de razão, que natureza. E como tinhão huma bem casada, fazião conta de lhes darem o mesmo estado, e partir com ella de sua fazenda muito largamente. Mas não criava Deos pera o mundo as qualidades, que juntara em Soror Maria; pera si as queria; porque logo lhe deu com ellas huma particular inclinação a todo o bem, com que desde muito moça soube julgar por frivolos, e sem sustancia os gostos, e passatempos, que aquella idade costuma estimar, e aborrecendo-os como taes, fazia pouco caso dos vestidos ricos, e louçanias, que lhe sobejavão, e não queria ver, nem ser vista, e só se aplicava ao que era virtude mocissa, e exercicios santos. N'estes lhe communicava o Senhor tanto gosto, que não tinha muitos annos, quando soube rezar, e rezava o Officio Divino. E já então buscava tempo, e horas pera se dar á Oração, e se via n'ella huma entranhavel devoção com o Santo Sacramento do Altar, que seus pais, e os criados da casa notavão com admiração. Porque alguns annos antes de tomar o habito (e não tinha mais de dezasete, quando o tomou) vião que desd'a hora que na quinta feira da Semana Santa se desencerrava o Senhor na Igreja, e ella se ajoelhava pera o adorar, ficava n'esta postura sem se assentar, nem levantar (senão era hum breve espaço, que com sua mãi comia) até á hora, que na sexta feira seguinte se encerrava. Erão isto como huns ensaios da penitencia, que depois toda a vida seguio. Porque n'esta devoção havia duas mortificações, e ambas assaz penosas, huma da continuação dos joelhos em terra sem fazer mudança: outra da guerra do sono em tal estado, que he mantimento tão natural, e necessario, como o da comida. Taes erão seus exercicios antes de entrar na Religião; mas acompanhados já de hum firme proposito, que sendo de seus pais entendido, e muito estimado, pelo que devião á virtude; sempre foi d'elles encontrado, pela tenção, que tinhão; e porque não podião acabar comsigo largar da vista quem lhes era luz dos olhos, alivio da vida. Porém instou ella, e requereo com ancia a vida religiosa, desenganando-os, que nenhuma outra aceitaria; em fim lha vierão a dar, obrigados mais de consciencia, e temor de Deos, que por suas vontades.

De dezesete annos era Soror Maria, quando com grande consolação de sua alma vestio o santo habito, huma vespora de São João Bautista, de quem por essa causa ficou sempre devota, porque recebendo-o em sua vespora, se vio no anno seguinte em seu dia professa. Posta no deserto da Religião, como entrava muito adiantada nos exercicios do amor de Deos,

e mortificação corporal, não se póde crer, quão depressa subio ao cume da maior perfeição. Não manda a regra cousa tão pesada, que por grande lhe fizesse espanto, nem tão leve, que por pequena a desprezasse. Todas as essenciaes executava com pontualidade: e com a mesma cumpria as de menos importancia. Dá licença a regra pera hum deposito moderado, e com certos limites. Determinou-se a não pôr em balança os pesos d'esta permissão. Nunca teve nem hum só real de seu, e só por não querer nada do mundo, nem pedir nada a ninguem, tendo muita gente que haveria por dita acudir-lhe com muito. Na pobreza da cella imitava bem o seu Bautista: porque não só não havia n'ella cousa de aparato, mas, o que muito espanta, nem huma esteira teve nunca pera se assentar. Todas suas alfaias se resolvião em hum pedaço de taboa, ou cortiça, que lhe servia de estrado, cama pobrissima, hum pequeno retabolo de Nossa Senhora pendurado; dous, ou tres livros espirituaes sobre hum escabello: e de vestido só aquillo, que não podia escusar. Para com seculares fazia conta, que não havia no mundo quem lhe soubesse o nome, nem chegava á grade, nem escrevia para fóra, senão rarissimamente. Na observancia guardava tanta prontidão, que servindo hum officio, com que muito se cansava, por ser em todo encontrado com sua natureza, e sendo aconselhada, que advertisse á Prelada, porque logo a absolveria; respondia, que quereis que faça, que sou subdita, e quanto mais repugnancia acho em mim, tanto me sinto mais obrigada? Como se houvera gastado muitos annos em vaidades no mundo, assim se affligia com varios generos de penitencia. Na oração empregava tanto tempo de dia, e de noite, que sempre andava falta de sono. A palavra de Deos, qualquer que fosse o prégador, ouvia com grande gosto, e sempre ou em pé, ou de joelhos. Cousa de grande edificação, ou fosse por se temer da força do sono, ou por se mortificar. Em fim de maneira procedia em tudo, que se não via n'ella cousa, que não edificasse muito. E aconteceo, que entrou n'este tempo para Freira huma Dona honrada, que fora casada, e vinha com grandes propositos de servir, e agradar a Deos. E perguntando a hum Padre muito espiritual Confessor do Mosteiro, por nome Frei Lopo de Santa Maria, que caminho levaria para alcançar este fim, foi-lhe respondido, que o mais breve, e mais acertado seria, tomar por espelho a Soror Maria de Jesus: se a imitasse, soubesse que tinha tudo feito.

Seria cousa mui comprida proseguir com particularidade o extremo,

com que se esmerava em todas as virtudes. Mas não se pôde deixar de dizer alguma cousa dos effeitos, que em sua alma obrava a charidade dos proximos, tratando-se em tudo com grande rigor. Parecia-lhe que todas as outras Religiosas erão faltas de forças, ella só valente: todas santas, ella só peccadora. E andava sempre vigiando sobre as que via fazer grandes abstinencias, ou que velavão, ou trabalhavão demasiado, para as fazer moderar. Advertia-as de palavra, e senão bastava, requeria á Prelada que as obrigasse com obediencia: Por outra parte (tão engenhosa he a verdadeira charidade) se via alguma descuidada em sua obrigação, por frouxidão, ou mimo, ou presunção, não duvidava estranhar-lh'o com exhortações santas, e livres. Na devoção do Santissimo Sacramento adiantou grandemente, despois que se vio Religiosa. Cresceo o affecto com a obrigação. E com a continuação de o receber, o desejo de não carecer nunca do santo pasto. Cumpria-se bem n'ella, o que está escrito: *Qui edunt me, adhuc esurient, qui bibunt me, adhuc sitient* (1). O fim de o receber huma vez, era principio de o desejar de novo, e andar abrazada em huma santa hydropesia, em que não havia dar termo. Assim era seu continuo requerimento com as Preladas, licenças largas, para que se amiudasse muito n'esta casa: E a frequencia, que hoje dura teve origem em suas instancias.

Faltava para coroar estas virtudes algum genero de grande tribulação, que he a fragoa em que o Senhor costuma purificar, e aperfeiçoar grandes espiritos, e aquelles de quem mais fia, conforme ao que está escrito. *Virtus in infirmitate perficitur.* (2) Para quem estava no canto de hum Mosteiro, não podia haver nenhuma mais pesada, que de huma doença. Esta lhe mandou Deos tal, que logo mostrou proceder de sua mão. Porque nenhuma filosofia de medicos soube nunca atinar com a razão d'ella, nem com a cura. Erão dores intensas, e continuas por todos os membros, e de tal qualidade, que se aggravavão, e crescião com os remedios: e acabo de dous mezes a puzerão em estado, que ficou na cama como hum tronco, sem ser senhora de se virar, nem menear para nenhuma parte. Facil he de crer, quão penosa seria tal vida. Tal era, que a todos fazia lastima. Mas só ella não tinha nenhuma de si. Antes estava tão quieta, e tão conforme com Deos, que na maior força das dores se lhe enxergava não desejar termo n'ellas: antes estar prompta, para soffrer outras maiores, se fosse vontade de quem as presentes lhe

(1) Ecclesiast. 24. (2) S. Paul. 2. ad Cor. cap. 12.

dava: e o que mais espanta, he certo, que fazia escrupulo de desabafar com algum gemido, por lhe parecer genero de alivio. Não se póde cuidar menos n'este passo, senão que lhe acudia o Senhor, como está escrito, com igual medida de fortalesa, e consolações, ao trabalho que lhe dava, que isto quer dizer o verso: *Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo: lætificaverunt animam meam consolationes tuæ* (1). Pasmando as Freiras todas de verem tantos males juntos em quem tão poucos merecia, assentavão algumas comsigo ser petição sua, para padecer por Christo: e fizerão que lh'o perguntasse o Confessor. Ao que respondia com humildade, que nunca em sua vida pedira, nem desejara cousa particular; nem ainda então queria saude, nem doença, descanso, nem dores, vida, nem morte; senão só aquillo que mais agradavel fosse nos olhos do Divino Esposo. Mas elle que sabe o que mais convêm a quem ama, e quanto póde a fraqueza humana, ajudada de sua graça, não cessava de lhe dar novos merecimentos. Treze mezes havia, que aturava tão atribulada vida, quando se lhe abrirão nas costas, ou da continuação da jazida, ou por estar por extremo descarnada, sinco chagas juntas, que depois se reduzirão a duas, do tamanho cada huma de huma meia laranja: sobre este tormento, que era excessivo, porque não tinha remedio, para estar no leito, senão sobre ellas, padecia outro de maior pena, que era ser força sugeital-as a olhos, e mãos de Cirurgião, para lh'as curar. E não lhe dando tregoas entretânto as dores interiores, que como huma tempestade lhe martyrizavão todos os membros, ficava sem se poder valer, feita hum retrato de Job, de toda parte perseguido. Não havia já então Religiosa, que se não confirmasse no que d'antes imaginavão, que Deos lhe quizera communicar n'aquella doença, e cama os martyrios de sua Sagrada Paixão. E havendo algumas, que pela consolar lh'o dizião, ria-se d'ellas, e respondia que não merecia nome tão honrado, o que de si era cousa mui leve, e não pena, nem trabalho: mas huma verdadeira misericordia, e mercê do Ceo. Logo se tornava a Deos, falava com elle, dava-lhe amorosamente graças, ora com versos, e psalmos, ora com sentenças dos Santos. E comtudo ainda o Santo Amador das almas puras achava sitio n'ella para mais merecer, e mais padecer. Amanheceo hum dia, sobre tantos males, com o corpo todo, principalmente pelas costas, cortado de huns grossos vergões pretos, e vermelhos: e alguns arrebentados, que representavão verdadeiros, e rigorosos açoutes, que

(1) Psalm. 93.

forão vistos por muitas Madres, e notados com espirito ao tempo que a amortalharão.

Chegando-se o tempo do premio, e crescendo as afflições, que lh'o apressavão, de dores, chagas, e fastio; via-se, que no meio d'ellas não tinha mais consolação, que em quanto via, e recebia o Santissimo Sacramento. E era tal o refrigerio, que com o pasto celestial sentia em penhor do que esperava, e quasi já tinha á vista, de o gozar sem veos, que o Provincial com acordo dos Padres do Conselho deu licença, para se lhe dizer Missa no aposento, em que estava, e se lhe dar a Santa Communhão de dous a dous dias. E aconteceo n'isto hum caso estranho, e digno de não ficar em silencio. Sendo sobre todos os outros males perseguida no cabo da vida de huma cruel, e apressurada dissenteria, tanto que se tratava de Missa, e em quanto se dizia, suspendia a natureza a malignidade do humor, de sorte que dava lugar a se celebrar sem nenhum genero de indecencia. Não causou menos espanto, que estando já em estado, muitos dias antes de seu bemdito transito, que quasi nenhuma cousa de sustancia levava, dando-se-lhe licença para commungar cada dia, contra toda a razão humana se sustentou dez dias inteiros só com o Santissimo Sacramento, como nos contão as historias de Santa Catharina de Sena. Porque alguns caldos, que por vezes tomava, era cousa tão pouca, que se não podião contar por mantimento.

Chegado o dia, em que Deos a levou, que foi em 28 de Setembro de 1585, assistião com ella depois da meia noite algumas Religiosas: e notarão. que estava tão desfalecida, que parecia não chegaria a ver a luz da manhã; e puzerão em pratica chamar a Communidade. Acudio a doente, dizendo, que não inquietassem o Convento, que segundo cuidava ainda havia de commungar. Tal opinião se tinha d'ella, que julgarão d'estas palavras, que sabia a hora, em que havia de acabar, e assim succedeo, como o disse. Amanheceo, commungou, e sahindo as Religiosas de Prima, quando se juntarão a visital-a, sahio das penas da vida, com huma paz, e quietação de Santa, assistindo-lhe n'aquelle passo o Padre Frei Fernando de Santa Maria seu irmão, e seu Confessor o Padre Frei Gaspar Leitão.

Muitas cousas se notarão no discurso da vida, e doença d'esta Madre, e em sua morte, que muito augmentarão a reputação, em que estava de Santa. Diremos só duas, ou tres. Foi a primeira affirmar o M. Frei Gaspar Leitão, pessoa de grandes letras, e virtude, que foi nosso

Provincial, e que longos tempos a confessou, que tinha por certo, que sem momento de Purgatorio, passára aos bens da Gloria; porque segundo o juizo, que podia fazer de suas confissões, nunca perdera a graça bautismal. A outra foi guardar esta Madre hum inviolavel segredo nas mercês, que se tinha por certo recebia interiormente de Deos. Tal foi, que nunca houve pessoa, que pudessse tirar d'ella nenhuma. Contava huma Religiosa, que por muito amiga lhe assistia de continuo na doença, que no meio do martyrio das dores, que sem as publicar com gemidos, se lião bastantemente em seu gesto, lhe notara hum dia tão subita mudança de affligida para aliviada, de triste para bem assombrada, e alegre, que tivera por sem duvida, fora effeito de a'gum grande favor, que n'aquella hora tivera do Ceo. E com a confiança de amiga procurara sabel-o d'ella; mas que fora tempo, e feitio perdido, porque nenhuma cousa alcançara. He grande louvor este, por ser junto da morte, e porque segundo a conjunção, foi hum genero de reprehensão de visões mal provadas. Mas não teve mais poder n'esta parte o sangue, que a amizade. Sua irmãa Soror Isabel de Santa Maria, que era huma Religiosa de muito ser, quiz por rodeios tirar d'ella alguma cousa com pretexto de querer aprender os modos de sua oração, e como fora tratada do Divino Esposo n'ella: Respondeo-lhe que a mór mercê, que Deos lhe fizera fora tratal-a sempre com securas; e dar-lhe a entender, que importão pouco para adiantar no espirito gostos na oração: e de si confessava, que nunca os desejara, nem pedira outra cousa ao Senhor, senão que se cumprisse n'ella sua santa vontade.

CAPITULO VI

Das Madres Soror Brites de Jesus, Soror Guiomar do Espirito Santo, Soror Maria da Cruz, e Soror Antonia das Chagas.

Já temos advertido ao leitor algumas vezes, que não determinamos fazer historia das virtudes, que são ordinarias nas Communidades, onde a Religião anda em seu ponto. Porque se assim houvera de ser, fora necessario não nos ficar quasi nenhuma Religiosa sem memoria, e por conseguinte formar um volume para cada Mosteiro, repetindo sempre as mesmas cousas. Grande louvor, e gloria da Religião d'esta Provincia. Só dizemos com brevidade, das que com casos particulares acharmos avan-

tajadas n'essas mesmas virtudes, ou por outras vias extraordinarias nos merecerem lembrança. Será a primeira a Madre Soror Brites de Jesus, que enviuvando na flor da idade, buscou esta casa, e se contentou com o habito, e nome de Conversa, que então não differia mais das Madres do Coro, que em rezarem as Conversas por contas, e não terem voto na Communidade. N'este estado procedeo de maneira, que se fez estimar dos Prelados, e Preladas por pessoa de raro valor em tudo o que era virtude, e bom serviço dos officios, que se lhe encarregavão. Porque para a virtude tinha hum espirito affervorado, e para os officios particular talento, e prudencia. Assim esteve á sua conta a procuração do Mosteiro dezasete annos continuos: e desobrigando-a no cabo d'elles huma doença perigosa, tanto que convaleceo, foi de novo encarregada d'ella. He este cargo cheio de cuidados, e trabalhos; porque como entende com a sustentação da Communidade, de manhãa, e tarde, não tem dia livre, nem descançado. Estimava-se n'ella, que tendo tudo, o que havia no Mosteiro, em seu poder, era a mais pobre, e mais abstinente d'elle: e não tendo hora de seu para reposar, as que havia de tomar para descanço, gastava no Coro em oração diante do Santissimo Sacramento: e dava tão poucas ao sono, que Verão, e Inverno se levantava antes de amanhecer. E sendo perguntada; porque se tratava tão mal em cousa, que podia escusar, respondia, que se corria de serem mais diligentes que ella, em louvar a Deos os passarinhos do campo; e folgava de competir com elles nas madrugadas. Este mesmo fervor procurava pegar a toda a casa, com todas falava, e a todas persuadia o amor da perfeição, e sabia-o fazer por termos tão brandos, e avisados, porque era por extremo discreta, e engraçada, que como se fora huma encantadora, assim obrigava, e convencia, e fazião suas praticas notavel fruto. Vindo o Geral Frei Vicente Justiniano visitar esta Provincia, e ordenando que as Conversas uzassem de bentinho preto, e veo branco para distinção do estado, quando foi informado das partes de Soror Brites, não sò revogou a ordenação com ella, mas mandou, que d'ahi em diante fosse do Coro. E pela mesma razão lhe damos nós este lugar. Aos sessenta annos de idade foi tocada de hum ar de parlesia, que lhe debilitou a memoria, e alguns depois passou a melhor vida no de 1596.

A Madre Soror Guiomar do Espirito Santo não faltando nas mais obrigações de sua profissão, na charidade se avantajou com extremos. Por toda a vida, que foi mui larga, deixou sempre a maior parte de sua

pobre ração para os pobres de Christo. E conta-se d'ella por encarecimento d'esta virtude, que desejando ser de proveito a toda a casa, porque sua pobreza não podia abranger a mais, estava sempre provida de agulhas, e linhas, fio de barbante, e prégos, e o que se não podia dizer sem riso, até de pedras para servirem com os prégos em lugar de martello. E assim servia a todas porque como em tenda achavam todas n'ella, o que d'isto havião mister. Mas não parava só nos vivos o zelo de fazer bem. Das penas das Almas Santas do Purgatorio tinha tanta compaixão, que todo o dia, e noite lhe parecia tempo curto para rezar por ellas, e sendo n'isto incansavel, qualquer esmola, que lhe vinha as mãos, despendia em missas por ellas, sem reservar nada para si, inda que tinha necessidades proprias. Foi esta Madre das primeiras filhas d'este Mosteiro; porque tomou o habito estando inda na Mouraria. E sendo filha natural do Conde Prior D. João de Menezes, e pela mesma razão cercada de grande numero de parentes, todos muito ricos, e muito illustres, e moradores pela maior parte na cidade, não só não os importunava, mas tão pouco sabia d'elles, como se em nada lhe tocarão. Depois que os longos annos a desobrigarão de acudir á meia noite a Matinas, era seu costume infalivel levantar-se antes de amanhecer, e quasi sempre ás duas horas, e hir-se para o Coro, e assistir n'elle de dia, e de noite, até se recolher, e fechar o Convento, sem faltar mais tempo que as horas forçadas do refeitorio. Vio-se o fruto de vida tão bem gastada na hora, que todos os mais tememos. Adoeceo de hum prioriz, recebeo os Sacramentos, e estando para espirar dizia, que sempre cuidara, que era a morte temerosa, e achava outra cousa. Parece que quiz o Senhor cumprir o que diz por seu Profeta: *Qui seminant in lachrymis, in exultatione metent*(1). Trabalhara muito, que foi o mesmo que semear com lagrimas: razão era, que cegasse, e colhesse com alegria. Vericou-se o dito em se mostrar alegre por novo modo, até depois de morta; porque sendo em vida feia de rosto, ficou tão differente defunta, que affirmão espantava com gentilesa. Foi sua morte no anno de 1597.

Tres annos depois no de 1600 acabou n'esta casa a Madre Soror Maria da Cruz, tão bem lograda de idade, como Soror D. Guiomar; porque tambem era das que vierão professas da Mouraria. Louvou-se n'ella huma vida grandemente exemplar, grande paz, e quietação da alma, e com retiramento de tudo, hum silencio quasi perpetuo, se não era quando

(1) Psalm. 125.

em palavras, e azedamente reprehendia: mas sempre com odio do vicio, e com amor do proximo. Dava-lhe authoridade sua virtude, e o zelo humas razões tão religiosas, e efficazes, que sendo muito fraca de pessoa, via cousas, que encontravão á perfeição do estado. Porque então rompia e gesto, muito pequena de corpo, e de humilde representação, era não só respeitada de toda a Communidade, mas tambem temida. De ordinario a pedra de toque do que cada hum presta, he sua pratica. Abre essa boca (dizia hum Filosofo a hum mancebo, que não devia ser falto de pessoa) saberemos o que ha em ti. Por estas qualidades foi Soror Maria doze annos Suprioresa, e teve outros officios com notavel aproveitamento do espiritual, e temporal da casa. Para o cargo de Mestra de noviças, que muito tempo exercitou, tinha particular talento, tudo ensinava com a lingoa, e olhos, e com exemplo: pouco com as varas. A idade crescida, o trabalho dos cargos, as penitencias, e rigor que usava, vierão-lhe a criar huma sarna de muito tormento, e tão má qualidade, que parou em lepra confirmada: e foi mais danosa; porque como era muito sofrida, deixou-se penetrar d'ella, passando hum anno inteiro sem tratar de cura. Em fim foi tirada do dormitorio, e posta em casa separada, como em mal contagioso. Aqui foi de ver a fineza de seu espirito na paciencia com que levava o mal, e o desterro da Communidade. Era sua vida oração continua, não pedir nada, nem querer nada, nem se queixar de nada. Se a visitavão as Madres, sabia-o agradecer: Se a deixavão só, não mostrava sentimento. Crescia entretanto o humor venenoso, e correndo a hum braço, deixou-a tolhida d'elle. N'este estado se apiedou Deos de sua serva: quando os Medicos pela qualidade do mal, e pela fraqueza do sugeito a derão por incuravel, então sarou. Teve-se por certo, que a Virgem do Rosario fizera milagre por ella. Era devotissima sua, abria os Ceos com oração continua: e fiava tanto do Santo Rosario, que porque o braço não acabava de guarecer de todo, lançou-lhe hum em voltas, como quem aplica mezinha provada, e foi esta tal, que quando o tirou, estava são de todo o aleijão. Como ficou sãa tornou para o dormitorio, mas ficou tão debilitada do muito que tinha padecido, junto com a carga dos annos, que nunca mais teve hora de descanço até a morte. E comtudo n'este ultimo trabalho soube concertar a vida de maneira, que sem dar pena a ninguem edificava a todas com huma perpetua assistencia diante do Santissimo Sacramento de dia, e muitas horas de oração na cella de noite; porque a longa idade, e fraqueza a tinhão izentado da obrigação de Ma-

tinas. Com tal ordem de vida passou alguns annos. No fim d'elles lhe deu huma parlesia, e mortificação de membros, que sem a privar dos mais sentidos, a teve alguns mezes entrevada Então quiz o Senhor manifestar, que a lepra, e aleijão sobre vida tão trabalhosa fora para ganho, e merecimento; porque lhe mostrou o dia, e hora, em que havia de sahir das penas da vida, cousas que poucas vezes acontecem, senão a gente muito perfeita. Entendeo-se isto, pelo que agora diremos. Pareceo ás Madres, quando assim a virão, que acabaria depressa, e dizião-lhe algumas, como dando-lhe os parabens, que já tinha perto o premio, porque tantos annos trabalhara. E a boa velha respondia alegremente palavras formaes: Não hoje, não, para o Minino Jesus. E succedeo, que no mesmo dia, que elle para nosso remedio veio a nascer no Mundo, se foi ella lograr de sua vista no Ceo.

A Madre Soror Antonia das Chagas entrando na Ordem com dezanove annos de mundo, tal vida fez depois de entrada, que parecia, que nascera n'ella. Nenhuma freira, das que muito a conhecião e tratavão, se lembrava, que lhe ouvisse nunca palavra ociosa, nem lhe visse passar momento de vida ocioso. O zelo do serviço de Deos, e de que andasse a Religião em seu ponto, era tal, que não falando nunca em pessoa ausente, a muitas dizia no rosto com charidade, e amor de Deos, os defeitos que lhe via. E foi caso de notar o que lhe aconteceo com huma Religiosa, que em razão da peste andava fóra do seu Mosteiro; e por curiosidade veio a este. Enxergou-lhe mais concerto, do que julgava por conveniente em Esposa de Christo, no trajo, no rosto, e no toucado: Cuidou no modo que teria para lhe significar o erro, não achou outro mais a proposito, que vingar-se em si do cuidado, ou descuido alheio. Põe-se diante d'ella, levanta ambas as mãos, e deixa-as cahir sobre seu proprio rosto, com bofetadas a pares, tão fortes, e despiedadas, que soarão por toda a casa, e dentro na alma da enfeitada, que de assombrada, e compungida, deu por reposta muitas lagrimas em lugar de desculpas. Sua pessoa, e sua cella, não só erão pobres, mas hum retrato da mesma pobreza. Via-se na cella huma Cruz de páo na parede, hum candieiro dos mais pobres, e ordinarios; a hum canto hum pedaço de cortiça, que de dia lhe servia de assento, e de noite de cama com huma só manta, e hum pequeno travesseiro: o vestido, e toucado era só aquelle, que de força havia mister para andar cuberta: mas este sempre velho, e consumido do uso, e por tal de outras Religiosas deixado. E ainda as-

sim em quanto tinha por onde se poder remendar, nunca pedia, nem buscava outro. A causa de tanta pobreza era hum intenso desejo de se humilhar; e ser desprezada. Entendia quanto abate os fumos da vaidade humana a falta, ou descompostura do vestido. Quanto quebranta hum vilipendio de obra, ou de palavra. Estimava a vileza da roupa, porque achava n'ella humildade para si, e com a mesma dava occasião a quem a via de riso, e zombarias, e desprezos, e por isso a procurava com a mesma ancia com que no mundo se bebem os ventos, e fazem desatinos pelo contrario. Estava hum dia triste, e desconsolada diante de huma devota Imagem de Christo atado á columna, que estas Madres tem no Capitulo. Passava huma, e ouvio, que se lhe queixava, que padecendo elle tanto por nós, havia quatro dias, que ella não padecia nada; porque tantos erão passados sem ninguem lhe ter dito, nem feito cousa de desprezo. Póde-se perguntar, como havia em casa tão religiosa, quem désse semelhante merecimento a huma mulher, que de tódas era conhecida por santa? O que sentimos, he, que como pertendia por tantas vias seu abatimento, e com aquelle extremo de pobreza, e remendos o provocava (segundo se escreve de Santos antigos, que se fingirão tontos, para serem maltratados) não era de espantar, haver entre tanta gente, quem alguma vez rindo ou motejando de seu trajo, e trato, ou tachando seu extraordinario proceder, lhe désse occasião de molestia, que para sua alma era verdadeira gloria.

A sua oração não tinha nunca termo. Para lhe não passar hora, nem momento da vida sem ella, usava sempre da que o mesmo Deos se fez Mestre com o grande Abrahão, quando lhe disse: *Ambula coram me*(1). Tem cuidado de andar sempre em minha presença. Para o fazer assim, e trazer sempre a Deos presente em sua alma, espertava-se de muitas maneiras: e a mais ordinaria era trazer de contino na boca, e a todo proposito e sem estas palavras: Graças a Deos; referidas ora em vulgar, ora em latim, e sempre com tal affecto, que testemunhava sahirem de alma enlevada no mesmo Senhor, a quem queria se dessem as graças; e quem desejava agradal-a, não havia mister mais que repetil-as diante d'ella. Para de noite usava de outro espertador. Estava sempre provida de taboleiro, e trigo da Communidade, e quando se sentia apertada do sono, occupava as mãos em o escolher, e a boca, e alma em estar com o Senhor, por meio do seu *Deo gratias*, infinitas vezes repetido. Outras ve-

(1) Genes. 17.

zes vendo que não bastava a occupação das mãos contra a força natural do sono, que sempre lhe fazia guerra, pelo pouco tempo, que lhe dava, valia-se da disciplina, e desterrava-o com alguns açoutes fortes, que tomava a intervallos, por não perturbar a Communidade.

Assim maltratada, e penitenciada teve huma vida mui larga; que he engano cuidar ninguem que se encurtão os annos com o trabalho. O mimo, e a ociosidade são a lima surda, que os corta, e abrevia. N'ella servio todos os officios de mais confiança, fóra o de Prioresa. De todos deu conta como santa, e em todos o momento, que tinha livre era de Deos. Inda depois de muito velha, e enfraquecida da idade, aturava muitas horas diante do Santissimo Sacramento: e a postura era em pé, sem se mover; pregados os olhos nas alampadas do Altar mór, com quem parecia querer competir na espertesa do fogo, e em estar direita: Porque algumas vezes dizia com sentimento, que tinha grande inveja áquelles lumes; porque sempre buscavão o Ceo sem torcer, nem inclinar para nenhuma parte. Quando lhe acontecia por razão de officio, ou força de velhice ficar de Matinas da meia noite, na hora que a Communidade sahia do Coro, já ella estava levantada para entrar n'elle, e perseverava até pela manhãa; porque não houvesse hora no dia sem louvores do Creador.

Não se pôde cuidar, que havia de ser avaro o Pai de misericordias com quem assim vivia, em favores, e mercês interiores. Mas de tão profunda humildade, como a sua, não havia esperar tirar-se-lhe nem huma do peito. Por sinaes de fóra se lhe alcançavão cousas grandes. Affirmarão algumas pessoas, que forão pôr ella advertidas de faltas, e defeitos interiores, que só Deos sabia. E outras, que por suas amoestações receberão consolação e alivio em tentações, e apertos da alma, que sem revelação do Ceo era impossivel alcançar-se. Alguns annos antes de falecer veio a cahir em cama sem mais enfermidade que velhice, e fraqueza, e no cabo ficou de todo entrevada; tendo já compridos oitenta annos de idade; que n'isto pára a demasia da vida; porque ninguem a cobice muito. Mas n'este estado durou pouco, e chegando-se-lhe a ultima hora, pedio que lhe cantassem o Psalmo: *In exitu Israel. etc.* E ouvindo-o com devoção, deixou com alegria o Egypto da vida no anno de 1603. Era Prioresa a Madre Soror Catharina de S. João, irmãa do Conde de Linhares Dom Fernando de Noronha. Pareceo-lhe devido (e podemos crer, que foi instincto do Ceo mais que movimento humano) fazer-se honra com

differença do enterro, a quem nunca pertendera nenhuma, para se cumprirem as verdades de Christo, que até no mundo promete acrescentamento, e exaltação, a quem se humilhar(1). Propoz o pensamento ás Religiosas. Com aprovação de todas lhe foi dada cova no meio do Coro de baixo, e se cobrio depois de huma campa de bom marmore lustrado, e cercado de faxas de jaspe vermelho, e sua letra gravada, que declara o nome da defunta, e a razão da obra. Viva está hoje a Madre Francisca dos Anjos, que achando-se fortemente atormentada de dores de dentes na conjunção, que a defunta estava em passamento, se chegou a ella, pela opinião que tinham de sua santidade, e tomando-lhe huma mão, a poz sobre a queixada enferma: e affirma, que subitamente ficou livre da dor; e com huma boa circunstancia, que foi não lhe tornar nunca mais, De outras muitas pessoas sabemos, que em suas necessidades se lhe encommendão com confiança, e achão remedio.

CAPITULO VII

Das Madres, Soror Brites da Madre de Deos, Soror Briolanja da Annunciação, e Soror Brites do Rosario.

Com pensamentos de ser grande no mundo passou muitos annos n'elle Dona Brites, filha dos Condes de Linhares Dom Francisco de Noronha, e Dona Violante d'Andrada. Mas Deos, que fazia outra conta, e a guardava para si entre os cuidados da terra, que por então lhe consentia, inclinava seu espirito aos actos da religião, que depois havia de seguir. E como se conta de Santa Cecilia, que com brocados, e bordados cubria cilicios(2); assim ella com cabellos louros, e enriçados, e tomado com apertadores de pedraria, rezava o Officio Divino; e na mesa abundante de seus pais executava com dissimulação jejuns de pão, e agoa. Durou n'esta vida até os vinte annos de idade. Mas já era tempo, em que Deos queria se executasse o que d'ella tinha determinado. Passados alguns annos sobre os vinte, sem se acabar de desenganar, tirou-lhe da vida o Conde seu pai. Foi grande o sentimento de Dona Brites; mais pelo que o amava, que pelo que esperava d'elle; e pela mesma razão se resolveo em não querer de outrem, o que d'elle não tivera, e assentou logo comsigo de buscar a Deos em humildade, e pobreza; e começou a

(1) Luc. 14. (2) Breviar. Roman. 22 de Novembro.

executar mais estreitamente, e com animo já de todo religioso, o que d'antes fazia por gosto, e boa criação. Valem muito os bons principios: Achava-se com elles tão animosa, que lhe parecia genero de fraqueza, e mimo buscar o Mosteiro da Annunciada, porque era todo seu, e tudo n'elle parentas, e amigas. Aspirando a mais alto grão de mortificação, tinha por pouco fugir da terra, se não fugisse tambem da casa, que tinha por sua, e até da companhia de seu sangue. Com este pensamento poz em pratica entrar no Mosteiro da Madre de Deos da Ordem de S. Francisco. Porque se ajuntava ao grande rigor da vida, não ter n'elle pessoa, que lhe tocasse de perto. Foi recebida em Capitulo, para tanto que houvesse lugar vago, que então não havia: e esperou constantemente sinco, ou seis annos. Porém vendo que tardava a vacante, e que seus annos corrião já sobre trinta, não lhe pareceo razão tardar mais a vocação do Ceo. Tomou o habito n'este Mosteiro, e fazendo profissão a seu tempo, quiz ficar com o nome, do que primeiro buscara. Chamou-se Soror Brites da Madre de Deos. Era de ver huma molher de tal idade, e tanta qualidade, tomar seu lugar entre as noviças minimas: assentar-se com ellas, e sem querer differença, devendo-se-lhe por tantas razões, occupar-se em aprender os Versos, e Antifonas, e estudar os tons com tanta humildade, e paciencia, como se nascera no habito. Ajudava-a mal a voz, que tinha muito desentoada, e comtudo de nenhuma cousa se escusava, nem em particular com ellas; nem depois nos officios do Coro diante de toda a Communidade. Louva a Igreja no Santo Gallicano(1) a vontade, e gosto, com que na hora que recebeo a luz da Fé, desprezada a purpura, e dignidade consular, se lançava aos pés dos pobres, e peregrinos, a lavar-lh'os por suas mãos. Maior cousa diremos de Soror Brites. Adoeceo a Madre Soror Maria da Cruz, como atrás fica contado: era o mal contagioso, e juntamente asqueroso. Assentou-se darem-lhe cella fóra do dormitorio commum. Offereceo-se Soror Brites a servil-a. E não foi offerta só, e palavras. Por obra continuou com ella, até que a Communidade toda sentida, ou corrida de se poder dizer, que para tal serviço não havia n'ella outro espirito, requereo a Prelada, que a tirasse d'elle. Porém inda passou adiante sua charidade. Deu peste na cidade pelos annos de 1598. Como o Mosteiro está em posse de não despejar nunca, por mais mal que haja, quiz ganhar por mão no trabalho, que podia haver em casa. Offereceo-se á Prioresa para curar as que n'ella adoecessem.

(1) Breviar. Rom. 26 de Junho.

Quem assim se adiantava a acommeter os perigos por amor do proximo, superfluo será dizermos a largueza, e liberalidade, com que dava, e doava quanto tinha de seu, a quem o queria, e havia mister. Pouco dava quando da vida, que val mais que tudo, não era avara. Assim tinha as mãos abertas para os pobres, como se estivera persuadida, que seria impossivel haver nunca falta em commum, nem particular, o que se dispendesse com elles. Assim trabalhava sem se poupar nos officios da Communidade, que muitas vezes servio, como se tivera por certo, que d'isso lhe havia de resultar mais vida, e mais saude.

Com tal ordem de vida chegou a Madre Soror Brites aos sessenta annos no de 1607, que foi o termo d'ella. Deu-lhe huma enfermidade de dores interiores, que a cingião toda, e apertarão com tanta vehemencia, que ao quarto dia deu o pulso sinal de morte. Chamarão-lhe os medicos erisipela interior. Durou sem lhe dar hora de alivio, nem obedecer a nenhum remedio vinte dous dias. Enxergavão-se na enferma effeitos de excessivo tormento de dores corporaes: e no mesmo tempo outros de afflicção de espirito, que nascião da força d'ellas. E fazia espanto, e grande lastima o sofrimento com que levava tudo. Quatro dias antes de falecer recebeo todos os Sacramentos: E no ultimo da vida se notarão algumas cousas, que forão sinaes de acompanharem grandes favores do Ceo os martyrios da terra. Foi a primeira, que na tarde antes de seu transito mandou, que lhe chamassem seu Confessor, e do que lhe communicou, resultou pedir elle com instancia ás Religiosas, lhe dessem alguma peça do uso da defunta. E como por reliquias levou o seu Breviario. Era este o Padre Frei Simão Carvalho, bem conhecido na Ordem por muito espiritual, e virtuoso. Foi a segunda, que doze horas ao justo, antes de falecer, não cessando de a martyrisar a intrusão das dores, cessou de todo a das afflicções do espirito, que se houve por grande misericordia do Senhor. E sendo perguntada como se sentia, respondia: *Dores sim, afflicção não.* A ultima foi, que passada meia noite, começou a perguntar a miude pelas horas: e de huma vez perguntou, se era perto das sinco. Do que se ficou colligindo ao certo, que sabia ter n'ellas o remate de seus trabalhos. Porque tanto que soarão no relogio, queixando-se das dores, e dizendo-lhe huma Madre, que rezasse a oração, *Humilis Virgo*, e foi-a dizendo com devoção, e clara pronunciação: e chegando á ultima clausula, que diz: *Ut hunc meum gravem dolorem vertas in magnam consolationem;* disse-a com voz alta, e grande fervor, e logo rendeo o espi-

rito com tanta quietação, e sem fazer geito, nem desar, que pareceo entrar no que pedia na oração, mais que em acabar. Tambem se notou com particular advertencia de todas, que na hora que expirou se vestio o rosto defunto contra toda a razão natural, de huma côr tão viva, e graça tão extraordinaria, que pareceo tornado aos annos da mocidade, em que dizião tivera fama de fermosa; e por verem tal prodigio se não atreverão as Madres, que a amortalharão, a lhe pregar o veo sobre o rosto, como he costume. E até nos Frades, que vierão ao enterro, causou maravilha o que virão. Devemos a tão raro espirito não passarmos d'aqui sem fazer lembrança, que vierão para esta casa tres irmãas suas; duas que são defuntas, e huma que vive. Da vida não diremos nada, porque esta historia he só de mortos. Salvo que entrou já terceira vez no cargo de Prioresa. Das defuntas a Madre Soror Maria do Presepio, que era mais velha, com ser sempre indisposta, nunca se isentou de servir no que a obediencia a occupava, e viveo quasi setenta annos. A outra que se chamava Soror Catharina de S. João, foi duas vezes Prioresa; e de ambas as irmãas em religião, virtude, e governo, houve sempre grande satisfação n'esta Communidade. Razão he tambem, que fique em memoria a oração, pela devoção, que n'esta casa se lhe tem, e beneficio, que as Religiosas achão n'ella. Diz assim: *Humilis Virgo Maria, per illum dolorem, quem sensisti ad pedem Crucis, deprecor te, ut hunc meum gravem dolorem vertas in magnam consolationem.* A significação he: Peço-vos, humilde Virgem Maria, por aquella dôr, que sentistes ao pé da Cruz, que esta que me atormenta, torneis em grande consolação.

Por differente via, mas estranha, e espantosa, honrou o Senhor n'esta casa outras duas Madres, de que diremos brevemente. Foi discipula, e grande imitadora da Madre Soror Antonia das Chagas, de quem atrás escrevemos, a Madre Soror Briolanja d'Annunciação: e fez tão verdadeiro o proverbio: De bom mestre, bom discipulo: que sem dizermos mais d'ella, lhe ficavamos dando bastante louvor. Mas teve algumas cousas mui extraordinarias, que não podem ficar em silencio. Era já de trinta annos, quando veio para o habito; mas com tanta fama de virtude, que essa foi a melhor parte de seu dote. Tanto, que chegou a ver a boa velha Soror Antonia, e considerou sua vida, determinou retratal-a em si; e acertou a obra maravilhosamente. Seja exemplo, por não particularisarmos tudo, que vindo a adoecer de huma cruel enfermidade, que a teve dezasete annos em cama: e sendo assim, que o mal continuo faz os

enfermos aborrecidos e descontentadiços: tão mortificada estava, e tão entregue a padecer de vontade, que se huma Religiosa lhe trazia da horta huma flôr, ou ramo verde, nem os olhos lhe queria pôr, nem tomar o cheiro; reconhecia a caridade, e dava graças a Deos, mas engeitava o alivio. Se outra lhe queria lançar hum borrifo (que em fim só onde ha molheres, geme menos o enfermo) fugia com o rostro, por fugir a toda a consolação. Sendo os males que padecia incomportaveis, e sua paciencia sempre igual a elles, chegou a estado, que se persuadio que acabava, e pedio os Sacramentos. E acabando de receber o da Santa Eucharistia com a devoção, e espirito de quem cuidava que morria, foi o Senhor servido, que no mesmo momento perdesse o juizo, e ficou douda de todo o ponto (caso portentoso e triste) e assim viveo alguns annos. Mas no cabo d'elles mostrou a Divina Bondade o grande cuidado, que tem de todos os que bem o servem, por hum modo mui extraordinario, e de grande consolação: para que animosamente, e em todo o estado nos resignemos sempre nas mãos de sua Providencia, e beneplacito. Acabou Soror Briolanja o curso de sua vida, sem melhorar em sizo. Mas eis que acabando, se ouve por toda a casa suave melodia de vozes. Espantão-se todas, e todas buscão quem canta. Não se achão cantoras, nem cessa o canto. Em fim, não se duvidou serem musicos celestiaes os que se deixavão ouvir, e não ver. E que com alleluias, em lugar de versos funerais vinhão buscar a santa alma. Conta-se por maravilha do habito, que n'esta Madre tinha feito a promptidão da obediencia (e d'aqui se póde fazer juizo, de qual seria nas outras virtudes) que succedendo intentar alguns desconcertos com a furia do máo humor, não era necessario mais, que dizer-lhe da parte da Prelada, que tal não fizesse; logo parava, e obedecia, como se ouvindo aquelle nome, tornara a beber o sizo, e ficara senhora de todas suas potencias. Faleceo no anno de 1609. Era natural da villa de Thomar, e da melhor gente d'ella.

Cercada dos mesmos musicos, e com a alma igualmente pura, e de grandes virtudes acompanhada, caminhou para o Ceo a Madre Soror Brites do Rosario no anno seguinte de 1610. Tinha servido, e trabalhado em muitos cargos com grande talento para todo o governo, e mais particular para o temporal. Mandou-lhe Deos huma doença de gota tão despiedada, que todos os membros lhe torceo, e descompoz, e encheo de nós, com que ficou em hum continuo purgatorio de dores; mas no meio d'ellas erão grandes os ganhos de sua alma, como diamante de preço,

que se vai lavrando, e pulindo á força, e por discurso de tempo na roda do lapidario, para depois se engastar na coroa de hum grande Rei. Assim purificou o Senhor esta alma em hum fogo de martyrios continuados por muitos annos. Padecia o corpo, enfraquecia, consumia-se; engrossava com seu dano ao mesmo passo, e engordava o espirito. Mas quando foi tempo de lhe dar lugar na sua coroa de bemaventurança, e nos muros da celestial Jerusalem, cuja fabrica he toda de pedras preciosas, começou a chover sobre ella sobrenaturaes mimos, e favores. Foi o primeiro, dar-lhe claros sinaes do fim da batalha, que havia de ser principio de sua gloria. Porque dizendo-lhe o Medico huma manhãa, que estava para devagar: então pedio os Sacramentos, e affirmou que morria, e não tardou em entrar no ultimo conflicto. Aqui se vio segunda misericordia do Divino Esposo. Tão desassombrada, e livre de agonias estava, quando ellas costumão a ser maiores, que cerrou os olhos como para dormir; e fez cuidar ás Madres que dormia. Temerão ellas, porque a hora era mais de vigia, que de sono, e descuido. Chamarão por ella, disserão-lh'o, e ella com repouso respondia: Deixem-me, Madres, que estou amando, e gozando, e n'este estado expirou. E dormio no Senhor. Por onde ficou menos de espantar o terceiro, e ultimo favor: começou a Communidade a chamar pelos Santos, como he costume, que acudissem com seu soccorro áquella alma, e pelos Anjos, que a viessem buscar, com os versos santos da Igreja: *Subvenite Sancti Dei: Occurrite Angelicæ.* E foi o Senhor servido, para consolação das Madres, e honra da defunta, que promptamente se achassem com ella, e ainda que não vistos, com canto, e vozes claras publicassem sua presença. Não me canço em encarecer a certesa d'estes dous casos de musica celestial, ouvida, e dada por musicos invisiveis; porque escrevo em tempo, que vivem a maior parte das Religiosas, que forão presentes. A quem tiver escrupulo, peço que o não deponha sem falar com ellas.

CAPITULO VIII

Das Madres Soror Maria de Jesus segunda, e Soror Isabel da Encarnação.

Como filha que era de gente virtuosa, e honrada, começou a Madre Soror Maria de Jesus (que para differença de outra, de quem temos tratado, chamaremos segunda) desd'os primeiros annos dar-se a Deos, e

seguir os caminhos da virtude. E esta lhe deu confiança, como foi crescendo, e teve idade para poder tratar de si, para pedir a seus pais, que lhe dessem vida em Religião, porque sua tenção era não querer nada do mundo. O que por palavra dizia, vião elles, que pedião suas obras, Porque de noite a achavão muitas vezes, ora levantada e posta em oração, ora dormindo no sobrado, ou ladrilho. De dia não havia de comer. sem fazer partilha com os pobres, usando de charidade, e fazendo abstinencia: duas virtudes em huma só obra. Vendo ella que corrião os annos, e que seus pais lhe não diffirião, buscou caminhos, e mandou tratar com as Madres do Mosteiro da Madre de Deos, que a quizessem receber. Chegou o trato á noticia dos pais, a tempo que não faltava mais para se effectuar, que a ida de Soror Maria. Resolverão-se então em lhe fazer a vontade; mas porque conhecião fraqueza em sua complexão, consentindo no estado que dezejava, não vinhão na Casa que escolhia; porque a julgavão por demasiadamente rigorosa para ella. Por remate vierão a concordar, que entrasse n'esta; era já de dezenove annos, quando entrou; e como erão annos bem gastados, iguaes no modo de proceder a hum bom noviciado, parecia entre as Noviças, ou Mestra, ou Freira velha. Perdem-se mal as manhas da mocidade, quer sejão boas, quer más. E por isso se disse, que val muito avezar bem n'ella. Deu-se com as mortificações, que achou na Ordem, como com pão caseiro, e parecendo-lhe que o estado a obrigava a mais do que fazia secular, tinha por pouco cilicios, disciplinas, e abstinencias. Busca huma taboa, põe-na sobre o colchão, lança-lhe a manta por cima, pera não ser vista. Com este furto fazia guerra ao sono, e ao descanço; mas porque não bastava para desterrar o sono, vencidos os membros, ou do trabalho do dia, ou do costume da jasida; tanto que sentia que a Communidade dormia, deixava a taboa, pregava os joelhos em terra, passava a noite em oração. N'ella, como era buscada por taes meios, lhe fazia o Senhor sinaladas mercês, que com humildade, e sogeição communicava a sua Mestra, que hoje vive, e affirma, que erão cousas grandes, e que dizião bem com sua vida. Mas o Confessor do Convento, que então era o Padre Frei Manoel d'Arvellos, pessoa de virtude provada, as abonava por novo modo: confessara-a muitas vezes, e algumas geralmente, e dizia, que erão taes suas confissões, que merecião fazer-se mais caso d'ellas, que de todos os mimos do Ceo, por grandes que fossem. De huma e outra cousa era boa prova huma grande inveja, que o Inimigo commum lhe tinha,

com a qual a perseguia. e inquietava nos tempos da oração: fazia-lhe medos, e ruidos, que se bem lhe causavão pavor, nunca a espantarão tanto, que perdesse a constancia de buscar o Senhor.

Mas he de pouca dura tudo, o que de bom tem estremos. Fizerão forte impressão no sogeito fraco de Soror Maria as demasias, que usava em se maltratar. Assim a puzerão depressa no fim da vida. Adoeceo pouco depois de professa de huma febre aguda, que se fez continua; seguio-se sangue pela boca; parou em Etiguidade. Foi curada com cuidado; mas o mal não obedecia a nenhum remedio. Buscou-se o ultimo que sendo em outra gente de proveito, para ella foi de morte. Mandarão os Medicos, que a levassem á naturesa. Consentio a Communidade pelo muito que lhe dezejava a vida. Só ella resistia com a vontade, e com o entendimento, afirmando, que era piedade matadora, a que usavão com ella; e não faltavão opiniões de pessoas, que a conhecião bem, que mais poderosa havía de ser para a matar a saudade do Mosteiro, e santa clausura, que a naturesa do lugar, em que nascera, para lhe dar saude. E assim aconteceo; sendo o sitio, e Ceo mui benigno, qual he o de Collares, districto de Cintra, não só não melhorou nunca; mas a passos contados se lhe foi aggravando o mal. Sentio que acabava, pedio por misericordia, e ultima consolação, que a tornassem aos olhos das suas Religiosas. E foi tão crescido o contentamento, que sua alma recebeo o dia, que se vio entre ellas, que ás que lhe perguntavão como vinha, não sabia responder outra cousa por estremo de encarecimento, senão que já alli estava. Que era o mesmo, que dizer, estava em posse de tudo, o que na vida podia dezejar. Este gosto teve poder, para lhe estender a vida dezoito dias, que empregou todos em louvores do Divino Esposo, e em graças de lhe dar lugar de vir acabar entre aquellas santas paredes. E acabou não só quieta, e alegremente; mas com alvoroço de quem sabia que passava á melhor vida no anno de 1611. Para consolação dos parentes, será bem que fique n'estes escritos o nome de seus pais. Chamavão-se Antonio Rodriguez d'Aroche, e Lianor Coelha.

Outro raro espirito em desprezar o mundo, e amar a Religião, deu a esta Casa Henrique de Menezes, Fidalgo honrado e conhecido, na Madre Soror Isabel da Encarnação sua filha. Espirito tão bem fundado, que juntando-se o mundo com seus pais a lhe fazer guerra pela desviarem do caminho da perfeição; sempre elles, e elle ficarão vencidos d'ella. Foi o primeiro combate dos pais, apertarem com todas as forças, que

os sisudos, e virtuosos pais podem usar com filhos que amão, porque casasse: e tanto era maior a instancia, quanto mais entregue a vião ao amor da virtude, e recolhimento. Porque com este se fazia em seus olhos mais digna de a desejarem ver rica, e honrada na terra. Mas ella que em seu coração se tinha dedicado de todo a Deos, declaradamente lhes dizia, que por nenhum caso havia de casar. E porque não cessavão de provar forças em a persuadir, fez hum acto, com que de todo os desenganou, que foi amanhecer hum dia com toalhas lançadas, significação de quem se entrega á profissão, e cuidados de velha. Passarão tempos, falecerão os pais; mas ainda na morte quizerão obrigal-a a ficar no mundo. Porque ainda que tinhão outros filhos e filhas, juntarão n'ella muita fazenda de prazos, e nomeações, com que ficava rica, e a seu parecer d'elles necessitada de buscar marido, que lh'a ajudasse a governar. E esta foi a segunda parte da guerra, que o mundo lhe fez. Porém Dona Isabel de Goes de Menezes, que assim se chamava antes de Religiosa, porque não houvesse cousa, que a obrigasse a enfraquecer em sua determinação, descarregou-se depressa da herança, por hum modo muito santo, que foi renunciando-a em sua irmãa Dona Cicilia de Menezes para casar (como casou) com D. Antonio d'Almeida. Livre do peso, que sentia com a fazenda, começava a tratar de vida mais estreita: eis que se levanta nova hataria, e novo cuidado. Morre Dona Cicilia, e pouco depois hum filhinho, que deixara; torna-lhe a entrar por casa toda a herança, assim como a dotara. Por este modo andavão com ella em contenda os bens da terra, ella a engeital-os, elles a buscal-a; mas emfim ficou de sua parte a victoria. Porque determinada a ser pobre por Christo, fez segunda cessão de todos, largando-os a seu irmão João Mendes de Menezes; e porque nunca mais a tornassem a embaraçar, pedio o habito, e fez profissão n'esta Casa.

De sincoenta annos era Dona Isabel quando começou a ser noviça: com tanto gosto de se ter tornado á primeira idade entre as mininas do Mosteiro, que todas as vezes que a chamavão para Matinas, era sua primeira palavra: *Louvado, exalçado, e glorificado sejais Senhor, que me trouxestes á vossa casa.* E isto dizia em hum affecto tão brando, e tão reconhecido do bem, que achava em ser Religiosa, que causava devoção, e lagrimas em quantos a ouvião. Era devotissima do Santissimo Sacramento, e a essa conta tomou o nome da Encarnação. Gastava diante d'elle muitas horas, e procurava sempre, que em seu dia houvesse Mis-

sa solemne, e prégação, e muita festa, tomando o gasto á sua conta, e acrescentando com alguma cousa o jantar da Communidade. Quando vinha o dia de Natal buscava sempre huma boa esmola, que mandava á honra da Virgem Mãi ás Freiras Carmelitas Descalças: e o mesmo fazia por dia do Patriarcha S. Joseph. Mortificava-se muito, e de muitas maneiras. Nunca deixava o jejum rigoroso; nem nos dias que na Communidade ha dispensações. Do seu jantar partia de maneira, que se mantinhão d'elle duas bocas, que erão ella, e huma pobre cega. De continuo se occupava em trabalhar de mãos, ora remendando os vestidos das servidoras, ora fazendo redes para a Sacristia. As enfermas visitava com charidade, e servia com humildade. Com vida tãobem gastada, foi Deos servido, que viesse a perder a vista, e ficar cega de todo. He na Religião muito trabalhosa de levar qualquer infirmidade, pelos poucos mimos, e muitas faltas, que ha para os particulares. Permissão Divina, para mais merito de quem a busca. Na cegueira são as miserias maiores: Dava-lhe Deos, porque gastava quasi todo o tempo com elle, diante do Santissimo Sacramento, estando por tal estado bem privilegiada pera os rigores da Ordem, nunca deixava de se levantar a Matinas á meia noite: Pagava-lhe o Senhor com huma mercê muito soberana, e era que estando totalmente carecida da vista, dava-lhe sua divina misericordia vista, e olhos todas as vezes, que chegava a commungar, consolando-a com lhe mostrar a Sagrada Hostia. Affirmava-o ella, e era bastante testemunho, por ser seu, e porque o acreditava com sessenta annos de vida inculpavel. Mas quem em tal tempo punha os olhos n'ella, bem comprehendia no geito, e semblante, que lhe não faltava vista, e que via cousa, com que muito se alegrava. Foi contrapeso d'este favor, permittir Deos que como outro Paulo fosse perseguida do tentador (1), assim cega, e no cabo da vida, não se podia ver livre d'elle; humas vezes armando-lhe desconfianças da salvação, outras representando-se-lhe no entendimento, falando-lhe claramente, importunando-a, e quebrantando-a. Porém não se esquecia o Senhor misericordioso de quem com seu favor vencera a carne nos pais, e o mundo na fazenda, dava-lhe tambem victoria do Diabo. E era de sorte, que já não fazia caso d'elle. N'este estado lhe deu hum accidente de apoplexia, que se bem a levou repentinamente no anno de 1614, a verdade he, que o criado que traz limpo, e certo o livro do seu cargo, pouco arrecea a hora de ser chamado para contas.

(1) 2. ad Corinth. 12.

Na Religião nunca a morte he subita, ou não cuidada; pois a primeira cousa, que de boa entrada nos dão n'ella, he huma mortalha, e seu responso em cima. Para quem anda, como deve a tal estado, por ventura que he mais misericordia hum fim arrebatado, que lutar com a fraqueza, e accidentes da ultima despedida, e com as fantasmas, e enganos do tentador.

CAPITULO IX

De Soror Guiomar de S. Paulo, e Soror Maria Bautista, Irmãs Conversas.

Resta-nos dizer de duas Irmãs Conversas, que começando em servidoras seculares, procederão com tanta virtude, que se igualarão com os espiritos mais levantados do Mosteiro. E aindaque pela conta dos annos tinha huma d'ellas seu lugar mais atraz, damos-lhe este em razão do estado, em que ambas começarão, e do em que acabarão. Foi a primeira Soror Guiomar de S. Paulo, dotada de tão boas partes em humilde nascimento, que obrigarão á Communidade a recolhel-a comsigo. O nascimento era ser filha de huma veleira, mulher de bem, que havia muitos annos servia a Casa. As partes erão, bom juizo, humildade, modestia, e recolhimento. Foi admitida para servidora secular, como então se costumava. Entregou-se-lhe por primeiro posto de sua obrigação a cosinha. Aqui começou a servir com cuidado, e limpesa; e como era moça, e trazia forças, fazia mais só, que todas as companheiras juntas: E tão alegremente, que mostrava folgar de as descançar á custa de seu braço. Mas o que mais espantava era, que acabado o trabalho do dia, não se aproveitava da noite para descançar na cama. Seu descanço era gastar a mór parte d'ella orando, e este lhe fazia achar-se com dobrado animo para trabalhar no dia seguinte. Assim juntava a vida contemplativa com a activa, e em ambas mostrava notavel valor. Porque não tendo momento ocioso na activa; para ajudar a contemplativa, sabia usar de muita abstinencia, e de muitas, e varias penitencias: e com tanta sede se empregava em cada huma, como se só aquella estivera á sua conta. No que era Amor de Deos, não havia Freira mais afervorada; no que trabalho de mãos, nenhuma servidora tão diligente. Affirmavão duas Madres, que sabião muito d'ella, que tinhão estes fervores sua raiz em muitos mimos, com que o Amador das almas puras recreava, e cevava a sua na Oração. E segundo isto não era maravilha voar, quanto mais

correr, como corria; pois tinha tomado o cheiro dos unguentos, e boticas celestiaes. Tinha-se por grande sinal, que no maior peso do trabalho, quando as outras arrebentão em raivas, e esquivanças, não havia mais brandura, nem melhor sombra que a sua. As palavras espiravão fogo d'Amor de Deos; no serviço era a mesma charidade, que esta teve sempre em summo gráo. Mas são fracas as naturezas d'este tempo, por muito robustas que sejão, para aturar demasia de trabalho junto. Passados alguns annos, sentio-se a humanidade, e foi descubrindo que não podião chegar os membros, onde os levava o coração. E como navio, que soçobra com sobeja carga, veio a cahir, de puro exhausta, e consumida de forças, em huma forte doença, que lhe durou muito tempo, e d'ella ficou cortada, e como tolhida para poder tornar aos fios do primeiro serviço. Trocou-se-lhe então a occupação antiga em outra mais leve. Foi mandada ajudar na vestiaria, officio menos cançado. Porém era no seu animo o descanço improprio. Sem faltar na vestiaria, acudia a tudo o em que via, que podia prestar no Convento. Já ajudava a lavrar, já servia as enfermas. E sobre tudo havia de rezar o Officio Divino, e buscar tempo para isso, costume que usava já, quando veio de fóra. E não pode acabar comsigo deixal-o, por grande que fosse a occupação de Casa. Porque sua devoção era tanta, que nos dias santos não faltava nunca no antecoro, a ouvir os Officios Divinos; e nos feriaes acudia ao mesmo lugar, cercada de sua costura, para assistir a elles com o coração, e a ella com as mãos, e olhos. Sendo assim devota, era outro extremo de humildade. Podendo receber o habito de Conversa, e fazer sua profissão, pela Ordenação que o Geral Xavierre deixou n'esta Provincia quando a ella veio, não se atrevia a cuidar em tal, quanto mais procural-o, julgando-se em seu pensamento por indigna de tanto bem, e parecendo-lhe que por velha, e fraca o desmerecia. Estas duvidas, e escrupulos, que sua humildade lhe fazia, veio em fim a vencer já no cabo da vida: e professando no dia da Conversão de S. Paulo em Janeiro de 1609, acabou sua carreira logo no mez de Março do mesmo anno. Conta-se, e he cousa digna de consideração, que na hora, que se sentio doente, como se tivera revelação, que havia de acabar logo, caiou e alimpou a sua officina da vestiaria: e então se deitou para morrer.

Pelos mesmos passos, e quasi sem nenhuma differença correo a Irmã Soror Maria Bautista, tão serviçal em tudo o que tocava á Communidade, tão humilde, e tão de boa graça no serviço, e não menos de-

vota, e amiga de gastar muitas horas diante do Santissimo Sacramento. Dezasete annos havia, que servia com estas qualidades, e provação, quando foi recebida ao habito de Conversa, pela Ordenação, que atrás referimos do Geral Xavierre. Vendo-se Freira, e obrigada a maior perfeição, cresceo em grande amor de pobreza, e desejos de acrescentar, e melhorar tudo o que tocava á Communidade, com tamanho excesso, que parecia não lhe lembrar outra cousa, nem de outra ter gosto. Virtude he esta, que o Senhor muito estima, e com grandes interesses costuma remunerar. E nosso Padre Santo Agustinho regula por ella o que cada sugeito aproveita na vida religiosa: Boa prova temos em hum caso, que por accidental contaremos, mas que teve muito de prodigioso, entre todas as pessoas, que d'elle souberão. Era dia de Communhão: Maria Bautista tinha a cargo cozer o pão no forno, lançando medida ao tempo, que havia mister para aquelle serviço, entendeo que o não podia acabar a horas, que acompanhasse a Communidade, e d'isso advertio logo á Madre, que tinha á sua conta apontar o numero das que commungão. Comtudo ficando cheia de pezar, por haver de carecer de tamanho bem, apertou com o que fazia, e tanto que lhe deu remate, foi-se correndo ao Coro; mas era a tempo que acabava de todo a Communhão. Disserão-lhe o que se passava, e ella o vio por seus olhos, e todavia chegou-se ao sitio, que fora mesa do sagrado pasto para suas irmãs. Poz os joelhos em terra, sentida de ter tardado; porém quieta em sua alma; porque considerava com humildade, que sobejar-lhe occupação em serviço forçado da Communidade, fora causa de perder ella o bem que a mesma Communidade gozara. Acudio a Prioresa, quando a vio, e pedio com efficacia ao Padre que ministrara o Sacramento, que visse se sobejara alguma forma, para consolar huma Religiosa, que tardara. Respondeo elle, que não ficara nehuma, e com tudo por se ratificar, tornou a ver o vaso, e porque o achou despejado, mandou lançar agoa para o purificar: senão quando vê com espanto nadar sobre a agoa huma forma! Foi ministro d'esta Communhão o Padre Frei Francisco Pereira, que era Confessor no Mosteiro, velho na idade, e essencial Religioso, e não falto de vista, nem desattentado. Assim fez tanto caso do successo, que lhe não esqueceo depois de commungar a Religiosa, perguntar quem era. E quando o soube espantou-se menos, e consolou-se muito, porque tinha d'ella grande conceito por suas confissões. Não damos milagre no caso. Mas conhecemos em Deos tanta misericor-

dia para com as almas, que de virtude o buscão, e se empregão no remedio d'aquelles que o servem, que cremos facilmente o que se conta do Frade Leigo Cisterciense, que assistindo na Granja entre os segadores (1) sentío de faltar na festa, que se fazia no Mosteiro, lhe deu o Senhor no meio do monte vista d'ella, e de toda a solemnidade tão particularmente, como se no Mosteiro se achara. Depois de muitos annos cahio Soror Maria em doença, como Soror Guiomar, e veio a parar como ella na vestiaria. Mas era o seu mal maior. Foi hum genero de gota que os Medicos chamão nodosa, que lhe torceo pés, e mãos, e de todo a impossibilitou para mais servir. E ainda assim era tão inimiga de ociosidade, que soffria o tormento das dores melhor, que o não fazer nada: e acontecia-lhe mandar apertar as mãos pelos pulsos com ourellos, para poder tomar a agulha, e ser de proveito em alguma cousa. Cresceo o mal com a idade, e acabou martyrisada d'elle: mas tão soffrida, e conforme com a vontade de Deos, que hum Padre dos mais graves, e doutos da Provincia, que a confessou na ultima doença, se espantou, e edificou muito do que achou n'ella. Faleceo por Dezembro do anno de 1618.

CAPITULO X

De algumas particularidades notaveis d'este Mosteiro, e da sua Igreja.

Alem dos bons costumes que atraz dissemos, que como lei ficarão assentados n'esta casa pela boa industria das fundadoras, ha outros muitos, que agora apontaremos, que se devem sómente ao bom espirito das successoras. O que acho de mais estima, he a constancia com que dando por tres vezes peste na cidade desd'o anno de 1568 a esta parte, e tal, que houve mui poucos Mosteiros, que sè não despejassem, só n'este aturarão em todo o tempo, até as mininas, que alem de não estarem obrigadas á clausura, era n'ellas maior o perigo, como em sogeitos mais fracos, e não bastou na primeira peste (que por primeira, e pelo grande estrago que fez, se chama indá hoje a grande, e foi a do anno de 1569) verem estas Madres arder em accidentes pestilenciaes temerosos huma noviça para perderem o animo, e a determinação. Curarão a enferma com charidade, e por ella quiz Deos, que tivesse vida. Na se-

(1) Prado Espiritual.

gunda se ferio, e curou tambem huma Religiosa velha; e n'esta duas parou o mal, sendo o trato tão mistico, como he com enfermas o de enfermeiras charidosas: e andando a contagião tão acesa, e desenfreada, que dos servidores de fóra não escapou nenhum de morto, ou ferido. Todavia o medo, e o perigo amoestou as Religiosas a buscarem algum remedio mais particular, para se valerem, sobre o geral de orações continuas, e mortificações que fazião, pareceo inspiração Divina, e foi este. Juntou-se a Communidade, cortarão papeis, escreverão por elles os nomes dos Santos, que a Igreja costuma invocar em suas necessidades, entrou o da Virgem Sagrada Mãi de Deos repartido em tantos bilhetes, quantos são os titulos de suas festas, com que alegra o mundo; misturados todos, e lançados em hum vaso. Assentarão tomar por padroeiro para diante de Deos, o que lhes sahisse, como dado por elle. Seguio-se affectuosa oração, qual pedia a necessidade. Meteo huma minina a mão n'aquelle vaso, e tirou o nome da Virgem com o titulo de sua Santissima Conceição. Desde então ficou acordado celebrarem cada anno esta ditosa festa, e sorte com particular festa de seu dia, e com solemne procissão pelos claustros. Valeo-lhes a Santa Padroeira, para não entrar mais contagião d'aquellas portas para dentro, e o agradecimento dura ainda hoje na continuação da festa, e procissão.

Mas não teve mais poder a guerra, que a peste, para abalar estas Religiosas a deixarem o santo encerramento. Entrou o exercito do Duque d'Alva no anno de 1580. Forão advertidas dos parentes, que fugissem do perigo, visto estarem fora dos muros da cidade: com nenhuma se póde acabar, e forão gravissimos os sobresaltos, que lhes custou a estada no dia do saco. Nas portas da portaria deu o primeiro acometimento dos que saqueavão. Começarão a fendel-as com machados e outros instrumentos, muita gente junta. Estava a Communidade no coro, pedindo misericordia ao Santissimo Sacramento, que da Igreja tinhão recolhido comsigo, humas em voz com Psalmos, e Hymnos, outras em silencio com suspiros, e gemidos d'alma: ferindo nos corações despavoridos cada golpe, que soava nas portas. N'este caso foi Deos servido dar espirito a hum soldado honrado Castelhano, que acudio com valor, e os fez deixar a obra, e ficou com outros em guarda das portas. Devemos-lhe nome, e graças do beneficio, chama-se Contreras. Passado este medo, e parecendo que ficavão de todo em paz, porque veio logo hum capitão, mandado pelo Duque para guarda do Mosteiro; entrarão em novos tremores, acu-

dindo gente nova com tanta cubiça, e furia, que arrombou as portas da Igreja, e levou o que n'ella havia, apezar do capitão e soldados de sua companhia, mas sem intentar outra cousa, passou adiante. No que se vio claramente de como estava pelo Mosteiro o favor Divino.

Na vinda da gente Ingresa, nove annos adiante no de 1589, foi necessario preceito dos Prelados, e advertencia, que o havião com hereges, para sahirem algumas Religiosas; e todavia ficarão as Preladas com muitas velhas acompanhando as santas paredes.

Foi sempre estimada esta casa dos Principes d'este Reino, e tida por sua religião em grande conta de todos. Em particular a visitavão amiudo a Rainha Dona Catharina, e a Infanta Dona Maria, tratando as Religiosas com hum amor, e affabilidade mais que ordinaria. E foi obra, e traça da Rainha o modo de cellas, que hoje usão. Erão as antigas huma simples divisão de huma cortina de lenço entre cada leito. Pareceo á Rainha, que seria a vivenda mais quieta, e mais solitaria, se houvesse maior separação; mandou-lh'as atalhar com frontaes de ladrilho, e querendo cerrar-lhes do mesmo por diante, não aceitarão as Madres o favor, allegando ser mais religião, ficarem abertas e patentes aos olhos das Preladas, e ficarão como no tempo atraz só com suas cortinas. E he de saber, que n'este Mosteiro não tem nenhuma Freira outra casa, nem recolhimento particular, mais que esta cella. N'ella para gazalhado de suas pobres alfaias tem cada huma seu armario de bordo, que entre ellas se chama trepeça, cousa pequena, e de pouco feitio. Assim como não tem casas particulares, tambem não ha quem tenha particular criada, mais que as servem o Mosteiro em commum. E n'estas ha huma ordem, com que a Communidade he muito bem servida. A qual he, serem as servidoras Freiras conversas, trazerem bentinho preto, e veo branco, terem seu dormitorio, e refeitorio, e coro separado com particular mestra, que as governa, e lhes faz seu capitulo, e as reprehende, e castiga. O principio d'esta traça nasceo do grande juizo do Geral, e Cardeal Frei Jeronymo Xavierre, quando cá esteve. Mas sendo proposto por elle a todas as casas da Provincia, em nenhuma se sustentou, senão n'esta, e o poderse sustentar nasce das circunstancias, que temos dito, que a mantêm, e conservão com grande satisfação da Communidade. E porque a cobrança das tenças particulares, que quasi todas as Religiosas possuem com licença, era occasião de cuidado, e distração continua para cada huma, tomou o Mosteiro a cargo arrecadar todas por sua via, e postas em mão

da Supriorosa que he depositaria, recebe cada huma o que ha mister, do que lhe toca, forrando muito trabalho, e escusando commercios, e tratos fóra de casa, e nada se expende sem expressa licença da Prelada, que declara o quanto, e em que.

Na Igreja se tem feito tanta obra de poucos annos a esta parte, de dourados, e pintura e boa pedraria, que em seu tamanho está templo rico, e perfeito. O tempo d'este augmento, e o em que estas Madres tomarão posse da casa, e lhe derão nome, se declara em huma letra entalhada sobre o frontespicio da porta, que diz assim: *Deiparæ Virgini Mariæ Annuntiatæ dicatum. an. Dom.* 1539. *Denuo amplificatum. an. Dom.* 1607. He a significação: Dedicou-se este Templo á Annunciação da Virgem Maria Mãi de Deos no anno do Senhor de 1539. E foi de novo ampliado no de 1607. A sacristia está provida de muita prata, e ornamentos ricos de telas, brocados, e bordados: e o que val mais que tudo, de reliquias de Santos muito provadas, e ornadas de engastes ricos: entre as quaes vê a cabeça de huma das onze mil Virgens, dada a estas Madres pela Rainha Dona Catharina, de quem pouco ha falamos. Este concerto exterior da Igreja junto com o interior da religião, deu occasião a se fundarem n'ella algumas irmandades, que a tem muito frequentada de sacrificios e festas solemnes. He huma do nosso Santo milagroso de Polonia S. Hyacintho, cuja capella compoz, e paramentou pouco depois de sua canonisação, huma Religiosa obrigada de hum grande milagre, que por ella fez. Alguns temos contado d'este santo no discurso d'esta historia. Não determino deixar nenhum dos que ella nos trouxer em proposito, em graças de huma grande obrigação, em que este Reino lhe está pelos muitos, que n'elle tem obrado. Passava de tres annos, que a Madre Maria das Chagas padecia huma gravissima doença com grandes accidentes, grande fraqueza, e febre tão continuada, que se não esperava menos, que dar em etica. Não ficou Medico em Lisboa, que não consultasse, nem medicina, que não provasse, sem jámais obedecer, nem aplacar o mal. N'este estado soube, que se assentava o retabolo na capella, que as Madres tinhão levantado ao Santo no coro de baixo. Pedio que a levassem a ella, e encommendando-se ao Santo, fez proposito de não admitir mais remedio da fisica, e esperal-o só de sua intercessão, e valia com Deos; e offereceu-lhe visitar com todo seu mal esta capella tantos dias, e rezar-lhe tantas Ave Marias, quantos forão os annos, que viveo na terra. Era a romaria muito custosa para o estado

em que estava, e pelo numero dos dias a que se obrigou. Porque o Santo viveo setenta e quatro annos. Mas elle lhe forrou grande parte do trabalho; porque antes do termo cobrou tão perfeita saude, que havendo d'elle á Quaresma poucas semanas, teve animo, e forças para a jejuar toda, e n'isso se vio tambem ser saude dada do Ceo. Agradecida do beneficio, procurou que se dedicasse ao Santo a capella da Igreja, que atraz dissemos: ornou-a do necessario á sua custa, e com huma formosa imagem, que a ella trouxerão em solemne procissão os nossos Religiosos do Convento de Lisboa. He o sitio d'esta capella debaixo do coro, e por isso de tão pouco gosto dos Irmãos, que pedirão lugar para a imagem em outra capella. Assim fica o Santo com tres sitios em hum só Mosteiro, que são duas capellas, huma dentro, e outra fóra, e a que occupa com a imagem no Cruzeiro. Todos, e mais merece o Santo. Mas vejão bem os Irmãos, se lhe dão razão de queixa, trazendo-o por altares alheios na mesma Igreja, em que o tem proprio; e que primeiro lhe foi dedicado. Ha mais outras duas irmandades. Huma de S. Lucas, instituida pelos pintores: outra de Santo Antonio: ambas tem suas capellas, e bom concerto de prata, e ornamentos, e muitas missas.

Sendo este Mosteiro em seus principios tão pobre como temos visto, teve sempre grande cuidado na boa eleição dos sugeitos, que se recebião ao habito, e achamos pelas memorias antigas admittidos alguns sem mais dote, que sincoenta mil réis, tendo-se mais olho á virtude, e bom sangue, que ao dinheiro. Assim ordenou Deos, que crescesse em tudo. E foi benção que começou com a casa; porque logo em seu principio entrou com duas filhas huma mulher viuva moça, e virtuosa (fora casada com hum Jannim Revelot estrangeiro) e entre todas trouxerão huma grossa herança. A estas seguirão outras, e de proximo outras, que não nomeamos por hir abreviando. Com o que se sustentão sem aperto sincoenta e oito Freiras de veo preto, e vinte servidoras ou Conversas.

Faltava huma esmola, que juntamente com renda fosse de authoridade para a casa. Esta tem dado Dona Joanna de Noronha, filha mais velha do Conde de Linhares Dom Francisco, que faltando-lhe saude para acompanhar em vida quatro irmãas, que n'este Mosteiro se derão a Deos, determinou não as deixar na morte. E largando o enterro de seus pais, que he a capella mór de S. Bento de Enxobregas, por ella de novo edificada com muito custo de sua fazenda, fez contrato com este mosteiro,

de tomar sepultura dentro n'elle, dando-lhe cento e oitenta e tres mil réis em padrões de juro, com assento de se repartirem os cento e sincoenta entre sinco Mercieiras, e a demasia ficar para a casa, e ser administradora d'esta renda, depois de seus dias, e do Conde de Linhares, que hoje vive, a Prioresa que pelo tempo fôr. He por esta razão a esmola de grande qualidade; e porque a quantia que se assina ás Mercieiras he bastante para sustentar mulheres honradas, que ficão obrigadas a assistirem na Igreja a horas de missa por toda a roda do anno. O lugar da sepultura declararão as Religiosas em Capitulo; porque esta Senhora por sua modestia, e cortesia deixou a seu beneplacito, que seria no coro debaixo, fronteiro da janella, e grade, que fica na Igreja. Tambem he qualidade de consideração, que ha na Igreja sinco capellanias perpetuas para Sacerdotes seculares, que vem celebrar n'ella cada dia com bastante estipendio para sua sustentação: sinalado, e bem pago pelos padroeiros das capellas.

CAPITULO XI

De hum estranho, e calamitoso successo, que n'este Mosteiro se vio em huma Religiosa.

Para tratar da materia que temos proposto, seja-me licito, antes de entrar n'ella, referir outro gravissimo caso, e de muito maior estranheza e lastima, que conta João Cassiano em suas Collações. Treslado do Latim he o seguinte.

Para que fique provado com exemplo fresco, como promettemos, o parecer, que n'esta materia dão Santo Antão, e os mais Padres, que com elle se achárão, tornei a passar pela memoria o que ha poucos dias por vossos olhos vistes na morte do velho Heron abatido, e derrubado de grande alteza de espirito ao extremo de toda desaventura por illusão do Demonio; sendo homem que viveo n'este deserto sincoenta annos, com hum estranho rigor, e guarda de todas as virtudes: e vimos, e conhecemos todos, que não havia nenhum morador d'elle, a quem senão avantajasse em fervor, e em tudo o mais que na vida do ermo se estima. Este pois foi, o que caindo com lastimosa desgraça, depois de passados grandes trabalhos, encheo de dor, e magoa todos os que vivemos por estas serras. E não foi outra a causa, e occasião de sua perdição, senão desviar-se das regras da prudencia, e dar mais credito ás de

sua vontade, e appetite, que aos conselhos de seus irmãos, e documentos dos Padres antigos. Era tão pontual na guarda do jejum; tão amigo de estar sempre na cella e viver só, e longe de toda a conversação, que nem para festejar hum dia de Pascoa houve nunca quem alcançasse d'elle, que se juntasse a hum jantar, com os que eramos seus irmãos: e sendo assim, que acudiamos á Igreja todos os mais irmãos para solemnizarmos o santo dia; só elle não acabava comsigo chegar-se a nós, por lhe parecer que comendo mais quatro grãos de legumes, ficava afrouxando de sua constancia ou teima. Criou d'aqui vangloria, e enganado de presumpção, foi-se deixando levar de conselhos de Satanás, como de Anjo de luz. E emfim chegou a cegar-se tanto, que se lançou em hum poço, cuja altura era tal, que não havia vista, que de cima enxergasse a agoa. Foi o caso, que o Inimigo lhe meteu em cabeça, e assentou na alma, que valião tanto os merecimentos de sua virtude e trabalhos, que sem nenhum medo podia abalançar-se a qualquer perigo; porque todos venceria, e de nenhum receberia dano. Persuadio-se como imprudente, quiz fazer experiencia da verdade, esperou que fosse alta noite, e arremeçou-se no poço. Fazia conta que sairia sem lesão, e assim ficava altamente provado o merito de sua virtude. Foi sentido cahir, acudiu-se-lhe sendo tirado meio morto, e em estado, que aos tres dias acabou: comtudo esteve tão pertinaz em seu erro, que nem ver o que lhe tinha rendido a experiencia d'elle estar feito pedaços, foi bastante para se desenganar, e acabar de entender, que fora cegueira sua, e illusão do Demonio. Por onde sendo pessoa, que pela vida de tantos annos no deserto, e pela extraordinaria aspereza d'ella merecia muito, e todos lhe tinhamos lastima, escassamente se pode alcançar do Abbade Pafuncio, que lhe désse sepultura Ecclesiastica. Porque seu voto era, que fosse tratado n'ella, como os que por suas mãos se matão. E assim ficou havido por indigno de orações, e suffragios. Até aqui he narração de Cassiano.

Fazem festa entre os horrores eternos os Potentados, e Principes das trevas na queda de hum justo, e não estimão só a desaventura do homem, por tirarem huma alma áquelle Senhor, que deu sua vida por todas; senão tambem pelo descredito, que resulta contra a virtude, e virtuosos. De que esperão colher maiores interesses seus, e novas perdas nossas. São Anjos no saber, Demonios na maldade, emulos perpetuos do homem. Porque sabem que foi criado para possuir pelos merecimentos de Christo as cadeiras, que elles por sua soberba perderão. Quem

duvidará, que antevirão por suas conjecturas, que havia de haver no Mosteiro d'Annunciada, e em todos os mais da Ordem de S. Domingos em Portugal, e fóra d'elle, milhares de Espiritos abrazados em Amor Divino, e riquissimos de verdadeiras misericordias suas? E que tambem havia, quem os soubesse notar, e pôr em memoria como temos feito em parte, e de presente vamos fazendo. E que com esta dor, e raiva meteram todo seu cabedal, por enganarem aqui huma pobre moça ignorante, como acolá hum velho soberbo. Manha he sua, e artificio antigo, se são consentidos estirarem poder, e forças até intentarem por-se hombro por hombro com o mesmo Deos. N'isso esteve sua ruina, quando forão criados, e como já não tem que perder, tentão o mesmo cada dia. No Egypto fizerão milagrosos seus feiticeiros, e quasi semelhantes nos prodigios a Moysés. Em Roma anteciparão hum Simão Mago com obras, que parecião divinas, para desfazer nos que já soava que obravão os Santos Apostolos em virtude do Redemptor. Muito antes, porque tinhão alcançado das Escrituras Santas, que havia de vir o Filho de Deos á terra feito homem, para remediar os homens, encheo a gentilidade de fabulas dos seus deoses, que com figura humana se empregavão em vicios e maldades abominaveis. Convêm logo, e he cousa muito acertada, e santa, que pois Lucifer arma, e faz campo contra o credito, e reputação da virtude, trabalhem, os que escrevem para doutrina do mundo por descubrir seus enganos: *Frustra enim jacitur rete ante oculos pennatorum*(1). Que debalde arma rede, quem a põe á vista das Aves. Para nosso dano usa de estratagemas, tempera peçonhas: O remedio he descubrir-lhe os artificios, e da peçonha fazermos triaga, lembrados que mais nos rendeo aos Christãos a duvida, e teima em duvidar de hum Thomé, que a facilidade, com que crerão as Marias. Bem creio, que alguem tivera por si só lançar terra sobre este successo, para que se perdera da memoria dos homens: mas isso fora fazer a vontade ao inimigo, e ajudar, e favorecer suas cautellas. O que importa he, que saibão os Anacoretas nas covas do deserto, que houve hum grande Heron enganado, para que fiem só de Deos. Saibão as Freiras de S. Domingos em Portugal, e saiba-o embora o mundo todo, que para se humilharem as muitas e boas, que n'elle ha, e todas viverem acautelladas, permittio Deos a illusão de huma fraca, e presuntuosa, que passou assim.

Em idade de doze annos no de 1563 entrou n'esta Casa Maria da Vi-

(1) Matth.

sitação, tomou o nome do dia, e festa, em que vestio o habito. Fez profissão sinco annos despois, sendo já de dezasete. Luzirão n'ella desd'o primeiro dia partes, que muito agradavão ás Mestras, singeleza, humildade, descuido de si, nenhum trato fora de casa, recolhimento, silencio, e honestidade: tudo bom, mas natural sómente, porque não procedia, nem tinha raiz no coração (como depois se vio.) Porém tanto póde a virtude até com as sombras, que estas a fizerão com grande extremo amada de todo o Mosteiro. E porque permanecião (que o que he dado da natureza, troca-se mal) começada a venerar por Santa, cahio Soror Maria, que lhe rendia muito, o que nada lhe custava. Porque tudo era como postiço, e gentilico, e quasi não seu, foi facil de levar pelo inimigo commum a hum grande erro. Persuadio-lhe o inimigo commum com a malignidade de suas suggestões, que se ajudasse o natural com hum pouco de artificio; seria outra Santa Catharina de Sena na estimação, e nome. Disse suggestões: porque como o havia com huma ignorantinha, teve por desnecessario o cabedal, com que caça os sabios. He certo, que nunca com ella usou pacto, nem trato, nem vistas, nem outro genero de maior engano. Deixou-se a miseravel vencer da tentação, começou a ajudar-se de tudo o que entendia a faria avaliar por mais Santa: gastava muitas horas no Coro; e porque se entendesse, que era emprego de Amor de Deos, mostrava extraordinario fervor para os Sacramentos; e com a frequencia d'elles, que era muita, juntava grandes significações de interior devoção. Assim cresceo em tanta reputação, que não só das Freiras erão estimadas suas orações, mas he certo, que entrando no Mosteiro a Infanta Dona Maria, se apartava com ella poucos annos depois de professar, e lhe pedia Ave Marias. Alegre Soror Maria de ver, que frutificavam suas artes, hia acrescentando sempre alguma cousa de novo. Já cahia em raptos, e extasis, já contava revelações. Passarão annos, negociou de novo fogo na cella, e luzes no Coro, que fazia crer serem celestiaes. Chegou a mostrar a cabeça ferida, certificando, que o Esposo (assim chamava sempre a Christo) lhe communicara a honra, e effeito de sua Coroa de Espinhos, e era crida em tudo. Porque além de ser facil de enganar com a virtude toda a gente virtuosa, que sempre houve muita n'esta Casa, tinha Soror Maria sobre os mais dotes da natureza, hum semblante amavel, acompanhado de tal geito, e brandura, que criava nos animos de quem a via respeito, e affeição. Meios, que maravilhosamente acrescentavão a cegueira geral. Inda não tinha quatorze

annos de profissão: já por toda a Cidade, e Reino era nomeada, como cousa cahida do Ceo, a Freira d'Annunciada: e as Freiras todas tão enfeitiçadas com ella, que nos quatorze annos de professa, e não tendo mais que trinta e hum de idade, a fizeram Prioresa. Feita Prelada, eis que em dia de Santo Thomas 7 de Março do anno de 1584 sahe com nova maravilha; publica, que na mesma noite lhe dera o Esposo suas santissimas Chagas, mostra as mãos, e nellas os sinaes. Como tinha tão fundada sua reputação, não só foi crida, mas recebido o caso com universal alegria, e veneração. Chegou a El-Rei, e passou ao Papa, correo por toda a Christandade. Acudiam de toda a parte, como a gente Portuguesa he tão pia, offertas grossas, e muitas, que enriqueciam a Casa, e a Prioresa rindo-se ella, zombando, e triunfando Satanás. N'este estado, que era o mais alto, que podia ser para Soror Maria de nome, e credito, e para a Casa de honra, e proveito, mostraram as Religiosas mais importantes d'ella o zelo, que sempre houve da Religião verdadeira, e honra de Deos. Eram do melhor do Reino por sangue, e do melhor do Mosteiro por partes de virtude, e entendimento. Começarão a fazer escrupulo do que viam, obrigadas de sua consciencia, e reverencia de Deos, e respeito da mesma Soror Maria, que muito amavam. Passarão a considerar suas cousas profundamente, e vierão a achar n'ellas taes contradições, que assentarão, serem as chagas pintadas, e pelo conseguinte tudo o que mais se dizia, falso, e fingido. Deram conta com todo segredo aos Prelados maiores, propuserão razões bem fundadas, apontarão circumstancias, de que resultava manifesto engano, e mui achado na materia. Mas tal posse tinha tomado dos corações de todos, ou a piedade Christãa, ou o credito de Soror Maria, ou a cegueira, que Deos permittia que durasse, que não só não forão bem ouvidas, mas rendeo-lhes seu zelo hum grande merecimento no Ceo. Porque desde este dia, até que o negocio se aclarou, forão maltratadas, e perseguidas. Se entre Christãos se dera lugar a fado, bem poderamos chamar fatal, hum engano tão crasso em si, e de tanta dura: tão crasso, que huma leve, e breve ensaboadura o podia tirar a limpo, como emfim veio a ser; e tão duravel, que prevaleceo mais de quatro annos entre gente de valor, sabia, e amiga de Deos, e da verdade. Parece, que tudo estava conjurado em favor da cegueira. Veio n'este tempo a Lisboa por Vigario Geral d'esta Provincia o Padre Mestre Frei Alberto Agayo Castelhano; era homem de peito, ouvio as perseguidas, julgou-se que faria no caso o que convinha,

usou primeiro de terrores e ameaços com Soror Maria. Devia cuidar que bastavão feros contra huma falsidade, se o era: foi-se depois á Igreja determinado á experiencia. Veio Soror Maria á grade da Communhão, e tanto soube dizer, que o Vigario Geral tendo prestes todo o necessario para o lavatorio a deixou, e se foi do Mosteiro, e de Lisboa sem fazer nada. Era isto já por Outubro de 87. Pareceo a Soror Maria, que devia dar alguma satisfação, ao que se dizia contra ella. Pedio ao Padre Mestre Frei Luis de Granada, que quizesse elle fazer a experiencia que o Vigario Geral não fizera. Era o bom Padre naturalmente mal visto, e n'este tempo com a idade quasi decrepita, e quasi cego: juntou-se sua virtude grande, com a que cuidava, que havia em Soror Maria, e com as dores que ella soube contrafazer incomportaveis; de maneira fez o exame que para com gente de entendimento não fez nada: e para com o povo ficou Soror Maria mais acreditada. Sobreveio logo o Reverendissimo Geral da Ordem Xisto Fabri, e informado do que passava, e requerido das Madres zelosas, tratou de fazer por suas mãos o exame. Começando o lavatorio, acolheu-se Soror Maria ás armas mulheris, correrão rios de lagrimas, palavras, e geitos significadores de dores immensas, e taes que sendo falsas, quebrarão o coração ao bom Padre com dor verdadeira. E lembrado como he de crer, das Chagas do Redemptor, que aquellas representavão, encheu-se de lastima, parecendo-lhe que fazia officio de tyrano contra huma donzella innocente, e santa. Desistio da obra, tornou-se para Roma, deixando-a cheia de favores, e honras, e carregadas de novos preceitos, e penas as procuradoras da verdade. Assim ficou vitoriosa a mentira, e autorisado de novo o engano. Entrou o anno de 588 calamitosissimo para Espanha, quiz Deos mostrar n'elle que nem os poderes da terra são nada, se de seu braço não são ajudados, nem a virtude tem valia, se no Ceo não tem a raiz. Acabou e sumio-se no mar a mais luzida, e mais poderosa armada, que nunca sahio de Espanha. Descobrio-se por falsa, e mentirosa a mor virtude, que nunca se tinha visto em Espanha. Açoute famoso hum, e outro da mão do Altissimo. Os porques, elle o sabe. Era Inquisidor Geral, e juntamente Governador d'este Reino. o Archiduque, e Cardeal Alberto, chegarão-lhe indicios certos do que até então não havia mais que argumentos. Cometeo a averiguação ao Tribunal. Continuarão os Inquisidores trinta dias no Mosteiro em inquirir, e fazer diligencias. Foi a ultima hum pouco de sabão, que brevemente fez desapparecer tinta e vernizes, ficando as mãos lizas, e sem outra

cor, nem sinal. Seguiu-se confissão verbal da parte, que já não era necessaria. Foi sentenciada com varias penas, e todas leves: porque se não achou no caso mais peccado, que fingimento humano. A maior pena foi desterro do seu Mosteiro para outro da Ordem, que foi o d'Abrantes, onde viveo alguns annos, e faleceo cumprindo suas penitencias.

Confesso que me tem custado grande dôr, e magoa a relação d'este successo: mas são rigorosas as leis d'este officio, que fazemos de Chronista, que para sermos cridos nos bens, e felicidades, he forçado não callar os males, e desaventuras.

CAPITULO XII

Fundação do Mosteiro de Nossa Senhora do Paraiso de Evora.

Circunstancia de grande lustre para qualquer Convento he ter antiguidade em seus principios. Parece, que da mesma maneira, que acrescenta firmeza em huma grande fabrica o alicesse mais profundo: assim acredita, e dá graça nos Conventos, e casas de Religião tambem a ancianidade mais alta. Este, de que começamos a escrever, tem sua origem tão atrazada, que achamos por memorias vivas, que no anno de 1460 havia já muitos, que se tinhão lançado as primeiras pedras, sobre que cresceo o bom edificio, que depois teve. E foi d'esta maneira. Houve na cidade d'Evora huma donzella de nobre, e antiga geração, que ficando orphãa de pai, e mãi, e acompanhada de duas irmãas, mereceo a Deos dar-lhe tão bom espirito, e tanta conformidade entre todas tres, que de mão commum se determinarão a viver juntas, sem casar, nem querer nada do mundo. Tinhão huma pequena casa de sua herança: esta quizerão que lhes fosse morada em vida, e sepultura na morte. E começarão huma vida tão austera, e religiosa, não admitindo vista de homens, por por muito parentes que fossem, nem tratando mais que de Deos: que convidarão com seu exemplo a outras donzellas honradas, e mulheres livres de obrigações, a lhes pedirem lugar em sua companhia. Chamava-lhe a cidade a casa das pobres Galvoas; porque tal era o appellido das tres irmãas. A mais velha, que se dizia Brites Galvoa, governava o pobre patrimonio de todas, com prudencia: e no que tocava ao espirito, era tão boa Mestra, que crescendo o numero com algumas que admiti-

rão, fazião nos olhos do povo mais representação de observante Mosteiro, que consorcio de gente secular. E ficou em tradição que houve entre ellas espiritos de muita perfeição, e taes, que por suas orações fez nosso Senhor muitas misericordias em pessoas, que lhes encommendarão. O que era causa de serem importunadas pelos annos adiante de gente de muita qualidade (como então não havia Mosteiros de Freiras em Evora) para se juntar com ellas. E valia-lhes tambem para toda a terra lhes acudir com abundantes esmolas. Porque se juntava á clausura perpetua que guardavão, e virtude com que procedião, ser cousa sabida, e publica, que o poderem-se sustentar com a pouca fazenda, que as Galvoas possuião, nascia de huma mui estreita abstinencia, que guardavão: parte primeira, e principal de bom governo entre gente mal afazendada. D'aqui começou nome novo á casa. Chamavão-lhe o encerramento das pobres: e a Brites Galvoa que o governava, chamavão por reverencia a Madre. E estava tão estimada aquella pobreza, e erão tantas as que a cobiçavão, que se contentavão com expectativas, e promessas de futuro, para quando houvesse lugar vago.

Viveo longos annos Brites Galvoa, e veio a falecer em 22 de Julho do anno de 1461. Era pessoa de grande juizo: tinha penetrado o que havia nas subditas; apontou para successora no governo Mecia Martins, que era huma d'ellas: e isto basta para entendermos, que seria de grande talento: E comtudo lhe deixou de sua mão, e experiencia alguns avisos por escrito, que forão como hum retrato da santidade, e prudencia, de quem os deixava. Fez testamento e nomeou por herdeiras de seus bens, e fazenda as companheiras, que de presente o erão n'aquelle modo de vida, e n'aquella sua casa: E todas as que pelo tempo lhes succedessem n'ella, e n'elle. Devião ser falecidas ambas as irmãas. Porque em caso, que não tivessem partes para merecer a successão do cargo; sempre era obrigação deixar-lhes a fazenda; ou pelo menos fazer menção d'ellas no testamento.

Passados alguns annos depois de Mecia Martins governar as pobres, como na virtude, e trato santo não havia quebra: antes estavão vivas as leis, e bom governo da primeira Madre, e fundadora, recolheu-se com ellas huma senhora, que as memorias antigas dão por muito nobre em sangue, e parentes, cuja entrada adiantou muito a casa em reputação, e credito: E andando o tempo, foi por novo modo todo o bom d'ella. Modo novo, e estranho; mas traçado no Ceo, como o successo mostrou. Era

Joanna Correa, que assim havia nome, dotada de bom entendimento natural, e tinha-lhe o Senhor communicado huma grande luz, que a obrigava a desejar servil-o em estado perfeito. Notou em poucos mezes, que se bem achava verdadeiro o que a fama publicava da companhia, e em cada sugeito havia grandes partes de virtudes: comtudo era quanto fazia pendente de vontade á eleição propria, sem obrigação, nem regra certa, sem Prelado, nem Mestre, e parecia-lhe negocio pouco fundado. Antes havia por temeridade, havendo tantas regras aprovadas na Igreja de Deos, fiarem de si viver desarrimadas d'ellas. Em fim assentou comsigo deixal-as, e passar-se aonde a Religião estivesse com fundamento seguro, e certo. Determiuou dar conta a seus parentes com todo o segredo, e encommendar-lhes que com o mesmo lhe negociassem lugar na Conceição de Beja, Mosteiro da Ordem de S. Francisco, celebre já então, e muito estimado no Reino. Mas o Senhor, que d'esta pequena casinha tinha determinado fazer Paraiso de seus deleites, como depois foi em nome, e obras: antes de ter sahido do peito de Joanna Correa sua determinação, foi servido revelal-a a huma das recolhidas. Ficou este successo no Mosteiro por tradição, e conta-se da que teve a revelação, que era hum raro sugeito. Esta presintindo como tal a perda, que lhes faria a falta de Joanna Correa; tanto por sua qualidade, como pela grande satisfação, que já tinhão todas de suas partes, deu conta á Regente Mecia Martins, e ambas com algumas das irmãas mais antigas se forão a ella, e com toda a modestia, e brandura lhe propuzerão, que se na casa achava cousa, que a descontentasse, quizesse advertil-as para a emendarem. Mas querer deixar sua companhia, sem haver culpa da parte das que buscara com gosto, e honrara com sua vinda, era dar-lhes para diante de Deos huma grande desconsolação, e para diante dos homens, mostrar que havia entre ellas cousa, que desmerecião sua companhia: e ficaria sendo maior o descredito que lhes causaria, deixando-as, do que fora a honra de as buscar. Que por amor de Deos lhe pedião não desse lugar a taes pensamentos, pois não dizia com a nobreza de seu sangue afrontar pobres, nem com a muita virtude, que n'ella tinhão visto, desconsolar gente unida em serviço, e amor de Deos. Seguirão-se lagrimas nos olhos de todas com mostras de verdadeiro sentimento, e rogos multiplicados em sinal de amor. Não póde Joanna Correa ter as suas pela affeição, em que já se tinha, e sentia empenhada, e por sua boa natureza: nem tão pouco se atreveo a encobrir-se, como pudera fazer, visto não ter ainda dado conta de si a ne-

nhuma pessoa viva. Chãamente lhes confessou, e declarou, quanto tinha no coração. Mas com isso ajuntou, que para que vissem, que não nascera de leviandade sua, nem descontentamento d'ellas, lhe offerecia ficar com ellas toda a vida (que tal fora a tenção com que alli entrara) como se quizessem dispôr a dar a obediencia a huma das Ordens da Santa Madre Igreja, e fosse aquella, de que mais gosto tivessem. Era negocio de Deos: estava certo correr com suavidade. Trocou a reposta em lagrimas de alegria, as que erão de dôr, e prostradas a seus pés em graças da offerta, não só aceitarão a condição, mas todas a huma voz disserão, que em sua vontade, e bom juizo se comprometião, e desde logo prometião aceitar, e seguir a Ordem, que ella lhes escolhesse, e nomeasse. Joanna Correa, como prudente, e muito christãa que era, pedio-lhes que encommendassem o negocio a Deos, para que d'elle lhes viesse a escolha, como viera a revelação de seus pensamentos. Passados alguns dias, depois de muita oração, e consideração, assentarão em conformidade seguir a Ordem de S. Domingos, e viver no habito, e estatutos de sua terceira Regra. Assim devemos á cidade d'Evora a primeira Congregação de Freiras Terceiras nossas. Acudirão logo ao Convento. Puzerão em ordem entender suas obrigações, e conseguintemente professar. Como forão professas, e se acharão consoladas, e satisfeitas da mudança, quizerão gratificar a Joanna Correa: e foi o meio, pedir-lhe que aceitasse o cargo de as governar, como o tivera de as trazer á Ordem. Mas ella não consentio em tal: parecendo-lhe que fazia offensa á Madre Mecia Martins: Antes para mostrar o gosto, que tinha de seu governo, e da casa, fez logo vir tres mininas sobrinhas suas, para lh'as dar por discipulas, e se criarem n'ella.

CAPITULO XIII

Da occasião que houve para o nome, que este Mosteiro tomou do Paraiso, e como passou a Observancia.

Apoz a mudança do estado, habito, e regra, seguio-se outra, que foi a do nome da casa. Havia na cidade huma honrada matrona, que possuia huma devota imagem da Virgem gloriosa Nossa Senhora, e porque lhe tinha devoção, e affeição, desejava empregal-a onde estivesse mais venerada, e estimada. Como soube que o Recolhimento das pobres, sobre o bom nome que d'antes tinha, juntava dar obediencia á Ordem de

S. Domingos, fez-lhe esmola da imagem, e ou fosse por julgar que dava peça de tanto preço, que poderia ser em algum tempo repetida por seus herdeiros, ou por encarecer, como sabia o que dava, o caso que as Religiosas devião fazer d'ella, mandou celebrar huma escritura publica da doação, que hoje está viva, e se guarda no Mosteiro, e se mostra ser feita em oito dias de Junho de 1474, por João Dias Tabalião d'el-Rei, e consta por ella chamar-se a doadora Isabel Affonso, viuva de Nuno Martins. Era a imagem de marfim, e sabemos, que de tal materia são lavradas as mais das milagrosas, que se tem achado, e forão escondidas desd'o tempo da entrada dos Mouros em Espanha. O que me faz cuidar, se serião por ventura lavradas todas de huma só mão, e mão devota. Chamava-lhe a doadora com affecto pio, e amoroso, Nossa Senhora do Paraiso. Como esteve entre as Religiosas, começou o Senhor a obrar por ella muitos milagres em casos varios de doenças entre as Freiras, e logo outros entre seculares, passando a fama á cidade: de sorte que veio a ser celebre na terra. Mas o que lhe deu mais nome foi, que succedendo, por descuido de quem a tinha a cargo, quebrar-se hum dedo do minino, que a imagem tem comsigo abraçado, e saltar fóra a ponta quebrada, correo sangue como em corpo vivo de huma, e outra parte: e para memoria do prodigio permittio o Senhor, que ficasse, e dura inda hoje hum sinal de sangue na mão da Senhora, que pega com a do minino. Esta parte do dedo, que pelo respeito dito se guardava com veneração na sacristia, mandavão as Madres depois pela cidade aos doentes, que o requerião como remedio certo; até que houve quem o quiz para si só com indiscreta devoção, e o fez desaparecer d'entre as Freiras. Como a natureza humana he tão casada com seu interesse, e os bens que recebião por meio da santa imagem, acendião a devoção nos moradores, d'aqui veio, que forão honrando o Mosteiro com o nome d'ella, e do Paraiso. E esse possue hoje.

No anno de 1508 veio a falecer a Prioresa Mecia Martins, deixando pedido ás subditas, que recebessem em seu lugar por Prelada a Joanna Correa. Mas era superflua a lembrança, porque não havia nenhuma, que cuidasse n'outrem. Assim foi logo de commum consentimento eleita, e ficarão desde então por escrito os nomes de dezasete Religiosas, que a elegerão, quasi todas nobres, e do melhor da cidade, que nomearemos; para que se veja quão acreditado estava aquelle Recolhimento. E erão estas: Dona Guiomar de Sousa, Dona Maria de Sousa, Catharina Mendes d'Aguiar, Mór d'Aguiar, Margarida da Grãa, Maria Rodrigues da Grãa,

Maria Tates, Inez Fernandes Tates, Domingas Lameira, Filippa Pereira, Maria Pereira, Isabel da Costa, Violante Loba, Isabel Correa, Catharina Casca, Joanna d'Oliveira, e Genevra de Privizim.

A primeira cousa em que entendeo a nova Prioresa, foi estender o animo a nova, e maior perfeição, fazendo conta de meter em casa a primeira regra, e maior perfeição, e mais rigorosa de S. Domingos; assim como trouxera a terceira. E para facilitar a estreiteza, que determinava no modo de vida, quiz primeiro a alargar a morada, que foi grande alivio. Porque até então vivião tão apertadamente, que fazia lastima o trabalho que passavão: quasi não tinhão lugar onde respirar. Começou ajuntar esmolas, comprou seis moradas de casas, em que foi disenhando igreja, e sacristia, dormitorio, e claustros, e casa para noviças. E apontão as memorias antigas, que entre as primeiras officinas deputou casa para teares, sinal que se não pertendia viver ociosamente nas horas que restassem do Coro.

Foi grande, e principal bemfeitor d'este Mosteiro, Dom Alvaro da Costa, que juntando com grande bondade hum assentado, e claro juizo, alcançou por estas partes tanto lugar com el-Rei Dom Manoel, que do serviço de Guarda-roupa veio a ser seu Camareiro mór, e deixou em sua familia o officio de Armeiro mór dos Reis, e hum honrado patrimonio: E como era muito pio, e entendia que havia na casa verdadeiro zelo do serviço de Deos, tinha por gloria trabalhar, e desentranhar-se por ellas. Achamos que á sua custa lhes fez o corpo da Igreja, e o Coro com suas cadeiras. E pelo tempo adiante edificou a Capella mór: e para se comprarem as moradas de casas que atraz dissemos, deu de esmola cem mil réis em dinheiro: e por seu meio alcançou a Prioresa licença d'el-Rei, para tomar da rua publica quanto foi necessario para correr direito o edificio novo. Era irmão de Dom Alvaro, Braz da Costa, e verdadeiro irmão em virtude, e zelo. Conta-se d'elle, que andava por casa dos fidalgos da corte, e da cidade pedindo, e juntando esmolas: e forão tantas, que ficou em lembrança passára a despeza, que se fez na fabrica, de quatro mil cruzados, que para aquelle tempo era grande gasto.

Tanto que a Prioresa se vio com a largueza de casa que pertendia, pareceo-lhe tempo de tratar da perfeição que desejava: juntou as Religiosas em Capitulo, propoz lhe tudo o que n'este ponto se offerecia; para a haverem de estimar, e abraçar, lembrava que para com Deos, e para com o mundo ficarião ganhando muito. Porque, quanto a Deos em

se determinarem a toda a perfeição da regra de S. Domingos, era buscar a sua maior gloria, a que toda a pessoa Religiosa estava obrigada. E quanto ao mundo, já vião com seus olhos, que só com a pequena mudança do primeiro estado, para o de Terceiras, estavão tanto adiante em credito na terra, que lhe tinha edificado hum perfeito Mosteiro. Que seria quando a mesma terra visse, que largando todas as liberdades, e larguezas de Terceiras, se sugeitavão ás maiores austeridades da primeira regra. Não havia que duvidar, senão que toda a nobresa lhes daria suas filhas, e com ellas grossas heranças, para que livres do cuidado de mendigar a sustentação, que muito embaraçava, se entregassem de todo a Deos. Que pois o rigor, em que vivião por sua vontade com nome de Terceiras, não diffiria em nada do que se contava dos mais observantes Mosteiros, injuria se fazião a si mesmas em recusarem o nome do que abraçavão, e executavão com a obra. Não foi necessario á Prioresa estender-se muito, porque nos olhos de todas como em espelhos do coração reluzia alvoroço e alegria, para o que representasse mais asperesa. Concluio-se o Capitulo com ficarem de acordo: que ella, como fizera a primeira mudança, procurasse a segunda, pela via, que melhor pudesse, e com toda a brevidade. Era Dom Alvaro da Costa, não só conselheiro das obras de pedra, e cal, mas muito mais das do espirito. Foi logo chamado da Prioresa, e como o teve na grade, veio ellá com todas as Religiosas; e dando-lhe conta do que tinhão entre si assentado, pedio-lhe em nome de todas, que pois ás suas mãos, e boa industria devião o edificio material da casa, quizesse ficassem tambem devendo o que mais importava, que era o espiritual: tratando com el-Rei, que lhes mandasse vir do Pontifice, e Geral da Ordem as licenças costumadas. Foi a nova recebida com muito gosto pelo bom fidalgo, porque sabia o que el-Rei a havia de estimar, e por isso não tardou em lh'a dar. Entendia el-Rei Dom Manoel por este tempo com grande zelo do serviço de Deos, em fazer reformar todas as Religiões, e acabar de extinguir o que ainda havia de Claustro. E porque em algumas não faltava contradição, agradou-se muito do bom animo da Prioresa, e de suas subditas, e no dia seguinte foi ouvir missa ao Mosteiro, e fallou com a Prioresa, louvou-lhe a determinação, com palavras de muita honra, dizendo que era mui conforme ao conceito, que de sua muita virtude tinha, e ao que ella era obrigada por seu sangue; e estivesse certa, que da sua parte não lhe faltaria nada para o bom effeito, e sempre folgaria de lhe fazer bem, e mercê. Não quiz

a Prioresa perder a boa occasião: pedio a el-Rei, que em quanto tardavão de Roma as licenças, mandasse ao Provincial, fizesse logo vir alguns Religiosos Observantes, para que fossem instruindo, e governando a casa no rigor de suas constituições. Ao que el-Rei respondeu com a mesma benignidade, que onde estava sua prudencia, e zelo de Joanna Correa, não havia necessidade de reformação de fóra, nem outro governo. E por tanto sua vontade era, e assim o mandava, que ella fosse a Mestra, e a Governadora.

Quanto a Prioresa se vio mais honrada, e favorecida d'el-Rei; tanto, como sizuda, desconfiou mais de si. E foi procurando licença do Provincial, para que a Madre Isabel, que no Mosteiro de Nossa Senhora da Saudação de Montemór inda residia, viesse a este do Paraiso, e começasse a fundar a Observancia. Era esta Madre filha do Mosteiro de Jesus d'Aveiro. Sahira com as que forão fundar Santa Anna de Leiria, e depois Montemór, onde de presente era actualmente Prioresa. Despachou o Provincial sua commissão ao Padre Frei Lopo Soares, Prior que era em Evora, para que a fosse buscar. Conta-se por caso prodigioso, que indo com mulas para a trazer cahio tres vezes no caminho, e da ultima com perigo, e dano. Chegou todavia a Montemór. Mas ella não se aballou; e sem tomar agouro dos desastres de quem vinha por ella, escreveo ao Provincial, que onde havia pessoa de tanta religião, e partes como a fama publicava de Joanna Correa, bastava ella para reformar, e inda quando a casa fora muito claustral, quanto mais sabendo-se, que tinha comsigo Religiosas de muita conta. E por tanto lhe mandava as constituições traduzidas em vulgar. Porque só com ler por ellas, não duvidava que seu bom entendimento poria tudo no estado, que convinha.

Dia da Virgem, e Martyr gloriosa Santa Barbara em quatro de Dezembro do anno de 1516 dizem os papeis que temos, que chegou ao Mosteiro o Padre Mestre Frei Jorge Vogado, e mandando tanger a Capitulo, fez pergunta ás Religiosas, se erão contentes de se sugeitar à Observancia, e clausura perpetua, que guardavão as Freiras dos Mosteiros Observantes da Ordem de S. Domingos n'esta Provincia de Portugal: e se vinhão n'isso de boa vontade, livre, e sem constrangimento algum. Responderão todas, e cada huma por si, que a querião, e aceitavão como particular beneficio, e misericordia de Deos. Assinou-lhes logo anno de noviciado, e provação: e sahindo-se para fóra com o Prior Frei Lopo Soares, e

mais Frades que o acompanhavão, fechou por sua mão a porta da regular clausura, em sinal que d'aquelle ponto começava o rigor d'ella, e entregou as chaves á Prioresa. Aqui devemos advertir, que as memorias chamão n'este passo a Frei Jorge Vogado Provincial, não o sendo, nem podendo ser inda então. Porque duravão inda os quatro annos do Padre Frei João de Braga, que foi eleito na entrada do anno de 1513 como fica dito em seu lugar, e não os podia acabar, senão depois de entrado o de 1517. Assim se ha de entender, que foi á diligencia, como Commissario do Provincial, que a isso o devia mandar. Salvo se quizermos dizer, que fez duas distintas diligencias: a primeira como Commissario no anno de 1516 fazendo as perguntas; e a segunda, depois que foi Provincial no anno de 1517 em que foi eleito, assinando-lhes anno de provação. E esta podia ser a causa de se confundirem as memorias: porque na verdade o Breve Apostolico, em cuja virtude este Mosteiro passou á Observancia, que hoje está vivo, foi despachado em 13 de Setembro de 1516 pelo Papa Leão X. E tambem consta, que as noviças fizerão sua profissão a 27 de Junho de 1518 em mãos do Provincial Frei Jorge Vogado, e por esta conta tinhão começado o anno do noviciado n'outro tal dia do de 1517, tempo em que elle servia já o cargo. Ficou em lembrança, que entre as que professarão, houve quatro sobrinhas da Prioresa Joanna Correa.

CAPITULO XIV

De outras particularidades d'este Mosteiro, e de algumas Religiosas, que n'elle houve de grande espirito.

Por occasião do anno, em que o Breve foi passado em Roma, e da diligencia, que por ordem do Provincial se fez com este Mosteiro, contámos por principio de sua antiguidade na Observancia entre os mais da Provincia o mesmo anno de 1516. Pouco depois que as Religiosas professarão, quiz Deos começar a verificar as palavras, com que a Prioresa as persuadia ao santo rigor, trazendo-lhe a casa huma grossa herança. Era Chançarel Mór do Reino o Doutor Ruy da Grã, a quem alem do cargo e boas letras dava authoridade o valor de sua pessoa, Vindo a falecer no anno de 1519, determinou-se sua molher Inez Correa em deixar o mundo, e sem esperar mais que fazer partilhas, e cerrar contas com os herdeiros de seu marido, entrou n'este Mosteiro no mesmo anno,

com tudo o que lhe coube á sua parte, que era muito; fazendo doação perpetua ás Religiosas, e da mão da Prioresa, que era sua irmã, recebeo o santo habito, e n'elle professou, e acabou santamente dous annos depois.

Como a casa foi crescendo em numero de Religiosas, e em mais reputação e renda juntamente, quiz então a Communidade mostrar agradecimento ao muito que se sentia obrigada a Dom Alvaro da Costa; e de seu proprio moto mandou fazer huma escritura publica, pela qual o constituio por seu Padroeiro perpetuo, dando-lhe para jazigo seu e de seus herdeiros a Capella mór, em que hoje se veem sua sepultura e armas. Foi obra muito bem recebida na terra: e El-Rei, que na verdade amava a Dom Alvaro, e cada dia ouvia requerimentos, que lhe fazia em favor das mesmas Religiosas, o estimou e louvou. Tomou Dom Alvaro posse do Padroado em vida, com dar ao Mosteiro huma filha em idade tão tenra, que havia mister ama. Dizem que era de dous annos, e que a deu com tenção de haver de ser Freira, e professar n'elle. Tanto se antecipão os pais em dispor o que só está á conta de Deos. Mas o mais certo he, que foi genero de reconhecimento, e penhor: reconhecimento do Padroado, e penhor com que de novo se obrigava a procurar todo o bem, e augmento da Casa. E foi sinal de o entenderem assim as Religiosas, que entrando a minina, fizerão publica declaração em Capituio, que quando fosse servida chegar a professar, seria sem dote: que n'isto, ainda que cousa de pouca consideração, querião mostrar a lembrança, com que vivião, do muito que estavam devendo a seu pai. Mas havião-no com homem, que se não deixava vencer em cortezia: porque nunca se dissesse, que se valia do titulo de Padroeiro para poupar fazenda. No mesmo dia, que a minina entrou, mandou á Prioresa duzentos mil réis em dinheiro, e doação de um casal de dois moios de renda: e pelo tempo em diante, alem de esmolas quasi quotidianas, que lhe fazia, ficou em lembrança, que fez doação ao Mosteiro de huma horta, e dez mil réis de renda em dous padrões.

No anno de 1532 tomou D. Alvaro posse da sua Capella por differente via: e foi enterrando n'ella hum filho, que muito amava, que servia ao Cardeal Infante Dom Affonso de seu Camareiro Mór. Está recolhido em hum archete na parede da Capella da parte do Evangelho, com huma letra que diz: Sepultura de Dom Manoel da Costa, Camareiro do Cardeal Infante Dom Affonso, e filho de Dom Alvaro da Costa. Faleceo

em Junho de 1532. Da banda da Epistola tomou para si o pai seu lugar ainda em vida, que mandou sinalar com huma letra latina, que diz assim: *Dom. Alvarus Costa hujus sedis Patronus sibi, et suis vivus posuit.* 1535. He a significação: Dom Alvaro da Costa, Padroeiro d'esta Casa, ordenou em sua vida este jasigo para si, e seus successores, no anno de 1535. No baixo da Capella parecem duas campas grandes, com letras breves, que só declarão, huma o nome do filho mais velho, que foi Dom Duarte da Costa; outra do neto Dom Francisco da Costa, que faleceo em Africa, sendo Embaixador dos Reis de Portugal Dom Henrique, e Dom Philippe na Corte de Xarife.

Em 22 de Agosto d'este anno de 1532. achamos que se foi para o Ceo a Madre Joanna Correa a lograr em descanço os premios do muito, que tinha trabalhado. E bem merece fazermos lembrança de sua morte; pois temos visto, no que fica escrito, quam bem soube empregar a vida. O certo he, que com suas admoestações santas, e por seu meio passou de Congregação de molheres seculares a Mosteiro perfeito: e depois com seu exemplo, e bom governo subio a grande grão de espirito, e a entender-se pela terra, que merecia por obras de virtude o titulo de Paraiso, que tinha em nome, e por communicação da Santa Imagem, que dissemos. E teve o Ceo cuidado de o manifestar em muitas Religiosas, assim do seu tempo, como dos annos adiante, com mercês e favores espirituaes admiraveis, dos quaes o mesmo Senhor do Ceo, que os dava, quiz, que muitos viessem a publico por mais cautellas que sabia usar, para os encubrir, a humildade religiosa, e santa das que os recebião. D'elles diremos alguns para gloria de Deos e honra da Casa, que averiguamos com boa diligencia, por relações de Madres, não só graves e prudentes: mas em religião, e virtude muito acreditadas. Mas antes de entrarmos n'esta materia, será bem fazermos memoria da Madre Soror Margarida d'Annunciação, que por sobrinha da Prioresa Joanna Correa, e creada em sua doutrina, foi eleita por seu falecimento no mesmo cargo: Esta Madre foi huma das que a tia recolheo comsigo quando começou a Terceira Regra, como atraz contámos, e se chamava então Margarida da Grãa: e sahiu tão boa mestra como ella, do governo espiritual e temporal, como tal foi prelada muitos annos.

De duas Religiosas me obrigão a fazer relação as memorias, que tenho d'este Mosteiro: porque dizem d'ellas em geral, sem apontar particularidades, que fazião na terra vida de Anjos. Chamava-se a mais antiga

Soror Catharina Serrãa, e passara-se para elle do Recolhimento de Santa Martha, de que ao diante havemos de tratar. Porque tambem professou a terceira Ordem de S. Domingos, e depois recebeo a primeira. A causa que teve para deixar Santa Martha foi, que a chamou a Madre Joanna Correa no ponto que introduzio no Paraiso a Terceira Regra. Porque era velha, e a quiz para Porteira. Da outra não ficou o nome: mas conta-se, que fez tamanha instancia por ser admittida ao habito, depois que n'esta Casa se professou a Observancia. que continuou alguns annos no requerimento, e chegou a ter palavra da Prioresa Joanna Correa, que havendo lugar a receberia. E porque em seu tempo o não houve, foi tanto o fervor com que apertou a successora, acudindo cada dia pessoalmente ao Mosteiro com lagrimas e lastimas, que obrigadas as Religiosas de compaixão forão hum dia juntas á Prelada, e lhe pedirão por honra das Chagas de Christo, representadas em hum devoto Crucifixo, que levavão comsigo por intercessor, que a consolasse: e assim foi recebida.

Por mais antiga na idade entre todas as que professarão a terceira Regra em tempo da Madre Mecia Martins, he contada a Madre Soror Mayor d'Assumpção, cujo nome era Mór d'Aguiar; e dizem que se tinha criado no Recolhimento desde idade de quatro annos: esta Madre perdida a memoria de tudo o que era mundo, assim andava unida com Deos por amor e santos exercicios, que só com elle era todo o seu trato. Foi cousa succedida a olhos de toda a Communidade, que estando hum dia junta em oração, appareceo Soror Mayor cuberta de estrellas, como reverberação das luzes, que abrazavão e allumiavão sua alma. Mas permittia o Senhor alternarem-se este, e outros mimos do Ceo com bravas perseguições do inferno, que a toda a hora a trazião acoçada e desconsolada. Porque, ainda que não temia fantasmas, dava-lhe pena (segundo dizia) e perturbação a vista continua de quem era inimigo de seu esposo suavissimo, e dignissimo de ser servido de toda criatura.

CAPITULO XV

Das Madres Soror Maria da Resurreição, Soror Elena da Cruz, Soror Antonia de Santo Thomás, e Soror Margarida de S. Pedro.

A primeira filha, que esta casa teve, depois que se entregou á Observancia, foi a Madre Maria da Resurreição, e foi verdadeiramente filha

de benção. Porque soube tomar o leite d'aquella criação das Madres antigas, de maneira que se via n'ella hum retrato d'ellas. Louva-se n'esta Madre huma rara promptidão, e diligencia para todo o serviço, que lhe era encommendado da Communidade, junta com alegria, e gosto de servir (cousa que dá dobrado valor ao que se faz) e o que mais he de estimar, depois de servir todo o dia, e parte da noite nos officios de Martha, sempre achava horas para os de Maria. Dava-se toda á oração, e n'ella levantava o Senhor sua alma a hum estado de contemplação, tão alto, que se conta por maravilha, que quem n'este tempo a via, fazia juizo de ver huma estatua de marmore, mais que a criatura viva. E se não fora, que em tal conjunção estillavão seus olhos lagrimas, que pelo rosto lhe fazião rios, e o peito despedia de quando em quando sentidos, e amorosos suspiros, parecia já tresladada d'este mundo inferior ás moradas celestiaes. Era particular devota da Virgem Mãi de Deos. Tinha huma imagem sua em hum pequeno oratorio, que em seu leito pobremente compuzera. Alli era o estar prostrada em oração a mór parte da noite, alli o desfazer-se em amores, e braudura com a Sagrada Virgem, que arrematava com sentimento de a não poder servir com vestidos ricos, e joias de preço: porque era pobre de espirito, e obra. Algumas vezes foi ouvida n'estes colloquios, e erão suas palavras taes: Minha Senhora, la nos Ceos sois muita rica, e acompanhada de muitas grandezas; em fim lá reinaes, aqui n'este cantinho estaes mal agasalhada, pobre com pobres, e tão pobre, como no mundo sempre fostes. Se as obras houverão de seguir a vontade, pouco era todo o ouro da Arabia, e a pedraria do Oriente para empregar em vosso serviço. Recebei Senhora, este animo em lugar do poder, que me falta, e recebei por atavio as lembranças da Paixão de meu Senhor Jesu Christo, vosso filho, com as de vossa vida santissima, que n'este rosario vos offereço. Temos tão bom Deos, que das almas singelas, e puras, aceita por obra, e serviço qualquer bom desejo. Assim aconteceo a esta Religiosa: porque andando o tempo, como se tivera revelação, dizia com grande confiança a todas as que a querião ouvir, que ainda havião de ver aquella sua imagem, que tão pobresinha estava, muito rica, e muito venerada. Não se fazia caso das palavras; sem embargo, que muito as acreditava a virtude de quem as dizia. Porque se ajuntou, verem logo sua morte, sem apparecer o cumprimento d'ellas. Mas o tempo as veio a verificar em tudo, e por estranha maneira. Entrou huma Prioresa com animo, e possibilidade de

fazer obras: e ordenando huma muito importante, que foi casa de enfermaria com sua capella para se celebrar n'ella, quando o pedisse a necessidade, mandou pôr no altar a imagem, que fora da Madre Soror Maria, com titulo do Santo Rosario, e tratou com as Madres, que lhe ordenassem Confraria com todos os requisitos de Mordomas, e mais officiaes, e a seu tempo lhe fizessem sua festa. Assim virão todas com admiração começado a cumprir o dito, que lembrava da defunta: porque apoz a veneração, começou a ser servida de vestidos, e toucados ricos, que cada huma lhe buscava. Porém logo sobreveio (caso maravilhoso) que fez do dito, verdadeira profecia. Era principio de Outubro, celebravão a primeira festa do Rosario, depois da collocação da imagem, quando succedeo que huma Religiosa sugeita a accidentes de Opilencia, e conhecida por devota da Senhora, passando pela varanda, que cae sobre o claustro, foi salteada de hum tão impetuoso, que a levou em tombos pela varanda fóra, que ainda estava sem grades, nem parapeito, e foi cair de cabeça sobre hum monte de pedras no meio do claustro. Ao estrondo da queda acudirão algumas Religiosas julgando o que podia ser, com o nome de Nossa Senhora do Rosario na boca, em altas vozes. Estava como morta, sem sentido, toda ensanguentada, e pisada, e a cabeça aberta de muitas feridas. Gritão de novo pela Senhora do Rosario, e levão a doente com lagrimas ao seu altar da enfermaria, para d'all lhe darem sepultura. Comtudo decerão a Santa Imagem, e rezando-lhe algumas antifonas, forão tocando com ella os membros feridos. Aqui deu primeiro sinal de estar ainda com vida; abrindo os olhos. Forão logo chamados Medicos, e Cirurgiões: mas não houve nenhum, que julgasse poderia viver. Antes havião por milagre não arrebentar, e morrer logo, considerada a altura da varanda, que passava de dez braças, e o estado mortal do accidente em que a tomara a queda; em fim assentarão ser tempo perdido tratar de cura, nem meios humanos, vista a contusão geral de todos os membros, e as muitas, e grandes feridas da cabeça. Espertou-se a devoção das Religiosas com as tristes novas, e desesperação dos Medicos, e confiando mais na Senhora, quando elles mais desconfiavão, fizerão lhe curar as feridas, e applicar todos os remedios da fisica. Em fim a que davão por morta, tornou em si, e com claro e evidente milagre, teve perfeita saude. Que foi causa, que d'este dia em diante cresceo no Mosteiro a veneração da Santa Imagem, e passando a fama á cidade erão buscados seus vestidos, e pedido o azeite de sua

alampada, que he perpetuo no seu altar, para todo genero de doença: e são grandes as maravilhas, que se tem visto.

D'esta Madre era sobrinha, e discipula, e muito imitadora em tudo a Madre Soror Elena da Cruz; e por isso amada com extremos de toda a Communidade; sendo grandes as mortificações e penitencias, que usava. A que mais fazia pasmar a todas as Religiosas, era huma continuação incansavel de estar de joelhos na oração, que em fim lhe foi causa de grande mal na saude. Porque para poder aturar a penitencia, tomava por alivio debruçar-se, e descançar sobre os braços, e d'aqui mortificar-se-lhe hum d'elles, e chegal-a ás portas da morte. Mas n'este estado acudio toda a Communidade a Deos com efficacia de orações, acompanhadas de disciplinas, e jejuns: e estas alcançarão, que como outro Ezequias, teve aviso do Ceo da sentença de morte revogada, differente sómente em que aquelle foi publico, este interior, e secreto: aquelle de quinze annos de mais vida, este de hum só. Não desejava Soror Elena vida, que tal era o trabalho da sua, que acabal-a lhe fora descanço, e tal a innocencia d'ella, que não tinha que temer o fim. Sofreo a sentença mais por comprazer a outrem, que por gosto proprio. E vio-se isto bem nos empregos, com que passou o praso inteiro. Affirma-se, que nunca ninguem em todo elle a vio rir, nem quasi fallar, senão com Deos. Com elle era todo seu trato, para elle só fazia conta, que vivia. Até que cumprido o termo, como tinha declarado ás Madres, que foi por hum dia de Corpus Christi, veio a espirar ao tempo, que a procissão da festa começava a sahir da Sé acompanhando o Senhor com melodia de vozes, musica de ministris, e repiques de sinos, que tudo soava no aposento da defunta (como o Mosteiro he tão visinho) e tudo parecia convidal-a, para tambem o acompanhar, e seguir.

Antonia Privizim se chamava no mundo a Madre Soror Antonia de Santo Thomás. Deixou o nome da geração pelo do Angelico Doutor, com quem tinha especial devoção. E considerando o muito, a que a obrigava tal nome, procurou imitar o Santo em suas grandes excellencias, e mais particularmente no amor da oração. N'esta trazia a alma perpetuamente, e em todo lugar, e hora occupada. E para andar com mais promptidão, sobre muitos outros generos de penitencias, trazia, e trouxe toda a vida hum cruel, e desacostumado cilicio. Não apontão as memorias a qualidade d'elle: só ajuntão depois de grandes encarecimentos, que era tal, que a mesma que o trazia, se receiou de vãagloria, ainda que depois de morta. Vendo que

acabava, chamou huma amiga, entregou-lh'o, e pedio-lhe, para como peça dada em testamento, e sinal de amor o estimasse; e com o segredo de amiga o não descubrisse, nem mostrasse a ninguem. Todavia foi visto com espanto, e o cuidado da defunta ouvido com edificação.

Louvarão-se na Madre Soror Margarida de S. Pedro os meios por onde chegou a receber o santo habito. Parece que se lhe offerecião no mundo contrariedades. Determinou-se em jejuar algumas Quaresmas a pão, e agoa e juatamdnte tomar por intercessor ao Apostolo S. Pedro, pedindo-lhe, que assim como tem á sua conta as portas do Paraiso celestial; assim fosse meio, e valia de se lhe abrirem as d'este da terra: e perseverando muitos annos em sua petição, em fim alcançou o despacho que desejava; e em reconhecimento ficou-se com o nome do Santo. Era muito entrada em dias, quando entrou na Ordem, que esse devia ser o inconveniente porque não era admittida, parecendo ás Religiosas, que entrava para ser servida, mais que para servir. Mas mostrou-lhes Deos, que nenhuma razão ha, que baste para se cerrarem as portas da Religião, a quem bate com bom espirito. Chegou a viver cem annos trabalhando, servindo, e fazendo grandes penitencias, e tanto adiantou nos caminhos da virtude, que as doentes da casa achavão em suas mãos remedio contra as enfermidades, e nas orações valia para com Deos contra todos os trabalhos da alma, e do corpo.

CAPITULO XVI

Das Madres Soror Joanna de S. Domingos, Soror Joanna do Presepio, e Soror Magdalena do Sepulchro; e de algumas particularidades mais d'esta Casa.

Temos que dizer de duas Joannas, ambas muito nobres quanto aos estilos da terra; mas muito mais nobres nos estilos do Ceo. Chamava-se a primeira no mundo Dona Joanna de Sepulveda. Tanto que o deixou, e se vio no habito de S. Domingos, assim como se contentou do habito, quiz tambem o nome; chamou-se Joanna de S. Domingos. E conhecendo o muito a que se obrigava com tal nome, apostou-se a imitar e seguir o Santo Patriarcha com toda a pontualidade possivel, nos jejuns, nas vigilias, nas disciplinas de sangue e até no cilicio de ferro. Sobre tudo era grandemente afervorada na oração; e n'ella recebia do Senhor piedoso notaveis favores, e taes, que seus Confessores, a quem só os communi-

cava com medo das illusões do inimigo infernal, se maravilhavão do espirito, e engrandecião com louvores as Misericordias Divinas. He toda a Religião verdadeiro deserto para as almas, que com determinação a buscão, e não só deserto; mas se nos entendemos, enterro, e sepultura dos vivos. Este deserto determinou Soror Joanna estreitar por novo modo: lembrando-se, que o grande seguidor do ermo, de quem tambem tinha o nome, S. João Bautista, de sete annos se embrenhara, fugira do povoado, e deixara os pais. De tal maneira se apartou de todas as criaturas, que até com as Freiras, entre quem vivia das portas adentro, se havia como estranha, e com seus pais e parentes tinha tão pouco commercio, que só para os encommendar a Deos lhe sabia o nome. Não os via, nem queria nada d'elles, dizendo com S. Francisco: *Deus meus omnia.* Como se dissera: Nada hei mister, nada me falta, porque tenho a Deos, e com elle tenho tudo. Assim recebeo a morte, quando lhe chegou seu prazo, com alegria de quem sahia de aspera prisão, para gosar liberdade.

Da outra Religiosa era o nome Dona Joanna da Silva na vida de secular. Tanto que esta deixou pela Religião, trocou tambem o apellido faustoso com aquelle, que a mais humildade pudesse obrigar. Chamou-se Joanna do Presepio. Assim montou muito n'esta virtude, e pela mesma na do amor de Deos. Pela humildade se julgava pela mais defeituosa em tudo de quantas havia em casa. E parecendo-lhe que merecia o castigo, que lhe não davão, condenava-se a crueis mortificações de jejuns de pão e agoa, e fortes disciplinas. Pelo amor era toda sua deleitação buscar o Divino Esposo orando, e contemplando: e para não haver cousa, que lhe estorvasse este bem, determinou-se, como a outra Joanna, de quem acabámos de contar, seguir tambem vida solitaria. Mas ha mister muito de Deos, quem se atreve a estar sempre só. Temos inimigo, que a toda a hora anda, como Leão faminto, bramindo, e dando voltas por fazer preza, e tragar almas; muito ardiloso, e sabio pelo que foi, muito máo, e temeroso pelo que he: e sempre faz mais força, onde acha menos companhia. Estava Soror Joanna hum dia toda entregue aos amores divinos, esperando aquella hora, de que o devoto Bernardo se queixava, que vem poucas vezes, e quando vem, não dura; que isto nos quiz significar nas duas palavras: *Rara hora, et brevis mora.* Abrasa-se Lucifer de raiva, quiz inquietar o aparelho, se não estorvasse o favor. Era o lugar só, põe-se-lhe diante com huma espada nua nas mãos, e corre-lh'a

pelos olhos: para huma mulher pasmar de medo, bastava ver espada nua, que seria vel-a sobre os olhos, e a fealdade de quem a esgremia: ficou tão pouco espantada, como se lhe afuzilara na vista hum raio das nuvens; mas caindo, que era obra do tentador, não desistio da Oração. Outra vez ficou-se no Coro, recolhida a Communidade, e começou huma disciplina das suas, que isto basta para se entender o rigor. Eis que cuidando estar muito só, descobre a hum canto hum vulto de Freira: e vê, que começa a esgrimir huma disciplina com tanto impeto, e estrondo, que não duvidava seria ouvida por todo o Mosteiro. Ficou sentida e temerosa de poderem acudir as Freiras, e pareceo-lhe advertil-a com charidade. Foi-se para ella, e a poucos passos desappareceo o vulto, disciplina, e rumor, que era tudo fantastico, e obra do Diabo, para a perturbar. Tal foi a vida de Soror Joanna, e não foi differente a morte, porque soube a hora d'ella, e tanto ao certo, que andando em pé, sãa e bem, pedio hum dia licença á Prelada para se ir á enfermaria, não para se curar, senão para morrer. Foi, pedio os Sacramentos, e repousou no Senhor.

A Madre Soror Magdalena do Sepulchro deixou n'esta Casa grande nome de penitente, e grande amadora do Divino Esposo: quiz parecer-se n'estas partes com a Santa do seu nome. Mas não são as naturezas d'este tempo para aturar tanto trabalho, como as antigas. Descuidou-se da saude corporal, obrigada do espirito: deu brevemente em tisica. Na doença padeceo hum purgatorio de immensos trabalhos, que acrescentava com não poder acabar comsigo largar as obrigações e rigores da Religião, em quanto o mal lhe permittia.

Razão he ficarem em memoria n'este lugar os nomes de tres Religiosas, que d'esta Casa forão fundar a Observancia na de Santa Martha da mesma cidade, que de muitos annos atraz guardava já a Terceira Regra de N. P. S. Domingos: como adiante diremos. Forão Soror Violante d'Assumpção, Soror Joanna de Christo e Soror Antonia de Santo Thomas. As duas primeiras forão n'ella Prioresas, huma atraz outra, e depois se tornarão para a sua. Muitas outras Madres tiverão aqui grande reputação, e nome de virtude: mas como se não contão casos particulares, pareceo-nos pouco conveniente fazer historia de virtudes ordinarias, inda que muito abalizadas.

Contão estas Madres famosos milagres da Santa Imagem, que deu nome ao Mosteiro, como atraz apontámos. A ella referem, ficarem livres de todo o mal na grande peste dos annos de 1579, e de 1598 até 600,

que em Evora fez horrivel estrago. Tambem foi caso maravilhoso, que pegando-se fogo no altar, onde a Santa Imagem tem seu assento, por occasião de hum rollo, que ficou junto d'elle ardendo por descuido; e abrazando todos os paramentos, e quanto n'elle havia, com tanta furia, que por elles subio até pegar no tecto: só na Santa Imagem não tocou; sendo assim, que estava no meio do Altar, tinha vestido saio, vasquinha e manto de varias sedas, e toucada uma toalhina de rede fina sobre cabellos soltos. E mostrou ser verdadeiro milagre em veneração d'ella: porque queimando quanto á roda havia, lhe deixou sinalada, e crestada uma borda do manto na guarnição d'elle, como acenando, que sua natural violencia não perdoara a nenhuma cousa, do que tinha diante; senão fora de maior poder mandado, e forçado respeitar, a quem fazia representação da Rainha do Ceo.

Outra imagem ha n'esta Casa, em que todas as Religiosas tem muita devoção: hé da gloriosa Santa Anna. Affirmão, terem recebido por seu meio grandes misericordias do Senhor em casos de apertadas necessidades. Na Igreja tem Capella o Martyr S. Braz, por occasião de varios milagres certos, e provados em esquinencias, e outros males de garganta. O Mosteiro não tem grande renda. Comtudo sustentava setenta e seis Religiosas, entre Freiras do Coro, Noviças, e Leigas, quando isto escreviamos.

CAPITULO XVII

Fundação do Collegio de Santo Thomas de Coimbra.

Como todos os Principes d'este reino, que entenderão no descobrimento das terras não conhecidas da costa d'Africa, desd'o primeiro que os começou, que foi o glorioso Infante Dom Henrique filho de El-Rei Dom João I, tiverão por fim principal de tanto cuidado, e gasto seu, de tanto risco e trabalho dos Portuguezes a dilatação da Fé, e nome de Jesu Christo. Vindo o felicissimo Rei Dom Manoel a succeder n'esta coroa, e vendo-se obedecido, não só das provincias barbaras e feras de Ethiopia Occidental, em que seus antecessores tinhão trabalhado; mas senhor poucos annos depois de muitas terras das mais celebres, e mais opulentas da India e Oriente, com navegação e commercio livre da Persia e Arabia, lembrou-se, que convinha tratar dos meios necessarios para se effectuar a conversão d'aquella gentilidade, quanto de sua parte fosse possivel. Nos primeiros annos, em quanto os animos estavão alterados e inquietos com a novidade e

força das armas portuguezas, com que hião fundando colonias, e segurando-as com fortalezas, era o tempo mal acommodado, para se pôrem em pratica materias de Fé e Religião: que não diz bem ferro e fogo com a brandura e piedade da doutrina Evangelica. E com tudo, já então hia El-Rei mandando nas armadas de cada anno alguns Religiosos de S. Domingos e S. Francisco, como adiante em seu lugar contaremos, para que assistindo na administração dos Sacramentos á nossa gente, fossem de caminho tentando os animos gentilicos, procurando domestical-os, e dispol-os para abrirem as portas d'alma á luz da Fé. Correndo os annos adiante, como quem já traçava o que El-Rei Dom João seu filho depois executou, que foi mandar que fossem as Religiões acompanhar com Conventos e Communidades formadas as povoações, que hião crescendo em numero, e moradores por toda a Costa da India, e começassem a entender de assento na prégação e dilatação da Fé, determinou fundar hum Collegio, que fosse como seminario de letras e letrados com leis e estatutos encaminhados, não só á perfeição de sciencia, mas tambem de virtude, que são as duas partes, que convêm achar-se em todo o Prégador Evangelico. Havendo de ser o sitio em huma das Religiões, que havia no Reino, escolheo aquella, que já pela Igreja Sagrada possuia o titulo de Ordem de Prégadores, e o Convento quiz que fosse o de Lisboa. O numero, que não passasse de vinte sugeitos: porque como havia de ser seminario perpetuo, sahindo huns e entrando successivamente outros, era bastante para em poucos annos se criarem muitos. Foi declaração, que serião quatorze Frades Dominicos e seis da Ordem de S. Jeronymo, o Reitor sempre Dominico, e eleito pelos Collegiaes, e confirmado pelo Provincial de S. Domingos; o tempo de seu governo dous annos. Para sustentação sinallou da fazenda real cento e trinta mil réis em dinheiro, vinte moios de trigo e vinte pipas de vinho. Assentado tudo com authoridade Apostolica, que passou o Papa Leão X, mandou que começasse a correr, e abrir porta de estudo em vinte oito de Janeiro do anno de 1517. Dia em que na Ordem celebramos a trasladação do Angelico Doutor Santo Thomas de Aquino, cujo titulo tomou. Sendo a tenção d'El-Rei Dom Manoel, a que temos dito na fundação d'este Collegio, não encontra o que nos deixou escripto na Chronica geral da Ordem o Padre Fr. João de la Cruz (1): affirmando, que foi genero de satisfação, que quiz dar á Religião de S. Domingos pela arrebatada determinação com que mandou queimar os

(2) No liv. 2. cap. 19.

dous Religiosos, que forão autores da mortandade dos Christãos novos do anno de 1506.

Correo este Collegio e seu estudo alguns annos em Lisboa, e não he pequena honra sua criar-se e estudar n'elle o grande Arcebispo de Braga Dom Frei Bartholameu dos Martyres, e aqui o achamos nomeado com apellido do Valle, como em outra parte escrevemos (1). E sahio tão bom discipulo, que acabando seus annos de Theologia, foi mandado ler hum curso de artes e philosophia na mesma Casa, e pela mesma obrigação do Collegio: permaneira, que n'elle foi discipulo e mestre.

Passados vinte e hum annos da fundação no de 1538, no Capitulo que se fez em Lisboa por Setembro, em que acabou o Padre Frei Amador Henriques, e entrou eleito o Padre Frei Mendo de Estremoz, que no anno seguinte foi mandado absolver pelo Capitulo geral, se assentou passar-se este Collegio ao Convento da Batalha: e para que a mudança começasse com bem estreados principios, foi nomeado para Leitor d'elle em outro curso de artes o mesmo Padre Frei Bartholameu.

No Convento da Batalha residio o Collegio até Outubro do anno de 1539. E no mesmo mez se passou para Coimbra, havendo já alguns annos, que El-Rei D. João III tresladara para a mesma cidade a Universidade, que em Lisboa tinha seu assento, reformando-a com homens insignes em todas as sciencias, que chamou das Universidades da Christandade obrigados com grossos partidos, e esperanças de maiores mercês, obra, que por todas as idades lhe renderá immortaes louvores. Esta passagem do nosso Collegio para Coimbra testemunha o Padre Frei Manoel de Sousa, que n'elle foi Reitor muitas vezes, e fez algumas memorias de estima por hum assinado seu, que anda no rosto do livro, em que se recebem, e apontão os collegiaes, que entrão e diz assim: Aos dezaseis de Outubro de 1539 chegou, e esteve o nosso Collegio de Santo Thomas com o Padre Reitor d'elle Frei Lopo de Santarem, Collegio e estudo formado, e numero perfeito de collegiaes n'esta cidade de Coimbra, e por constar authenticamente fiz, e assignei este em 16 de Janeiro de 1595.

Depois que temos averiguado as mudanças, que fez o Collegio em terras, e os tempos em que as fez, parece razão, que façamos memoria dos primeiros sugeitos com que começou no mesmo anno de 1517 em que El-Rei Dom Manoel mandou, que se desse principio ao estudo. Nomeal-os-hemos pela mesma ordem, que estão lançados nas lembranças

(1) Na vida do Arcebispo, liv. 1. cap. 4.

antigas, e são os seguintes: Frei Mendo de Estremoz, Frei Lopo de Santarem, Frei Antonio de Coimbra, Frei Affonso Madail, Frei Jorge de Setubal, Frei Diogo de Oliveira, Frei Luis de Portel, Frei João Bispo, Frei Diogo Fragoso, Frei Jorge Mendes, Frei Thomas de Mattos, Frei Duarte de Leiria, Frei Rodrigo Peixe, Frei Affonso de Palmella. Estes são os quatorze Dominicos. Mas dos seis Monges de S. Jeronymo não achámos memoria. Devião considerar seus Prelados o inconveniente que era irem estudar em casa alhea, differente em regra, em leis e em habito, podendo fazer escola entre si.

CAPITULO XVIII

Em que se dá conta da fabrica e forma do material do Collegio, e do tempo que esteve suspenso, e como tornou a correr o estudo n'elle.

Passado o Collegio a Coimbra no anno de 1539 como temos obrigação de crer, visto o assento atraz referido do Padre Frei Manoel de Sousa, que devia especular com juizo os fundamentos com que o fez, fica pelo conseguinte entendido, que a morada dos collegiaes seria então no Convento velho, pois não tinhão outra. O que não faz pequena difficuldade contra o assento do Padre Frei Manoel. Mas dado, que se apertassem os conventuaes ou despejassem alguns, recresce outra duvida, que he sabermos, que já então se vivia no Convento com grande risco, respeito das enchentes do Mondego, que foi a causa de se pedir a El-Rei Dom João licença para se tresladar a melhor sitio. E bem sabemos, que desd'o anno de 1546 em diante, que o Geral Frei Francisco Romeu consentio na mudança, como em outra parte apontámos (1), se começou logo a derribar. Por onde foi força cessarem os estudos. E quanto a elles ficou o Collegio despovado muitos annos, que pelo menos forão vinte, contados desde 1546 quando o Geral deu a licença para se poder transferir o Convento velho, até o de 1566, tempo em que o Collegio novo estava já em estado de agasalhar gente. Por maneira, que sendo Frei Lopo de Santarem primeiro Reitor em Coimbra com numero perfeito de collegiaes no anno de 1539, e succedendo-lhe passados dous annos de seu governo, o Padre Frei Martinho de Ledesma, que era vindo de Castella para Cathedratico de Theologia da Universidade: ficamos assentando, que não houve mais companhia de collegiaes, nem estudo, que em quanto o Con-

(1) Na Part. 1. liv. 3. cap. 4.

vento velho, que os agasalhava esteve em pé; e tanto que se começou a derribar, cessou tambem o estudo.

A obra material do Collegio, como em outra parte apontámos, tomou á sua conta o bom Padre e Cathedratico Frei Martinho de Ledesma. Era a despeza grande, e faltava gasalhado para os estudantes. Obrigou tudo a suspender o estudo, e empregar cuidado e renda em levantar paredes e fazer morada. Escolheo-se o sitio na rua de Santa Sofia, menos máo que o do Convento velho; mas tambem alagadiço, e pela mesma razão enfermo. Tomarão-se da rua oitenta braças em comprimento contra a porta do Arnado para Convento novo e Collegio. Parte se comprou a particulares: parte derão voluntariamente com boa graça seus donos, que erão os Religiosos do famoso Mosteiro de Santa Cruz, Conegos Regulares, e a Camara da cidade. Foi a partilha de trinta e cinco braças, para assento do Collegio, e as mais para o Convento novo.

Começou-se a trabalhar tanto que chegou a licença de Roma. Achamos assentos do Padre Frei Martinho feitos com officiaes de cantaria, e outros de que se mostra o que dizemos. He hum do portal da portaria, que hum Pero Luis Pedreiro se obrigou a fazer pôr preço de quarenta mil réis no anno de 1547. Outro de João Luis Mestre de cantaria, que tomou de empreitada a obra do Claustro em quantia de quatrocentos e quarenta mil réis; e depois de começada se chamou ao engano, sobre que houve litigios e desgostos, e emfim se deu a obra a outro.

Ficou o Collegio em sua quantidade em mui boa forma, airoso e mui bem assombrado: com suas officinas, e tudo o mais bastante para o numero da gente, que havia de agasalhar: sua cerca grande contra o rio, que serve de horta e recreação. A Igreja, porque foi tenção que havia de servir igualmente ao Convento novo, em quanto se não fazia outra, lançou-se entre huma e outra casa, mas pequena e segundo a proporção do Collegio, cuja era.

Quando o edificio chegou a estado de se poder habitar, que foi aos vinte annos depois de começado, e depois de correr já o de 1566, succedeo achar-se n'este Reino o Reverendissimo Geral Justiniano, o qual vendo a obra feita, e sabendo que de annos atraz estava o estudo suspenso, nomeou auctoritate Apostolica Reitor e collegiaes, como parece da patente do mesmo Reverendissimo, que anda ao pé dos estatutos reformados. D'este tempo ficou em memoria, que o titulo e honra do Collegio obrigou a muitos Padres de estudos acabados a pertenderem entrar

n'elle como então fizerão: e só achamos, que foi entre elles por favor admittido hum Irmão moço, que era o mesmo que depois de oitenta annos de idade enterrámos n'este Convento de Bemfica, quando isto escreviamos. Digo, o Padre Mestre Frei João de Valadares, e o favor lhe fizerão os Padres da Provincia: porque não usasse de huma licença, que o Reverendissimo lhe tinha deixado, para poder ir estudar fóra do Reino. Era costume então nomearem os Provinciaes os sugeitos, que havião de estudar no Collegio: costume, que inda durou até o anno de 1571, no qual se começou a praticar o que os estatutos apontão, de se darem os lugares do Collegio por eleição dos Conventos, para gosarem todos da honra, tendo filhos de habilidade e partes. E n'este ponto ficárão os Conventos de Lisboa, Batalha e Coimbra, com a ventagem de poderem propor cada hum dous filhos. Os mais Conventos hum só por cada casa.

CAPITULO XIX

Dá-se conta como el-Rei Dom João, antes de acabada a obra do Collegio, mandou reformar os estatutos d'el-Rei Dom Manoel: e da grande Religião, que n'elle se guardou sempre.

Como el-Rei Dom Manoel foi author d'este Collegio, e o que lhe ordenou a sustentação e renda, tambem lhe deu suas leis, e estatutos para se governar, segundo então pareceo acertado, e conveniente. Mas o tempo, que em tudo faz mudança, foi mostrando, que havia n'ellas muitas particularidades dignas de reformação. Pelo que el-Rei Dom João seu filho, entrando o anno de 1550 em que a obra de pedra, e cal já procedia com cuidado, escreveo ao Provincial, que então era o Mestre Frei Francisco de Bovadilha, que os visse, e emendasse: e vindo depois a Coimbra no mesmo anno lhe commeteo o mesmo cargo com mais formalidade por hum Alvará feito na mesma cidade, cujo treslado he o seguinte.

Eu el-Rei, faço saber a vós Frei Francisco de Bovadilha, Provincial da Ordem de S. Domingos, que por virtude do Breve, que tenho do Santo Padre, para poder mandar ordenar, e fazer Estatutos, e cousas do Collegio da dita Ordem, que está nesta Cidade de Coimbra, como me bem parecer: Hey por bem, e me praz, que vós ordeneis, e façais novos Estatu-

tos no dito Collegio, e aproveis os que agora são feitos, ou os revogueis, e declareis, e acrescenteis, como vos parecer que convem ao dito Collegio, e á boa governança, e regimento delle; porque assim o hey por bem E depois de os terdes feitos, e ordenados, como vos parecer, mos mostrareis pera os ver. E este cumprireis, posto que não passe pela Chancellaria, sem embargo da Ordenação em contrario. João de Castilho o fez na Cidade de Coimbra a dezanove de Novembro de 1550.

Por virtude d'esta commissão tomou o Provincial entre mãos os estatutos primeiros, e trocando muitas cousas com bom conselho, ficarão reduzidos á fórma, que de presente tem; salvo no que toca ao tempo do governo dos Reitores: porque dispondo os antigos, que não fosse mais que dous annos, elle acrescentou hum, e deu-lhe tres. E todavia, o que hoje se pratica, e corre, he, governarem sómente dous annos. Tambem emendou a residencia dos collegiaes, que as leis primeiras estendião até sete annos; e elle a encurtou, e reduzio a quatro, que parece tempo bastante.

Esta reformação de estatutos confirmou dezaseis annos depois o Geral Justiniano, quando veio a este Reino, por sua patente, que despachou no nosso Convente do Porto em sete de Novembro de 1566, referendada pelo Mestre Frei Serafino Cabelli, que então era Provincial da Terra-Santa; e d'este anno em diante atégora, que passão já de sessenta, esteve sempre povoado das melhores habilidades da Ordem, que estudando n'elle, tanto virtude, e religião, como letras, derão pelo tempo em diante celebres, e abalizados varões em huma cousa, e outra; e com as mesmas partes o honrarão. Porque huns lerão longos annos na Ordem; e depois na mesma Universidade vierão a ser Cathedraticos de grande nome. Outros forão, e são hoje insignes no pulpito, e doutrina, como testemunhão seus escritos, que andão pelo mundo com louvor espalhados, já latinos, já na propria lingoagem da patria, feitos communs a todos, já traduzidos pelos estrangeiros, não só em huma, mas em muitas lingoas. Outros merecerão subir aos lugares mais altos do Reino, de Tribunaes, Mitras, e Prelacias. E não apontamos aqui os nomes dos Lentes, dos Escritores, dos Prégadores, e Prelados, assim por escusar longa, e ao parecer ambiciosa escritura: como porque, sendo isto historia da Provincia, quem desejar de os ver, poderá satisfazer sua curiosidade, lendo-a. E se lhe causar espanto não achar todos, os que merecião ser nomeados; saiba, que nos

fez curtos hum receio, que sempre nos acompanha, de cuidarmos como isto he causa propria, e louvor dos meus, que nos está notando o leitor, não só cores no rosto, mas até n'este papel, contra quem disse o outro: *Littera non erubescit.*

He de saber, que sobre tudo o que temos dito d'este Collegio, e seus moradores, foi sempre louvado de se guardar n'elle reformação, e concerto de almas; como na mais reformada casa da Provincia, com huma grande obediencia das leis, e estatutos, que como em todas suas partes se fundão em muito rigor, ajuda sua guarda ao bom animo, e natural dos sugeitos. E em fim tudo devemos ao grande, e felicissimo Rei Dom Manoel, de cujo peito, e conselho nasceo a fundação d'este Collegio, e de cujo exemplo procederão os mais, que todas as Ordens forão instituindo na mesma cidade. E não devemos menos a el-Rei Dom João III seu filho, que o transferio, e mandou edificar em Coimbra. Antes com igual obrigação estamos a ambos. Ao primeiro pela renda, e ao segundo pelo edificio. E todos os que temos o habito santo de S. Domingos devemos pagar-lhes perpetua pensão de orações. Não só com a pequena, que el-Rei Dom João poz aos collegiaes, que foi de huma Missa cada semana aos Sacerdotes, de Psalmos Penitenciaes aos Irmãos do coro, e de hum terço do rosario aos Conversos, que aqui servirem.

FIM DO LIVRO PRIMEIRO

TERCEIRA PARTE

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL

LIVRO SEGUNDO

CAPITULO I

Fundação do Mosteiro de Nossa Senhora da Rosa da Cidade de Lisboa.

Luis de Brito Administrador dos morgados de S. Lourenço de Lisboa, e Santo Estevão de Beja, sendo viuvo de sua primeira molher Dona Isabel, filha de João Rodrigues de Sá, Alcaide Mór do Porto, e segundo d'este nome, de que já tinha filhos, casou com Dona Joanna d'Ataide, filha de João de Sousa, que os que escrevem gerações, nos dão a conhecer por Commendador de Ferreira, e que assistio no serviço do Infante Dom Fernando, pai d'el-Rei Dom Manoel, com cargos honrados, e de Dona Branca d'Ataide, filha de João d'Ataide Senhor de Penacova. Estiverão casados alguns annos Luis de Brito, e Dona Joanna. E não havendo geração d'entre ambos, tratou ella de offerecer a Deos a fazenda de seu dote; fazenda, que para aquelle tempo era muita, e boa: e parte d'ella fora emprego de huma copia de dinheiro, que lhe dera o Bispo d'Evora Dom Affonso, filho do Marquez de Valença Dom Affonso. Do qual Bispo era prima com irmãa; por elle ser filho de Dona Brites de Sousa, ir-

mãa de João de Sousa, pai d'ella Dona Joanna: e foi o disenho fabricar hum Mosteiro de Freiras de São Domingos em honra, e vocação de nossa Senhora do Rosario, de quem era devota. Ficou em tradição entre as Freiras velhas, que não vinha Luis de Brito na determinação, ou fosse pelo interesse de pertender a herança para seus filhos, ou por outra razão: e que huma noite vira em sonhos ao Padre São Domingos, que com gesto crime lhe dizia, que não encontrasse a tenção pia de sua mulher. Era bom Christão, tomou o sonho por aviso do Ceo, visto ser encaminhado para serviço de Deos. Tratarão logo de mão commum, e com calor da obra, negocearão as licenças necessarias de Roma, assim do Pontifice, como do Geral da Ordem, e a d'el-Rei Dom Manoel no Reino, e vierão a começar a fabrica no anno de 1519, sendo Provincial a primeira vez o Padre Frei Jorge Vogado Confessor, e Prégador d'el-Rei. E d'este anno lhe damos sua antiguidade. Como determinavão dar sua fazenda, quizerão fazer sacrificio perfeito, dando para morada de Deos a propria em que então vivião. Nas mesmas casas forão acommodando o Mosteiro. Tão bons erão então de contentar os Fdalgos no gasalhado de suas pessoas, que sendo ponto principal da instituição não passarem as Freiras de treze, todavia comprarão huns chãos visinhos, para lhe ajuntarem. Fizerão ambos seu compromisso, declarando cada hum o que dava Elle prometeo sua terça, e ordenou que se lhe dissesse huma Missa quotidiana rezada perpetua, e hum Nocturno de finados cada semana. Ella, que dava tudo, pedio huma Missa cantada cada dia, e outro Nocturno cada semana. E ambos juntamente dispuzerão, que por suas mortes fosse administrador da casa, e dos bens que lhe doavão, e deixavão, o Provincial da Ordem de São Domingos, com advertencia ao senhor, e successor dos morgados d'elle Luis de Brito, que fosse requerente com el-Rei, que cada tres annos mandasse visitar o Mosteiro, para que permanecesse em toda a boa ordem de religião, e virtude, e se cumprisse com pontualidade o mais que deixavão em sua instituição, e compromisso, assentado. Composto o edificio material, mandou o Provincial vir dos Mosteiros das Donas de Santarem, e de Jesus d'Aveiro, quatro Religiosas, quaes convinhão para fundarem o formal do espirito. Forão Dona Francisca de Castro, que depois se fez chamar Soror Francisca de São Jeronymo, Soror Brites dos Reis, e Soror Antonia das Chagas, estas tres d'Aveiro, e Soror Anna do Espirito Santo, de Santarem. Entrarão estas Madres a tempo em Lisboa, que aos vinte e hum

de Novembro do anno de 1521, dia formoso d'Apresentação de Nossa Senhora, se apresentarão com principio de Religião, e clausura perpetua. No mesmo dia receberão oito novigas, que se tinhão offerecido para o habito, todas nobres, e algumas do melhor do Reino. E para se prefazer o numero do compromisso, e serem treze, acudio no mesmo dia outra, de que logo diremos o nome, e ao adiante mais cousas. Chamava-se Soror Isabel da Cruz, matrona nobre, e viuva, e em idade de quarenta annos. Fizerão as quatro sua eleição; e sahio Prioresa a Madre Soror Francisca de São Jeronymo.

Correm os annos, foge a vida, e todos vamos á terra, como agoa que se some n'ella; sem mais tornar, nem aparecer. Morreo Luis de Brito passados alguns annos: enterrou-se na igreja em lugar eminente, defronte da porta principal. Sobre a porta, e no tecto da capella mór deixou postos escudos de suas armas. Recolheo-se logo Dona Joanna com as Freiras, dando de mão a tudo o que era mundo, estado, e vaidade. Passou com ellas o resto da vida em quietação d'alma, e corpo, e acabou em boa velhice. Por morte de Luis de Brito pertenderão as Religiosas haver a sua terça em conformidade do compromisso: para satisfazerem por ella as obrigações dos suffragios, que encommendara, e terem ajuda de sustentação. Defendeo-se o successor, que era Estevão de Brito seu filho. E como contra Freiras, e pobres pequeno poder basta; não houve nenhum, que lhe tirasse das mãos, nem terça, nem parte d'ella. Assim ficarão sem fazenda de raiz sua, elle gozando da honra, e nome de instituidor; e ellas carecendo dos interesses, com que os instituidores a costumam merecer. Isto vierão a provar muitos annos depois as pobres Religiosas em juizo contraditorio, sendo requeridas, ou perseguidas pelos requerentes do Hospital d'el-Rei, em virtude de huma Provisão que n'elle ha, para se lhe apropriarem as dividas de encargos não cumpridos dos defuntos. Pedião-lhe estes tudo o que se montava não terem cumprido com a missa quotidiana rezada, e Nocturno de cada semana por Luis de Brito. Fundavão-se, e parecia sobejar-lhe razão, em que devião ellas comer alguma fazenda pelo tal encargo. Visto como ninguem deixa, nem aceita obrigações sem fundamento, e hypotheca da instancia. Confessarão ellas o contrato: mas negarão a obrigação, mostrando largamente que de Luis de Brito não possuião nenhum genero de fazenda. E que até o sitio primeiro do Mosteiro havião sido casas proprias de Dona Joanna, e não de Luis de Brito. Por onde forão absolutas da instancia por sentença diffi-

nitiva, que se veio a dar em cabo de longo, e porfiado litigio no anno de 1621.

Foi Prelada longos annos a Madre Soror Francisca. Succedeo-lhe no cargo, e foi segunda Prioresa a Madre Dona Branca. Em seu tempo esteve o Mosteiro a risco de se perder: porque com os tremores da terra, que n'aquella idade continuarão em Lisboa, e todo o Ribatejo, correo a costa com tanto impeto da terra, e penedia, que se entendeo ficasse de todo enterrada a pobre casinha, com suas moradoras: E foi necessario desemparal-a. Como erão poucas, repartirão-se pelo Salvador, e Annunciada. Melhorou o tempo, tornarão-se a ajuntar no seu ninho; e veio-lhes de Santarem por Prioresa a Madre Dona Guiomar de Castro. Acontece muitas vezes ser hum trabalho causa de grandes prosperidades. As historias nos avisão, que a muitos homens forão desastres, e perseguições, escada para grandes estados. E no que toca a edificios, ninguem póde duvidar, que o fogo de Nero fez Roma mais fermosa, do que era antes do incendio. Parece obra secreta da natureza, pela regra em que a philosophia nos ensina, não se dar geração, sem anteceder corrupção. Devia tambem vir esta Madre por molher de espirito para obras. He cousa de espanto o que cresceo a casa em seu tempo. Fez as portarias de fóra, e de dentro: as casas de locutorio, e rallos, com as escadas que sobem para elles: edificou casa para enfermaria, e lançou sobre ella hum dormitorio; achou logar para amassaria, e botica, e hospicio (que tudo se descobre a hum bom engenho). E até para dar largueza de claustros, que são os que hoje chamão pequenos, e para novo refeitorio com seu poio. Forão obras grandes, ainda que em sitio estreito. Fez-se gasto crescido, e foi necessario tempo dilatado. Assim lhe prorogarão os Prelados o cargo, e o teve oito annos.

Succedeo em quarta Prioresa, e no mesmo espirito de fabricar, a Madre Brites dos Reis. Fabricou de novo, e alargou o coro, e antecoro debaixo, e o coro alto com suas cadeiras lavradas de boa obra, como hoje estão: não tendo d'antes mais, que dous bancos, com duas cadeiras de mão para as Preladas, e ajuntou huma obra de grande importancia, para alivio das Religiosas, que foi a casa de lavor. Póde muito o exemplo, e a emulação. Veio despoz ella a Madre Dona Jeronyma: e entre outras cousas importantes que fez, foi huma, cercar a costa de bom muro para guarda, e juntamente fortaleza contra o monte. Edificou casa separada de noviças. Estava o Mosteiro crescido, e adiantado em tudo; senão

em praça, e campo. E a meu ver era composição, e concerto, como de hum estojo, tudo estreito, e miudo; e como crescia em gente, desejava-se largueza. Era necessario hum espirito determinado, e animoso:e tal foi a Madre Soror Antonia de Jesus, que entrando em Prioresa, descubrio o valor do sangue,que tinha do Santo Arcebispo Primaz Dom Frei Bartholameu dos Martyres, cuja prima era, em estender os pensamentos a tão grande empresa, como foi comprar huma rua inteira de casas, e meter-lh'a dentro da clausura, com todo o vão da mesma rua, alcançando para isso licença da Cidade. D'este tempo em diante ficou o Mosteiro com bom gasalhado, e largueza bastante. Porque nos baixos lançou por huma parte celeiros, e casa para lenha, e despejos, e hum lanço de Claustro novo, e abrio hum poço, que fazia muita falta não n'o haver em casa; e por outra fez atafona, e estrevarias, e a portaria da rua, com casa por cima para os Confessores, e outra para assistencia das Prioresas. Aperfeiçoarão tudo duas Prioresas, que depois se seguirão. Estas forão as Madres Dona Maria da Silva, e Soror Maria de São Bartholameu, que correrão, e acabarão os tres lanços do Claustro que faltavão, lançando-lhe por cima suas varandas, e outro dormitorio, obra de muito custo, e trabalho. Porque como se edificava em ladeira, foi necessario gastar muito tempo, e muito dinheiro no desentulho da parte mais alta, para ficarem a olivel o pateo, e corredores do Claustro. Esta lembrança nos pareceo razão fazer aqui d'estas Religiosas. Porque sendo assim, que huma só pedra, que na casa de Deos se acrescenta, he grande merecimento para quem n'isso occupa o tempo, e cuidado: não era bem ficarem defraudadas da honra, que ganharão com a Ordem, e gloria, que merecerão com Deos. E pois temos dito das Preladas, passemos logo ás subditas, e a outro genero de gloria, com que se fizerão dignas de fama, em que tambem tornarão a entrar as Preladas na parte que lhe couber.

CAPITULO II

De algumas grandes e particulares virtudes das Madres Soror Isabel da Cruz, Soror Lianor da Trindade, Soror Guiomar dos Fieis de Deos, e Soror Brites dos Reis.

A Madre Soror Isabel da Cruz merece primeiro lugar entre as subditas de que havemos de tratar, pela promessa que temos feito, e porque

foi huma das primeiras noviças com que a casa começou. Como entrou de muita idade, segundo deixámos tocado, determinou aproveitar-se do tempo. Jejuava de continuo, e nas sextas e sabbados não comia mais que hervas, e nos dias que commungava, por reverencia d'aquelle Soberano Pasto, ficava o dia todo sem comer nada. Era sua cama huma estreita saca e quasi sem lãa, e essa solta, sem feição nem brandura de colchão. e n'ella dormia vestida para poder com mais facilidade antecipar a hora das Matinas, como de ordinario fazia, humas vezes com disciplinas, outras com outras mortificações e devações, e sempre com fervente oração, na qual se empregava com tanta continuação, que se lhe vierão a criar nos joelhos calos tão grossos como ovos, que a martyrisavão com dores. Desejando imitar a pobresa de Christo nosso Redemptor. não sofria habito senão velho, roto ou remendado: e abraçada na consideração de sua Sagrada Paixão, acontecia fazer-se atar a huma coluna e açoutar-se, e trancar a cabeça com espinhos Com todos esses martyrios viveo na religião outros tantos, annos como os que trazia do mundo, e cumpridos oitenta de idade acabou em paz.

Não forão menos os que viveo a Madre Soror Lianor da Trindade; mas muitos mais os que deu á Religião. Porque recebendo no mesmo dia que Soror Isabel o santo habito, tendo então só doze annos de idade, logrou sobre elles tantos, que veio a cumprir de vida oitenta e dous. O maior emprego de tão longa jornada foi a devação da Santissima Trindade de quem tomara o nome. E contão-se d'ella extremos de admiração. Fazia-lhe todos os annos a festa por seu dia. E sendo a mais pobre Freira que havia no Convento, a festa sempre era rica e aparatosa. E não havia outros milagres para isso mais que os de sua abstinencia. Porque com ella grangeava, cortando por si, quanto depois despendia na solemnidade. Determinadamente e como por teima, não comia, nem tocava o pão alvo e bom, que se dava na Communidade. Guardava-o, e fazia d'elle dinheiro. O que comia era de rala, preto e grosseiro, e pedido por esmola a quem tinha o cargo da amassaria, e em pouca quantidade por não ser pesada a quem lh'o dava. De toda a mais ração não comia mais que aquillo, que não achava venda. Tambem no que podia prestar guardado, não tocava. Guardava as maçãas e peros das consoadas d'Advento e Quaresma, e os doces que se davão nas festas grandes. E quando chegava o dia da sua festa achava-se com dinheiro para a fazer com toda a largueza, não só o que tocava ao altar, prégação e procissão, e ao mais culto

Divino: mas em dar de jantar á Communidade com abundancia e concerto. E não parava só aqui. Chegou a render-lhe tanto com o discurso de muitos annos, o que se roubava á si mesma, que fez uma alampada de prata e ornamentos ricos para o altar em que está o retabolo da Santissima Trindade. E para que tudo fosse de sua industria e trabalho, he averiguado e certo, que não pedia nem queria nada, de fóra de casa. E até o pano das toalhas do altar era fiado por suas mãos, e por seu dinheiro e á sua custa tecido, e curado. Para o dia da festa em que se traz da Igreja o painel da Trindade com procissão solemne até á porta regular, e d'ella o levão as Religiosas ao altar do Coro, costumou muitos annos, em quanto teve forças, lavar por suas mãos todo o caminho e chão, que ha da porta até o Coro, que não he pequena distancia: e até as paredes caiava, e tudo fazia sem admittir companhia, nem ajuda de ninguem. Bemdito sejais, Deos Trino e Uno, Altissimo Senhor dos Ceos, que sendo servido lá de exercitos de Anjos, creaturas perfeitissimas, não engeitais, nem desprezais a humildade, e serviço dos bichinhos da terra! E n'esta servasinha vossa manifestais por muitos sinaes, que vos agradava seu cuidado. Notavão as Freiras, que as maçãs que guardava do inverno, sendo fruta que logo se corrompe, quando se punhão na meza por dia da Trindade era gosto particular ver, que estavão sãas, e nenhuma podre, e a novidade lhes dava sabor. Notavão os Clerigos, que vinhão acompanhar a procissão, que os doces que repartia por elles, em graças do acompanhamento, dados depois a enfermos erão remedio certo de saude. E por esta razão acudião muitos a servir na festa, e tomal-os e pedil-os. Mas o que se vio com maravilha, e ainda hoje se conta entre as Madres com espanto, he, que postas hum dia da festa no fogo as panellas do jantar, que a devota Soror Lianor dava á Communidade, foi chamada á pressa da cosinheira, que acudisse ao remedio, porque estavão arrebentadas e fendidas, e ou fosse força do fogo, ou fraqueza do barro, ella sem se perturbar, como sabia por quem trabalhava, foi correndo, e com santa simplicidade, e cheia de Fé as abençoou em nome da Santissima Trindade, e tornou-se a entender com o mais da festa. Bastou este feitio para ficarem tão bem soldadas e seguras, que servirão e cozerão o jantar sem falta nem damno, e ficarão inda prestando no mesmo mister toda a semana. Succedeo outro anno, que querendo a cosinheira pôr ao fogo o jantar da festa, não achou agoa no tanque, em que se recebe e guarda a que vem de carreto; buscou a Santa Mordoma, advirtindo-a como era

sabida sua virtude, que não erão horas para esperar remedio da terra. Chamou ella pela Santissima Trindade, e em seu nome lançou uma benção sobre o tanque. Tornou a cosinheira, e onde d'antes estava tudo seco, achou com que negocear bastantemente o jantar. Tambem contão, que requerendo hum dia a sua costumada esmola de pão de rala com que se sustentava; lhe respondera com esquivança a Irmãa, que o tinha a cargo, e se fora sem elle. E porque como humilde imaginou, que a sua importunação fora occasião de escandalo, não teve confiança para pedir na seguinte fornada; e passou duas sem provimento, e com muito trabalho, porque outro não comia. Quando veio a terceira, eis que entrando a forneira com ella na casa do forno, acha na entrada a ração das tres coziduras, que já com aquella devia á pobre Soror Lianor; e maravilhada do que via, e como advertida de sua aspereza por meio mais que humano, foi depressa remediar-lhe a fome. Em vida tão cançada tinha vivido setenta e sete annos. E todavia quiz o Senhor purificar mais aquella alma, e permittio que cahindo hum dia de seus pés sem muito perigo, bastasse aquelle abalo, como o sujeito era já tão gastado para a tolher toda. E assim viveo ainda cinco annos entrevada, e perseguida de dores e trabalhos. No meio d'este mal era de ver o cuidado com que procurava, se fizesse a festa. E comtudo, vendo que não podia acudir a ella pessoalmente, toda a vespera e o dia celebrava com lagrimas, e se alguma consolação tinha, era ouvir o que cada huma das Beligiosas lhe vinha contar, do que fazião por honra da festa. Muitas outras cousas se referem da devação d'esta Madre; concluiremos com huma de muita devação e confirmação de Fé. Estando para espirar notavão as Madres, que de continuo tinha sobre a cama tres candeas acesas; e porque não faltava quem culpava tanta luz, não erão bem apagadas quando succedia entrarem outras Freiras com lume de novo, e ficarem sempre tres. O que succedeo tantas vezes, que de toda a Communidade foi attribuido a mysterio, e assim foi acompanhada até que deu a alma ao Criador.

A Madre Soror Guiomar dos Fieis de Deos foi tambem das primeiras moradoras d'esta casa. Entre grandes virtudes de que he louvada, era huma o grande amor e guarda do silencio, e a continuação de rezar a toda a hora pelas almas fieis, de que tinha o nome. Viveo tantos annos, que veio a cousumir-se de pura velhice, sem outra doença. Faltou-lhe o vigor natural, acabou como huma candea a quem se acaba a cera ou o azeite, que lhe mantinha a luz. Entrando no passo da morte acom-

panhada de toda a Communidade na enfermaria, ouvião-se por todas as partes huns grandes estrallos, como de casa, que sente peso de força sobre si; e juntamente hum rumor confuso sem distincção de vozes, que parecia de hum granda povo junto. Cuidava cada huma, que podia proceder huma cousa e outra do ajuntamento da Communidade, e serem as Religiosas muitas no numero, e espantando-se por isso menos. Tanto que a boa velha rendeo o espirito cessou tudo, e ficarão em tão profundo silencio, que a mudança foi causa de novo assombramento em todas: e não houve nenhuma, que deixasse de contar por cousa mysteriosa o rumor e estrallos, e havel-os por huma certa significação do muito que no Ceo se estimão as orações que se fazem pelas almas: como que vinhão todas acompanhar e ajudar aquella, a quem se sentião devedoras.

Por outra via, mas tambem espantosa, quiz o Senhor declarar-nos a santidade da Madre Soror Brites dos Reis: sendo das primeiras oito, que aqui tomarão o habito, como atraz contámos, e criada no leite das Santas Fundadoras, soube-as tambem imitar, que não sendo conhecida em vida pelo grande cuidado com que soube encubrir e soterrar o ouro de suas virtudes: ordenou o Senhor, que não deixa nenhuma sem premio, que a mesma terra désse testemunho, e publicasse quem era. E foi assim, que sendo necessario muitos annos depois de sua morte, para correrem a olivel os claustros e varandas, que a Madre Soror Antonia de Jesus fez desentulhar o sitio das sepulturas antigas, forão descubrindo muitos corpos, e ossadas d'aquellas primeiras e mais antigas Religiosas: humas de cujas covas inda havia noticia, outras já esquecidas, e de todas, em sendo a terra movida, começou a sahir tão suave cheiro, que aos mesmos trabalhadores fez escrupulo a obra. E dizião, que o devião ter as Madres de inquietarem aquelles ossos santos. Mas não se desistindo da offensa das mortas pelo que cumpria ao gasalhado das vivas, e continuando o cheiro com tal fragancia que se sentia no Antecoro, que he boa distancia, derão com hum corpo inteiro e sem corrupção, que pelo sitio em que estava foi conhecido ser da Madre Soror Brites. O estado em que se achou era estar mirrado e seco, e só a ponta do nariz comida. Devia a terra este respeito á grande pureza e innocencia d'esta Madre, que de novo foi então celebrada com saudosas memorias das que a tinhão conhecido e tratado. E ella o pagava á terra, pegando-lhe a suavidade do cheiro, em que assim mirrada e seca recendia.

CAPITULO III

Das Madres Dona Branca, Dona Francisca da Silva, e Soror Antonia de Jesus, Prioresas.

Seja este capitulo todo de Prioresas. Dissemos das obras, que fizerão de pedra, e cal: agora diremos das de seu espirito. No tempo de cada huma guardaremos a ordem, que tiverão em seus cargos, não a dos annos em que falecerão. Porque do governo temos certeza: os de seu falecimento houve menos cuidado de se apontarem.

Foi segunda Prioresa d'este Mosteiro a Madre Dona Branca. A ella, e ás mais irei dando os nomes, assim como os acho nas lembranças da casa; não tirando, nem acrescentando nada ao costume d'aquella idade. Esta Madre Dona Branca, de quem não achamos apellido do mundo, nem da Ordem, era sobrinha da fundadora Dona Joanna d'Ataide. Parece que a levarão seus pais ao Mosteiro com intento de grangearia com a tia: e olhos no muito patrimonio que possuia. Estava na casa de Deos, e os pensamentos todos no mundo. Era seu intento casar, e não faltava quem a pertendia, com sangue, e affeição igual. Mas verificou-se aqui aos olhos vistos, o que Christo disse: *Nemo venit ad me, nisi Pater meus traxerit eum* (1). Todos os que vimos á Religião, sua Divina Misericordia nos traz e move, e acarreta (grande obrigação de sermos Santos). Esta buscou a Samaritana, quando mais ardia o Sol no Ceo, e ella nos desconcertos da vida. Por peccadora publica era conhecida a Magdalena, quando entrava por casa de Simão, quando com lagrimas d'aquelles olhos, que trazião enfeitiçadas infinitas almas, lavava os pés de Christo, e lh'os enxugava com os cabellos, que a outras tantas tinhão servido de laços, e prisão. E toda esta mudança era obra do mesmo Christo. Assim alluminou depois a hum Pauio no meio de suas furias. E da mesma maneira deu á Religião de São Domingos, e arrancou do mundo a Madre Dona Branca. Succedeo vir o pertensor hum dia á roda perguntar por ella: eis que subitamente se lhe poz diante hum Frade com sembrante severo, e olhos acesos em ira; e pergunta-lhe que busca em tal logar? Respondeo, que buscava a Dona Branca, por ser seu parente. Tornou o Frade: Nem ella vos póde fallar, nem vós lhe sois nada. Tanto poder teve este encontro (parece que foi mais que humano) que o homem não

(1) Math.

soube mais o lugar, e até os pensamentos d'elle perdia. Mas não os perdendo ella de deixar o Mosteiro por outra via, começou a negocear por meio de devoções o estado de casada. Que muita gente caminha por aqui, e não he a estrada errada, se quem a segue, deixara tudo nas mãos de Deos, pedindo não cousa certa, mas o mais conveniente para a salvação. Dos termos, com que orava Dona Branca, não consta; mas ficou em memoria, que na força das devoções lhe appareceo o bom Jesus coroado de espinhos, e com a Cruz ás costas: e lhe disse, que se não cançasse, que nenhum outro esposo teria, senão a elle. Bem podemos crer, que forão isto meritos, e orações da fundadora sua tia. Soube ella conhecer o favor, trocou logo os cuidados, com tanta determinação de servir, e amar quem assim liberalmente se lhe offerecia, que no gosto, com que logo pedio o habito, e na vida, que depois fez, confirmou, que da mão do Altissimo fora a mudança: e affirma-se, que morreo Santa.

Duas vezes foi Prioresa a Madre Dona Francisca da Silva, que tambem achamos com nome de Francisca de Santa Maria. Tal era sua charidade, e brandura com as subditas, juntas com muita authoridade, que o fôra perpetua, se as leis da Ordem o consentirão. Davão-se então quatro annos de governo, a perpetuidade se tirou em todos os Mosteiros. Conta-se d'ella, que tinha grande compaixão de todo pobre, e particular cuidado de mandar prover, os que se vinhão valer do pouco, que então o Mosteiro podia. Chegou hum dia com affliçio á roda, para mandar pedir dinheiro emprestado. Era a conjunção tão apertada, que não havia em seu poder mais que duas, ou tres moedas de cobre, que comsigo trazia. No mesmo ponto fez seu requerimento hum pobre de fóra, e ella liberalmente o consoleu com as moedas, ficando desconsolada do pouco que dava. Recebe o Senhor benignissimo huma boa vontade por obra. Tal devia ser o animo da Prioresa, que lhe não quiz guardar o premio para mais longe. Quasi não virara as costas o pobre, quando batem na roda, perguntando pela Prelada. Acudio ella, e acha hum homem de boa presença, que sem dizer quem era, nem d'onde vinha, lhe poz na roda vinte mil réis em ouro. Quiz a Prioresa ser agradecida com o que he ordinario em Freiras, mandava buscar doces para o convidar; mas elle foi-se, sem querer aceitar nada, dizendo, que não era bem, sahirem dadivas d'onde se padecião necessidades. Foi isto em tempo, que a cidade ardia na peste, que chamamos grande: e as necessidades do Mosteiro erão mais crescidas. Porque se determinarão as Religiosas em o não desemparar, e a

terra tinha menos, que dar; porque todos os que tinhão alguma cousa, e podião, fugião d'ella. Assim era estimada, como vinda do Ceo, qualquer esmola. E porque o mesmo homem tornou segunda vez d'ahi a hum mez em conjunção de outro aperto, com outra tanta quantia, e pondo-a na roda com aviso, que se désse á Prelada, se foi sem fazer detença: junto tudo com a virtude de Dona Francisca, e boa sombra do esmoler, cujo rosto era de extraordinaria gentileza, obrigou as Madres a lançarem juizos, que fora a esmola miraculosa. Viva está ainda hoje huma irmãa Conversa, que era continua no serviço d'esta Madre, que affirma foi testemunha de hum, e outro dinheiro, e conta outro caso, que acredita bastantemente os dous referidos. Estava hum dia dando ordem ao Capellão da casa, que lhe fosse pedir algum dinheiro emprestado. Chegou n'este passo a Madre, que tinha a cargo a procuração, e governo da Communidade, requerendo dinheiro para compra do que convinha. E a Prioresa disse para o Capellão: Bem ouvis esta Religiosa: e eu não tenho mais de meu, que hum só tostão, que ha de ser de nós? Ajuntou a isto, encommendar-lhe de novo a diligencia; e no mesmo ponto tornou a Religiosa a instar, que não tardasse, que cumpria acudir logo, porque não houvesse falta no jantar. Levantou-se então, para lhe hir dar o que tinha, e deixar á Providencia Divina o que mais faltasse. Chegando ao lugar onde tinha o tostão, achou com elle nove moedas de ouro, cada huma de mil réis. Tornou logo á grade, contou ao Capellão o que passava, para que escuzasse o caminho: e posta de joelhos com elle, derão ambos graças ao Senhor das misericordias. A mesma Prioresa contou o successo a algumas Madres de grande credito, das quaes o recebemos.

A Madre Soror Antonia de Jesus foi prima com irmãa do Santo Arcebispo Dom Frei Bartholameu dos Martyres. Assim como tinha d'elle o sangue, tinha tambem o zelo da Religião: E tal foi Dom Frei Bartholameu, que quando d'ella não disseramos mais, assás nos ficava honrando esta historia. Era particular devota do nosso Padre São Domingos, em tanto grão, que tudo o que dizia, e fazia, era em seu nome; e achava, que d'ahi vinha succeder-lhe tudo bem. E tão impressa tinha em suas potencias esta affeição, que vindo a adoecer de humas febres de humor pestilencial, que a tiverão quasi hum mez desacordada de todo, contava depois, que todo aquelle tempo passára com lhe parecer, que via o Santo assentado na borda do leito, e que se não atrevia a voltar na cama, por-

que tinha por descortesia dar-lhe as costas. Vinte annos depois de cumprir os quatro de Prioresa, foi eleita outra vez. Era muito entrada na idade; mas como o espirito não envelhece, e o seu zelo estava com o bom costume mais vivo, e constante, aceitou sua eleição obrigada tambem do juizo, e amor das que a buscarão. Comtudo, começando a entender no cargo foi vendo, que lhe faltavão as forças corporaes, e que não podia dar o exemplo no seguimento das Communidades, e rigores da Religião, a que os Prelados tem mais obrigação. Com este conhecimento deu principio a hum discurso muito importante. Foi considerando, que o defeito das forças, a falta de ver, e ouvir, erão tudo avisos do Ceo, e da Natureza, que não podia tardar o fim da vida, que por estes passos vai transpondo, e juntamente apertando os adormecidos. Vio, que era tempo de fugir ao mar, e ás tempestades de cuidados d'almas alheas, e recolher ao porto, e a hum só cuidado de não tratar mais que da sua. Lembrava-se do exemplo do primo, santo e raro exemplo. Nunca lhe pareceo tão acertado aquelle conselho de deixar, como deixou, renda grossa, authoridade e mando, tornando á pobresa mansa, e descançada do cantinho de huma cella: como quando experimentou o muito que embaraça a alma na idade crescida o tratar de outrem, quando he tempo de o empregar todo em cuidar de si. Como cahio na conta, deliberou-se, cortou por tudo: que não devião faltar huns espiritos aduladores (e juntamente interesseiros, que na causa alhea costumão fazer a propria) que ao pensamento santo puzessem nome de pusilanimidade, e pouco brio. Constantemente pedio absolvição do officio, e absolveo-se com alegria. Foi obra de valor, não pelo feito (que na verdade fugir de trabalhos, buscar o bem que só importa, que louvor merece?) mas pela cegueira, e desatino, com que n'esta idade até com os pés na cova idolatramos no gosto de mandar.

Tinha servido dous annos, quando se livrou do cargo, e foi bem a tempo. Porque começarão a perseguil-a as doenças, que se chegão á velhice, e vindo de tropel humas sobre outras, puzerão-n'a em estado de quasi entrevada. Estando assim, succedeo hum dia, que acompanhando-a duas sobrinhas, que tinha, e outra Religiosa de credito, que hoje he viva, começou a bater nos peitos com força, e dizer em voz alta: *Ecce Agnus Dei*: *Ecce qui tollit peccata mundi*. Acudirão, as que assistião, perguntando, se queria alguma cousa, e ella dizia: Não vedes o Senhor do mundo sobre huma bolla cheia de luz, lançando a benção, e o Bautista

vestido de pelles junto com elle? Perguntarão-lhe a que porta estava: Respondeo, que contra os pés do leito. Mas dizendo ellas, que não vião nada; tornou sobre si, como arrependida de ter fallado no que só via, e com arte de quem se queria encubrir. Eu tambem (tornou) não vi nada, que estava sonhando. Tal era a boa velha, que nenhuma duvidou de ser verdadeira a visão. E huma das sobrinhas lhe tomou então a palavra, que se visse a nosso Santo Patriarcha, de que era tão devota, como temos dito, lh'o não negasse. Julgava esta Madre, que não podia deixar o Santo de a consolar em doença, que pela qualidade d'ella, e os muitos annos de quem a padecia, mostrava ser a derradeira. Passados poucos dias, deu-lhe apoplexia na lingoa, que lhe tolheo a falla, sem damno dos mais membros, nem do entendimento. Foi logo enfraquecendo muito, e entrando em morrer. Mas tanto em seu juizo, que teve sempre hum braço estendido fóra da roupa, e de quando em quando sem o mover levantava a mão com geito, e ar de quem em seu coração arrezoava com alguem. Perguntou-lhe então a sobrinha pelo concerto, que tinhão feito, e se vira o nosso Padre. Fez sinal, que sim, abaixando a cabeça. Perguntando-lhe quantas vezes, levantou o dedo, como quem dizia, que huma só. Isto foi no dia antes de seu transito. Não passárão muitos, que a seguio a Madre Soror Isabel de Jesus de hum accidente, que apressadamente a levou. A qual affirmava, que duas vezes lhe apparecera a Madre Soror Antonia, por extremo alva de vestido, e rosto, e com huma luz, que lhe resplandecia por baixo da toalha junto da garganta, como de huma vella acesa.

CAPITULO IV

Das Madres Soror Isabel da Cruz segunda, e Soror Brites da Cruz.

A Madre Isabel da Cruz, que chamaremos segunda para differença da primeira, de que atraz fallámos, foi insigne nas virtudes da penitencia e oração. Muitas Madres se lembrão, verem-lhe lançar sobre as sopas que começava a comer no refeitorio, copia de agua fria do jarro, que tinha diante, para perderem o sabor, que ou a boa tempera, ou sua fome e necessidade lhe dava. Na oração era tão enlevada na hora que a ella se entregava, que não sentia, nem dava fé de quem lhe abria a porta, ou entrava na cella. Juntava a estas virtudes uma entranhavel devoção com a Virgem

nossa Senhora, e com seu santo Rosario: em cuja virtude fazia algumas obras, que excedião a virtude e poder humano. E a esta conta todas as rosas que se benzião na festa da Senhora por Maio, se depositavão em sua mão de consentimento das Religiosas. Porque crião, que a sua fé e a valia que tinha com Deos e com a Virgem, lhes acrescentava virtude, quando por sua mão erão dadas ou aplicadas: como se vio por varias experiencias. Curavão dous Cirurgiões huma Religiosa de huma feia postema, que tinha em hum pé com tres buracos abertos, e huma tarde foi achada em estado, que assentarão com medo de erpes, porem-lhe ferro e fogo, e trazerem no dia seguinte instrumentos para cortar e cauterisar. O terror de tal cura espertou a devação da doente e das amigas, acodem aos remedios do Ceo; chamão Soror Isabel, veio ella com as suas rosas, lavou as chagas com a agua de humas, pulvarizava com outras, apertou-a, benzeo-a, encommendou-a á Senhora do Rosario. Foi obra Divina, não poder da terra o que virão, e acharão os que vinhão para a martyrisar o outro dia. Quando descubrirão a chaga, tal era a melhoria, que se tornarão pasmados, e affirmando que interviera ali milagre, e esse lhes não deixara que fazer. Assim sarou logo. A Madre Antonia de Jesus tinha huma esponja grande, que lhe dava muita pena. Applicou-lhe Soror Isabel as rosas, sem outra mezinha se lhe despegou, e cahio hum dia diante de huma Imagem da Senhora, que está no Antecoro. Por outro modo curou a Madre Soror Eria de Jesus. Nasceo-lhe hum lobinho no artelho de hum pé, e foi crescendo de sorte, que era do tamanho de hum ovo, e não podia dar hum passo sem bordão e com muito trabalho. Lavado com a agoa das rosas, e postas outras em cima, ve'o a arrebentar; lançando tres pedras duras como as do monte, e tamanhas como tremoços; e deixou o pé são e enxuto: e vive hoje com boa saude. Amanheceo um dia com febre ardente e pontada na ilharga a Madre Soror Anna d'Ascenção. Veio o Medico. Erão sinaes claros de prioriz: mandou que logo fosse sangrada. Não esteve pelo conselho. Foi-se a Soror Isabel: aplicou-lhe as rosas santas: quando forão horas de Vesperas estava sem febre, e sem pontada. Quasi a este modo, e tão abreviadamente foi curada a Madre Soror Catharina do Presepio, irmãa do Doutor Francisco Fernandes Galvão; mas em differente mal. Dera uma queda de que estroncou hum pé com tanta força e damno, que não foi poderosa para se levantar per si d'onde cahio. Em braços a levarão á cella as Religiosas: foi huma d'ellas a Madre Soror Isabel, que trouxe logo as suas ro-

sas; e visto o pé estava todo negro e inchado, e as dores erão immensas. Poz-lhe com sua mão e benção o emprasto santo, foi saude do Ceo. Porque amanheceo sem dor, e sem inchação, e nos nervos e em todo o pé tanta firmeza como quando mais sãa estava.

Não ficou entre as paredes do Mosteiro a fama da botica, e remedios de Soror Isabel: sempre tinha que curar fóra como dentro d'elle, e vinhão a ella, como a fonte e saude certa, e medicamento que a todo mal servia: contentando-se os de fóra, porque não havia rosas para todos, com agoa que dava d'ellas. Hum criado do Visconde de Villa nova de Cerveira, de huma forte doença chegou a estar ungido. Não faltou quem n'aquelle ponto lhe lembrou a botica santa da visinhança: mandou-se valer d'ella, meteo na boca humas folhas das rosas bentas, e foi-as mastigando, como pode; como se com ellas lhe viera a vida, assim foi entrando, e tornando em si. E teve logo saude. A mesma recebeo em perigoso parto huma vizinha do Mosteiro, molher de Alexandre de Sousa. Bastão para matar poucas horas de dores do parto: ella havia tres dias inteiros, que morria d'ellas. No momento que lhe acudirão com as rosas, não foi só parir com facilidade, mas quasi resuscitar.

Tantas forão as maravilhas, que as rosas bentas obrarão pelo meio, e mãos de Soror Isabel, que se o Mosteiro não tivera a invocação da Rosa, ou do Rosario, desde a hora, que por Dona Joanna d'Ataide foi fundado, puderamos dizer, que d'ellas lhe nascera o nome. Mas sendo muitas, e grandes as que esta Senhora faz por toda a parte, parece que se ha por mais obrigada n'este sitio, como logo veremos, depois que dermos fim á vida de sua boa devota Soror Isabel. Contão-se d'ella, para testemunho do que valia diante de Deos, alguns casos notaveis. Foi hum, que adoecendo gravemente certa Religiosa, lhe deu hum painel, que tinha de Nossa Senhora, retrato da que em Roma chamão do Populo, e se tem que foi obra, e mão de S. Lucas. Mas era a condição de retro, declarando a doente, que em caso, que não morresse, queria que o painel lhe tornasse. Estendeu-se a doença longos dias, e Soror Isabel foi-se afeiçoando á pintura, e como todas as semelhantes tem grande peso, e hum certo ar, que muito obriga a devoção: fazia conta que achara pera sua alma hum thesouro. Assim estava continuamente em Oração diante d'ella. E pelo gosto, que tinha de a possuir, não deixava passar dia sem fazer instancia pela saude de quem lh'a dera. Sendo ouvida como santa, sarou a que fora doente, e conseguintemente requereo a pintura. Não a

podia negar Soror Isabel, lembrada do partido, nem podia acabar comsigo despegar-se d'ella. Porque não era menos largal-a, que arrancar, e dar o coração. Deu-a em fim, porque não podia encontrar o concerto. Mas tal era o pranto, que fazia, tantas as lagrimas, que com saudade da Santa Imagem diffundia, que outra Religiosa sua vizinha, como era amada de todas, lhe levou huma, que tinha da Senhora do Rosario, de não menos boa mão, que a do Populo, consolando-a, que alli tinha a mesma Senhora, ainda que não fosse o mesmo nome. Era Soror Isabel huma pomba em singelesa, aceitou as razões, e a imagem; e contão, que todo o resto da noite gastou em fazer diante d'ella piedosas queixas do muito que lhe custara o apartamento da outra. Passada meia noite soou na cella, da que fora doente, hum temeroso estrondo com aballos de toda a casa, e tal tremor de terra, que os vizinhos do Mosteiro se levantarão das camas com medo. E a Freira despavorida, entendendo o que poderia ser, amanheceo na cella de Soror Isabel com o seu painel, que levara: e dizem, que a achou de joelhos diante do outro. Alli pedindo-lhe muitos perdões da culpa, que não tinha, lh'o tornou a entregar. E porque o não aceitou, como durava o terror do que sentira de noite, não se atreveo a leval-o comsigo: foi-se a hum altar do coro, depositou-o n'elle, e ahi está até hoje.

Sendo muito velha e enferma, succedeo, que huma Madre, por nome Soror Cosma de S. Dinis, que tinha seu leito longe d'ella, espertou huma noite a hum rugido, que sentio no bocassi, que faz parede, e divisão entre os leitos. E ficando chea de medo, e o somno perdido, tornou a sentir de novo pés pela esteira, que tinha ao longo da cama, e logo baterem-lhe na porta. Aqui não houve, senão levantar a voz, e chamar por Jesus com medo, e juntamente perguntar quem batia, e que queria. Não tinha Soror Cosma muito esperto o sentido do ouvir, mas pareceo-lhe, que ouvira: Vai a Isabel da Cruz. Fez-lhe coração o nome da velha santa, e teve-o para se levantar, e acender candea, e hir visital-a. E foi tão a tempo, que a achou com hum trabalhoso accidente, e tal que a velha lhe dizia: Deos vos trouxe cá; perto estava de acabar, se tardareis; mas bem sabia eu, que me não havia de desemparar a minha Senhora do Rosario, dando graça a alguem, que me acudisse. Seguio estas palavras, prometendo a Soror Cosma de fazer oração a nossa Senhora, que valesse a huma sua irmãa secular em huma causa, que era

publico trazia em mãos da justiça. E valeu-lhe alcançar brevemente sentença por si.

Viveo Soror Isabel longos annos. E como nossa idade, quando se estende muito, vem a remedar hum circulo, que acaba por onde começou: assim lhe aconteceo, que nos ultimos dous annos da vida tornou aos da infancia, e na simplicidade com que ficou, não era mais, que huma minina de peito: como o fora toda a vida na innocencia, nem se sabia vestir, nem pedir de comer: nem sabia dizer outra cousa mais, que a oração da Ave Maria, que dizia com boa pronunciação, e sem errar palavra. Assim foi sua morte como de huma creancinha, ou de hum passarinho. E para se provar, o que está escrito, que o Reino dos Ceos he dos pequenos, e mininos (1), acudirão Anjos a leval-a a elles com Alleluias. Porque ao tempo que a bemdita alma se soltava das miserias da carne foi ouvida por muitas Religiosas huma suave harmonia de vozes acompanhadas de instrumentos de rabequinha, e arpa, que parecia soar por detraz d'onde a santa velha jazia Fez espanto a musica, não querião crer mysterios, forão por ver onde seria; virão, perguntarão, mandarão á rua. Em fim não se vio, nem appareceo sinal de canto humano, nem a hora era para isso, e ficarão assentando, que buscavão Anjos do Ceo a quem o era da terra.

Com semelhantes exequias, e com testemunho de toda esta Communidade deixou a vida mortal muitos annos depois a Madre Soror Brites da Cruz Mas com differença, que Soror Isabel foi seguida da musica, e Soror Brites antecipada. E a semelhança do transito nos obriga ajuntal-as ambas, inda que temos outras, que precedem a Soror Brites em antiguidade, de que logo havemos de tratar. Tinha esta Madre muitos mezes de doente, e andava fraca, mas não se lhe temia fim apressado. Estava na casa de lavor, e acabava de jantar com bom sabor, eis que lhe fere nas orelhas huma voz, cantando com suavidade, e graça, e acompanhada d'outras. Erão horas, que estava a Communidade no refeitorio: e a Freira imaginando, que seria exercicio da cantora mór com suas discipulas no coro, disse para a Madre Maria da Cruz sua tia, que a acompanhava: *Muito madruga esta Madre a estudar*. Tem a casa de lavor tribuna sobre o coro. Quiz a tia fechar as portas: não consentio a doente, dizendo, que seria escandalo. Procedeo a musica de sorte, que foi ouvida das Madres, que sahião do refeitorio, e notada com grande

(1) Matth.

espanto, por verem que sahião todas juntas da mesa, e que não havia em casa, quem assim pudesse cantar. Quando forão duas hóras depois do meio dia, pouco mais, começou a doente a tossir, que era parte de seu mal: e foi-lhe acudindo sangue á boca, e crescendo com tanta abundancia, que em breve espaço a deixou afogada. Soube-se depois, que a defunta na noite antes ouvira as mesmas vozes, e da mesma parte do coro: e todas as Religiosas sabião, que, com ser moça, fazia huma vida toda entregue a Deos: e que de proximo tinha dado principio com grande fervor a duas Confrarias, huma do Santissimo Sacramento, e outra de Nossa Senhora. Era esta Madre filha de Luis de Brito, e de Dona Ignez de Lima: por quem entrou na casa dos Britos o viscondado de Villa Nova de Cerveira. Foi sua morte em dezanove de Julho do anno de 1622, a tempo que quem isto escrevia, se achava na Cidade. E sendo sabedor das particularidades referidas, fez logo diligencia com a Prioresa, que era então a Madre Soror Anna da Madre de Deos, e por letra sua constou o que temos contado.

CAPITULO V

Das Madres Soror Guiomar da Trindade, Soror Catharina do Espirito Santo, Soror Brites da Resurreição, Soror Maria dos Santos, Soror Custodia de Jesus, e Soror Magdalena da Silva.

A Madre Soror Guiomar da Trindade era muito nobre no mundo, mas muito simples d'alma para as cousas d'elle. E tanto que vestio o santo habito, sua vida, e gosto era, estar sempre pegada com o altar da Santissima Trindade, com quem tinha tanta devação, que não entendia, nem sabia entender em outra cousa. E por sua singelesa não tomava bem, que na sua Antifona se dissesse: *Et nunc, et in perpetuum*: e não: *Et semper, in perpetuum*. Faleceo alma innocente muitos annos ha: e ficou em memoria, que na hora em que acabou, sendo já alta noite, se vio, pouco antes que o sino fizesse sinal, subia do Mosteiro para o Ceo huma nuvem muito clara, não havendo outra no Ceo. E huns seculares vizinhos, que a virão e notarão, vierão pela manhãa contar o caso no Mosteiro, perguntando juntamente com curiosidade, quem fora a defunta.

Como não havia de ser santa a Madre Catharina do Espirito Santo, se tinha por irmão, e espelho para se compor de toda a virtude o Sant

Arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas, Dom Frei Bartholameu dos Martyres? Irmão era seu de pai, e mãi este famoso varão: e ella tão parecida com elle em todas as partes de bom espirito, e principalmente na virtude da humildade, que toda a vida se prezou de servir a casa, não só como Freira do coro, que era, mas como qualquer servidora das mais humildes. Conta-se d'ella, que estava tão acreditada entre as mais Religiosas, que padecião qualquer trabalho espiritual, ou temporal, que acudião a pedir-lhe suas orações com confiança, e não só em negocios proprios, mas tambem nos de seus parentes, e conhecidos; e para todos achavão n'ella consolação, e remedio. Viveo muitos annos, e acabou como Santa em boa velhice.

Na morte da Madre Soror Brites da Resurreição vio esta Communidade hum caso nunca ouvido. Curou-se na cella, em quanto lhe durou o mal de que faleceo, que foi ar de parlesia: porque não consentirão os Medicos, que sahisse d'ella quando lhe deu. E havendo de passar para a sepultura por tres lanços do dormitorio, tantas forão as Freiras, que aparecerão no acompanhamento, que estava já a Cruz no coro debaixo, e o corpo começava a sahir da cella. E o que mais espantava, era, que hião juntas, e apertadas de sorte, que se requerião humas ás outras, que andassem; e como era sabido, que todas as que havia na casa, cabião folgadamente em hum só lanço do dormitorio, pasmavão de ver, que enchião agora tres lanços, sem hir a procissão em nenhuma parte quebrada. O caso foi certo: mas como podia acontecer, não se alcançou por então. A gente pia conjecturava, que permitíra aquelle Senhor, cuja benignissima condição não deixa nenhuma boa obra sem premio, que todas as almas, que d'aquella casa tinhão subido ao Ceo, vinhão acompanhar, e levar comsigo huma, que de todos os Santos do Paraiso era por extremo devota. Fundavão-se para isto, alem do prodigio, que por seus olhos alcançarão n'este dia, em terem visto na defunta por todo o discurso de sua vida huma rara pureza de consciencia, e hum espirito tão dado a servir, e venerar todos os Santos, que a Igreja celebra, sem exceição de nenhum: que por toda a roda do anno sua occupação era buscar as imagens de cada hum, e enramal-as de flores em seu dia. E quando outra cousa não havia, com hervas cheirosas, e ramos verdes. Em particular dispendia toda huma tença, que tinha, em celebrar o festa do Bom Jesus, quando a furto da mãi bemdita em idade de doze annos se deixou ficar em Jerusalem, e ella o buscou desconso-

lada, e teve por perdido tres dias. E sobre tudo era tão devota de sua sagrada Paixão, que a toda a hora, que n'ella fallava ou ouvia fallar, se desfazia em lagrimas.

Vinte e dous annos havia, que fora enterrada a Madre Maria dos Santos, quando abrindo-se a sua cova, e dando o official com hum caixão, foi apartando a terra, e desfazendo-se as taboas de podres, appareceo a ossada sobre a taboa do fundo inteira, e junta, sem haver parte separada, e no pescoço d'ella hum Rosario de páo, infiadas as contas em seda; o qual sendo visto por todas as Madres, são, e inteiro, onde tudo o mais estava consumido, foi levado pelo coveiro com tanto alvoroço, como se achara thesouro, com que remedear sua pobreza. Lembrou então a maitas, que merecia o Rosario por de quem fora a maravilha da conservação, e a estima de quem o achara. Porque Soror Maria sobre grandes partes de virtude, fora dotada de huma tão desacostumada humildade, e mansidão, que com ninguem se sabia indignar; e acontecendo fallarem-lhe palavras descompostas, era sua resposta cozer a boca com silencio constante. E se havia quem queria acudir por ella, sentia-o em tanto gráo, que com os joelhos em terra, pedia, que a não defendessem, nem escandalizassem a quem a tratava mal, affirmando de si ser tão má, que ainda merecia ouvir peores cousas.

Não se puderão crer, nem dizer os extremos da charidade da Madre Custodia de Jesus, senão tiveramos por testemunha d'ella toda esta Communidade. Em toda era sabido, e notorio que tudo quanto tinha dava por amor de Deos; e que se lhe acontecia ir á roda, e achar pobres de fóra, tornava para a cella sem lenço, e sem gibão, e muitas vezes sem çapatas. Assim andava sempre falta do necessario, pelos empregos que fazia. Veio a adoecer de hum mal vagaroso, que a teve muitos tempos em cama, e sempre cercada de dores do corpo, e afflições do espirito. Passava todas com muito animo, queixando-se só com huma imagem da Virgem nossa Senhora, que tinha defronte do leito, a quem com grande affecto pedia, que a levasse para si, e fosse para acabar consolada em hum dia seu. Vierão os Medicos hum dia d'Agosto, passada a Assumpção da Virgem, e achando-a muito enfraquecida, mandarão que fosse ungida. Tanto se alegrou com a nova, como outrem fizera com a certeza da vida. E dizendo-lhe huma amiga, que todavia tinha aquella alegria hum defeito, que era ser passado o dia de nossa Senhora: replicou ella, que como a Senhora tinha oitavario, tudo lhe vinha a huma

conta. E assim aconteceo, que veio a falecer em dia de São Bernardo, que he dentro da oitava.

A Madre Dona Magdalena da Silva, irmãa de Fernão da Silva, que foi Regedor da casa da Supplicação, e Vedor da Fazenda, era tão penitente, que em qualquer parte que se achava só, se açoutava despiedadamente. E quando o quintal estava cheio de ortigas mais crescidas, se lançava n'ellas com grande espirito, á imitação do que o glorioso São Bento fazia nos tojos. Adoeceo, e estava no cabo, e com termos feitos de quem morria. Lia-se-lhe n'este ponto a Paixão, e ouvindo o passo da bofetada, com estar para espirar, levantou a mão, e deixou-a cahir sobre o rosto com ar, e geito, de quem desejava forças, para vingar em si a afronta do bom Jesus. Em tal reputação estava entre as Religiosas, que tanto que acabou cortarão a correa que trazia cingida, e a repartirão entre si, como reliquia de Santa.

CAPITULO VI

Em que se referem alguns milagrosos effeitos do Santo Rosario: e outras particularidades d'este Mosteiro.

Muito se encommenda aos Prégadores, que d'aquella hora, que gastão no pulpito, deem sempre huma pequena parte aos louvores do Santo Rosario, contando algum milagre dos muitos, com que a Senhora d'elle nos honra, e enche os livros. Determinado estou, sem ser Prégador do pulpito, não deixar nenhum dos que encontrar, pelo discurso d'esta historia. E pois até agora fui escrevendo os que se offerecerão na primeira, e segunda parte d'ella, n'este Mosteiro, que do Rosario tem o nome, se nos dobra a obrigação, para dizermos de melhor vontade os que n'elle acharmos. E seja aqui primeiro, o que se vio, poucos annos ha, na sepultura da Madre Soror Isabel da Piedade, sobrinha do Padre Mestre Frei Luis de Sotto-maior. Tinha comido a terra e o tempo tudo quanto com ella se soterrou, e deixado os ossos secos. Achou-se só com elles o Rosario, que levara ao pescoço infiado em hum seu cordão de seda leonada. Houve-o á mão huma Madre, que affirma rezou por elle muito tempo; porque nem tinha corrupção na infiadura, nem na maleira das contas, ao mesmo modo do que se achou com os ossos da Madre Maria dos Santos, segundo pouco ha contámos.

No anno de 1622 pelo mez de Maio, padeceo esta Cidade hum ameaço de fome, que se durara tempo, assim como passou depressa por misericordia do Senhor, pudera ficar assolada. Era a conjunção a mesma, para que os ambiciosos se guardão. Hião tirando o trigo pouco a pouco, e pondo-lhe o preço, como querião. Porque ninguem duvidava na moeda, como pudesse alcançar os alqueires, que havia mister. Como corria com esta miudeza, e o povo era muito, e junto a buscal-o (porque ha muita gente, que não compra mais, que o que ha mister para cada semana) era grande o concurso, grande a grita, e aperto. E chegou o negocio a termos, que hum Procurador da Cidade repartia o que havia aos alqueires, e meios alqueires: e valia a sinco, e seis tostões o alqueire. E aconteceo, que houve muitas casas grandes, e honradas, que pelo não poderem alcançar por seu dinheiro, comerão alguns dias a carne, e o peixe sem pão. E do povo começarão a morrer alguns miseraveis á pura fome. Em tão forte conjunção não se achou este Mosteiro com mais, que dezaseis sacos de farinha, em que havia noventa e seis alqueires: e he de saber, que se comião cada semana setenta e dous. Porque se dava ração continua de jantar a cento e tres pessoas, e de cea a sessenta e tres. Porque as quarenta se contentavão com receber a dinheiro o pão da cea. E comtudo estes dezaseis sacos suprirão sinco semanas com espanto a toda esta familia. Quem fez esta maravilha, foi a Sagrada Virgem do Rosario. Corria a fama do aperto geral, temia-se maior: não havia lugar de providencia humana, acudio-se á Divina. Fez conta a celeireira que em casa, que possuia o nome da Senhora do Rosario, e onde cada dia se vião milagres seus, confiadamente se podia lançar nos braços de sua misericordia. Tinha sempre hum Rosario na bóca de cada saco, e outro na arca da farinha. E assim passou a casa na falta geral, sem sentir nenhuma; caso, que por publico, e prodigioso, se pudera para gloria de Deos authenticar.

Mas não fará isto muito espanto, a quem com attenção considerar o que agora contaremos, que he cousa de fresco succedida. Com seu Rosario na mão, porque tinha parte por cumprir, foi buscar a quietação da cama a Madre Soror Francisca de São Jeronymo: e para rezar no fim, como costumava, o Evangelho de São João, que não sabia de cór, pôz sobre o travesseiro humas voltas de rolo aceso; mas tudo foi hum, encostar a cabeça, e cahir em somno: ou que o tivesse de natureza, ou que o acarretasse o trabalho do dia. E foi tão profundo, que ardeo o

rolo, e o fogo correo pela roupa da cama, e subio ao lençol, que lhe fazia emparo e sobreceo, abrazando tudo, e defumando a parede, sem nunca acordar: até que a lavareda lhe deu na mão, e lh'a queimou de maneira, que ficou toda empolada. Então espertou, fugindo o somno com a dor. E acudindo a Communidade, virão feito em cinza tudo quanto cubria o leito: e só acharão são, e salvo o Rosario, que era de páo seco, e o Evangelho, que estava em papel.

Guarda a Senhora esta sua casa, não só do fogo da terra, que outra vez succedeo pegar-se de noite no leito da Madre Soror Anna da Madre de Deos, que foi Prioresa, e podendo fazer muito damno, apagar-se por si, sem ninguem lhe acudir: mas tambem d'outro mais temeroso, que he o do Ceo. No anno de 1592, em vinte sete de Setembro cahio hum raio n'esta casa, deu no campanario, desceo abaixo pela escada da casa de lavor, tomou pelo antecoro, e entrando no coro, varou pela grade fóra, e foi-se sumir no pé de hum altar da Igreja, em que então estava huma imagem de Santa Barbara. Ficarão sinaes no campanario, que hoje durão, e no antecoro, onde está huma imagem de Nossa Senhora da Conceição: chamuscou-lhe os cabellos, e cegou humas letras do nicho, em que estava. Na grade passou por sima da cabeça de huma Religiosa, que n'ella se achou, com tanta visinhança, que lançou mão aos toucados, parecendo-lhe, que ardião, e da pedraria, que de fóra faz guarnição á grade, levou hum pedaço, que bem testemunha a força com que vinha, e a obediencia que teve em não fazer damno de consideração.

Resta-nos para concluirmos com este Mosteiro fazer agradecida memoria de hum grande bemfeitor d'elle, que foi o Padre Gonçalo d'Andrade de Gamboa, Conego na Sé d'esta Cidade. Era este Padre nobre por nascimento, e por grande exemplo de virtude. Tendo bom patrimonio, alem do rendimento do seu Beneficio, dispendia pouco comsigo, e muito, e mui liberalmente em obras de charidade: e a esta casa acudia nas necessidades com grande largueza. Porque tinha noticia da observancia com que n'ella se vivia, por meio da Madre Soror Custodia de Jesus sua sobrinha, de quem atraz fallámos. D'aqui nasceo, que vindo a fallecer instituio por suas universaes herdeiras as Religiosas, nomeando logo n'ellas hum casal de seis moios de renda, e hum padrão de juro de trinta e dous mil réis: e ordenou, que a mais fazenda, que possuia, lograsse hum sobrinho seu em vida, para tornar por sua morte ao Mosteiro. E como verdadeiro liberal, não quiz ajuntar pesos de obrigações

ao que deu, como faz muita gente, até em dadivas curtas. Nem pedio suffragios certos para a alma, nem lugar determinado para o corpo, deixando tudo na cortezia das Religiosas, e foi obrigal-as mais. Porque pelo mesmo caso puzerão em pratica dar-lhe a Capella mór, que estava livre, e desembaraçada desd'o tempo que tinhão tirado d'ella os ossos de João de Sousa, Fidalgo honrado, que vulgarmente era chamado na Corte o Lazeira. Os quaes tirarão, porque seus herdeiros tardavão em acudir com a esmola, que a tal jazigo era devida. E tendo determinado dar-lh'a, mudarão conselho. Porque sobre certo inconveniente de desgosto, que succedeo, acharão, que para herança tão grande e extraordinaria, ficavam pouco agradecidas, se aquelle defunto não achasse tambem n'ellas hum novo, e desacostumado genero de gasalhado. Derão conta ao Prelado, e com sua licença foi sepultado dentro no Claustro, ou clausura em huma capella onde se enterravão as Religiosas. Enterro de tanta dignidade, que vendo-o elle em vida, hum dia que fazendo-se obras entrou com o Prior de Lisboa dentro, se lhe ouvirão estas palavras, com lagrimas de devação: *Quem fora tão ditoso, que alcançara sepultura aos pés d'estes Anjos!* Foi genero de prophecia o dito, e paga de sua grande bondade, e espirito, o feito. Porque o que desejou como varão espiritual, e devoto vivendo, e não pedia por cortez, e comedido, veio a alcançar, quando lhe faltou a voz, e a vida para o requerer. A fazenda, que o Mosteiro ha de haver por morte do sobrinho, são humas casas na Porta do Mar, que rendem sessenta mil réis, e huma quinta junto a Odivellas, onde chamão Val de Deos, e outros tres casaes.

Sustenta hoje este Mosteiro, que começou com treze Freiras, cento e tantas molheres de portas a dentro, entre Freiras de veo preto, Conversas, Noviças, e moças de serviço.

Na Igreja ha uma Confraria da invocação de Nossa Senhora do Amparo, bem provida de prata, e ornamentos. O serviço está á conta dos mancebos, que assistem n'ella, com cuidado e devação, e fazem sua festa por Setembro.

CAPITULO VII

De huma prodigiosa calamidade, succedida na Ilha de S. Miguel: manifestada antes de succedida por hum Religioso de S. Domingos.

Horrendo, e poucas vezes visto successo temos para este capitulo; hor-

rendo pela qualidade d'elle, e muito mais por ser antevisto, prégado, e notificado por hum Religioso. Obriga-me a escrevel-o o Prégador, que o notificou, e a terra em que succedeo. A terra, por ser da jurisdição, e parte do Reino de Portugal: o Prégador, porque foi Dominico: porque a razão, e titulo d'esta obra, em que vamos trabalhando tanto tempo ha, está pedindo, que não nos fique por dizer nada, de quanto entre nós acharmos de honra da Ordem. Entre as ilhas dos Açores, que por outro nome se chamão Terceiras, e jazem no mar Atlantico em distancia da costa de Portugal de duzentas e oitenta leguas, he maior de todas, e mais rica, a que tem nome de S. Miguel. Foi descoberta, como as mais, por mandado do Infante, e Mestre da Ordem de Christo, D. Henrique filho d'El-Rei Dom João I, e povoada com a diligencia e braço de hum valente, e industrioso criado seu; cujos descendentes do appellido de Camara possuem hoje o melhor d'ella, e entre muito boas villas, que a ilha tem, são senhores da que em sitio, e nobreza faz ventagem a todas. Chamão-lhe Villa franca do Campo. Florecia esta villa pelos annos do Senhor de 1522, em numero, e opulencia de moradores, abastados de tudo o que a vida humana estima, bons edificios, trato rico, muitos, bons, e baratos mantimentos: mas acontecia-lhe, o que de ordinario vemos na abundancia dos bens temporaes, que he, não só descuidarmo-nos de dar graças a Deos, que d'elles he autor, senão juntarmos a este descuido muitos vicios e offensas suas. Aportara na ilha, havia alguns mezes, hum Religioso da Ordem de S. Domingos, cujo nascimento, e patria era Castella, e o nome Frei Affonso de Toledo. Dizia-se, que era chegado em sangue aos Duques d'Alva: e porque succedera achar-se nas alterações, que o povo por este tempo levantou em sua patria com nome de Communidades, o desgosto d'ellas o tizera buscar no mar a quietação, que faltava na terra. Embarcou-se no primeiro navio, que achou (não nos consta em que porto) quiçá que o levava a imaginação a querer descançar nas ilhas Fortunadas, de que nos tempos passados se contavão tantas boas venturas, como seu nome promette. Ou ordenava o Senhor, que sem saber, nem determinar para onde hia, fosse para aquella ilha outro Jonas com Ninive; e quasi o foi pelos mesmos passos. Entrando na terra, foi o primeiro lugar Ponta Delgada, que hoje tem titulo de cidade, e he cabeça da Ilha: então era villa de pouco nome. Passou a outras, notou em todas fortuna grande, e vida deliciosa com huma corrente de prosperidades nunca vista. Como tinha visto, e li o

muito, não lhe pareceo estado seguro para gente christãa. Soube logo que nascia d'aquellas boas venturas arder toda a ilha em destemperança de gula, e devassidão de luxuria: temeo-lhe grande castigo, e começou a propor com fervor a doutrina Evangelica, estranhar os vicios em commum, louvar a virtude, confirmar com exemplos, e provas das Letras Sagradas o bem d'esta, e o mal d'aquelles. Mas ferindo-lhe cada dia as orelhas novas dissoluções de todo genero de gente, e mais particularmente dos mais ricos, e poderosos, que erão os moradores de Villa franca, amoestava, instava, reprehendia, gostava, e ameaçava com castigos do Ceo, que julgava não poderem tardar, onde tudo estava tão esquecido d'elle. Procedendo assim sem descançar, e vendo os homens surdos, mais que aspides, para os bons conselhos, como o peito, e voz do Prégador Evangelico costuma a ser orgão do Espirito Santo, inflammou-se hum dia, ou fosse, que Deos n'aquella hora lhe revelasse, ou que seu entendimento o tirasse por bom discurso, vistos os muitos peccados da terra, e a pouca emenda d'elles; levantou a voz como hum trovão, e apontando com a mão, e olhos para os montes, que tinha defronte, rompeo n'estas palavras: Que ha de ser Christãos? A huma voz de Jonas, que ameaçou castigo, fez penitencia huma cidade inteira de Gentios. E sendo tamanha cidade, que tomava terra de tres dias de caminho, em toda ella não ficou homem desd'o Rei até o peão, que se não vestisse de saco, e cubrisse a cabeça de cinza. E em terra de gente fiel, e Portugueza não movem, nem penetrão, nem fazem hum pequeno abalo n'esses corações os brados do Santo Evangelho, que cada dia ouvis d'este pulpito! Acudirão, vos affirmo, as criaturas irracionaes pela honra de Deos, pois as que tem uso de razão, e vivem dos Sacramentos da Igreja, lhe não tem o respeito que devem: aquellas serras vingarão suas injurias; aquellas serras, digo, se não mudais brevemente a vida, assolarão esta ilha, soverterão huma villa. Acabou encommendando com encarecimento, que fizessem penitencia, e orações, pedindo a Deos misericordia, que era só o remedio de escapar á sua justa indignação: e dizem, que fez juntar o povo, e fazer algumas procissões, que acompanhava. Passou a fama da prégação, e ameaços a Villa franca: devia parecer aos ricos, e poderosos, que era tudo contra elles. E foi permissão divina, para não desviarem o castigo, que não só se não renderão, nem tornarão sobre si, com algum genero de emenda, imitando aquelles, de quem diz o Profeta: *Audite audientes et nolite intelligere, videte visionem et nolite cognoscere*, mas houve

muitos, que se derão por escandalisados, dizendo, que sendo Christãos, os levara pela medida dos Gentios. Outros forão com queixas ao Ouvidor do Ecclesiastico, que o mandasse castigar; e tal havia, que punha em pratica lançarem-no em terra, como charlatão. E tanto fizeram, que o Ouvidor o mandou notificar com rigor, que apparecesse em Villa franca, e em sua casa a certo dia. Assim accendia tudo a ira divina, e dava pressa ás setas de sua justiça. Achamos, que foi Frei Alonso a Villa franca, chamado da primeira vez em 17 de Outubro d'este anno em que vamos, de 1522. Fez-lhe o Ouvidor perguntas, d'onde sabia, o que affirmava prégando? Responde, que de certo nenhuma cousa sabia, nem elle era merecedor de ter revelações do Ceo: mas que as regras da prudencia, e o que lia nas Historias Sagradas, e doutrinas dos Santos, o fazião temer, ou antes ter por certo algum grande, e extraordinario castigo n'aquella ilha. Porque via peccados geraes, e publicos correrem á redea solta, e não via sinal nenhum de emenda, nem penitencia. Não achou o Ouvidor em que pegar, com resposta singela despedio o Frade. Porém já n'este tempo a Divina Bondade, que não quer que pereça o peccador, senão que se arrependa, e viva, tinha declarado sua determinação com novo genero de profecia, pondo-a na lingua dos mininos innocentes. Escrito está, que por boca dos taes descobre Deos suas verdades, e manifesta a perfeição de seus louvores (1). Por certo se affirma, que juntos em bandos os mininos de Villa franca dizião a huma voz, que estava perto hum diluvio, fim de todos, e de tudo. Era voz temerosa, dava-lhe credito a innocencia. Houve alguns tão sisudos, que os fez ausentar da villa o terror d'ella; mas os mais, que devião cuidar procedia tudo da prégação de Frei Alonso, fizerão instancia com o Ouvidor, que o tornasse a chamar, e inquirir de novo. E havendo tão poucos dias, que andara o caminho de Ponta Delgada a Villa franca, foi mandado aparecer outra vez aos vinte e hum do mez. Mas entretanto reinava tamanha cegueira na triste terra, que em lugar de porem os olhos no Ceo, e pedirem misericordia, era lingua commum, apellidarem se os amigos, e compadres, com a voz dos antigos Epicureos (2): Comamos bem, pois havemos de acabar cedo, aproveitemo-nos dos nossos capões cevados, morreremos fartos. Obedeceo o Frade ao segundo mandado Ecclesiastico, chegou sobre tarde (são quatro legoas de distancia de hum lugar ao outro) a casa do Ouvidor no dia apontado de 21 do mez de Outubro,

(1) Psalmo (2) Tull.

Quiz entrar, mandou-lhe dizer o Ouvidor, que no dia seguinte o ouviria, e elle tornou palavras formaes ao criado: Diz o Senhor Ouvidor, que ámanhãa me fallará, e eu lhe digo, que pois agora não quer, que póde amanhãa, se quizer, por ventura não poderá. Palavras forão estas, que o calamitoso successo, que as seguio, e verificou logo, deu occasião a ficarem para sempre como impressas em bronze, na memoria dos moradores da ilha; com quanto Fr. Alonso fallando depois algumas vezes na materia, nunca confessou que as dissera affirmativamente; ou fosse por sua modestia, ou porque na verdade lhe não communicara Deos ao entendimento a profecia, que lhe poz na lingua.

CAPITULO VIII

Descreve-se o sitio, que a villa tinha, e o modo porque ficou sovertida.

Estava assentada Villa franca em huma fermosa chãa, d'onde devia tomar o nome, que tem do Campo, ao longo de huma ribeira, que corre da serra, que chamão o Pico do Rabaçal; ficava-lhe a serra ao Norte em distancia de meia legoa, e a ribeira lavava a villa da parte do Ponente, fazendo divisão a hum pequeno arrabalde, que havia na outra margem. N'este se recolheo Frei Alonso para passar a noite. Cerrou-se o dia com tempo claro e quieto. Entrou huma noite, qual promettera o dia, serena e sem vento, Ceo estrelado, por toda a parte dessasombrado de nuvens, e tal continuou até quasi ás duas depois da meia noite. N'este ponto, que he quando por toda a parte está o sono mais senhor de toda a criatura, e com maior suavidade prende, engana, e enlea os sentidos para alivio, e reparo da vida: eis que começa a mover-se a terra com huns abalos, e sacudimentos tão impetuosos, e tão apressados, que se não vêem maiores nas agoas do mar, quando são combatidas de tormenta de ventos: assim se abanava a huma parte e outra, assim soavão roncos medonhos, que não ameaçava menos huma cousa e outra, que querer-se desatar, e soverter no mar toda a ilha. Durou esta tempestade tão pouco espaço, que não passou de hum Credo, e esse bastou para deixar assolada, e sumida debaixo da terra, com quasi todos seus moradores, a mais soberba, rica, e populosa villa de todas estas ilhas, e qual não havia em muitas partes da Espanha. Mostrou a luz do dia o miseravel estrago: como aconteceo nas cidades infames de Pales-

tina, que apoz o fogo do Ceo, ficarão n'um momento cobertas de mar, e agoa, sem mais se ver sinal, nem rasto de edificios. Assim desapareceo Villa franca o dia de quarta feira, vinte e dous do mez; obrando n'ella o tremor, e a terra, o mesmo que n'ellas tinha feito o fogo, e agoa. Foi o caso, que a furia do terremoto derrocou todo genero de edificio, sem ficar casa em pé, servindo a ruina de primeiro instrumento de morte, e sepultura na força do sono a seus donos. E logo, porque não escapasse nada, quebrou com a mesma força do tremor, e despegou das fraldas do Pico, que dissemos tinha ao Norte, huma montanha inteira de terra, lodo, e penedia, que como levada á mão, correo sobre a villa, e a cubrio toda até ao mar, e até lançar no porto grandes penedos, que hoje se vem d'elle. Emfim, o terremoto assolou, e o monte sepultou tudo o que era villa, de sorte que ficou toda hum campo raso, sem sinal de casa, nem povoação (grande poder do Altissimo) só da ribeira para a parte do Poente, onde era o arrabalde, como erão casas baixas, e pequenas, foi menos o damno do tremor. Porque ainda que cahirão humas, e outras ficarão estroncadas, escapou a gente, que serião até setenta almas, e ficou em pé com ellas huma Ermida de Santa Catharina. Valeu-lhes, para não perecerem casas, e homens, que o impeto da terra, que arrebentou do Pico, tomou seu caminho, como se fôra mandado sobre a villa, e ao longo da ribeira, sem torcer para o arrabalde. E tal foi, o que na ilha chamão o diluvio de Villa franca.

Mas como o terremoto combateo, e aballou geralmente toda a ilha: assim não houve lugar em toda ella, que ficasse isento de trabalho, e lagrimas, e cahirão muitas casas. Em algumas acabarão familias inteiras, e não houve Igreja grande, que ficasse em pé. Acudirão pela manhãa os poucos, que tinhão escapado no arrabalde, a ver, considerar, e prantear a sepultura de seus naturaes; e lembrados tarde das santas amoestações do Prégador, forão demandal-o, pasmados, e cheios de medo, e como esperando o juizo final. Trocou elle a linguagem, e os termos, que usava antes do trabalho: começou a consolar, aliviar, e prometter da parte de Deos grandes misericordias: e para penhor d'ellas ordenou duas cousas, que logo tiverão effeito: e ambas durão hoje em dia. Foi a primeira, tomarem por advogada de toda a ilha, a Virgem Purissima do Rosario, e levantarem-lhe huma casa, que se fez com as mãos, e trabalho de todos os presentes em breves dias. A segunda foi fazerem-lhe voto de acudirem a ella todas as quartas feiras com Procissão, e Missa, em me-

moria d'aquella quarta feira, que a tanta gente junta foi a ultima da vida.

Grandes desaventuras se contão, que fizerão o dia infelicissimo n'este lugar, e por toda a ilha. Mas não nos toca a relação. Achara-se esta noite em huma quinta, por sua boa ventura, e mercê de Deos, o Senhor da villa, e Capitão da ilha, Ruy Gonçalves da Camara. Acudio com a pressa, que he de crer; e achando a villa sovertida, e com ella hum sumptuoso aposento em que vivia, a primeira cousa em que entendeo, como pio, e virtuoso, foi hir com as reliquias do povo em huma devota Procissão ao lugar da Igreja Matriz, que fora hum magnifico templo, da invocação do Archanjo S. Miguel, de pouco acabado; e cavando todos contra o sitio em que fôra a Capella mór, procurou descubrir o sacrario do Santissimo Sacramento. Foi achado o sacrario; porém deu nova occasião de pranto, grita e lagrimas, porque se achou dentro o cofre em que costumão estar as sagradas Hostias, e estando inteiro, e só aberto de fechadura, e sem mais damno, que huma pequena lasca fóra, vio-se não ter em si cousa alguma, sinal claro de maior miseria de todas: pois o era de se ausentar d'elles, e os deixar o Senhor do Ceo, e da terra. Indicios houve, e se contarão, com que o mesmo Senhor quiz manifestar mais esta ausencia, e que as fez levar pelos Anjos a outra Igreja da ilha. Porque se bem todas fôrão arruinadas, em nenhuma ficou sacrario enterrado. O Capitão Ruy Gonçalves da Camara perdeo na villa toda sua familia, que era muito grande, e n'ella dous filhos, e duas filhas, e huma irmãa, sem escapar de toda, mais que a parte, que comsigo levara á quinta, que foi sua mollher Dona Filippa Coutinha, irmãa de Dom Fernão Coutinho, avô de quem isto escrevia, e seu filho segundo Manoel da Camara, que era minino, e depois lhe succedeo no estado, e foi pai de Ruy Gonçalves da Camara, primeiro Conde de Villa franca. Esta relação colhemos de outra mais larga, e digna de se ver, que vimos em mão do Licenciado Manoel Severim de Faria, Chantre da Sé de Evora; que com muita curiosidade, e occupação virtuosa vai fazendo thesouro de antiguidades. N'ella achamos, que foi o numero dos que acabarão na villa, e nos mais lugares n'este dia cinco mil almas, e não falta quem meta n'esta conta os que matou a peste, que no anno seguinte correo por toda a ilha; mas não parece, que dizem bem.

Occasião nos dá este successo de fazer aqui huma breve lembrança de outro quasi semelhante nos modos, e no prodigio, se bem menos damnoso nos effeitos, que n'estes annos proximos foi visto em huma Ci-

dade povoada de Portuguezes, e por elles fundada na India Oriental. Porque na verdade, como tudo que por mão de Religiosos se escreve, traga comsigo obrigação de ser para ensino, e doutrina, e só afim de persuadir os Christão ao amor e temor de Deos: mormente a tempo, que tão pouco se castiga a soltura, com que os mesmos Christãos se dão a compor livros de ociosidades, peste deliciosa, e invencivel, e veneno pernicioso para as almas, e em tempo, que os hereges com as armas materiaes se conjurão por toda a parte contra este torrão de Espanha, e seu estado, justo he que ponhamos os olhos nas significações, que o mesmo Senhor nos vai fazendo de sua ira: para que nos demos pressa a fugir d'ella com verdadeira conversão, e aborrecimento dos peccados, que he só o que elle, como misericordioso, quer de nós, segundo o que está escripto: *Ut fugiat á facie arcus* (1). He nobre povoação na costa de Cambaya, não muito longe d'onde o famoso rio Indo mistura suas agoas com as do Oceano, a cidade, e fortaleza de Baçaim, terra rica por trato, e por grande ao mar, já povoada de muitas aldeas com abundancia de palmares, que são arvores de mais proveitos, que quantas criou a Natureza, com hortas frescas, e rendosas, que fazem os moradores mais ricos. Vivia-se n'ella pelos annos do Senhor de 1618, com queixa de todos os bons, que havia dissolução notavel de costumes, a que se juntava falta de justiça nos que tinhão obrigação de a fazer. Quiz o Senhor fazer huma lembrança com castigo de pai, que usa de vara com o filho mimoso, não para matar, senão para encaminhar. E foi assim, que tomou por meio hum espantoso furacão de chuva e vento, que mudando rumos desd'as dez horas do dia de huma terça feira dezasete de Maio até noite, e por toda a noite até ás quatro horas da manhãa seguinte; e crescendo em braveza, qual nunca de memoria de homens se tinha visto n'aquellas partes, nem por mar, nem por terra, deixou feita lastimosissima destruição. Não ficou na cidade Mosteiro, nem casa particular, que não viesse ao chão, ou padecesse gravissimo damno. No campo não ficou arvore em pé, os palmares destruidos, as hortas perdidas, as aldeas assoladas. Tanto foi o mal, e tão geral, que houve muitos homens, que tiverão de perda a dous, e tres mil cruzados de renda, e em toda a cidade, e distrito d'ella não houve particular, que deixasse de ter seu açoute, e muito que sentir, e que chorar. E foi opinião commua, que não fora, nem podia ser cousa natural o impeto, e furia da tempestade,

(1) Psalmo 59.

e o mal que deixou na terra: antes fora obra verdadeira dos espiritos infernaes. E não faltarão sinaes, e visões de gente de credito, que o confirmarão. Foi bom argumento, que toda a agoa da chuva d'este dia e noite, vinha contaminada de sal, e juntamente fedor, de sorte que a pura e doce dos tanques pela communicação se não pode beber, nem soffrer em muitos dias. Tambem se vio cousa, que só mão infernal podia fazer. Acharão-se telhas cravadas em troncos de palmeira, e em paredes de pedra, e cal. Mas o Pai Omnipotente usando de sua immensa bondade, como n'outro tempo fez com o Santo Job, não consentio, que sendo o mal tamanho nas fazendas, passasse a tocar nas pessoas. Provou-se isto largamente, porque sendo a ruina dos edificios geral, com desacordo e confusão em todo o genero de gente, quasi não houve morte nenhuma. O que parece impossivel succeder, sem particular ordem divina. Notou-se, que ficarão perdidas, e arruinadas na cidade, e seu distrito, que contamos desd'a ponta de Bombaim até Agaçaim, trinta e cinco Igrejas, quinze de S. Francisco, sete da Companhia de Jesus, cinco de Clerigos, tres de S. Domingos, duas de Santo Agustinho. Caso para considerar, e discursar com attenção; e muito para sentir e temer. Porque se ajuntou fazer a tormenta a mesma bateria contra todas as Cruzes, que havia nas praças, campos, e estradas, com tanta violencia, que não só as de madeira derribou, ou quebrou; mas muitas de pedra tão cravadas, e bem assentadas em seus fundamentos, que nenhum poder de tempestade natural as podia descompor. E porque digamos tudo, e demos graças a Deos, cahindo tantas Igrejas, em nenhuma houve indecencia nos Sacrarios do Santissimo Sacramento. E quebrando-se muitas imagens dos Santos por todos os Templos, nas da Virgem Nossa Senhora não houve alguma consideravel. Mas he muito de estimar, e digno de ficar em memoria, o grande cuidado, devação, e piedade christãa, com que acudirão a pedir misericordia, e aplacar a ira divina todas as Religiões, Communidades Ecclesiasticas, e povo; não só nas terras que padecerão o açoute; mas em todas as mais cidades da India, e especialmente em Goa, e Cochim. Forão de muita edificação as orações, e procissões publicas, as penitencias geraes, e particulares, que se fizerão.

*

CAPITULO IX

Fundação do Mosteiro de São João de Setural.

Havia em tempos antigos no termo de Setuval, além do valle que chamão de Santas, huma ermida da vocação de São João Bautista, a que o povo acudia com devação, e romagem. Porém como estava longe de povoado entre pinhaes, e junto de marinhas de sal, sitio de si mal assombrado, e pouco sadio, pareceo que estaria o Santo em mais decencia, e huma Confraria, que na ermida tinhão os homens do mar, e pescadores, hiria em maior crescimento, se a trouxessem para a vizinhança da villa. Concordarão na mudança confrades, e moradores. Tomarão-lhe sitio para nova casa no meio das hortas, entre o chão do Sapal, e a estrada, que corre para Evora. He particularidade d'este Santo trazer alegria com suas festas, como lhe foi pronosticado em seu nascimento. Não se pode crer facilmente o alvoroço, com que a terra toda se juntou a começar o edificio. Acudirão homens, e mulheres, nobres, e plebeos, não se tinha por honrado, nem por devoto, quem não tomava sobre os hombros algum material, para o chegar aos officiaes; soando entre os serviços cantares, e folias. Succedeo estar na villa o Mestre Dom Jorge, senhor d'ella, estimou a devação do povo, e quiz honral-a com sua presença. Acudião todos os dias, elle, e a Duqueza Dona Brites sua molher, não só a ver, mas tambem ajudar, e ter parte na obra. A mesma Duqueza com suas Damas, e toda a mais familia tinha por gosto pôr as mãos nas pedras, e lançal-as nos cestos, e padiolas dos officiaes. Era isto pelos annos do Redemptor de 1515.

Acabada a ermida, e trazida a imagem do Santo, foi o senhor Dom Jorge cuidando, como a povoação hia em notavel crescimento de moradores convidados das grossuras das pescarias, e commercio grande de estrangeiros, que acodem a levar o sal, e pescado, que seria grande nobreza da villa, se a dous Mosteiros, que já tinha de Frades, e Freiras de São Francisco, juntasse outro de São Domingos. Vivia na serra d'Azeitão; communicava com gosto os Frades do nosso Convento; e tinha entre elles seu Confessor. Assentou por seu meio, que aceitasse a Ordem para fundar hum Mosteiro a ermida novamente levantada. Houve dilações, e passarão annos: porque foi necessario consentimento da Camara, e povo. Veio

o Mestre a passar sua carta de doação no anno de 1520. Cujo treslado he o seguinte:

Nós o Mestre de Santiago, e de Aviz, Duque de Coimbra, etc. Faço saber a vós Juizes, Vereadores, Officiaes, e Homens bons da nossa Villa de Setural, e a quaesquer outros, a que o caso pertencer, que considerando nos o crescimento, em que a dita Villa vai. E com a ajuda de nosso Senhor vai em caminho para em poucos annos crescer em muita quantidade de vizinhos, e moradores d'ella; e para por nossa parte ajudarmos ao nobrecimento d'ella. E vendo que n'ella ha dous Mosteiros, hum de S. Francisco, e outro de Jesus, e que será muita honra, e nobrecimento da Villa, aver n'ella outro Mosteiro de Frades da Ordem de S. Domingos. Porque alem da devação, que as pessoas na dita Ordem tem, são Religiosos mui proveitosos, para com suas prégações trazerem á gente o bom viver. Polo que a nós praz darmos, como de feito damos, a Ermida, que se hora novamente fez, de S. João, que he na estrada, que vai para Evora, a dita Religião, e Ordem de S. Domingos: para que na dita Ermida edifiquem, e fação hum Mosteiro de Frades da dita Ordem. O que assim fazemos, pelo sentirmos por serviço de nosso Senhor, e honra, e nobrecimento da dita Villa. E os Religiosos da dita Ordem poderão cada hora, e quando lhes bem vier, edificar, e fazer na dita Ermida o dito Mosteiro. E por guarda, e firmeza d'ello, lhe passamos esta nossa carta. E queremos, que valha, e se guarde como se fosse passada pela nossa Chancellaria. Feito em nossa Senhora d'Azeitão, a vinte de Junho de 1520. Diogo Coelho o fez.

Esta doação, e hum alvará da licença d'el-Rei Dom Manoel, e certidão de consentimento da Camara apresentou Frei Lourenço da Cruz, Prior d'Azeitão, e Confessor da Duqueza, no Capitulo Provincial, que se celebrou em Elvas no anno de 1521; em que por minha conta foi eleito segunda vez em Provincial o bom velho Frei João de Braga. N'elle se deu cargo de principiar o Convento ao Padre Frei Gaspar d'Alcacer, que chegando á villa com seu companheiro Frei Antonio Mendes, irmão converso, ordenou hum pobre gasalhado: no qual por então, e alguns annos depois residirão elle, e seus successores com titulo de Vigarios, sustentados com esmolas, que o Irmão Frei Antonio pedia pelas portas com sacola ás costas.

Corrião os annos, e o Convento com tanto gosto decretado não só

não corria; mas nem ainda começava. Esta tardança junta com as alterações, que a mudança dos tempos vai causando nos animos dos homens deu occasião ao Mestre para lançar mão de outra traça, que lhe pareceo mais conveniente á sua familia, e não desacomodada para a nossa Ordem. Tinha a casa cheia de filhos, e filhas, que hião crescendo, julgou que podia dar vida ás filhas, sem as tirar de casa, se na terra de que era senhor lhes désse gasalhado, o que ficaria conseguindo, se lhe fizesse de Freiras o Mosteiro, que offerecera para Frades. Poz o negocio em pratica. Não se podia negar nada a hum Principe, e tal que se sabia fazer senhor dos animos com brandura, e liberalidade, virtudes verdadeiramente Reaes. Assim foi de novo proposto, e aceitado para Freiras no Capitulo do anno de 1525 o mesmo, que no de 1521 fora proposto, e aceitado para Frades. E veio a succeder, ficarem juntamente sem effeito duas casas, que com grande vontade se tinhão dado, e recebido para Frades. E foi a outra depois d'esta de Setuval, huma, que se nos offereceo na cidade de Cinis, junto ao Reino do Algarve. Dava Jorge Furtado, fidalgo honrado, o sitio, e boa esmola de dinheiro cada anno, em quanto durasse a fabrica. Sendo approvado tudo, houve contradição, nascerão inconvenientes; desfez-se o trato.

He grande cousa tocarem os negocios em interesse proprio de quem os maneja, para espertar diligencia. Não ha animo tão livre, que deixe de se inclinar, e ás vezes sugeitar a huma commodidade. Esta foi a causa, que o Mosteiro, que quasi estava esquecido, emquanto era para Frades, na hora que houve resolução em ser de Freiras, e para o fim que temos dito, procedeo com tanto cuidado, que dentro de quatro annos esteve em perfeição de tudo quanto convinha, para poder dar principio á Religião, e clausura. Por dia do Santo Bautista em vinte e quatro de Junho de 1529 entrarão n'elle com grande alegria do Mestre, e Duqueza, e de toda a terra sete Religiosas do Mosteiro de Jesus d'Aveiro, que vinhão para fundadoras, cujos nomes parece razão não ficarem esquecidos. Erão Soror Maria de Noronha, Soror Maria Pinheira, Soror Isabel de Quadros, Soror Isabel Sodré, Soror Brites Pereira, Soror Maria Juzarte, Soror Brites Ferrás. Não quizerão o Mestre, e Duqueza, que ficasse para mais longe a entrada de suas filhas no Mosteiro, que fora o fim, para que o fundarão. No mesmo dia entregarão tres á Religião, e com ellas tres primas suas, filhas de huma irmãa da Duqueza, Condessa de Portalegre. Foi dia este de grande triunfo da Religião, por serem as tres,

netas d'el-Rei Dom João II, pelo pai: e todas seis descendentes de Reis a poucos passos pelas mãis, que erão filhas do senhor Dom Alvaro, irmão do Duque de Bragança. Dura huma tradição, que lhes fez a Duqueza n'este passo huma pratica com tanto espirito, e piedade christãa, que enchia de devação as noviças, e de espanto as Freiras velhas: e até os Prégadores, que assistirão no acto, confundio, representando-se-lhes, que vião revestido n'ella hum Santo Agustinho. Fora boa ventura, e bom exemplo para as Princesas, que hoje vivem, que a tiveramos estendidamente, como passou. Diremos alguma cousa das particularidades, que então ficarão celebradas. Mas será tudo pobre, e frio, pois lhe ha de faltar o espirito de quem as disse, que lhes devia dar a vida, e alma, que aos nossos Frades admirou. Foi primeiro ponto, lembrar-lhes e mandar-lhes, que d'aquella hora em diante não quizessem, nem consentissem ser tratadas com os titulos, que por filhas de seus pais, e netas de seus avós usavão no mundo. Que pois merecerão a Deos tão boas venturas, como escolhel-as para si, e tiral-as do lodo da terra, nenhuma cousa d'ella devião querer levar comsigo; mudava-se a vida, mudassem os gostos d'ella. Senhorias, vaidades, opinião, era farinha do Egypto. Quem pertendia lograr o Manná celestial da Religião, desde logo as havia de deixar; lembrando-se que os filhos de Israel nunca alcançarão aquelle pasto milagroso do Ceo, senão depois que de todo se acharão despejados do que tinhão trazido comsigo da má terra dos Egypcios. E não queria, que aceitassem este conselho por outra razão, senão pela mesma de grandeza, e brio. De rustico era notado, quem entrando no Paço não guardava os estilos d'elle. Se he verdade, como he, que o Paço do Rei da gloria he qualquer Religião bem ornada, mais teria de grande, e de bem entendida quem se soubesse avantajar nos pontos, que n'elle se estimavão. A honra maior (dizia) da casa de Deos he de quem n'ella mais se abate, assim nos ficou dito por boca do Redemptor. Será logo melhor costume na Religião aquelle, que menos se parecer com os da terra. Senhoria he titulo vão, e falso; porque ninguem he senhor, senão Deos; nem nomeado ha de ser entre vós. Nem ainda hum Dom haveis de sofrer, que todavia acena profanidade. Troque-se a Senhoria em hum fallar do bom tempo de nossos passados, que até os Reis tratavão com hum vós. Troque-se o Dom no termo singelo, e amigo de Soror, que he o mesmo que irmã, em que todas as casas mais observantes confirmão: e por isso cresce n'ellas a virtude, e serviço de Deos. Esta igualdad »

filhas minhas, ha de fazer que sejais amadas: a superioridade cria odio. E quem d'estas grades para dentro não professa fugir das mentiras, e desconcertos do mundo, e quizer manter vãagloria de estado, ainda que não seja mais que na sombra, e nome, tenha por certo, que cahirá n'aquella maldição, que está publicada contra os que caminhão por duas estradas para hum só fim; por tristes, e desventurados os canoniza a Escritura Santa (1). Mal dizem brocados com cilicio, mal assenta soberba de titulos com Cruz ás costas. Faça-vos estimadas a maior modestia, a maior mansidão, a mais profunda humildade. Só para estes effeitos sirva a lembrança do sangue Real, que obriga a esmerar mais no que he de mais valia. Quanto mais, que a toda a boa razão repugnará, confessardes-vos todas por filhas de hum mesmo pai; que he o Padre São Domingos; e da mesma mãi, que he sua Religião Sagrada; e não serdes irmãas em tudo. E se isto ha de ser nos nomes, e titulos, que são só aparencias, e sombras, muito mais convem que seja na sustancia das cousas. Irmãas quero que sejais das mais humildes, e mais pequenas da casa, em todo o trato, e em todo o serviço, na cama, na mesa, e em tudo o mais: primeiras ao entrar no coro, e lançar mão dos exercicios trabalhosos; derradeiras em o deixar. Na mesa não aceiteis mimo, nem differença do que se der em commum; porque como o professar vida monastica he enterrar, se quizerdes na comida ter vantagem, poder-vos-hão dizer, que vos sepultastes á mourisca, ou á gentilica, com banquetes na cova. O mesmo digo da cama. Não vos peze de ser aspera, e dura; que se aquelle se ha de contar por bom servo, a quem o Senhor quando vier, achar esperto, e vigiando; bem he, que o mesmo leito seja tal que vos obrigue a pouco somno, e a levantar, e fugir d'elle. Para isto vos lembre, filhas, que como deixais minha casa para povoar a de São Domingos, assim sahio antigamente da sua para Mesopotamia o Santo Jacob. E na hora, que largou os mimos da mãi, que o desejava grande, e avantajado na herança, e se vio quando veio a noite, estirado sobre a terra nua, o Ceo por manta, huma pedra por cabeceira, então lhe acudio Deos com extraordinarios favores, e mysteriosas visões Rematou a Duqueza depois de outras cousas, affirmando, que se alguma obrigação lhe tinhão, pelas gerar grandes no mundo, agora lhe devião mais, porque as punha em estado de serem grandes na Corte do Ceo. O que po-

(1) Sapient.

dião ter por sem duvida, como se governassem pelos meios, que alli tinhão ouvido.

CAPITULO X

Da estreiteza, e bom governo, com que se procedia n'este Mosteiro: E da rigorosa vida, e santos fins de algumas Religiosas d'elle.

Segundo a Duqueza era dotada de alto entendimento, fora dita, se pudera assistir com estas Madres. Porque nenhum governo puderão ter mais essencial para o espirito, nem ainda para o temporal, com quanto sabemos das fundadoras, que forão todas escolhidas, por pessoas de grande talento para tudo. Vio-se em muitas cousas este dom natural da Duqueza. Diremos huma só, por abreviar. Muito descobre do peito humano, o que pronuncia a boca: mas a pedra de toque verdadeira, são as obras. Cheas estão as praças de gente, que falla bem: mas faltas de quem obre. Muito estudo na pratica, igual descuido das obras. Esta senhora não era menos prudente, e attentada no que fazia, que avisada no que fallava. Sendo o Mosteiro seu por tantas vias, por nora de Rei, por senhora da villa, e por filha de seu pai, mui poucas vezes entrava na clausura. E quando lhe acontecia entrar, a companhia que levava, era só de duas Donas: e estas não consentia, que passassem do claustro: dando por razão, que não servião mais as entradas das mollheres seculares nos Mosteiros, que de causar inquietação de animos, contando novas do mundo muito escusadas, historias, e sucessos indignos de entrarem nas orelhas de gente dedicada a Deos. Ao que se juntava, julgarem mal da palavra, que escapa á simples Freira, com singeleza, ou descuido. E sobre tudo darem occasião a haver faltas no Officio Divino, com as ceremonias de contemporizar com as que entrão; e com a vista de louçainhas, e trajos custosos resuscitarem pensamentos vãos, e lembranças das cebolas do Egypto, nas que lhe tinhão perdido a saudade com a continuação do encerramento. Estimei achar tão acertado juizo, em pessoa de tanta qualidade. Escrevo-o de boa vontade, para confusão da força, por não dizer tentação, com que hoje se procura entre as Senhoras d'Estado, terem os Mosteiros das Freiras a seu mandar, não perdoando a diligencias, e grandes gastos, por alcançarem rescritos de Roma, só para quebrarem a santa clausura. Que se bem o considerarão, outra tanta força houverão de fazer pela sustentar, e manter.

Como as fundadoras trazião as leis, e costumes de sua casa d'Aveiro, tão apontada em todas as partes da Religião, como atraz deixamos escrito: foi esta criação, e principio em tudo semelhante áquella escola: e ajudava muito considerar, que tinhão perto, e como por sobrerolda, a Duqueza de huma parte, e da outra hum Mosteiro da primeira regra de São Francisco, em todas as idades mui reformado. Assim era de ver o cuidado de acudir ao coro, a devação com que se assistia n'elle: o aturar do silencio, a continuação das disciplinas, o rigor dos jejuns. Isto era das portas a dentro. Das portas a fora nenhum trato, mais que o forçado em commum para remedio da sustentação; que se este se pudera escusar, fora possivel cuidar-se, que não encerravão aquellas paredes gente viva, mas foi desgraça para tudo, e causa de se atalhar em parte, a corrente de tão bons principios o sitio da casa. Não se advertio ao tempo que se começou o edificio, que era lugar baixo, e apaulado. Como entrava o Outono, fervião, e apodrecião com a força do Sol aquelles charcos, que a cercão, e lançavão de si pestilenciaes vapores. E como o ar he o mantimento mais continuo do corpo humano, causarão fortes doenças. As primeiras em que fizerão mais impressão, forão as fundadoras: criadas em outro Ceo desde mininas, sentirão logo a differença, adoecerão todas humas traz outras. E passarão tanto mal, que não se atrevendo a aturar a casa, pedirão licença ao Mestre, para se tornarem á sua: e porque se lhe dilatava, proverão-se de hum Breve de Roma, com que alguns annos depois se forão as mais. Do anno não consta precisamente; só sabemos, que obrigada a Duqueza de sua auzencia, e não querendo, que faltassem Mestras da doutrina santa; foi em pessoa no anno de 1538 a Montemor o novo, e levando licença dos Prelados trouxe comsigo quatro Religiosas do Mosteiro, que alli tem a Ordem. E estas forão continuando a boa criação começada, que importou tanto com os bons fundamentos, que estavão lançados, que produzio sugeitos de abalizada virtude. Diremos de alguns.

Foi pedra fundamental, e primeira d'este santo edificio a Madre Soror Maria Magdalena: que assim se quiz chamar a primeira das tres filhas do Mestre de Santiago. Assim lhe assentarão no entendimento as santas admoestações da mãi, assim se aplicou de vontade a toda a doutrina sagrada da Religião, que sahio hum espelho d'ella. A sua humildade competia com a das mais abatidas servidoras: tendo muito de todas as mais virtudes, d'esta foi principalmente louvada. Porque se as servi-

doras trabalhavão, ella não descançava: se trazião os habitos rotos, ella por suas mãos lh'os remendava. E com tanto gosto, como se só nascera para alfaiata de pobres: e por se não differençar d'ellas, sempre o que trazia, era velho, e remendado. Na oração, e exercicios de penitencia igualava todas as que mais se avantajavão n'elles. Começou-lhe Deos a pagar, como todas as suas se adiantão em tempo, e preço aos merecimentos humanos, na hora que os bons tem por principio de descanço, que he a morte. Estando n'aquelle temeroso passo, mostrou-lhe hum grande arco triunfal, enramado das mais bellas, e mais frescas boninas, que crião Abril, e Maio, e acompanhado de grande numero de donzellas de fermosura peregrina em gesto, e trajos, como que a esperavão para entrarem com ella no triunfo da gloria, que merecera com a perfeita guarda da pureza, cujo simbolo são as flores, e com a vitoria dos estados, e mundo, que deixara: que só aos illustres vencedores se levantão arcos. Isto foi penhor do bem que a esperava, só mostrado a seus olhos, e declarado por ella a seu Confessor. Mas na hora da sepultura, que foi no coro de baixo, no enterro que os successores do Mestre alli tem, vio a Communidade toda claros sinaes, de que estava já de posse do premio, e da vitoria, em huma luz, que sahia d'aquelles membros defuntos, tão extraordinaria, que vencia a das tochas, e brandões, e até no tecto da casa, e por tudo fazia huma manifesta differença.

Não quizerão ser inferiores a Soror Maria Magdalena nenhuma das tres primas, filhas do Conde de Portalegre. Sendo todas tres irmãas, quanto ao nascimento, e pela Religião, que juntas professarão; muito mais o forão no amor da Cruz de Christo. Chamava-se a mais velha Soror Antonia dos Anjos: como estava na casa de Deos, quiz imitar os seus Anjos, com obedecer, e não mandar: servir sempre, e não governar nunca. Assim não se póde acabar com ella jámais, que aceitasse o officio de Prelada, estando sempre prompta, e offerecida para todos os humildes da Communidade. Ficarão em lembrança alguns exercicios penosos, que usava, porque erão publicos. Secretos se entendia que fazia muitos, e de mais trabalho. Jejuava toda a roda do anno, sem aliviar hum só dia. Todos os Domingos depois das Matinas do coro rezava o officio inteiro da Santissima Trindade. E porque he mortificação particular das molheres por muitas vias não usar chapins, determinou-se a andar de çapatas, e assim perseverou toda a vida. Acontecendo-lhe acompanhar huma Religiosa moça, e muito penitente, que morria com grandes sinaes

de predestinação, abrazou-se em fogo de santa inveja de hum semelhante fim; e levantando a voz com vehemencia: Arrebatão-nos (dizia) o Ceo estas cachopas á força de braço, e violencias: correm, e chegão a alcançar o pallio, quasi antes de terem idade para correr; e nós, molheres crescidas, e com forças inteiras andamos cercadas de frouxidões, esperando a velhice para merecer com dilação de annos, o que ellas sabem grangear, e ganhar com arremessos de valor, e esforço. Ah quem pudera quebrar as prizões, quem voara, e se fora já descançar, como esta! Derão sinal os olhos com caladas lagrimas, que requerião desejos dentro n'alma, o que a boca pronunciava. Não se vio, nem se lhe ouvio mais que isto, nem se sabe, o que n'aquelle tempo mais sentio. Mas parece, que foi ouvida no Ceo. Porque desd'o ponto que a moça acabou, entrou ella em aparelho de morrer, como se na morte alhea lhe fora revelada a sua. E assim o crerão todas. Teve o aparelho muito que estimar, e muito que espantar; porque era acompanhado de hum alvoroço, e alegria continua, pedindo parabens a todas do transito, que tinha á vista, e entre jubilos, e gozo acabou brevemente.

Foi a segunda irmãa Soror Anna da Conceição, que mereceo entre as Religiosas o fermoso nome de mãi de pobres. Porque assim se abrazava em desejos de os remediar, e assim lhes acudia com tudo aquillo a que sua possibilidade abrangia, como se todos forão seus filhos. Habito se lhe não vio nunca vestido, senão velho, e roto. O novo trocava, tanto que o recebia, com algum velho, por officio de charidade, e juntamente humildade. Porque do officio, e obras de humilde se agradava tanto, que depois de fazer dezaseis annos o officio de Prioresa, assim tornou a servir os mais humildes da Communidade, como se então começara a ser noviça. E não he razão, que nos passe por alto, para confusão da soberba humana, o que se conta d'ella n'este particular. Ficou em memoria, que com muito gosto se assentava entre as servidoras da cozinha, ajudando-as a escamar o peixe. Não podia faltar grande premio a tamanha humildade, acompanhada da virtude celestial da charidade, e ambas do esmalte da santa pureza; seguida par voto, e amada de todo o coração. Affirma-se que quando espirou, soarão pelo Mosteiro vozes de harmonia do Ceo, como temos escrito de outras casas, e com a mesma prova, e certeza de não ser cousa da terra. E não he de espantar, que acudissem os espiritos angelicos a festejar, e honrar aquella, que na humildade de boa serva, e nas virtudes angelicas de pureza, e abrasada

charidade, procurou, em quanto pode, e mereceo a Deos parecer-se com elles, vivendo entre as miserias, e pensões da carne, como se vivera izenta, e longe d'ella. Acompanhavão a que espirava todas as Religiosas do Mosteiro, sem ficar nenhuma. Não sahia voz de entre ellas, que não fosse muito triste, e envolta em lagrimas, pelo que perdião. Claro fica, que as alegres, e festivaes, que se ouvirão, erão de gente do Ceo, que fazia festa ao que ganhava.

Não quiz a terceira, que se chamava Soror Joanna da Cruz, parecer indigna de taes irmãas, nem do titulo, que tinha da Cruz. Podemos acomodar a todas tres, o que he costume dos que tratão em perolas. Se acontece acharem em alguma grande partida duas, ou tres de notavel ventagem em corpo, valor, fineza, põem-nas de parte, chamão-lhe irmãas: e se achão huma só tal, chamão-lhe orfãa, inda que todas as mais sejão de subido valor. Digo pois, que n'estas irmãas nos deu o Mosteiro de São João tres perolas em tudo, e por tudo irmãas: e tambem nos deu huma orfãa em sua prima a Madre Soror Maria Magdalena, que sendo suas irmãas tambem perolas, e de soberano preço, tanto se avantajou d'ellas, que lhe está bem, no sentido dos bons Lapidarios, o nome de orfãa. Doze annos foi Prioresa Soror Joanna, e em todos elles o cuidado de que mais se presou, foi de acudir com esmolas aos pobres de fora, e ás que de portas a dentro padecião alguma falta. E todo tempo usou grandes manifestações de disciplinas, não largando nunca as tunicas de lãa, nem ainda em graves doenças; e o que he mais que tudo, rezava todas as noites no coro debaixo o Psalterio de David inteiro. E affirma-se, que o rezava em pé Foi o fim de sua vida huma enfermidade de dores, que affligindo-a sobremaneira, não edificou menos a paciencia, com que a levava, e a conformidade, que tinha com a vontade de Deos, consolando-se com o receber a miude no Sacramento: e confiando christãamente, que lhe dava o tormento das dores, para lhe forrar o do Purgatorio: e para vel-o mais cedo face a face entre os bemaventurados.

CAPITULO XI

Das Madres Soror Elena da Vera Cruz, Soror Maria do Espirito Santo, Soror Brites da Trindade, e outras.

D'estas tres irmãas, de que acabámos de contar, foi sobrinha a Ma-

dre Soror Elena da Vera Cruz; e por escusarmos dispender palavras, muito parecida a ellas em toda a virtude. Do que he bastante testemunho, que muito antes de seu falecimento soube, quando havia de ser, e que seria em dia do Santo Bautista, com quem tinha particular devação. Assim o declararão depois humas Religiosas suas amigas, a quem o tinha descoberto em segredo. No anno em que faleceo, cahio a festa de Corpus Christi, que no Mosteiro se fazia, em hum domingo, oito dias ao justo antes de S. João. E havendo de ir para Vesperas, concertou na Sacristia, que tinha a seu cargo, hum prato com todo o necessario para administração do Sacramento da Unção: e sobre elle poz hum papel de sua mão escrito, em que fazia algumas lembranças tocantes á mesma officina. Quando entrava para o Coro disse a huma Religiosa, a quem tocava entoar o Hymno, *Pange lingua etc.*, que por lhe fazer charidade mostrasse toda sua sufficiencia em o cantar com devação, e boa musica; porque lhe não havia de ouvir outro. Acabadas Vesperas recolheo-se para a cella, já com principios de febre, e frio. Cresceo o mal, levou-a no seteno, e no dia de S. João foi dada á terra. Assim fez certo o que tinha dito ás amigas: e que quando aparelhara o prato com os aviamentos da Unção, já sabia, que para si o aparelhava: grande caso, e grande animo de molher! Muito credito merecia, quem tanto d'antemão via as cousas. A outra amiga tinha promettido fazer sinal, se na hora de seu transito visse o seu Santo, que em passo de tanta necessidade confiava lhe não faltaria com sua presença. Entrava em termos de expirar, eis que subitamente lhe doura o semblante huma extraordinaria alegria, e juntamente começa a buscar com os olhos a amiga; e tentou levantar a mão, como quem queria apontar, onde o Santo estava. Mas não pode a mão, senhoreada já do frio da morte, seguir a vontade. Acabou o sinal abrindo-lhe a boca hum brando, e bem assombrado riso, com que juntamente rendeo a alma.

De Soror Maria do Espirito Santo sabemos, que foi neta do Mestre de Santiago, e que entrou n'este Mosteiro em idade de dez annos. Como madrugou tanto para a escola da virtude, e era tempo em que havia n'ella grandes Mestras, deu tal discipula, que veio a deixar atraz muitas das mais aproveitadas. Sua occupação continua era andar toda enlevada em amores divinos, e assistir diante do Santissimo Sacramento todas as horas, que tinha de seu. Por esta conta a sua mór deleitação era o Coro; parecia ter azas ao hir para elle: e que a tiravão por força, quando o

deixava. Pasmavão as Religiosas, que com ser muito enferma, e naturalmente fraca, e delicada de compreição, aturava as Communidades do coro, e refeitorio, como a mais robusta; e ao dia, que havia de commungar, fazia devotas vesperas, com velar em oração toda a noite antes, sem lhe passar nenhuma. E para manter guerra contra a que lhe fazia o sono, pregava os joelhos em terra, e assim perseverava, sem jamais se assentar. Não podia viver muito quem assim trabalhava: nem temer a morte, quem assim vivia. Morreo moça, e tão bem assombrada, não só alegre de se ver acabar, que entrando no ultimo artigo pedio que lhe cantassem a hum cravo o hymno, *Pange lingua, etc.* E manifestando com devotos colloquios, que tinha com a Virgem, e com o Minino Jesus, o gosto, com que deixava a terra, por hir buscar, e gozar sua vista, se foi em paz.

Tambem era neta do Mestre a Madre Soror Brites da Trindade, e tambem foi breve moradora da terra. Tal era sua vida, que nol-a deixarão bem retratada as Religiosas, que a conhecerão; com dizer, que só as mortas desejavão sua companhia, que farião as vivas? E não o disserão debalde; porque estando hum dia em oração na cella, se lhe poz diante huma de suas tias defunta, e porque não cuidasse, que era representação fantastica, das que acontecem a melancolicos, lhe fallou com voz conhecida, e clara, dizendo, que já era tempo de se hir para ella. Não teve Soror Brites em segredo a visão, nem o aviso. Mas convém muito animo para similhantes chamamentos. Parece, que se não resolvia em dar a vontade á mudança: senão quando recolhendo-se para a cella, depois de ter assistido com huma Religiosa, que estava em passamento, e lhe expirou nos braços, sente bater na porta, e perguntando quem era, ouve a voz da mesma, que deixara amortalhada. Fez a voz pavor, mas tambem resolução de não querer mais vida. Tratou logo do fim, e dentro de hum mez seguio, animosa, e santamente, as que a chamarão. Não podemos averiguar por qual dos filhos do Mestre erão suas netas estas duas Madres, Soror Brites, e Soror Maria.

Sobrinha era da Duqueza de Coimbra, e filha do Marquez de Ferreira huma Religiosa, de que nos não ficou o nome, nem mais sinaes, que haver sido Prioresa alguns annos, e procedido assim no cargo, como no estado de subdita, com raro exemplo, e perfeição de vida. Conta-se d'ella huma cousa, que muito espantou, e por isso ficou em lembrança. Estava doente, mas com boas forças, e sem se lhe temer perigo. Pedio

ás Madres, que se achavão com ella, lhe ajudassem a rezar huma Salve. Foi cantando com ellas com voz, e garganta de sãa. Porém chegando ao verso: *Et Jesum benedictum fructum ventris tui nobis posthoc exilium ostende*: inclinou a cabeça por reverencia ao nome sagrado, e na mesma inclinação expirou.

De outra Religiosa tambem sem nome se conta huma vida, e morte grandemente extraordinaria. Tomou pór devação assistir de continuo diante do Santissimo Sacramento, como fazem na casa do Rei da terra os cortezãos, que querem valer. Não faltava nunca do coro: senão forçada de grande necessidade, ou de hum breve sono, que tomava de noite no dormitorio, por acompanhar a Communidade: Até a refeição corporal, por não faltar em sua assistencia, era no ar; como se fora açor ou gavião: tomava na mão alguma parte do que se dava no refeitorio; e chegando ao antecoro, satisfazia-se com huns breves e apressados bocados, e logo entrava a continuar diante do Senhor. Mostrou o benignissimo Senhor, e Rei dos Anjos, que lhe não desagradava o serviço, e constancia de hum bichinho da terra. Depois de longos annos, deu-lhe hum fim santo, recebidos todos os Sacramentos. E para manifestação do que estimara tal vida, de maneira quiz que se ordenassem as cousas, que veio a ser a morte no mesmo Coro.

Soror Elena Doayros foi huma das mais antigas Madres d'este Mosteiro, e das que n'elle tiverão maior nome, de grande rigor de vida, e de ardente charidade para com as enfermas, e com todo pobre. E permanece huma tradição constante, recebida das Freiras velhas, que acontecerão em sua morte casos milagrosos. Mas somos n'esta Ordem tão pouco diligentes em tirar á luz as cousas, que lhe podem grangear honra, e fama, que nenhum achamos especificado, e he força deixar todos em silencio.

CAPITULO XII

Das Madres Soror Isabel do Evangelista, Soror Ambrosia de Santo Agustinho, Soror Paula da Conceição; e outras particularidades da casa.

Da Madre Soror Isabel do Evangelista, que do Mosteiro do Bom Pastor, antes que se desfizesse, se passou a este por devação, e desejos de mais aspereza de vida, achamos huma lembrança antiga, que muito a honra. Porque diz, que acabou com mostras de grande religião, e

com milagres, mas não aponta nenhum. Miseravel descuido para em casa, cuja mór antiguidade não passa de cem annos! Particulariza-se d'ella grande, e aturado gosto em orar sempre, e hum piedoso requerimento, que tinha com Deos quotidiano. Pedia-lhe huma morte aliviada, com que não fosse penosa a suas irmãas. Adoeceo, e conheceo, que era a ultima citação do Ceo, e que convinha acudir: recebeo os Sacramentos, e entrou em morrer ao terceiro dia. N'este ponto desejou com grande ancia (e publicou o desejo) de ver, e ter junto comsigo o Santissimo Sacramento; como a verdade lhe estava dizendo. que tinha n'aquella Sagrada Hostia o Altissimo Rei do Ceo, e da terra, parecia-lhe que tendo-a perto de si, seria acabar, *in osculo Domini*: nos braços, e abraços do Senhor. Não havia na terra quem em tal cousa a podesse satisfazer. Acudio o mesmo Deos á sua serva, e consolou-a sem milagre. ordenando que pedisse a necessidade d'outra doente, que estava na mesma casa, que se lhe administrasse o Sacramento. Veio para a enferma, vio a que morria, adorou-o, e acabou consolada.

Por huma das Religiosas antigas d'esta casa he contada a Madre Soror Ambrosia de Santo Agustinho, e tão amiga da penitencia, que trouxe toda a vida huma cadea de ferro á raiz das carnes: ao que juntava não ter nunca outra cama, senão a terra fria, á imitação do nosso glorioso Patriarcha. Foi estranho caso o que succedeo em sua morte. Estando muito enferma, havia em casa huma servidora tambem doente, que a cada passo, e com grande ancia perguntava pelo estado de Soror Ambrosia, e não dissimulava a causa. Dizia, que o dia em que Soror Ambrosia acabasse, havia de ser tambem ultimo para ella. O segredo, que n'isto intervinha, não soube ninguem; mas não se fazendo caso do dito, foi publico o cumprimento d'elle, e tão certo, que no mesmo dia morrerão ambas. Podia ser que a Madre, como era tão santa, o tivesse revelado á servidora.

De oitenta annos de idade passava a Madre Soror Paula da Conceição, quando a chamou a morte em vinte e quatro de Fevereiro de 1603. Da continuação, e fervor de sua oração se contão muitas cousas; e não menos da devação, que tinha com Nossa Senhora do Rosario. Diremos algumas. A oração era depois de rezado o Santo Rosario por contas, rezar por livros; primeiro os sete Psalmos Penitenciaes, e logo hum Officio inteiro de defuntos; e isto cada dia infallivelmente. Alem de todos os pesos do Coro, e de particulares memorias, que fazia a diversos Santos,

ao recolher á noite no leito, prostrava-se em terra, e n'esta postura examinava sua consciencia, para hir repousar. Acontecia-lhe algumas vezes no discurso da oração inflammar-se tanto, que perdidos os sentidos, ficava por muito espaço arrebatada em verdadeiro extasi, de que não faltou quem fizesse apertadas provas com lembrança de casos passados, que ainda magoavão. Fazia os raptos certos, que durando, se lhe via trocar a côr do rosto com differença de geitos e gestos, já tristes, já alegres. A devação da Virgem Gloriosa, com ser grande de espirito, era-o tambem de obra. Trabalhava todo o anno, e trabalhou toda a vida em a servir: já na Confraria, sendo muitos annos Mordoma: já na sua imagem, e altar fazendo atavios ricos para a imagem, e ornamentos de telas, e sedas para o altar. E o que he mais para estimar, o cabedal para estas cousas nascia todo de sua industria, e providencia; porque nem possuia renda nenhuma, nem pedia nada a ninguem. Parte tirava da comida quotidiana, e do vestido, e calçado que lhe davão as Preladas, convertendo tudo em dinheiro, para emprego das peças, que fazia: parte lhe rendia o que por suas mãos trabalhava, que como era de cada dia, respondia muito no cabo do anno. E como sua vida foi tão larga, como temos dito, veio a fazer castiçaes de prata de pé alto para o altar, e só huma vestimenta sabemos, que lhe custou sessenta mil réis. E quando faleceo, tinha comprado tela de ouro branca, e carmesi, para hum ornamento inteiro, que pertendia fazer, para servir nos dias de festa maior do Rosario: e deixou juntos em dinheiro sincoenta e oito mil réis, para ajuda da guarnição, que dezejava fazer de bordador.

Mostrou nosso Senhor em muitas occasiões a toda esta Communidade, que lhe era aceito o cuidado, com que Soror Paula servia a sua Santa Mãi: e com casos tão mysteriosos, que só de seu poder se via claramente procederem. Porque lhe não faltassem flores para ornar a santa imagem, e altar, por toda a roda do anno, ordenou esta Madre em huma janella huns caixões, em que tinha varios generos d'ellas, que regava e cultivava com trabalho, e gasto. Entre outras plantou hum anno por suas mãos huma roseira, para divisa perpetua do Santo Rosario. E succedeo, cousa bem mysteriosa, que foi, dando logo no primeiro anno tres botões, hirem abrindo successivamente cada hum em huma festa notavel: hum por dia d'Ascenção, outro no de Pentecostes, e o terceiro no da Trindade. E sendo isto notado com atenção, notou-se mais, que cada rosa d'estas, depois de aberta, não tinha mais, nem menos de quinze fo-

lhinhas, e cada folha da feição de hum coração, sem differença de humas ás outras. Mas o que mais espanta he, que quando as rosas se forão murchando, depois de cada huma ser offerecida á Sagrada Virgem, e posta por tal dia em suas mãos, não quiz Soror Paula, que se perdessem, recolheo-as, e foi entrometendo as folhas pelo Breviario, e outros livros, em que rezava, por se não perderem, nem depois de secas, humas flores, que no nascimento, e feitio parecia terem alguma cousa de mysterio. A cabo de alguns dias, eis que abrindo o Breviario, encontra grande novidade. Olhando para huma das folhinhas secas, representa-se n'ella huma imagem da Senhora, assim como se costuma pintar em sua sagrada Annunciação. Espantada do que via, foi revendo as outras, e achou maravilha maior. Mostrava cada folhinha seu debuxo particular da figura da Senhora; mas com aquella differença de insignias, que de ordinario lhe dão os pintores em suas festas. Não lhe pareceo que devia dar credito a seus olhos, nem fiar de si cousa tamanha. Chamou Religiosas: vierão todas, humas atraz outras, e todas virão a maravilha, e tambem algumas pessoas seculares. Era o debuxo transparente; mas muito claro, e distincto, e bem divisado.

Depois de caso tão extraordinario visto, e palpado por toda huma Communidade, não se deve negar credito a qualquer outro, que dissermos d'esta Madre, por muito novo, e peregrino que pareça. Tinha em seu poder huma pequena lasca do Santo Lenho da Vera Cruz, que por ser provado em muitas experiencias, lançava algumas vezes em agoa, que depois repartia para enfermos. Succedeo hum dia, que tendo dado alguma, ficou parte no fundo de huma porsolana, em que a tinha. Olhando acaso no dia seguinte para a porsolana, vio-a toda congelada, e tornada em Cruzeszinhas de caramello, e huma maior no meio com seu pé, e assento, que a tinha direita, e seu sinal de titulo no alto. Caso verdadeiramenta digno de se celebrar, e autorisar; mas foi tanto ao revez, que a porsolana com sua maravilha andou por casa de doentes, e curiosos; e passando de huns a outros, veio a desapparecer. E ficárão as Freiras sem huma reliquia de tanto preço, e que tanta estima merecia.

Tambem he digno de perpetua memoria o meio porque se conta, que a Madre Soror Paula obteve esta parte do Santo Lenho. Tinha-o no Mosteiro certa Religiosa, e dezejando partil-o com huma amiga, veio-se hum dia a Soror Paula, pedindo lhe, como de todas era tida por Santa,

que fizesse por sua mão a partilha. Não se negou ella, esperando que pois se partia, tambem lhe caberia sua parte: e assim o disse á Religiosa. Mas escusando-se ella, e allegando, que era corpo mui pequeno para fazer tantas partes, tomou Soror Paula hum canivete, e pondo-o na santa reliquia para a fazer em duas, á vista, e olhos de ambas, sem saber como ficou partida em tres partes iguaes. Assim alcançou Soror Paula huma, com grande consolação de sua alma. Mas logo lhe mostrou o Senhor outro sinal, que de novo lhe acrescentou o gosto de a possuir. Feita a obra lavou o canivete por reverencia, e limpando-o em hum retalho de papel, guardou o papel para o queimar: mas quando á noite o quiz pôr ao fogo, achou tinto em sangue todo o lugar em que o canivete se enxugara. E para mais espanto havia no papel separadamente huma gota de sangue, em que se via com estranho mysterio hum retrato da Santa Veronica, com todas suas partes bem divisadas: e sómente tinha de differença mostrar de lado a mesma imagem, que as pinturas da Veronica ordinarias offerecem de cara. Em verdade que he grande miseria e malicia nossa, não nos fazer Santos, se quer o interesse dos mimos, e favores, com que Deos trata quem o serve de coração. Que caricia de pai muito amoroso para filho de grande merecimento póde ter comparação com esta? Este papel virão, e tiverão em suas mãos todas as Religiosas do Convento, e algumas vivem hoje; que além d'este, virão tambem outro grande prodigio, que a muitas fez temer muito. Tinha Soror Paula em seu oratorio huma pintura da Santa Veronica; esta virão as Religiosas por muitas vezes suar gotas grossas e grandes; fazendo diligencia com lh'as enxugarem, a ver se seria grossura das tintas, que corrião, experimentarão ser perfeito suor; porque tornavão a crescer aljofrando o rosto, com hum orvalho grosso e claro, e depois de crescidas corrião, como as que atraz contámos da imagem de Nossa Senhora da Conceição da Esperança.

Depois de oitenta annos tão bem gastados, estando em boa, e inteira disposição, que até o ultimo conservou com juizo perfeito, e huma falla viva e esperta, como quando estava na flor da idade, veio todavia a pagar a divida, a que todos estamos obrigados pela culpa do primeiro pai. Foi o meio huma doença, que logo mostrou ser mortal, e em breve arrematou contas. Agonizava já, senão quando lhe amanhece no rosto huma desusada alegria, e hum geito, e ar, que a fazia parecer outra em tudo. Bem cahirão as Religiosas, que a acompanhavão, não ser effeito

natural, senão hum grande favor, e misericordia do Senhor. Comtudo fizerão-lhe pergunta, que cousa a fazia tão alegre em hora, que a todos entristecia? Respondeo singelamente, que a sua Virgem do Rosario, que toda a vida servira, lh'a viera a fazer doce, e suave, e estava alli com ella: e sem dizer outra cousa expirou. Vio-se hum manifesto sinal d'esta mercê, em que no mesmo tempo forão ouvidos por toda a casa instrumentos musicos não conhecidos, e vozes a elles, de suave, e descostumada melodia, que fazia não se duvidar serem Anjos, que acompanhavão assim a sua Rainha, quando vinha a honrar a serva fiel. A este sinal se juntou outro, que foi ficar-lhe no rosto depois de morta a mesma alegria, e viveza, que a sagrada visão lhe causara. E pela mesma razão ao amortalhar, não quizerão as Madres que lhe cubrissem o rosto, em que já se vião penhores de immortalidade. O seu escapulario, e outras peças de que usava, forão cortadas miudamente, e repartidas como reliquias entre toda a Communidade. Não he para esquecer o que se conta d'esta Madre, que em mais de trinta annos não appareceo em locutorio senão tres, ou quatro vezes, e essas por razão dos ornamentos, que fazia para o altar do Rosario.

Outras muitas Religiosas houve n'este Mosteiro, merecedoras de lhe darmos aqui lugar. Porque sempre florecco n'elle hum vivo espirito de virtude, e reformação. Inda que ficão sem nome, como estas partes sejão bastantes para lhes grangearem a gloria de ficarem escritas no livro da vida, que he a que só importa: pouco perdem em lhes faltar a d'estes quadernos, que he força irmos encurtando, pelo muito que temos que dizer, no que ainda resta da Provincia. Obrigado das grandes qualidades d'esta casa o Reverendissimo Geral Frei Serafino Caballi, lhe mandou huma reliquia do Santo Bautista, a qual costumavão as Madres passar por hum grande vaso de agoa, e esta depois repartião entre enfermos, principalmente de maleitas, e saravão muitos.

A casa possue boa renda; porque alem de huma grossa quantidade de dinheiro, que tem assentada na Tabola da villa, tem de mais o rendimento de huma Igreja, que lhe aplicarão na villa do Assumar no Alemtejo de alguns annos atraz os Duques successores dos que a fundarão. E assim são as Religiosas bem providas em commum do necessario. E tudo hão mister para poderem passar as muitas enfermidades, que lhes causa a má qualidade do sitio. De ordinario se sustentão entre professas, e noviças até sessenta Religiosas.

CAPITULO XIII

Fundação do Mosteiro de Nossa Senhora da Consolação da cidade d'Elvas.

Moradoras erão, e naturaes da cidade d'Elvas, e por nascimento, e geração illustres duas molheres, que achando-se livres de obrigações do mundo, e com fazenda bastante para poder passar n'elle com huma mediania de estado, determinarão entregar-se a Deos com vida de recolhimento perpetuo. Tinhão hum bom aposento junto da Igreja, que hoje he a maior e Cathedral da Cidade. E para escusarem todo genero de commercio na terra, e não verem, nem serem vistas, compuzerão huma casa em oratorio; com que ficarão em estado de lhes não faltar nada para Freiras, mais que habito, e voto. Nem lhes faltou habito, porque como antes de se encerrarem vião, e ouvião os Frades de S. Domingos no Convento, que alli temos, contentou-lhes o Dominico, vestirão-se n'elle só por sua authoridade, e pela mesma se nomearão por Freiras da terceira Ordem e Regra. Era gente muito nobre, como temos dito, e os tempos pouco rigorosos. Não havia quem se atrevesse a obrigal-as á formalidade do voto, ou a deixarem o habito, e nome. Mas n'esta vida livre, e arbitraria, acudia-lhes o Senhor com tanto espirito, que não era sua vida menos, que de mui reformadas Religiosas. O que foi causa de se lhes irem chegando algumas molheres honradas, e crescerem em reputação, e honra, e nome como em numero. Vivião em commum, acudindo cada huma com o que tinha de renda para sustentação de todas. Usavão nomes a uso de Religião: porque sendo as duas irmãas filhas de Henrique de Mello, postos de parte os titulos, que o mundo preza, e que pelo apellido lhes pertencião, huma se fazia chamar Maria do Rosario, a outra Magdalena da Cruz. Em fim tendo do ceremonial da Ordem quasi tudo, do essencial do voto, e obediencia não tinhão nada. Notou isto hum Fidalgo honrado da terra; poz-lhe em pratica tomarem estado perfeito: e offereceo fabricar-lhes Mosteiro, como quizessem abraçar regra, e observancia. Não fizerão ellas duvida; antes vendo que lhes fallava o Espirito Santo por boca de Pero da Silva, que assim se chamava o Fidalgo, derão logo seu consentimento, para se tratar de Mosteiro. Só apontarão, que fosse da Ordem de São Domingos; porque do habito huma vez escolhido, e vestido não querião fazer mudança. O fundamento com que Pero

da Silva se atreveo a fazer offerta do Mosteiro, consistio em huma bem achada traça. Edificara Estevão Domingues Pernica, Sacerdote honrado da mesma cidade, huma capella para seu enterro na Igreja parochial de São Pedro. Enriquecera-a de todos os bens, que possuia, que erão muitos, e nomeara por administradores d'ella, e d'elles os Vereadores, e Officiaes da Camara. Parecia-lhe a Pero da Silva, que largando-se esta capella ás Freiras, ficava o Mosteiro feito. Porque a fazenda era tanta, que podia suprir a sua sustentação, e alevantar paredes. Erão trinta moios de trigo em cada hum anno, sete de cevada, sincoenta, e sinco alqueires de azeite, e noventa e sete mil réis em dinheiro. Como o bom Fidalgo esteve certo da vontade das duas irmãas, e suas companheiras, tratou de persuadir os Vereadores. Propoz-lhe a traça; mostrou-lhes com boas razões, quanto grangeava a terra, alem do serviço de Deos, em terem n'ella hum gasalhado perpetuo para suas filhas, e parentas. Mosteiro para honra de Deos, remedio para donzellas mal dotadas. Deixarão-se vencer os Vereadores, derão seu consentimento, para se pedir licença a el-Rei e confirmação ao Summo Pontifice. E Pero da Silva andou tão diligente, que huma, e outra cousa veio quasi juntamente dentro do anno de 1528; do qual contamos a antiguidade d'este Mosteiro. Porque ainda que fizemos diligencia, não pudemos haver vista das Letras Apostolicas. Nas Reaes, que forão passadas no mesmo anno, faz el-Rei Dom João III mercê ao Mosteiro de lhe aplicar toda a fazenda do Padre Estevão Domingues, com declaração, que as Freiras tenhão hum Capellão continuo, que corra com as missas, e suffragios encommendados pelo instituidor, e cumprão os mais encargos por elle apontados. E se alguma hora succeder vir a fazenda a tamanha baixa, que não alcance ao que montão as obrigações, em tal caso, se cumprão perfeitamente pelos mais bens, e rendas do Mosteiro. E mandou el-Rei acrescentar huma clausula digna de seu zelo, e piedade: e foi, que todos os dias depois da missa conventual maior, cantem hum responso por alma do instituidor, nomeando-o na oração por seu nome. Confirmou esta aplicação por authoridade Apostolica Dom Martinho de Portugal, Nuncio em tal tempo n'este Reino do Papa Clemente VII.

Dizem as memorias, d'onde vamos tirando o que n'estas lançamos, que o nosso Padre Geral aceitou em Roma este Mosteiro, e mandou commissão ao Provincial de Portugal para se encarregar do governo d'elle, provendo-o logo de Religiosas, que em todo rigor plantassem n'elle a ob-

servancia regular. Não se contentou o Provincial com mandar menos de sete; sinco de nossa Senhora da Saudação de Monte mór, e duas do Paraiso d'Evora. Das de Monte mór são os nomes, Soror Joanna d'Assumpção, Soror Francisca do Espirito Santo, Soror Maria de Jesus, Soror Maria da Piedade, Soror Filippa do Deserto. As d'Evora forão Soror Inez dos Anjos, e Soror Maria. A estas duas se diz, que acompanhou huma matrona de authoridade, que estava recolhida no Mosteiro de Santa Clara d'Evora; e teve devação de ser aqui primeira noviça, e andando o tempo foi tambem Prioresa. Acharão-se estas sete Religiosas juntas em Elvas huma vespera da festa de nosso Padre São Domingos, e logo na de São Lourenço aos dez d'Agosto se encerrarão, e começou a casa a correr em clausura, e todos os mais estilos monasticos, sendo eleita canonicamente em Prioresa a Madre Joanna d'Assumpção. Mas he lastima, que nos apontão as memorias antigas o dia da chegada das fundadoras a Elvas, e o em que derão principio á clausura: e totalmente nos faltam com o mais importaute, que era o anno. D'onde resulta outra duvida, que muito embaraça a historia: nomeando-as como nomeão, el-Rei, e o Nuncio por Freiras de São Domingos no anno de 1528, e 1529, parece, que já devião estar no Mosteiro as nossas Freiras, que o fundarão e lhe derão o ser, e o nome de Mosteiro: e comtudo he cousa certa, e sem replica, que não foi aceitado pela Provincia, e incorporado n'ella, senão doze annos adiante, no de 1540 no Capitulo de Lisboa, em que foi eleito o Padre Mestre Frei Jeronymo de Padilha, como nos constou pelas actas d'elle, que vimos. Podem-se concertar estas contrariedades, com dizermos, que se fez no Capitulo com formalidade, e com a ceremonia, e estilos da Ordem, em que não he razão haver descuido, o que em realidade estava feito pelos Provinciaes nos annos atraz.

No anno de 1543 se deu principio á Igreja na forma que de presente tem, e no de 1548 impetrarão as Religiosas da Sé Apostolica, que huma missa, que mandavão dizer cada dia na capella, e sepultura do Padre Estevão Domingues, cuja fazenda possuião, se cantasse no Mosteiro por hum Capellão por ellas escolhido, Frade, ou secular; e que fosse esta a missa maior do dia. E juntamente, que por seu procurador governassem todos os bens da capella, sem mais intervir ministro nenhum da Camara: nem serem obrigadas a huma pensão de sinco libras, que o instituidor mandava dar em cada hum anno aos Officiaes da Camara. Veio nomeado por executor das letras do Pontifice o Bispo de Ceita Dom

Gomes, filho do Mestre de Santiago, Capellão mór da Rainha Dona Catharina.

CAPITULO XIV

De algumas Religiosas, que n'este Mosteiro viverão, e morrerão com fama de grande virtude.

Sejão primeiro nomeadas na historia d'esta casa as duas irmãas, que lhe derão occasião e principio. E ainda que houve algumas Religiosas, que acabarão primeiro a carreira da vida mortal, como logo veremos, e pela mesma razão, segundo o estilo, que levamos, merecião ser antepostas, façamos agora exceição, sigamos a ordem do nascimento, antes que a da morte. Erão mãis, precederão a suas filhas. A mais velha, que era Soror Maria do Rosario, entre grandes virtudes, de que foi dotada, deixou nome, e exemplos de inflammada charidade. Não adoecia Religiosa, nem servidora em casa, que lhe não procurasse a saude por todos os meios que podia, com mais cuidado que a sua propria. E era já linguagem commua em casa, que a Religiosa, que alguma cousa havia mister, por sua a tinha, se Soror Maria era senhora d'ella. Esta boa condição quiz o Senhor honrar com huma graça particular, que era curar qualquer chaga, por rebelde, e de má natureza que fosse, como famoso Cirurgião; e porque se visse, que nascia de poder superior, e não de habilidade natural, aconteceo-lhe dar remedio, e saude em algumas, que os Cirurgiões por incuraveis tinhão deixado.

A outra irmãa deu-se toda á melhor parte, por imitar em tudo a Santa, de que tomara o nome. Sua vida, e suas delicias erão amores perpetuos do Divino Esposo, e a essa conta nenhuma cousa via, que lhe não fosse occasião de o louvar, e mais amar. Se via huma flor, roubava-lhe o coração, já o cheiro, já o feitio, já a fineza da côr. Se via hum bichinho, pasmava n'elle, entrando em espantos do poder Divino em organisar huma cousa tão miuda, com todas as partes de corpo perfeitas para ter vida, e grangear o remedio d'ella, como se fora hum elefante, ou huma balea. E alegrava-se pela honra de Deos, occorrendo lhe n'este passo, que os feiticeiros do Egypto fazendo cousas maravilhosas, e grandes, nunca poderão contrafazer hum mosquito. E obrigada d'aqui da Magestade, e Omnipotencia, como acolá do Amor, acontecia-lhe ficar muitas vezes transportada toda, e absorta em Deos. Quando não tinha estas oc-

casiões, buscava lugares, onde descubrisse o Ceo, pregava n'elle os olhos, e desabafando, ora com suspiros, ora com lagrimas, manifestava-lhe as saudades em que ardia, do Senhor, que lá tinha, e dos bens, que d'elle esperava. Acontecendo algumas vezes adoecer, mais sentia a prisão do leito, por lhe faltar a vista do Ceo, que por todos os accidentes, e trabalhos da enfermidade. Trazia o coração onde tinha o thesouro. Quem assim procedia em todo o tempo no trato espiritual, bem se deixa entender qual seria no corporal. Nunca se soube d'ella, que deixasse de dormir vestida, depois que tomou o santo habito; nem que perdesse Matinas, ainda depois de muito velha: cuja assistencia lhe servia de affinar, e dilatar mais a contemplação; porque quasi sempre empregava n'ella as horas, que lhe ficavão até Prima. Em tudo quanto fazia se lhe enxergava, que não tinha, nem queria ter gosto da terra. Ordinariamente destemperava com agoa fria quanto lhe punhão diante para comer. Nos dias que commungava não fallava com ninguem, nem comia nada. Só depois de muito velha, e ainda então obrigada de preceito da Prelada, comia huma fatia de pão passada por agoa fria. Foi sua morte muito semelhante a tal vida. Costumava muitas vezes subir a huma varanda, que descobria o horizonte, e muito Ceo, que era vista de todo seu alivio, em quanto não vio o Senhor d'elle. Aqui foi achada hum dia toda enlevada, que não parecia ter nada de viva. Sendo levada ao leito pelas Religiosas, quando acordou d'aquelle suave somno d'alma, declarou a todas, que era chegado o fim de seu desterro. Pedio com efficacia os Sacramentos; recebeo-os com devação, e apoz elles a morte com alegria.

De muitos annos antes era morta a Madre Soror Isabel de S. Bento, de que agora diremos. Entrara no Mosteiro minina, que não tinha mais de dez annos; e como isto era nos principios d'elle, e dos fervores da estreita observancia, em que foi fundado, andava Soror Isabel assombrada, ora das cruéis disciplinas, que via tomar, ora do rigor das abstinencias, e perseverança da Oração: e propondo imitar tudo, quando tivesse idade, tinha tanto respeito áquellas primeiras Madres, que como a Santas não ousava chegar-se a ellas. D'estas lições ficou tambem doutrinada, que tudo quanto fazia, lhe parecia pouco. O dormir era vestida, para poder acudir mais depressa a Matinas. O recolhimento, e silencio guardava com tanta pontualidade, que depois de tomado o habito, se affirma, que não fallou nunca com pessoa nenhuma de fóra, excepto com seu confessor: e isto em materia só de confissão. E não lhe procedia de con-

dição, ou humor malencolico, como acontece a muita gente: Antes em todo seu trato era affavel, e prazenteira, e tão branda, e mansa, que não havia Religiosa, que désse fé de a ver nunca agastada. Da pobreza era tão amiga, que fóra do que trazia sobre si, nenhuma outra cousa possuia. E por tanto não havia na sua cella arca, nem almario, nem outra cousa fechada. O seu comer, que sempre foi no refeitorio, e em communidade, mais era tomar a salva do que se lhe punha diante, que comer. Sabia-se d'ella, que no dia dos santos desposorios de sua profissão, em que as novas professas costumão fazer petitorios ao Esposo Sagrado, que de ordinario não sahem baldados, foi o seu requerimento novo, e nunca visto em Freira; porque não pedio menos, senão que lhe concedesse alcançar martyrio: e que se no estado que tinha, faltasse o ferro, e o fogo dos tyrannos antigos, não faltarião outros generos de padecer por seu divino amor. Não passarão muitos dias, que lhe apontou hum inchaço sobre hum quadril, que se veio a fazer tamanho como hum pão: e por ser em tal lugar, lhe causava insuportaveis dores. Aqui começou a entender que tinha o despacho de sua petição, á medida do que desejara. E como o entendeo, armou-se de huma invencivel paciencia, correndo com todos os officios, e serviço da casa, com o mesmo animo, e cuidado, que se muito sãa estivera. Este tormento lhe durou quasi sinco annos, no cabo dos quaes não podendo já a natureza com o peso de tanto mal, aceitou pôr-se em cura, que foi o ultimo, e mais verdadeiro martyrio. Porque sem ser entre tyrannos, vio sobre si instrumentos de ferro agudo, e suas carnes com elles retalhadas. Juntarão-se Medicos, e Cirurgiões, sentencearão, que se abrisse a inchação Foi tanto o animo de Soror Isabel, que sendo Hebdomadaria no mesmo tempo, fez primeiro o officio no coro; e logo se veio entregar aos Cirurgiões, como em mãos de algozes. Valeo-se n'este tormento, que esperava como pedido, e desejado, da vista de hum Crucifixo, que tinha nas mãos, para não fazer, como não fez, nem hum minimo sentimento de palavra, nem obra: sendo as dores gravissimas, e o mal tamanho, que em breves dias a enterrou. Ficou-lhe huma fea chaga aberta, e todo o quadril atassalhado das navalhas, de sorte que o que tomou por remedio de vida, lh'a hia por momentos encurtando. Entrou a Semana Santa, pedio á Prioresa, que por ultima consolação a mandasse levar ao coro, para commungar á quinta feira com a Communidade. Não se lhe pode negar. Foi a devação, e espirito, com que recebeo o Senhor, como de quem esperava vel-o cedo

face a face. E vio-se em hum profundo rapto, que logo lhe acudio, de tanto impeto, que não podendo com elle sua fraqueza, cahio em braços de huma Religiosa, em tal estado, e tão alheia de todos os sentidos, que a julgarão por morta. Acordando do extasi, sentida, e corrida de lhe ter succedido em tal lugar, trabalhou por persuadir a todas, que fora desmaio do mal, que sabião, e não obra de espirito. E dispondo-se logo para a ultima hora, a que se sentia visinha, dentro de poucos dias passou a melhor vida. Dizem, que o expirar foi abrindo a boca com hum brando riso para hum Crucifixo, que tinha nas mãos, como quem havia por graça, e riso os trabalhos de vinte annos, que só tinha de idade, comparados com os que aquelle Senhor por ella passára; ou comparados com o premio, que d'elle esperava. Sinaes houve, que entrou logo na posse dos bens eternos, porque ainda que forão testemunhos singulares, acreditavão-se muito com a qualidade das pessoas, que os derão. Huma affirmou que vira nascer de sua cova huma alvissima assucena: outra que vira arder sobre ella huma resplandecente luz, como de huma vela. Mas passados longos annos, manifestou o Senhor a toda esta Communidade, que tudo se podia crer de sua serva. Estava em passamento huma Freira muito velha, que fora de sua criação, e amiga sua: vendo-se acabar, pedio á Prelada, que lhe mandasse dar enterro com ella. Aberta a cova appareceo (caso prodigioso) corpo, habito, vêo, e toucados, tudo tão são como o primeiro dia que alli se soterrarão: e para mais espanto tomou o coveiro por hum braço, e levantou inteira a morta de muitos annos á vista de todo o Convento.

Chamava-se Soror Violante da Conceição a Madre, que foi causa da nova reputação de Soror Isabel. E foi bem que resultasse credito para huma Santa, por meio de quem tinha tambem de Santa grandes partes. Erão as de Soror Violante muito sabidas. Entre outras trazia sempre a lembrança tão prompta no amor, que devia a seu Divino Esposo, que todas as vezes que punha os olhos em hum Crucifixo, ou começava a oração d'Ave Maria, logo lhe rebentavão dos olhos enchentes de lagrimas, sem as poder reprimir. E toda sua reza era d'ellas tão acompanhada, que ao parecer competião os olhos com a lingoa. E do muito que chorava, veio a queimar-se-lhe o rosto de sorte que tinha perdido a tez, e a côr do gesto humano. Não foi differente a morte de tal vida. Hia espirando o governo da Prioresa, e andava grande rumor na Communidade sobre a futura eleição, procurando, e concertando-se as

mais, que lhe não succedesse outrem, senão Soror Violante. Chegou-lhe a noticia, sentio-se, affligio-se, e não teve mais hora de descanço, até que hum dia lhe virão com alegria desacostumada n'ella, lavar huns habitos velhos á pressa, e compor cousas na cella com alvoroço, como padera acontecer, a quem houvesse de fazer jornada de gosto. Mas a verdade he, que não acha sabor em governos da terra, quem o tem de lagrimas. O caso foi, que as suas negocearão com Deos escusal-a da Prelacia, que esperava, e o meio encurtar-lhe o praso da vida, tanto á medida, para não poder ser eleita, que sem febre, nem frio, e com muita alegria acabou seus dias, quasi no mesmo tempo, em que fenecia o governo, que lhe fizera medo. Então cahirão as Freiras, que o lavar dos habitos velhos, e concertar a cella fora aviso do Ceo; e o acabar tão repentinamente requerimento seu.

CAPITULO XV

Das Madres Soror Isabel de S. Francisco, Soror Anna da Conceição, Soror Maria de Christo, Soror Anna Rodrigues, e outras.

Muito semelhante foi a Madre Soror Isabel de S. Francisco, de quem agora havemos de tratar, em vida, e morte á Madre Soror Violante, de quem acabamos de escrever. As lagrimas erão as mesmas, e a continuação tal, que os lagrimaes trazia crestados, e o escapulario a que descião, sempre dava sinal d'ellas. O aturar á Oração sempre de joelhos, sem se assentar, nem mudar postura, fazia pasmar as mais devotas do mesmo exercicio. Mas não se espantavão tanto as que sabião de raiz o mais processo de sua vida, que era, não ter cama, nem cella, nem outra nenhuma cousa, que de sua tivesse nome. D'onde nascia, que só na oração tinha seu descanço, e seu repouso, e por isso não era em sua mão largal-a em nenhum tempo. Foi Prioresa, entrarão annos de esterilidades sentidas, e choradas por toda a parte, senão era no Mosteiro: porque na Communidade sempre se vio abastança, e largueza. Na porta sempre forão agasalhados os pobres, como no tempo de mór abundancia. Porém nasceo-lhe d'aqui a morte por estranho modo. Virão as Freiras que o sobejar-lhes tudo em casa, quando as necessidades erão geraes, não tinha, nem podia ter outra causa, senão a virtude da Prelada. Concluião-se-lhe os seus quatro annos, começarão a pôr em pratica não

consentir, que deixasse o cargo, mas que fosse reeleita. Teve noticia do que se tratava, por quem devia cuidar lhe dava alvitre de gosto. Acudio, para se livrar, á sua oração, e suas lagrimas, que como são moeda de grande preço no Ceo, valerão-lhe o que publicamente affirmava que pedia a Deos, que foi rematar-lhe a vida com o governo presente, por não chegar a entrar em outro.

Por grande argumento do que agradavão a Deos, e aborrecião a Lucifer as virtudes da Madre Soror Anna da Conceição, se póde ter huma continua perseguição, que o Senhor permittia, que esta Madre padecesse do inferno. Costumava a ficar no coro de Matinas até pela manhãa orando. Juntavão-se legiões de Demonios a inquietal-a; primeiro em figura de animaes, já grunhindo como porcos, já ladrando como cães, ora assoviavão como cobras, ora bramião como leões. Depois que virão despresados seus medos, porque ella conheceo quem erão, e sabia o pouco, que por si podião, vinhão com fantasmas, e representações medonhas, que todavia perturbavão. Para estas trazia comsigo hum missal, com que se abraçava, quando a importunavão muito. Pagava-lhe o Senhor a desconsolação d'estas más visões com outras, que muito a consolavão. Orava hum dia diante de hum Christo crucificado, eis que nota, que como de huma fonte lhe sahe hum grande torno de sangue. Outra vez vio levantar-se no ar o mesmo Crucifixo. Bons sinaes, que não estava longe, quem assim se representava. Olhando huma manhãa para a alampada do Coro, parecia-lhe que via dentro muitos peixes miudos, que afocinhavão hum maior. Não fez caso da visão, e soube depois que no mesmo dia passando d'Almada para Lisboa hum sobrinho seu, por nome Ruy de Mello, cahira ao mar, e depois de hir tres vezes ao fundo d'agoa, emfim foi tirado, e livre do perigo. Esta Madre veio a cegar por longa idade, e n'este estado não sabia perder o Coro; sua consolação era tomar o canto de huma Capellinha, que ha no Coro. D'alli assistia a todas as Horas. E sendo-lhe commutada a reza dos livros em contas, como a Freira Leiga, ajuntava-lhes o Officio pequeno de Nossa Senhora, que sabia de cór, e rezava-o duas vezes cada dia para mais satisfação.

O mesmo tormento com que a Madre Soror Anna era affligida na oração por obra, e mãos de Satanaz, padeceo muitos annos na sua a Madre Soror Maria de Christo. Não levava o maldito em paciencia o fervor, e continuação, com que orava, nem a pureza com que vivia, nem os rigores com que se tratava; porque em tudo era estremada. Não ha-

via para ella em toda a roda do anno nenhum dia de cea. Sempre jejuava, e algumas quaresmas inteiras levava a pão e agoa, com muitas vesperas de festas, e Santos de sua devação: a que ajuntava crueis disciplinas, e hum aspero cilicio sempre cingido. Como começava a entrar no suave pasto da oração, depois que se achava só, subindo com todo o espirito aos altos montes da Eternidade, despejavão-se as moradas infernaes, tornavão se aquelles inimigos em exercitos de ratos, já a rodeavão, já saltavão n'ella. Mas a devota Madre com animo, e confiança de Santa, armava-se com o santo sinal da Cruz: e fazia-os tornar fugindo para o inferno. Mudavão logo figura, tornavão com novas mascaras. Porèm servia-lhe tudo de mais afervorar o espirito, e merecer mais diante do Esposo Sagrado, que passada a guerra das tribulações, alagava sua alma com diluvios de celestiaes favores. Por espaço de quarenta e cinco annos, que n'este modo de vida perseverou, ficou em lembrança, que das mais das Freiras, que falecerão, soube muito antes o tempo preciso de suas mortes: e até de alguns parentes das Freiras. A jornada infelicissima d'el-Rei D. Sebastião a Africa, chorou muito antes de succeder, como se arriscava n'ella o Rei, e o Reino, com toda a flor d'elle: era principal sugeito de sua oração. Mas na desconsolação de seu rosto, e nas lagrimas, que em tal conjunção erão seu pão quotidiano, enxergavão, e lião as Religiosas o que depois mostrou o successo; e assim tinhão por certo, que lhe fôra revelado.

Soror Anna Rodrigues viveo algum tempo no mundo casada. Morrendo-lhe o marido, procurou recolher-se n'esta casa para Freira huma filha, que ficara d'entre ambos. Desembaraçada da moça tomou casa junto das Freiras, e determinou-se em servir a Deos com habito da terceira regra, e ás Freiras com titulo de veleira. Como o imaginou assim poz por obra huma cousa, e outra; e em ambas aproveitou muito. Porque no que tocava ao habito, e vida religiosa, assim procedia fôra, como se vivera em toda clausura, e observancia, continuando os Sacramentos muito amiude com devação, e espirito: e quanto ao officio de veleira era tão diligente, e activa, que alcançou muitas sentenças em negocios de importancia do Mosteiro, e lhe augmentou notavelmente a fazenda. E o que he mais de estimar, no meio das inquietações das demandas, em que entendia com grande viveza, e acrimonia; via-se-lhe no rosto huma serenidade, e assento de animo mortificado, e nas palavras modestia, e singeleza. De sorte que quantos a vião, e ouvião, fazião

juizo, que procedia tudo de rara pureza d'alma. Assim quando tratava nas materias de negocio, nenhum Advogado as praticava melhor: e quando as deixava, ninguem parecia menos habil para ellas, nem mais prompta para as do espirito. Esta differença de trato unida no sugeito de huma molher, era tão agradavel nos olhos de toda a gente, que communicava, que nos tribunaes de justiça lhe grangeava favor nas causas. E nos da fazenda d'el-Rei, graça com os ministros, para despachar o que tocava ao Convento, e adquirir muito por esmolas. Aos Principes, e senhores da Corte era tão aceita, que por seu meio veio a ter lugar e estimação diante d'el-Rei, e da Rainha, que redundava em proveito do Mosteiro: porque ella para si nada queria.

Voão os annos, foi-se fazendo velha Anna Rodrigues, pareceo ás Religiosas, que estavão obrigadas a procurar descanço á sua idade, e trabalhos, e algum premio ao bom serviço. Não acharão melhor meio, que darem-lhe lugar dentro no Mosteiro. Houve-se licença do Provincial para entrar por Conversa. Tanto que se vio em clausura, e entregue a hum só cuidado, deo-se toda a servir o Divino Esposo, orando, e meditando; a que juntava em grande abstinencia outros generos de mortificações; que emfim como cahião sobre membros cançados, e velhos, derão brevemente com ella em huma cama, onde esteve alguns annos entrevâda. Mas ainda em tal estado procurava merecer com obras de mortificação. Tinha os braços livres do mal, que a prendia no leito, tomou huma corda, encheo-a de nós grandes, e grossos, com esta se disciplinava na hora que ficava só, servindo-lhe a corda, e nós para soarem menos, e magoarem mais. Com vida tão bem gastada teve hum fim, que muito espantou; sentio que o tinha perto, era dia de Communhão, e solemne, pedio á Prelada, que por despedida a mandassem levar ao Coro, para acompanhar em aquelle acto a Communidade, que a seu parecer seria para ella o ultimo da vida. Acabando de commungar cahio em hum desmaio, que sendo julgado por mortal, perturbou a todas. E procurarão com muitas diligencias pela fazer tornar. Mas o accidente era do espirito, que lh'o roubara profundamente todo o amor d'aquelle Senhor, que recebera. E vio-se, em que acordando a cabo de grande espaço, tornou alegre, e risonha. D'este dia até que faleceo, e não tardou muitos, entrou a boa velha em hum martyrio continuo de febres, e frios, que se alternavão, como verdadeiras sezões, com tamanho excesso de frialdade, e quentura, que com o frio lhe rangião, e quebravão todos

os ossos tornados hum caramello; e o fogo da febre não era menos, que se ardera dentro em hum forno: do que derão testemunha grandes empollas, que lhe sahirão por pés, e mãos, como se estiverão sobre brasas. Emfim huma cousa, e outra fora do natural. Mette medo em espirito tão puro, purgatorio tão penoso. *Si sic fit in viridi, in arido quid fiet?* Quero dizer, se assim se tratão os amigos, que esperamos, os que nenhum bem merecemos?

Acho celebrada n'este Mosteiro huma Madre sem nome, que dizem foi Prioresa, e tal sua vida, que falecendo celebrarão Anjos suas exéquias; e que sahindo da cabeceira da sua cama á vista de toda a Communidade resplandores, que vencião o Sol, foi visto pela Madre Soror Anna da Conceição, de quem temos escrito, que procedião de hum Cherubim, que n'ella estava assentado.

Com caso tão raro, e antigo, e sem nome dirá bem outro muito moderno, e muito prodigioso, e de pessoa bem conhecida. Menos ha de quatro annos, quando isto escreviamos, que levantando-se sãa, e bem huma manhãa a Madre Soror Luisa, filha de Fernão de Sousa, fidalgo honrado da mesma cidade, foi correndo todas as Religiosas, e dizendo, que se ficassem embora, porque ella havia de morrer brevemente. Era isto primeiro dia do anno na festa doNome de Jesus. Achou-se á tarde na procissão de Nossa Senhora, e quando foi acabada, prostrou-se por terra, e disse em voz alta, que lhe dava graças pela mercê, que lhe fazia em a tirar do mundo. Acudio huma prima sua a levantal-a, e fazel-a recolher, atribuindo o feito a desconcerto de juizo; mas Soror Luisa com muito riso, e socego contava, que huma tia secular de muitos dias defunta, lhe aparecera, e dissera que se aparelhasse para morrer. E n'este ponto (acrescentava ella) me está soando n'estes ouvidos huma musica angelica, com que minha tia me vem buscar. Espantando a todas, e não achando credito em nenhuma, foi dispondo de sua alma o dia todo, e gastou até tres horas depois da meia noite. Então se foi ao leito, e não fallou mais palavra em sinco dias, que viveo; salvo, antes que expirasse, que olhando para hum canto da casa, disse sorrindo-se palavras formaes: *São cousas de vossa merce, já me vou com vossa merce.* Acabou dia de Reis ás dez horas da noite. He de considerar, que era muito moça, e teve tão pouco medo de morrer, que nas Vesperas segundas depois do nome de Jesus, depois de ter a nova, descantou na *Magnificat* com a rabequinha, em que era muito destra, e todos os dias, que mais teve de

vida, sempre esteve alegre e decasombrada. Dizia-se d'ella, que nunca chegava ao locutorio, nem tratava mais, que de sua alma; sendo para tudo o mais innocentinha, e muito simples. Ditosa simplicidade!

CAPITULO XVI

Da causa do titulo, que este Mosteiro tem de nossa Senhora da Consolação, e das merces que por seu meio tem recebido a cidade.

Venera a cidade d'Elvas com particular devação huma imagem da Virgem gloriosa nossa Senhora, que com titulo da Consolação tem lugar principalmente na Igreja d'este Mosteiro, e he buscada de grandes, e pequenos; porque todos por seu meio recebem grandes misericordias do pai d'ellas. D'onde nasceo tomar o Mosteiro o nome, e invocação d'ella. Bem se diz, que nenhuma cousa acaba mais depressa entre os homens, que a lembrança do beneficio recebido. Porque não havendo duvida, que sempre esta Senhora conservou a posse de tão santo titulo com varios favores, que faz a este povo, quando procurámos saber dos meios, e mais antigos, para ficarem em lugar de graças n'estes escritos, visto como não ha requerimento, que mais obrigue a condição de nosso Deos a nos fazer novas mercês; e ainda a condição humana, que o agradecimento das já alcançadas, não achamos memoria, senão de algumas poucas, e modernas, que por modernas não poderão esquecer. Mas estas nos fazem boa prova de quaes serião as antigas; e diremos todas as que á nossa noticia chegárão, offerecendo-as á Senhora para a edificação dos fieis, e penhor do animo com que escreveramos as mais, que o tempo apagou.

Não tinha mais que treze annos de idade Antonio de Mello, neto de outro Antonio de Mello, Alcaide mór da cidade, e criava-se em casa de Dona Antonia de Castro sua avó, quando adoeceo de maneira, que os Medicos o derão por morto. Havido por tal, e começado a chorar de todos, não quiz desconfiar Dona Antonia das misericordias do Ceo. Toma o menino nos braços: vai-se com elle á Senhora da Consolação: põem-lh'o sobre o altar: prostra-se por terra á vista de muito povo, que a seguia de lastima; pede com lagrimas lhe dê vivo o neto, que desconfiado, e quasi morto lhe offerece. Não tardou a Virgem bemdita em consolar a avó, e dar vida ao neto, que foi dar duas vidas

em huma só vida. D'alli o levou vivo, e são, e foi testemunha da maravilha quasi a cidade inteira.

Chorava Dona Maria de Siqueira, nobre Dona d'esta cidade, dous filhos, que mandara acompanhar seu Rei na infelice, e sempre triste memoria, e jornada d'Alcacere. Chorava-os por mortos, porque sendo passados alguns mezes, e vindo cada hora novas de muita gente, que escapara com vida, de nenhum d'elles tinha recado. Foi-se hum dia a esta Senhora, esperando só d'ella o remedio de sua desconsolação, pedio-lhe com efficacia, e chegando-se ao altar, tomou-lhe com reverencia o minino, que tinha nos braços, e disse-lhe: Vosso filho, Senhora, me dará conta dos meus; para isso o levo comigo: comigo estará, dai-me vós licença, em quanto eu não souber se sou inda mãi, ou se os perdi para sempre. Foi cousa publica, e averiguada, que no mesmo dia em que fez o piedoso furto, teve cartas, e certeza de serem vivos ambos os filhos: e continuando na devação da Senhora, não só os vio depois juntos em sua casa vivos, e sãos; mas alcançou d'ella outras muitas mercês em casos particulares de doenças suas, e d'elles, e de seus netos. Das quaes obrigada sempre a ficou servindo com devação, e com muitas peças, e vestidos ricos.

Era morador na cidade Dom Pedro Lobo, tinha doente de sezões hum filhinho de seis annos de idade; sendo o mal muito apertado sobreveio-lhe outro, que o augmentou em dobro; subio-lhe á cabeça hum humor de tal qualidade, que privando-o de todos os sentidos, ficou em estado, que, sem aproveitar remedio de quantos se provarão, os Medicos o largarão por morto. Porque com outros sinaes mortaes lhe tinha a força do humor quebrado já hum olho. Deixarão-n'o tambem os pais pelo não verem com seus olhos acabar. Estava com elles hum Frade nosso, irmão de Dom Pedro; encheo-se de confiança do poder, e maravilhas, que sabia da Senhora da Consolação. Avisou as Freiras do que passava, pedindo-lhes que logo fizessem huma memoria pela necessidade diante da santa imagem. Acudirão todas ao coro. Cantarão-lhe devotamente huma Antifona; e a Prioresa mandou a coroa da Senhora, para que a puzessem sobre a cabeça do minino. Nunca se vio antidoto de mais poderoso effeito. Na mesma hora, que lh'a puzerão, espertou, abrio os olhos, fallou, e disse, que nossa Senhora lhe dera saude, e pedio hum Rosario para rezar por elle. Assim não foi o espertar só para melhoria; mas para saude perfeita, com que logo ficou com admiração de todos os presentes.

Pelo mesmo modo sarou outro homem da cidade, estando já ungido de hum pestilencial tabardilho. E no Mosteiro teve remedio huma Religiosa depois de muitos mezes de fortissimas sezões. Aquelle pondo a coroa, esta Madre cubrindo-se com o manto da Senhora. Outros muitos doentes da cidade cobrarão saude só com terra, que mandarão tomar do pé do altar, lançada com devação ao pescoço. Mas o caso que agora diremos, venceo todos os passados em espanto: porque tambem foi mais geral, e maior.

Era por fim de Março entrada de Abril, o tempo não só sereno, e de verão, mas calmoso, e como se fora estio, nenhum genero de brandura prometia: perecião as novidades, e começavão a perder a côr com a seca; tinha o povo feito muitas procissões: tinha-se repartido em votos a muitos Santos, e não aparecia nenhum sinal de humidade. Sahio então huma voz do povo affirmando em commum, que se levassem a Senhora da Consolação até a ponte de Caia, teria remedio a necessidade. Juntou-se a Camara no Mosteiro. Pedirão consentimento á Prioresa, para o que a terra toda requeria. Fazião as Religiosas difficuldade em haverem de carecer, nem por huma só hora, da santa imagem, que em nenhum tempo sahira de sua companhia. Comtudo, como era petição geral, e tambem interessavão no beneficio, que se pertendia, condescenderão com a devação. Juntou-se a terra, compoz-se hum andor para a Senhora de tudo o bom, que havin na terra. Começava a sahir da Igreja huma comprida, e devota procissão com muita cera, e concerto, e as Freiras do coro a entoar hymnos da Rainha dos Ceos, não sem sentimento da auzencia, que esperavão de sua imagem. Eis subitamente tempo revolto, tolda-se o Ceo de grossas nuvens, e negras, escurece-se o dia, começa o ar a desfazer-se em agoa. Não cabia a alegria nos peitos, nem havia quem quizesse cubrir a cabeça á chuva, pelo gosto d'ella. Mas foi carregando, e continuando de sorte, que foi força parar a procissão. Assim consolou a Senhora o povo, e acudio ás saudades das suas Freiras: e porque se visse, que de sua intercessão nascia o bem, perseverou a agoa tantos dias, que remediou as searas, e fez o anno fermoso.

CAPITULO XVII

Da grande devação que n'esta casa se tem ao Santo Rosario: e das maravilhas, que n'ella tem obrado.

Com estas Religiosas terem tão propicia a Virgem Sagrada, e Mãi de Deos no santo, e piedoso titulo da Consolação, não se descuidarão em querer tambem seu favor, n'aquelle, que ella mais estima, que he do Rosario, por memorias, e recapitulação da vida, morte, e resurreição do bom Jesus seu filho, seu, e nosso Deos. Lembravão-se que era devação dada de sua mão ao nosso grande Patriarcha, e como patrimonio certo da nossa Ordem. E por tal lhe fabricarão dentro da clausura sumptuosa capella em que tem sua imagem, e alampada perpetua, e permanece entre as Religiosas huma solemne Confraria, em que se elegem cada anno mordomas, e se faz sua festa com cuidado, e despeza. E corria já de tantos annos atraz este bom serviço, que vindo a esta Provincia o Reverendissimo Mestre Geral Xisto Fabri, confirmou a Confraria no anno de 1588. E o Geral Hypolito Beccaria honrou a capella, concedendo que quem n'ella rezasse o hymno *Ave Maris Stella*, com sua antifona, e oração ficasse satisfazendo pelas negligencias commetidas na reza de pouca attenção, e devação: e pela culpa do silencio quebrado entre dous capitulos. Com varios successos tem mostrado o Senhor, que lhe he agradavel o cuidado d'estas Madres. Para gloria sua, e da Mãi Sagrada diremos alguns, como atégora fomos fazendo nas occasiões, que se nos tem offerecido.

Sendo Prioresa a Madre Soror Isabel d'Assumpção, fez-se-lhe huma grossura sobre o olho direito, que hia crescendo a modo de lobinho, e tinha já corpo, como de hum tramoço. Dava-lhe pena, e começava a causar disformidade, que para molheres he maior pena. Sem tratar de outro remedio continuou algumas manhãas em se chegar á imagem da Senhora do Rosario; tomar-lhe com devação huma mão, e pol-a sobre o olho: isto bastou para se sumir em breve tempo, e desaparecer de todo a inchação.

Entrou furiosamente n'esta casa a peste do anno de 1599. Foi ferida a Madre Soror Filippa d'Annunciação. Sobrevierão-lhe os accidentes, de agonias, que o mal traz comsigo; com tanto impeto, que a natureza estava prostrada, e vencida. E o Medico, que pela necessidade urgente

quizera fazer officio de barbeiro, deixou-a por morta, por lhe não achar veia, nem pulso. Acudio a enferma aos remedios celestiaes: pedio, que lhe trouxessem a santa imagem á cama. Abraçou-se com ella; untarão-lhe com o seu azeite as feridas; em continente amainou a furia do mal; teve pulso, e veias, foi sangrada logo, e na manhãa seguinte, e ao segundo dia ficou perfeitamente sãa. Era esta Madre muito sugeita de seu natural a males de sangue, e cada quinze dias padecia subimentos d'elle, que lhe causavão perigosas ersipolas. Tinha tanta fé n'esta Senhora, que só com o azeite de sua alampada se curava, e com elle sarava, sem nunca chamar Medico.

Em tempo de contagião são peste fina hum genero de nascidas, que chamão cabrunculos. Apontou-lhe huma d'estas á Madre Isabel da Visitação detraz da orelha. Caminhou logo para a capella do Rosario, a valer-se do azeite da sua alampada. Como era tempo de trabalho, achou a capella cheia de Religiosas, que estavão em oração. Não quiz inquietalas, da porta se encommendou nas misericordias da Senhora, protestando, que nenhuma outra medicina usaria, senão o seu azeite, com a fé, que n'elle tinha toda aquella Communidade. Affirmava depois que logo apoz a oração sentira algum alivio. E continuando com o azeite sem outra cousa, teve saude.

Da mesma maneira sarou Soror Guiomar d'Annunciação ferida mais descubertamente de huma nascida debaixo do braço, com inchação de todo o braço, que se lhe estendia até a mão; e com gastamentos de coração, que se finava. Acudio logo ao antidoto commum d'alampada, untarão-lhe o peito, e braço; de hum dia para o outro esteve sãa.

Soror Maria Magdalena teve huma postema na cabeça acompanhada de todos os accidentes de verdadeira peste, febre de fogo, apertos de coração, dores gravissimas. Desconfiarão os Medicos d'ella, e ella confiou na Virgem do Rosario. Começando a untar a cabeça, e peito com o seu oleo, descarregou a postema copia de materia podre pelos ouvidos; cessarão logo as dores, aliviou o coração, e sarou de todo.

Cahindo em cama de pestilencial tabardilho as Madres Soror Isabel dos Reis, e Soror Filippa de São João, não quizerão, nem souberão buscar outra botica, e ella só lhes valeo, estando Soror Filippa cuberta de pintas negras, e Soror Isabel com huma ingoa crescida detraz da orelha, sinal de peste.

Soror Maria da Cruz entrou n'este Mosteiro, sendo viuva; buscou a

pobreza de Christo, deixando muita fazenda, filhos, e familia. Não sofreo o inimigo do genero humano obra de tanto merecimento: armou contra ella todo o Inferno. Que podia fazer huma molher fraca, e só? Tal foi a bateria de tentações, que a puzerão em termos de assentar comsigo tornar-se ao mundo. N'este estado lhe acudio hum bom espirito, lembrando-lhe a quebra, que seria para a nobreza de seu sangue, que era muita, tornar atraz com o começado. E quão perto tinha o remedio contra a tentação, se o buscasse na capella do Rosario. Foi-se a ella correndo, prostrou-se diante do altar, pedio favor á Virgem. Achou-o tão depressa, que logo ficou trocada nas determinações, e fez sua profissão com alegria. O mesmo favor experimentou depois em mal corporal. Cubrio-se toda de nascidas de peste; e dizem que a padeceo duas vezes distinctas; e de ambas se curou só com se encommendar á Virgem do Rosario, e aplicar o seu azeite. Não foi menos espantosa a saude, que por este meio alcançou, para hum filho, e para hum genro. O filho esteve quarenta dias oprimido de huma pontada, que lhe tolhia a falla, e tirava o somno, e lhe hia tirando a vida. O genro cahira de hum cavallo com perigo, e não fazendo caso por então da queda, succedeo-lhe maior mal, inchou-lhe a cabeça, sobreveio febre ardente com frenesis. Deu-se aviso a Soror Maria, que não havia n'elle esperança de vida. Foi-se a quem lhe dava remedio para tudo, tomou a coroa da Senhora, mandou-a ao enfermo, e ficou-se diante d'ella pedindo misericordia. Não tardou recado que na hora, que lhe tocarão a cabeça com a coroa, cessarão os effeitos do humor frenetico, abrira os olhos, e entrara em perfeito juizo, e se seguira melhoria.

Huma servidora, por nome Francisca de Jesus, chegou a estado de grandes dores dos olhos, que cuidou ficar cega. Tomou por meio de saude pedil-a á Senhora por hum novo modo. Fez a petição em papel, como se faz aos Reis da terra, e mandou-lh'a pôr nas mãos. Foi o despacho da Rainha do Ceo cessarem logo as dores, e ficar livre de todo o mal. Despacho que não appareceo em letra; mas teve seu cumprimento em obra.

Francisca das Chagas teve os narizes inchados, e arrebentados com receio, e risco de doença fea, e muito perigosa. Porque nenhum medicamento, de quantos aplicava, lhe fazia proveito, remeteo-se ao que a todos valia, que foi o azeite da Senhora; e não houve mister mais cura.

O mesmo aconteceo a huma escrava do Mosteiro, que parecia sem

remedio de mal de garganta. Tendo-a tão inchada, e apertada, que nem agoa podia passar: houve quem tentou dar-lhe hum pouco de azeite da Senhora a beber. Grande maravilha! Com hum só trago, que levou ficou livre.

Tambem os seculares fizerão experiencia da virtude medicinal d'este azeite. O Licenciado Diogo Pereira, Medico do Mosteiro, chegou ás portas da morte, ferido da contagião, que andava desenfreada na terra, e elle a curara em muita gente. Foi tão sisudo, que despresou Galeno, e Avicena; mandou ao Mosteiro pedir o azeite, pela noticia que tinha d'elle, e n'elle achou a vida, de que já não fazia conta.

N'elle achou tambem vida Dom Christovão Manoel, aplicando-o a huma nascida, que lhe veio a huma ilharga com gravissimas dores, e febre ardente. Madurou, e rebentou com o azeite, e sem usar mais mezinhas guareceo.

De São Jacinto por santo da Ordem, e muito milagroso a favor d'este Reino, temos referido algumas maravilhas, ássim como se nos forão offerecendo nos Conventos d'esta historia: e não determino deixar em silencio as que achar até o fim d'ella. N'esta casa faremos menção de duas sómente, ainda que nos consta, que na cidade tem obrado muitas. Sendo a primeira, que vindo a esta Igreja hum pobre homem cego, e conhecido por tal em toda a cidade, com se encommendar ao Santo, sahio d'ella com vista perfeita. He a segunda, que vivendo a Madre Soror Antonia de Nazareth affligida, e desconsolada vida de escrupulos, já na reza, já na confissão, com que se matava a si, e a quem a confessava, e se temia, que viesse a endoudecer: encommendou-se a este Santo, quando chegou a nova de sua canonização, e perseverando em sua oração, veio a alcançar huma grande quietação, e paz de consciencia. Traz estes casos continuarão tantos outros na cidade, que o povo se houve por obrigado a lhe levantar Confraria n'esta Igreja, que anda bem servida, e tem sua imagem, e alampada, que arde perpetua diante d'ella. E não he para esquecer, que affirmão os Confrades, e toda a mais gente, que continua esta casa, que se tem achado por experiencias feitas com curiosidade, gastar a sua alampada muito menos azeite que todas as mais da Igreja. Parece, que quer o Santo ajudar aos Confrades, que não devem ser muito ricos, e como contribuir de sua parte alguma cousa para a Confraria. Para a qual impetrou da Sé Apostolica a devação, e diligencia da Madre Soror Maria de Menezes, Freira do mesmo Mosteiro, huma

Bulla de todas as graças, e indulgencias da Igreja de São João de Latrão em Roma. Sustenta a casa de ordinario quarenta Religiosas do coro, e mais algumas Conversas, e Servidoras.

CAPITULO XVIII

De algumas molheres de boa, e santa vida, que por este tempo tiverão nome no habito, e profissão da terceira regra de S. Domingos.

Em outra parte deixamos feita larga menção de huma Irmandade, que nosso Padre S. Domingos instituio de gente secular com leis, e fim principal, para ajudar a defender tambem com armas materiaes o patrimonio da Igreja contra os hereges. E por isto lhe poz nome de Milicia de Jesu Christo, e démos conta, como sendo honrada pelos Summos Pontifices com isenções, e privilegios; e abraçada com fervor da nobreza, e povo, emfim foi cessando ao passo que as heresias, que em muitos membros andavão levantadas, forão vencidas, e desarreigadas de todo. E então de Milicia de homens, se veio a converter em Ordem de molheres. E tambem tomou nome novo, que foi da terceira regra, ou da penitencia de S. Domingos, e com elle foi dando ao mundo muitos, e mui insignes espiritos, que a fizerão estimar, e dilatar por todas as provincias da Christandade, e seguir de muita gente de qualidade; principalmente em terras grandes, e onde havia Conventos da Ordem. Deu-lhes regra o Reverendissimo Geral Mussio Espanhol, que foi aprovada pelos Pontifices Innocencio VII, e Eugenio IV (1), e seus successores a honrarão com novas graças, e liberdades; e foi a maior, que possão gozar de todos os privilegios concedidos á Ordem, inda que vivão em casas particulares, ou morem com seus pais, e parentes.

Nos principios não se admittião a esta Ordem mais que molheres viuvas. A primeira, que sendo donzella, a professou, foi a Serafica Santa Catharina de Sena, com tão boa estrea, que o seu exemplo fez florecer n'ella outras muitas por toda a Christandade, assim donzellas como de outros estados, que nas historias de S. Domingos são celebradas, com titulo de santas, e milagrosas, como forão Angela de San-Severino, Anna de Camarino, Daniella de Benevento. Margarita de Castello. Joanna de Cevita Vechia, Elena de Pisa, Maria de Venecia, Margarita de Saboya,

(1) Suzzato na vida de S. Dom. c. 2.

Marqueza de Monserrat, e irmãa de hum Duque de Saboya, Sibillina de Pavia, e outras muitas, que deixamos, por não serem de nossa obrigação. Das que nos tocão, temos dito alguma cousa em seus lugares. Agora he tempo de dizermos de outra, para acabarmos de nos desobrigar de huma promessa, que em outra parte fizemos (1). Já vimos que em Evora, e Elvas crescerão tanto em numero, que vierão a juntar-se em Communidade, e de Terceiras professarão a Observancia, dando principio a dous illustres Mosteiros. O mesmo veremos ao diante succeder ao Recolhimento de Santa Martha, que de casa de Terceiras, he hoje o religiosissimo Mosteiro de Santa Catharina de Sena. Só em Lisboa, sendo maior o numero de molheres, que professavão a ordem de Terceiras, como em terra tanto maior, nunca chegarão a compor Communidade duravel: inda que algumas vezes se intentou. Como sempre erão varias em qualidades, estado, fazenda, morada, e obrigações, communicavão pouco entre si; e não se juntavão mais, que na Igreja a ouvir suas Missas, e receber os Sacramentos com silencio, e modestia. E esta devia ser a causa, porque não foi adiante hum Recolhimento, que segundo achámos em huma memoria authentica, foi principiado em Lisboa, fora da Porta da Cruz, pelos annos de 1520. Assim ficarão no costume, que hoje tem, que he juntarem-se na capella de S. Pedro Martyr: onde seu trato he só com Deos, e com seu Padre espiritual, que a Religião lhes nomea, homem de idade crescida, e virtude provada: D'aqui torna cada huma para sua casa particular.

Nos tempos antigos, segundo verdadeiras tradições que temos, houve gente de muita sustancia n'este genero de vida na cidade de Lisboa. Perdeo-se a memoria de seus espiritos; porque, nem então havia curiosidade para serem notados, nem os que a podião ter, fazião caso d'elles. Que se vemos em nossos passados, que erão curtos em escrever as virtudes heroicas dos varões eminentes, como nos temos queixado muitas vezes, quem os havia de obrigar a fazer livros de molheres, cuja maior estima, segundo a opinião de hum sabio, he não sair sua fama, nem ser conhecido seu nome fora dos cantos, e limites de sua casa? Comtudo, não se póde negar, que he prova haver entre as antigas muitas de grandes, e subidos merecimentos, alem da tradição que dura, o que sabemos de algumas, que nossos pais virão, e tratarão; cuja vida, procedimento foi tão cheio de benções do Ceo, que nos obrigão a fa-

(1) Partic. 1 liv. 5. cap. 11.

zer historia d'ellas; e escolhermos este anno de 1540. Porque averiguamos, que faleceo n'elle huma rara molher, Portugueza no nascimento, Terceira na profissão, professa em S. Domingos de Lisboa, e sepultada em Bolonha na Capella, e á sombra de nosso Santo Patriarcha; e celebre por escriptos, e fama, que os Bolonhezes lhe derão. Começaremos por sua vida. Mas de força havemos de dizer menos do que se lhe deve. Porque somos tão parecidos os Frades de S. Domingos, os que hoje vivemos com os antigos, que culpamos de froxos, e descuidados, que constando-nos que se escreveo, e foi impressa sua vida em Italia, não procuramos, nem temos nenhuma n'esta Provincia, que a gerou, e criou. O que podemos alcançar d'ella com certeza, he o seguinte:

Nasceo Soror Margarida (que assim havia nome, para que vida, e nome fossem entre si conformes) na villa de Estremoz em Alemtejo, de pais humildes. Sendo de muito pouca idade ficou orfãa de pai: e a mãi para ficar mais desembaraçada para segundas vodas, entregou-a ás Freiras da mesma villa, para as servir. Era o trato de gente santa, n'ella bebeo os primeiros principios de devação, e amor de Deos. Passados dous annos lançou mão d'ella huma parenta, levou-a a Lisboa, e casou-a, sendo muito moça, com hum official mecanico. Tinha já d'elle Soror Margarida huma filha; quando succedeo perguntar-se pela sua rua, por huma molher de bom leite, para o dar a hum minino, filho de um Fidalgo, que por indisposições da ama, que o começou a criar, estava tambem enfermo. Era o Fidalgo Dom Pedro de Moura. Foi Soror Margarida servil-o, como pobre que era, e continuou na casa por espaço de dous annos, que o minino viveo. N'elles soube dar tão boa conta de si, com virtude, e bom serviço, que Dom Pedro a estimava, e sua molher a amava como filha; e porque tratavão de se sahir da cidade por rebates, e medo de peste, que havia, de novo a chamarão, e levarão comsigo a Benavente, para onde foi sua retirada. Era isto já em tempo que o marido se tinha ausentado do Reino. Dezejou melhorar d'estado com força, e brio de mancebo, fez viagem a Guiné, achou a morte, onde cuidou tirar riqueza. Assim ficando viuva, e moça, e prenhada, foi ser criada, onde fora ama, e deu-lhe Deos tal graça, que D. Mecia d'Abreu lhe poz na mão toda a casa: o cuidado da fazenda, por fiel, a guarda de suas filhas, e familia, por virtuosa, e prudente. A poucos dias da estada de Benavente vierão a parir juntas, senhora, e criada. A criada hum filho, que viveo pouco; a senhora huma filha. Tornou Soror Margarida com tal oc-

casião a ser ama, e passou tres annos criando. No discurso d'elles considerando seu estado de viuva, só, e sem filhos, nem outra obrigação, lembrava-se dos bons principios, que tivera com as suas Freiras na mininice: suspirava por aquelle socego d'alma, pedio a Deos lh'o quizesse deparar algum dia, e por alguma via restituir, e determinada a buscal-o, resolvia-se com firmes propositos em não querer nada do mundo. Ajuntava a taes pensamentos dar muitas voltas ao seu Rosario, meditando vida, e trabalhos do bom Jesus, de que nascia encher-se de fervor de padecer por elle. Começou a jejuar as sextas feiras a pão, e agoa á honra da Paixão. Vestio tunica de lãa, e com desejos de poder ler livros devotos, e rezar o Officio Divino, fez-se força, e aprendeo. Estava já Dom Pedro na cidade, depois de aliviado o mal, e Soror Margarida tendo novas de hum ajuntamento, que começava a crescer, e ter nome fora da Porta da Cruz de Beatas terceiras de S. Domingos, toda sua consolação era ir-se com ellas, servil-as, e acompanhal-as nos santos exercicios da religião: e de ordinario se ficava com ellas tres, e quatro dias, e logo tornava a dar vista á sua criada, de cuja affeição, como não tinha filhos proprios, se sentia tão presa, que só ella a detinha no mundo. Mas o Senhor piadoso, que a queria subir ao monte da perfeição, cortou-lhe brevemente esta raiz da terra, aos quatro annos levou a minina para si. Tinha já então recebido o habito de Terceira em S. Domingos, e tomado por devação desd'a hora, que o recebeo, não usar mais nenhum genero de calçado. Por onde se póde entender, o que faria de penitencias em secreto, quem assim se tratava no publico.

Tornou a contagião a perseguir a cidade, fugião os que podião, pareceo a Soror Margarida que estava já obrigada a offerecer-se a todo o perigo por amor de Deos, e sem nenhum medo se ficou servindo com humildade, e diligencia ás suas Beatas. Aqui a tocou Deos com intenso desejo de visitar em Roma as reliquias dos Santos Apostolos, e as de seu Padre S. Domingos em Bolonha, e d'ahi passar a Jerusalem a fartar a sua alma, como ella dizia, de pôr muitas vezes a boca, e olhos na terra tão ditosa, que fora pisada dos pés do bom Jesus. Muitas razões havia contra a jornada, e não faltava quem lh'as representasse, já propondo-lhe a fraqueza de sua disposição, quebrada de suas mortificações, e aspero tratamento; já o fogo das guerras, que ardião em Italia entre Espanhoes, e Francezes. Devia juntar-se a meu parecer extinguir-se então o ajuntamento das suas Beatas, que não foi de dura, como em outra

parte apontámos. Não houve cousa, que a tivesse; porque vencia toda a força de boas razões a maior, que lhe fazia o espirito. Assim o vimos por huma carta sua, que temos em nossa mão, escripta a Dom Pedro, estando já de partida, em que ha hum periodo, que diz assim: Faço saber a Vossas Mercês, que me vou caminho de Roma, porque não he em mim deixar de o fazer; porque já o pedi ao Senhor Deos, senão era seu serviço hir, apartar-me d'isso: porém cada vez mais, tenho efficacia, e desejo d'isso. São palavras formaes da carta, que he notavel, assim pela resolução com que obedeceo ao movimento d'alma, que a mandava sahir de sua terra, e da casa em que era estimada ao modo de outro Abraham, como tambem pela pobreza, com que acommetteo viagem tão larga, e arriscada, que na carta descobre; porque pede por esmola, e com grande humildade, e por amor de Jesu Christo a Dom Pedro, a quem tantos annos tinha servido, não dinheiro, nem letras de cambio, senão um covado de pano pardo, ou preto, para fazer huma murça.

CAPITULO XIX

Parte Soror Margarida para Roma: passa á Terra Santa: torna a Bolonha em Italia, e fica de morada n'ella.

Poz-se a caminho Soror Margarida por fim de Abril, segundo consta da mesma carta, quo tendo data do mez, falta-lhe a do anno. Este, segundo a lembrança que Dom Pedro deixou, foi o de 1526, ou o seguinte. O modo de caminhar era a pé, e descalça, o trajo murça de pano preto sobre escapulario branco, sombreiro na cabeça, bordão na mão. Sahirão com ella tres molheres de bom espirito, e na determinação de peregrinar conformes. Mostrou Deos ser a jornada de seu serviço: porque sendo Soror Margarida muito fraça, e indisposta, passou as duzentas legoas, que ha de Lisboa a Barcelona, com tão boas forças como se as ganhara com o trabalho. De Barcelona escreveo a seus amos, deu-lhes conta de si: e foi a ultima carta, e recado, que lhes mandou. Julgo eu, que como n'este lugar se despedia das terras de Espanha, desde então se quiz tambem haver por enterrada para com seus conhecidos, e viver só para Deos, e para si. E não duvido que aqui tambem, para ficar mais esquecida, e desconhecida de todos, e de tudo, devia de trocar o sobrenome de Fernandes em Palos, que he o que depois usou por toda a vida.

D'aqui seguio sua peregrinação, passou a Roma, e a Veneza. Em Veneza embarcou para a Terra Santa, e em fim chegou a Jerusalem. O gozo e a alegria d'alma com que entrou, e residio na santa cidade, se deixa bem entender da vontade, com que emprehendeo a jornada, e do que d'ella referio a Dom Pedro huma das companheiras, que em cabo de dezoito mezes tornou a aparecer em Lisboa. Dizia esta, que a consolação com que Soror Margarida se achava nos santos lugares, era tão celestial, que não entendia ser já possivel deixal-os, senão depois de os lograr muito devagar, e pelo menos espaço de dous annos, ou tres. Quantos forão os que se deteve, não chegou a nossa noticia: porque n'este passo se perdeo a memoria, e rasto d'ella. E lhe aconteceo como a rio, que se some na terra, e vai sahir, e aparecer em outra parte muito distante, segundo se escreve do Nilo em Asia, do Alfeo em Grecia, do Guadiana em Espanha. Porque a cabo de muito tempo deu sua vida grande brado, e em fim se soube que deixando Jerusalem, tornou a Bolonha visitar a casa de São Domingos, e n'ella lhe succedeo cousa, que com muita razão a obrigou a perder totalmente o amor da patria, e ficar-se até a morte á vista, e sombra d'aquellas santas reliquias.

Pedio confessor chegando ao Convento. Acudio hum Padre Lombardo de nação, tão cerrado na sua lingoagem, e boçal nas alheas, que de nenhuma maneira se entenderão nas poucas palavras, que da primeira vista tiverão entre si. Porém entrando no acto da confissão, foi isto tanto ao revez, que elle lhe entendeo toda sua accusação, tão perfeitamente como se a fizera em bom lombardo, e ella seus conselhos e admoestações santas como se forão em liso, e corrente portuguez. Caso foi, que muito deu que cuidar a cada hum, e que por então dissimularão ambos. Mas continuando as confissões, foi maior o espanto: porque vião, que fora d'ellas de nenhuma maneira se entendião em cousa que tratassem, ainda depois de muitos dias de communicação. Julgava o Confessor, como foi tomando mais conhecimento da consciencia da penitente, que por meritos d'ella obrava Deos a maravilha, que não duvidava ser nascida do poder divino. Julgava a penitente, que de ser o Confessor santo, e tudo o da casa semelhante a seu fundador, lhe procedia tanto bem. E dando-se as emboras de ter topado com tal espirito, para refrigerio de sua alma, tomava por aviso do Ceo os successos. E logo foi assentando comsigo, não cuidar mais em mudar terras, nem andar caminhos; mas ficar-se em Bolonha para todos os dias de sua vida. O Padre Frei Luis Cacegas, de cujos

escritos, e memorias vamos tecendo esta historia, e tirámos as mais, que temos posto na luz da impressão, affirma, que indo elle a Roma no anno de 1571 a hum Capitulo geral, por companheiro do Padre Frei Nicolao Dias, que hia por Diffinidor d'esta Provincia, passarão por Bolonha, e acharão ainda vivo o proprio Religioso, Confessor de Soror Margarida; e de sua boca recebera toda a ordem d'este successo, na forma que temos contado, e diz que se chamava Frei Luis Arquivio, e que, com ser entrado em muita idade, gozava de huma velhice robusta, e verde, acompanhada de boa disposição, e inteiro juizo.

Como a nossa romeira se resolveo em dar fim á sua peregrinação, e caminhos em Bolonha: tratou juntamente de ordenar sua vivenda de maneira, que nenhuma pessoa tivesse occasião de entender com ella, nem ella tivesse a quem dar razão de si, mais que a Deos, e a seu Confessor. E como isto não era possivel conseguir-se, se houvesse de andar por casas alheas, dadas, ou alugadas; deparou-lhe Deos no meio d'estes cuidados aposento acommodado a seu desenho. Notou em huma pedreira fóra dos muros da cidade, huma lapa cavada na rocha. Pagou-se d'ella para sua morada, por ser desviada do concurso do povo, e solitaria. Que pouco basta para quem de huma vez se sabe determinar, e correr contas com o mundo! Aqui se recolhia as noites, e do dia passava só as horas, que não tinha aberta a Igreja do seu Santo. Cova aberta, e no campo, bem nos declara qual seria a cama, e o mais enxoval. Não devia passar de alguma pouca de má palha, que antes fizesse asco, que cobiça a quem a visse. Pouco teme ladrões, diz o proverbio, quem caminha sem bolça. Sem receio de ser roubada, sahia em amanhecendo para o Convento, ouvia sua missa, e assistia em oração, até que a obrigava a levantar-se a hora de se cerrarem as portas da Igreja. D'aqui hia procurando alcançar por esmola quanto bastava para sustentar a vida, que era assaz pouco; e logo tornava ao Convento, a dar o resto do dia a Deos. Não se vio agulha de marear mais acelerada, e certa em correr ao ponto do Norte, que a força invencivel da pedra, em que está tocada, lhe faz buscar, do que Soror Margarida foi diligente em continuar sem mudança este genero de vida. Acontecia cubrir-se a terra de neve em grande altura no inverno. Nada lhe tolhia o caminho ordinario para a Igreja. Rogava-lhe o Confessor, que ou se calçasse, ou não sahisse da cova, quando nevasse: mas nem huma cousa, nem a outra se pode nunca acabar com ella. Como fará, dizia, mimo a seus pés, quem se acha em casa de hum pai,

que nunca caminhou pelas serras, senão com os çapatos na cinta? Como arrecearei a neve eu má, e peccadora, quando leio de hum Bautista santificado no ventre de sua mãi, e de seus successores, os Santos moradores do Ermo, que aturarão a vivenda do deserto sempre descalços, sempre mal cubertos? Padeção os pés agora o que mal caminharão em outro tempo: padeção frio na vida, por não padecerem fogo na morte.

Assim vivia Soror Margarida anacoreta em povoado: mas não consentio o Senhor, que promete paga de cento por hum a quem quer que por elle alguma cousa deixa, que ficasse escurecida, e sem galardão huma luz de tanta bondade. Estava Hilarião no coração do Ermo embrenhado, e os Demonios no maior concurso das cidades descobrião seu nome, e virtudes. Quando faltão amigos, que fallem, e louvem as obras santas, temos tão bom Deos, que faz pregoeiros d'ellas os maiores inimigos. Soou por Italia a penitencia, e constancia da Portugueza; e chegou muito acreditada à côrte de Roma, em tempo que se achava n'ella por Embaixador de Portugal Dom Pedro de Menezes. Ouvio com gosto o bom Portuguez as novas em que, por compatriota era participante: e elle foi o que tornando a Portugal, as deu de ser viva quem já na memoria de parentes, e conhecidos estava sepultada. E d'elles as ouvio com grande consolação sua Dom Pedro de Moura, fazendo-lhe sómente duvida, vir nomeada de Italia por Margarida de Palos; sendo seu verdadeiro nome Margarida Fernandes. Foi o caso, que para se encubrir, e fazer desconhecer de todo, disfarçou o nome. Mas não quiz Deos, que pudesse disfarçar a lingoagem, que a manifestava por Portugueza. Muito póde o valor do espirito, para emprehender, e acabar cousas grandes. Tal era o de hum, que entrava tremendo na batalha, e perguntado pela causa: Treme o corpo, dizia, e pasma dos perigos, em que ha de pôr o coração. Não foi menos a fortaleza de Soror Margarida em se mortificar, e vencer as forças do amor proprio, e saudades da patria. Mas não puderão as forças corporaes aturar tamanho espirito, sosobrarão, e cahirão com o peso. Tendo passado o fim do anno de 1539 sem quebrar hum ponto do rigor começado, entrou Janeiro do anno novo frigidissimo, e destemperado de neves, e ventos, que tal he sempre em Bolonha com a vizinhança das serras do Apenino. Não acharão resistencia em aquella humanidade, enfraquecida por tantas vias: e veio a falecer aos dezaseis do mesmo mez primeiro do anno de 1540, vespera do grande penitente, e seguidor do Ermo Santo Antão.

CAPITULO XX

Sepultura de Soror Margarida, com outras particularidades, que depois de ser sepultada se seguirão.

Tratou-se entre os Padres da sepultura. Pareceo a todos, que tão boa filha não merecia menos lugar, que o da companhia de seu santo pai: e como n'aquelle tempo tinha o Santo Patriarcha sua capella alta, e em sitio, que ficava a prumo sobre a porta das Graças, e não era possivel sepultar-se n'ella, derão-lhe o enterro mais visinho que podia ser, que foi na mesma porta, honrado com sua campa. Virão-se logo alguns casos milagrosos, que o bom velho Frei Luiz Arquivio foi notando, e depois contava com lagrimas de saudade, e devação da sua confessada e os attribuia a seus meritos. Mas como erão em negocios particulares, e que deixavão lugar a duvidas em animos pouco devotos, ordenou o Senhor, que sempre honra os seus, acreditar sua serva com hum tão publico, e patente, como fora sua santidade. Passados alguns mezes depois de enterrada, succedeo falecer hum homem nobre da cidade, e darem-lhe lugar junto á porta das Graças. E ou fosse, que ficasse a sepultura mal apertada, ou a cova pouco profunda, começarão os Religiosos a sentir cheiro de podridão ao entrar, e sahir pela porta. E não faltou entre os Frades, quem com afoutesa o atribuia á estrangeira, por defenderem o seu natural. Crescerão as queixas, quebrando todas as ondas d'ellas sobre o Padre Arquivio, como que fora elle causa de se lançar em tal lugar a sua confessada. Affligido o bom Padre com o que via, e ouvia, pedio licença ao Prelado para se certificar do que dizião, e o remediar, se fosse necessario. Chama officiaes, faz levantar a lagea. Mas não era bem levantada, quando a terra bolida começa a exhalar huma tão estranha fragrancia, que encheo de maravilha o Padre, e officiaes: porque vencia na suavidade todos os mais estimados perfumes da terra, e até o máo cheiro da cova vizinha encubria, e sumia. Fez-se esta diligencia de partes de noite. Eis que acudindo a Communidade a Matinas, nasce novo escandalo. Porque sentindo a suavidade, que por toda a Igreja recendia, julgarão a novidade por artificio do Padre Arquivio, como que ordenara com o Sacristão queimar algumas pastilhas. Sabia já o Prior o que era passado, declarou tudo aos subditos. Derão juntos graças a Deos, e não ficou nenhum, que deixasse de tocar com as mãos aquella

terra santa, e pasmar da consolação, que os sentidos recebião, cheirando-a. E tornou-se então a murmuração em respeito, e grande escrupulo de pisarem com os pés lageas, que cobrião taes reliquias. E toda a Communidade requereo, que se passassem a sitio levantado, onde estivessem com a devida honra. E assim se fez passado algum tempo; colocando-se no vão do altar, que fica diante do sepulcro de nosso Santo Patriarcha: onde estiverão, até que se lhe lavrou no andar da Igreja huma sumptuosa capella baixa, que hoje tem. E no mesmo gasalhado tornarão a ficar os ossos de Soror Margarida. Por maneira, que na capella do Santo fica seu corpo no lugar do retabolo, e os ossos de Soror Margarida lhe formão altar, e frontal, sumidos n'elle, que não póde ser maior honra. No primeiro sitio alto estavão, quando o Padre Frei Luis Cacegas passou por Bolonha, segundo atraz apontámos. Mas quando se tresladarão para o segundo, onde hoje estão, acertou a ser presente o Padre Presentado Frei Thomas de Sousa, famoso prégador d'el-Rei Dom Sebastião, que passava por Diffinidor para hum Capitulo geral, e alcançou para o Convento de Lisboa, d'onde era filho, huma grande reliquia d'elles, que foi huma cana inteira do joelho até o pé, que na Sacristia se guarda com decencia, como em outra parte temos apontado (1).

O que temos referido dos principios da vida d'esta Bemaventurada, alcançámos de huma copia de huma carta, que nos veio ás mãos, que Dom Pedro de Moura escreveo ao Padre Prelormo, que se chamava Guarda de S. Domingos de Bolonha (devia ser Sacristão de sua Capella) no mesmo anno que ella faleceo. Os fins nos constarão por outra carta do mesmo tempo, que este Padre Prelormo mandou a Dom Pedro, pedindo-lhe informação das qualidades e nascimento d'ella, para escrever sua vida, como depois fez. E porque he carta notavel, para prova da santidade de Soror Margarida, não será fóra de proposito ficar aqui lançada, como está no original, que em nossa mão temos, e diz assim:

Magnifico Domino Petro Mouræ Portugallensi, Domino suo observandissimo. Magnifice Domine sal. in eo, qui est vera salus. Dominationem vestram admoneo, qualiter Soror Margarita de Palos, quam intellexi vobis esse affinem, præsenti sæculo moriens finem dedit 16 Januarij, quæ et in morte miraculis claruit. Aplurimis autem rogatus fui, ut vitam ejus perquirerem. Igitur Dom. vestram exorandam duxi, ut ipsa dignetur mihi

(1) Part. 1. liv. 3. cap. 41

intimare, quomodo Exorta fuerit, à quibus parentibus, vel qua familia, et an unquam nupserit, vel si primitus habitum nostri Ordinis Sancti Dominici susceperit, vel prius fuerit alterius Religionis. Demum de conversatione ipsius, dum apud vos esset, quomodo in omnibus se habuerit. Hoc quod expostulo, et vobis honori erit, et mihi pergratissimum, multisque devotis personis acceptissimum. Præsentes latores rectius, serioseque de his reddent vos certiores. Quam citius Dom. vestra hæc, quæ postulo, per fideles nuntios transmiserit, tanto vobis debebo, aec vestri ero immemor in orationibus meis, apud Patrem nostrum Dominicum, cujus Corporis indigne curam habeo. Dat. Bononiæ die 20 Martij 1540. Dominat. vestræ Fr. de Prelormo Custos Sancti Dominici.

O nome primeiro d'este Padre nos encubrio a antiguidade, e máo tratamento do papel da carta. Segue-se a traducção. «Ao Magnifico Dom Pedro de Moura Portuguez. Magnifico Senhor, saude n'aquelle Senhor, que de todos he verdadeira salvação. Faço saber a V. S. como Soror Margarida de Palos, que entendi tinha razão comvosco de parentesco, passou da vida presente em dezaseis de Janeiro, resplandecendo na morte com milagres. E porque muita gente me tem pedido, lhe faça inquirição de sua vida, determinei pedir a V. S. seja servido mandar-me informar, de quem era por nascimento, e de que gente, e casa. E se foi casada, ou se tomou primeiro o nosso habito, ou se antes de o tomar teve principios em outra Ordem, e emfim, que vida fez, e como se houve, e procedeo em tudo, quando n'essas partes vivia. Isto que peço, será para honra d'esse reino, e vossa, e de grande gosto para mim, e para muitas outras pessoas devotas. Os portadores d'esta farão melhor, e mais ordenada relação, do que acima digo. E quanto V. S. mais em breve me acudir com as informações, que peço, inviando-mas por via segura, e certa; tanto mais lhe ficarei obrigado, e não me esquecerei de o encommendar a Deos, e a nosso Padre S. Domingos, de cujas santas reliquias, sem o merecer, tenho cargo, e cuidado. Dada em Bolonha a 20 de Março de 1540. De V. S. Fr. de Prelormo, Guarda de S. Domingos.

CAPITULO XXI

De outras molheres de muita qualidade, e virtude, que em Lisboa professarão a mesma regra de Terceiras.

No mesmo tempo, que a boa Margarida trocava a vida mortal com a eterna em Bolonha, deixava a secular pela religiosa em Lisboa outro espirito, que por differente via teve nome igual na mesma profissão de Terceira. Era Prior de S. Domingos de Lisboa o Mestre Frei Jeronymo de Padilha, Reformador, e Vigario geral do Reverendissimo, e fôra eleito, como atraz tocámos, por Setembro do anno de 1538, no Capitulo em que sahio Provincial Frei Mendo de Estremoz. Pedio-lhe o habito de Terceira Isabel Cabral viuva nobre, e moça. Elle lh'o vestio, e sendo pouco depois Provincial lhe fez sua profissão. Foi Soror Isabel pessoa muito notavel em devação, e penitencia: de sorte, que se fez estimar de todos os Prelados, e Padres mais graves, e mais espirituaes da Provincia. Accusava seu rosto as mortificações, com que castigava a carne: e a composição de sembrante manifestava o interior da alma. Erão suas cores mais de corpo de defunto, que de molher viva. Quando adorava o Santissimo Sacramento, batia os peitos nús, como outro S. Jeronymo com hum seixo, que trazia comsigo, por baixo do escapulario: e erão os golpes de tanta força, que se fazião ouvir ao longe, e obrigavão a devação, e compunção. Andava sempre descalça: mas com tal artificio que só a terra lhe via, e sentia o trabalho, que passava; porque a pisava com plantas nuas, e o resto dos pés cubertos. Fallava pouco, e quando alguma palavra lhe sahia da boca, dava sinaes certos, que procedia d'alma, que ardia em amor divino. Acompanhava estas virtudes rigorosa abstinencia, e continua oração mental, que a trazia sempre como desterrada, e longe dos sentidos; e toda embebida no Ceo. Causou-se-lhe a morte das penitencias. Parece, que quiz o Senhor publicar parte d'ellas, para honrar o segredo, com que cubria todas, e para edificação nossa. Caminhava para a Igreja, eis que a poucos passos assenta o pé sobre hum prego, prego agudo, o pé descalço ficou-lhe atravessado; e deu-lhe tanto a merecer com infinitas dores, e com longa e trabalhosa cura, que quando veio a convalescer, o remedio que tinha para não faltar na Igreja, era ir pendurada sobre duas moletas. E ainda n'este estado se affirma que nunca deu melhor trato ao pé são, que quando ferido o en-

fermo. D'este mal junto com varias mortificações, que nunca largava, teve origem huma febre ethica, que se lhe ferrou nos ossos, e nao cessou até a consumir.

De mãos do mesmo Padre Frei Jeronymo vestio tambem o mesmo habito Maria Ribeira, pessoa mui nobre, e juntamente rica, que não casando nunca, governava, e mantinha obrigações de grande familia. Viãose n'ella retratadas ao vivo Maria, e Martha todas as vezes que se applicava a qualquer das partes da vida activa, ou contemplativa, que n'estas santas irmãas são representadas. Em casa assistia com encerramento perpetuo, senão era na hora de hir á Igreja. Regia sua fazenda, e familia com prudencia, e inteireza varonil. Repartia grossas esmolas a quem as merecia por necessidade, e virtude. E porque n'estas partes poucos pobres precedem aos Religiosos Capuchos da Provincia d'Arrabida, ficou memoria, que lhes acudia com particular cuidado, e largueza. Sendo tal nas partes de Martha, espantava grandemente a constancia com que seguia as de Maria. Não se contentava com menos, que dar-lhe muitas, e longas horas, que tomava para orar, e meditar. No qual exercicio passava tanto adiante, ajudada de outras virtudes, que algumas pessoas bem experimentadas nas materias do espirito, que a communicavão, dizião d'ella, que ou fosse perguntando, ou dando razão de si, se enxergava n'ella tratal-as com hum sentimento interior de Mestra, e muito exercitada. E este authorisava com huma rara composição, e veneravel aspecto. Em tal vida passou constantemente muitos annos, e n'ella acabou em paz.

A estas Madres seguirão outras na mesma cidade de grande opinião de virtude, e vida religiosa, entre as quaes teve fama de raro exemplo adquirida com largos annos, que gozou de vida Soror Catharina Carreira, da familia dos Carreiras, e Almadas, gente conhecida e muito honrada.

Nos tempos adiante, sendo Provincial o grande Mestre Frei Luis de Granada, recebeo com sua licença este habito Maria de Quadros, e a elle teve por Confessor, e Mestre do espirito. Era muito moça, quando se determinou a seguir a Religião: desenganada do pouco, que vale tudo o que tem luz, e estima no mundo, não quiz d'elle nada; e dando-se toda a Deos, sahio tão boa discipula, que acreditou muito a opinião do Mestre. Era toda em seu trato singelesa, e humildade, muito recolhida, poucas palavras, mas prudentes, e graves. Podendo assistir na cidade, e tendo para isso bastante fazenda, residia com gosto em huma quin-

ta sua, e fazia conta, que ficava em verdadeiro deserto. Porque se fechava de maneira, que não ficava vendo mais que campos, e bosques, nem ouvindo outras vozes mais que a das aves. Mas para exercicio de virtude admitia comsigo algumas molheres de boa vida, com cuja companhia, e com as de sua familia, ficava compondo hum religioso Mosteiro, empregando-se todas em orar, e louvar a Deos. Conta-se d'ella, que por não dar hora nenhuma a ociosidade, mandava, nas que restavão da oração, vir linho, rocas, e fusos, e fazia que lançassem mão, e fiassem, imitando a molher forte, que a Escritura gaba. Porque a maior fortaleza da mais honrada he, não estar nunca desoccupada de algum bom exercicio. Entretanto recreava-as, ou com a lição de hum livro devoto, ou fallando ella, que o sabia fazer de maneira, que erão suas palavras brasas vivas em corações de cera. Principalmente se tratava do divino pão de vida, que por grande misericordia do Pai Eterno nos ficou no Santo Sacramento do Altar, derretião-se as almas em amar, davão testemunho os olhos com fontes de lagrimas. Acabou Soror Maria, deixando fama, e opinião de santa.

Traz Soror Maria levou o Senhor para si outras tres Religiosas da mesma profissão, e regra, acreditadas igualmente em virtude, que nos podérão obrigar a particulares tratados de cada huma, se não temeramos estender muito esta escritura. Baste ficarem em memoria seus nomes, que erão Isabel da Costa, Luisa Antunes, e Anna Vicente.

Mas não faltando nunca em Lisboa sugeitos de grande merecimento, e partes, que se humilhavão a seguir o Cordeiro celestial no habito, e penitencia de Terceiras, crescerão com a ventagem tanto, que no Convento de São Domingos se vio levantado altar á Serafica Catharina de Sena no topo do cruzeiro d'aquella grande Igreja da parte da Epistola. Devem-se os principios do altar, e capella, e instituição da Confraria ao padre Frei João Pinto, devoto assinalado d'esta Santa. Ajudou ella com famosos milagres em favor dos que para suas necessidades buscavão seu meio, e valia com Deos. Publicavão-se as maravilhas, prégavão-se as virtudes, da que sendo honra das Terceiras, era lume de toda a Ordem de São Domingos. Foi grande o numero das que inflammadas em sua devação vestirão o santo habito, e n'elle fizerão religiosa vida. Entre muitas foi conhecida, e celebre a perfeição de Soror Isabel Alvares Torralva, pela perseguição que os Demonios lhe fazião com medos, e fantasmas no tempo da oração.

Não teve menos nome Soror Brites de Santo Thomas, de quem sabemos, que em muitos annos de vida nunca comeo carne, sempre dormio vestida, servindo-lhe de cama huma taboa. e de almofada para a cabeça de noite os pantufos, que de dia lhe servião nos pés, cercada de cilicios, moida de disciplinas, consumida de jejuns.

Irmãa era d'esta Madre, tanto na vida, como no sangue, Soror Elena da Cruz. E não vivião com menos concerto de religião, e costumes, Soror Maria Cacegas, e Soror Catharina de São Domingos. Das que hoje vivem poderamos nomear muitas, e dizer muito de cada huma, se o permitira a razão da historia, ou sua humildade nos dera licença.

Mas não ficou só no povo a devação de Santa Catharina de Sena, e da sua regra. Entrou pelas portas dos paços, subio as altas, e pomposas escadas, penetrou os aposentos, e Camàras Reaes. E não foi agasalhada com menos amor das grandes Senhoras, e moradoras d'ellas, do que fora da humildade do vulgo recebida. Sustentava a Rainha Dona Catharina grande casa, e estado, como era razão, inda depois de falecido el-Rei Dom João III seu marido: leo-se entre as damas, e criadas de seu serviço a vida d'esta Santa. Contarão-se milagres passados, e presentes. Abalarão os corações brandos, e piedosos com espanto, e com devação. Houve huma dama de geração principal, e em partes naturaes avantajada, que se determinou a vestir, e trazer continuo, não já bentinho curto, e secreto, que isto he uso de muita gente, mas o habito inteiro de Terceira. E porque se temeo de offender com a novidade os olhos dos parentes, antecipou-se em pedir licença á Rainha, que como Senhora tão Catholica lh'a deu graciosa, e alegremente; ajuntando condição, que mais fez estimar o favor, que não fosse parte a differença do trajo, para deixar de a acompanhar em todos os actos, e tempos, como as mais damas.

Assim a vio muitas vezes entre ellas acompanhando a Sua Alteza, quem isto escrevia: levou-nos o tempo seu nome da memoria. E he bem de notar, que não pode acabar, nem escurecer o de outra criada da Rainha, que tambem a servia em foro nobre; inda que menos adiantado que o de dama. E não se contentou só com o ceremonial do habito, e cores; mas fez profissão de verdadeira Religiosa. E póde ser, que d'aqui nasceo sabermos hoje seu nome, que era Soror Jeronyma de Santo Agustinho; e perder-se o de quem se contentou com menos, levada de alguma esperança do mundo.

CAPITULO XXII

Que contem hum Breve Apostolico sobre certo litigio, que correo entre os Religiosos de São Francisco, e São Domingos, na materia das Chagas de Santa Catharina de Sena.

A este lugar pertence darmos conta da determinação, que o Santo Padre Clemente VIII de felice memoria, presidindo na Igreja de Deos, mandou tomar, e fez declarar por suas letras na pertenção, que os Religiosos do Serafico Padre São Francisco tiverão, e altercarão na Curia Romana, pedindo, que se não consentisse aos de São Domingos, pintarem as imagens de S. Catharina de Sena com as chagas abertas em pés, e mãos, e lado, que era o maior brazão da Ordem Franciscana, e de seu Santo Patriarcha: como que tornasse em offensa sua, alcançar tamanho favor, e usar d'elle huma Freirinha Terceira da Ordem de São Domingos. E não obsta serem passadas estas letras muitos annos adiante do em que de presente vamos. Porque a ordem, que n'esta escritura seguimos desde seu principio, pede lançarmos juntamente o que pertence a cada membro d'ella, assim para clareza da historia, como para se acharem com facilidade, e distintas as materias, que tratamos. E ainda que esta Santa foi lume, não só da Terceira Ordem de São Domingos, mas de toda sua Religião, e primeira em todo genero de virtude, ainda que Terceira na Regra, desacordo he cuidar ninguem, que porque seja pintada com chagas, e verdadeiras chagas, como as teve, podem perder as de São Francisco nem huma minima parte de sua grande luz. E a esta conta mandou o Summo Pontifice, que até se tomar final resolução na materia pelos Senhores Cardeaes, deputados para exame das ceremonias, e ritos sagrados, senão fizesse n'ella novidade, nem por parte de huma Religião, nem da outra: que foi o mesmo, que mandar, que pudessem os Frades de São Domingos usar da posse, em que estavão, e estão de pintar, e lavrar as imagens da Santa com os sinaes das chagas. Estimou a Religião dos Prégadores este Decreto Apostolico, considerando a grande, e immortal obrigação, em que está a esta Santa. Porque, como foi a primeira donzella, que professou na Terceira Regra, de seu exemplo procedeo acudirem a ella grande numero de molheres de semelhante estado, que desprezadas as vodas do mundo, por ganharem as do Ceo, adiantarão tanto n'esta Religião, que andão celebradas nas Cronicas da Ordem com titulo de Santas, e mui grandes Santas. E todo seu valor, e santidade

em certo modo he devido a esta Serafica Catharina, como a quem lhes abrio a porta, e deu principio a seguirem n'ella o Divino Cordeiro. Pela mesma razão nos cahe aqui a proposito o Breve, que daremos com sua traducção para se communicar a todos.

Clemens Papa VIII. Universis Venerabilibus Fratribus, Patriarchis, Archiepiscopis, et Episcopis, et aliis locorum Ordinariis per universum Orbem constitutis salutem, et Apostolicam benedictionem. Cum, sicut accepimus, nonnulli Fratres Ordinis Sancti Francisci prætendant, Imaginem Sanctæ Catharinæ de Senis non esse depingendam cum Stigmatibus, sed solius Sancti Francisci Imaginem ita depingi debere, ac super hoc sæpe cum Fratribus Ordinis Prædicatorum altercantur, et contendant. Nos hujus modi altercationes et contentiones præcidere cupientes, negotium istud Venerabilibus Fratribus nostris Sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinalibus super Sacris Ritibus, et Cæremoniis deputatis, examinandum, cognoscendum, et decidendum, ac terminandum commissimus: Cum decreto tamen, quod interim nihil innovetur. Ne autem dum in dicta Congregatione prædictum negotium deciditur, in aliqua Orbis terrarum parte, circa hoc aliquid innovari contingat, vobis, et cuilibet vestrum, per præsentes committimus, et mandamus, ut autoritate nostra curetis, et præcipiatis sub censuris, et pœnis Ecclesiasticis arbitrio vestro infligendis, ne in Civitatibus, et Diœcesibus vestris quisque Fratrum prædictorum Sancti Francisci, aut alii quicumque (donec in dicta Congregatione Cardinalium hujusmodi negotium Stigmatum Sanctæ Catharinæ definitum, et declaratum fuerit) circa illud aliquid innovare, aut ulterius altercari, vel contendere præsumant, Constitutionibus, et Ordinationibus Apostolicis, ac præsertim fœlicis recordationis Sixti Papæ IV, prædecessoris nostri, cæterisque in contrarium facientibus, non obstantibus quibuscumque. Cæterum, quia difficile foret præsentes literas originales ad unum quemque vestrum deferri, volumus; et autoritate Apostolica decernimus, ut præsentium exemplis etiam impressis manu alicujus Notarii publici subscriptis, ac sigillo personæ in dignitate Ecclesiastica constitutæ munitis, eadem prorsus fides ubique habeatur, quæ ipsismet præsentibus haberetur. Datum Romæ apud Sanctum Petrum sub Annulo Piscatoris. Die 27 Novembris 1599. Pontificatus nostri anno octavo. Marcus Vestrius Barbianus. Romæ apud Impressores Camerales 1600. Paulus Blunchas Cancellarius Cameræ Apostolicæ. Maurus Fagundes Archidiaconus de Sexta Cathedralis Ecclesiæ Elborensis meo sigillo munivi.

«Clemente Papa VIII, a todos os Veneraveis Irmãos nossos, Patriarchas, Arcebispos, e Bispos, e aos mais Ordinarios por todos os lugares do mundo constituidos, saude Apostolica, e benção. Como quer que, segundo somos informados, alguns Frades da Ordem de São Francisco pertendão, que se não deve pintar com chagas a imagem de Santa Catharina de Sena; e só a de São Francisco se haver de pintar com ellas, e sobre isto tragão litigios, e contendas com os Frades da Ordem dos Prégadores. Nós desejando atalhar semelhantes questões, temos commetido o negocio aos nossos Veneraveis Irmãos Cardeaes da Santa Igreja de Roma, que sobre os sagrados Ritos, e Ceremonias são deputados, para que d'elle tomem conhecimento, e o examinem, determinem, e acabem. Mas com tal ordem, e assento, que por entretanto se não innove n'ellé cousa alguma. E porque não aconteça, que em quanto o dito negocio se trata, e resolve na dita Congregação, haja n'elle novidade, ou alteração em alguma parte do mundo: Pelas presentes vos encarregamos, commetemos, e encommendamos a todos, e a cada hum de vós, que em nosso nome, provejais, e o mandeis com censuras, e penas ecclesiasticas, que a vosso alvedrio fulminareis, que nenhum dos ditos Frades de São Francisco, nem outras quaesquer pessoas, se atrevão em vossas cidades, e dioceses a innovar cousa alguma, nem mais litigar, ou contender n'esta causa das chagas de Santa Catharina, até ser diffinida, e declarada pela dita Congregação dos Cardeaes, sem embargo de todas as Constituições, e Ordenações Apostolicas, e em particular as do Papa Sixto IV, de felice memoria, e quaesquer outras, que em contrario sejão. Mas porque seria cousa difficultosa chegarem a cada hum de vós outros, os originaes d'estas letras, queremos, e por authoridade apostolica determinamos, que aos treslados d'ellas, e até aos impressos, como sejam sobescritos por qualquer Escrivão publico, e sellados com as armas de qualquer pessoa em dignidade ecclesiastica constituida, se lhes dê tanta fé, e credito, como se houvera de dar aos mesmos originaes. Dada em Roma em São Pedro, a vinte sete de Novembro de 1599, aos oito annos de nosso Pontificado. Marco Vestrio Barbiano. Em Roma, pelos impressores da Camara, anno de 1600. Paulo Blancho Chançarel da Camara Apostolica. Amaro Fagundes, Arcediago de Sexta da Igreja Cathedral d'Evora a sellei com o sello de minhas armas.»

FIM DO LIVRO SEGUNDO

TERCEIRA PARTE

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL

LIVRO TERCEIRO

CAPITULO I

Fundação da devotissima casa de São Domingos da Villa d'Amarante, com a vida do glorioso São Gonsalo, por cujo respeito, e devação foi fundada.

A ordem, que desde o principio d'esta historia propuzemos seguir, e até agora temos continuado, foi reduzir as vidas dos Santos, e Varões assinalados d'ella aos Conventos, em que, ou nascerão por profissão, ou assistirão por longa residencia, ou ficarão por morte, sem respeitarmos a maior, ou menor antiguidade dos annos, e nascimento de cada hum. Por esta conta florecendo o milagroso São Gonsalo tantos annos atraz, que foi dos primeiros Santos da nossa Ordem (1), vimos a escrever sua vida no anno de 1540. Porque n'este teve principio o seu, e o nosso Convento d'Amarante, que á sua honra mandou edificar el-Rei Dom João III como logo veremos. E assim como demos lugar antecipado a muitos varões modernos pela relação, que tiverão com Conventos antigos, vem acontecer

(1) Flos Sanct. impresso em Braga an. 1513. — Flos Sanct. de Fr. Diogo do Rosario. — Flos Sanct. de Vilhegas—Castilh. Part. 1. liv. 2. cap. 60.—Fr. Ant. de Sena an. 1550 fol. 94. —Antist. na vid. de S. Ped. Gons. c. 8. §. 2. — Mariet. Part. 2. liv. 12. cap. 1.— Martyr. dos Santos de Braga. — Trugilho in Thes. concionatorum.

a este Santo ficar não só em segundo, mas quasi em ultimo lugar, por não alterarmos o estilo começado, como fora se o apartaramos do seu Convento. Porém julgo, que foi boa ventura d'este nosso trabalho. Porque da mesma maneira, que na primeira, e segunda tivemos montes de santidades, que a illustrão com maravilhas: Na primeira hum Frei Soeiro, primeiro pai da Ordem em Espanha depois de nosso Patriarcha: hum Frei Gil, segundo Provincial n'ella, hum Frei Paio, hum S. Pero Gonsalves, e hum Frei Lourenço Mendes: Na segunda hum Frei Vicente, que foi o primeiro, que levantou bandeira contra a Claustra, e nos instituio a observancia, que a maldade do tempo tinha esquecida, e cahida: hum Frei Arnáo milagroso; huma Princesa Dona Joanna, que o não foi menos em virtudes, que em estado: Assim tambem nos honrasse esta terceira hum Santo, que em famosos prodigios de espirito, e obras igualou aos maiores da primitiva Ordem, e a muitos da primitiva Igreja. Por onde me parece razão, e obrigação, que pois elle com seus raros merecimentos foi causa original de se fundar este Convento, demos primeiro noticia d'elles, e de sua vida, que das paredes, e fabrica de pedra, e cal.

Corre pelo termo de Guimarães, Arcebispado de Braga, o pequeno, e mal conhecido rio Vizella, e lava com suas agoas huma pobre aldea, que chamão Arriconha. N'esta quiz Deos que nascesse o lume de santidade S. Gonsalo, para com ella enriquecer de virtudes este Reino, e nossa Religião, e mostrar ao mundo, que do mais humilde pó da terra sabe, e póde lavrar vasos de eleição para sua Igreja, e colunas de gloria para a Corte do Ceo. A casa em que nasceo, se chamava então o Paço de Gonsalo Pereira, bom sinal de nobreza de seus pais, que n'ella vivião; pois o nome de Paço só a pessoas e casas illustres pertence. Era sua geração dos Pereiras, e são travados com outras familias, que então tinhão bom lugar, e reputação no Reino. Perdendo-se a memoria de muitas cousas dos principios d'este Santo, não póde a força do tempo, e antiguidade, que tudo desbarata, apagar a memoria do que em seu bautismo succedeo. Porque a estranheza do caso a conservou viva, e inteira por todas as idades com os nomes da Igreja, e lugar em que foi. Nascendo o minino, como temos dito, no lugar de Arriconha, foi levado a bautisar ao de Tagilde na Igreja de S. Salvador (da razão que para isso houve não consta, podia haver muitas): depois de bautisado, ao tempo, que o Sacerdote o entregou nos braços da ama para o enxugar, e agasalhar, em lugar de buscar os peitos, e o leite, que o natural instin-

cto a toda a criatura ensina, ou se queixar com choro da frialdade do banho sagrado, poz os olhos em hum Crucifixo, que perto estava, com tal geito, que fez pasmar quantos o acompanhavão; porque não só perdeo o sentimento da agoa, e cuidado do leite: mas como se tivera juizo para discernir, e entender o que via, assim pregou e deteve a vista na santa imagem com attenção, em quanto a ama o pensou. Grandes juizos faz a natureza de hum bom principio, para pronosticar futuros bons. Porém isto se entende nas cousas de curso ordinario, e não nas que tem origem no Ceo, e na Misericordia Divina: quando o Senhor quer prevenir seus servos com bençãos de suavidade, vencida toda a ordem natural, que he hum genero de santificação, e principio de santidade: como lemos de hum S. Nicoláo, que no leite da ama fazia abstinencias ordenadas: e de nosso Patriarcha S. Domingos, que na mesma idade se deixava cahir da cama d'ama, para ficar toda a noite na terra fria. Esta madrugada de entendimento não deve nada á natureza, toda he do Ceo, toda milagrosa, e de graça sobrenatural. E vio-se logo mais claramente no nosso minino Gonsalo (que tal foi o nome, que lhe puzerão na pia, e dizem as memorias, que este era o de seu pai) porque o primeiro dia, que a ama indo para ouvir Missa o levou á Igreja, foi correndo com os olhos as imagens dos altares, até chegar a hum Senhor crucificado. Aqui parou, e debatendo-se todo para elle com estranho affecto, parecia querer saltar do collo da ama, e não podendo fazer mais, estendia os bracinhos, como que o queria abraçar. Estava a ama atonita, cotejando esta novidade, com a que se vira no bautismo: e vendo conformidade em ambas, notava n'esta termos mais espantosos. Porque acolá houve sómente attenção na santa imagem, com suspensão dos actos infantis, cá sobre affecto, e brandura no gesto, que parecia já devação, gritos, e lagrimas ao apartar, quando se quiz recolher com elle para casa. Isto mesmo lhe acontecia depois todas as vezes que á Igreja era levado. E conta-se que hum dia, sendo a Missa acabada, e querendo-se a ama hir, foi tamanho o pranto do minino, que não lhe sofrendo o coração lastimal-o, como já sabia a causa, se deixou estar hum grande espaço mais diante do Crucifixo. E tornando a commeter a sahir-se da Igreja, tornou-se a espertar o choro, e grita no criado: de sorte, que combatida no animo da dor, que lhe fazião aquellas lagrimas, com a reprehensão, que tinha certa em casa pela tardança demasiada, não sentio outro remedio, senão tornar-se a huma imagem da Virgem nossa Senhora, que no mesmo altar es-

tava, e pedir-lhe a ensinasse, que termo teria para escusar o sentimento d'aquella criaturinha, que amava; e não ser occasião de ira aos pais com a detença. N'este ponto notou a boa ama, que o minino reclinou a cabeça contra a mesma imagem da Senhora, e como quem consentia já na despedida, e retirada, se recolheo socegadamente a seus peitos. Hia crescendo em dias, e crescia com elles em maravilhas Amanhecia o dia, e não tomava o peito da ama, em quanto o não levavão á Igreja. E se lhe tardavão em o levar, significava o que sua alma lhe pedia, como não tinha outras vozes, com choro, e gritos. Entrando n'ella, tudo erão festas, riso, e alegria á vista das imagens santas, em que mostrava recrear-se tanto, como se de todas tivera distincto conhecimento. O que se provava tambem em casa; porque se acertava de chorar, qualquer que fosse a occasião, o remedio, que havia para logo se acalentar, era mostrar-lhe huma imagem de Christo ou da Virgem.

Mas he muito de sentir, que ficando estas lembranças tão vivas, não tenhamos nenhumas, que falem da idade mais crescida, quero dizer da puericia, e adolescencia d'este Santo. Contentarão-se os antigos, para nos dar a entender, que tudo fora muito aventajado á mininice, com dizer, que obrigado o pai da inclinação, que lhe via para tudo o que era virtude, e santidade, depois de o fazer estudar as primeiras letras, o entregou ao Arcebispo de Braga, para se criar em sua casa em sua doutrina para ecclesiastico. Erão as casas dos Arcebispos n'aquella idade como Academias, em que residião muitos moços nobres com o mesmo fim. Luzia Gonsalo entre todos em honestidade, e humildade, como hum Sol. E não sendo menos na habilidade, e applicação ao estudo, mereceo a seu tempo, pôr n'elle os olhos o Santo Prelado, e provel-o na primeira Igreja, que lhe vagou. Foi esta São Paio de riba de Vizella, não longe de Tagilde, com titulo de Abbade. Era Sacerdote moço, e ainda que velho nos costumes, e modo da vida, considerou na grande obrigação, que sobre si tomava, encarregando-se de almas alheias. E a primeira cousa que fez depois de provido, foi prostar-se diante do Santissimo Sacramento, e como outro Salamão, pedir-lhe espirito de prudencia, de inteireza, e saber para bem governar, e a seu santo serviço encaminhar o povo, que d'elle fiava. Acudio-lhe o Senhor, que nunca falta a dezejos santos, com tal espirito, que com ser moço, e rico, e livre de toda sugeição, começou huma vida de notavel exemplo. Enfreava o fervor da idade com rigor de penitencia, com longas vigias, e

Oração, cortando pelo sono, com estreita abstinencia, encurtando a mesa não só no superfluo, mas inda no mantimento ordinario, e plebeo, que só usava. Assim se conservou em pureza no meio do fogo natural da mocidade, da riqueza, das occasiões, e da liberdade, e a guardou sem nodoa por toda a vida. Seguem de boa vontade a santa pureza todas as mais virtudes. E na verdade, não se via n'elle falta de nenhuma. Mas sobre todas era de ver a franqueza, com que despendia suas rendas entre os freguezes, e a charidade e amor, com que acudia aos mais necessitados. N'esta parte não tinha limite. Porque, como se fôra huma mãi muito maviosa de cada hum, assim queria, que sobejasse tudo aos pobres, inda que para elle não ficasse nada. Nunca enthesourou dinheiro, nem guardou de hum anno para outro, e em sua opinião, só por despenseiro se tinha dos bens da Igreja, não por dono. Da mesma maneira, que lhe servia a abundancia de fazenda para emprego santo, assim usava da liberdade, em que se achava de Prelado, para se entregar todo a Deos. Sua maior deleitação era assistir na Igreja, apascentar o entendimento, e discurso no mesmo, que sendo minino buscava com os olhos. Arrebatava-lh'os então a piedosa perspectiva do bom Jesus estirado na Cruz, coroado de espinhos, rosto, e olhos pisados, peito alançeado, pés, e mãos passadas com prégos, as carnes sagradas nuas, e abertas de chagas, e vergões dos açoutes: que faria agora, que tudo sabia por fé, e por lição das Escrituras Santas: e discorria com maduro juizo por cada cousa, e pela causa de todas? Não tinhão hora o dia, nem a noite, que lh'a não levasse esta consideração, trazendo sempre nos olhos d'alma hum vivo retrato da Sagrada Paixão, e venerando-a em todo o tempo, e lugar, já com affectos de amor, que sentia obrigado, já com lagrimas de dor, e lastima, já com abrazados dezejos de padecer por tão bom Senhor. Com tal modo de vida passou muitos annos amado de Deos, e dos homens; e estimado do Prelado maior, sobre todos os que curavão almas em sua diocese.

CAPITULO II

Parte o Santo Abbade para Jerusalem: Dá-se conta da jornada, e do que mais lhe succedeo, tornando à sua Igreja, e casa.

A grande, e afervorada continuação com que o Santo meditava os trabalhos de Christo, veio a criar em sua alma hum immenso desejo de ver

por seus olhos a terra, que foi tão ditosa, que mereceo gosar sua presença sagrada trinta e tres annos: ouvir sua voz, ser pisada de seus pés, e em fim regada de seu precioso sangue. Parecia-lhe peregrinação de todo o Christão digna, e dita grande, a quem no trabalho d'ella, e em tal terra se lhe acabasse a vida. Assentava na jornada com incomparavel gosto. Mas logo o desconsolava, e entristecia hum justo temor de desemparar suas ovelhas. Lidando muitos dias nas ondas d'este cuidado, e não acabando de se resolver, em fim se lhe offereceo huma traça, com que foi vencendo o escrupulo; porque tambem já não era poderoso para vencer a força, que lhe fazia o desejo. Tinha comsigo das portas a dentro hum parente, criado em sua casa, e em sua doutrina desde moço, que era Sacerdote, e mostrava no sizo, e modestia com que procedia, que não desdiria pelo temqo em diante da boa criação. A este determinou encommendar a Igreja, julgando que por ser cousa sua o aceitarião de boa vontade os fregueses: e o Arcebispo se não descontentaria de tal Coadjutor: e sua consciencia ficaria bastantemente descarregada pelo ensino, que de muitos annos lhe tinha dado, e a experiencia, que o moço tinha ganhado n'elles de como havia de governar. Chamou-o hum dia, fallou-lhe assim.

Filho, que este nome te posso chamar com mais razão, que teus proprios pois. Porque se elles te gerarão para o mundo, eu te gerei para Christo, com te dar a luz de sua Santa Fé. E tanto mais me deves a mim, quanto he de mór valia o conhecimento de Deos, que te eu dei, que o ser de homem, que elles te derão. Fiado em que não ignoras isto, pelo bom entendimento, que em ti vejo, quero ajuntar beneficio a beneficio, e que comece desde logo o que ha de ser ao longe. Esta Igreja, que faço conta renunciar em ti, quando a mim me carregarem mais annos de idade, e a ti mais de experiencia, desde logo a quero fiar de teu cuidado, emquanto durar huma auzencia, que hei de fazer. Servir-te-ha de muito, começar a ser Prelado; porque n'este espaço de tempo, que eu te tardar (no Senhor confio, que será breve) ganharás com bom governo os animos d'este povo, far-te-has aceito ao Prelado maior, para o tempo da remuneração, e comigo grangearás deixar-te mais depressa, e de todo, o que agora faço por pouco tempo. E sobretudo se assim procederes, livrarás de calumnia o juizo que de ti faço, que não possão dizer os homens, que em te prover tão cedo, segui mais as leis do mundo, e do sangue, que as de prudencia, e christandade. Para não errares, boas

lições te tenho dado, e bom roteiro te deixo nas regras, e ordem de vida, com que te criei, e me vistes proceder. Estas te peço que assim como atégora guardaste, da mesma maneira as tragas sempre, não só escritas, mas esculpidas, e gravadas no coração. N'ellas não alteres nada, senão fôr para maior gloria de Deos, e mais bem do proximo. Sobretudo te encommendo o cuidado dos pobres, que são os filhos, que mais levo atravessados n'alma. Faze como viste fazer até agora n'esta casa. Que os bens da Igreja, filho, não são dos Prelados, senão das ovelhas, ellas os dão, a ellas quer Deos que tornem. No mar nos está ensinando, recebe aquelle immenso lago as agoas dos rios, e fontes, e logo lh'as torna a dar mais puras do que as recebeo. Mordomos somos d'este povo, não senhores: dispenseiros dos bens, e rendas, não donos. Se queres, que Deos te ajude em tudo, nunca n'este ponto mudes de opinião; que a esmola, assim como he antidoto, que apaga os peccados commetidos, tambem he preservativo para não cahir em outros. Filho, tudo fio de ti, Igreja, honra, fazenda, só os pobres não hei de fiar, para que minha alma vá consolada, se não fôr com me prometeres com solemne juramento, que sempre esta porta para elles estará aberta, sempre esta casa será sua.

Não disse mais o Santo: e o parente cheio de alvoroço para a prebenda, que não esperava, e sem tal cuidar lhe entrava por casa antes de tempo, respondeo, como quem sabia com quem o havia, palavras cheias de humildade, e modestia: ajuntou promessas, e juramentos de não sahir hum ponto do que lhe mandava, nem das boas lições, que em sua escola tinha aprendido. Como he facil de enganar a virtude! Quem he bom, de tudo, e de todos julga o que sente de si. Alegrou-se o Santo com as palavras, e estimou os juramentos; deu conta ao Arcebispo, ficou provido o parente, pelo que durasse sua ausencia. E como morria por voar, não só ver-se em caminho para os lugares santos, venceo na pressa de partir os desejos do instituto. Levava os olhos em Roma, que era a primeira estação de sua jornada, e o coração na Terra Santa, por cujo amor se desterrava. O modo com que caminhou, não consta por escritura; mas se havemos de julgar a hida pela vinda, e pelos fins os principios, de crer he, que peregrinação tomada por puro amor d'aquelle Senhor, que pelo que nos teve quiz morrer em huma Cruz: não a faria hum varão espiritual, senão a pé, e como pobre á imitação do grande Romano Santo Aleixo; visto como ambos deixarão es-

posas, e a ambos obrigara hum mesmo fim. Visitou em Roma as reliquias dos Santos Apostolos, embarcou logo para Suria; passou o mar, e em fim chegou á santa cidade. O gosto incomparavel, que sua alma sentio quando se vio n'ella, e nos lugares, onde foi obrada nossa redempção, pode-se alcançar com o entendimento, mas não declarar com a penna. Assim se abraçava com elles; assim venerava todos, ora beijando aquella terra com humildade, ora regando-a de lagrimas, com grande suavidade, como se em cada hum encontrara o mesmo Christo em carne. Sua vida era andar de huns em outros, juntando com a contemplação d'elles novo genero de penitencia, sobre as suas ordinarias, que era mendigar de porta em porta a sustentação quotidiana; penitencia mais dura de levar que todas as do mundo, para quem n'elle alguma hora teve de que viver. E comtudo tal era o fogo de devação, com que o abrasavão aquelles santuarios, que tinha por gloria a pobreza, e a fome: tão preso se sentia do amor d'elles, que passarão mezes, e hião passando annos, e não acabava comsigo deixal-os.

N'este tempo o substituito Vigario depois de enganar alguns dias com boas mostras os fregueses, como fizera ao Abbade com promessas; começou a desordenar, pondo de parte as rigorosas leis de viver, e governar, que d'elle recebera: e para mais soltura, como vio que passavão annos sem haver nova, nem recado do ausente, tratou de impetrar para si o beneficio, e fingio cartas, buscou testemunhas, que jurarão ser morto. E terçando por elle o parentesco, e virtudes do que falsamente fazia defunto, foi provido de propriedade na Igreja, que tinha em administração. Feito Abbade assim se soltou em todo genero de vicio, e devassidão, que nenhum sinal havia em sua casa de amor de Deos, nem cuidado das almas. Era a renda grossa, e tratava-se como Principe. Muitos criados, mesa esplendida, cavallos, açores, bandos de cães, consumião os frutos da Igreja de Sam Paio. E como se os herdara de seu pai, e avós, ou os ganhara por seu braço, assim os empregava em seus damnados gostos, sem acudir aos pobres tão encommendados, nem com as migalhas da mesa.

Tal vida fazião os dois Abbades: o falso, e intruso em abundancia, e dissolução, a custa da fazenda alhea; o verdadeiro em desterro da propria, em miseria, e falta de tudo. Passava de treze annos, que cada hum se gozava, e lograva com gosto, do que tinha, quando ordenou o Senhor provar de novo a ambos: a hum para merecimento de mais gloria, a

outro de pena, e condemnação. Achava-se o Abbade Santo tão contente na pobreza, que buscara, que nem vendo-se velho, e cançado, se lembrava de patria, nem parentes, nem renda. N'este estado começou a sentir huma ancia, que lhe rohia, e inquietava a consciencia, com imaginações tristes, e escrupulosas; se teria dado occasião ao parente, com sua longa ausencia, a mudar vida, e costumes; e pelo conseguinte a padecerem detrimento suas ovelhas, que deixava, sendo legitimo pastor, em poder de mercenario. Achava-se culpado, desconsolava-se, chorava o tempo que se detivera, e o cahir tão tarde na conta, como se a vida fôra folgada, e empregada em passatempos. Em fim, ou este cuidado nascesse de escrupulo, que he enfermidade que acode aos velhos, ou revelação do Ceo, que tenho por mais certo, despedio-se da santa cidade, como arrancado, e á força.

Caminhava para a patria o Santo Abbade, não só pouco alegre, mas cheio de desconsolação. Erão cumpridos quatorze annos, quando tornou a entrar por entre Douro, e Minho. Encaminhou para sua Igreja, e fregueses, que era o fim, que o trazia de tantas legoas. Vinha enfermo, e debilitado do trabalho de andar a pé, magro, disforme de fome, e penitencias: de roupa não só pouco luzido, mas parte roto, e esfarrapado, parte mal remendado. E para dizermos tudo em huma palavra, vinha hum retrato da ultima pobreza, que fazião mais fea a carga de annos, o rosto queimado, e denegrido, o cabello todo branco (que faz grande mudança em espaço pequeno a idade, que vai cahindo, quanto mais em quatorze annos) mas de mal penteado, empoado, e descomposto, mais pardo, que alvo. Com tal figura quiz ver por seus olhos o que já devia ter ouvido pela terra. Que os prudentes não se levão facilmente de informações. Chegou á porta da que fora sua casa, levantou a voz rouca, e cançada, pedio huma esmola á honra de Christo. Acudio ao brado, e sinaes de pobreza, como a rebate de inimigos, ou de ladrões, hum grande numero de cães de varias castas, invião-se a elle com bocas abertas, e olhos de fogo: que são os cães emulos perpetuos da pobreza, pelas migalhas, e sobejos das mesas. Defendia-se o Santo, sem se offender do que tinha por natural n'aquelles animaes, quando o espanta, e escandaliza com deshumanidade huma voz humana, que perdoasse, ou sem perdoar despejasse a porta. Ainda esta julgou, que seria lingoagem de criados, que muitas vezes com sua má condição desacreditão a boa de seus amos. Levantou de novo hum piadoso brado; senão quando acode de dentro o falso Ab-

bade com passo apressurado, e olhos acesos em ira, que se fosse logo sem mais importunar; que não era elle o homem, que ajudava a manter vadios, e callaceiros, que por não quebrarem o corpo com hum pouco de trabalho, querião viver á custa alhea. Conheceo o Santo o seu Vigario na falla, ainda que muito trocado de corpo, e gesto; juntou as mãos sobre o bordão, inclinou n'ellas o rosto, e começou assim, arrancando do peito hum sentido suspiro: Mal dizem por certo estas palavras com o que alguma hora eu vos ensinei, e muito menos com a fé, que me déstes, e promessas que fizestes, quando de vós me apartei. Carreguei-vos de regras, e documentos santos; e vós a mim de juramento, que ao menos os pobres acharião em vós sempre brandura de condição, e mãos abertas. E eu acho isto tanto ao revez, que nem para mim tendes hum pedaço de pão: para mim que vos criei, que vos ensinei, que vos puz n'este estado? E não basta negardes-me o que do meu comem estes animaes, de que estais cercado, senão ainda que de minha casa, e do meu lar me quereis á força lançar? Pois faço-vos saber, que eu sou Gonsalo, Prelado, e proprietario d'esta Igreja. Eu sou (conhecei-me) aquelle, que partindo d'esta casa, vos fiz dono d'ella, eu o que vos nomeei, e substitui por Vigario d'esta Igreja, não por certo para afugentardes, e fugirem de vós os pobres; mas para acharem gasalhado, e sustentação nas rendas, e bens d'ella, que são proprios seus. Não tinha bem acabado o santo velho as ultimas palavras, quando o parente entrando em furia (tão longe estava de se correr, ou tornar sobre si com o que ouvia) levantou hum bastão, que trazia nas mãos, e não se contentou com menos, que violar aquellas veneraveis cãas, assentando-o com força huma, e muitas vezes sobre a cabeça, e hombros de quem o criara, e ensinara, e lhe dera fazenda, e honra. Triunfão os servos de Deos, quando no mundo os maltratão, e afrontão. Apartou-se o Santo, offerecendo a dôr, e a injuria, ao bom Jesus á conta das que elle padeceo por nós tambem entre os seus, e das mãos dos seus. E alegrando-se em sua alma de ter cumprido com a obrigação de advertir o desencaminhado Vigario, que estava vivo, e tornava para sua Igreja; mas muito mais de achar maior merecimento em riba de Vizella, que o peregrino Aleixo em Roma. Porque a Aleixo, ainda que tambem desconhecido dos seus, não faltou huma escada, para se agasalhar, e ração quotidiana para viver: mas o nosso sobre falta de pão, e desconhecimento de quem lhe devia servil-o como a pai, levou em sima pancadas.

CAPITULO III

Entende o Santo em prégar, e ensinar o povo d'entre Douro, e Minho: levanta huma Ermida sobre o rio Tamega: toma o habito de S. Domingos por hum mysterioso meio.

Acudio a Divina Providencia ao Santo Abbade na perda, que por seu amor teve da sua Igreja, e casa, com o cumprimento do centuplum, que no Santo Evangelho promette o Verbo Eterno aos que por elle alguma cousa deixarem. Pela administração de Sam Paio entregou-lhe não menos, que a de todo Entre Douro, e Minho. Eis aqui como em suas promessas vence sempre a medida de nossos desejos. Por huma só Igreja, mais de mil Igrejas. Desd'aquella hora, como se toda a Provincia estivera á sua conta, começou a correl-a, andando de lugar em lugar, e prégando em todos, sem deixar nenhum. Era o tempo miseravel em desconcerto de vidas, e cegueira nas cousas da Fé. Foi sua prégação tocha para as ignorancias; norte e guia para desviar dos perigos da culpa, e encaminhar os peccadores para o Ceo. Ensinava, e allumiava como pai zeloso, a filhos amados. No meio d'estes cuidados tomava como ferias alguns dias para si. Buscava lugares solitarios, em que désse pasto ao espirito de divinas contemplações. Era n'aquella idade verdadeiro deserto todo o sitio, e comarca, onde hoje he a villa de Amarante, sitio não só ermo, por apartado da gente, e povoado; mas temeroso por altura de montes, profundeza de valles, aspereza de penedia, e matas espessas; e sobre tudo pela corrente impetuosa, e escura, com que profundamente lhe lava as raizes o rio Tamega, entallado aqui com outras montanhas da parte contraria, igualmente dependuradas, e agras, e que fazem crer, a quem está sobre ellas, que não póde haver divisão, nem corrente de agoas em meio. Accrescenta horror a vista da empinada serra do Marão, que cuberta de neve grande parte do anno, parece ficar pendente sobre as cabeças. N'este posto se escondia, e achava sua alma tanta consolação (devia ser com a lembrança de outros similhantes, que vira nos desertos de Palestina, e ribeiras do Jordão), que veio a edificar n'elle huma pequena ermida, que dedicou á Virgem Mãi de Deos, para o lograr mais de assento, quando pudesse. Aqui se empregava todo em seus antigos e costumados exercicios de Maria: vingava-se do corpo com disciplinas, e abstinencias,

voava com a alma ao mais alto dos Ceos. Mas não se esquecendo da obrigação de Martha, que para o tempo tinha por muito necessaria, tornava a trabalhar na prégação, e doutrina.

Passado algum tempo (como os Santos, quanto mais Santos, tanto menos fião de si) veio a dezejar entender, se agradava a Deos naquelle genero de vida, que fazia; ou se o poderia servir, e agradar mais em outro. Para este fim, sobre suas ordinarias penitencias, dizem, que ajuntou huma Quaresma, jejuada toda a pão, e agôa, e orando com mais fervor no ultimo d'ella, que era a noite da Sagrada Resurreição, dava os parabens á Virgem Mãi, dos gostos, que lhe havião de amanhecer com o filho resuscitado, e á conta d'elles, como a tinha tomado por sua advogada no requerimento, lembrava-lhe, que era dia de fazer mercês, dia de alegrar a todos. E pedia-lhe despacho. Eis que subitamente lhe fere nos olhos huma luz muito mais clara, que a do Sol, e com ella se lhe representa a mesma Virgem, sobre a parte direita do altar, dizendo-lhe com alegria, e benignidade de mãi, que a vontade de seu filho era. que entrasse em Religião regular, e fosse aquella, em que quando se rezava o seu Officio ordinario, começava o Coro em todas as Horas com a saudação angelica: *Ave Maria, gratia plena, etc.* E com a mesma lhe dava fim. Que era Religião, que ella favorecia, e honrava muito; e lhe fazia a saber, que n'ella acabaria a vida mortal, e hiria gosar da eterna. Boas novas, e alegre Paschoa teve o Santo com tal vista, e tal resposta. E porque do mandado meio enigmatico tirava, querer-lhe o Senhor dar novo merecimento de peregrinar em busca da Religião sinalada, não tardou em começar a fazer diligencia. Foi-se logo discorrendo por todos os Mosteiros d'entre Douro, e Minho procurando alcançar, que ordem havia em cada hum na reza do Officio da Virgem: em huns perguntava, em outros assistia. Tendo corrido muitos, e não achando nenhum, que levasse a ordem, que a Senhora lhe tinha dito: porque todos começavão por *Domine labia mea aperies, etc.*, e acabavão com *Benedicamus Domino: Deo gratias:* entrou em cabo de muitos dias, e muitos passos dados na villa de Guimarães, e foi-se duscar como pobre o gasalhado do hospital. Residião já n'este tempo n'elle, e de alguns annos atraz, alguns Frades de S Domingos, que como temos dito em outra parte, o tiverão por morada tão propria, e de tantos annos, que d'ahi lhe ficou o nome de hospital de S. Domingos. Notou o Santo habito, e Ordem, que ainda não tinha tratado de perto. Alvoro-

çou-se por ver, se acharia entre elles o que até então não tinha encontrado. Soube, que com serem poucos, vivião com governo, e concerto de perfeita Communidade. Esperou que fosse meia noite, para ver, e ouvir como rezavão. Aqui lhe amanheceo outra Paschoa de nova consolação, que dando remate a seus cuidados com a soltura, e declaração, que tanto dezejava, do enigma. Porque vio, e ouvio que juntando-se os Frades ao Officio quotidiano da Senhora, começarão todas as Horas da noite, e dia, que a todas assistio, pelo principio da Saudação Angelica, e com ella lhe derão fim. Prostrou-se então diante do altar da Senhora da Oliveira, em graças de lhe mostrar em sua casa o que lhe mandara buscar. E todavia perplexo, se haveria outra Ordem, das que não tinha visto, que usasse a mesma ceremonia. Affirma-se, que foi advertido por hum Anjo, que esta era a que a Sagrada Virgem lhe significara, e queria. Deposta toda a duvida com tal advertencia, pedio logo o habito. Terçavão pelo Santo suas veneraveis cãas, e huma grande composição de rosto, e olhos com a fama, que o acompanhava de muita virtude; foi recebido.

A honra de receber tal filho a Ordem, dão em conformidade quasi todos os escritores modernos a S. Pero Gonsalves Telmo, que a mór parte da sua vida deu a estas terras d'entre Douro, e Minho (1): e n'esta villa, e hospital viveo muito tempo. E não he prova para desprezar a semelhança, que em ambos houve de virtudes, e obras: ambos espantosos por numero, e grandeza de milagres, em vida, e morte: ambos fabricadores animosos de grandes pontes, edificios pertencentes a braço de Reis poderosos, mais que ás forças de homens particulares. Assim parece, que tal filho não podia ter outro pai, se pelos effeitos do espirito houvermos de julgar hum, e outro, ao modo que nos rostos humanos pelo retrato do filho collegimos a figura, e parecer do pai. O anno preciso em que tomou o habito, não dá nenhum autor. Culpa da antiguidade pouco ambiciosa de deixar memorias: e tambem da falta, que então havia entre nós, de quem escrevesse. O que deu occasião a muitos enganos, e ao atrevimento, que sem razão se queria aproveitar, ou apropriar este Santo, e tiral-o á Ordem de S. Domingos. Mas o que se colhe com fundamentos certos, e sem duvida, he que o Santo veio á Re-

(1) Fr. Francisco de Castilho, part. 1. liv. 2. cap. 23 e 62.—Fr. Antonio de S. Domingos na Chronica de S. Dom.—Chronica abreviada da Ordem, impressa em Sevilha.—Fr. João de la Cruz na Chron. da Ordem.—Fr. Vicente Justin. Antist. na Vida de S. Gonsalo cap. 8. §. 1.—Mariet. part. 1. liv. 12. cap. 4.—Duarte Nunes, Descrip. de Portug. cap. 46. fl. 77.

Egião antes do anno de 1251. Porque n'este faleceo o Santo Pero Gonsalves, que lhe vestio o santo habito. E não obsta dizer-se, que nem então, nem muitos annos depois tivemos Convento em Guimarães. Porque com isso está, que tinhamos o hospital por Convento, como atraz se tem apontado. E permitia a singeleza dos tempos, e a grande religião d'aquelles primeiros Padres, servir-se dos hospitaes, e casas particulares, em falta de Mosteiros para receberem á Ordem, os que achavão dignos. Do que he bastante exemplo, inda que seja repetir o que por ventura temos já dito em outra parte. O famoso S. Raymundo, que em Barcelona recebeo o habito em casa de Pedro Grunio, nobre cidadão, que agasalhava os Frades, e os teve comsigo, até que lhe foi dada a Igreja de Santa Catharina Martyr, em que fundarão o Convento, que hoje possuem. Da mesma maneira forão recebidos em Paris muitos sugeitos de importancia, estando os nossos Frades, que os recebião, em hum hospital publico: onde residião, em quanto lhes tardou a Igreja de Santiago, onde depois levantarão seu Convento. O qual costume se confirma tambem com a nota das Bullas de privilegios, que os Summos Pontifices então passavão a esta Religião, que faz menção, não só de Mosteiros, Igrejas, e Oratorios, mas tambem de casas particulares, e hospitaes.

Tratado o bom velho de perto, virão-se logo tantas mostras do espirito do Senhor, que n'elle morava, que o Prelado, tanto que lhe fez sua profissão, que ainda não tinha a espera do anno de noviciado, como agora, ordenou, que tornasse por obediencia ao trabalho de suas prégações, que d'antes por devação exercitava. E não falta quem diga (1), que foi por seu companheiro o Santo Frei Lourenço Mendes, de quem temos escrito no Convento de Guimarães (2). Então descobrio o Senhor quanto se aventajão em valor, e merecimentos as obras, que os Religiosos fazem por obediencia a todas as que são espontaneas, e arbitrarias. Porque sendo huma mesma prégação a presente, e a passada, os mesmos conceitos, e palavras em todo tempo, honrou a seu servo na presente, com maravilhas nunca vistas, que logo diremos.

(1) Castilho, part. 1 liv. 2. cap. 62 —Antist. na vida de S. Pero Gonsalves cap. 8. §. 2.
(2) Parte. 1. liv. 4. cap. 17.

CAPITULO IV

Começa o Santo a prégar depois de professo na Ordem de S. Domingos: dá-se conta da fabrica, que emprehendeo da ponte de Amarante.

A primeira, e maior maravilha, que o Santo fez depois que tornou mandado ao seu antigo ministerio de prégar, foi a obra da ponte d'Amarante sobre o Tamega: obra que para muitos povos juntos fôra de grande carga, e para hum Rei parecera muito custosa, quanto mais para hum pobre Frade, que de seu não tinha mais que o Breviario, em que rezava. O emprego mais ordinario, que o Santo fazia de sua doutrina, inda que muitas vezes se estendia a outras partes, era nas terras, e comarcas visinhas á sua Ermida; ou porque achava a gente mais devota á sua doutrina, ou porque a sentia d'ella mais necessitada. Prégava, ensinava, trabalhava sem descançar. Mas como ardia em fogo de santa charidade. doia-lhe muito ver, que os que vivião alem do rio, quando vinhão buscar o pasto santo da palavra de Deos, ou lhes tolhia a passagem a corrente impetuosa das agoas; ou arrebatava os que temerariamente commettião o váo, e perdião muitos a vida; foi imaginando lançar huma ponte, em que sem perigo se pudessem communicar os visinhos, e a terra toda. Mas como poz o pensamento em pratica, inda que toda a comarca o seguia, amava, e estimava, ninguem houve, que lh'o aprovasse, ninguem que o não tivesse por materia de riso: obra do Ceo, e com milagre se podia esperar acabar-se. Ajuda Deos, dizião, os animos grandes, e os animosos: mas não temeridades, nem temerarios: hum rio de muitas agoas, e arrebatada corrente, a despeza sem conto, os edificadores, que hão de ser os visinhos, pobres, e sem forças de dinheiro, nem fazenda, e mais pobre que todos, quem se atreve a fallar em tal obra: em que ha de parar, senão em ficarem alicesses abertos, e principios fundados, e n'elles levantado hum como padrão, e memoria perpetua de nossa ignorancia, que sem fazer conta com a bolsa, quizemos commetter impossibilidades? Não acovardava nada o Santo, porque tinha confiança em Deos, e a elle queria só por mestre, e fabricador da obra, como fôra author do pensamento. Sem fazer caso de inconvenientes, junta architectos para a consulta do lugar mais acommodado. Assentavão todos com boas razões, que se edificasse em huma paragem, onde o rio sofria váo algum tempo do anno. He o lugar por cima d'Amarante

junto a huma Ermida: que pela mesma razão se chama Nossa Senhora do Vão. Porém o Santo depois de os ouvir, mandou, que se não tratasse de outro lugar, senão o em que tinha a sua Ermida. E não falta quem diga, que houve para isso revelação divina. Parece, que queria o Senhor mostrar seus poderes em honra do seu servo. Porque todo o homem de bom juizo achava segunda impossibilidade na escolha de tal posto: montanhas altas de huma parte, e outra, pendentes sobre o rio, alcantiladas, e fragosas, serviço trabalhosissimo, e de custo dobrado, terra seca, esteril, e falta de tudo. Emfim, não espantando nada o Santo, deu-se principio á fabrica: e logo se começou a ver quaes erão as forças, em que estribava sua confiança, que era o braço divino, que tudo póde. Foi principio um instincto, e movimento do Ceo, que aballou toda a comarca ao perto, e ao longe, acudindo, e procurando todo o homem ajudal-a com o que cada hum podia: os pobres com serviço pessoal, os ricos com os creados, alem de largo provimento de pão, e vinho, e outras esmolas. Era povo sem numero, e trabalhava-se muito, e enxergava-se no feito quanto podem muitos braços, e muitas mãos juntas. Mas fazia lastima, que quanto mais se procedia tanto maiores difficuldades se descobrião. Era necessario para segurar os alicesses, lançar-lhes lageas, como meios montes. Excedia isto nas forças, porque faltavão instrumentos, e machinas para tal serviço necessarias: a disposição do sitio asperissimo, e muito dependurado difficultava tudo. Começou a gente a desconfiar, e logo a afrouxar no fervor, e hir largando o trabalho. Aqui se mostrou segundo sinal da mão divina. Estava cortando hum penedo de desmesurada grandeza, acudio huma quadrilha dos mais esforçados moços, membrudos, fortes, e agigantados, quaes aquella idade os creava, puzerão-lhe as mãos, e boa vontade; tal era, que nem abalal-o puderão, e havia quem julgava, que nem quatro singeis de bois o moverião. Vio o Santo o que passava, e tinha notado o desgosto, que hia entrando em seus obreiros; chamou por Deos em seu coração, chegou-se á pedra, poz-lhe as mãos, dizendo alegremente: para esta hum velho basta; e foi-a rodeando com facilidade, e levou-a só a tombos ao lugar onde havia de servir. Ficerão suspensos de pasmados quantos andavão na obra. Olhavão huns para os outros, e não crião o que vião, fazendo cruzes de atonitos, vendo tal força em hum velho, que nem sobre hum bordão podia bem levar os membros cançados. Julgavão o caso por cousa de encantamento; porque não tinhão inda visto milagres. Mas logo começou

a carregar sobre os hombros pesos tamanhos, que só parecia querer fazer a ponte toda. Bemdito edificio, que não teve só este Santo por fundador, e architecto; mas tambem por servidor de mãos, e como jornaleiro. Espalhou-se a nova, correo por todo Entre Douro, e Minho. Acarretava bandos de gente a curiosidade, e não havia homem covarde com tal trabalhador diante. Assentando já claramente, que Deos era o que dava aquellas forças, e Deos o que lhes fazia a sua ponte. Assim se cubrirão aquelles montes de trabalhadores, querendo todos poder dizer, quando tornassem ás suas terras, que tiverão parte, e merecimento no edificio, e juntamente gosarem da vista, e maravilhas do Santo. As quaes Deos foi servido acrescentar de novo, com tanto maior estranheza de successos, quanto era maior o numero das testemunhas, e olhos que as vião. Hiremos dizendo algumas mais particulares, que ficarão em memoria.

Pareceo ao Santo, que devia ajudar aquelles pobres, que deixavão o serviço de suas fazendas pelo bem publico, e pelo acompanharem, ao menos com alguma cousa de sustentação, que os alentasse. Foi-se hum dia pelos lugares visinhos, a ver se podia juntar alguma esmola, depois que a fabrica hia crescendo, e luzindo. Achou na praça de huma villa hum homem, que lhe apontarão pelo mais nobre, e mais abastado d'ella. Chegou-se a elle, pedio-lhe com humildade huma esmola para comprar algum remedio, com que consolar os seus trabalhadores. Devia ser n'aquelle tempo o prato, e pasto de todas as conversações, ou murmurações o feitio da ponte, como cousa geralmente reprovada por impossivel. Armou-se de fingimento, respondeo com cortezia, que por estar n'aquelle lugar, e não trazer dinheiro comsigo, lhe daria hum escrito para sua molher partir com elle do que houvesse em casa. Chegou-se logo a huma porta, fez sobre os joelhos duas regras em hum pedaço de papel, finando-se de riso elle, e outros, que o acompanhavão. Não costumão os pobres, quando lhe dão o que pedem, duvidar nos modos: e se são virtuosos, de nada julgão mal. Tomou o santo o escrito, foi-se presental-o á molher. Abrindo-a elle: Padre, disse, não he boa letra de cambio, a que trazeis; lede-a, vereis o que vos manda dar; folgara eu que fôra muito. Lido o escrito, erão as palavras: *Dareis a este Frade innocente para a sua ponte tanto dinheiro, quanto pesar este papel.* Não seja essa a duvida, tornou o Santo, se determinais cumprir o mandado: venhão balanças, e dinheiro, que eu me dou por satisfeito com o que a letra diz. Acudio toda a casa ao peso, parecendo pura simplicidade. Mas

foi o Senhor servido dar tal virtude áquelle papel, que lançando-se muita prata na balança contraria, assim a levava pelos ares, como se o papel fôra chumbo, e o dinheiro papel. Emfim rendeo-lhe a graça huma valente esmola com espanto, e não desgosto, de quem lh'a pesou, que era matrona virtuosa, e soube considerar, e estimar o successo; tanto como ficou corrido o marido, depois que o soube.

Outro dia foi-se a casa de huma Senhora, que pelas memorias que mos se chamava Dona Loba: e dizem, que morava no lugar de Gundar, que não he longe, d'onde se fazia a ponte: e pedio lhe por esmola huma junta de bois, para servirem alguns dias na obra. Respondeo a Senhora por motejar d'elle, e da ponte, que muitos trazia no monte, se d'esses quizesse, mandasse por elles. Era o caso, que trazia grande creação na serra do Marão, porém todo gado bravo, e não domado. Não quiz o Santo usar de outro ministro, sóbe a serra, busca o gado, dá com touros bravos, e ferozes, chama por dous, assim se vierão a elle, como se forão cordeiros, assim tomarão o jugo, e servirão no trabalho, como se toda a vida o tiverão em costume. Descobre o alto da serra huma cabeça calva, como coroa de lagea continuada, na qual desde aquelle dia até hoje ficarão profundamente impressas humas rodadas de carro, que são buscadas, e veneradas dos passageiros por memoria d'este milagre; porque ficou em tradição, que quando o Santo chamou os touros, não se fiando d'elles os vizinhos da serra, como ignoravão o mysterio, puzerão-lhe o jugo de hum carro bem carregado de penedos, e foi Deos servido, que na maior dureza do seixo seco, e ferrenho ficassem entalhados, e abertos os sinaes das rodas, que naturalmente se não podião fazer, senão á força de escopro, e massa, para mostrar que quem amançara os touros, era o mesmo, que fazia de cera os penedos, para se imprimirem n'elles as rodas do carro, que levavão. Mas não pararão aqui os prodigios d'esta ponte: com outros muito maiores acreditou o Senhor a seu servo, fiquem para o capitulo seguinte.

CAPITULO V

De outras maravilhas, que o Senhor obrou em honra do Santo, antes, e depois de dar fim á ponte.

Crescia grandemente a obra com o cuidado, e trabalho do Santo, e

com as muitas mãos, que cada hora acudião de novo. E comtudo perseverava igualmente a murmuração, e incredulidade de muitos, que com verem a fabrica em estado, que claramente prometia bom fim, todavia se desmentião a si mesmos, negando credito ao que seus proprios olhos lhe mostravão. Tanto póde o vicio, e o máo habito d'elle. D'esta incredulidade e malicia, que tudo era, podemos cuidar, que nasceo querer Deos confundil-os com novos, e espantosos milagres, como fez em outro tempo aos filhos de Israel no deserto. Vião seguil-os huma fonte perenal por meio dos areaes, e montes ermos. Vião chover-lhe cada dia do Ceo hum tal pasto que igualava em sabor, e gosto á vontade, e apetite de quem o comia. E comtudo: Bem he verdade, dizião, que nos tem Deos provido com pão, e agoa em abundancia: mas não basta isto para crermos, que poderá pôrnos mesa de carnes no deserto. Quasi o mesmo aconteceo nos visinhos d'Amarante. Vião o poder de Deos nas pedras, que o Santo aballava, e nas que tomava ás costas, e sobre seus hombros, que muitos homens não podião mover, ou dando forças de gigante a hum velho, quasi decrepito, ou tirando o peso natural áquellas lageas. Virão, que dava peso a hum retalho de papel, para levantar a balança carregada de dinheiro. Vião andar touros bravos contra sua natural fereza debaixo do jugo. E por estes meios, que os cegos podião notar serem do Ceo, subir a fabrica em grande altura. E todavia ainda davão lugar a discursos humanos, ainda zombavão, e duvidavão do remate: então acudio Deos por sua honra, e pela reputação do servo fiel, da maneira que logo veremos, como fez com os incredulos do deserto: só com esta differença, que lá deu carnes; mas juntamente castigou a desconfiança: cá tudo forão misericordias, e branduras.

Tinha consumido a grande multidão dos que trabalhavão todo o vinho da Comarca, e começava-se a sentir falta; porque os que o trazião por genero de grangearia, como tinhão despejadas as adegas ao perto, não se atrevião a hir buscal-o ao longe; porque lhe ficava sendo de muito custo, e pouco proveito por razão do carreto. Foi crescendo a necessidade de sorte, que havia muito descontentamento na gente, e sentia-se na obra, pelo pouco que adiantava. Acudio o Santo ao remedio de todos os seus trabalhos, que era a oração. Subio ao monte, como outro Moysès: lança-se por terra, propõe a necessidade com brados d'alma, que penetravão até o Consistorio divino. Lembrava ao Senhor, que a obra era sua, porque em sua confiança a começara, com seus favores pro-

cedia, á sua honra pertencia não ficar por acabar, estando tanto ao diante, sequer porque não ficassem triunfando os que chamavão temeridade, e desatino, o que fôra mandado do Ceo, e ordenado para remedio de pobres na terra. Levantou-se alegre, e cheio de santa confiança, e como quem bate á porta de visinho, para pedir alguma cousa, toca com o bordão na rocha, e manda-lhe que da parte de Deos dê do beber áquelle povo. Divino poder, espantoso, e peregrino milagre! No mesmo ponto, que o penedo foi tocado, abrio das entranhas huma copiosa fonte, que regando a terra se dava a conhecer em côr, e cheiro por precioso vinho. Chama o Santo seus obreiros, manda-lhes, que o aproveitem, e se aproveitem. Foi grande a festa, grande a alegria (que a maior do povo consiste sempre em haver fartura) e foi mais, quando se vio a prova, que excedia no sabor e bondade, com vir do centro da terra, o melhor que lhes davão as suas vinhas: em fim como licôr milagroso. E todavia o Santo, como se correra de alguma cuba, depois que cada hum tomava o que havia mister, mandava tapar a bica com seu torno; o que devia fazer, ou para credito da mysteriosa adega, ou para tirar occasião a se beber mais do necessario. Voou pela terra com azas de espanto a fama da fonte. Ajuntou tanta gente á conta de verem o milagre, e gozarem da abundancia, que a fabrica tornou a correr com grandes ventagens.

Aconteceo depois, com mudança de tempo, entrar huma invernada de muitos dias, e tantas agoas, que o rio engrossou demasiadamente, e de turvo, e barrento, não havia quem d'elle pudesse beber. Era só desgosto, não força. Porque a sede, quando aperta, não recea agoas envoltas. Mas tambem este quiz remediar o Santo, chamou pelo Senhor da terra, e Ceo: pedio-lhe agoa clara, para que seus servos não damnassem o que de sua misericordia bebião excellentissimo, aguando-o com o lodo do rio. Eis que tocando a rocha com o conto do bordão, começa a estilar hum fermoso torno de agoa clara, e bella, que desde aquella hora até o presente corre da mesma maneira. E porque he publico o successo de sua origem, que foi este, que contamos, muita gente devota a leva para seus doentes, e affirmão, que he salutifera no uso, como foi milagrosa no nascimento. Pela mesma razão he visitada de todos os romeiros, que com devação a bebem, e põem nos olhos. O sitio d'esta fonte he por baixo da ermida do Santo, e fica sobre o rio na margem direita d'elle. Nasce na chapada da rocha, guarnecida hoje de hum frontespicio de pedraria bem lavrada, que abre tanto, quanta he a largura

de hum tanque, que recebe as agoas, e de duas entradas de bom lageado com sua guarda do mesmo, que estão feitas para a fonte de huma, e outra parte do tanque. Desce-se a ella da parte do Mosteiro, por huma comprida escada de cantaria sobre o frontespicio, em meio d'elle parece huma imagem lavrada de alabastro, que representa o Santo, e no seu habito dominico, e huma letra latina, pouco polida no estilo, e no sentido. Deve ser pouco menos antiga que a fonte. E diz assim:

Gonsalveo Sanctissime,
Quos pascis hic amplissime,
Nos terge á piaculis
Hoc fonte, et miraculis.

Como se dissera: São Gonsalo Santissimo, alimpai-nos de culpas, e peccados, com esta fonte, e com vossos milagres, assim como com ella, e com elles nos dais abundante pasto.

Foi a mesma invernada causa de haver tormentas no mar, e não hirem pescadores ao alto: com que veio a faltar provimento de peixe, que de ordinario acudia á ponte, pelo muito gasto que havia. Não sofria o Santo, que lhes faltasse nada. E estando hum dia sentido de ver, que era forçado passarem a pão seco, por ser dia dos que a Igreja obriga a fazer abstinencia, levantou-se apressadamente, desce ao rio seguido de alguns, que sempre o acompanhavão: posto á borda d'agoa, faz o sinal da Cruz sobre ella, senão quando começa a ferver o rio em cardumes de peixe, que se vinha á praia, hum sobre outro, com tanta pressa, que parecia querer-lhe beijar os pés. Mandou então tomar tanta quantidade, quanta pareceo bastante para a necessidade: E lançando-lhe a benção, despedio os que ficarão. Esta pescaria lhe aconteceo fazer algumas vezes. Assim não ha que espantar, que obra ajudada do Ceo com tanta evidencia chegasse brevemente á sua perfeição. Vio-se acabada, quando menos se cuidou, huma ponte de grande machina, e altura, e largura, e de muito comprimento, porque como sobe tanto em alto, que tem do pé do Cruzeiro, que está no meio d'ella, até a primeira face d'agoa, setenta e sinco palmos contados, e medidos: a retirada, e largura, que os montes fazem de huma, e outra parte, he causa, que pegando a ponte em ambas, fique muito mais estendida. Tambem a firmeza que mostra, havendo quasi quatrocentos annos que he fundada, nos dá bons indicios das maravi-

lhas de sua fabrica; porque em tamanha antiguidade não se vê n'ella cousa que ameace ruina, nem mostre velhice. Mas não he razão, que nos fique por dizer o que aconteceo aos jornaleiros quando forão despedidos. Conta-se por certo, que quiz cada hum levar do bom vinho, que a serra milagrosamente lhes communicava, fosse curiosidade ou devação, ou querer levar provimente para o caminho, aperceberão suas vazilhas, pesando-lhes por serem pequenas. Por tão certa tinhão a provisão costumada; mas acharão-se enganados. Porque a fonte do vinho estancou juntamente com o trabalho. Acabada a obra, não deitou mais gota, ficando até hoje para sinal da maravilha aberta na pedra dura a boca por onde estillara.

Não viveo o Santo muito tempo, depois que deu fim á ponte. Por isso não ha cousas, que contar de importancia; até que Deos o chamou para si. Salvo huma não menos espantosa que todas as mais suas, que diremos brevemente. Tornou a prégar, como fazia primeiro, e correr a comarca. Chegou a hum lugar, onde foi advertido, que erão pouco temidas as armas da Santa Madre Igreja, que são as excommunhões. Porque havia homens, que como não vião, nem sentião no corpo o mal, que causão nas almas, não só vivião desassombradamente estando excommungados, mas dizião, que não havia que temer de cousa, que não quebrava osso. Prégava na praça, e depois de ter dito muito contra tão diabolica lingoagem, afeando a cegueira, e declarando a infidelidade, notou com sentimento, e magoa, que fazia pouco effeito no povo. Eis que se offerece passar á vista huma molher com hum taboleiro de pão, tirado d'aquella hora do forno. Chamou-a, e continuando a materia: Quero, disse, que vejais por vossos olhos n'este pão alguma sombra dos males, que faz em qualquer alma huma sentença de excommunhão, quando ha homem tão desaventurado, que n'ella se deixa incorrer. E logo começou com estas palavras contra o pão: Eu Frei Gonsalo, da parte de Deos, e da Santa Madre Igreja de Roma excommungo, e hei por excommungado todo este pão. Não houve homem em toda a praça, a quem se não arrepiassem os cabellos de pasmo, e medo do que virão. Não erão bem acabadas as ultimas palavras do Santo, quando cada pão d'aquelles, que erão muito alvos, e fermosos, se tornou feo, e negro, e nem mais, nem menos, que outro tanto pedaço de carvão. Proseguindo outra vez, dizia assim: Abri, irmãos, os olhos, e os entendimentos; não he nada o que vedes, em comparação do miseravel estado em que fica o homem, depois que sobre elle cahe a excommunhão: que se esta pobre composição de massa, contra quem

não foi ordenado o rigor d'esta sentença, assim a sente, que de mimosa e bella, está como vedes, medonha, e asquerosa, que será de huma alma sobre quem direitamente cahe seu invisivel poder? Por isso a Santa Igreja, quando falla n'esta materia, usa do termo de fulminar, que he o mesmo que despedir raios, e coriscos do Ceo. Obedece o Ceo ás palavras de São Pedro, e dos Prelados, que o são em seu nome, e estão em seu lugar, manda invisiveis coriscos, que fazem espiritualmente nas almas a mesma obra, que vedes fazer cada dia os que descem das nuvens, nas cousas corporaes. Passa o raio pela espada, deixa o aço moido, e feito pó, fica a bainha sãa. Se porque o corpo, e ossos, que são a bainha d'alma, não tem sentimento do que passou no ferro, que he a alma tendes em pouco seu damno; cahi na conta do desatino, que he fazer muito caso do bem de hum corpo, que ámanhãa se ha de tornar em pó, e cinza: e pôr de traz das costas o remedio d'alma, que he eterna, e eternamente arderá nos Infernos, se d'este laço a não livrais. E para que vejais quanto ganha quem com humildade busca os meios santos da absolvição, esperai hum pouco. Pedio logo, que lhe trouxessem da Igreja hum hysope de agua benta: borrifou com elle o pão, pronunciando as palavras com que a Igreja absolve os excommungados. No mesmo momento tornou todo á sua primeira alvura. D'este mesmo meio lemos, que se aproveitou muitos annos depois o Santo Arcebispo de Florença Santo Antonino, Frade nosso, para tirar de semelhante erro alguns subditos. E são bem dignos de memoria dois casos n'este argumento succedidos, de não muitos annos atraz, que por peregrinos, e extraordinarios merecem para nossa doutrina eterna lembrança. E são os seguintes.

He freguesia antiga na cidade de Valledolid em Castella a Igreja da Magdalena. Succedeo desaparecer d'ella a hum Beneficiado o Breviario, que para rezar suas Horas trouxera de casa. Como não sahira da Igreja suspeitou, que lhe fôra furtado. Acudio ás armas ecclesiasticas, tirou carta de excommunhão, e publicou-a. Havia junto da porta principal huma arvore silvestre, que com ramos dilatados, e frescos, e verdes fazia copa, e sombra, estimada por isso, e consentida de longos annos em tal lugar, e tantos, que de velha era occa. Esta começou subitamente a perder a graça da verdura, foi-lhe cahindo a folha, e em fim secou de todo. Fizerão-se remedios para tornar, esperou-se-lhe tempo, pareceo que acabara, como tudo naturalmente. Tratarão então os clerigos de se aproveitar d'ella para o fogo. Chamão piões, põem-se-lhe o machado. Cahe o

tronco em pedaços, e lança das entranhas o Breviario perdido. Foi grande a festa dos Beneficiados com o achado, mas não menos o espanto. Porque cahirão, que desde a hora que fora publicada a carta de excommunhão, contra quem tinha o Breviario, começara a pobre planta a definhar, e se fôra perdendo, e secando, e finalmente veio a pagar a ociosidade d'algum travesso, que lh'o lançou no vaso do tronco.

O segundo caso foi nas terras de Congo, provincia da Ethiopia Occidental. Era Bispo da Ilha de São Thomé, e Congo, Dom Martinho de Ulhoa Religioso da Ordem Militar de Christo: em huma hida, que por visitação fez ás terras de Congo, achou peccados tão graves em pessoas de grande qualidade, que se houve por obrigado a castigal-os com os poderes espirituaes da Igreja. E porque temia a força dos delinquentes, sahio-se da terra a demandar o porto de Pinda para se embarcar. Como se vio em lugar desassombrado, e seguro d'elles, pronunciou contra todos sua sentença, declarando-os solemnemente por publicos excommungados diante de muito povo, que o seguia como a seu Prelado. E acrescentando por remate, que suas pessoas, e até suas fazendas da parte de Deos amaldiçoava em nome de huma fermosa arvore, que tinha defronte, chamão-lhe na terra Liconde. Foi cousa succedida á vista, e olhos de grande numero de gente. No mesmo momento, que o Bispo deu fim á publicação se secou de todo a innocente arvore, que d'antes alegrava os olhos de copada, e fresca; ficando tal, como se por ella passára hum raio do Ceo. E desde então prevalece, e permanece entre aquelles barbaros em proverbio, e memoria da maldição o succesesso do páo de Pinda.

CAPITULO VI

Do bemaventurado transito do Santo: de suas exequias, e grandes milagres, que logo fez.

Estava o Santo muito adiante na idade, já quando fez a ponte. Passados depois poucos annos, notou-se, que faltava na continuação com que costumava correr a terra prégando. Cahirão os homens no que poderia ser. Forão alguns á Ermida, achão hum retrato de não visto desemparo. Jazia o Santo sobre huma pouca de palha por cama, ardendo em febre; mas cheio de alegria, e boa sombra em seu gesto. Fez pavor, e juntamente arrancou lagrimas de lastima o estado, em que achavão o

seu bemfeitor. Mostrou o Santo consolar-se com a visita: e dizia-lhes, que o Senhor o chamava, e era tempo de hir, que não lhes pezasse de sua hida: antes tivessem por certo, e assim o dissessem aos vizinhos, que a todos levava n'alma como a filhos, para os encommendar a Deos em seus trabalhos, e necessidades, quando se achasse diante do tribunal divino, e com o mesmo amor, que em vida tinhão n'elle experimentado. Estava já tanto no cabo, que no dia, que se seguio a este, chamou ante manhãa seu companheiro, mandou-lhe que dissesse Missa. E recebendo de sua mão o Santissimo Sacramento, com o espirito todo abrasado em amores divinos, vio a Rainha dos Ceos, que cercada de coros de Anjos, encheo a pobre caslnha de luz, e sua alma de consolação. E chamando-o por seu nome, lhe dizia, que se fosse com ella a receber o premio de seus longos trabalhos. Assim acabou logo. No dia não ha duvida, que foi aos dez de Janeiro, no anno achamos controversia, e sem se poder averiguar precisamente: os mais dos autores da Ordem, que atraz vão apontados nas margens, concordão em que faleceo por junto dos annos de 1262. E o mesmo mostrão sentir Marieta (1), na Historia Ecclesiastica de Espanha, e o Mestre Alonso deVilhegas no seu Flos Sanctorum dos Santos Espanhoes (2). E com elles concerta huma memoria, que temos em Lisboa na Ermida de Nossa Senhora da Oliveira, fundada no adro da Igreja de Sam Gião. Edificarão este oratorio dous bons casados, naturaes da villa de Guimarães: e com o amor, que he ordinario em todo o homem para com a terra de seu nascimento, achando perto d'onde moravão huma fonte, quizerão fazer em Lisboa hum retrato da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, celebre imagem, e celebre Igreja Collegiada em aquella villa. Tem Guimarães junto da Igreja huma fermosa fonte com seu tanque para uso commum. Tem a Igreja huma imagem da invocação de nossa Senhora da Oliveira, e muitas pinturas n'ella do nosso Santo d'Amarante S. Gonsalo (não são menos de tres as que hoje durão em tres distinctos lugares: a saber, huma no altar de Santa Anna, outra em hum canto do Claustro, e a terceira na Capella, que chamão da Misericordia) da mesma maneira derão titulo á Ermida de Nossa Senhora da Oliveira, e mandárão pintar no altar huma imagem de S. Gonsalo, e apoz isto compuzerão a fonte com seu chafariz, que corre por baixo d'ella, e fica com a bica, e face na rua nova; deixando á cidade, para se não perder, nem a utilidade da agoa, nem sua memoria, renda

(1) Mariet. Part. 3. liv. 12. letr. G. n.° 3. (2) Flos Sanct. de Vilhegas.

conveniente, com que a tempos se reparasse, e entalharão na pedraria, que faz parede, e rosto ao tanque contra a rua, dous letreiros de grandes caracteres; dos quaes o primeiro diz assim: Esta sepultura he de Pero Esteves, natural de Guimarães, o qual poz aqui esta agoa abaixo, e passou na era de mil e tresentos. O segundo letreiro, que faz correspondencia no sitio, e altar diz: Esta sepultura he de Clara Giraldes, natural de Guimarães, molher de Pero Esteves, e passou na era de mil e tresentos. Respondem estas eras ao anno de Christo de 1262. E como a ermida, e pinturas, e fabrica da fonte com seu tanque he tudo de hum tempo, e tem a mesma antiguidade, bem provado fica, que já então era falecido S. Gonsalo.

E não faz contra isto dizer-se em hum Flos Sanctorum, que os Arcebispos antigos de Braga mandarão imprimir duzentos annos depois da morte do Santo, que tomara o habito e fizera profissão no Convento de S. Domingos de Guimarães. Sendo assim, que se não começou a edificar o tal Convento, senão do anno de 1270 em diante. Porque os autores d'aquella escritura, sendo, como erão, seculares, e por isso ignorantes da particularidade de nossa Religião; tanto que acharão ao certo, que entrara n'ella em Guimarães, e quando escreverão havia já Mosteiro nosso de muitos annos, não se cansarão em apurar, e fazer a distinção de vida, de cousas, e lugares, que atraz deixámos feita.

Menos obsta outra razão, que sobre este desconcerto fundavão os que nos querião tomar para si este Santo, dizendo que se S. Gonsalo para ser Frade de S. Domingos tomara o habito no seu convento de Guimarães, que consta foi começado a edificar no anno de 1270, e não edificou a ponte senão depois de alguns annos de Frade, deverão os escudos das armas reaes de Portugal, que no meio d'ella parecem em hum padrão esculpidos, lavrar-se com a orla dos sete castellos, com que el-Rei Dom Affonso III começou então a acompanhar as quinas: e pois se vião sem ellas, era sinal, que a ponte, e seu autor tinhão antiguidade mais alta. E por este caminho pertendião fazer o Santo mais antigo que a nossa Ordem, e atrazal-o aos annos do Arcebispo S. Giraldo. Mas esta razão he facil de desfazer, depois que temos aclarada a confusão sobre que estriba. Porque como o Santo tomou o habito de mãos dos Frades, que vivião em Guimarães, não em Convento inda então; mas no hospital, como se Convento seu fôra, segundo fica mostrado; e antes do

(1) Duarte Nunes de Lião na vida de D Affonso III.

anno de 1251, que foi o em que faleceo S. Frei Pero Gonsal-ves, que lh'o lançou, tempo lhe ficou para fazer a sua ponte até o de 1260 em que não era nascido o Principe Dom Dinis, que nasceo no de 1261 A cujo rogo el-Rei Dom Affonso decimo de Castella. que era seu avò, largou o Reino do Algarve ao nosso Dom Affonso III, genro seu e pai de Dom Dinis (I). Por onde se deixa bem ver, que até á morte de S. Gonsalo, não se tinha inda juntado o Algarve a esta Coroa: e pela mesma causa faltarão com justa razão os castellos no escudo da ponte.

Mas tornando á historia; não tinha bem acabado de espirar o Santo, quando se encheo a ermida, e o sitio todo á roda de grande numero de gente, convocada de huma voz, que foi ouvida por todos os lugares vizinhos, que dizia: He morto o Santo, acudi a suas exequias. Sahião todos de suas casas, sem saberem onde havião de hir, até que se foi entendendo, que não podia haver outrem, que tanto favor merecesse do Ceo. Assim foi enterrado em sua ermida. Amou o Santo na morte o lugar, que occupara em vida. Ou porque n'elle recebera do Senhor grandes mimos. e favores: ou porque o mesmo Senhor lhe revelara, que n'elle o havia de honrar tanto, que pelo tempo em diante fosse acompanhado de seus irmãos com hum Mosteiro Real. Este genero de exequias, e sinaes, que o Ceo fez para ellas. foi a primeira demonstração, que o Senhor quiz fazer do muito que amava seu servo, depois de passado da vida mortal á eterna. Mas forão logo multiplicando, e continuando tantas outras em casos extraordinarios de doenças, e trabalhos, que por sua intercessão remediava; que não bastavão livros para receber, nem mãos para escrever os milagres, que fazia; porque erão sem conto: e por serem tantos, derão ocasião a que desde então para cá não conhece a terra d'Entre Douro, e Minho outro advogado, nem padroeiro para todo genero de mal do Ceo, ou da terra. E com tanta devação he buscado, que vem de muito longe Concelhos inteiros a visitar em procissão suas reliquias. Chamão elles clamor a este genero de ajuntamento, ou pela efficacia do requerimento, ou pela grita, com que vem requerendo. E o lugar começou logo a crescer de sorte, que he hoje huma das boas villas do reino. Mas tornando a cousas mais antigas. Era a Ermida da invocação de Nossa Senhora. Trocou-lhe este titulo a continuação dos milagres, e ninguem lhe sabe já outro, senão de S. Gonsalo. Tanto pôde huma voz, e consentimento geral do povo, que acabou

huma troca tão desigual. E assim o canonizou em Santo, mais de duzentos e sincoenta annos, antes que de sua beatificação se tratasse.

A mesma continuação de milagres, como dava reputação ao Santo, e á sua casa, tambem a enriquecia de cera, gado, e dinheiro, e outras offertas, que os devotos trazião em graças dos bens, que recebião. D'onde nasceo lançarem mão da Ermida os Abbades da Parochial de S. Verissimo, que chamão dos Lagares, como de annexa sua. E houve hum, que antevendo não poderia deixar de vir pelo tempo em diante ás mãos de seus Frades, usou de huma cautella, para seu intento assaz bem traçada. Fez pintar hum painel com a imagem do Santo, vestida em roupas clericaes, e seu barrete na cabeça, trajo que usava antes de Frade, e collocou-a no altar. Mas tirou Deos da traça huma nova honra para o Santo, e tambem para sua Ordem. Porque os moradores d'Amarante, julgando que se fazia aggravo á santa determinação e conselho do Ceo, com que o Santo no ultimo quartel da vida se dedicara a Deos na Ordem de S. Domingos; trataram logo de lhe lavrar huma sepultura alta de boa pedraria, e na grossura da lagea, que a cobre, fizeram entalhar huma figura de relevo quasi inteiro com seu habito, e capello, e assim ficaram mostrando, que se alguma hora da vida fora Sacerdote secular, como a pintura significava, e o fora na verdade muitos annos, comtudo nos derradeiros fora Regular, e da Ordem dos Prégadores. E para dobrarem o testemunho, levantarão outra de madeira no altar do mesmo feitio. E para mais clareza com o branco, e preto da Ordem: e sendo assim, que está hoje quasi consumida da força, que os longos annos costumão fazer na madeira: assim a veneram os Amaranteses, por ser a primeira, que seus avós lhe fizeram, que dezejando os Frades assentar outra nova em seu lugar, de nenhuma maneira o consentem.

CAPITULO VII

Em que se escrevem alguns milagres dos muitos, que o Santo tem feito, e grandezas notaveis, que se vem na sua casa.

Porque se quizessemos pôr em escrito todos os milagres, que são publicos d'este Santo por todas as terras de Portugal, seria necessario fazer muitos volumes, e cada hum d'elles maior que o d'esta Cronica inteira. E he cousa averiguada, e certa, que juntando-se n'esta casa em

suas conjunções do anno, que são huma no dia da festa por Janeiro, e outra pelo Pentecostes no verão, tanta multidão de gente, que tolhe fazer na Igreja os Officios divinos, com ser grande: e acontece levantarem-se altares fóra em duas, e tres partes, para ouvirem todos Missa: em todo este numero de povo não vem familia, que perguntada, que a traz alli, não conte caso, ou casos muito notaveis, e milagrosos, que o Santo obrasse em filho, ou parente, ou criado. E o mesmo acontece a muitos milhares de homens, que pelo discurso do anno visitão a casa. E como os mais são gente humilde, simples, e sem malicia, merecem todos credito. Para testemunha dos beneficios recebidos, acontece virem muitos descalços, outros da cinta para cima nus, outros em chegando á villa, porem os joelhos em terra, e virem caminhando assim, até entrar na Igreja. E succede ser por Janeiro no dia da festa do Santo, quando os ares correm mais frios, e delgados, e sempre he o tempo rigoroso. Por esta razão julgamos por superfluo gastar papel, e tempo em referir mais que alguns poucos, que sirvão para edificação dos que tem menos noticia do Santo. Quero dizer dos estrangeiros. Porque dos naturaes do Reino, por impossivel tenho haver homem com uso de razão, que não saiba muitos. Mas antes de entrarmos n'elles, diremos algumas grandezas da casa, com que se verá ficão muito acreditados. Seja a primeira o grande numero de romeiros, que a costumão visitar, como acabamos de dizer. Numero que a Camara de Lisboa, escrevendo ao Summo Pontifice, poucos annos ha, sobre a canonização, entre outras cousas que allega, he huma, que subia alguns dias entre anno a trinta, e quarenta mil almas juntas, sem outro fim mais que a devação: e a copia da carta temos em nossa mão. E confirma-se esta verdade com que já setenta annos atraz, quando o Reino era menos populoso, escrevem Sena, e Resende, que havia dia em que se juntavão quatorze mil almas (1).

Quem crera tamanho concurso, se o não dermos provado com huma razão, que fica sendo por segunda, e admiravel grandeza d'esta casa? He costume em todas as Igrejas de romagem d'este Reino, andarem molheres pobres, que por grangearia de vida trazem nas mãos maços de candeas de cera para venderem aos devotos, cousa tão pouca em peso, e preço, que não são mais, que huns fios levemente cubertos de cera. D'este genero de candeas compra o povo, para pôr no altar do Santo,

(1) Fr. Ant. de Sena na Cron. da Ord. fol. 95 e 96.—Fr. Andre de Resende na carta que escreve a Bartolameu de Cabedo.

huns mais, outros menos, segundo a devação, e possibilidade, mas tudo a pouco custo. E para haver lugar para todos os que offerecem, ha huma pessoa, que tem por officio em ardendo hum espaço, hir apagando as primeiras, e lançando-as em vão, que fica por baixo do altar. Estas candeas, que chamão pingo, pela miudeza d'ellas vai recolhendo o Sacristão, e gastando d'ellas na Igreja por toda a roda do anno; e os Frades dentro do Convento, que ordinariamente são mais de vinte. E com toda esta despeza, sendo fundidas no cabo do anno, lanção huns annos por outros, vinte arrobas, e alguns chegarão já a vinte e quatro. Por conta de offertas tão miudas, e pelo muito que viria montar, fica facil de alvidrar o infinito numero dos que as levão.

Tambem he de estimar por cousa muito grande o cuidado, e costume, que esta gente tem de não apparecer na Igreja com as mãos vasias. Todos se reconhecem por devedores, quem com pão, mandando-se pesar a trigo, ou milho, ou senteio, segundo a possibilidade: quem com gado, quem com dinheiro, deixando hum para Missas, outro para sustentação dos Frades. Tal ha, que por não perder o bom costume, se outra cousa não tem, presenta huma noz, ou huma maçãa, e como são tantos os que acodem, por pouco que cada hum traga, vem a fazer no cabo do anno somma de renda crescida.

Mas vindo aos milagres que prometemos, he antiquissimo, e muito sabido, e por tradição dos annos aprovado, o que agora diremos. Entrou no anno de 1400 o inverno com tantas agoas, que ameaçava diluvio. Via-se no rio, porque subia aos montes, e cresceo de maneira, que sendo a ponte tão alta, como temos apontado, faltava pouco para ser vencido da enchente o arco maior, e mais alteroso, que he o do meio. N'este estado, que muito dava que temer aos moradores da villa, eis que apparece maior perigo. Notarão, que vinha atravessado, e dando tombos pelo meio da madre d'agoa, hum tronco de arvore tão grosso, e desmesurado, que não representava menos, que a quilha de hum grande navio. Dão a ponte por derrocada. Porque se embarrava no pouco que faltava do arco para se cubrir d'agoa, estavão certos dois damnos: hum da bataria, que havia de fazer na ponte ajudado da corrente, que aqui he rapidissima, e com a invernada trazia dobrada furia: outro em tolher a sahida ás agoas, e com isso acrescentar-lhes força, e violencia. Não souberão que fazer; senão voz em grita, que chegava ao Ceo, chamar pelo Santo, que acudisse á obra de suas mãos. Durava a grita, e crescia

o medo com as vozes, e visinhança do madeiro, que vinha correndo, como despedido de hum trabuco. Senão quando entra pela ponte hum Fradinho velho de capa negra, e habito branco, encostado sobre hum cajado, e subindo ligeiramente sobre o parapeito da ponte, estendeo o braço e o cajado contra o rio, e no mesmo ponto se vio endireitar o madeiro, e enfiando com a vea d'agoa embocar o arco, e sahir da outra parte, como se fora atoado. Ficando pasmados do feito, mais o ficarão, quando virão, que o Frade caminhara contra a Ermida, e n'ella se recolhera. Não havia por então Frades na terra. Quizerão ver, quem lhes fizera tamanho bem, e mostrar-se agradecidos: forão-se á Ermida. Aqui foi novo pasmo; porque na Ermida não havia cousa viva: e assim ficarão assentando, que o Santo fora o que a seus brados, e á sua ponte acudira visivelmente.

Este milagre he muito antigo, venhamos a tempo mais modernos. Prégava o Mestre Frei Ayres Correa na entrada do anno de 1588 na ermida de Nossa Senhora da Oliveira na festa do Santo. Chovia muito. Acudio ao cano da rua Nova, que fica defronte da ermida, e da sua fonte, e chafariz, grande força de agoas, que por elle vazão para o mar. Era tão crescida a enchente, que arrebatou hum minino de huma porta, e sem lhe poderem valer, o levou comsigo pelo cano dentro: acudio alguma gente piadosa á praia, ao sitio onde desemboca, por baixo das casas, e do Terreiro do Paço, que he grande distancia, para sequer lhe fazerem ultimo officio de sepultura, se o achassem, Chegão, achão o innocentinho são, alegre, e risonho, assentado na borda d'agoa, e dizendo, que nossa Senhora, e hum Fradinho de hum bordão, forão com elle por baixo da terra até a praia. Trazido com festa á ermida, gritou dizendo, que aquelle Frade do retabolo fora o que o acompanhara. Esta foi a pintura do glorioso São Gonsalo. Prégou-se logo o milagre, e justificou-se depois em forma juridica.

Mais moderno, e de mais qualidade he, o que agora diremos. Era Prior do Convento d'Amarante o Padre Frei Fernando de Castro, neto do grande, e valeroso Governador da India Dom João de Castro, quando hum dia entrou por elle o Corregedor da Comarca, cercado de grande numero de Clerigos, e dizendo, que sua vinda era a fazer cantar huma solemne Missa de ordem, e mandado d'el-Rei Dom Philippe I d'este Reino, e II dos de Castella, em graças de certo beneficio, que Sua Magestade recebera por intercessão do Santo, que teve principio, e origem do que agora diremos. Ordenou o Prior em certa occasião fazer huma

procissão pela villa, em que levou nas mãos a imagem do Santo antiga, que está em seu altar. Ao sahir pela porta da Igreja, soou huma voz aguda, e triste, que dizia: Santo glorioso, lembrai-vos de meu desemparo, e pobreza, e que venho de muitas legoas buscar remedio na valia, que tendes diante de Deos. Parou o Prior, vio que era de huma molher paralytica, que jazia em huma canastra, e só a lingoa, e os olhos movia; chegou a ella, deu-lhe a beijar a roupa do Santo. No mesmo ponto fez a molher geito, e força, como que se queria levantar. E disse contra os que a tinhão alli trazido, que a ajudassem, que se sentia com alento, qual nunca tivera, e queria acompanhar a procissão. Levarão-n'a sobraçada hum espaço: logo se foi soltando, e andando só. E quando a procissão voltou, estava já rija, e valente, a que viera em huma canastra de Concelho em Concelho por amor de Deos, e com esmolas dos fieis. Soube-se depois do lugar de sua natureza, que nascera contreita de todo, e assim crescera, e vivera até aquella hora. E o Prior fazendo autenticar a maravilha, mandou a relação a el-Rei a Madrid. Era conjunção, que estava perigosamente enfermo, porque lhe dera a gota na cabeça, que he o termo, com que ordinariamente mata. Ouvio Sua Magestade o successo, perguntou a Dom Christovão de Moura, que já então era Conde de Castel Rodrigo, se sabia mais cousas do Santo? Disse-lhe Dom Christovão muitas. Era el-Rei tão pio, como sabemos, encheo-se de devação, chamou pelo Santo aquella noite. Quando amanheceo, disse a Dom Christovão, que de todo se sentia são, e que por sem duvida tinha dever a saude a São Gonsalo; e que para sinal, e graças d'ella, se queria logo levantar, como fez. Assim foi hum milagre causa de outro. O Corregedor assistio á Missa, e n'ella offereceo ao Santo em nome de Sua Magestade duas pipas de vinho, huma d'azeite, dois moios de trigo, dois de senteio, e dois de milho, e sincoenta mil réis em dinheiro. Foi o Padre Frei Fernando Prior d'Amarante de fim de 1594, até parte do anno de 1597. E n'este tempo aconteceo o que temos referido.

Mas quem ha tão de ferro, que não sinta derreter-se as entrahas em amores do Ceo, ouvindo contar o emprestimo da cera, que os pobres Confrades de São Gonsalo do nosso Convento de São Domingos d'Evora receberão da Confraria do Rosario, que lhe tornarão notavelmente crescida em peso, e corpo, tendo servido acesa nas vesperas, e dia do Santo? Não ha distinguir cujo he o milagre, se do Santo, se da

Senhora, mais honrado fica o Santo, que se fora todo seu. He caso succedido no anno de 1620, e n'outra parte o contamos largamente (1).

Sendo tantos os milagres d'este Santo, como temos encarecido no principio d'este capitulo, passão todos encarecimentos os que faz por toda a terra d'entre Douro, e Minho, em materia de mininos, e homens quebrados. He a terra atravessada de serras, são os ares agudos, as agoas delgadas, frias, e mui cruas: a gente geralmente pobre, e mal cuberta. Qualquer força, que os mininos fazem, ou com chorar, ou por outra via, logo rendem pelas virilhas. Mas tem os pais por tão certo o remedio na casa do Santo, que já não ha quem faça caso de tal enfermidade. Porque está averiguado, que nenhum quebrado entra n'ella, que deixe de sahir são. São infinitas as experiencias, assim n'este mal, como tambem n'outro, que gravissimamente persegue esta gente. São verrugas, que chegão a inhabilitar os homens para o trabalho, cubrindo-lhes pés, e mãos; mas á vista d'esta casa, ou cahem, ou se somem todas.

Quando se compoz o Flos Sanctorum de Braga, que foi no anno de 1513, a grande quantidade de milagres, que então se sabião do Santo, obrigou ao devoto Arcebispo a mandar, que se escrevesse sua vida, e alguma parte d'elles. Os Abbades, que tinhão a casa á sua conta, não curarão de os pôr em memoria, ou vencidos do numero, ou descuidados com outras occupações. Entrando depois os Frades de São Domingos para o edificio do Convento, que logo contaremos, foi primeiro cuidado para honra do Santo, lançar em livro as maravilhas, que cada dia vião, justificando-as, e aprovando-as, ora pelo Ordinario de Braga, ora pelo do Porto. E d'este tempo ha já hum grande volume cheio, e se vai enchendo outro. Mas que ha que espantar, do que se vir em sua casa, e junto de suas reliquias, se tendo, como tem, altares, confrarias, e irmandades em todas as cidades, e villas do Reino, todas contão, e tem que contar beneficios seus?

CAPITULO VIII

Como foi dado principio ao Real Convento de São Gonsalo d'Amarante.

Depois que temos dado conta em fórma dos milagres d'este Santo, juntando-se na relação os tempos passados com os modernos, e quasi

(1) Na part. 1. liv. 6. cap. 26.

presentes: o que fizemos por escusar estendida leitura: parece tempo de entrarmos no edificio do Convento; e dizermos como teve principio. Guardava-se o effeito d'esta obra para o Pai das Religiões, el-Rei Dom João III, e o ser promotor d'ella para o Apostolico Varão, o Mestre Frei Jeronymo de Padilha. Era entrado este Padre em Lisboa em Janeiro do anno de 1538 por Visitador, e Reformador, e Vigario geral do Reverendissimo, a instancia d'el-Rei, que muito dezejava reformar todas as Ordens do Reino. No qual cargo começando a entender, achou no Convento de Guimarães hum Religioso natural d'Amarante, que lhe fez lembrança, que seria obra digna de seu grande espirito, procurar que acompanhassem suas reliquias, e sepultura de São Gonsalo Frades de sua Ordem. Erão os milagres quotidianos, deu-lhe conta dos antigos. Houve-se o Visitador por obrigado a intentar o negocio. Foi principio escrever á Camara da villa por meio de hum Sacerdote natural d'ella, e grande devoto da Ordem. Fez Francisco Gonsalves de Freitas, que assim havia nome o Sacerdote, tão boa diligencia, que não só trouxe por resposta consentimento da Camara; mas tambem huma carta para el-Rei, assignada por todos os da governança, na qual com palavras encarecidas pedião, que fosse servido dar licença para haver n'aquella villa, e se levantar sobre a sepultura de São Gonsalo hum Mosteiro da Ordem, que em vida professara, e amara. Parece que o Santo do Ceo guiava tudo o que na terra se hia fazendo. Porque dando o Visitador conta a el-Rei do que passava tanto que tornou a Lisboa, foi grande o contentamento que mostrou: e louvando primeiro aos naturaes por carta seus bons dezejos, mandou passar provisão com as licenças necessarias: e apoz ella, para que os Frades ficassem com inteira liberdade para o edificio do Convento, e juntamente ajuda de sustentação: sendo a Ermida de São Gonsalo annexa á Igreja de São Verissimo, Parochial da villa; e ambas perceitoria, e commenda da Ordem de Christo, houve por bem de as largar á Ordem de São Domingos, e suprimir a Commenda. Faltava consentimento da Igreja de Braga, por razão da parte, que d'ellas lhe tocava. Este negociou el-Rei com o Infante Dom Henrique seu irmão, que tinha o Arcebispado. Juntaremos aqui a propria doação tirada do original. E não pareça a ninguem cousa superflua o treslado d'estes documentos; porque todos os que sahem de Cartorios Reaes, ou Ecclesiasticos, como este, dão muita luz, e authoridade á historia: e quando se trazem os treslados de verbo ad verbum, parece que a mesma fórma, e estilo está acqui-

rindo fé ao que se escreve, e reputação de diligente ao escritor. Segue-se a doação.

«Dom Henrique, Infante de Portugal, por mercê de Deos, e da Santa Igreja de Roma, Arcebispo, e Senhor da muita antiga cidade de Braga, Primaz das Espanhas, saude em Jesu Christo. Fazemos saber aos que esta Carta de doação, e consentimento virem, como considerando nós, que São Gonsalo d'Amarante foi Frade da Ordem do bemaventurado São Domingos, e de sua Religião, e habito: E como o dito Santo esteve em sua vida na dita villa d'Amarante, e jaz seu corpo na Igreja da dita villa, que ora se chama São Gonsalo, annexa da Parochial de São Verissimo d'Amarante: onde Nosso Senhor pelos merecimentos do bemaventurado São Gonsalo tem feito muitos milagres, segundo que d'isso temos certa e verdadeira informação, e faz hoje em dia. Pelo que a dita Igreja de São Gonsalo he de grande devação; e os moradores d'estes Reinos vão a ella continuamente em romaria: e muitos fieis Christãos, assim naturaes dos ditos Reinos, como de Galiza, e Castella, e outras partes. E dezejando nós, que o culto divino seja acrescentado, e augmentado na dita casa de São Gonsalo, e que a devação, que os fieis Christãos em elle tem, cresça cada vez mais, e que assim os naturaes da terra, como os que á dita casa vão em romaria, possão em ella achar quem lhes diga Missas, e os confesse, e lhes prégue a Doutrina Evangelica, e assi de quem ouvir os Divinos Officios: Encomendámos ao Provincial, e Padres da dita Ordem de São Domingos, quizessem tomar a dita Igreja, e casa de São Gonsalo, e fazér em ella Mosteiro da dita Ordem, para em ella estar Convento de Religiosos, que vivão em observancia regular da dita Ordem, e que possão em ella confessar, e prégar, e dizer os Divinos Officios. E ao dito Provincial, e Padres aprouve de tomarem a dita casa, e fazerem em ella Mosteiro da sua Ordem e pelos frutos, e renda d'esta Igreja de São Verissimo, e sua annexa São Gonsalo serem tomados para as Commendas da Ordem de Christo, e ser feito d'elles Commenda, tirando certa parte para o Reitor, e Vigario, que na dita Igreja ha: A el-Rei meu Senhor, e Irmão outro sim apraz, como Mestre, e Governador do dito Mestrado de Christo, por serviço de Deos, e pela devação, que tem no dito Santo, de alargar as rendas, frutos, e direitos, que a dita Ordem tem na dita Igreja: E que não haja em ella mais Commenda, nem perceitoria: E que as ditas rendas, e frutos

sejão para o Convento, e Padres da dita Ordem, que na dita casa estiverem; de que lhes quer fazer pura, e irrevogavel doação. E vendo nós tudo o sobredito, para que tão boa obra venha á perfeição, e execução, com o consentimento do nosso Cabido de Braga, que para elle nos deu por sua procuração, de nossa livre vontade fazemos pura, e irrevogavel doação das ditas Igrejas de São Verissimo, com sua annexa São Gonsalo, e do direito, que n'ellas temos, á Ordem de São Domingos, para em casa de São Gonsalo se fazer o dito Mosteiro, e Convento de Religiosos da dita Ordem. E damos nosso consentimento, e authoridade, para que se possa fazer alevantar, e fundar o dito Mosteiro, quanto com direito devemos. Dada em Lisboa no derradeiro de Agosto de mil quinhentos e quarenta annos.»

Escusa-nos esta provisão lançar aqui as que el-Rei mandou passar; huma de doação das Igrejas como Mestre, outra de licença para o edificio como Rei; visto como ficão entendidas d'esta do Infante Arcebispo: E porque tambem forão despachadas no mesmo anno de 1540, que por essa razão damos d'elle sua antiguidade a este Mosteiro. No seguinte de 1541 se propoz, e foi aceitado pelo Provincial no Capitulo intermedio, que celebrou em Santarem o mesmo Visitador Frei Jeronymo de Padilha, sendo já eleito Provincial. A doação das Igrejas confirmou Paulo III Summo Pontifice no anno de 1542 em dous de Maio, e he clausula do Breve: que faz a graça pela relação que teve de haver sido São Gonsalo Frade da Ordem dos Prégadores. São palavras formaes no latim do Breve as seguintes:

Sanè pro parte vestra oblata petitio continebat, quod cum in Parochiali Ecclesia oppidi de Amarante Bracharensis Diœcesis, Corpus Sancti Gondisalvi, qui in sæculo, dum viveret, Ordinis Fratrum Prœdicatorum Professor fuit, honorifice sepultum existat, etc.

Succedeo achar-se n'este anno em Roma o Padre Provincial no Capitulo geral, que foi convocado para se dar successor ao Mestre Frei Agustinho Recuperato, que era fallecido. E sendo eleito por Mestre geral o Padre Frei Alberto Cassali, confirmou a acceitação do Convento.

No anno seguinte de 1543 se tomou posse por parte da Ordem nas Igrejas. E el-Rei Dom João mandou hum Architecto que fosse ver o sitio,

e traçar a futura fabrica: com advertencia, que a sepultura do Santo, sem n'ella se bolir, ficasse dentro da capella mór, como hoje está. Traçou-se a Igreja de grande capacidade em comprimento, e largura, e com suas tres naves, ficando a capella mór sobre o rio, para recolher em si a sepultura do Santo; e correndo o corpo da Igreja contra o monte, e o resto do Mosteiro lançado á parte direita da Igreja, com bastante gasalhado para vinte Frades. Começou-se a obra em dous de Maio, dia do glorioso Arcebispo de Florença Santo Antonino, Frade nosso; precedendo huma Missa solemnemente cantada, e lançando a primeira pedra o Padre Frei João de Ledesma Vigario. Mas forão-se logo descubrindo gravissimas difficuldades na execução da traça. Porque foi necessario, para se dar toda a traça, que a Igreja traçada demandava, desfazer ao picão hum mui alto, e aspero monte, que pendia sobre a Ermida, e sepultura do Santo. Obra de immenso trabalho, e não menos de despeza de dinheiro, e tempo. Porque o coração do monte era huma rocha viva, seca, e ferrenha, que sendo cortada soltava em parte penedos grossissimos, que descião contra a casinha, e sepultura do Santo, com medo, e perigo notavel d'ella, e dos trabalhadores. Outras vezes corrião montes de terra solta, que prometião alagar, e soverter a Ermida. E porque com todos estes inconvenientes foi Deos servido que chegasse a casa á sua perfeição, sem lezão da Ermida, nem damno de pessoa nenhuma, foi constante opinião, que não interviera aqui menos a valia do Santo, que em qualquer de suas grandes maravilhas.

CAPITULO IX

De outras mercês, e favores, que el-Rei Dom João fez á Ordem n'este Convento: e como foi levantado em Priorado; e o Santo beatificado.

Tudo vence hum trabalho aturado. E se fôr bafejado do Ceo, que cousa lhe poderá resistir! Ficou o monte talhado a prumo, tanto até as entranhas, e centro d'elle, que corre toda a Igreja a olivel com a sepultura do Santo. E alem de todo o comprimento d'ella, que he grande, faz no mesmo andar huma boa rua, entre a porta principal, e a rocha, que dá serventia para a portaria do Convento. Mas aqui se mostra, e he de ver o muito que se alcançou com a força, e mãos dos homens. Porque sobe a rocha talhada, e direita para o Ceo, como se fora hum muro

de huma só pedra; e em tanta altura, que senhorea todo o Convento, e o mais alto ponto do telhado da Igreja. Ficou o Convento com dous claustros, e suas fontes, obra bem feita; mas moderada na grandeza, como convinha para em terra fria, e pela baixeza do sitio sugeita a grandes nevoeiros, e humidades. Os dormitorios ao mesmo respeito de bom gasalhado, mais que fausto, e sumptuosidade: cerca grande de horta, e frescura de arvoredos ao longo do rio de propriedades, que depois se forão comprando.

Não tardou o Santo em gratificar a el-Rei o cuidado, e magnificencia, com que lhe deu casa de sua Ordem. Adoeceo perigosamente o Principe Dom João, sendo muito moço, e toda a esperança do Rei, e do Reino. Dizem, que lembrou Dom Diogo Lopes de Lima, que era Veador d'el-Rei, e como quem tinha relações de sangue, e nascimento em Entre Douro, e Minho, sabia muito das maravilhas do Santo, que se lhe encomendasse a saude do Principe. Acudirão os Reis com devação a esta lembrança: e o Principe teve saude tão repentina, que foi havida por milagrosa: e a Rainha Dona Catharina sua mãi em graças d'ella despachou logo a Gaspar de Teive criado de sua casa, que depois foi Estribeiro mór da Princesa Dona Joanna em Castella, a visitar em seu nome a sepultura do Santo. Do qual se diz, que fez a jornada obrigado tambem de particular razão, e divida propria: porque estando em artigos de morte, foi livre com se encomendar ao Santo. Não falta quem affirme, que n'esta doença, e saude do Principe teve principio o gosto, e largueza, com que el-Rei seu pai fundou a casa, e dotou o Convento. Mas elle era tão pio, que para similhantes obras sua bondade lhe fazia bastante força, sem ser necessario nenhuma exterior. Assim ajuntou sobre o que tinha feito huma larga licença, para os Frades poderem tirar esmolas por todo o Reino, e criarem para isso Mamposteiros com grandes privilegios, e izenções. E no anno de 1551 impetrou da Sé Apostolica o Mosteiro de Freixo, que foi antigamente de Conegos Regulares, e então possuia como Commendatario hum Italiano por nome Bartholomeu Gostodingo, para ficar unido (como logo ficou por renunciação, que fez o italiano) ao Convento de S. Gonsalo. Ultimamente depois de mandar ao Mosteiro hum sino de sessenta arrobas de peso, mandou pôr em pratica a maior honra, que na terra se podia fazer ao Santo, que era pedir á Sé Apostolica sua beatificação. Commetterão o negocio os Pontifices Paulo, e Julio Terceiros, hum traz outro, a Pompeio Zambicario, Bispo Sulmonen-

se, Nuncio n'este Reino, que fizesse as diligencias, e informações costumadas. Mas inda que fez muitas, não resultou por então d'ellas nenhum bom effeito; porque lhe tolheo a morte acabal-as: e no Reino houve mudanças com a morte d'el-Rei, e tutorias de seu neto el-Rei Dom Sebastião, que ficou minino.

Entre tanto tinhão os Frades posto em tão bom ponto a Igreja, e Convento, que quando foi no anno de 1558 no Capitulo, que celebrou na Batalha o Mestre Frei Luis de Granada, se levantou em priorado, e foi nomeado por primeiro Prior o Padre Frei Dinis de Mello; sendo absolto do priorado de Guimarães, que actualmente governava. N'este tempo tornou a Provincia a fazer instancia na beatificação do Santo, diante da Rainha Dona Catharina, que governava o reino em nome de seu neto el-Rei Dom Sebastião, e ella mandou fazer a mesma em Roma pelos Embaixadores. Emfim se alcançou nova commissão do Papa Pio IV para o Cardeal Infante Dom Henrique, e João Campegio Bispo de Bolonha, e Nuncio Apostolico n'estes Reinos fazerem as inquirições necessarias sobre a vida, e milagres do Santo. As quaes sendo feitas com muito cuidado, e attenção, por meio de Dom Rodrigo Pinheiro, Bispo do Porto, e do Doutor Balthasar Alvares Lousada, Provisor do Arcebispo de Braga: emfim pronunciarão a sentença seguinte, que em nosso poder temos em authentica forma.

«Christi nomine invocato. Vistos estes autos, e Breve, e summario de nosso Senhor o Papa Pio IV, ora na Igreja de Deos Presidente, impetrado á instancia do muito alto, e muito poderoso Rei d'estes Reinos Dom Sebastião, primeiro d'este nome, que nos foi apresentado, e as inquirições de testetemunhas tiradas por mandado de Pompeyo Zambicario, Nuncio que foi n'estes Reinos, por virtude de hum Breve do Papa Julio III de boa memoria, impetrado á instancia d'el-Rei Dom João III d'este nome, de gloriosa memoria: e assim mais as inquirições de testemunhas de novo tiradas pelo Reverendissimo Dom Rodrigo Pinheiro, Bispo do Porto, e pelo Doutor Balthasar Alvares Lousada, Provisor do Arcebispado de Braga, e como se prova por muito numero de testemunhas contestes, legaes, e de credito, ter nosso Senhor feito, e fazer cada dia muitos milagres, por intercessão do glorioso S. Gonsalo d'Amarante em muitas pessoas doentes de diversas infermidades, e indisposições, que a elle se encommendavão; e ser a Igreja do dito San-

to, que está em a villa d'Amarante, do Arcebispado de Braga, onde seu veneravel corpo jaz sepultado, visitada de muito numero de gente, que de diversas partes de todo o Reino, com muita veneração, e fervor vem á casa do Bemaventurado Santo em romaria: e como se prova além d'isto, por muitas testemunhas haver fama muito antiga, de tempo immemorial a esta parte, entre pessoas devotas, e religiosas, e de authoridade, de como o dito Santo foi em sua vida servo de Deos, e Religioso mui observante da lei de Deos, e das regras da Ordem do Bemaventurado S. Domingos, que professou: e ser desd'o dito tempo immemorial até agora, depois de sua morte nomeado, havido, e communmente reputado de todos os fieis Christãos d'estes Reinos por Santo bemaventurado, e porquem nosso Senhor faz muitos milagres: e como a tal lhe serem já intituladas algumas casas de oração, que á sua honra se edificarão: a qual reputação, e opinião vai com a graça de Deos em todo povo, e cleresia cada dia em maior crescimento. O que tudo visto, e bem examinado, conformando-nos com a fórma do dito Breve de Sua Santidade, e disposição dos Sagrados Canones, com parecer do dito Bispo, e Provisor de Braga, que as ditas novas inquirições de testemunhas pessoalmente tirarão: havendo tambem respeito ao testemunho de Dom Balthasar Limpo, Arcebispo que foi de Braga, e de muitas pessoas outras graves, que nas ditas inquirições antigas, e novas testemunharão: os quaes todos dizem, que pelo que sabem, crem, e tem ouvido da vida, e milagres do dito Santo, e pela geral devação, que todo o povo n'elle tem, será mui grande serviço, e louvor de nosso Senhor, e augmento do culto Divino, poder-se rezar, e dizer Missa d'este glorioso Santo n'estes Reinos.

»*Ad perpetuam rei memoriam, Authoritate Apostolica*: Concedemos, e damos licença, e faculdade, para que d'aqui em diante, em todos, e quaesquer Mosteiros, ou Igrejas seculares, ou regulares de todos estes Reinos, e Senhorios de Portugal, se possa livremente rezar o Officio Divino, e Horas Canonicas, e celebrar Missa do Bemaventurado S. Gonsalo d'Amarante, e assim, e da maneira, que se reza, e celebra de outros Santos Confessores: e mandamos eadem authoritate apostolica, que esta nossa sentença se guarde, e cumpra inteiramente, como em ella se contem. E porém vos mandamos, que assim o cumprais, o guardeis, e façais cumprir, e guardar, como por nós he concedido, e declarado, etc. E por nos ser pedido por parte do dito Prior, e Frades do dito

Mosteiro de S. Gonsalo d'Amarante exhibentes, lhe mandassemos dar a dita nossa sentença em fórma que fizesse fé, para guarda e confirmação da dita concessão, licença e faculdade, lhe mandamos passar a presente. E porém pelo teor, pela dita Authoridade Apostolica a nós commetida, e de que n'esta parte usamos, amoestamos, e mandamos a todas as pessoas a quem se dirige, e a todas, e quaesquer outras, assim Ecclesiasticas, como seculares d'estes Reinos, e Senhorios de Portugal, de qualquer estado, gráo, condição, e officio usantes, cujos nomes, e cognomes aqui havemos por expressos, e declarados, que inviolavelmente, e sem duvida alguma cumprão e guardem, e quanto em elles for, fação muito inteiramente cumprir e guardar esta nossa sentença, segundo sua fórma e continencia, e isto para sempre dos sempres. Por quanto assim o concedemos, declaramos, e mandamos, que se cumpra, e guarde, sem embargo de quaesquer cousas, que em contrario possão fazer, ou fação, que derrogamos, e havemos por derrogadas, etc. Dada na cidade de Lisboa sob nossos sinaes, e sellos, aos dezaseis dias do mez de Setembro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de 1561 annos. O Cardeal Infante, Joannes Campegius Episcopus Bononiensis Nuntius.»

CAPITULO X

Do grande numero de Imagens, Altares, Igrejas; Freguesias, e Confrarias, em que n'este Reino, e fora d'elle he venerado São Gonsalo d'Amarante. E em muitas de muito tempo antes de sua beatificação.

Supposto que depois da honra, que São Gonsalo alcançou em sua beatificação, que he honra do Ceo, por ser dada por ordem, e commissão do Vigario de Christo na terra, todas as mais do mundo, por grandes que sejão, ficão pobres, e sem valia: não me pareceo, que deviamos passar em silencio huma, com que este Santo por grande mercê de Deos se aventaja a muitos, e mui insignes Santos. Esta he, que assim depois de sua beatificação, como de muitos, e longos annos antes d'ella, não só na sua Igreja, villa, e comarca d'Amarante foi sempre celebrado, e conhecido por Santo; mas por todo o Reino, e ainda fora d'elle foi buscado, e venerado por tal com imagens, altares, Confrarias, e Ermidas, Igrejas, e Freguesias, cousa que a mui poucos Santos tem acontecido, e que ao certo não estriba em outros fundamentos, senão nos muitos, e

mui milagrosos beneficios, que sua intercessão alcança para o povo, como nossa natureza he tão amiga de seus interesses. E porque assim o entenderão os Juizes da beatificação, tiverão os taes effeitos de devação por irrefragavel prova dos milagres, e por sinal manifesto do muito, que o Santo vale diante do Senhor do Ceo, e da terra, cujas são estas obras. Razão será logo, que para gloria sua, e do servo fiel gastemos algumas regras em especificar o que d'isto veio á nossa noticia.

Na Santa Sé de Braga,onde sempre assistirão pessoas de grandes letras, e muito Curiaes, achamos de tempo immemorial altar, e imagem de São Gonsalo, e por ser mui antigo rezar-se d'elle n'aquella Igreja. O santo Arcebispo Dom Frei Bartholameu dos Martyres, para poder ser o Officio inteiro, visto cahir sua festa dentro das Octavas da Epifania, impetrou da Sé Apostolica, que fosse Duplex: e pela mesma razão são muito ordinarias em todo o Arcebispado imagens, e altares do Santo. O exemplo da cabeça animava os membros: e os Prelados consentião obrigados da devação do povo. e dos milagres continuos, que vião.

A Igreja Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães em tres lugares distinctos, como já tocamos em outra parte, tem a imagem do Santo pintada, e de tempo tão antigo, que se lhe não sabe principio. Na Igreja de São Domingos da mesma villa se vio outra, que não tem menos annos de idade, que a mesma Igreja.

Entre o Mogadouro, e Penaroyas ha huma Igreja da invocação de São Gonsalo celebre por devação, e romagem, e rica das muitas esmolas, que deixão os devotos, que a visitão.

Na villa de Chaves tem altar no Mosteiro de São Francisco, e junto da mesma villa na aldea grande, que chamão Ceravelha, ha huma Ermida do nome do Santo, em que todo o povo tem grande devação.

Em Gozedes, Concelho de Fonte longa, he a Freguesia, e Igreja do nome do Santo: e do mesmo he a Igreja, e Freguesia de Alfarella em Val Longo.

Junto do sitio, e casas em que o Santo nasceo, onde chamão Arriconha, se vê hoje huma Ermida de sua invocação; e com sua imagem de vulto no altar. E em huma das paredes da banda de fóra parece huma grande pedra preta, e n'ella huma letra de caracteres goticos, que diz assim: N'esta aldea acima nasceo o glorioso São Gonsalo.

Pouco abaixo he a Freguesia de São Cipriano, que os naturaes chamão São Cerdão, onde ha altar, e imagem do Santo de vulto.

Outra ha em o Mosteiro junto da villa de Ponte de Lima.

Outra em Villa de Conde com seu altar na Casa da Misericordia.

Na Sé do Porto ha altar, e imagem de tempo, que vence toda lembrança, e n'elle instituida antiquissima Confraria, que com muita solemnidade lhe celebra sua festa: e dizem que he mais antiga, que a que tem no nosso Convento da mesma cidade. E he certo que n'esta Cathedral se rezava já d'elle de longos annos atraz.

Por cima da cidade, no lugar que chamão Araujo, he a Igreja, e Freguesia do nome do Santo.

No Concelho de Paredes da Beira, Bispado de Lamego, ha huma Ermida, que chamão São Gonsalo de Penella, conhecida por continua romagem de muita gente.

Tambem he de muita romagem huma Freguesia do nome do Santo, na villa de Valença do Douro. Como se diz, que tinha n'ella relações por seu avô da parte da mãi, he muito de ver, como se mostra parenteiro com o lugar. São muitos, e grandes os milagres, que n'elle obra. Em seu dia se faz aqui huma grande feira, a que acode muito povo. A imagem he de vulto, e antiga. E ainda que na escultura representa bastantemente o habito dominico, não se contentarão os devotos com menos, que vestil-a de seda com sua capa negra, e habito branco.

A villa d'Aveiro tem tambem huma Igreja, e Freguesia do Santo.

Já dissemos atraz da Ermida de Nossa Senhora da Oliveira, sita no adro da Freguesia de São Gião da cidade de Lisboa. Cujo altar, e pintura do Santo he tão antiga como a mesma casa, que passa de trezentos annos de idade. O que se vê dos letreiros, que n'ella puzerão os fundadores.

No Convento de São Domingos de Lisboa tem o Santo altar, e imagem, e celebre Confraria, como a tem tambem por todo o Reino, e até na India Oriental todos os Conventos da Ordem: e o mesmo he nos Conventos de Galiza Dominicos, pela communicação que tem com o Douro, e Minho.

Nos arrabaldes da cidade, como he nas Igrejas dos Reis Magos d'Alvalade, e São Sebastião da Pedreira, e outras, tambem se vem imagens do Santo: e a quatro legoas d'ella entre Alverca, e o Adarso ha huma Ermida, que o Santo tem feito veneravel com seu nome, e muitos milagres.

Passou o mar a devação, como os Portugueses começarão a navegar.

Na ilha Terceira, Bispado de Angra, edificarão os moradores hum Mosteiro de Freiras da Ordem de Santa Clara; mas debaixo do nome, e invocação de São Gonsalo; e communmente he nomeado, e conhecido por seu. E as Religiosas lhe fazem solemnes festas, não só por padroeiro, mas tambem por bemfeitor. Porque são continuas as esmolas, que em seu nome acodem á casa.

Mas tambem nas ilhas Canarias, que em nada tocão a Portugal, está dilatado o nome, e devação d'este Santo. Dous irmãos nascidos, e criados em Guimarães, trocando a patria pela vivenda da que chamão Grãa Canaria, levantarão-lhe altar, e instituirão Confraria em hum Mosteiro de Freiras Bernardas; ajuntarão graças, e indulgencias impetradas da Sé Apostolica, com que fizerão, e he hoje celebre, e festejado em toda a ilha seu nome, e dia. E houve huma senhora, que deixou renda perpetua ao Cabido da Cathedral, com obrigação de assistir nas Vesperas, e dia da festa, e acompanhar huma procissão, que tambem lhe fazem. Merecem memoria estes irmãos pela obra; e porque affirmavão, terem parte no sangue do Santo, por direita descendencia. Chamavão-se Diogo Fernandes, e Pedr'Alvares, e o appellido de Silva.

Hum livro anda impresso em Sevilha, anno de 1594, dos milagres de Nossa Senhora da Candelaria, em que o autor affirma, que no lugar de Icode da ilha de Tenarife ha huma imagem de São Gonsalo, com quem toda a ilha tem tanta devação, por milagres sem conto, que obra em todo genero de enfermidade, que quasi todo o anno he visitado do povo com romagem continua.

Ultimamente, na cabeça da Christandade, que he Roma, onde tudo o que toca ao culto Divino está como em sua fonte, em toda pureza, e quanto póde ser apontado, vemos na Igreja de Santo Antonio dos Portugueses, o nosso São Gonsalo d'Amarante em seu habito Dominico, de tal pintura, e mão, que representa huma grande antiguidade.

CAPITULO XI

Em que se dá conta dos meios com que os Religiosos da Ordem de S. Bento pertenderão tirar este Santo á de S. Domingos: do litigio que sobre isso correo, e sentença que n'elle se deu.

Mas he desgraça, que segue naturalmente todas as cousas de valia,

não se possuir nenhuma sem contradição, e contenda. Quem cuidara que em negocio tão liso, e sem duvida, tão assentado com os annos, e confirmado com universal, e uniforme tradição d'este Reino, e dos estranhos, como he ser S. Gonsalo Frade Dominico, havia de haver quem lhe quizesse roubar o habito de S. Domingos, e a nós a honra de o termos por irmão, depois de trezentos annos de posse pacifica n'elle, e n'elle por authoridade Apostolica beatificado; e hum Mosteiro de S. Domingos sobre sua sepultura edificado? Bem creio, que se ha de fazer duro de crer pelos annos adiante negocio tão desarresoado, e que a todos estivera bem ficar em silencio. Mas como passou tanto adiante, que chegou a julgarse na Cadeira da Igreja, he força dizermos o que vimos por nossos olhos, e tocámos com nossas mãos. Contando, como sabemos, a gravissima Religião de S. Bento sincoenta mil Santos, que de seus claustros, e santa doutrina deu á Igreja, e ao Ceo, vierão ao mundo n'estes ultimos tempos huns espiritos inimigos da paz, e razão, quaes para esta idade de tudo esteril, senão de monstros, que se metterão em cabeça poder fazer seu o Santo alheio. Que foi o mesmo, que aperceber banquete da ovelha de seu vizinho, sobre quem possuia muitas, e usando de poder, e força, que he proprio meio d'onde falta justiça, sahirão em Lisboa por Janeiro de 1608 com huma procissão, que fizerão por sua casa, levando n'ella o Santo vestido em habitos de S. Bento, e sinalado, como em cousa, que ningem havia de crer com huma letra, que dizia: S. Gonsalo d'Amarante. A procissão foi seguida de sermão, em que o prégador trabalhou por acreditar com palavras a novidade, e sem razão da obra. Era o povo, que assistia, gente do arrebalde, e pela mór parte rude. E comtudo, de huns foi recebida por cousa de chocarrice; por outros abominada, não só estranhada. Publicou-se o caso. Era Prior de S. Domingos de Lisboa o Padre Mestre Frei Pedro Martyr, que depois foi Lente de Vespera na Universidade de Coimbra. Foi necessario acudir á força por via de justiça, e litigar. Começou primeira instancia fazendo o Prior duas queixas ao Metropolitano dos Padres. Primeira, por levantarem altar sem authoridade sua a Santo, que na Ordem de S. Bento não havia, que era atrevimento e desordem: segunda, que se o davão por Santo seu (cousa manifestamente falsa) fazião offensa á Santa Sé Apostolica, por cuja commissão estava por Frade de S. Domingos beatificado, passava já de sessenta annos, assistindo na beatificação hum Nuncio gravissimo do Summo Pontifice, e hum Cardeal Infante de Por-

tugal. Que era muito maior atrevimento, porque havendo mais Mosteiros, e mais Monges Bentos, e todos gente mui grave em costumes, e douta em letras, no tempo da beatificação nunca houve nenhum, que se deixasse levar de pensamento tão desencaminhado, como este de seus successores; nem só por huma palavra. Pareceo a queixa justissima: resintiu-se o Metropolitano. Mandou no dia seguinte, amanhecendo, notificar o Padre Prior de S. Bento, que não houvesse huma prégação, que para elle tinhão os Padres aprazada, e que déssem razão do altar levantado. Foi ministro do requerimeuto, e companheiro dos Notarios Apostolicos, que a isso forão, o Padre Mestre Fr. Sebastião d'Ascensão, que poucos dias depois foi eleito Bispo de Santiago no Cabo Verde. Appellou o Prior para a Legacia. Assim começou o litigio: mas com grande desigualdade de nossa parte. Porque gente em nome, e realidade mendicante, como são os Frades de S. Domingos, que podia esperar contra Mosteiros de grossas rendas, poderosos no Reino, e não menos fóra d'elle? E que tinhão já por isso, e por si, o que hão por grande aventagem os homens, que se prezão de arteiros em contendas juridicas, que era ficarem sendo réos com a violencia, que usavão: e haverem de ser buscados, e requeridos pelos pobres. No que se prometião, pelo menos, fazerem a causa immortal, quando outra cousa não alcançassem. Porém foi Deos servido, que levada a causa á Curia Romana, se aclarou a justiça de sorte, que no de 1615 se veio a sentenciar definitivamente em favor da Ordem de S. Domingos. A sentença original temos em nosso poder. A copia daremos no capitulo seguinte.

CAPITULO XII

Que contem a sentença, que em Roma se deu contra os Religiosos de S. Bento na pertenção, que tinhão, de S. Gonsalo ser Frade de sua Ordem.

Joannes Dominicus Spinnula Prothonotarius Apostolicus, Sanctissimi Domini nostri Papæ in utraque signatura Referendarius, Curiæque causarum Cameræ Apostolicæ generalis Auditor, Romanæque Curiæ Judex ordinarius, sententiarum quoque, et censurarum, tam in eadem Romana Curia, quam extra eam latarum, ac literarum Apostolicarum quarumcunque universalis, et merus executor ab eodem Sanctissimo Domino nos-

tro Papa specialiter electus, et deputatus: Universis, et singulis præsentis nostræ sententiæ instrumentum serie visuris, lecturis pariter, et audituris: illique, vel illis, ad quem, vel ad quos præsentes nostræ literæ pervenerint, et præsentabuntur, salutem in Domino, et præsentibus nostris fidem indubiam adhibere. Noveritis qualiter alias introducta coram nobis lite, et causa inter RR. Fratres Ordinis Sancti Benedicti Regni Portugalliæ, et Fratres Ordinis Prædicatorum ejusdem Regni, de, et, super eo, quod dicti Fratres Sancti Benedicti ausi fuerint in publica Processione Civitatis Ulixbonensis, deferre Imaginem Beati Gondisalvi de Amarante, Habitum Fratrum Ordinis Sancti Benedicti indutum, rebusque aliis etc. Et illorum occasione Reos conventos, partibus ex altero: Et in lite, et causa hujusmodi exhibitis nonnullis juribus ad causam hujusmodi facientibus, testibus nostri de mandato per infra scriptum Curiæ nostræ Notarium examinatis, citato in omnibus ad omnes, et singulos actus necessarios, et incumbentes D. Cipriano Matarozzo, in Romana Curia causarum, et dictorum RR. Fratrum Sancti Benedicti extraordinario Procuratore, per unum ex Sanctissimi Domini nostri Papæ Cursoribus, ut moris est. Tandem Perillustris, et Reverendus Lucas Antonius Virilis Juris utriusque Doctor, in utraque signatura prælibate Sanctissimi Domini nostri Papæ Referendarius, ac noster in civilibus causis locum tenens, servatis servandis, consideratis considerandis, hujusmodi causæ meritis ad plenum discussis, dicto D. Cipriano ad hoc pari modo citato, suam in scriptis tulit, et promulgavit sententiam diffinitivam, tenoris prout infra, videlicet: Christi nomine invocato, pro tribunali sedentes, et solum Deus præ oculis habentes, in causa, et causis, quæ primó coram nobis in prima, seu alia veriore instantia versæ fuerunt, et vertuntur indecisæ, inter admodum Reverendum Patrem Procuratorem Generalem totius Ordinis Prædicatorum, et Reverendos Fratres dicti Ordinis Prædicatorum Regni Portugalliæ agentes ex una. Ac admodum Reverendum Patrem Procuratorem generalem Congregationis Monachorum, seu Fratrum Sancti Benedicti, dicti Regni Portugalliæ reos conventos; de, et super eo, quod dicti Fratres Sancti Benedicti ausi fuerint in publica Processione Civitatis Ulixbonesis deferre Imaginem Beati Gondisalvi de Amarante Habitu Fratrum Ordinis Sancti Benedicti indutum cum titulo, qui dicebat: Beatus Gondisalvus de Amarante, et in fine Processionis etiam prædicare dictum Beatum fuisse Fratrem Sancti Benedicti: Ac etiam, ut in futurum á præmissis prædicti Fratres Rei conventi dessisterent, rebusque alijs in actis causæ, et causarum hujusmodi latius deductis

partibus ex altera Dicimus, pronuntiamus, ac diffinitive decernimus, et declaramus dictis Fratribus Sancti Benedicti non licuisse, neque licere de jure, Imaginem ejusdem Beati Gundisalvi alio Habitu, quam Fratrum Prædicatorum depictum deferre, seu in eorum Ecclesijs, vel monasterijs habere, ne dum Beatum Gundisalvum nisi pro Fratre professo Ordinis Prædicatorum. Fidelibus prædicare, molestationesque, et vexationes per dictos Fratres Sancti Benedicti eisdem Fratribus Ordinis Prædicatorum illatas fuisse, illicitas, indebitas, iniquas, et injustas: ac super permissis perpetuam silentium imponendum fore, et esse, pro ut imponimus, victosque victoribus in expensis in causa hujusmodi factis condemnamus: quarum taxationem nobis, vel cui de jure in posterum reservamus: Et quodcunque mandatum de super necessarium, et opportunum decernendum fore, et esse, prout decernimus. Et ita dicidimus, pronuntiamus, sententiamus, condemnamus et relaxamus; non solum modo præmisso; sed etiam omni alio meliori modo. Et ita pronuntiavi ego Lucas Antonius Virilis locum tenens. Quæ omnia, et singula vobis omnibus, et singulis supradictis intimamus, notificamus, et insinuamus, et ad vestram, et cujuslibet vestrum notitiam deducimus, et deduci volumus, et mandamus per præsentes. In quorum omnium, et singulorum fidem has præsentes fieri, et per infra scriptum Curiæ nostræ Notarium subscribi, sigilloque Reverendæ Cameræ Apostolicæ, quo in talibus utimur, jussimus, et fecimus appensione muniri. Datum Romæ ex ædibus nostris anno Domini millesimo, sexcentesimo decimoquinto, Indictione decima tertia, die verò undecima Aprilis, Pontificatus Summi in Christo Patris, et Domini nostri Domini Pauli Divina Providentia Papæ V, anno ejus decimo. Lucas Antonius Virilis locum tenens. Antonius Columna Cor. Can. Curiæ Apostolicæ Notarius.

D'esta sentença, por encurtarmos leitura, não daremos mais tradução, que de huma só clausula; que contêm as forças, e sustancia d'ella, e he a que se segue.

«Invocado o nome de Christo. Nós Lucas Antonio Viril, sentado em Tribunal, e tendo só a Deos diante dos olhos na causa, e causas, que primeiro ante Nós correrão, e correm em primeira, ou outra mais verdadeira instancia, até agora indecisas ante o muito Reverendo Padre Procurador geral de toda a Ordem dos Prégadores, e os Reverendos Frades da dita Ordem dos Prégadores do Reino de Portugal, autores, de huma

parte. e o muito Reverendo Padre Procurador geral da Congregação dos Monges, ou Frades de S. Bento do dito Reino de Portugal, réos demandados sobre, e por razão de os ditos Frades de S. Bento se atreverem a levar em huma publica Procissão na cidade de Lisboa huma imagem do Beato Gonsalo d'Amarante, vestida em habito de S. Bento, e com huma letra, que dizia: Este he o Beato Gonsalo d'Amarante: e acabada a Procissão, houvera Sermão, em que o Prégador dissera, que o dito Beato fôra Frade seu. E para os ditos réos não fazerem mais similhantes cousas, nem outras, que nos autos da dita causa, e causas mais largamente são deduzidas: dizemos, pronunciamos, e diffinitivamente determinamos, e declaramos, que não podem, nem podiam os ditos Frades de S. Bento licitamente, e conforme a Direito trazer, nem ter em suas Igrejas, e Mosteiros as imagens do dito Beato pintadas em outro habito, senão só no dos Frades Prégadores, nem prégar aos Fieis, que foi de outra Ordem professo: senão na dos Prégadores. E assim determinamos, que todas as molestias, e aggravos, que os ditos Frades de S. Bento fizeram aos da Ordem dos Prégadores, foram illicitas, e indevidamente feitas, e foram iniquas, e injustas. E por tanto se deve pôr, e pomos perpetuo silencio em tal materia. E condenamos aos vencidos para os vencedores nas custas dos autos, cuja taxa reservamos a Nós, ou a quem de direito pertencer. E qualquer mandado, que mais pareça necessario, ou commodo decretar-se, o havemos por decretado. E assim o dizemos, pronunciamos, sentenceamos, condemnamos, e relaxamos, não só pela maneira acima dita; mas por todo, e qualquer outro modo, que melhor for, etc. Assim o pronunciei eu Lucas Antonio Viril, Lugar Tenente.

Resta-nos, para concluir com este Convento, duas particularidades de consideração. He a primeira, darmos conta, em como dando o Papa Pio V commissão ao Cardeal Infante D. Henrique, para extinguir alguns Mosteiros de Conegos Regulares, e Monges Bentos, que andavão em poder de Commendatarios, e os mesmos unir a outros; seguindo a ordem, que el-Rei D. Sebastião fosse servido dar, foi Sua Alteza contente de nomear o Convento de Mancellos, que fôra de Conegos Regulares de Santo Agustidho, para ajuda de sustentação de dous de S. Domingos; a saber, este d'Amarante, e o de Villa Real: e n'elle com titulo de Vigairaria residem alguns Frades nossos. E comprehende esta Vigairaria dous Mosteiros,

que antigamente forão de Conegos Regulares, que tem por invocação, o primeiro, e maior, S. Martinho de Mancellos; o outro S. Salvador de Freixo. Teve el-Rei respeito á vizinhança, que tem com Amarante, que he pouco mais de huma legoa. E para que fique aqui dito tudo o que toca a esta Vigairaria, he de saber, que estando feita a união, e annexação do Convento, como fica dito, vierão os nossos Frades a tomar posse d'elle no anno de 1569. Porque faleceo então o Commendador mór da Ordem de Christo D. Affonso de Lancastro, que o desfrutava com titulo de Commendatario.

He a segunda particularidade, huma letra que achámos esculpida nos pedestaes dos pilares, que sustentão o arco da capella mór: começa em hum, e acaba em outro, ficando igualmente repartida por ambos. E diz assim.

«Este Convento fundou el-Rei Dom João III d'este nome, á honra do glorioso S. Gonsalo da Ordem de S. Domingos no anno de 1540. E depois el-Rei Dom Sebastião, seu neto, alcançou licença do Papa Pio IV no anno de 1561 para n'estes Reinos se poder rezar do dito Santo. E no anno de 1595 el-Rei Dom Filippe nosso Senhor o II d'este nome, e I de Portugal, mandou declarar por provisão sua, que está registada no livro da Camara d'esta villa, como elle he Padroeiro d'este Convento, e como tal defende, que na capella môr d'elle senão possa enterrar ninguem: como mais largamente consta da dita provisão, que está no archivo d'este Convento:»

Este letreiro nasceo da curiosidade do Prior Frei Fernando de Castro. Suprio o descuido dos primeiros edificadores, que acabarão a casa sem fazerem memoria dos annos, nem do fundador: E acudio á maior veneração do Santo, em declarar sua capella por realenga, com o testemunho do marmore, quando os papeis faltem.

CAPITULO XIII

Fundação do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça da villa d'Abrantes.

Devemos a origem, e principio d'este Mosteiro a hum antigo Bispo

da cidade da Guarda, em cuja Diocese se comprehende a villa d'Abrantes. Era seu nome Dom Frei Vasco de Lamego. Fôra Religioso regular (não nos consta de que Ordem) quiz fazer emprego do sobejo de suas rendas, ordenou hum Mosteiro de Freiras, levantou casa, comprou renda, e ficou em memoria, que lhe fizera tudo de despeza vinte mil livras da moeda d'aquelle tempo. Altera a moeda sempre, segundo a estreiteza, ou largueza dos tempos; troca valias, nomes, pesos; com que se faz mui difficultosa a redução do valor antigo ao moderno. E o peior he, que com a tal mudança dá occasião a huns engenhos inclinados a buscar, e enxergar arestas nos olhos alheios, para fundarem, e esforçarem suas contradições. De alguns escritos se collige, que valia cada livra poucos annos atraz do em que este Bispo fez o Mosteiro, oito vintens dos ordinarios, que hoje correm. Esta he a maior, que achámos nos tempos mais antigos. Nos mais chegados a nós he o valor muito menos, segundo em outra parte temos apontado. Do que foi causa lavrarem os Reis depois outro genero de moeda muito miuda, que tambem quizerão chamar livras, e d'aqui nasce a confusão. Qualquer que fosse a valia, foi esmola de Prelado de grande espirito, que tinha os olhos em Deos, e em dispender bem o patrimonio da Igreja. Porque alem de ser em si bem crescida para o tempo, não vemos n'ella os contrapesos de memorias, sepulturas, letreiros, e obrigações, que hoje juntão os homens a qualquer boa obra, que fazem, com que quasi lhe roubão toda a virtude, e sustancia. Tão longe esteve de tal ambição, que nem seu nome, nem inda o anno da fabrica souberamos, senão permanecera huma escritura de doação, que dous virtuosos casados fizerão ao Mosteiro no mesmo tempo, que se edificava. São de ver as palavras, e os termos da antiguidade. Poremos aqui só huma clausula, em que depois de nomearem boa copia de fazenda, terras de pão, olivaes, vinhas, canaviaes, e moradas de casas, dizem assim:

«Fazemos perpetua doação de esmola para todo sempre de nossa livre vontade propria, sem outra prema, e constrangimento, nem afogo, que sobre isto nenhuma pessôa nos fizesse, vendo em como Dom Frei Vasco de Lamego Bispo da Guarda, ora novamente faz na villa d'Abrantes hum Mosteiro a louvor da Virgem Maria, a qual obra he santa, e honrada, pois he casa nobre, em que se ha de louvar o nome de Deos, para havermos parte em todo o bem, que se em o dito Mosteiro fizer,

e nas Horas, e Orações, que as ditas Donas, e Prioresa ahi disserem. Era de mil quatrocentos e vinte dous» (responde-lhe o anno do Redemptor 1384).

A Ordem, que o Bispo lhe escolheo, foi dos Conegos Regrantes de Santo Agustinho; mas com declaração, que ficaria em sua obediencia, e administração d'elle Bispo, e de seus successores. A invocação foi por então de Nossa Senhora da Consolação. Floreceo este Mosteiro em virtude, e religião, como planta nova, e bem fundada até o tempo da grande peste, que correo todo o Reino em tempo d'el-Rei Dom Duarte, que foi tão cruel, que assollou lugares inteiros, e nem o mesmo Rei lhe pode escapar; e d'ella dizem, que foi sua morte. N'esta conjunção acabou tambem este Mosteiro: entrou n'elle o mal com a violencia que tudo destruia. A charidade, e amor de Irmãas, e o não se quererem desemparar humas ás outras, foi causa de se contaminarem todas, e não ficar nem huma só com vida. Em tamanho desemparo tomarão os Bispos por remedio, para se não perderem as paredes por deshabitadas, e as rendas, e propriedades por falta de administração, encommendar a casa a algumas molheres nobres, como em encommenda, que vivião n'ella, e a reparavão, logrando com a morada tambem as rendas, que comião com trajo secular, e sem clausura, nem outro sinal de Religião, mais que o nome de Prioresas, que este mantiverão sempre, inda que não tinhão subditas. Durou pouco menos de cem annos este genero de provimento, que foi causa de se desbaratar muita, e boa fazenda, que d'antes possuião as Freiras. Erão os tempos poucos escrupulosos, e as Prioresas de nome, livres, e liberaes, para darem, e doarem, e casarem suas criadas com os bens ecclesiasticos.

De taes Commendatarias achamos, que foi ultima huma Brites Banha, que com licença do Bispo fez renunciação do Mosteiro em huma molher moça, e nobre, filha de Affonso Florim, e de Violante Alvares d'Almeida. Esta levada de bom espirito, determinou empregar todo seu poder, e habilidade, em restituir o Mosteiro á sua antiga Religião. Ajudou Deos, como sempre faz, os virtuosos intentos. Primeiramente usando de segredo, e industria alcançou da Sé Apostolica, para tornar a casa a seus bons principios: e como a teve, foi juntando comsigo gente nobre, introduzio ordem, e noviciado, clausura, e regra, em que primeiro estivera, de Santo Agustinho dos Conegos Regulares. Tanto que teve as cousas n'este

estado; pareceo-lhe tempo de se entregar, e pôr tudo em mão do Bispo, como seu verdadeiro Superior, e Prelado. Era-o n'este tempo Dom Jorge de Mello, presidindo já na Cadeira de S. Pedro o Papa Clemente VII, e começando a reinar em Portugal el-Rei Dom João o III pelos annos de 1522. Pedia-lhe Brites de S. Paulo, que assim se chamava a Prioresa, fosse servido de acudir, a receber a obediencia de hum Mosteiro resuscitado por ella, mas subdito d'elle Bispo, que como verdadeiro Pastor estava obrigado a visital-o, e encaminhal-o no espiritual; e quanto ao temporal dar-lhe poder, e fazer-lhe costas, para tirar da mão de injustos possuidores muitas peças de fazenda manifestamente alheadas do Mosteiro. Vicio he muito antigo, e que acompanha muita gente, que no mundo tem qualquer poder, por fraco, e limitado que seja, não se pagar de conselhos, que sahem de cabeça, e juizo alheio, por bons, e acertados que sejão. Desconfiança he de animo, e fraqueza de entendimento. Vio o Bispo feito tudo o que podera dezejar, e pertender, e que muito devera estimar. Assim o sentio por não ser a traça sua, como se fôra obra muito desencaminhada, e contra o serviço de Deos. E não somente se descontentou d'ella; mas no mesmo tempo, que a Prioresa lhe offerecia obediencia, e sugeição a seus mandados, despachou quem a notificasse, que pessoalmente apparecesse diante d'elle a dar razão do que sem ordem sua tinha feito. E continuou em a inquietar, e avexar por tantas vias, que não lhe valendo hum raro exemplo de virtude, com que procedia, e governava a casa, nem o favor dos Principes do Reino, que muito a honravão, tornou-se a valer de sua habilidade, e com o mesmo segredo e diligencia, com que negoceara em Roma, impetrou do Nuncio Apostolico, que n'este Reino residia, que era Dom Martinho de Portugal, Bispo do Funchal, izentar-se de sua jurisdição, e dar obediencia ao Arcebispo de Lisboa. Assim se achou o Bispo, quando menos o cuidava, inhibido para a perseguir, e privado de toda a jurisdição do Mosteiro. Porque em dia de todos os Santos do anno de 1529 fez a Prioresa solemne acto de obediencia ao Arcebispo por virtude das letras, que lhe passou o Nuncio, nas quaes se dá por razão de tal novidade o descuido, com que o Bispo se havia no governo do Mosteiro, sendo obrigação sua assistir-lhe, emparal-o, e favorecel-o. Por este modo tiverão fim as molestias, que a Prioresa recebia, e o Arcebispo ficou correndo com a casa em todo o espiritual, e temporal; e em seu nome fizerão

profissão as primeiras noviças. Que assim leva ao cabo o espirito varonil de huma femea, o que huma vez toma a peito.

CAPITULO XIV

Dos meios com que este Mosteiro se passou á Ordem de S. Domingos.

Poucos annos gozou Brites de S. Paulo na terra a quietação, que tanto procurou; e emfim a alcançou para o seu Mosteiro, e para si. Apressou-lhe Deos o premio, que no Ceo tinha guardado a seus tão santos trabalhos. Foi eleita em seu lugar a Madre Isabel de S. Francisco, filha do Doutor Fernão Alvares d'Almeida, Chançarel mór do Reino. Esta Madre como era nobre, e bem nascida, tanto que se vio Prelada, inda que guardava com pontualidade toda a ordem de bom governo, que de sua antecessora aprendera, não se dava por satisfeita do que fazia, aspirando sempre a huma grande perfeição, que ouvia praticar dos Mosteiros observantes das outras Ordens. D'este pensamento, que muito a desvelava, deu conta a seu pai, e por seu meio, como era pessoa poderosa, e que por virtude, e letras tinha valia no Reino, e fóra d'elle, impetrou da Sé Apostolica hum Breve, para se poder passar ao habito, e regra de qualquer das Ordens reformadas, que quizesse. E logo tirou licença de el-Rei, para em caso que fosse necessaria. Armada assim dos dous maiores poderes da terra, deu-se a especular com cuidado a fórma de vida, e estatutos dos Mosteiros, que havia de Religiosas no Reino: e ponderando todos com maduro juizo, e desejo de acertar, foi-se inclinando ao que lhe dizião da Ordem de S. Domingos. Obrigou-a de todo, como os exemplos podem muito, saber a resolução com que no mesmo tempo se tinhão passado humas Freiras d'Elvas de Terceiras, que erão de S. Domingos, ao maior rigor da mesma Ordem. Ficava por vencer a maior difficuldade, que era a dos animos, e vontades das subditas. Vendo-as hum dia juntas, determinou communicar-lhes o que trazia no coração. Começou primeiro a queixar-se com ellas das contrariedades em que vivião, seguindo regra de Frades, que não vião, nem como Mestres, nem como Prelados, dando obediencia a Prelado sempre auzente, que as não via, nem podia entender de perto suas necessidades, nem no temporal, nem no espiritual. O que affirmava, que sendo para todas vida desconsolada, e triste, para ella o era muito mais, por ser Prelada, e ver que se faltava

n'aquella casa a perfeição, e concerto, que ouvia dizer de outras do Reino, não era a culpa d'ella, nem das subditas; porque em todas enxergava grande espirito, e devação. E quanto á sua pessoa, com dezejos, e oração continua pedia a Deos, lhe abrisse algum caminho com que não ficassem atraz no caminho da virtude. Pelo que só via faltar-lhes, que era Mestres, que as guiassem, e instruissem. Bastarão estas poucas razões, para todas se deixarem persuadir, que lhes cumpria buscar outro modo de vida. Abrio-se então com ellas, deu-lhes conta do que tinha alcançado de Roma, e negociado no Reino: e ajuntou, que sua tenção era, seguirem a Ordem de S. Domingos. Não passava a Communidade de onze companheiras, e huma d'estas onze irmãa da Prelada: sem debate, nem contenda vierão todas no parecer da Prioresa. Havia já dous annos, que esta Madre governava a casa, e hia no cabo o de 1541 quando na entrada do mez de Novembro, e na conjunção mais viva de suas determições, lhe trouxe Deos á villa, como chamado, o Padre Mestre Frei Jeronymo de Padilha, Provincial de S. Domingos, que proseguindo na execução de seu cargo, chegava ao Convento de Frades, que a Ordem alli tem, com tenção de tomar d'elle o caminho para Roma (como fez) a se achar no Capitulo geral da eleicão, que instava, como atraz tocámos. Houverão as Religiosas por traça do Ceo tal vinda. Mandão logo visital o, e pedir-lhe, queira lançar huma benção áquelle Mosteiro. Acudio o Provincial, como Religioso, e cortez. E a Prioresa não quiz guardar para mais longe a declaração do fim, para que o chamara. Mostra-lhe o Breve, que tinha do Pontifice, declara-lhe a conformidade com que todas estavão, de ser suas subditas. Acodem todas, pedem-lhe affincadamente, que pois Deos fôra o que em tal tempo ali o trouxera, não queira dilatar aceital-as por subditas; visto como só isso faltava. Era o Mestre muito prudente, a materia de si importante, e supposto que de pouca duvida á vista das Letras Apostolicas, determinou proceder com a sua madureza, e conselho. Respondeo, que era estrangeiro, e não lhe seria bem contado acommeter huma empreza tão nova, sem primeiro entender, se seria do gosto d'el-Rei. Tirou a Prioresa então do seio o alvará de licença, que atraz dissemos tinha alcançado d'el-Rei, que acharão em tão boa fórma, que não só concedia a licença pedida; mas declarava, que se haveria por bem servido de qualquer Prelado, que o Mosteiro aceitasse. Vio-se o Provincial posto em cerco, e com todos os caminhos tomados, para se poder escusar da aceitação: comtudo quiz meter tempo em meio,

que he grande mestre para conselhos humanos. Pedia, que ficasse o effeito, pois já não duvidava, para quando viesse de Roma. Porque cumpria partir-se depressa, e não achava, que haveria lugar para se poder fazer, o que da parte d'ellas convinha para a solemnidade, que era aprestar habitos, e escapularios. Dissimulou a Prioresa, e sem mostrar que sentia a dilação, disse-lhe com segurança, que todavia não quizesse sua Paternidade pôr-se a caminho sem as tornar a ver, para lhe tomarem a benção, pois já ficavão por subditas suas, e filhas de S. Domingos, e elle as havia por taes. Não entendeo o bom Padre a sutileza do lanço, prometeo tornar. E a Prioresa no ponto que se despedio fez comprar o pano necessario para se vestirem todas. E sem haver quem quizesse hora de repouso, gastarão a noite inteira em talhar, e cozer, e o mais certo era alinhavar. E tanta foi a diligencia, que quando pela manhãa appareceo o Provincial a despedir-se, e posto a ponto de caminhar, juntas todas com os peitos por terra, lhe pedirão de novo as quizesse consolar: e se outro inconveniente não havia, como dissera no dia d'antes, mais que falta de habitos, ali lhe mostravão hum monte de fato feito, em que havia mantos, habitos, e escapularios para todas. Não soube o Provincial, nem se atreveo a resistir, edificado do fervor, e dilação, e espantado da diligencia. Na mesma manhãa, que foi huma segunda feira, dia do glorioso S. Martinho Bispo, onze de Novembro de 1541, lançou o habito a todas (d'este dia lhe damos sua antiguidade a este Mosteiro), e de consentimento commum fez logo profissão a Isabel de S. Francisco, cedendo-lhe seu direito ás que erão mais antigas na primeira profissão. Porque declarou não ser sua tenção prejudicar n'esta parte a nenhuma. E a mesma instituio, e confirmou em Prioresa. E porque ficasse tudo em concerto, e ordem de Religião, fez tambem profissão a outras tres das mais anciãas em annos, e habito. E a estas proveo nos officios mais necessarios da casa. A Magdalena da Cruz em Suprioresa, a Isabel da Conceição em Rodeira, Catharina da Cruz em Mestra de Noviças. Deu-lhes por Vigario hum grave, e douto Religioso, por nome Frei Matheus de S. Domingos, de nação Italiano; mas filho de profissão, e habito d'esta Provincia. Assim fez dentro de huma hora, o que se fora em outro tempo, havia mister muitos dias. Entendeo logo em sua jornada, e quando tornou d'ella, visitou com cuidado suas devotas filhas, e fez profissão, ás que deixou em noviciado; a qual fizerão juntas na Oitava da Epifania do anno de 1543.

O nome, com que este Mosteiro se unio á Ordem, foi de Nossa Senhora da Graça: porque chamando-se em sua primeira fundação da Consolação (titulo que lhe achámos nas provisões, em que el-Rei Dom João lhes concedeo licença para possuirem bens de raiz), e depois de Santa Maria a Nova, para distincção do nosso Convento de Frades da mesma villa, que tinha, e tem o mesmo nome de Consolação, como em seu lugar fica dito. Emfim, para se escusarem embaraços, que produzia a semelhança dos titulos nas arrecadações das rendas, e ordinarias, e pagamentos de juros, e tenças, tomou o de Nossa Senhora da Graça.

CAPITULO XV

Das merces, e favores, que os Reis fazião a este Mosteiro, depois que foi incorporado na Provincia de São Domingos, e como mudou de sitio.

Tanto que a Ordem aceitou esta casa em sua administração, ficou el-Rei tão satisfeito da resolução, e bom espirito, com que as Religiosas buscarão a vida austera, e reformada (como todo seu gosto era ver as Religiões no mais alto ponto de perfeição) que sempre depois lhes mostrou inclinação, e boa vontade, e no que se offereceo lhes fez mercê. A Rainha Dona Catharina pela mesma razão as tratava com muito amôr, escrevendo a miude á Prioresa cartas cheias de huma brandura e affabilidade Real, com que as obrigava (como os favores dos Reis são esporas para a virtude) a procurarem adiantar muito n'ella. E não parava o negocio em palavras. Acompanhavão as cartas suas esmolas, e estas lembranças avivavão a boa vontade, que el-Rei lhes tinha. Com que de ambos recebião mercês, que ao diante apontaremos. Mas daremos primeiro copia de alguns pedaços de cartas, que chegarão a nossas mãos, que a Rainha lhes mandava: que se bem são treslados de palavras mortas, vê-se n'ellas hum retrato vivo de extraordinaria benignidade, e bondade d'esta alta Princesa. E ainda que isto era mais do cargo de Cronistas do Reino, que de quem o he só da Religião, folgamos de fazer, por demonstração de animo grato, o que elles devem por obrigação de officio. Em huma dizia a Rainha assim:

«Dona Prioresa, Freiras, e Convento: Vi a carta, que me escreves-

tes, e folguei muito de a ver, pela vontade, e amor, que mostrais para todas as cousas de meu prazer, e serviço, que he conforme ao que eu tenho para as de vossa consolação, e descanso, e das Religiosas d'essa casa, da qual por vossas virtudes, e merecimento em sam mui devota, etc.»

Em outra carta concluia assim:

«Deveis de crer, que para todas as cousas de vossa consolação, e bem d'esse Mosteiro, achareis sempre em mim aquella boa vontade, que he razão, e vós mereceis, etc.»

Juntando-se o favor dos Reis com a nova reformação, começou de acudir ao Mosteiro muita gente nobre, mas havia falta de gasalhados. Porque alem de ser o aposento estreito, tinha outro mal, que não era o sitio capaz de se alargar: e porque se juntava a isto estar velho, e mal reparado, alcançarão as Religiosas licença em hum Capitulo Provincial, para fabricarem casa nova em posto mais commodo, e mais chegado á villa. Mostrou el-Rei gosto da obra, quando d'ella soube, aplicando-lhe algumas esmolas em dinheiro, e em huns alvitres de importancia. A que juntou outra mercê maior, e por carta sua, que nos escusará, lançada aqui, fazermos d'ella maior especificação. E com ella, como com testemunho Real, que sempre he maior de toda exceição, ficará tambem entendida a boa reputação em que as Religiosas diante d'elle estavão; pois não só lhes fazia a casa, com o que para ella dava, mas engrandecia o beneficio com a honra de lhes escrever. A carta, tirada de seu original, he a que se segue.

«Madre Prioresa, e Freiras: Eu el-Rei vos envio muito saudar. O Padre Frei Pedro Bom, me requereo de vossa parte o despacho da venda dos officios d'Escrivão da Camara, e d'Almotaçaria d'essa villa, e assim da parede, e chãos, de que vos fiz mercê, e esmola para as obras do Mosteiro novo: E o despachei, segundo vereis por huma carta, que sobre isso escrevo ao Corregedor d'essa Comarca. E com o dinheiro d'esses officios, e parede se poderão pôr as obras em perfeição; para que este verão, que vem, com a ajuda de nosso Senhor vos possais mudar ao dito Mosteiro novo: do que eu receberei muito contentamento, etc.»

A este Frei Pedro Bom, de que a carta faz menção, foi entregue pela Provincia o cargo de todo o edificio, e de juntar as esmolas para elle; e em tudo procedeo com tal cuidado, que fez verdadeiro o appellido, que tinha. E quando foi por dia de nosso Padre do anno de 1548, sendo Provincial o Padre Frei Francisco de Bovadillia a primeira vez, fizerão solemne passagem para o novo Mosteiro. Ordenou-se huma fermosa procissão, a que acudio o povo todo da villa, e comarca, não ficando aquelle dia em casa nenhuma molher do melhor da terra. Mas querendo todas ver por seus olhos as que por sua vontade vivião enterradas, e se aparecião no mundo, era por milagre de huma semelhante transmigração. E he de saber, que estava já n'este tempo crescido o numero, e erão trinta e quatro, que fazião fermoso espectaculo. Hia diante toda a Cleresia da villa, e termo com suas sobrepelizes, seguião-se os Frades do Convento com sua Cruz. Entre elles caminhavão as Religiosas por suas antiguidades, acompanhadas das Donas mais nobres da villa, ou parentes, ou amigas. No couce a Prioresa, e Suprioresa, presas pelas mãos com a molher do Alcaide mór da villa, descendentes dos Condes d'ella. Que para festejar este dia se enfeitou, e vestio de branco, alegrando a terra, e aquella pobre Communidade com sua boa sombra, e ar, posta em meio das duas Preladas. Cerrava a pompa o Provincial revestido em capa de brocado entre o Diacono, e Subdiacono. E traz elle todos os nobres da terra, e os ministros da justiça. Acabou a solemnidade por Missa, e prégação. Passados poucos dias, tratou a Prioresa de pôr em ordem hum officio de verdadeira piedade, que era recolher comsigo as ossadas das Religiosas defuntas antigas, e modernas da casa velha. Mas interveio inconveniente, que dilatou o effeito, como ao diante se dirá.

CAPITULO XVI

De algumas Religiosas, que n'este Mosteiro se adiantarão em obras, e fama de grande espirito, depois que se entregou á Ordem de São Domingos.

Seja a primeira a que primeiro se cubrio do novo gasalhado, que foi a Madre Soror Antonia de São Miguel. Recebeo o habito de dezaseis annos, e faleceo entrando nos vinte e dous: e n'este breve tempo aproveitou tanto, que de toda a Communidade era avaliada por hum raro

espirito. Quando foi a mudança da casa, vinha já enferma de humas sezões. N'este estado sentio hum dia a Communidade revolta, e ouvio juntamente golpes de enxadas: Perguntou, que havia de novo? Foi-lhe respondido que se apercebião para o recolhimento das ossadas do Mosteiro velho, que havião de vir no dia seguinte, e para ellas se abria cova no Capitulo. E ella respondeo com segurança: Não se afadiguem Madres, devagar está isso do que cuidão. Primeiro ha de receber o Capitulo huma das que hoje vivemos, que as defuntas, de que tratão. Não fizerão caso do dito as que o ouvirão: porque inda que entenderão, que o podia dizer por si, não estava tanto no cabo, que se cuidasse que acabaria antes da tresladação, que havia de ser no dia seguinte, e estava tudo prestes em casa, e fóra d'ella, appellidada a Cleresia da villa, e termo, e convidados os nobres do lugar para inteira solemnidade. Na mesma tarde que isto disse Soror Antonia, teve hum terrivel accidente, e tal que já cuidavão, as que lhe assistião, que fazia verdadeiro seu dito, e começarão a repartir entre si a noite para a vigiarem. Acudio ella com todo seu mal, ao que ouvia, e disse-lhes, que não tomassem trabalho, que ainda tinha dez dias de vida, e podia escusar as vigias. Foi caso estranho, que huma e outra cousa virão comprida, sem faltar ponto. Primeiramente a tresladação aprasada se suspendeo, e tardou depois algum tempo: porque succedeo caso forçoso, que a entreteve: e ella acabou aos dez dias, que disse. Termo, em que cumprio justamente hum anno de doença tão forte, e trabalhosa, que pareceo mais Purgatorio, que doença ordinaria. Porque sendo as sezões de cada dia, todas as horas do frio trazião comsigo hum martyrio de dores immensas, e taes, que claramente se via que a chegavão a ponto de morte. E ella tomava-as abraçada com hum Crucifixo, e tendo com elle suaves colloquios. Aggravou-se o mal no fim: e para ser mais intoleravel, foi o Senhor servido, juntarem-se-lhe fortes tentações do inimigo, que se entendia, pelo que fallava. Apparecia-lhe, e fazia-lhe medos. E de huma vez tomando posto ao pé de hum Crucifixo que lhe ficava defronte, d'alli a inquietava. E ella dizia-lhe: Maldito, tissão do Inferno, condemnado a fogos eternos, como te atreves a estar a esses pés, que representam os de meu Senhor Jesu Christo, passados de cravos, e banhados em sangue por meu remedio? Não convêm tal lugar a tão fea, e tão má creatura. Sus, andar caminho do Inferno. E senão, espada tenho, que vos fará voar. E com isto fazia força por lançar mão de huma Cruz, que tinha á cabeceira. Fogia o ten-

tador, e logo lhe acudia o Senhor com enchentes de consolações, e representações da gloria, que a esperava. Estas se enxergavão na quietação, e alegria, com que ficava no meio das dores, que a atormentavão, e tambem na alteza das cousas, que fallava com as Madres, tratando dos bens da outra vida. O que fazia com huns termos tão deleitosos, e conceitos tão subidos, como se fôra hum Santo Agustinho, ou São Bernardo. E o que mais admirava, trazia passos da Escritura em latim, e versos dos Psalmos, explicados com delicadeza, e muito a proposito. Julgavão todos, que era luz sobrenatural, que reverberava já do Sol Eterno n'aquella alma; que outra cousa não podia ser em idade de vinte e dous annos, vividos com grande innocencia, e concluidos a poder de tormentos. Outros sinaes houve da parte da enferma, de que senão enganavão em tal juizo. Porque n'aquelle estado, sem ter carta, nem aviso de sua terra, soube serem mortas duas irmãas suas, de que lhe faltavão novas muito tempo havia. E contando ás Madres como erão falecidas, dizia, que a mais moça fora diante, e andava em hum prado, verde, não alegre, nem triste, esperando pela outra, para hirem juntas ver a Deos. A huma Freira, que havia annos não sabia de hum irmão seu, disse, que era morto, peleijando contra infieis, e que o tinha no Ceo entre os Santos Martyres. D'estas mortes se teve depois certeza. Pouco antes de espirar buscou com os olhos duas Madres amigas suas, e fez-lhes com a cabeça conhecida inclinação, como que lhes queria dizer alguma cousa. Foi o caso, que ambas lhe tinhão pedido, que se nosso Padre São Domingos a visitasse n'aquella ultima hora, como confiavão pela pureza de sua alma, e devação, que lhe tinha, lhes fizesse algum sinal, e assim o tiverão por sem duvida. E não tardou em trocar a terra pelo Ceo, e cumprir o que tinha dito de povoar primeiro a terra do Capitulo, que as Freiras do Mosteiro velho. Testemunhava d'ella toda a Communidade, que nunca lhe fôra ouvida palavra, que pudesse dar escandalo: e que sendo dotada de bom entendimento, fôra seu trato sempre chão, e simples.

Agora digamos da que por Prelada, e autora da reformação, merecia o primeiro lugar, que he a Madre Isabel de Santo Antonio. Esta Madre, como atraz dissemos, recebeo a casa no habito dos Conegos regulares, em que se tinha criado: e passados dous annos de seu governo, procurou passal-a á Ordem de São Domingos, na qual tanto que lhe deu obediencia, cresceo a casa em reputação de maneira que sendo as Religiosas no anno de sua profissão Dominicas por todas sómente onze, quan-

do depois vierão a povoar o Mosteiro novo, se acharão trinta e quatro; como deixamos contado; sendo o espaço tão curto, que não houve mais em meio, que sinco para seis annos. Não se póde negar, que devia dar muito animo ás que buscavão a Deos na reformação, as partes de virtude, e prudencia, que vião na Prelada. Huma, em que muito se esmerava, era a da santa pobreza: e como a estimava, e queria para si, da mesma procurava, que resplandecesse no Mosteiro. Assim era lingoagem dos moradores da villa, notando com attenção o pouco provimento, que n'elle entrava para a sustentação quotidiana, que mais parecia de Padres do ermo tal modo de vida, que não de molheres delicadas, e fracas, que moravão em povoado, e não entre feras. Este rigor, e austeridade de governo continuou dezasete annos. Cresce o espirito nas faltas do corpo. Assim contão, que toda sua recreação era assistir no coro orando, depois de ser a primeira em todos os lugares, e obrigações da Communidade. Do que nascia, que todas as vezes que fallava de Deos nos Capitulos, que fazia, ou em particulares conversações, era tanto seu fervor, e devação, que communicava fogo de amor divino, a quem a ouvia. Contavão d'ella as velhas, que a alcançarão, que trazia sempre na boca, e para todas as praticas esta palavra: Eternidade: e sempre que a pronunciava, era com huma notavel suavidade, que se enxergava sahir-lhe do centro d'alma. Humas vezes dizia: Oh quem se vira já n'aquelle abysmo das eternidades! Outras vezes desabafava em suspiros, que lhe arrancavão o coração com vehemencia, dizendo: Quando será, meu Deos, aquelle ditoso dia, que vá gozar de vossa perpetua eternidade? Quando me subireis comvosco aos altos montes da vossa eternidade? Eternidade, que assim como não conhece fim, da mesma maneira he tão soberana a gloria dos bens, que n'ella encerrais, que com razão dissestes passarem por tudo, que olhos de homens virão, e orelhas ouvirão, e por tudo o que seu coração póde fingir, ou com a imaginação pintar, e dezejar. E isto he o que tendes guardado para os que vos amão. Oh bemdito amor, que taes eternidades tem por galardão! Aconteceo hum dia, depois de haver muito tempo que tinha largado o cargo de Prioresa, achar-se a hum Capitulo de visitação, que fazia, sendo Provincial o grande Mestre Frei Jeronymo d'Azambuja, aquelle que com nome de Oleastro he venerado de todos os doutos, e ouvir-lhe dizer, encarecendo com sua consumada eloquencia o respeito, com que os homens devião estar diante do Divinissimo Sacramento do altar, que se aquelle Senhor nos abrira os olhos,

viramos exercitos innumeraveis de Anjos, huns prostrados por terra, não se atrevendo a levantar os olhos áquella immensa Magestade, outros tremendo de medo, e reverencia, outros abrasados em amor, dançando, e dando alegres voltas, e saltos com a simplicidade de outro David diante da Arca do Testamento; vista, que muitas vezes acontecia ao grande Chrysostomo. Ficou Soror Isabel tão penetrada d'esta pratica, que todas as vezes que se via no seu coro, depois de longa oração, fazendo-lhe o som sua devação, e o grande amor em que ardia, do Senhor, dançava com grande fervor, e modestia juntamente, todas quantas danças aprendera, sendo minina. E acontecia, juntarem-se a espreital-a as Religiosas, que muito se edificavão d'aquella santa singeleza.

Estendeo-lhe Deos a muitos annos vida tão bem gastada, e com ser muito velha, dava-lhe o espirito forças, para não perder nenhuma Communidade, tinhão-lhe lastima todas, e a Prioresa mandava, que não fosse a Matinas. Obedecia ella no ponto de acudir á meia noite. Mas tanto que a Communidade sahia do coro, entrava ella. E depois de rezar só sua obrigação, ficava-se entendendo em particulares devações até horas de prima. E isto sempre de joelhos, ou em pé, nunca assentada. De dia sempre buscava em que entender. E quando outra cousa não achava, remendava o fatos das servidoras; ou para as aliviar, ou para não gastarem n'isso as horas devidas ao serviço da Communidade. Outras vezes varria as varandas, e muitas a casa commum. E se a Prelada pela veneração, que todas lhe tinhão, a reprehendia por se abater tanto, abaixava a cabeça com humildade, e hia buscar com riso outro serviço.

A charidade, que tinha com pobres, e doentes, era havida por hum extremo. Porque não possuindo cousa sobeja, como verdadeira pobre que era de corpo, e espirito, se lhe pedião aquillo, de que tinha muita necessidade, como fosse por amor de Deos, logo o largava com alegria. Costumava a rezar cada dia, depois que foi Freira, a Paixão do Evangelho de São João. Depois que veio a enfraquecer demasiado com os annos, chamava quem lh'a proseguisse, d'onde ella não podia passar. O mesmo lhe aconteceo, estando enferma. E no dia em que acabou, rezou o que póde da Paixão, E lendo-lhe huma Religiosa o que restava, poz os olhos em huma imagem de Nossa Senhora, e dizendo-lhe palavras de entranhavel affecto, por ver que se chegava a hora de hir gozar das eternidades, porque sempre suspirava, expirou, e voou para ellas.

CAPITULO XVII

Das Madres Soror Magdalena de S. Paulo, e Soror Isabel da Conceição.

Breve historia nos offerece a Madre Soror Magdalena de S. Paulo, mas n'esta brevidade tanto peso, e sustancia, que iguala as muito grandes, e muito estendidas. Era particular amiga da Madre Soror Isabel, e verdadeira imitadora de suas virtudes, e rigores. Vendo faltar-lhe a que amava como irmãa, e respeitava como Mestra, foi tamanha a dor de se ver privar de tal companhia, que na hora, que queria expirar, lhe disse diante de todas, que pois se hia para o descanço das eternidades, que tanto dezejara, não as quizesse lograr muito tempo, sem quem lhe fôra nos trabalhos fiel amiga, e companheira, e alcançasse do Senhor d'ellas que a fosse lá acompanhar, como fizera tantos annos na terra. Do que passou no consistorio divino, quem pode dizer nada? O que as Freiras virão foi, que aos oito dias depois de morta Soror Isabel, acabando de cantar a Communidade o ultimo responso, como he costume da Ordem, sobre a sepultura, faleceo subitamente Soror Magdalena, com juizo de todas, que lhe alcançara a amiga despacho de sua petição, e pelo conseguinte seria tambem a companhia da Gloria.

A Madre Soror Isabel da Conceição foi huma das onze, que das mãos do M. Frei Jeronymo de Padilha recebera o habito, e profissão, quando o Mosteiro passou para a nossa Ordem. Vendo-se professa n'ella determinou imitar com generoso animo, quanto suas forças abrangessem, o glorioso pai, e Patriarcha, que a recebera por filha. Primeiramente não comeo mais carne, desde o dia que vestio o habito dominico, até que morreo, nem peixe, senão poucas vezes. Sua ordinaria comida erão humas hervas cosidas, e mal temperadas, com hum pedaço de pão. E mandando-lhe a Prelada algumas vezes pôr diante hum pouco de peixe frito, ou de empada, por lastima da estreiteza com que vivia, tomava d'ella dous, ou tres bocados por obedecer, e o mais deixava. Assim como n'isto, e em perpetuamente jejuar foi verdadeira filha de S. Domingos, tambem o foi em não ter nunca camara para dormir. Se alguma vez por grave enfermidade lhe mandava a Prelada, que se deitasse, a cama que tinha era huma taboa seca, cuberta de huma manta de pano dos montes, do mais aspero, e desamoravel, que achava. Esta era sua cama d'estado, que lhe servia nas grandes, e urgentes necessidades.

Todo o resto do anno passava as noites inteiras no Coro. Quando a apertava o sono, sentava-se em hum banco, e arrimando a cabeça na parede satisfazia a necessidade natural, mas por breve espaço. Porque por huma parte o estomago vazio, e frio da demasiada abstinencia, tolhia a suavidade do repouso, e por outra o gosto, que tinha de sempre se quebrantar, lh'o fazia abreviar. As vinte quatro horas do dia natural repartia d'esta maneira. De Completas até Matinas gastava em oração, ora vocal, ora mental; huma, e outra sempre com muitas lagrimas. N'ella lhe fazia o Senhor grandes mimos, arrebatando-a em profundas extasis, com que ficava alhea de todo o movimento natural; de sorte, que tendo os olhos abertos, não via, nem pestanejava, nem dava fé de nada; nem bastava chegarem-lhe velas acezas, como algumas vezes se fez para experiencia. Rezadas Matinas com a Communidade, tornava á sua oração: e ajudando-a com asperas disciplinas, sempre a estendia até Prima. Então assistia no Coro a todas as Horas, e á Missa conventual, e até se fazer sinal no refeitorio. Acabada a mesa, entretinha-se hum pouco com as amigas, e logo se occupava em cozer, e lavrar para a Communidade até Vesperas. De Vesperas até Completas ficava em oração. Esta vida, como era formal, e continua, lhe tinha desbaratado a saude de sorte, que padecia gravissimas doenças; e até as feições do rosto, que em moça tinha boas, e acompanhadas de alvura, e gentileza, se lhe trocarão, mirrando-se toda, e ficando com a tez crestada, e denegrida; como se escreve de S. Jeronymo, quando estava no ermo.

No tempo que se fez a passagem para o Mosteiro novo, estava Soror Isabel enferma de muitos dias, e reduzida a tamanha fraqueza, que com a trazerem em huma cadeira, quando chegou á portaria vinha mais morta que viva; e em estado, que as Religiosas, por recearem acabar-lhe nas mãos, não se atreverão subil-a aquella noite ao dormitorio, e na mesma portaria a deitarão em huma caminha. Continuando o mal, e julgando-se que morria, eis que amanhece, não só melhorada, e sem febre: mas rija, e valente, e emfim de todo sãa. Foi o caso tão extraordinario, que as Religiosas fazião juizo, que resuscitara, não sarara. E perguntada ao modo do cego do Evangelho (1), como estava sãa, e robusta, quem no dia atraz estava meio morta? Respondeo singelamente, que não sabia mais, senão que aquella noite vira sentar-se-lhe á cabeceira da cama hum homem acompanhado de duas Freiras, com seus veos cu-

(1) S. Matth.

bertos, que na primeira vista julgara ser o Medico; e Porteiras, as que o acompanhavão: e depois conhecera claramente ser Frade, e da nossa Ordem, e tão veneravel de pessoa, e composição, que nunca vira outra semelhante, e que com sua despedida sentira despedir-se-lhe juntamente todo o mal, e logo cobrara alento, e forças, pelo que dava a Deos mil graças. E apoz isto se levantou, e depois foi ao dormitorio, e comeo do que havia, com sabor; e tornou a continuar seus exercicios, como quando mais perfeita saude gozava. Dezejavão as Religiosas ter por Prelada, quem tinhão por Santa, e vião do Ceo tão favorecida. Fazião-lhe instancia com rogos, e importunações, que lhes désse palavra de consentir em sua eleição. Mas não gosta de prelacias da terra, quem dos caminhos do Ceo tem tomado o sabor. Sempre se escusou com palavras de humildade: porém com firme resolução de fugir á honra de mandar. E se desistirão da determinação de a elegerem, foi só pela não desconsolarem.

Não era a vida de Soror Isabel de qualidade, que se pudesse espejar d'ella na grande fraqueza, que hoje tem a natureza humana, ser de muita dura, juntando-se estar já bem entrada na idade. Levantou-se hum Domingo de sua estancia costumada do Coro, ardendo em febre, deu conta á Prelada; e comtudo inda assistio ás Horas, e Missa do dia. Quando se recolheo, já houve mister de ajuda, para chegar ao leito. Veio o Medico; e inda que ninguem conhece melhor o mal, que quem o passa, depois de o informar, pedio-lhe affectuosamente a desenganasse, porque sentia grande mal, e não receava o desengano. Bem entendeo o Medico, que em sugeito tão debilitado qualquer febre era de temer. Vendo esta com extremos de furiosa, disse-lhe, como sisudo, que bom era estar aparelhada para o que Deos fosse servido, inda que não havia razão de desconfiar. Deu-se a doente por morta; confessou-se, e commungou á segunda feira, sem se deitar em cama. E porque a febre crescia, aceitou hum colxão sobre a sua taboa, que nunca outro tal favor tinha experimentado, e esta foi a primeira dispensação de toda a vida. Tornou-se a reconciliar á terça, e recebeo o Santissimo Sacramento por Viatico, e logo pedio a Unção. N'ella esteve tanto em si, que rezou os sete Psalmos com o Convento, respondendo a tudo o necessario com promptidão de sãa. Logo pedio a benção á Prioresa com muita humildade, e perdão a todas as Religiosas. Mas foi de ver, e causou confusão o auto, que fez de desapropriamento (como he costume da Ordem) do que possuia. Porque senão erão os habitos, que tinha vestidos, e huns pequenos retalhos

de pano, que lhe servião para dobar o fiado da Communidade, nenhuma outra cousa havia em seu poder. Acabados estes autos de Christãa, e Religiosa, pedio, que lhe não dessem mais pena com remedios da terra, nem com a obrigarem a comer, entregou-se toda a Deos, gastou com elle, e em suas costumadas devações até o dia da quinta feira, e toda a noite seguinte. Quando amanheceo á sexta tornou-se a despedir das Madres, e tomar de novo a benção á Prioresa, e postos os olhos em hum Crucifixo rendeo o espirito. Ordinario he na gente que dorme vestida, e sem cama, como não dá lugar a exhalar o corpo bastantemente, lançar de si, e do vestido, hum halito forte, e desagradavel ao olfato. Mas quiz Deos mostrar n'esta Madre, que lhe fôrão aceitas suas penitencias. Porque na hora, em que mais se havia de sentir, e desagradar mais o cheiro, que dizemos, que era na morte, começando algumas Madres a compor o corpo para o darem á terra, foi cousa estranha, e não esperada, a grande suavidade de cheiro, que lançavão de si aquelles habitos remendados, e mortalha. Testemunho foi de toda a Communidade junta, sem haver Freira, que o não sentisse, e se espantasse, e confessasse, que vencia em fragrancia as melhores composições de perfumes, que se fazião na terra. Mas inda o Senhor quiz honrar mais sua serva; e dar mais claros sinaes da gloria, que sua alma possuia. Succedeo abrir-se a sua cova alguns annos depois: e no mesmo que se bolio na terra, que lhe cobria os os ossos, começou a recender por todo o Mosteiro hum deleitoso perfume, que alegrava, e consolava os sentidos, e era tão vivo, que passou á Igreja, e fez crer a muita gente (que n'ella a tal hora se achou) que se queimava dentro muito beijoim de boninas.

CAPITULO XVIII

Das Madres Soror Magdalena da Cruz, Soror Brites de Christo, Soror Maria de São João, e de tres irmãas Conversas.

Muito louvado he o silencio, e obediencia da Madre Soror Magdalena da Cruz. Porque era escrupulosissima em soltar huma palavra fóra dos tempos, em que havia licença para fallar: e em obedecer ás Preladas não esperava mais que hum aceno, e hum sonhar-lhes (digamol-o assim) a vontade, para cortar por si em tudo, e trabalhar no que era mandada, sem se aproveitar de escusa, nem razão nenhuma, por justa, e legitima

que a tivesse. Assim veio a morrer no cargo de Rodeira, sendo de grande idade, na qual todavia nunca deixou de seguir as Communidades, sem embargo dos officios, que fazia. Mas sobre tudo ficou celebrada pelo affecto, com que orava. Affirma-se, que n'aquelle espaço, que se dava á oração, tanto se alheava de tudo o da terra, que nem conhecia quem se chegava a ella, nem ouvia, se lhe fallavão: e para acudir era necessario tirar-lhe pela roupa, ou pelo braço.

Da Madre Soror Brites de Christo se conta, caso importante para nossa doutrina, era conhecida por huma alma purissima. E entrando em artigo de morte com perfeito juizo; depois de ungida, começou a fallar com grande promptidão cousas mal entendidas; mas de huma que se colheo, ficarão entendendo as Religiosas, que estava em disputa, e se lhe pedia conta. Porque disse de huma vez: Isso foi com licença. Encherão-se todas de medo, não só do juizo, mas de verem na resposta, que se fazia de cousas muito muidas. Passado hum espaço, virou-se para as Madres muito alegre, e disse: Vem a Virgem: E fazendo força, que já não tinha para se pôr de joelhos, começou a dizer, banhando-se em lagrimas: Oh Senhora, e onde estaveis! Que me queria tragar. E sem mais dizer, repousou no Senhor.

Quasi noventa annos contava de vida a Madre Soror Maria de São João, sem nunca se deitar em cama: e deitou-se no cabo d'elles para ser ungida huma Sexta feira de Endoenças, e tão robusto estava aquelle sugeito, que durou ainda nove dias até o Sabbado depois da Paschoa. E porque nos não espante vida tão larga em quem não tinha cama, he de saber, que accrescentava a este rigor, andar quasi sempre descalça, e não comer nunca mais, que huma só vez no dia. D'aqui fica bem entendido, qual seria nas outras partes da Religião. Tal era em todas, que pelo grande conceito, que os Prelados maiores tinhão d'ella, foi muitos annos Mestra de noviças, e muitas vezes Prioresa. Conta-se d'ella que sendo Prelada, não admitio nunca na mesa melhor porção, nem differença do que se dava na Communidade. E se alguma cousa de comer lhe mandavão de fóra, hia sem detença para as doentes; sendo de qualidade, que não servisse para ellas, logo o repartia entre as sãas. E o mesmo fazia, quando era subdita. Mas com esta differença, que então levava tudo o que lhe vinha á Prelada, e obrigava-a com rogos á repartição. Quando estava sem cargo, seguia com tanto rigor as regras de humildade, que nenhum officio por baixo, e despresado que fosse, refusava,

e servia com gosto, e com diligencia: e costumava a dizer, que para huma verdadeira Religiosa, nenhum officio da Religião era baixo. Na ultima hora, vendo que acabava, e que era em Sabbado, pedio que lhe cantassem humas Antifonas de nossa Senhora. Disserão-lhe apoz ellas a oração: *Concede nos famulos tuos, etc.* Estava tão desassombrada em passo tão temeroso, e tanto em si com tão longa idade, que advertio rezassem a oração das completas do Officio pequeno: dizendo, que era mais conveniente para aquella hora, que he: *Concede Misericors Deus, etc.* E na musica santa d'esta oração acabou.

Sahem-nos n'este lugar tres irmãas Conversas, irmãas nossas por religião, e entre si por nascimento: e verdadeiramente irmãas na virtude, e boas qualidades. A primeira, e mais velha, que chamavão Soror Margarida de São Miguel, era hum extremo de charidade, tão compassiva das doentes, e principalmente das que padecião dores, que não parecia menos senão, que todas as alheas erão suas, e que podia dizer com São Paulo: *Quis tribulatur, et ego non uror?* Assim as sentia, assim as chorava, assim lhes procurava consolação, e remedio. E o ser tal, foi causa de que fez o officio de Enfermeira mais de trinta annos. Ficou em memoria, que esmaltava esta charidade com hum dom, que mais parecia do Ceo, que natural. Fallando de Deos, ou com Deos, acudião-lhe palavras de huma brandura, e devação maravilhosa, que como fogo abrasavão os corações. E o que mais he, que não sabendo totalmente ler, allegava sentenças da Escritura, e dos Santos, bem pronunciadas, e a proposito do que tratava. A quem tinha conhecimento de sua vida, não fazia isto admiração. Porque suas penitencias erão extraordinarias, a Oração perpetua, e de toda a hora, arrebatada sempre em amores do Ceo, e do Senhor d'elle. Suspirava de continuo no intimo das entranhas, e algumas vezes como arrebentando dizia: *Quando veniam, et apparebo ante faciem Dei?*(1) E se lhe perguntavão, que cousa a obrigava a tal efficacia, dobrava os gemidos, e respondia: *Desiderium habens dissolvi, et esse cum Christo*(2). E acrescentava: E com a minha fiadora. Entendia a Sagrada Virgem Mãi, em cuja mão tinha como depositado o remedio de sua salvação. Com este acertado, e cortezão termo, quando adoeceo da doença, que a levou, fez-lhe festa, como outrem pudera fazer á saude. Mas vendo, que não acabava tão depressa, como desejava, affligia-se comsigo, e dizia: *Quis me liberabit de corpore mortis hujus?*(3) Foi o mal crescendo, começou a pa-

(1) Psalm. 41. (2) Ad Philip. 23. (3) Ad Roman. 7.

decer tormentos de sede ardente. O meio, que tinha para os passar, era lembrar-se do poço de Sichem, e considerar a suavissima pratica, que o bom Jesus teve com a Samaritana(1): pedir-lhe d'aquella agoa, que tinha virtude de matar a sede para sempre. E sobre o ponto dizia agudezas, e conceitos cheios de brandura, e amor divino. Tolhião-lhe os Medicos a agoa, porque caminhava para hidropica; e com a falta d'ella deu em extremo fastio. Rogavão-lhe as amigas, que comesse: e ella respondia: *Non in solo pane vivit homo*. E disse-o tão de verdade, que em nove dias inteiros, antes de acabar, não passou bocado de nenhuma cousa. N'estes foi o Senhor servido dar-lhe hum purgatorio de incomportaveis dores. Choravão as amigas de lastima do que lhe vião padecer. E ella conhecendo, que erão correios da morte, que sobre tudo dezejava, dava-lhes mil graças, e chegava a dizer sutilesas, e certifical-as, e contal-as com gosto no mesmo tempo, que mais lhe rohião as entranhas. Estranhas contrariedades, que só se achão nos Santos. Dizião os versos: Tantos são os bens que espero, que nas penas me deleito. Quando quiz expirar, que acudirão todas as Religiosas ao som das taboas, que soarão, vendo-as entrar, dizia-lhes com alegria: Venhais embora, meus coros de Virgens Santas; muito se recreia minha alma em vossa vista. Senhoras Madres, peço-vos, que me perdoeis não vos ter servido como era obrigada. Apoz isto punha os olhos em huma Senhora da Piedade, que tinha defronte; e tornava dizendo: Vedes, minhas senhoras, e meus anjos, esta Rainha do Ceo tão chorosa? Pois sabei que está agraciada para mim, ella he minha fiadora. Logo lhe começou a rezar humas Antifonas pronunciadas com hum sentimento d'alma de grande devação. E chegando ás palavras, *Surge, propera amica mea, et veni*, foi-se em paz como chamada traz ellas. Era na Oitava d'Assumpção da Senhora. Ao amortalhar achou-se-lhe huma cadea de ferro cingida.

Chamava-se a segunda irmãa, Soror Isabel de São João, que para dizermos tudo o que d'ella se póde dizer em huma palavra, parecia-se em tudo o que era virtude, com Soror Margarida. E tinha de mais ser tão amorosa para todas as Religiosas, que todas lhe chamavão mãi. E como se fora de cada huma, assim foi sentida sua morte. Conta-se por exemplo de sua charidade, que foi Enfermeira sete annos continuos, que tantos esteve como entrevada com trabalhosas doenças: e assim a curava,

(1) Joann. 4.

e sofria, e animava, como pudera fazer a huma filha(*). E tão longe de sentir pena com tal carga, que quando faleceo a chorou, e pranteou como a verdadeira filha.

Com a mesma opinião de santidade, morreo e viveo Soror Anna da Conceição, que era a terceira irmãa. Com trazer sempre ás costas o maior peso da casa, e do serviço d'ella, era sua oração perpetua, e suas penitencias muitas, e asperas. E para que louvemos a Deos, viveo longos annos, sem deixar nunca de trabalhar. Contão as que a alcançarão, que tinha particular graça em fallar de Deos.

CAPITULO XIX

Das Madres Soror Filippa de São João, Soror Francisca dos Anjos, Soror Filippa do Espirito Santo, e Soror Aldonça de Jesus, com algumas particularidades da casa.

A Madre Soror Filippa de São João teve alto grão de merecimento na Religião. Porque desejando desde a primeira idade de servir a Deos n'ella, padeceo gravissimos contrastes do mundo. Não ficou em lembrança a qualidade d'elles, nem de quem lh'os causava: mas soube-se, que a puras orações, e lagrimas venceo todos: e chegou a receber o habito. Depois de recebido, então descubrio o Demonio, que de suas traças, e das officinas infernaes sahirão os impedimentos, que teve no habito; armando-lhe outros muitos, para que não chegasse a hora bemaventurada da profissão. E sabia bem o que fazia. Porque, tanto que Soror Filippa se vio quieta no estado santo, que pertendera, tal vida fez, que andando sãa, e bem, soube, e publicou anno, mez, e hora, em que havia de morrer; e apontou, que havia de ser em dia de festa de Corpus. E não se enganou em nada.

Era irmãa d'esta Religiosa a Madre Soror Francisca dos Anjos; e a ella em tudo semelhante, salvo, que sendo a mesma nos exercicios santos, era sempre enferma: e todavia não podia acabar comsigo afrouxar n'elles. E porque em nada ficasse differente da irmãa, tambem descobrio ás suas amigas o dia, e hora, em que havia de falecer. E foi tanto ao certo, que chegando-se o termo, que tinha dito, mandou tanger as

(*) N. B. Ambas as edições estão evidentemente viciadas n'esta passagem: comtudo, a errata da primeira não accusa erro typographico. (I. F. da S.)

laboas, não só com socego, e segurança, mas com conhecido alvoroço. Despedio-se das Madres, pedio hum Crucifixo, e rezando o Credo muito devagar, quando o acabou com Amen Jesus, acabou tambem a vida.

Sobre muitas virtudes, em que a Madre Soror Filippa do Espirito Santo foi assinalada, teve particular dom de governo. Tinha com todas grande brandura, e affabilidade, com igual zelo da Religião. Assim sabia castigar os defeitos com tal medida, e prudencia, que as castigadas lhe reconhecião obrigação, sem ella faltar em nada do que devia á sua. Mas sabido he, que muitas vezes não basta isto para contentar ás Communidades, onde os gostos, e os entendimentos são mui varios, se senão acha da parte d'ellas animos desinteressados, e geral amor da Religião. D'onde ficamos collegindo, que havia n'esta casa muito de huma cousa, e outra. Pois he certo, que todas quantas vezes pôde ser eleita em Prioresa, nunca deixou de ser buscada uniformemente com todos os votos. E governou a casa em diversos tempos vinte annos inteiros. Os ultimos sete da vida cahio em huma terrivel enfermidade, que a teve cercada de dores, e miserias, a que nossa humanidade he sugeita: mas no meio d'ellas resplandeceo em paciencia, devação, e oração, que a todas edificava. E erão tantas suas lagrimas todas as vezes que se confessava, ou via o Santissimo Sacramento, que era juizo commum, que tinha dom d'ellas.

Com outra Prioresa daremos fim ao que podemos averiguar das Religiosas d'esta casa. E não fazemos historia de mais, sendo muitas as que n'ella houve insignes em grandes virtudes: porque nos determinamos em não tratar mais, que d'aquellas, em que achamos alguma particularidade extraordinaria, fazendo conta, como em outra parte dissemos, que se houveramos de escrever de todas as que n'este Mosteiro, e nos mais d'este Reino merecerão nome de verdadeiras filhas de São Domingos, na perfeita guarda de suas obrigações; nem tempo tiveramos, nem papel. Esta Madre, cujo nome era Aldonça de Jesus, era, e foi dotada de huma singular humildade, que lhe reluzia em tudo quanto dizia, e fazia. E como suas palavras, e obras representavão o que tinha no coração, da mesma maneira ficava sendo o seu aspecto hum retrato de brandura, e singeleza. Até nos habitos que vestia, dava sinal de animo desabafado de toda a presunção, porque erão tão ordinarios, e sem curiosidade, como da mais humilde subdita da casa. He grande irmãa da humildade a santa pobreza. Esta estimava, e amava sobre maneira; e por ella era grande amiga dos pobres, e compassiva das doentes, e das que

qualquer outra tribulação padecião. Entendendo em huma vagante de Prioresa, que a querião nomear de novo, fez grande força por estorvar a eleição. E quando vio que não bastava, fez outra muito maior, para não ser confirmada. Mas o Provincial teve mais respeito ao que sabia de suas partes, que ao santo termo, com que recusava a vãagloria de mandar. E fazendo escrupulo de condescender com seus requerimentos, que erão mui efficaces, não sómente a confirmou, mas obrigou com preceito declarado na patente que lhe mandou. Aceitou em fim, mas com tantas lagrimas, e sentimento, que ás que chegavão a dar-lhe os parabens, respondia com firmeza, que esperava nas Chagas do bom Jesu (era devotissima d'ellas) que já que não pudera livrar-se de entrar no cargo, ellas a livrarião de o acabar. E não se enganou. Porque faltando-lhe hum anno para cumprimento dos seus tres, adoeceo, e veio a falecer em vespera do nascimento do bom Jesus, de quem tinha o nome, quando acabava o anno de 1597, notando-se hum novo, e desacostumado sentimento em todas as que ficavão vivas, e igual alvoroço, e alegria na que morria. A razão, que ella, e ellas tinhão, inda que era publica, e sabida por muitas vias, quiz o Senhor descubrir por outra de aventajada gloria pera sua serva. Foi necessario tres annos depois abrir-se a sua cova. Tanto que as enxadas começarão a levantar a terra, começou ella a evaporar de si huma fragancia extraordinaria, como das mais cheirosas flores dos jardins reaes. He o sitio onde a sepultura estava, baixo, e humido; e pela mesma razão costumava a terra d'elle lançar de si hum bafio desagradavel ao olfato. Porém esta tomada nas mãos consolava, e deleitava com suavidade. Acudirão as Religiosas, mandou-se aos coveiros, que fossem com cuidado, e respeito, até chegar ao corpo; senão quando apparece maior maravilha. Descobrem-se os habitos sãos, e logo o vestido claro, e de melhores cores, que quando era doente, e viva. O fato todo, e o veo, e até o calçado estava inteiro, e são, e sem sinal de podridão. Só o toucado se achou gastado, e a cabeça calva: mas não se averiguava, se fora effeito da terra a perda do cabello depois de enterrada, ou força dos annos em vida, como acontece a muita gente. Davão as Religiosas louvores a Deos, por lhes mostrar cousa tão nova. Chegarão-se sem medo, porque alem das feições do rosto estarem como de molher adormecida, mais que morta, meneavão-se-lhe as mãos, e braços, e deixavão-se mover, e dobrar como se viva estivera. Acrescentava o espanto verem, que era molher grossa, e corpulenta, que por razão natural se houvera de cor-

romper em poucos dias: e não podião deixar de julgar o caso por milagroso, vista a opinião de muitos, e mui graves homens em letras, e virtude, que em seus escritos em qualquer pessoa, que aconteça, o dão por manifesto argumento de santidade; visto ser cousa, que excede os limites da natureza. Assim o prova o Mestre Frei Bernardo de Guido, Inquisidor, na morte do santo Inquisidor Frei Bernardo de Caucio: e o Mestre Frei Fernando de Castilho nas vidas de Frei Beltrão de Garriga, companheiro de nosso Padre São Domingos, e de Santa Inez de Monte Pulsiano, e de Frei Roberto Napolitano; e o Arcebispo Dom Frei Agustinho d'Avila e Padilha na historia da Provincia de Mexico da Ordem de São Domingos, escrevendo a vida de Frei Gonsalo Luzero da mesma Ordem (1).

Guardei para este lugar duas mercês, que el-Rei Dom João III, e Dona Catharina fizerão a este Mosteiro: assim por serem de grande honra, e authoridade para elle: como por serem perpetuas, e estar hoje em pé o uso, e utilidade d'ellas. Foi a d'el-Rei hum privilegio, pelo qual as Prioresas sem mais authoridade de justiça podem mandar executar, e penhorar seus rendeiros, e caseiros. Que he hum genero de jurisdição tal, que não sei outra Communidade n'este Reino, que a tenha. A da Rainha he de mais interesse, e não menos credito. Fazia testamento, lembrou-se do muito amor, que lhe tivera; quiz confirmal-o com huma fermosa memoria de sua devação, fez-lhe doação de trezentos mil réis de juro perpetuo, e sem condição de retro, e juntou a ella huma obrigação que fica em grande favor da nobreza d'este Reino, que como toda se empregava em servir á coroa, e em geral possue poucas rendas; e pela mesma causa a mór parte das filhas dos homens nobres vem a povoar os Mosteiros, ordenou a Rainha, que n'este houvesse continuos dez lugares para outras tantas donzellas, cujos pais se tivessem sinalado no serviço dos Reis, e Reino, molheres nobres, legitimas, e limpas. Estas taes se recebem sem nenhum genero de dote; salvo o apparato costumado de suas entradas. E porque quasi em todos os Mosteiros, por abastados que sejão, he ordinario padecerem muito as Religiosas, que em particular não tem algum soccorro de renda, manda a Rainha, que a cada huma d'estas dez, se lhe lhe contem na mão em cada hum anno oito mil réis, para os poderem dispender comsigo livremente. Estes lu-

(1) M. Fr. Bernard. in lib. de Tribus Grad. Præl. Ord. Præd.—Castilho part. I. liv. I. cap. 17, e part. II. liv. I. cap. 33. e liv. II. cap 63.—Fr. Agust. Cron. de la Orden lib. I. cap. 87.

gares estão de ordinario occupados, provendo-se os que vagão por exame rigoroso do Capellão mór d'el-Rei, que faz suas consultas a Sua Magestade, das pessoas que para elles se offerecem, mais benemeritas; não faltando semelhantes gasalhados em outros Mosteiros do Reino. Obra tão bem nascida da piedade, e bom juizo d'esta mesma Senhora. He ponto da doação do Mosteiro, que em caso, que alguma das dez venha a herdar depois de provida no lugar alguma fazenda não esperada, qualquer que seja, pertença toda ao Mosteiro. E he em favor das dez outro ponto muito essencial, para que nunca possa faltar sustentação commoda, recebendo-se numero de Freiras demasiado, está prohibido haver no Mosteiro mais de trinta Freiras sobre as dez. E havendo de ser admitida alguma extranumeraria, não póde ser sem tanto dote, que pelo menos valha de renda perpetua para o Mosteiro quarenta mil réis em cada hum anno.

CAPITULO XX

Fundação da Vigairaria de Nossa Senhora da Esperança da villa das Alcacevas.

He ultima das casas, que o Provincial Frei Jeronymo de Padilha recebeo á Ordem, a Vigairaria, que chamamos da Serra das Alcacevas. As Alcacevas he huma boa villa a sinco legoas d'Evora, de que são senhores os do appellido illustre de Henriques, descendentes de hum dos filhos do Conde de Gigion, que sendo netos d'el-Rei Dom Henrique II de Castella, e d'el-Rei Dom Fernando de Portugal, derão a este Reino grandes, e honradas casas: esta com o nome de Henriques; as mais com o de Noronhas, tomado do lugar de Noruenha em Austrias, de que que o Conde fora senhor. A serra he hum monte, que junto da villa se levanta em tanta altura, que lhe quadra bem o nome de serra. Porque descobre muitas legoas de terra, e muitas villas, e lugares. Sobre a coroa d'ella havia huma casa de tal fabrica muito antiga, e tal que se julgava por obra em seus principios de Romanos, ou para templo de algum de seus idolos, ou para assistencia, e defesa de atalayas em tempo de guerras. Dão sinal do que dizemos, a capacidade grande da casa, e huma demasiada grossura de paredes, fortalecida superfluamente de grandes estribos de botarios. Ajuda esta conjectura, acharem-se ainda hoje na visinhança d'ella moedas Romanas de cobre. E consta-nos, que em

tempos atraz se achavão outras de prata, e ouro. Do tempo, em que se consagrou a Christo, não ha noticia. Devia ser huma vez em tempo dos Godos. E entretanto que os Mouros forão lançados d'esta comarca, que foi a ultima, que n'este Reino possuirão até o reinado d'el-Rei Dom Affonso II, que os conquistou com ajuda de humas armadas de estrangeiros no anno de 1217, que vinhão das terras do Norte, e passavão á guerra da Terra Santa(1). Tomou-lhes este Rei a villa d'Alcacere do Sal, em que estavão fortificados distantes das Alcacevas sinco legoas. Puzerão n'ella os primeiros, que da segunda vez a purificarão, huma imagem da Virgem Rainha dos Ceos, com titulo da Esperança, titulo acertadamente applicado ao que representa. Porque affirmão todos os que a visitão, que enleva os corações com a magestade; e com a graça, e bom ar, provoca a huma espiritual alegria, e confiança. D'aqui vem, que he visitada de grande concurso de Romeiros de todo o Alemtejo, e Campo de Ourique, que lhe fazem muitas esmolas. E os Pontifices antigos querendo favorecer a devação, de que tiverão noticia, concederão particulares indulgencias aos que a visitassem pelas festas da Conceição, Nascimento, Purificação, e Assumpção da Senhora. Estes forão Calixto III, e Xisto IV. E depois d'elles, vindo a este Reino por Nuncio Apostolico Marco Vigerio de la Rovere, Bispo de Senogalha, concedeo outras indulgencias, a quem visitasse a casa por Paschoa da Resurreição. Era senhor da villa Dom Fernando Henriques, e pela mesma razão ficava sendo a Ermida de seu padroado. Pareceo-lhe, que adiantaria em authoridade a romagem, e a Senhora ficaria mais venerada, se a acompanhassem seus antigos, e continuos Capellães os Frades de São Domingos. Resolveo-se em lh'a dar, pelo que entendia que resultaria tambem á sua villa de proveito espiritual. Offereceo-a ao Mestre Frei Jeronymo no primeiro anno, que começou a servir o cargo de Provincial, que foi no de 1541. E d'este lhe corre sua antiguidade. Porque no mesmo a aceitou a Provincia, com licença, e consentimento do Cardeal Infante Dom Henrique, que já então era Arcebispo d'Evora, em cuja diocese cahe. Foi o Provincial pessoalmente tomar posse da casa em nome da Ordem, acompanhado de alguns Frades da Ordem. Acharão-se presentes o senhor da villa Dom Fernando, e seu filho herdeiro Dom Henrique Henriques, e authorizarão com segunda dadiva a primeira. Derão para principio do Mosteiro setenta rezes, entre bois, vacas, e novilhos;

(1) Duarte Nunes de Leão na vida d'el-Rei D. Affonso II.

e cento e sincoenta e duas cabeças de gado miudo, e trezentos cruzados em dinheiro.

CAPITULO XXI

Origem, e antiguidade do Mosteiro de Freiras de Santa Catharina de Sena d'Evora, antes de ser recebido na Ordem de S. Domingos, e no titulo de Santa Catharina.

Segue as Alcacevas em ancianidade da Ordem a casa de Santa Catharina de Sena d'Evora; inda que em sua primeira origem he muito mais antiga. Houve n'esta cidade humas devotas molheres da geração dos Estaços, que n'ella foi em tempos atraz nobre, e conhecida; que determinando-se em servir a Deos, retiradas do trato, e vaidades do mundo, tomarão casas juntas pelos annos do Senhor de 1400. E ficou em memoria, que a primeira em que viverão, era de huma Senhora, que chamavão Dona Guiomar da Silveira, a qual escolherão convidadas da commodidade de hum bom oratorio, que n'ellas havia, e que então se achava em mui poucas da cidade. N'este sitio forão procedendo com tanto concerto de vida em virtude e clausura, que se fizerão estimar do povo, e erão conhecidas pelo Recolhimento dos Estaças, dando-se-lhe o nome da familia de que tinhão o sangue. Outros lhes chamavão as Beatas de Santa Martha, por ser tal a invocação do Oratorio. Andando o tempo, foi-se-lhe chegando gente: e como crescerão em numero, cresceo tambem o dezejo de perfeição. Ficarão em lembrança os nomes de seis, que com animo verdadeiramente religioso vierão a renunciar por escritura publica todos os bens, e rendas, que possuião, que foi hum genero de votar pobreza: fazendo perpetua doação áquella Communidade de tudo o que de presente tinhão, e ao diante lhes podia por qualquer via pertencer. Chamarão a isto testamento, E foi feito aos sinco dias de Março do anno de 1485. Logo seguio a renunciação de fazenda outra mais difficultosa, que foi das vontades, sugeitando-se todas de commum parecer ao governo de huma só. Chamavão-se as seis Maria da Fonseca, Isabel Godinha, Leonor da Fonseca, Inez Martins, Leonor de Pina, Isabel Affonso. E foi Maria da Fonseca a que ficou com o cargo das pessoas, e fazenda de todas, e como Prelada. E para que tudo fosse novo, escolherão tambem novo titulo para a companhia. Começarão a chamar-lhe Ajuntamento das pobres, e á Prelada a mór Pobre. Era o aposento em que vivião, vizi-

nho ao Convento de S. Domingos. A elle acudião nas festas solemnes, e prégações. E ou fosse, que as obrigasse o trato de materias espirituaes, em que se valião dos Frades; ou devação que forão tomando á gloriosa Santa Catharina de Sena, pelas maravilhas, que de suas virtudes ouvião d'elles, vierão ajuntar ao bom termo de vida, com que procedião, o habito, e profissão da Terceira Regra da penitencia de S. Domingos: e de commum consentimento se entregarão á Ordem pelos annos de 1490. E ainda que não consta do tempo preciso, escrituras ha do anno de 1492, que já dão nome de Prioresa á Prelada, e fazem menção de algumas das seis atraz referidas. São as palavras do Tabalião as seguintes: Dentro no Oratorio, e casa de Santa Martha, estando presentes, Maria da Fonseca Prioresa da dita casa, e Isabel Godinha, Joanna Diz, Mor Diz, Dona Violante, e Isabel Affonso, Freiras professas, estantes, e viventes na dita casa, etc.

Acabou seus dias a Prioresa Maria da Fonseca, tendo servido esta Communidade de Santa Martha muitos annos; parte antes de vestirem o habito de Terceiras, e parte depois. Succedeo-lhe no cargo, e foi segunda Prioresa a Madre Filippa Pereira, que governou a casa muitos annos, conservando-a na mesma opinião de virtude, que sua antecessora. O que se deixa entender de alguns escritos de pessoas devotas, que lhes deixavão fazenda, e as mais dão por razão da esmola, a boa vida, virtudes, e honestidade da Prioresa, e Freiras. Outras declarão tambem, que por serem pobres, e particularizão além da pobreza, não terem Missa ordinaria, nem certa. No que se ha de entender, que podendo ser tanta a estreiteza de fazenda, que não tivessem com que sustentar Capellão perpetuo. Tambem era costume d'aquelles tempos, onde havia Freiras terceiras, inda que vivessem juntas, e em Communidade, como estas, acudirem todas aos nossos Mosteiros nas festas, e dias solemnes. Tinhão seu lugar separado nas Igrejas defronte do pulpito; hião demandal-o ordenadas em procissão.

Pelo que temos contado fica entendido, que em tudo quizerão estas Madres conformar-se com as do Paraiso, vizinhas suas da mesma cidade, até chegarem a professar na Terceira Regra. Agora veremos, quam bem souberam buscar o rigor da Primeira, mantel-o, e perseverar n'elle. Era a Prelada molher de valor. Estava fresco o exemplo, com que Joanna Correa introduzira a Observancia no seu Mosteiro do Paraiso: diante dos seus olhos havia por afronta da muita religião, em que vivião as

Madres de Santa Martha, estarem com nome, e estado de Terceiras, quando na realidade de costumes, e austeridades não diffirião nada das que tinhão nome de primeiras na regra. Assim buscou meios, e fez diligencia, com que alcançou de Roma as licenças necessarias; e apoz ellas a do Provincial (não podemos averiguar ao certo d'esta, nem das outras): e esta ultima veio acompanhada de huma patente, para a Prioresa do Paraiso mandar tres Religiosas, que fossem reduzir a casa ao estilo da Observancia. Foram estas as Madres Soror Violante d'Assumpção, logo instituida, e confirmada em Prioresa: Soror Antonia de Santo Thomas, e Soror Joanna de Christo. Mostrarão as Terceiras no fervor, e devação com que abraçarão o novo rigor, o gosto, e cuidado, que tinhão posto pelo alcançar. Porque em pouco tempo de discipulas, se fizerão mestras: e adiantarão tanto em todos os particulares, que fazem a Religião fermosa, que as fundadoras houverão por desnecessaria sua assistencia entre ellas, e pedirão aos Prelados licença para se tornarem para o seu Convento. Foi-se Soror Violante antes de cumpridos quatro annos de seu cargo, deixando já muitas filhas de habito, e profissão. Acompanhou-a Soror Antonia, e o mesmo quizera fazer Soror Joanna. Mas não pode ser; porque a pedirão as Religiosas por Prelada. E ficou no officio obrigada de preceito de santa obediencia, que se affirma lhe custou muitas lagrimas, e muita desconsolação.

CAPITULO XXII

Mudão estas Religiosas casa, e nome de Santa Martha em casa, e nome de Santa Catharina de Sena.

Começou Soror Joanna de Christo sua Prelacia com lagrimas, pronostico certo de boas venturas, e de administração inteira e santa. Que não era outro o alvoroço, com que os Santos antigos aceitavam mandar; e por isso sahião tão acertados seus governos. A primeira cousa, em que occupou seu entendimento, de materias temporaes (porque as espirituaes corriam com grande concerto, e não havia que melhorar n'ellas) foi buscar sitio para nova casa. Era tal o de Santa Martha, que sobre ser estreito, não tinha em si commodidade para se alargar. E convinha fazer recolhimento, não só para muitas molheres nobres, que requerião o habito; mas tambem para as que já o tinhão; que todas estavão mal

agasalhadas. E como he primeiro cuidado de bom governador acudir ao bem publico, affligia-se de ver, que sendo assim, que quem se condena a encerramento perpetuo, parece razão ter dentro n'elle tal commodidade, e largueza, que haja onde respirar, e seja sepultura de vivos (que emfim não são outra cousa os Mosteiros) Santa Martha n'estes tempos com a gente, que tinha recebida de novo, estava quasi sepultura de mortos. Andando com esta afflição foi avisada, que o Conde de Vimioso Dom Francisco de Portugal tinha hum sitio na cidade com huma Ermida da invocação de Santa Catharina de Sena, em que havia campo para se poder edificar hum bom Mosteiro: e que o Conde tendo primeiro tenção de fabricar n'elle, estava de novo suspenso, e indeterminado. Vindo o Provincial a Evora, communicou-lhe a Prioresa o que temos referido. E elle sem tardar foi-se ao Conde, propoz-lhe a necessidade das Freiras, e o bem que estaria a ellas, e a elle passar-se para ali a casa de Santa Martha. A elle, porque se dezejava Mosteiro de Freiras, e da Ordem de S. Domingos, como se dizia, achava tudo feito, pois o que tocava á pedra e cal, era o menos. A ellas, porque em toda a cidade não sentião outro lugar mais a proposito. Tambem dizem, que usarão as Freiras de hum meio de simplicidade, e boa fé do tempo antigo, que foi fazerem huma petição em nome da Communidade; asssinarem-se todas, poremna em mão de huma imagem de nossa Senhora, fazendo-a com o Conde procuradora de sua causa. Qualquer que fosse o meio, o Conde, que era todo bondade, e boa sombra, não só concedeo alegremente o sitio; mas indo lôgo a Santa Martha, se offereceo á Prioresa, para ajudar a obra a todo seu poder; como fez em quanto viveo, sem pedir mais, que a capella mór para si, e seus descendentes, com obrigação de parte das Religiosas de hum Pater noster, e Ave Maria dito em Communidade cada dia depois de Prima, com sua Oração de defuntos, em voz que se podesse ouvir de hum Coro a outro. Isto passou então. Mas pelo tempo em diante vendo-se as Freiras com Convento feito, derão o Padroado á Condeça Dona Joanna de Vilhena, e ao Conde Dom Affonso seu filho com dous lugares perpetuos n'elle para Freiras, sem mais dote, que a quarta parte do ordinario.

Começou logo a Prioresa a entender na fabrica com grande, e extraordinaria diligencia. E para que ficasse com t da a capacidade e boa traça possivel, comprou huma grande casaria vizinha, que lhe custou mil cruzados. Andava o Conde com grande vontade, e boas esmolas. Acudião

pessoas devotas com outras. Assim se poz a obra em termos, que quando foi por vinte quatro de Abril de 1547, dia em que cahio a Dominga de Pastor Bonus, deixarão as Religiosas casa, e nome de Santa Martha, e começarão a possuir casa, e nome de Santa Catharina de Sena, com hum extremo de gosto, e consolação do bom Conde, que com toda a cidade as acompanhou. Forão vinte e tres, afôra a Prioresa, as que vierão de Santa Martha, das quaes muitas erão mininas, e as mais d'ellas muito nobres. Mas porque havia ainda algumas officinas imperfeitas, aplicarão-se todas a dar-lhes remate com tanta vontade, que ficou em memoria, que quando á noite os officiaes desapegavão do trabalho, se juntavão as Freiras moças, e velhas, que por suas mãos acarretavão os materiaes de pedra e tijolo, cal, e area de lugares distantes, e os punhão com festa, e a quem mais podia, ao pé da obra; para que no dia seguinte corresse com mais pressa, achando os mestres tudo á mão. Emfim deu-se remate a tudo o que faltava por fazer, na entrada d'Agosto do mesmo anno. E quando foi vespera de nossa Senhora d'Assumpção, sem receio nenhum dos que considera a Fisica na vivenda de casas acabadas de fresco, entrarão em procissão a povoar o novo dormitorio.

D'este dia em diante como a casa ficou quieta, e livre da occupação de pedra, e cal, e pedreiros, entrou com novo fervor o edificio espiritual. Começarão as almas entregar-se de todo a Deos. E como de antes no carreto de materiaes imitavão a diligencia de solicitas abelhas, para fabricarem suas moradas: assim agora fazião o mesmo. Mas para melhor fim, que era para grangearem, e frutificar o mel, e suavidade dos bens da Religião; crescendo em todas com a mudança do sitio, e titulo hum novo dezejo de retratarem em si a santidade, e virtudes da nova Padroeira Santa Catharina. E muitas o fizerão com grande pontualidade, como logo veremos. Assistia como Mestra que era, e fundadora a Prioresa, alegrando-se do que via ser em grande parte obra de suas mãos, e trabalho; e fazendo com seu exemplo, que não afrouxasse por nenhuma parte a observancia. Tal era o seu cuidado na oração, na penitencia, nas mortificações, e tão prudente seu governo em tudo o mais, que governou a casa vinte annos: e parece-me, que nenhum louvor, nem melhor testemunho podemos dar de sua virtude, e partes. Porque a experiencia nos mostra, que ha pessoas, que em seu governo particular procedem bem, e com grande satisfação; mas estas mesmas chegando a ter cargo de huma Communidade, ou se perdem, ou perdem o tino do que

convém para boa administração de subditos, pelo grande valor, que he necessario para levar condições varias, e vencer os contrastes, e difficuldades, que cada passo, e em cada materia das Communidades se offerecem. Mandou-a descançar o Geral Justiniano, que pelos annos de 1566 visitou esta Provincia; e todavia inda os Prelados a occuparão de novo na instituição de hum Mosteiro, que pouco depois se fundou em Azeitão, que chamarão Bom Pastor: e deixando-o ordenado, se tornou para Santa Catharina, onde acabou em boa velhice. Deve-se a esta Madre o que d'ella temos dito por memoria da fortaleza, com que sustentou o rigor, e austeridades da regra: e veio fundar em Santa Martha, e depois passou a Santa Catherina, com que deu occasião a huma fama, que n'esta casa ficou, e dura inda hoje, de que todas as Madres, que com ella vierão, forão Santas. Grande louvor da casa, grande louvor, e honra ,de quem tal criação soube fazer.

Algumas cousas se contão dos principios d'este Mosteiro; que tambem he razão acompanhem quem o principiou e fundou. Porque são raras, e bem de notar. Começou quasi com a casa, e durou muitos annos depois, ajudar a rezar o Officio Divino de parte do coro direito huma voz em falsete, expressiva, muito espivitada, e clara, hum som tão retinido, que não havia duvida em ser voz de fóra, clara, e manifesta. Notava-se, que no verso Gloria Patri, soava, e levantava mais. E causando primeiro pavor, veio a ser tão familiar para as Religiosas, que se algumas vezes faltava, como aconteceo faltar, se desconsolavão muito. Perguntou-se a bons Letrados, que poderia ser. O grande Inquisidor Frei Manoel da Veiga, e depois o Mestre Frei João de Portugal, agora meritissimo Bispo de Viseu, ambos assentarão, que seria Anjo. Porque a ser alma de alguma Religiosa do Purgatorio, como dizião outros Letrados, não fizera interpolações, como se via, faltando alguns dias, e tornando: grande gloria d'esta Communidade, que descessem Anjos do Ceo, e a viessem ajudar aos louvores divinos.

Não tem menos de admiração por outra via o caso, que agora diremos. Havia no claustro hum grande pessegueiro, que dava muita, e fermosa fruta, que a Prioresa estimava, para fazer presentes á Condeça, sua Padroeira, e ás Senhoras devotas, que fazião bem á casa. Como estava em lugar aberto, e a fruta se fazia cobiçar por muita, e bella, e deleitosa á vista, usou das armas da religião, declarando, que mandava não tomasse ninguem, nem tocasse n'ella. Porque queria, que a Conde-

ça tivesse o gosto de a vir colher por sua mão, como fosse tempo; mas não faltou em casa quem se deixasse vencer da tentação, de querer parte no vedado: e foi com tanto excesso, que ficou manifesto o furto. E a Prioresa sentida mais da desobediencia das subditas, que da falta do fruto, levantou a voz contra a arvore, e disse, que por obediencia lhe mandava, que não désse mais fruto. Foi caso espantoso, e de grande confusão para desobedientes. Estava o pessegueiro verde, viçoso, e copado, desde aquelle ponto o desempara a graça, e frescura natural, perdeo folha, e fruto: e emfim secou, sugeitando-se a insensivel, e innocente pranta á voz da obediencia, que não guardarão as que por profissão lhe estavão obrigadas.

Mais admira que tudo, e he ponto de grande louvor d'este Mosteiro, que despejando-se todos os da cidade, na temerosa peste do anno de 1569, sustentou constantemente sua clausura, sem d'ella sahir nem huma só pessoa, temendo com religioso espirito a contagião do mundo, mais que nem a da peste. Assim foi o Senhor servido, que sendo ferida d'ella a Madre Dona Catharina de Castro Prioresa, e andando pela mesma razão todas inficionadas, em nenhuma fez danno.

CAPITULO XXIII

De algumas Religiosas, que n'este Mosteiro se adiantarão em fama, e obras de grande espirito.

Devemos primeiro lugar em cortezia, inda que outras precederão por antiguidade, ás Religiosas do sangue do padroeiro, e fundador. Tres filhas dos Condes Dom Affonso de Portugal, e Dona Joanna de Gusmão achamos, que tomarão n'esta casa o santo habito, e procederão com tanto espirito, que não forão de menos honra n'elle suas obras, que suas pessoas. Soror Joanna de Jesu, que foi a mais velha, tendo muito de todas as mais virtudes, que fazem mais formosa a religião: em duas se esmerou, que fazem fermosissima a nobreza, que forão a humildade, e charidade. Assim se empregava, e deleitava nos officios mais vis, e baixos da casa, como se fôra a mais abatida, e infima pessoa d'ella, ou como se só para elles nascera, Assim servia as Freiras velhas, como se em cada huma vira a Condessa sua mãi. Assim assistia com as enfermas, consolando-as, amimando-as, servindo-as, como podera fazer a

qualquer de suas irmãas filhas dos Condes seus pais. Ao que ajuntava acudir-lhes com tudo o que tinha de seu, com huma liberalidade, e largueza tão desenganada, que havia por dita, e lhe acontecia muitas vezes ficar falta do que havia mister, porque ás enfermas não faltasse nada. A mesma condição tinha com todo o pobre. D'isto se pudera escrever. Aconteceo-lhe achar-se hum dia na roda, e ouvir hum pobre pedir esmola, não tendo que dar de presente, e não lhe sofrendo o coração deixar de dar, e ganhar a benção de dar logo, que he dar duas vezes, lançou mão á toalha que trazia na cabeça, deu-a, e lançando sobre a cabeça o escapulario, tirou para a cella aceleradamente, por não ser colhida com o furto da charidade nas mãos. Sendo tão serviçal com todas, espantava o mal, que se tratava com penitencias. Era muito enferma: e comtudo tal vida fazia, que o inimigo commum não podia negar a raiva e inveja, que lhe tinha. Disciplinava-se huma noite, arremeça-se a ella, arrebata-lhe as disciplinas. Quando foi manhãa, appareceram sobre huma trave, onde só tal mão as podia pôr. Derão-lhe estas partes o governo da casa, mais que as do sangue, juntando com ellas hum grande valor, e entendimento, de que era dotada. Fez tal prelacia que muitos annos depois de morta durarão as saudades de seu governo. Encantava a brandura, e affabilidade, com que se fazia amar. Espantava a constancia, com que fazia que não quebrasse hum pequeno ponto da guarda da regra. Na reprehensão, e no castigo sabia guardar tal meio, que reprehendendo não escandalisava, e castigando mostrava entranhas de mãi. Mas não he muito duravel o que merece durar muito. Acabou quando mais necessaria era na casa. Deu-lhe huma colica, conheceo que era mortal, não por revelação, senão por discurso de bom juizo. Dizia, que sempre lhe fizera pavor cuidar na morte, e por isso julgava que a tinha á porta, porque se achava sem nenhum medo d'ella. E foi bom sinal para ser crida, que no mesmo dia em que faleceo, pedio que lhe cantassem a huma harpa o Psalmo: *Quam dilecta tabernacula tua Domine, etc.* Isto he o que promette o Espirito Santo: recolher com festa, e cantando, o fructo semeado com lagrimas: *Qui seminant in lachrymis, in exultatione metent.* Foi sua morte por Agosto de 1604. Não he razão ficar em silencio huma fineza, que se conta d'esta Madre. Ardia Evora em peste no anno de 1579, dez annos depois da que ainda hoje chamamos grande, porque foi primeira, e por isso mais temerosa. Dezejou a Condeça sua mãi desvial-a do perigo, consentio que a viessem buscar.

Veio á portaria, fez entrar nas andas sua irmãa, que ainda não tinha o habito, e mandou aos criados, que a levassem, e dissessem a sua mãi, que ella o dia, que se obrigara áquellas paredes pela profissão, fora para as não largar nunca, senão por morte: sua irmãa, que estava inda livre de semelhante obrigação, poupasse a vida, e se fosse embora, que em sua tenção só para ella pedira andas, e companhia: para si nunca tal cuidara. E assim se ficou só no meio do fogo, e do trabalho, contente por ter livrado a irmãa d'elle.

Das outras duas a Madre Soror Filippa de Jesu Maria, depois de muitos annos d'esta casa, sahio d'ella para hir ajudar a fundar o Mosteiro do Sacramento de Lisboa: e sendo n'ella Prioresa, faleceo. Acompanhou-a a Madre Soror Isabel de Jesu. Diremos de ambas, quando chegarmos com a historia a esta fundação. Dona Estefania não chegou a professar, senão em dezejos, que sendo vehementissimos, e sempre encontrados das mudanças, e alterações dos tempos, veio a falecer em idade de dezanove annos, de huma febre maligna, e na morte recebeo o habito merecido, e em tão pouca vida com muitas, e mui solidas virtudes. Foi bom testemunho para a ultima hora, que vendo que acabava começou a cantar a Ave Maria com huma voz tão esforçada, como se estivera sãa, e antes de a acabar expirou.

Succeda a estas Madres, quem por segunda Prioresa d'esta casa nos merece grande memoria, e reverencia, e senão tiveramos que dizer d'ella outra cousa, bastante louvor, e honra era buscar-se sua pessoa, para encher o lugar da fundadora, Soror Joanna de Christo. Esta he a Madre Soror Isabel da Piedade. D'ella se diz, que no dia de sua profissão pedio ao suavissimo esposo das almas Jesu Christo, que em arrhas d'aquelle santo desposorio lhe fizesse tão assinalada mercê, que lhe désse alguma parte do sentimento das dores de sua penosissima Paixão. Seguio-se o despacho tanto á medida do requerimento, que passado pouco tempo, começou a padecer todas as Sextas feiras infallivelmente hum terrivel accidente de febre, e frio: frio de bater os dentes com excessivo tormento: febre ardente, que abrasando-a toda, até o rosto lhe acendia em fogo. Durava o mal, até que entrava o Sabbado: logo ficava não só melhorada, mas tão sãa, como senão houvera passado trabalho. A continuação do accidente em tal dia, que muitos annos padeceo, veio a fazer publico o que com cuidado encubria, e que já não espantava: porque havia n'ella outras muitas virtudes, que bastantemente acreditavão o favor

do Senhor. Por morte da Prioresa Dona Joanna tratarão as Religiosas de a eleger. Não faltou quem lhe désse aviso do que se praticava, cuidando por ventura, que lhe dava nova de gosto. Assim o sentio, assim o pranteou, como outrem pudera fazer em caso de grande affronta. Tal era sua humildade, que de todo cargo de honra se tinha por indigna, e para tudo o que era mandar por insufficiente. Desde logo fez todas as diligencias que pôde, por não chegar a ser nomeada. Mas não bastando nada, porque foi eleita com todos os votos, e o Provincial, que a conhecia, confirmou logo a eleição. Chorava Soror Isabel desconsoladamente, e pondo os olhos no Ceo, dizia, que mais poderoso era Deos, que os homens, e n'elle esperava que acudiria á sua insufficiencia, livrando-a de entender com as almas alheas, quando nem a propria sabia bem governar. Fazem som diante de Deos as lagrimas dos justos, não só são vistas d'elle, mas tambem ouvidas, segundo está escrito pelo Propheta Rei: *Auribus percipe lacrimas meas* (1). A poucos mezes depois de exercitar o officio, cahio em cama de huma doença, que representando nos principios grande perigo, se foi estendendo com variedade de accidentes, que emfim obrigarão os Prelados a lhe dar absolvição, e mandarão eleger outra. Então se vio, como fôra força de orações da terra, e favor do Ceo a enfermidade. Porque na hora, que teve successora, foi melhorando; e emfim convalesceo, e sarou de todo. Viveo depois alguns annos com grande consolação de se ver subdita. E vindo a morrer, aconteceo-lhe, o que a Escritura aponta da molher santa: *Et ridebit in die novissimo* (2). Acabará rindo. Estava para expirar; cobra novas forças, senta-se na cama, levanta as mãos ao Ceo: e abrindo a boca com hum gracioso riso, despedio a alma. Cuidarão as Religiosas, que fôra alguma visão, com que o Senhor a quizera consolar; mas não houve tempo para se averiguar com ella. Como fôra Prioresa, ordenou-selhe enterramento solemne. Ao entregar da cera depois de acabado o Officio, foi achado n'ella notavel crescimento: sinal mysterioso, com que a piedade Christãa se persuade, que o Senhor nos quer mostrar o bom estado dos defuntos a que acontece.

Da Madre Soror Catharina de São Joseph, grande amiga, e companheira nas virtudes d'esta Madre, se affirma, que teve semelhante trabalho nas Sextas feiras, e tambem alcançado com orações. E notava-se em ambas, que sendo occupadas em cargos de officinas, na quinta feira

(1) Psalm. 38. (2) Sap.

compunhão n'ellas tudo o que convinha, e encommendavão ás amigas o cuidado para a sexta. Porque em ambas era dia de martyrio. Nos mais dias, porque lhe não faltasse mortificação, lançava nas çapatas grãos, e pedrinhas, que com o andar se lhe cravavão nos pés, e davão muita pena. E a boa companheira Soror Isabel para o ser em tudo usava de outra, que era lançar na agoa, que havia de beber, cascas de laranja, para que sempre fosse amargosa.

CAPITULO XXIV

Das Madres Soror Brites do Horto, Soror Maria da Resurreição, e Soror Brites da Cruz.

A Madre Soror Brites do Horto era natural d'Evora, e huma das que vierão de Santa Martha. Como tinha o nome do lugar em que o bom Jesu foi tão affligido, procurava mortificar-se por todas as vias, e modos, que podia. Já com muitos jejuns de pão, e agoa: já com dar a pitança inteira aos pobres, e ficar comendo dos pedaços de pão, e sobejos das Religiosas: já com andar toda cingida de cilicios. Mas não se satisfazendo com isto a sede que tinha de padecer por Christo, ficava-se no coro quasi sempre depois de Matinas: e em reverencia do pesado madeiro da Cruz, que o Senhor levou ás costas, tomava sobre seus hombros hum peso, que duas pessoas levantavão com trabalho, e duas amigas lh'o ajudavão a carregar, e com elle passeava grande espaço. Depois de muito cançada aliviava-se com ficar em pé diante do Santissimo Sacramento, com os braços estendidos, como crucificada. E assim aturava, até que por desfalecimento, e não poder mais, lhe cahião os braços, e mudava a postura. Jejuava a pão e agoa quartas, e sextas feiras. E a agoa, que bebia nos dias de sexta feira, era envolta com sumo de cascas de laranjas, em memoria do fel, e vinagre do Redemptor. E por todo o mais tempo o que de ordinario comia, era misturado com copia de sal, e vinagre: para que de todo perdesse o gosto, e sabor. E mandando-lhe a Prelada, que tal não fizesse, porque lhe prejudicava notavelmente á saude, ficou destemperando tudo com agoa fria. Sentia-se Lucifer de ver hum espirito viver em carne com tanto odio, e tão fóra da carne: vingava n'ella terrivelmante sua raiva. Vião as Freiras muitas vezes, que a levavão arrastando pelo coro: ouvião o som das

pancadas que lhe davão, sem aparecer autor a tal obra. Ficava pisada, e moida, mas igualmente contente; porque não ignorava, que todo o poder do Inferno he fraco, sem licença do Ceo. E reconhecendo por autor do que padecia o mesmo Deos, dava-lhe graças, e adiantava com elle em merecimentos. Fazia-lhe grande lastima a dôr, que o bom Jesu passou na sagrada cabeça, quando lha trancavão os espinhos agudos da temerosa grinalda, com que foi coroado por odio, e por escarneo. Quiz sentir alguma parte d'aquelle tormento, que imaginava qual foi, excessivo, e cruelissimo. Juntou tojos verdes, que por verdes tinhão as puas mais vivas, e mais tesas, fez hum tecido, atochou-o na cabeça, lançou-lhe a toalha por cima, e assim andava em martyrio perpetuo. Huma noite da Sexta para o Sabbado foi-se engolfando na consideração do muito que affligira ao Redemptor este tormento; chea de magoa, e compaixão, lança as mãos á cabeça, aperta o toucado, e os espinhos com tanta força, que lhe correo o sangue pelo rosto, e pescoço, e até os braços. E ou fosse desmaiar com o esvaecimento da cabeça, e do sangue, ou que se seguio arrebatamento á dôr, e lastima, que lhe causou a meditação, ficou desacordada tanto tempo, que quando as Religiosas entrarão a rezar Prima, estava ainda em estado que nada sentia, e toda banhada em sangue. Procurarão tornal-a em seu acordo. Entrando em si, a primeira palavra com que acudio, foi dar graças a Deos; porque alcançara d'elle huma mercê, que muito tempo havia requeria, que era acabar a vida com termo tão abreviado, que não fosse penosa a suas irmãas, que muito amava. Assim o disse, e assim aconteceo logo ao Domingo seguinte, á huma hora depois da meia noite, ficando a cela recendendo em hum muito suave e extraordinario cheiro. He muito digno de se saber, que usando esta Religiosa tão rigorosas penitencias, e não as largando nunca, chegou a idade de oitenta annos: para que acabemos de entender os fracos, e mimosos, que o máo tratamento corporal, não só he preservativo da morte eterna, mas tambem da temporal. Constou-me por dito de muitas Madres d'este Convento, que foi esta Religiosa irmãa de Francisco Gonsalves Pegas, avô do Padre Frei Domingos Pegas, Religioso de nossa Ordem, assinado, e morador, quando isto escreviamos, no Convento de São Domingos d'Evora.

A Madre Soror Maria da Resurreição foi celebrada em toda a vida por grandes virtudes: oração de muitas horas, e muito afervorada, charidade sem termo para com todas, rigor sem piedade para comsigo. To-

mando por todo anno muitas disciplinas, na Quinta feira d'Endoenças, tanto que no Convento se sentia a procissão da Misericordia, encerrava-se em huma casa, e em quanto durava o ouvir-se, continuava ella em se disciplinar, de sorte que ficava a casa alagada em sangue. Aconteceo-lhe em sete mezes continuos assistir sem se deitar as noites inteiras diante do Santissimo Sacramento. Quinze dias antes de falecer, sentio-se indisposta; não se quiz deitar, nem descobrir o mal: mas começou a tratar de sua alma com cuidado. Ultimamente mandou a pedir á Prioresa a quizesse ver; e como a teve presente, começou a fazer o auto costumado na Ordem, de quem morre; que he desapropriamento do que se possue. Espantando-se a Prelada do que via em quem, ao parecer, nenhum mal tinha, ella foi procedendo com seu auto, pedindo humildemente perdões, e affirmando por remate, que o não fazia sem causa; porque de certo estava ás portas da morte. Pareceo á Prioresa genero de malencolia; e para lha aliviar mandou vir o Medico. Acudirão-lhe outras Religiosas ao mesmo fim, humas com brincos, outras com flores. Aos brincos respondeo, que já não era tempo, e por isso os não queria: as flores aceitava como lembrança das que cedo esperava gozar no Ceo. Veio entretanto o Medico, fez suas perguntas, e informações; affirmou que não havia cousa de que fazer caso, quanto mais cuidar em morte. Com tudo, Soror Maria constantemente affirmava que morria, e instava que lhe acudissem com os Sacramentos, que estava em ponto de necessidade, e por isso descarregava sua consciencia. Mandou-se vir outro Medico para mais satisfação, juntou-se com o de casa: conferirão entre si, assentarão que não havia que temer; mas que a consolassem com o que requeria, que com isso poderia ser aquietasse aquella força de imaginação, que outra cousa não parecia o mal de que os informara. Confessou-se, e commungou com affecto de quem sabia, e fazia conta que era a derradeira; só não foi ungida, porque os Medicos disserão, que em nenhum modo o requeria o estado presente: passados dous dias, pedio huma tarde, que lhe puzessem sobre a cama as peças, que tinha prestes para sua mortalha, e foi-as compondo por sua mão: e queixando-se todavia de lhe não darem credito, e se governarem pelo dito dos Medicos. Pois eu lhes affirmo, dizia, que se hão de ver depois tão sobresaltadas, que não hão de atinar com o necessario. E assim aconteceo pontualmente. Porque no mesmo dia anoitecendo, começou a desfalecer, e entrar em verdadeiro, e conhecido artigo de morte. E quando no relo-

hio soou a huma hora depois da meia noite, deu ella a alma a seu Redemptor. A todas encheo de perturbação o arrebatado cumprimento do que Soror Maria tinha dito. Mas logo se virão consoladas, com lhes mostrar o Senhor em suas exequias a mesma maravilha do crescimento da cera, que atraz contámos da Madre Soror Isabel da Piedade. E apoz esta outra igualmente prodigiosa, mas de maior consolação. He costume da Ordem cantar-se oito dias continuos sobre a sepultura do Religioso, ou Religiosa que morre, hum Responso por toda a Communidade, quando sahe ao jantar do refeitorio. Fazendo-se assim com esta defunta, sentião as Madres hum cheiro tão suave no espaço, que cantavão, que a todas admirava, não entendendo d'onde procedia. Algumas com curiosidade forão buscando, e perguntando, se havia ao perto perfume, ou outra occasião de cheiro. Como não achavão nenhum, chegou-se a Prioresa á cova, levantou por sua mão o pano preto, que a cobria. No mesmo ponto recendeo a mesma suavidade com tanta viveza, que a todas assombrou de novo.

Tambem foi das primeiras Madres, que vierão de Santa Martha, Soror Brites da Cruz, cuja morte extraordinaria no successo nos dá occasião de escrevermos d'ella. Era conhecida por devota, e penitente, e mui zelosa da santa observancia. Aconteceo-lhe, caso estranho, que estando hum dia rezando com os olhos em hum Crucifixo, perdeo subitamente a vista. Imaginou que seria vagado, ou outro genero de vertigem: encostou a cabeça por hum espaço, a ver se passava. Vendo que todavia durava, e que a cegueira era certa, entendeo, que se lhe acabava a vida com a vista. E sem receber por isso pena nenhuma, começou a dizer: Que vai em que se perca a luz dos olhos corporaes, se nos d'alma resplandece o Sol de minha alegria, com que estou vendo por fé a celestial Jerusalem, seus muros de pedras preciosas, seu dia claro, e immortal? Sinal he isto de melhor vida. Apoz estas palavras pedio os Sacramentos. E recebidos todos, sem outro accidente, nem doença, acabou em paz.

CAPITULO XXV

Das Madres Soror Maria do Presepio, Soror Isabel Bautista, Soror Brites de São Francisco, Soror Isabel do Paraiso, e Soror Elena do Espirito Santo sua irmãa.

A Madre Soror Maria do Presepio entre outros exercicios de grande Religiosa jejuava as Quaresmas todas a pão, e agoa; e entendia-se d'esta penitencia, que não podia deixar de ser publica, que fazia outras muitas secretas. Todo o tempo, que lhe restava dos officios da Communidade, empregava em oração. E esta era sempre com os joelhos nus em terra. Servindo o officio de Sacristãa em idade ainda robusta, e com boa saude, chamou hum dia sua irmãa Soror Isabel Bautista á sacristia, e foi com ella dobrando, e concertando o que havia, com mais particularidade do costumado, e mostrando-lhe miudamente todas as peças, e o lugar, a que cada huma pertencia. Ultimamente tirou a ambula do Oleo Santo em hum prato, e juntou com ella todas as cousas, que pertencem para quando se ministra o Sacramento da Unção, pão, e estopas, e para o Sacerdote amito, sobrepeliz, e estola. Estava confusa a irmãa do que via, e perguntava-lhe que proposito tinhão tantas novidades juntas? E ella respondia: Encommendo-vos muito o concerto d'esta officina, quando vos tocar servil-a; o mais sabereis, quando for tempo. E sem mais dizer, recolheo-se para o leito quieta, e desassombrada. Mas não aconteceo assim á irmãa, que de triste, e pensativa com o que vira, não pôde repousar em toda a noite. E em amanhecendo, se foi a Soror Maria saber como estava. E achou-a em termos, que lhe pedio chamasse logo da sua parte a Prioresa para negocio importante, em que convinha não tardar. Acudio a Prelada. Disse-lhe Soror Maria, que estava ardendo em febre; e tal febre, que não havia que tratar da cura d'ella; senão só da alma. Foi seguindo logo com o desapropriamento costumado, em que não houve que entregar (tão pobre era) mais que os habitos, que trazia vestidos, e huma arquinha de tão pouca importancia, que nunca d'ella tivera chave. Recebeo no mesmo dia todos os Sacramentos, e na noite seguinte passou á melhor vida.

Quiz a Prioresa, que ficasse com o cargo da sacristia sua irmãa Soror Isabel Bautista, pois ella de antemão lh'a encommendara; e na verdade foi adivinhar o grande serviço, que n'ella havia de fazer, tanto ao

justo, como adivinhou sua morte. Foi Soror Isabel hum retrato de sua irmãa nas penitencias; mas teve de mais outras virtudes, que requerião longa historia, e que de força havemos de abreviar, para podermos acudir ao muito, que nos resta d'este trabalho. Todas ficarão entendidas por huma, de que faremos particular relação. Conhecendo que he alto fundamento de todas as virtudes a santa humildade, não lhe ficou meio, que não tentasse pela ganhar, primeiro desestimando-se em sua opinião, e abatendo-se a todos os officios mais vis da casa; depois fazendo cousas, que dessem occasião, ou de se rirem d'ella, ou de a terem em pouco. Para este fim não se contentava com trazer os habitos remendados, mas rotos, e cheios de nodoas. E porque o cuidado dos chapins desvela muito as molheres, humas vezes a respeito da saude, outras de authoridade, e as mais para suprimento da falta da natureza, determinou-se em os não usar, e trazia as çapatas de sola, como se fora huma moça de serviço, e das mais humildes da casa. Do que tirava materia de riso, e zombaria em todas as que vião; que era o que mais queria. No meio d'estes abatimentos era admiravel a diligencia, com que se occupava na sacristia. Não era só diligencia, mas tambem veneração. Conta-se d'ella, que todas as vezes, que entrava n'esta officina, lembrada, que tinha alli os ornamentos, que servião a seu Deos, lhe fazia cortezia com os joelhos em terra. Conforme a isto era o concertal-os, e perfumal-os, e procurar outros de novo. He certo, que com ser pobríssima, pôde tanto sua industria, e o cortar por si, junto a muitos annos, que o Senhor lhe estendeo a vida, que chegou a fazer hum ornamento rico inteiro, e dous castiçaes de prata de altar, grandes, alem de outras vestimentas, e cousas de menos importancia. Outras maravilhas se contão, que todas cessão, com sabermos que andando sãa, e bem, soube e disse o dia, em que havia de morrer, como tinha acontecido a sua irmãa. E na hora, que expirou, foi tão grande a fragancia do cheiro, que d'aquelles membros frios se levantou, que penetrou por todo o Convento com espanto da viveza, e novidade d'elle. Faleceo no anno de 1603.

A Madre Soror Brites de São Francisco era grande imitadora do Santo de seu nome, assim na humildade, como no amor de Deos. Mostrou-o em que, succedendo diante d'ella vomitar huma enferma as especies Sacramentaes, ella se offereceo para as receber, e as levou sem nenhum genero de asco. Mas se este caso a fez com razão ficar em memoria; o mesmo nos amoesta referir aqui o que aconteceo ao Conde

de Villa Nova Dom Manoel de Castello Branco, poucos mezes antes de sua morte. Estava enfermo, e com perigo hum criado seu, e ainda que havia tido alguns vomitos, dezejava o Conde, qee não morresse sem o Divino Viatico. Acudio o Parocho, ministrou-lh'o. Mas a pouco espaço entra o enfermo em ancia, e significação de vomito, e em fim lançou as sagradas especies em hum prato. Pedio o Conde ao Cura as quizesse receber. Escusando-se elle, determinou-se o Conde, e como bom, e devoto, e muito Catholico Christão que era, as recebeo. Se pareceo valor em huma Freira humilde, pobre, e penitente tal successo, por muitas razões fica aventajado, e mais de estimar no Conde.

Irmãas forão de pai, e mãi as Madres Soror Isabel do Paraiso, e Soror Elena do Espirito Santo, e não menos irmãas em cumprir com todas as leis da santa Observancia. Soror Isabel entrou em tenra idade, e sem nenhuma noticia do mundo. Assim se aplicou toda em contentar a Deos na Religião com tanto cuidado de sua consciencia, que o Padre Frei Aleixo de Setuval, pessoa de grande espirito, que a confessou geralmente pouco antes que falecesse, dizia depois d'ella, que nunca peccara mortalmente. Vivendo em idade florida, com saude, e sem achaques, declarou, que tinha a morte perto, e depois apontou o dia, e succedeo como o disse. Outras cousas se contão, que succederão em sua morte,, e depois d'ella, que deixamos, por serem de testemunho singular, e valer mais que todas o bom testemunho de sua vida.

Da Madre Soror Elena sua irmãa se conta, que sinco annos arreio pedio a nosso Senhor, lhe revelasse a hora de sua morte. O que negociava com muita oração, e particularmente com a Virgem Mãi de Deos, rezando-lhe todos os dias seu santo Rosario, e a devação das letras de seu nome, e não deixando nunca o seu Officio pequeno. Ajuntava a esta devação rezar todos os dias sete vezes os Psalmos, e quinhentas a oração do Pater noster pelas almas santas do Purgatorio. Hum anno antes de falecer adoeceo de huma penosa enfermidade, que julgando por embaixada da morte, recebia a Sagrada Communhão muitas vezes com tal affecto, e lagrimas, como se de cada huma tivera certo o fim da vida. Hindo o anno no cabo tomou huma manhãa papel, e tinta, e com poucas regras significou á Prioresa, que tambem jazia em cama doente, que era chegada a hora, em que havia de hir dar conta a Deos de sua vida: por tanto lhe pedia humildemente perdão dos defeitos de trinta e sinco annos, que tinha de habito n'aquella casa, que conhecia serem muitos; e mais de

culpar, por commettidos entre gente tão santa, como n'ella havia. Que o remedio de todos esperava pelo meio dos Sacramentos sagrados da Santa Madre Igreja; e por isso não permitisse, que houvesse tardança em se lhe acudir com elles. Todavia pareceo á Prioresa, que devia proceder mais de vagar. Porque a qualidade, e estado da doença não prometia fim repentino. Então mandou declarar, que sua irmãa Soror Isabel lhe apparecera aquella manhãa, e a certificara da mercê que Deos lhe queria fazer de a livrar da pena da doença, e das prizões da carne. Confessou-se geralmente no mesmo dia, e commungou com abundancia de lagrimas, e logo pedio a Unção. Passados estes autos, pedio perdão a todas as Religiosas com palavras cheias de humildade, e abraçada com hum Crucifixo dava graças ao Redemptor, pela querer levar d'este mundo. No que mostrava tanto contentamento, e confiança, que lhe tresbordava pelos olhos, e sembrante, affigurando-se a todas, que do rosto lhe sahião raios, e resplandores. No meio d'estes colloquios revestio-se-lhe o rosto em mostras de ira; e com olhos crimes, disse contra os pés do leito: Não te temo inimigo infernal, não tens parte em mim, vai-te maldito aos infieis, que eu tenho por mim o sangue preciosissimo de meu Senhor Jesu Christo, em cujos merecimentos confio. O Esposo meu he dulcissimo, fiel, santo, poderoso, não me ha de desemparar. Desapareceo o inimigo, ao que se pôde entender, porque quietou. E tornando a apertar comsigo o Crucifixo: Meu bom Jesu, dizia, que póde temer quem vos tem a vós? *In te Domine speravi, non confundar in æternum. Tu es Spes mea, á juventute mea.* Suspendeo-se então toda, e fez geito de quem escutava, e levantando os olhos para as Religiosas: Madres minhas, disse, estejão atentas, ouvirão vozes excellentes, musica, qual nunca ouvirão. Tal conta tinha dado de si Soror Elena por toda a vida, que tudo se lhe cria, e outras misericordias maiores, que n'aquelle passo usou o Senhor com ella. Mas porque ella só via, e ouvia, ella era a que referia, escusamos escrevel-as. Porque tambem n'esta parte fique parecida com sua irmãa. Faleceo no anno de 1604.

CAPITULO XXVI

Das Madres Soror Isabel d'Assumpção, Soror Isabel de Nazareth, Soror Maria de Santo Antonio, Soror Filippa da Madre de Deos, Soror Guiomar de Pina, e Soror Joanna do Anjo.

Depois de longos noventa annos de vida acabou a Madre Soror Isabel d'Assumpção com huma innocencia de minina. Porque entrando no Recolhimento de Santa Martha em idade, que não sabia fallar, nunca soube, nem procurou outra vida; e depois que com suas irmãas Terceiras seguio a Regra da Observancia, foi unica em todas as partes d'ella. Assim mereceo alcançar do Senhor tão grande misericordia, como foi saber ao justo o dia, e hora, em que havia de partir da vida. Estando sãa, e bem, declarou a suas amigas, que havia de ser n'aquelle anno em vespera da Natividade de nossa Senhora, e a hora da huma para as duas da tarde. Chegado o dia, que humas não crião, e outras esperavão com medo, achou-a prestes, e cheia de alvoroço com os Sacramentos recebidos. Que como a longa idade para se soltar, quebra poucas cadeas, foi-lhe dado credito, quando disse, que os havia mister. O dia gastou em oração, que sempre fôra seu pão quotidiano. Mas quando chegou a hora, como quem a sahia a receber, começou a entoar o hymno *Ave Maris Stella, etc.* E repetindo muitas vezes o verso *Monstra te esse Matrem: Sumat per te preces, qui pro nobis natus, tulit esse tuus,* subitamente se lhe encheo o rosto de hum novo vigor, e de huma côr juvenil, e fermosa: e cobrando forças, que já não tinha, fez com a cabeça huma grande inclinação contra a porta. E logo sentando-se pedio que lhe trouxessem hum cravo, de que fôra grande mestra; e ainda que as mãos tremião, e a voz era rouca, foi entoando a Magnificat, e ajuntando palavras de agradecimento á Senhora pela mercê de a visitar em tal passo. Assim como as Madres conhecerão claramente este favor da Virgem pelos effeitos que produzia na boa velha, porque outra cousa não vão; forão tambem entendendo, que acompanhava á Rainha dos Anjos nosso P. S. Domingos. Porque acabada a Magnificat, começou o responso *O spem mira, etc.*, com o rosto risonho, e n'elle tanta devação, e affeito, que claramente mostrava fallar com quem tinha presente. E por remate acrescentava: Meu Pai Santo lembre-vos esta promessa, pois sou vossa filha. Fez depois geito, de quem via alguma cousa ao longe. E fi-

cando hum pouco suspensa, perguntarão-lhe humas Religiosas, que o causava? Declarou singelamente, que lhe dava cuidado hum comprido caminho, que tinha por passar. Porém, que no cabo d'elle lhe mostravam duas tochas de grande claridade hum povo de Virgens, e Santos, que esperavam por ella. Passado hum espaço, perguntou, se repicavão já os sinos da Sé? Responderam-lhe, que como perguntava por sinos em tempo de interdito? He de saber, que havia dous mezes, que a cidade estava interdita: mas parece, que tinha sabido, que com o fim do interdito se lhe haviam de abrir as portas do Ceo, e cerrar as da vida. E por isso fizera a pergunta. Porque antes de darem as duas, começou a Sé, e logo toda a cidade a festejar com repique o levantamento do interdito. Seguio Soror Isabel os repiques, que esperava, dizendo devotamente: *Regina cœli miserere mei.* E expirou.

Eram irmãas as Madres Soror Isabel de Nazareth, e Soror Maria de Santo Antonio, que antes do habito se chamava de Vasconsellos. Dizem, que por ordem da Rainha Dona Catharina se recolheram, sendo mininas, na casa de Santa Martha, e d'ahi vieram com as fundadoras para Santa Catharina. Forão verdadeiramente irmãas em grandes penitencias, e em viverem com ellas longos annos. Porque acabemos de entender, que o mimo he o que corrompe os humores, e encurta a vida; não o trabalho. Soror Isabel passava as Quaresmas, e os Adventos com tão estreitos jejuns, que nunca comia mais que humas hervas cozidas sem tempero, e hum pedaço de pão ralo: e o que mais espanta, que crescendo em grandes annos, nunca acabou comsigo mingoar no rigor. Andando sãa chamou huma sobrinha sua, mandou-lhe pôr em ordem o necessario para huma mortalha; porque a haveria mister depressa: e succedeo como o disse. Mas tão desassombradamente, que no dia em que acabou, fez lembrança á sobrinha, que acudisse a fazer comer sua irmãa Soror Maria, que estava entrevada. Cousas se contam grandes de seu transito; mas diremos só as que vio a Communidade toda. Acabando de expirar, tornou aquelle rosto enverrugado, seco, e sem cor, ao resplandor, e frescura da primeira idade, de sorte que parecia de huma minina. Faleceo no anno de 1601.

A mesma pureza d'alma, e o mesmo amor de penitencia se conta, que teve sua irmãa a Madre Soror Maria de Santo Antonio. Muitos annos de idade, e tratamento rigoroso continuado derão com ella em huma cama, onde esteve nove annos entrevada; mas com raro exemplo de pa-

ciencia, suspirando sempre pela hora da morte, e recebendo por penitencia o trabalho de tal vida. N'este estado não largou nunca huma devação de muitos annos, que era rezar todos os dias mil vezes a devação, e oração do Pater noster pelas almas do Purgatorio. Sobre tolhida de membros veio a perder a vista, para acrescentar merecimentos na vida: que foi tão estendida, que veio a falecer no anno de 1608. Affirma-se, que na ultima hora a consolou o Santo de seu nome, a quem com muito trabalho fizera em vida, e ornara huma capella na Igreja.

Da Madre Soror Filippa da Madre de Deos se contão grandes penitencias. Jejuava a pão, e agoa todas as Quartas feiras, e Sextas feiras do anno, e as vesperas da communhão, e todas as de nossa Senhora. A sua oração era ficar no coro de Matinas até pela manhãa. As suas disciplinas erão quasi sempre de sangue: e a cura mais cruel que as feridas; porque as cobria com sal, e vinagre. Sendo muito entrada na idade deu-lhe a Cantor os versos do Officio Divino com pouca advertencia. Disse-os ella com muita. Mas porque lhe pareceo desordem, disse com toda a mansidão, que onde havia moças, bem se escusava aquelle officio nos seus annos. Parece que permittio Deos o descuido da Cantor para provar a paciencia de Soror Filippa em mais que penitencias espontaneas: que como procedem de eleição propria, por asperas que sejão são melhores de levar, que as mui faciles, exteriores, e de mão alheia. Chegou o dito á Prioresa, pareceo pouco sofrido: amava a Religião em alto ponto, carregou-lhe a mão com tanta severidade, que mandou, que tres mezes continuos dissesse os versos de hum, e outro coro. Cumprio Soror Filippa a penitencia com tanta humildade, e boa sombra que depois estando a Communidade junta pedio perdão á Prioresa, e mais Religiosas da culpa, que todas conhecião não ter.

Algumas cousas ficarão em memoria da Madre Soror Guiomar de Pina, que hoje com muita razão espantão. Dizem, que nunca comeo, nem bebeo fóra do refeitorio; salvo por occasião de doença. Prova de grande abstinencia, pelo pouco que então se dava no refeitorio, do que ella inda partia com os pobres. Na oração era tão continua, que tinha no Coro perpetua morada: e n'este ponto se conta huma cousa prodigiosa, que não fiaramos d'este papel, se nos não vencera numero de testemunhas, e todas digna de fé. Dizem que na parede, onde costumava encostar-se, estando sempre em pé diante do Santissimo Sacramento, ficou impresso seu vulto, e durou n'ella muitos annos depois. Mas inda

tem mais estranheza o que agora diremos. Adoeceo, cresceo o mal, recebeo os Sacramentos, faleceo. Passarão muitas horas, vierão Religiosas para o Officio da sepultura. Ao tempo que o querião começar, fez o corpo amortalhado tal movimento, que com medo de todos deu sinal de vida. Chamou-se o Medico. Affirmou, que morta a deixara; porém que estava viva. O caso foi, que convalesceo, e cobrou inteira saude. E esteve muitos dias sem comer, nem beber: e depois viveo muitos annos. Perguntada por tudo, dizia, que quanto a viver sem comida, que lhe não faltava com que se sustentar: e quanto a morrer, e tornar á vida, era materia para seu Confessor. O que só podia dizer era, que em breve espaço vira tantas cousas, que se admirava, como não morria de pasmo. Asssim nunca mais rio, nem chorou, nem fallou com gente de fóra do Mosteiro. E como em lembrança do que por ella passára, ficarão-lhe em huma mão dous dedos na representação mortos, palida, e sem côr a carne, negras as unhas. E sendo d'antes em todos seus costumes muito religiosa, no resto da vida se avantajou a si mesma em grande maneira.

A Madre Soror Joanna do Anjo foi filha de D. Manoel da Silveira, e de D. Isabel de Lima. Sonhou huma noite, que via a Christo posto na Cruz; e vendo-o, perguntava-lhe, se a havia de salvar? E elle respondia que sim; mas que havia de ser por meio de muita penitencia, e paciencia. Ratificou-se ella duas vezes na mesma pergunta, e o Senhor tambem na resposta. Tanto que acordou, tomou o sonho tão deveras, que desde aquella hora se entregou a todo o genero de padecer, disciplinas continuas, muitos jejuns de pão, e agoa, e hum cilicio de ferro cingido, e fechado com hum cadeado, e a chave lançade n'um poço, como se escreve de S. Frei Gil. Vivendo assim alguns annos em perpetuo tormento, cahio em fortes doenças, que com força de dores lhe tolherão pés, e mãos, com os dedos torcidos, e nervos encolhidos: e emfim a chegarão ao fim da vida. Ao tempo que hia acabando, sem as dores lhe darem hum momento de tregoas, antes apertando tanto, que a pobre enferma gritava lastimosamente, que se lhe partia o coração; quiz Deos mostrar áquella Communidade, que com vivas lagrimas de compaixão a acompanhava, que tudo o que na terra se padece vem de sua bemdita mão, hum caso assaz extraordinario. Estava na mesma casa hum retabolo grande, em que se via pintada de boa mão huma imagem do bom Jesu coroado de espinhos: eis que voltando-se para onde estava huma Madre (de-

via ser, pedindo misericordia para a padecente) nota, que sahia d'ella hum estranho resplandor, cuja luz descobria o rosto santo aljofrado de gotas grossas de suor, que crescendo corrião abaixo, e logo hião nascendo outras, e fazendo o mesmo. Chama pelas companheiras, pasmão todas no que vêem, e dão por bem andante, e ditosa a alma, que com tal companhia e favor se despedia da terra. Porque, morta ella, cessou tudo. Este retabolo he o mesmo, que hoje está na Enfermaria.

CAPITULO XXVII

Das Madres Soror Brites de Mariz, Soror Catharina de Mariz, e Soror Maria de S. Francisco.

Temos na Madre Soror Brites de Mariz hum espirito abrasado em extremos de amor divino. Era muito dada á oração, communicava-lhe o Senhor n'ella aquellas vivas, e divinas agoas, que em outro tempo offereceo á Samaritana; agoas, que tem a virtude de matar a sede de todas as da terra, e abrasar as almas em desejos do Ceo. Transportava-se no gosto d'ellas, esquecida de todo ponto de si, e de tudo o que ha no mundo. De sorte, que todas as vezes que chegava a tratar com Deos, ou cuidar, ou fallar n'elle, derretia o coração pelos olhos em rios de lagrimas, derramadas com tal affecto, e continuação, que ninguem as via, que as não julgasse por milagrosas, e dadas por dom celestial. Acudia-lhe o Esposo Divino com altas illustrações, que a inflamavão em dezejos de padecer por elle, não menos que martyrio de ferro, e fogo. E como lhe faltavão tyranos, que fossem ministros, fazia ella o officio com estranhas cruezas, que executava contra si em varios generos de mortificações. Mas não quiz o Senhor, que lhe faltasse o martyrio que no meio d'ellas anhelava. Ferio-a de hum mal de erisipula, que ganhou para mais merecimento em officio de charidade, visitando huma Religiosa enferma da mesma doença, que costuma ser contagiosa, e pegadiça. Era Prioresa, visitou a subdita sem nenhum pejo, nem cuidado de si; saltou-lhe a erisipula em hum braço com varios, e fortes accidentes, que arrematarão em ferro, e fogo. Assim sem hir a Marrocos se vio martyr, como dezejava. Parou o mal em erpes. Eis que vê navalhas para cortar, e fazer sangue, como outra Santa Catharina. Eis que vê ferros feitos brasa,

para queimar, como contra S. Lourenço. Verdadeiros instrumentos de martyrio, senão era na tenção de quem os dava, e no fim para que se davão. Esteve Soror Brites tão constante, e animosa, que determinou recebel-o com musica, julgando-o por grande misericordia do Senhor. Vierão as melhores vozes da casa: mandou, que assim como lhe fossem os Cirurgiões cortando a carne, e aplicando os cauterios, fossem ellas com pausa cantando os versos (1): *Circumdederunt me dolores mortis, et torrentes iniquitatis conturbaverunt me: Dolores inferni circumdederunt me; præcupaverunt me laquei mortis. In tribulatione mea invocavi Dominum, et ad Deum clamavi, et exaudivit de templo sancto suo vocem meam.* Cantavão ellas, e choravão juntamente. Os Mestres hião cortando até o vivo, e logo com ferros ardendo queimando, e assando. Soava o fervor do cauterio, recendia o cheiro, e fumo do assado; e a martyr tão sofrida, que vendo o braço atassalhado, e despojado da carne, e as canas descubertas, alvas, e secas, nem hum pequeno gemido, nem outro sinal de sentimento se lhe ouvio em toda esta carniceria, que chamavão cura. Ponha-me agora no Ceo a faustosa gentilidade com espanto, e gabos o seu Mario Romano, porque sofreo sem queixa quebrar-se-lhe huma perna, como fez, para remedio de hum dezar da natureza (2): homem robusto, passado de feridas na guerra: e confesse por dobrado valor o d'esta Religiosa. Reconheça na fraqueza feminil o poder de Jesu Christo, e sua fé, cujo amor lhe fez suave o fogo, e brando o ferro, e emfim alegre a morte, que do mesmo mal lhe procedeo no anno de 1591.

Outra Mariz succede admiravel tambem no modo, e successo da morte. He a Madre Soror Catharina de Mariz semelhante a Soror Brites na continuação de orar, e no amor da Cruz, como no appellido. Conta-se d'ella, que pelo que dezejava padecer, fazia particular festa, e a maior que suas forças podião alcançar, no dia da Cruz: e mandava hum copioso jantar aos presos da cadea publica. Andando com boa saude foi-se hum dia á Prioresa, que era a Madre Soror Inez de S. Paulo, e começou diante d'ella o auto de desapropriamento costumado em quem morre: e porque se não espantasse, proseguio dizendo, que tinha por certo morreria brevemente; porque na noite de antes fôra chamada por huma grande amiga defunta, que no Mosteiro tivera, e convidada para huma festa, que dizia, se aparelhava no Ceo. E acrescentava, que conhecera ser a Madre Soror Joanna de Jesu (de que atraz temos escrito) que vira cercada de

(1) Psalm. 17. (2) Plutarch. in Vita Mari.

outras muitas Freiras da Ordem, todas fermosas, e alegres em trajo, e sembrante. E ainda que conhecia fôra tudo sonhado, não se devia fazer pouco caso de sonhos encaminhados para bem da alma. Foi logo, sem perder hora, ordenando as mais cousas de sua consciencia. Tomou a Bulla da Cruzada, confessou-se geralmente, e chegando a vespera de S. Joseph, de cuja festa era com particularidade devota, confessou-se, e commungou, para lhe celebrar o dia com este aparelho, que he o verdadeiro, que os Santos querem, e ella tinha em costume. No mesmo dia a Completas quiz dizer o verso: *Si dedero somnum, etc.* E começando-o com voz, e garganta suavissima, e devota, quando chegou ás ultimas silabas, cahio subitamente morta. Disserão os Medicos, que fôra accidente de apoplexia. Succedeo no anno de 1613.

Da Madre Soror Maria de S. Francisco ficarão em memoria grandes, e estranhas visões. Mas porque a pureza da vida he a que se deve estimar sobre tudo, d'ella só trataremos, deixando a honra das visões; que se bem são argumento de santidade, muitas vezes acontece serem ruina d'ella. Porque o inimigo com a vangloria dos mimos do Ceo, sabe fazer guerra, e tambem vencer. O que sabemos certo d'esta Madre, e que passava á vista, e olhos de toda a Communidade, he, que da hora da profissão até á morte nunca comeo carne, e jejuava todo o anno por hum novo modo, que era tudo quanto lhe davão para jantar, e cea, dal-o ou guardal-o para os pobres, reservando para si tão pouca parte, que parecia milagre poder-se sustentar. Enxergavão-se-lhe n'esta obra duas virtudes juntas: huma mortificar-se, e outra remediar os pobres, em huma gosto de penitencia, na outra gosto de charidade, com que dezejava desentranhar-se por acudir aos necessitados: em tanto grão, que lhe aconteceo dar a hum o cobertor da cama, e ficar-se sem mais remedio contra o inverno, que o pobre vestido. Padecendo grandes doenças, e todas de dores acerbissimas, dizião as que sabião muito d'ella, que fôra petição, que fizera ao Divino Esposo. Porque dezejava sentir alguma parte do muito que elle por nosso amor padecera na Cruz. E principalmente nas Sextas feiras era gravissimamente atormentada em todos os membros. Na Semana Santa do anno de 1611, acabando de commungar á Quinta feira com a Communidade, foi abraçando a todas as Madres com hum affecto, como de quem se despedia. E ainda que o fazia alegremente, e com boa sombra, forão-lhe ouvidas palavras, que fizerão julgar a quem as ouvio, que sabia de si, que havia de acabar cedo. Meu

Senhor, dizia, sejais para sempre louvado: porque me chegastes a tal dia; e n'elle me dais tão altas consolações: espero nas vossas misericordias, que são para me salvar. Succedeo logo, que recolhendo-se ao dormitorio cahio de seus pés em tal lugar, e por tal modo, que ficou toda desconjuntada de membros, e cercada de huma tempestade de dores tão crueis, que logo no dia seguinte, que foi á Sexta feira, lhetirarão a vida, com espanto de toda a Communidade, que por nenhum caso podia julgar por cousa natural tal genero de morte. No ultimo artigo, quando todas se banhavão em lagrimas, pelo que lhe vião padecer; tão longe estava de triste, que pedio cantassem com ella o verso: *In manus tuas, Domine commendo spiritum meum.* E no meio da musica rendeo o espirito. Chamava-se esta Madre no mundo D. Maria Taveira.

Com sessenta e sinco annos de profissão, e mais de oitenta de idade acabou a carreira mortal a Madre Soror Florença de Jesu no anno de 1612, sendo das primeiras Religiosas, que n'esta casa professarão a Primeira Regra. Assim a soube guardar, não perdoando a nenhum rigor, nem faltando em nenhuma parte d'ella, que era de todas havida por Santa. E não fez espanto, ouvirem de sua boca, quando estava para expirar, que a Virgem Rainha dos Ceos, de quem se sabia que fora devotissima, visivelmente a consolava n'aquelle passo: nem o que depois de sua morte vio, e notou toda a Communidade junta, que foi exhalarem aquelles membros defuntos hum cheiro, que admiravelmente recreava, com tanto mais fragrancia, quanto quem o sentia se chegava mais a elles. E não havia poder-se-lhe dar semelhante entre os cheiros conhecidos da terra, que a huns parecia de ambar, a outros de muitas composições aromaticas juntas; a outros de flores, e agoas odoriferas.

CAPITULO XXVIII

Em que se dá conta de algumas particularidades importantes d'este Mosteiro, e das reliquias que n'elle ha.

Sustenta esta casa sincoenta Religiosas, não entrando n'este numero irmãas Conversas. Tem renda de trigo, e azeite, bastante para passar o anno: mas pouco em dinheiro: E por isso se vive com trabalho n'ella: que fica sendo mais merecimento da Communidade. O sitio he alto, e sadio:

o edificio bem obrado: a Igreja não grande, mas proporcionada ao Mosteiro. Os dois coros, alto, e baixo, são casas mui perfeitas. He de ver na capella mór o retabolo, cuja pintura se tem geralmente por huma das melhores de Espanha. He hum Christo vivo na Cruz; da mão de Morales, famoso na arte, e natural de Badajoz. E todavia o espirito, e partes sustanciaes da figura se referem ser copiadas por huma de Michael Angelo, que anda na casa do Vimioso. Ganhou Morales honra na obra alhea (do que muita gente foge) com a fazer de vinte palmos, não tendo a de Michael mais de seis. Rodeão o Crucifixo figuras grandes, e todas tem muito que ver. Da mão direita tem a Virgem Sagrada com a Santa Magdalena, e Santa Catharina de Sena: a esquerda com São João nosso Padre São Domingos, e São Francisco. Por cima do quadro parece huma grande tarja com huma letra, que diz: *Pater ignosce.*

Ha n'esta casa huma imagem da Virgem Sagrada de muitos milagres, cuja veneração teve principio em hum caso muito estranho; mas muito certo. Era velha em tempo, e feitio, e em partes passada a madeira do bicho. De sorte que parecendo indecencia andar nos altares, estava em hum canto da sacristia envolta em huma toalha; e a Sacristãa, como não servia, determinava dar-lhe fogo. O dia, que o determinou, e a foi descubrir para o effeito, eis que nota na boca, e sembrante da Senhora que se estava rindo tão conhecidamente, que ficou atonita; e dando gritos cahio toda desmaiada. Acudirão Religiosas. Sabida a causa, tratou-se de a renovarem, e derão-lhe assento sobre a grade do coro alto em huma taboa. N'este lugar foi vista por muitas Madres passear por cima das grades. D'onde se tomou occasião de lhe levantarem altar no coro, e a porem n'elle, com a invocação do Rosario. E são grandes as mercês, e consolações, que todas confessão receber d'ella em seus trabalhos. Viva he hoje Ambrosia de Santo Agustinho, irmãa Conversa, que sendo minina, lhe foi cortada huma arteria por hum sangrador, e o braço em tal estado de inchação, e corrupção, que os Cirurgiões sentencearão, que para salvar a vida, convinha ser cortado. Ouvida pela innocente a rigorosa sentença, foi-se ao altar da Virgem, feita hum mar de lagrimas; e como quem se acolhia a ella para se livrar do que temia, não se despegou do altar, senão depois que foi chamada dos que vinhão prestes para a carniceria. Crescião as lagrimas, e o medo. Senão quando desatado o braço, que tinhão deixado no mesmo dia inchado, feio, e denegrido, achão, que estava não sómente limpo, e livre de todo o si-

nal de damno, mas em todo são. Este milagre se prégou, e anda já impresso.

A Madre Soror Joanna de Santo Thomas estava enferma de hum mal, que a nenhuma cousa obedecia. Passando hum dia as Madres com a procissão do Rosario, pedio que lhe chegassem á cama a imagem, que levavão n'ella. Cresceo a devação com se ver visitada da Senhora. Prometeo-lhe ser sua mordoma, se lhe dava saude. Desde aquella hora a foi cobrando, e cumprio o voto.

D'estas, e de outras maravilhas procede ter a Senhora sua Confraria muito bem servida de todas as Religiosas, e rica de ornamentos, e peças de prata; porque sendo todas pobres, nenhuma o he para o serviço da Confraria. A prata de que hoje se serve, he huma alampada, seis castiçaes grandes, dous piveteiros, huma caçoula, dous vasos grandes para flores, tres coroas douradas, e algumas peças de ouro, e pedraria.

Tem estas Madres duas reliquias muito veneradas, por de quem são, e por muitos milagres, que fazem. Huma he de sua advogada Santa Catharina de Sena, que lh'a trouxe de Roma o Bispo da Guarda Dom João de Portugal, filho do primeiro Conde do Vimioso. A outra he de São Pedro Martyr, que trouxe comsigo para a casa a Madre Soror Joanna de Jesu, quando tomou o habito. Sobre febres ardentes, que padecia Catharina de Santo Antonio, Servidora, chegou a estar frenetica, e furiosa. Trouxerão-lhe as Madres a reliquia de Santa Catharina, e puzerão-lh'a debaixo da cabeceira, assim como andava guardada em huma boceta, de que nunca a tinhão tirado. Foi primeiro effeito da santa reliquia, que a frenetica quietou, como se mal não tivera, e ficou tanto em si, que se confessou, e commungou com devação. E contou, que na mesma manhãa se lhe representara, que vira a Virgem nossa Senhora cercada de muitas Santas, e notara, que huma de nosso habito se chegava á Virgem, e lhe pedia saude para ella. E virando-se depois lhe dizia, que tivesse bom animo, que não morreria d'aquella, nem d'outra maior doença, que ao diante havia de ter. Mas acrescentava a doente, que em todo este tempo não pudera nunca ver o rosto de quem lhe dava tão boas novas; porque como acinte lh'o escondia. Provou-se com o successo a verdade da enferma; porque convalesceo logo. E cahindo poucos annos depois outra vez em cama, e chegando-a o mal a estar quasi ethica, com lhe tornarem a aplicar a santa reliquia teve logo saude. D'onde inferirão as Madres, que o mostrar-se a Santa embuçada na vi-

são da enferma, fora huma reprehensão tacita para todas, de haver muitos annos, que possuião a sua reliquia, e nunca até então a havião visto, nem d'ella se tinhão aproveitado, sendo as necessidades sempre grandes, e continuas por toda a parte.

Valerão-se da Santa, e de sua reliquia com o exemplo em doença de gravissimo perigo as Madres Soror Clara do Salvador, e Soror Catharina de Sena. E não só lhes acudio com o remedio da saude; mas consolou ambas em sonhos com a promessa d'ella.

Não se tem mostrado menos prompto em procurar remedio para as que se lhe encommendão n'esta casa o bemaventurado São Pedro Martyr. De tres Religiosas nos consta, que estando desconfiadas dos Medicos, e tratando do ultimo soccorro da santa Unção, com se valerem da sua reliquia alcançarão perfeita saude. São os nomes das Madres, Soror Inez de São Paulo, Soror Maria de Jesu, e Maria de Belem irmãa Conversa. O mesmo aconteceo á Madre Soror Luisa de Portugal em hum mal de garganta, que a afogava sem remedio, em tempo que se criava n'este Mosteiro, sendo minina. Chegou huma noite a tanto aperto, que lhe faltava a respiração. Tocarão-lhe a garganta com a santa reliquia, repentinamente sentio alivio. Cobrou a respiração, e alcançou saude. Foi isto no anno de 1617.

Por toda a cidade está tão assentado entre os moradores, que he antidoto contra todo o genero de enfermidade a intercessão d'este bemaventurado Martyr, que a Rodeira d'este Convento tem agoa sempre tocada na reliquia; porque a cada passo he requerida por ella. Dona Isabel de Brito, Dom Luis de Mello, e Manoel de Miranda em varias doenças chegarão a estado de desesperação de remedios humanos. Acudirão aos divinos. Pedirão a santa reliquia: levou-se-lhes, sararão. Dona Isabel em reconhecimento, e memoria servio o Santo com huma fermosa custodia de prata, em que agora anda a reliquia. Mais antigo, e de maior gloria de Deos, que todos os referidos, he o milagre, que agora diremos. Dous honrados casados da cidade d'Evora, que vivião descontentes de não ter filhos, passados vinte annos de matrimonio, quando já se reputavão por esteriles, e velhos, ouvindo as maravilhas, que se contavão do Santo, forão-se cheios de fé ao Mosteiro, offerecerão-se á sua reliquia com promessa, que se lhes dava hum filho, lhe darião o seu nome, e o seu habito. Alegrou-os Deos com o filho, quando menos o esperavão. Cumprirão-lhe o voto. Chamou-se Pedro, e foi Frade Dominico. E

porque os dados do Ceo trazem sempre comsigo sinaes de quem os dá, foi este o grande Mestre Cathedratico de Coimbra, de que em outra parte falamos de Frei Pedro Martyr (1).

Não faltou n'esta casa, onde tantos valedores havia, quem buscasse a São Jacintho, nem elle deixou de acudir com a promptidão, que n'outras temos visto. Trazia a Madre Soror Filippa da Madre de Deos hum penoso lobinho em hum pé, que lhe tolhia o andar, e temia maior mal. Prometeo fabricar-lhe huma capella na Igreja. Começou a obra. Não era acabada, quando o lobinho se tinha resolvido. Segundo isto, e o que mais diremos, tambem os Santos se querem peitados; mas com differença, e differente fim do que usa o mundo. Se querem peitas, he para tornarem todas em proveito nosso; servindo de nos animarem com o exemplo, e aproveitarem com a devação. Prometeo Antonia da Cruz a este Santo, mandar-lhe lavrar huma imagem de vulto, se a livrava de hum carbunculo, que lhe nascera sobre hum olho em tempo, que juntamente estava doente de erisipula. São os carbunculos perniciosos em Alemtejo, como he terra seca: e a erisipula acudia-lhe a miude. Valeo tanto a peita, e bom espirito, com que a offereceo, que o carbunculo passou sem damno, e da erisipula guareceo, sem nunca mais lhe tornar.

Na Igreja ha hum altar de Nossa Senhora da Piedade, em que se tem visto grandes maravilhas, e muitas em beneficio de seus devotos. Em tempos atraz estando a casa armada ricamente para huma profissão, pegou-se fogo no altar, e ardendo tudo o que n'elle havia, e até huns pannos de seda que estavão armados na costaneira, não recebeo damno nenhum, nem a Cruz, que era de páo, nem as imagens, que ao pé d'ella estavão; salvo em ficar parte da encarnação chamuscada, e no braço do Senhor, para claro testemunho do milagre, humas empolas levantadas; caso em que a piedade christãa não póde falar, nem considerar sem lagrimas, e sem espanto. Grande he o numero de gente que confessa obrigação ás mercês, e misericordias d'esta Senhora. E grande lenda poderamos fazer d'ellas, se nos homens fora igual o cuidado de agradecer ao de pedir. Para dizer as poucas, que nos chegarão especificadamente, mais vale deixal-as a outra penna, visto não serem da obrigação da nossa. E com isto demos remate ao capitulo, ao Mosteiro, e a este terceiro livro.

(1) Na part. I. liv. 3. cap. 37.

FIM DO LIVRO TERCEIRO.

TERCEIRA PARTE

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL

LIVRO QUARTO

CAPITULO I

Em que se dá conta, como nos principios da Ordem de São Domingos entrarão muitos Religiosos d'ella por terras de infieis a prégar o Santo Evangelho, e chegarão á India, e morrerão n'ella pela santa Fé.

Somos chegados com nossa historia ao anno de 1548, que he o primeiro, em que os Religiosos de São Domingos d'esta Provincia de Portugal passarão em Communidade á India Oriental, depois de descuberta por el-Rei Dom Manoel, para effeito de assentarem, e fundarem casas n'ella. Digo em Communidade; porque mais havia de quarenta annos, que sem atender á glória de edificar, hião particularmente muitos a tomar parte com os valerosos descubridores nos trabalhos da guerra, á imitação de nosso grande Patriarcha em seus principios. E de caminho, considerar, como os exploradores da terra de promissão, as qualidades d'aquellas vastas provincias, que seus successores havião de cultivar no espiritual, como logo veremos. E digo para fundar, e assentar na terra; porque huma pequena companhia, que alguns annos antes se tinha embarcado, e chegado á India com o Padre Frei Pedro Coelho por Prelado, e

com alguma fórma de Communidade, não levava por fim, como em outra parte contámos (1), ficar n'ella; mas passar muito alem, como se dirá. Anno foi este, e conjunção, de que podemos crer, que resultarião grandes, e novos gráos de gloria accidental no Ceo a nosso Padre São Domingos, veindo aberta huma grande porta aos seus Frades de Portugal, para soberanos merecimentos na execução do ministerio da prégação do Evangelho, fim principal d'esta sua Ordem, com trabalhos, fomes, sedes, carceres, naufragios, e derramamento de sangue por honra da Fé. Havendo pois de escrever os principios, e progressos d'esta empreza, e os bens que d'ella tem redundado para toda a India, e para todas as conquistas dos Portuguezes, e honra para esta Ordem, e em fim para toda a Igreja Catholica, será bem tomarmos o negocio de hum pouco atraz para claresa do que houvermos de dizer.

Sabida cousa he, que a terra de Promissão, com cujas riquezas, e fartura convidava Deos o povo Israelitico, para soffrerem os trabalhos do deserto, foi em tempos muito atraz morada de seus avós Abrahão, Isaac, e Jacob. Os avós possuirão pequena parte, o povo dos descendentes veio a senhorear toda. Isto he o mesmo, que podemos dizer aconteceo á Ordem de São Domingos com as terras do Oriente. Passarão a ellas, logo que foi fundada, seus primeiros filhos, e forão elles, e os filhos do Serafico Francisco os primeiros prégadores Evangelicos, que n'ellas se virão, depois dos sagrados Apostolos. Foi isto hum modo de tomar posse com poucos, para os successores virem depois encher tudo com grande numero. E com razão podemos contar por genero de profecia n'este successo o dia da confirmação d'esta Ordem, que foi o mesmo em que a Igreja celebra a festa do glorioso Apostolo São Thomé. Porque ainda que as letras d'ella forão despachadas no dia seguinte, aos vinte e hum a tinha confirmada o Santo Pontifice Honorio III, como Oraculo de viva voz. Com o dia conformão as razões do Breve. Das quaes he huma, que fala com São Domingos, e diz assim:

«Havendo respeito, que os Frades de tua Ordem hão de ser defensores da Fé, e verdadeira luz do mundo, etc.»

Dizer defensores da Fé, he contra os hereges: dizer luz do mundo, he para infieis, e idolatras. Vio-se logo a prova na resolução com que

(1) Part. 1 liv. 2. cap. 41.

o Padre São Domingos, tanto que teve a Ordem confirmada, repartio seus primeiros discipulos pelas terras, que podião abranger de Europa. E escolhendo para si o maior perigo, lhes mandou, que fizessem eleição de quem os governasse; porque elle queria hir prégar aos infieis. Soavão pelo mundo com terror, e espanto as armas, e exercitos sem numero do grande Gingiscam, Emperador dos Tartaros, novamente levantado: parecia ao Santo, inimigo digno de suas forças. Quanto mais fraco se considerava, e mais temeroso o contrario: tanto com mais confiança se atrevia a elle, lembrando-se que Deos nosso Senhor, para mostrar quão pouco val tudo o da terra, sempre escolheo o mais fraco d'ella, para desbaratar o que mais forte, e mais de aço nossos olhos nos apresentão. Tenção foi verdadeiramente sua; e se a não executou, tiverão culpa, ou santa, e justissima desculpa, as lagrimas dos filhos, que fizerão força áquelle peito amorosissimo para os não desemparar, quando a Ordem estava tanto em flor.

Mas o que o pai deixou de executar por pura piedade, e amor dos filhos; fizerão logo os filhos á conta do grande espirito, e memoria do pai. Porque no primeiro Capitulo, em que por sua morte se juntarão para lhe darem successor, que foi o Santo Frei Jordão, no anno de 1222 logo escolherão prégadores para mandarem a Syria, e Palestina, entre os quaes he nomeado o Padre Frei Brocárdo Alemão; e deu-lhes o Senhor tão boa mão, que em breve tempo fundarão casas em Damasco, em Ancono, e Jerusalem; e por outros lugares, que chegarão a numero de dezasete, e constituirão Provincia, que ficou com titulo da Terra Santa. Depois mandarão outros ás terras dos Cumanos, que alguns querem, que sejão no coração da India. E aqui derão logo dous a vida pela Fé; ficando a terra regada com o sangue santo, para frutificar com mais abundancia a seu tempo(1). Apoz estes Padres forão muitos á Persia, correrão a Armenia Maior, e Menor; e chegarão huns contra o Oriente, outros contra o Norte até os ultimos fins da terra. Bem como nuvens, a que são comparados os prégadores apostolicos, pois nem os medos do mar lhes tolherão passar a India, e Ethiopia; nem as serras altissimas, e sempre nevadas do Caucaso lhes detiverão o passo, para penetrarem a Tartaria. Como era de nuvens o voar, assim era tambem de nuvens o regar as terras com a santa doutrina. Cousas são muito antigas, mas não póde o tempo apagal-as. Porque vivem os testemunhos com particularidades, e

(1) S. Antonino na P. 3. tract. 3. cap. 5.

authoridade tal, que os fazem maiores de toda exceição: como veremos no capitulo seguinte.

CAPITULO II

Em que se prosegue a mesma materia, e se prova com evidencia.

Testemunhos são os que temos, não menos que de Letras Apostolicas, cujos originaes vivem nos Archivos Pontificaes, e os treslados nos da Religião (1). Estas forão dando os Santos Pontifices huns traz outros aos Religiosos de São Domingos: Alexandre IV, Innocencio IV, Bonifacio VIII, João XXII, e Gregorio XI. E sendo mui differentes nas pessoas dos Pontifices, que as davão, e nos tempos, em que se despachavão: com tudo sempre o prologo de todas foi o mesmo, dizendo assim:

«Aos amados filhos, os Frades da Ordem dos Prégadores, que Nós enviamos ás terras dos Saracenos, Pagãos, Bulgaros, Cumanos, Iberos, Gazzaroros, Gothos, Sicoros, Rutenos, Jacobitas, Nestorianos, Nubianos Georgianos, Armenios, Indios, Maticoros, e a outras nações do Oriente, e Setentrião, que não crem em Deos, etc.»

E tinhão os Pontifices tanta satisfação do que grangeava para Deos o suor d'estes bons jornaleiros, que todas as vezes, que se juntavão nossos Capitulos, era seu primeiro cuidado mandar encommendar ao Diffinitorio, que acudissem com obreiros novos á vinha do Senhor. E o que mais deve espantar he, que levando os Provinciaes este aviso ás suas Provincias, erão tantos os bons sugeitos, que se offerecião ao trabalho, que vierão os mesmos Provinciaes a temer despejar-se-lhe a casa propria, por acudir ás alheas. Este favor, e mimos manifesta bem huma clausula, com que o Papa Innocencio IV os anima, que diz assim:

Vos igitur, quos juxta professæ Religionis officium zelus comedit animarum. Quasi dizendo: «Vós outros, a quem em conformidade do officio, que por vossa Religião professais, está roendo, e comendo as entranhas o zelo da salvação das almas, etc.»

Pouco differem d'estas palavras as que usou depois o Papa Alexan-

(1) Os livros dos nossos Privileg. fol. 16, 30 e 64.—Alberto Castelhano.—Cron. d'Aragão liv. 4.—Cron. abreviada, que anda com as Constituições da Ordem.

dre IV em huma carta, que mandou escrever ao Santo Frei Gil Portuguez, em tempo que era segunda vez Provincial das Espanhas; para que mandasse prégadores aos infieis, que dizem assim:

Sane, quia inter alios Propugnatores Fidei Christianæ, Fratres Ordinis tui juxta professæ Religionis officium zelus comedit animarum, etc.

De taes jornadas, e da continuação d'ellas teve origem encommendar Dom Frei Sueiro, sendo Provincial de Espanha a primeira vez, ao Santo Frei Raymundo, que compuzesse a Summa, que fez de Casos: e depois mandar o mesmo Santo Frei Raymundo, quando se vio Geral da Ordem, ao Angelico Doutor Santo Thomas, que escrevesse o Tratado, que fez contra Gentiles. Entravão os animosos Prégadores pelas provincias barbaras, alongados por milhares de legoas de seus Prelados: era razão levarem comsigo, como bons pilotos, que se não fião só em juizo proprio, huns roteiros certos, e aprovados, para se valerem nas occasiões, e casos duvidosos, e conformarem todos na doutrina.

Mas outros indicios mais vivos, e palpaveis, nos vierão mostrar os tempos mais modernos, e os presentes. Cousa he de fresco achada, e referida por autor dignissimo (1), permanecerem ainda hoje pela Persia, e Armenia muitas Igrejas, e Mosteiros povoados de Religiosos da Ordem de São Domingos. E não só Igrejas, mas villas, e lugares inteiros convertidos a nossa Santa Fé por elles, e de pouco menos de quatrocentos annos atraz; e pelos mesmos sustentados n'ella, e na obediencia do Pontifice Romano até o presente, em meio da infidelidade Mahometica. Isto, que escreve o Senhor Bispo de Cyrene, Religioso da Ordem dos Ermitas de Santo Agustinho, virão, e palparão tres Padres da mesma Ordem no anno de 1604, que passarão á côrte d'el-Rei de Persia, acompanhando a Luis Pereira, Embaixador de el-Rei Dom Filippe II de Portugal, e III no resto de Espanha. Merecem-nos memoria estes Padres pela diligencia com que virão, e averiguarão esta verdade. Chamavão-se Frei Melchior dos Anjos, Frei Diogo de Santa Anna, e Frei Guilherme de Santo Agustinho. Por suas cartas se compoz huma Relação, que os Superiores da Ordem fizerão imprimir em Lisboa no anno de 1609, que andou por toda a Christandade, e d'ella tomou o Reverendissimo de Cyrene o que dizemos.

(1) O Bispo de Cyrene no livro da jornada que fez o Arcebispo D. Aleixo á Serra.

Com isto conforma o que nos deixou escrito, longos annos ha, Ruy Gonsales de Clavijo, que sendo mandado por Embaixador ao Tamurbeque, Rei da Tartaria, por el-Rei Dom Henrique de Castella, que chamarão o enfermo, achou no coração da Armenia lugares de gente catholica, e Mosteiros de Frades de São Domingos. E não faltão outros escritores, que affirmão(1), que tambem tivemos Conventos dentro na Ethiopia, e terras do Preste João. O que de força havia de custar primeiro muito sangue, e muitas mortes. Visto como he certo, que só de huma vez forão martyrisados pelos infieis d'este Oriente noventa Frades, com seu Prelado Frei Guido Longimello. Parece, que os forão imitando de varias partes para o sacrificio. E a quem se espantar de tamanho numero, peço-lhe que lea Marco Antonio Sabellico nas suas Eneidas(2), e o Padre Jeronymo Plato da Companhia de Jesu no livro, que escreve de Bono Statu Religiosi. Porque Sabellico affirma, que erão tantos os Frades Dominicos, que andavão pela Armenia, e na Ethiopia sobre Egypto, que não tinhão numero. E o Plato escreve, que se não podem contar as muitas almas, que os mesmos Frades converterão a Deos na India, Arabia, e Persia(3).

Mas tudo se acredita grandemente com o que no anno de 1564 se descobrio na villa de Taná da ilha de Salsete, junto á cidade de Baçaim na India. Abrirão-se huns aliceces para certo edificio, dão os trabalhadores com huma estatua, que sendo limpa, e considerada, representava no vestida, e feitio perfeitamente hum Frade Dominico. Chegou a nova ao Padre Frei Aleixo de Setuval, que assistia no Convento de Baçaim. Era pessoa de muito espirito, e bom entendimento, procurou tirar a limpo o que de sua origem se poderia alcançar. Vivia no mesmo lugar Antonio de Sousa Coutinho, hum dos famosos defensores do cerco de Dio, e tinha n'ella poder, e mando: fez juntar os gentios mais velhos, e perguntar-lhes separadamente a cada hum o que sentião da imagem? Conformarão os mais, que se lembravão, sendo mininos, verem a mesma em hum pagode venerada, e estimada do povo. E era tradição de seus antepassados, que dois Cacizes da Franquia (tal nome dão aos Sacerdotes Christãos) vindo áquelle lugar em tempo, que era nobre cidade, e fazendo hum d'elles maravilhas, que vencião o poder da natureza, em dar vista

(1) Liv. de Ruy Gonsales.—Cron. d'el-Rei D. Henrique o Enfermo.— D. Luis Paramo de Ord. Inquisitionis liv. 2. tit. 20. cap. 19.—Fr. João dos Santos part. 2. liv. 1. cap. 16 e 17 da sua Ethiopia. (2) Sabellico part. 2. liv. Eneid. 9. (3) Hier. Plato liv. 2. cap. 30.

a cegos, pés, e mãos a mancos, e aleijados, e até resuscitar mortos, forão mandados matar pelo Rei d'ella; e o povo sentido da crueza, e agradecido do beneficio, fizera lavrar a estatua em memoria dos defuntos, ao natural de como andavão, e vestião. E não se contentara com menos, que collocal-a entre seus idolos no pagode. (Pagode chamão a casa, que tem por templo). Ao modo com que assim se enterrou, davão sahida, dizendo, que hum capitão nosso nos principios do descubrimento da India aportára na cidade com huma grossa armada, e a destruira, e assolara, e a imagem ficara escondida entre as ruinas d'ella, e do pagode. O que conforma com as historias da India, que dão por autor d'este feito, e da guerra, que n'esta costa se fez, ao Capitão mór Diogo da Silveira, sendo Governador da India Nuno da Cunha. Por onde fica bem provado, ser este Frei Jordão Dominico, o que a Cronica de São Francisco(1) conta, que se achou com quatro Franciscanos, Frei Demetrio, Frei Thomas Tolentino, Frei Jacome de Padua, e Frei Pedro de Sena, que os gentios martyrisarão na cidade de Taná junto a Baçaim na costa da India. Do qual diz a Cronica adiante, que foi o que sepultou suas reliquias; e faz menção de outro Dominico seu companheiro, por nome Frei Francisco.

Temos mostrado a posse antiga, que a Ordem de São Domingos por meio do sangue de seus filhos teve hum tempo das terras da India, e Oriente em seus primeiros annos. No capitulo seguinte diremos como se restituirão a ella.

CAPITULO III

Dos primeiros Religiosos d'esta Ordem Portuguezes, que navegarão de Portugal para a India; depois que foi descoberta por el-Rei Dom Manoel.

Seguindo a comparação, que começámos dos conquistadores da Terra de Promissão, he de saber, que tanto que a India foi descuberta pelo valor, e boa ventura d'el-Rei Dom Manoel, e começarão a correr Armadas d'este Reino ordenadamente cada anno: logo a Ordem de S. Domingos tomou a cargo mandar seus Frades, não só acompanhar os navegantes nos trabalhos do mar; mas assistir com elles nos da guerra, e da terra. E como a tenção principal do bom Rei n'estas navegações foi sempre a redução da gentilidade indiana ao gremio da Santa Madre Igreja,

(1) Cron. de S. Franc part. 2. liv. 7. cap. 35. (2) Idem, cap. 42.

não havendo mais que tres annos, que Vasco da Gama chegara ao Reino, depois de sua primeira viagem, e determinando despachar dous Capitães móres, que forão Affonso d'Albuquerque, e Francisco d'Albuquerque seu primo, cada hum com tres náos, mandou aos Prelados de S. Domingos, lhe dessem Frades, que os acompanhassem. Deu o Provincial sinco; segundo as memorias, que temos da Ordem: seus nomes, Frei Domingos de Sousa, Frei Rodrigo Homem, que alguns chamão de Sousa, Frei João do Rosario, Frei Pedro d'Abreu, e Frei Antonio da Matta. Levarão ordem os dous primeiros de começarem a povoar, e edificar fortaleza em Cochim. Era tempo de mandar juntamente quem espiasse, e considerasse a terra, como em outro tempo fizerão os Capitães do Povo de Deos: eis que se embarcam na entrada do anno de 1503, os sinco que nomeámos; companhia de bom pronostico no numero, e no nome do Prelado. Era Frei Domingos de Sousa graduado em Theologia. Levava titulo de Vigario geral, além dos poderes amplissimos, que os Pontifices tem concedido por suas Bullas aos nossos Frades, quando passam a terras de infieis. O primeiro auto publico, em que os achamos occupados, foi do bensimento dos aliceces da fortaleza de Cochim, primeira de toda a India: ceremonia que o Vigario geral Frei Domingos de Sousa fez com toda a solemnidade, e festa, que o tempo então concedeo. O segundo, depois de levantado o edificio, em huma devota procissão de graças, na qual o Padre Frei Domingos levava debaixo do palio hum Crucifixo: e por fim d'ella disse Missa, e Frei João do Rosario prégou. E a mesma festa fizerão na primeira Igreja, que na cidade se levantou, que foi em honra de S. Bartholameo. Isto diz Damião de Goes (1). Gaspar Correa differe, dizendo assim: E hum Frei Domingos de Sousa da Ordem de S. Domingos, que com dous Ponseiros viera com Affonso d'Albuquerque, fez sermão (2).

De Cochim passou Affonso d'Albuquerque á cidade de Coulão, situada na mesma costa(3). Aqui soube, que d'ella, e desde Cranganor até Choromandel, e Meliapor havia espalhadas mais de doze mil casas de Christãos, successores d'aquelles, que o bemaventurado Apostolo S. Thomé com sua prégação convertera. Mas que diremos ao que faz o rodear dos annos, e a falta de prégação, e doutrina? Huma Igreja, que tinhão em Coulão, estava quasi cuberta de mato, e as almas, e consciencias feitas

(1) Dam. de Goes, 1 part. cap. 78 da Cron. d'el-Rei D. Manoel. (2) Manuscrito de Gaspar Correa, cap. 4. da jornada de Albuquerque. (3) Comment. de Affonso de Albuq. cap. 1, 2 e 4.

verdadeiro mato. Havia homens de vinte, trinta, e mais annos, que ainda não erão bautisados; e na fórma d'este Sacramento tinhão muitos erros. Encomendou Affonso d'Albuquerque ao Padre Frei Rodrigo Homem, que outros chamão de Sousa, o remedio d'esta Igreja: e elle o acceitou com vontade, e obras de verdadeiro filho de S. Domingos (1). Reformou, os que de Christãos quasi não tinhão mais que o nome: e com seu bom cuidado, e prégação não só tornou estes ao caminho da verdade; mas converteo muitos gentios. Não he razão ficar por dizer, o que se não póde contar sem magoa, que além de estar a Igreja de Christo no estado, que contamos, corria o cargo, e cuidado d'ella por hum Mouro escravo de Mafamede, que fazia grangearia de ser sacristão, convertendo em si as esmolas dos Christãos, e gentios, e tambem de Mouros, que a ella concorrião. Já merecem louvor de valerosos os exploradores Dominicanos, passando-lhes pelas mãos a primeira fortaleza e primeira Igreja, e primeira Christandade da India. Mas logo os veremos offerecer peitos, e vidas ao ferro, e armas inimigas, á imitação do nosso Santo Patriarcha.

Passaram annos; tornou Affonso d'Abuquerque á India (2): foi com poder sobre a ilha, e cidade de Goa. Posta em ordem a soldadesca para commeter a entrada, tomou a dianteira Frei Domingos de Sousa, sem mais armas que huma comprida haste, em que levava arvorado hum Christo Crucificado; e para melhor se divisar, sobre huma Cruz dourada. E assim andou por entre pelouros, e frechas, animando a todos de obra, e palavra(3). E o mesmo fez no segundo acommetimento d'esta cidade; porque succedeo largal-a com prudencia Affonso d'Albuquerque; e poucos mezes depois tornal-a a conquistar. Aqui fez absolvição geral aos nossos ao tempo do assalto, e com elles entrou a terra, determinado e valente Alferes. Alcançou-se esta vitoria em dia de Santa Catharina Martyr. Levantarão-lhe os vencedores Igreja por graças; e o nosso Frade assentou logo n'ella Confraria do Santo Rosario.

Ganhada a cidade, pareceo a Affonso d'Albuquerque, pelo que n'ella soube do poder, e grandeza do Sofi Rei da Persia, que seria importante a seus disenhos tomar conhecimento d'elle, e de suas cousas mais ao perto, por pessoas de entendimento, que bem soubessem notar, e dar razão de tudo(4). Escolheo para isto o Padre Frei João do Rosario, Domini-

(1) Os mesmos Comm. par I cap. 4. (2) Manuscrito de Gaspar Correa cap. 8.
(3) Comm. de Albuq. part. II. cap. 21.—Maffeo liv. IV da Hist. da India. (4) João de Barros Dec. II. liv. V. cap. 3.

co, que mandou logo a Ormuz, em companhia de Ruy Gomes de Carvalhosa (1). Chegarão áquella ilha, e porque na passagem á Persia houve inconvenientes, não quiz o Padre perder tempo. Abrio tenda do officio Apostolico, e doutrina Christãa, argumentou com muitos infieis, que a esta grande praça concorrem em grande numero, converteo, e bautisou alguns Arabios.

Passados dous annos determinou este incansavel Capitão entrar no Mar Roxo, fez sua Armada prestes. Era já no anno de 1512, cansavão-se de o seguir, os que o tinhão por obrigação de milicia: mas não assim o Padre Frei Domingos, que sobre os perigos passados da terra, alegremente se offereceo aos medos, e tempestades do mar (2). E podemos crer, que o quiz Deos consolar, como a todos os mais navegantes, com hum fermoso sinal, que depois de entradas as portas do Estreito, lhes mostrou no Ceo. Era vespera da Invenção da Vera Cruz em dous de Maio, eis que começando a anoitecer se abre o Ceo em huma fermosa Cruz, ardendo em chammas de fogo muito vermelho, como de brasas abanadas, e incomparavel resplandor: saudou-se por toda a Armada o glorioso sinal da humana Redempção com grita, e alegria geral, e salva de toda a artelharia. Seguiram-se trombetas e charamellas. Durou toda a noite o sinal santo, e quasi o dia inteiro, sem fazer mudança, tomando tanto espaço do ar, segundo a representação, que fazia aos olhos, como huma braça, ou pouco mais. Mas não se contentarão com tão pouco os animos pios, sentiam-se obrigados a mais. Achavão-se junto a huma ilha, que chamão dos Pilotos. Salta a gente em terra, arvora-se sobre hum teso huma Cruz, arma-se ao pé d'ella hum altar, celebra o nosso Frei Domingos na terra com devoto sacrificio a memoria do mesmo, que o Ceo estava representando: e apoz a Missa, que foi solemnemente officiada, prégou altos louvores da Cruz.

No anno de 1515 achámos nas historias da India o mesmo Padre acompanhando na morte, como fizera na vida, a este famoso Capitão, que deixando conquistada Malaca, se vinha recolhendo a Goa; e despedio hum bargantim diante em busca do companheiro, e Confessor antigo. Porque vinha apertado de doença, que conhecia ser chamamento final, como foi.

Pouco tempo depois passou á India Dom Frei Duarte Nunes, Bispo titu-

(1) Damião de Goes part III. cap. 40. da Cron. de el-Rei D. Manoel. (2) O mesmo Gaspar Correa cap. 12.

lar de Laodicea: era filho de habito, e profissão de S. Domingos d'Aveiro, e natural da mesma villa (1). A razão que se dá de sua hida, foi para dar Ordens, sagrar calices, pedras de ara, e oleos. Como as cousas da India hiam em grande crescimento, pareceo a el-Rei Dom Manoel, que convinha começal-as de autorisar com maiores ministros. E emfim á Ordem de S. Domingos deu o primeiro Bispo, que se atreveo a experimentar a nova, e perigosa viagem do mar Oceano, por servir a Deos, e aos proximos. Este Padre residio em Goa o tempo, que lhe pareceo necessario para o ministerio, a que fora enviado: e como não tinha certa diocese, nem maior occupação, tornou-se ao Reino, e veio a falecer no lugar de sua natureza: como atraz deixámos contado na relação do seu Convento.

Não se resolvia a Provincia em inviar seus filhos em Communidade por razões, que então se offereciam, aos que a governavão, e se havião por bastantes. Porém aos particulares não se podião refrear os dezejos de se acharem nos medos, fomes, e perigos, que os navegantes contavão; parecendo-lhes obra digna de filhos de S. Domingos hir por estes meios aonde podessem exercitar o fim de sua vocação. Assim havia sempre bons espiritos, que com benção de seus Prelados se despegavam animosamente do socego da patria. Não pudémos saber de todos. Porque os Cronistas poucas vezes se occupam em fallar nos Ecclesiasticos, senão he pelo que toca á parte secular de suas historias. E a esta devemos a noticia, que nos dão Couto, e Castanheda, de dous Religiosos nossos, que residião em Goa pelos annos de 1527. Houve n'esta conjunção grandes, e perigosas contendas entre dous Fidalgos, que pertendião a governança do Estado. E como ambos erão merecedores d'ella por valor, e nobreza, tinhão a gente partida em bandos, e com receios de guerra civil. A relação miuda não he de nossa obrigação (2). O que nos toca he, que comprometendo-se os dous pertensores em sete Juizes, sinco Fidalgos, e dous Religiosos da Ordem de S. Domingos, foi nomeado o Padre Frei Luis de Vitoria: e apontão, que não teve lugar o outro, que era Frei João de Hayo, ou de Haro: porque prégando ao povo declarara do pulpito seu voto em favor de hum dos pertendentes. Pelo que se escreve de ambos estes Frades, ou Padres, parece claro, que devião ser homens de letras, mais que ordinarios.

(1) Stema Ord. fol. 159 (2) Franc. de Andrade. Cronica d'el-Rei D. João III, par. II cap. 27. diz que ficou por juiz entre os mais Fr. João. que chama «Mestre João Claro, de S. Domingos, prégador em Cochim.

Por ultimos exploradores das terras aos nossos promettidas podemos contar o Padre Frei Pedro Coelho, e seus companheiros; que huns querem que fossem tres, e outros sinco, que el-Rei Dom João determinadamente mandou, como em outra parte dissemos (1), para entrarem na Ethiopia, e até na Corte do Preste João. Chegarão estes Padres á India, pedirão passagem, que se lhes não deu, e ficarão n'ella alcançando com bom animo, o que não poderão com obra.

Do bem, que todos nossos primeiros Padres, e os que lhe succederão, trabalharão na vinha do Senhor, dão bom testemunho alguns escritores de muita autoridade. João Pedro Maffeo da Companhia de Jesu, fallando de Frei Rodrigo de Ceulam, diz assim (2): *Is morum integritate, et doctrinæ præstantia paucis diebus multa, partim in recta Fide confirmavit, excoluitque, partim á stipendijs Dæmonum ad Christi Fidem traduxit.* Na mesma conformidade, inda que mais geralmente falla Jeronymo Plato da mesma Companhia, dizendo (3): *Ad eosdem labores, scilicet, Evangelij causa paulo post, idest anno Domini* 1505 (enganou-se no anno) *navigavere etiam Dominicani; qui item multa illic præclara gessere.* Por onde não achamos como desculpar outro escritor da mesma Companhia (4), que escrevendo em Lisboa com alto estilo, e tendo estes autores de casa, e obrigação de ter lido os do Reino, quiz defraudar a Ordem de S. Domingos da honra d'estes trabalhos; porque depois de contar como os Religiosos de S. Francisco passarão á India na Armada de Pedro Alvares Cabral, exclue os de S. Domingos com huma clausula universal negativa, dizendo palavras formaes: Isto he o principal, ou tudo, o que sabemos da Christandade da India nos primeiros quarenta annos. Grande descuido de bom professor de Historia, e justa queixa nossa.

CAPITULO IV

Passão os Religiosos de S. Domingos em Communidade á India e começão a fundar

Tinha entretanto crescido grandemente o Estado da India em numero de gente, em cidades, e fortalezas, e outras povoações. Reconheciam

(1) Part. 1 liv. 2. cap. 41. (2) Hist. da India liv. 2. fol. 53. (3) Hieron. Plato De bono Stato Belig. liv. II. cap. 30. fol. 482. (4) João de Lucena, na vida do Santo Xavier, liv. 1. cap. 11.

muitas terras, e varias nações o poder das armas de Portugal: de todos os Reis, huns procuravão pazes, e alianças com el-Rei Dom João, outros lhe reconhecião vassallagem, e davão tributos: e as nossas Armadas hião cada hora descubrindo mais climas, e fundando novas colonias, e conquistando terras, deixada já atraz a ilha Taprobana, que para os antigos era a ultima terra do Oriente. Pareceo então a el-Rei Dom João, que era tempo de meter maiores forças na conquista espiritual. E ainda que tinha já mandado outras Religiões, determinou juntar a ellas a de S. Domingos com numero e valor de sugeitos, para poderem edificar, e permanecer por tudo o que se fosse descubrindo. Acrescentava-se ter-se entendido, que com a occupação, e ruido continuo das armas não se tinha acudido bastantemente até aquelle tempo, a desterrar de nossas povoações a adoração dos idolos, em que todavia perseveravam entre nós os Gentios moradores d'ellas, com afronta do Salvador. E por esta causa, além de ter mandado estreitas prematicas com graves penas contra todos os que se atrevião a fundir, lavrar, esculpir, debuxar, pintar figuras de Idolos em qualquer materia que fosse, ou de fóra as trouxessem; quiz que houvesse em ponto tão essencial Letrados, e muito doutos: e taes pedio, a quem governava a Ordem, que fossem os que haviam de se embarcar. Era Provincial, e Vigario geral do Reverendissimo n'este Reino, o Padre Mestre Frei Francisco de Bovadilha, de cuja vida, e grandes partes temos dado noticia atraz: escolheo doze Religiosos, quaes lhe pareceo, que convinham para pedras fundamentaes do novo edificio, e para credito, e honra da pedreira, d'onde sahião. Forão os Padres seguintes: o Padre Frei Diogo Bermudes, que actualmente era Suprior do Convento de S. Domingos de Lisboa, Frei Francisco de Macedo Presentado, e Lente no mesmo Convento de Theologia, Frei Ignacio da Purificação, que n'elle fazia o officio de Mestre de Noviços, Frei Luis d'Abreu, Frei Diogo de Ornellas, Frei Gaspar da Cruz, Frei Sebastião da Cruz, Frei Vicente de Santa Maria, e Frei Reginaldo de S. Domingos. A estes nove acompanhava outro Padre, de que não podémos alcançar o nome, e dous irmãos mais; hum do coro, por nome Frei Luis do Rosario, moço na idade, mas muito adiantado na erudição das linguas Grega, e Latina, e na Rhetorica; e outro Converso, que se chamava Frei Pedro da Magdalena. De todos foi nomeado por Prelado o Padre Frei Diogo Bermudes, com titulo de Vigario geral da futura Congregação. Era de nação Castelhano, filho da Provincia de Espanha, e

perfilhado n'esta. E aconteceo em sua eleição huma cousa, que nascendo de juizo humano, e acaso, pareceo feita com cuidado da natureza: e por tal merece não ficar em silencio. He de saber, que quando de Castella forão os primeiros Religiosos de S. Domingos a fundar nas Indias Occidentaes, levarão por Prelado o Padre Frei João de Tavilla Portuguez, que actualmente era Suprior em Santo Estevão de Salamanca. Assim viemos a pagar na mesma moeda em Portugal, a honra recebida em Castella.

Pelo mez de Março de 1548 partirão de Lisboa estes doze Religiosos, imitando o Sagrado Collegio de Christo no numero, como no intento, que levavão de prègar, e dilatar sua doutrina, e morrer por ella. Assentou-se, que como hião muitas náos, e sem Capitão mór nomeado, fossem os Frades repartidos por todas, para consolação dos navegantes. Ordinario he no mar experimentar-se grande variedade de successos, inda em hum mesmo tempo. Mas seguindo sua viagem, cada huma achou differença no discurso da navegação, e na chegada á India. Algumas tomarão Moçambique em dous de Julho, que foi prospera viagem. N'estas se acharam dous dos nossos Frades, que logo em desembarcando buscarão em que empregar o espirito, e charidade. Tinhão sahido das náos cento e vinte doentes: e entrando em hum hospital, tomarão á sua conta a cura d'elles, e forão para muitos remedio de corpos, e almas.

Forão depois chegando as mais náos, e como entrou a monção ordinaria, tempo de fazer viagem, que entra por Agosto, tornarão a navegar juntas. Passados poucos dias carregou-lhes hum temporal tão rijo, que a náo do Vigario geral (chamavão-lhe a Galega) se deu por perdida. Chegou a fazer tanta agoa, que não havia forças de homens, nem de bombas, que a vencessem; e tendo a perdição por certa, porque a bom juizo não podia ser tanto crescimento d'agoa, sem a náo hir aberta. Acudirão todos aos ultimos remedios, que deverão ser os primeiros, quero dizer aos do Ceo. Fazem orações, bradão a Deos por misericordia. Notou o Vigario geral, que tratavão alguns marinheiros, como em final desesperação de lançar o batel ao mar, para se salvarem os que tivessem sorte de entrar n'elle. N'este passo tirou de hum cofre huma reliquia, que comsigo trazia. Sahe com ella nas mãos ao convez, appellida os desconsolados, descobre-a com reverencia, e declara ser cabeça de huma das onze mil Virgens: affirma com grande confiança, que se de coração se encommendão a Deos, tomando por me-

dianeira a alma d'aquella Santa, que por elle dera a vida, sem duvida alcançarão misericordia. As palavras santas, o medo da morte, a ultima necessidade accenderão devação, e derreterão os corações em lagrimas. Ordena-os o Religioso em procissão, chamando por todos os Santos do Ceo, e cada hum por seu nome. Das lagrimas se diz, que são aquellas agoas, que estão sobre os Ceos. Como se disseramos que lhe he sugeito o Ceo, ou que está o Ceo a seu mandar. Vio-se aqui por hum modo, qual nunca se ouvio. Não havia já braços em toda a náo, que não estivessem feitos pedaços, de se revezarem na bomba. Eis que subitamente gritão, os que n'ella trabalhavão, que a bomba estava seca, e não tirava gota d'agoa, quando d'antes era hum rio caudal. Acodem todos. Descem outros ao porão. Pasmão, que achão a nao estanque, e a agoa que enchia tudo, desaparecida. Louvão a Deos, reconhecem o milagre; porque sem elle era impossivel sumir-se, como se sumira a agoa de todo. Assim cumprirão alegremente o que restava da viagem, inda que chegarão já por fim de Outubro, que foi grande tardança.

Chegados á barra de Goa, soou na cidade, que vinha esta esquadra Dominicana, para fazer assento, e povoação na terra: alvoroçou-se toda, e em particular a familia do Serafico Padre S. Francisco mostrou, que vivia n'ella o espirito de seu fundador. Porque, como tinham Convento, e morada já antiga em Goa, foi-se o Guardião a bordo das náos receber o nosso Vigario geral, e companheiros: e com grande amor os levou, e agasalhou comsigo, até que tiverão casa: lembrado d'aquelle santo, e antigo concerto dos Santos Patriarchas nossos instituidores, quando dizião: *Stemus simul, et nullus adversum nos prævalebit.* Juntemo-nos, e façamos liga: que se assim for, não haverá quem contra nós tenha força.

CAPITULO V

Edifica-se o primeiro Convento de S. Domingos em Goa: contão-se os pronosticos, que precederão a fabrica, e o que el-Rei mandou dar, para a despeza d'ella, e sustentação dos Religiosos.

Governava a India, quando estes Religiosos n'ella entrarão, o bom velho Garcia de Sá, que succedera na governança por morte do valeroso, e santo Governador Dom João de Castro. Presentaram-lhe seus despachos em chegando. Mandava el-Rei, que se lhes désse na cidade o

sitio, que elles apontassem, e sincoenta mil cruzados, para se despenderem em hum Convento, com mais mil e quinhentos pardáos de renda por anno (valem os pardáos trezentos réis cada hum) para sua sustentação. Tratou-se logo de sitio. Virão-se muitos. Emfim contentarão-se os Padres do que hoje possue a Ordem, que he ao pé do oiteiro, em que está a casa, que por isso tem o nome de nossa Senhora do Monte. Fica-lhe perto huma fonte, e a praça, que chamão do Mandovim. Dura huma tradição, do que succedeo n'esta eleição do sitio, que não he razão ficar esquecida entre nossos successores. Porque pelo que n'ella se enxerga de mysterio, nos obriga muito a vivermos em toda a perfeição. Trazia o Vigario geral desenhada em papel a traça do Convento, com apontamento das braças, que se havião de estender em circuito. Ao pôr das balizas, que se fazia com assistencia do Veador da fazenda, e de outros officiaes d'el-Rei, e do Estado, dava-lhes desgosto ser forçado haverem de desalojar alguns gentios, que sentião demasiadamente deixar as casas de pais, e avós, que ficavão dentro dos limites da cordeação. Conta-se, que á grita, e queixas d'estes mal dissimulados, como entre povo, sahio á rua hum gentio de grande idade, que todos ali tinhão por pai: e pondo os olhos nos nossos Frades, que acompanhavão os Officiaes, começou a torcer o rosto, e menear a cabeça com geito de quem em seu peito sentia cousa, que o admirava, e suspendia: e logo acenou aos queixosos, que se chegassem para elle, e ouvissem. E em breves palavras lhes disse, que fossem certos, que o que vião fazer, vinha ordenado por Deos. Porque elle se lembrava, que sendo moço, e sahindo huma manhãa cedo ao beneficio dos palmares de seu pai, achara n'aquelle mesmo lugar dous Cacizes, que pelo trajo, e cores d'elles nenhuma differença tinhão dos que erão presentes; e notara, que com longos cordeis o andavão medindo, e cercando, como agora se fazia: o vestido estranho, a obra, e a novidade lhe puzerão espanto, e o espanto lhe esculpira tudo na memoria, para nunca lhe cahir d'ella, com quanto erão passados tantos annos, que ainda não havia Portuguezes na India. E emfim agora via a verdade, do que então fôra como sombra, ou sonho. Por tanto, como sisudos se conformassem, com o que o Ceo de tantos annos atraz tinha assentado, sem fazerem duvida a mudar morada. Louvarão os Frades a nosso Senhor com os rostos banhados em devotas lagrimas de alegria, colhendo do successo o muito, que lhe deviamos, por nos ter de tantos annos antes apontado, e sinalado o lugar, que haviamos de

occupar n'aquella cidade: como pronostico de algum grande serviço, que por nossas mãos determinava receber. Confirmou-se o caso com outro muito similhante. Ficava dentro do circuito desenhado huma horta com seu assento de casas, pertencente a hum soldado antigo, e honrado, por nome Pero Godinho. Obrigava-o o interesse da fazenda a contrariar a obra dos Frades, e a todo seu poder a contradizia: mas passados alguns dias foi-se ao Governador; e disse-lhe, que de todo ponto desistia de sua pertenção, e queria largar a horta, e assento, inda que mais valera. Porque lhe parecia, que fazer outra cousa, seria encontrar a vontade de Deos. Espantado o Governador, foi Pero Godinho contando, que huns hortelões seus gentios, vendo-o sentido por haver de largar a fazenda aos Frades, lhe referirão singelamente, que pouco antes de chegadas as náos de viagem, acharão no meio da terra, que se demarcava, dous homens de habitos largos, e cubertos de capas pretas, coroas abertas, e barbas rapadas, que falarão com elles, e lhe disserão, que quando alli vissem outros Cacizes de similhante representação, folgassem de os agasalhar. Referia isto com grande gosto o Governador ao Vigario geral: e elle ouvindo-o com o mesmo, contou-lhe ao proposito caso pouco differente, que nas nossas Cronicas se escreve(1), succedido em Bolonha no sitio, em que depois se levantou o nosso Convento. Era povoado de vinhas primeiro que fosse da Ordem: e aconteceo, que madrugando os cavadores a trabalhar n'ellas, notarão por muitas vezes, que estava alumiado com grandes luzes, e claridades do Ceo: sendo assim, que senhoreava tudo á roda o escuro da noite.

Demarcado o sitio, e despedidos os moradores, pagas suas propriedades, ordenarão os Religiosos huma Igreja de taipa, e seu recolhimento, e clausura ao longo d'ella. E tanto que o tiverão em estado de poder servir, entrarão n'elle com solemne procissão, que acompanharão os Padres de S. Francisco, depois de seis mezes de amoroso gasalhado. Do qual ficando huns, e outros grandemente satisfeitos, usou o Prelado Franciscano de hum grande primor, mandando ao nosso huma fermosa esmola de dinheiro, que dizia, era das Missas, que os hospedes, sem cuidar em tal paga, lhe tinhão dito em sua casa. Porque todas desd'o dia, que entrarão, mandara apontar para o effeito que vião. Bem se deixa ver n'isto, que não falta nenhuma virtude, em quem segue a santa po-

(1) Huberto livro 1. cap. 4. ex. 3 e 4.—Leandro Alberto liv. 5.—Castilho part. 1 liv. cap. 38.

breza Evangelica. Pois onde não havia que dar, sobejou largueza e liberalidade: liberalidade no animo, e grandeza na obra.

Não tolheo o gasalhado humilde aos Religiosos, começarem logo o exercicio de seu instituto, e lembrando-se do que se escreve dos nossos primeiros Padres, que d'esta marca erão seus edificios d'aquelle bom tempo antigo, não por força de necessidade, como agora lhes acontecia; mas por puro gosto de seguir em tudo humildade, e a doutrina, e lições de nosso Santo Patriarcha. Assim começarão juntamente com confiança a abrir escola da Sagrada Doutrina. Prégavão, e ministravão os santos Sacramentos em casa, e acudião fóra aos necessitados, com tanta piedade, e modestia, que davão com ella muito espirito ao que fazião. E o que muito consolava aos vizinhos, era ouvir suas vozes no silencio da noite, louvando ao Criador, cortando o somno nas horas que mais laborioso, e necessario he. He o canto Dominico pela differença que tem da musica secular, chão, e humilde; mas devotamente engraçado. A casa pequena, que era quasi como estar na rua, e a quietação nocturna fazião que soasse ao longe, e obrasse, nos que o ouvião, os bons effeitos para que foi ordenado pela Santa Igreja, em huns devação, n'outros compunção. E bem he de crer da Christandade Portugueza d'aquelle bom tempo, que não haveria nenhum tão esquecido de si, em quem a brandura d'aquella toada, e o cuidado de quem em tal hora a exercitava, não espertasse saudades, ora do Ceo, ora da patria, de que por tantas leguas se achavão divididos. Ajuntava-se ser o clima sempre calmoso, como jaz em dezaseis gráos da Equinocial. Passão os homens muitas noites ao sereno, ou nas casas com janellas abertas, e fica-lhes servindo a santa harmonia, de provocar, ou fazer mais suave o somno, que o fogo da calma sempre tolhe, ou encurta.

Seguirão esta escola com outra, que até então não fôra vista na India; que foi publica lição de santa Theologia, sendo primeiro Cathedratico d'ella o Padre Presentado Frei Francisco de Macedo; e teve logo por ouvintes alguns Padres de S. Francisco. Porque como seu principal cuidado era servir o povo, e entender na conversão da Gentilidade, não tratavão inda então de ter entre si leitores, como agora tem.

Não se perdia entretanto a lembrança do edificio de pedra e cal. Mas alguma cousa o suspendeo a doença, e falecimento que a seguio, do Governador Garcia de Sá. Porém succedendo-lhe no cargo Jorge Cabral, Fidalgo honrado, e muito pio, tiverão os nossos Religiosos n'elle

grande pai, e amigo. Porque não só foi facil, e prompto em acudir com as quantias, que el-Rei tinha mandado dar para a fabrica; mas era promotor d'ella com palavras, e obras: e se achou com a Communidade, quando se deu primeiro principio á Igreja, que foi ultimo dia d'Abril de 1550 (1). E elle por sua mão assentou a primeira pedra, e debaixo d'ella hum portuguez de ouro, moeda de quinze cruzados de peso. Assentou segunda o Padre Guardião de S. Francisco. Foi grande a solemnidade, grande o concurso da fidalguia, e povo; e a obra cresceo com tão boa mão, e tanta abundancia de tudo, que he o mais fermoso templo de todo o Oriente em capacidade, e sumptuosidade de pinturas, e dourados, e em numero de capellas ricamente ornadas. Assim tardou em se acabar quatorze annos. No discurso dos quaes se virão algumas cousas bem dignas de memoria para gloria de Deos. Foi huma, que acontecendo cahir alguns trabalhadores de lugares altos com manifesto perigo de vida, nenhum morreo. Foi outra, e mais de estimar, que sendo estes todos gentios no principio da obra, quando acabou, nenhum ficou, que se não convertesse.

Corrião com mais diligencia o gasalhado dos Frades, e officinas; porque sobejavão officiaes: e com grandeza, e sumptuosidade proporcionada; porque não faltava dinheiro, tanto da parte do Governador amigo, como de esmolas com que acudia o povo. Por onde pareceo ao Vigario geral que era tempo de dar ouvidos aos rogos de muitos moços de qualidade, e esperanças, filhos dos cidadãos de Goa, que requerião o habito: assim pela boa inclinação que se enxergava nos sugeitos, como por gratificar a devação, que os pais mostravão á Ordem. Cresceo o numero com a dilação, que o Prelado fez para provar os espiritos. Tendo em rol quasi vinte, aprazou dia, e hora para os receber juntos. Correo ao Convento toda a nobreza da India: foi dia de triunfo, e gloria para a Ordem, dando todos graças a nosso Senhor de verem renunciar o mundo, e delicias d'elle tantos moços ricos, nobres, e na flor da idade: e em terra, que tão poucos annos havia, fôra huma cova de demonios, e ladroeira de infidelidade. Sinalou-lhes o Vigario geral por Mestre o Padre Frei Ignacio da Purificação, official velho, e experimentado no mister, que fazia o mesmo, como atraz dissemos, no Convento de S. Domingos de Lisboa, quando aceitou embarcar-se. Assim fez discipulos de grande nome.

1) Gaspar Correa, liv. 16 do governo de Jorge Cabral.

Sustenta esta casa commumente sessenta Religiosos. Ás vezes chegão a setenta, e oitenta, respeito das monções que detem, e represão os que hão de passar a outras casas. A renda de que vivem, e que entra n'ella cada anno, he de seis para sete mil pardáos, entrando n'este quantia as esmolas da sacristia, e a ordinaria, que el-Rei manda dar de sua fazenda, que já agora sobe a dous mil cruzados em dinheiro; sete pipas de vinho de Portugal, treze cantaros d'azeite, cento e vinte pardáos para paga de Medico, e botica. Este Convento com o de Chaul, e Cochim achamos aceitados juntos pela Provincia, no Capitulo em que foi eleito em Provincial o Padre Frei João de Salines, anno de 1556.

CAPITULO VI

Fundão-se os Conventos de Chaul, Cochim, e Malaca: tomão os nossos Religiosos a seu cargo a conversão da gentilidade da ilha de Goa.

Levantado assim o primeiro Convento, que havia de ser cabeça, e tronco da nossa Congregação, e casas do Oriente, tratarão os doze companheiros de se repartir, e estender a mais lugares. Forão os primeiros as cidades de Chaul, e Cochim, que já então tinhão muito nome, e grande povo de gente Portugueza: e havia occasião de se fazer muito serviço a Deos, e bem aos proximos em ambas. Porque de ambas era o trato mui grosso; que sempre ha rede de embaraços para as almas: em ambas havia muita riqueza; certa isca, e incentivo de vicios. Aqui edificarão os nossos Frades com gosto dos moradores, que muito ajudarão á obra, e fizerão que excedesse os limites, que a humildade religiosa queria guardar, visto não ser Mosteiro Realengo. Parece, que adivinhavão estes povos, que havião de ser ambas, como depois vierão ser, seminario de grande numero de Religiosos, qne correrão, e povoarão todas as provincias do Oriente, como logo hiremos vendo. Foi o primeiro Convento em que puzerão mão, o de Chaul, o segundo Cochim, e o terceiro Malaca.

Vendo o Vigario geral, que tinha acudido conforme a possibilidade presente a seus naturaes, que segundo a boa ordem de charidade devião ser primeiro servidos, foi cuidando por onde começaria o primeiro emprego em beneficio da Gentilidade, que muito dezejava. Notou, que em pequeno districto, como he o da ilha de Goa, que não tem mais que

tres legoas, vivião á nossa vista, e conversavão na cidade, hum grande numero de almas sem Fé. Tratou com Dom Pedro Mascarenhas, que el-Rei pouco tempo depois mandou por Governador do Estado, que as repartisse, e entregasse ás Religiões, para se hirem com sua presença, e doutrina dispondo para receberem o santo bautismo. Foi traça, e conselho do Ceo pelo grande fruto, que d'ella tem resultado. Derão-se duas ilhas, que ficão ao longo da de Goa; huma aos Padres da Companhia, a que chamão Salsete; e outra, que he Bardas aos Frades de São Francisco. Na ilha de Goa forão entregues aos Frades de São Domingos quinze aldeas, ordenarão-se logo n'ellas pelos nossos, quatro Igrejas, e quatro Vigairarias, e Religiosos em cada huma, que as curassem. Fundou-se a primeira na aldea, que chamão Merumbim a grande, e como cada anno vinhão acudindo do Reino novos ministros do Santo Evangelho, embarcando-se muitos Padres, como á porfia, para ajudarem seus irmãos, deu-se o cuidado d'ella ao bom Padre Frei Aleixo de Setuval, filho de habito do Convento d'Azeitão. Deu-lhe elle o nome de Santa Barbara. E em tres annos, que a administrou, se affirma, que bautisou sete mil almas. Fundou-se a segunda no lugar de Carapor, chamada de Santa Cruz. A terceira se chamou São Miguel na aldea de Taleigão; a ultima, Santa Magdalena na aldea de Serdão. Era a gente muita; mas puzerão os Padres tão boa ordem, e tanta diligencia em sua administração, que sem mais forças, nem artificios, que a singeleza da verdade Evangelica, proposta com cuidado, e devação, se foi extinguindo a cegueira, e affeição dos idolos, e recebendo toda aquella grande multidão a luz do Ceo. De maneira, que já no tempo, que isto escrevemos, que he no anno de 1627, quasi senão vê n'ellas homem gentio. E os mais dos moradores presentes são já filhos, e netos de gente bautisada, e tão amaçados, e amigos com os Portuguezes, que muitos, que se achão bem afazendados, casão suas filhas com elles. A ordem, com que se alcançou, e mantem tamanho bem, foi, e he ainda hoje, mandarem os Padres juntar cada dia pela manhãa todos os mininos em certo posto, d'onde vão demandar a sua Igreja em procissão, e com modestia cantando a Doutrina Christãa em sua lingoa: que entoão dous dos mais destros, e os outros respondem. Aqui ouvem Missa, e vão aprendendo até idade de dez annos, alem das cousas da Fé, tambem a ler, e escrever, que os Padres ensinão com grande paciencia, e continuação, aos que mostrão inclinação, e habilidade. E porque não haja faltas, tem em cada Vigairaria seu ministro, que chamão Meirinho, cujo officio

he saber e apontar os mininos, e mininas, que ha em cada huma. Porque até idade dos dez annos, nenhum ha izento, nem macho, nem femea, de acudirem cada dia á santa escola. Acabada a lição, tornão-se com o mesmo concerto com que vierão ao lugar onde se juntarão, e d'ahi para suas casas.

CAPITULO VII

Em que se apontão os Vigarios geraes, que governarão esta Congregação, com seus nomes, e tempo, que no cargo assistirão.

Antes que desçamos aos feitos mais particulares da Congregação, e dos filhos d'ella, sinto-me obrigado a seguir o estilo, que nas cousas da Provincia temos levado, em quanto achamos luz, e memoria para o continuar. Digo fazer huma relação summaria, em que se achem juntos tempo, e nomes dos Prelados, que n'ella presidirão. Porque considero ser diligencia de muita satisfação para quem lê: e em certo modo alivio, e descanço, para quem folga de fazer memoria, e juizo da lição. Assim o fizemos na primeira parte d'esta Historia, apontando os Provinciaes Portuguezes, que podemos descubrir de toda Espanha, antes qne houvesse separação de Provincias. Assim o fizemos na segunda, particularizando por huma parte os Provinciaes, que administrarão esta Provincia depois da separação que houve entre Portugal e Castella, e em quanto durarão os Vigarios, que houve nos Conventos da observancia: e por outra parte dando tambem particular noticia dos mesmos Vigarios da observancia. E finalmente deixamos feita semelhante diligencia n'esta terceira parte, depois que a Provincia se unio debaixo da obediencia de huma só cabeça, com relação precisa, e miuda de todos os Provinciaes, que a governarão até o tempo, em que fazemos conta de dar fim a este longo, e cançado trabalho de escrever.

Governou o primeiro Vigario geral, Frei Diogo Bermudes, a Congregação desde o anno de 1548, em que foi inviado á India, até parte do de 1559, que forão onze annos.

Foi segundo Vigario o Padre Frei Antonio Pegado, pessoa de grandes letras, grande prudencia, e conselho, inviado pela Provincia ao cargo. E assistio n'elle quatro annos.

Seguio-se o Padre Frei Manoel da Serra, e cumprio seus quatro annos.

Succedeo-lhe por commissão inviado da Provincia o Padre Antonio Pegado, que residia em Goa. E começou novo, e segundo governo, no qual faleceo a cabo de dous mezes.

Por seu falecimento tornou a entrar no cargo o Padre Frei Manoel da Serra. Tocou-lhe a successão por hum assento, que ha na Congregação, que entre no lugar do Vigario geral defunto, quem estiver no de Prior de Goa, que elle actualmente servia. E assistio d'esta vez no officio de Vigario geral dous annos.

Sabida em Portugal a morte do Padre Frei Antonio Pegado, foi inviado da Provincia o Padre Frei Francisco d'Abreu, que cumprio seus quatro annos.

Entro apoz elle o Padre Frei Gaspar de Mello, Mestre em Theologia, e Inquisidor da India. Governou quatro annos.

Foi-lhe por successor o Padre Frei Bernardino d'Almeida, irmão de Dom Francisco d'Almeida: cumprio seus quatro annos. Era filho do Convento de Bemfica.

Outros tantos governou o Padre Mestre Frei Antonio de Santa Maria, que foi nomeado da Provincia por seu successor, estando na India, e em idade de quasi setenta annos, depois de ter trabalhado muitos em ler Theologia, e ser muitas vezes Prelado. Conta-se d'elle, que adoecendo de grave doença, seis mezes antes de cumprir seu tempo, sempre affirmou, que não morreria, sem primeiro lhe vir successor do Reino. E fallou tanto ao certo, que veio a falecer no mesmo dia, que chegarão as náos do Reino, e entrou por casa novo Vigario geral, com cuja vista pedio o Sacramento da Unção, que o mesmo successor lhe ministrou, cumpridos como a Santo seus bons dezejos, e com elles o termo justo dos quatro annos de sua prelacia, e juntamente o da vida.

Frei Jeronymo de Santo Thomas se chamava este Padre, insigne pela formosa companhia de Prégadores, com que entrou em Goa. Não forão menos de vinte e quatro, e elle foi seu Prelado supremo, e da Congregação sete annos.

Traz elle a governou sinco o Padre Frei Francisco de Faria, e porque faleceo no cargo, lhe succedeo o Padre Frei Jeronymo de São Domingos, que estava na India.

Este Padre Frei Jeronymo cumprio quatro annos de governo.

Por fim d'elles chegou de Portugal por Vigario geral o Padre Frei Antonio de Leão, que faleceo aos seis mezes depois de chegado.

Tambem viveo pouco quem lhe succedeo, que foi o Padre Frei Antonio Dorta, que não durou mais no cargo que hum anno e meio.

Entrou em seu lugar por successão o Padre Frei Domingos Pico, que foi o primeiro Religioso natural da India, que governou a Congregação. Era nascido na cidade de Cochim. Tinha dez mezes de Prelado, quando lhe chegou successor do Reino.

Foi o successor o Padre Frei Antonio de Siqueira, que cumprio quatro annos, e se tornou para a Provincia.

Succedeo-lhe mandado do Reino o Padre Frei Thomas de Siqueira, que partio de Lisboa nas náos de 1608, e teve o cargo até Setembro de 1614.

Por Março de 1614 foi despachado da Provincia por Vigario geral, o Padre Frei Miguel Rangel, que deixada a cadeira, que lia de Escritura no Convento de Lisboa, se tinha recolhido na Recolleta, que no anno atraz tinha mandado assentar no Convento de Bemfica o Reverendissimo Geral Frei Serafino Sicco. Passou com boa viagem á India, e cumprio seus quatro annos.

Por ordem que se mandou da Provincia, succedeo no governo da Congregação o Padre Mestre Frei Antonio de São Domingos, famoso letrado. Era filho da Congregação, mas natural de Lisboa. D'elle se diz, que tinha vista de lince, que passava paredes, e todo corpo solido, cousa portentosa, mas certa. Adoeceo a cabo de hum anno. Faleceo em dia de Nossa Senhora do Rosario, de quem era muito devoto.

Apoz este Padre entrou por successão, e nova ordem de provimento secreto, e cerrado em vias, que se abrirão, como se usa no governo dos Viso-Reis, o Padre Mestre Frei Diogo Madeira, que governou tres annos.

Passados estes, chegou ordem da Provincia, que lhe succedesse o Padre Mestre Frei Jeronymo da Paixão. Começou a servir com a chegada do Conde da Vidigueira á India, da segunda vez que a foi governar. E não sabemos, que tenha deixado o cargo da Congregação no tempo que isto escreviamos, que he em Fevereiro do anno de 1627.

Entre as successões d'estes Padres Vigarios geraes, sabemos que partirão da Provincia muitos Religiosos merecedores de ficarem em memoria por partes de letras, e virtude, e pelo animo que levavão de servir nos ministerios da Congregação. Houve arribadas, e perdições de

náos, que tolherão chegar-nos a noticia d'elles. Mas não deixaremos em silencio a valerosa, tanto como infelice determinação com que se offereceo ao mesmo serviço o Padre Frei Antonio de Lacerda, depois de quatro annos de Provincial, e em idade mais para descançar na patria com a authoridade, que tinha ganhado com el-Rei Dom Filippe I de Portugal, e seus ministros, que para começar de novo a experimentar os trabalhos do mar que na mocidade cursara. Porque tomou habito na India depois de ter alguns annos de soldado. Aviava-se para passar á India em Novembro de 1590, Ruy Gomes da Gran por Capitão do galeão São Lucas. Não lhe soffreo o coração esperar o tempo mais proprio d'esta navegação, que he a entrada de Março do anno seguinte. Juntou comsigo hum bom numero de sugeitos de grande qualidade em letras e religião. Embarcou-se com o titulo de Vigario geral da Congregação, cargo em que se via fazer notavel serviço á Ordem pelos maiores, em que esteve occupado. Partirão de Lisboa com bom tempo; mas como era na força do inverno, era em dezoito de Dezembro, carregou-lhes tanto vento, que parou em tormenta desfeita. Affirma-se, que na primeira noite que começou, e no primeiro impeto d'ella sossobrou o galeão. Porque huma caravella que o seguia, passado o temporal, não houve mais vista d'elle, e julgavão os passageiros, que fôra causa de sua perdição, levarem abertas as portinholas da artelharia baixa com as peças abocadas, e alagar-se por ellas d'agoa. Era tempo de guerras com Inglaterra, o Capitão bom soldado, mais que marinheiro. Porque a conjunção pedia acautelar contra os elementos, não contra os homens.

Tambem forão mantimento dos peixes por differente modo outros dous Vigarios geraes, que depois partirão do Reino, e ambos acabarão no mar de sua doença. Foi hum o Padre Frei Pedro dos Anjos: outro o Padre Frei Antonio Ferreira. Com o primeiro morrerão os Padres Frei Gaspar do Rosario, natural d'Aveiro, e Frei Balthasar da Veiga, d'Evora: com o segundo outros dous companheiros, Frei Paulo do Canto, e hum irmão Leigo, que tresvaliado com frenesis se lançou de noite ao mar.

CAPITULO VIII

De alguns filhos d'este Convento de São Domingos de Goa, dignos de memoria.

Hum dos primeiros noviços, que n'esta casa de Goa vestirão o santo habito, foi Frei Christovão do Espirito Santo. Era moço muito habil, e bem pratico nas lingoas do gentio da terra, e dos Mouros. Como acabou seu estudo, e foi ordenado de Missa, com idade para doutrinar, e confessar, deu-se-lhe licença para confessar geralmente nas quatro Vigairarias. Porém juntava com a habilidade natural vida inculpavel, muita modestia, e grande zelo da honra de Deos. Com estas partes chegou a descubrir, que permanecião todavia entre os bautisados secretas reliquias de costumes gentilicos. Fez diligencia contra os culpados, prendeo, e castigou alguns. Encherão-se de raiva todos, atiçou a paixão o pai da maldade Lucifer. Conjurão-se em matar o bom pastor a ferro. Mas temendo ser sentidos, e haver de pagar a traição com as cabeças, mudarão de conselho, e usarão de meio mais seguro, e mais secreto; que foi, darem-lhe peçonha tão disfarçada (como toda a India he cheia de mestres d'ella) que o innocente Religioso não entendeo, senão depois que os effeitos, e accidentes a descobrirão; que forão publicos, sahindo-lhe por todos os membros evidentes sinaes do toxico, bastante para vencer, e derribar qualquer natureza, que não fôra ou tão robusta, como a sua, ou tão defendida de quem tudo governa com soberana providencia, que he Deos.

Sincoenta annos tinha dado ao mundo Simão Botelho d'Andrade, tendo servido tres annos de Capitão de Malaca, e doze de Veador da Fazenda da India, depois de muitos de valente soldado, quando lhe abrio Deos os olhos, para entrar em contas comsigo. E pesando com bom juizo as cousas do mundo, vio que era sonho a vida, sombra os gostos, vidro a saude, doença, e miseria por si a velhice, em que estava entrado, que tinha a morte á porta, e a salvação arriscada: determinou-se animosamente em deixar tudo, e tratar só de seguir a vida, e bens d'alma. Vai-se hum dia ao Vigario geral Frei Diogo Bermudes, pede-lhe por misericordia huma mortalha do habito de São Domingos. Lançou-lh'a elle com grande alegria de toda a Communidade: recebeu-a o noviço com igual consolação de sua alma, e espanto de toda a gente secular da India, que pasmava de ver, que quando era tempo de lograr as riquezas, que ja possuia, e gostos, que podia ter certos, então se enterrava por

sua vontade, e entrava em novo genero de milicia, e trabalhos depois de velho. Mas ninguem se espantou, nem sentio mais esta mudança, que Dom Pedro Mascarenhas, que chegando do Reino a governar a India, e fazendo conta que tinha n'este homem hum piloto sabio, e santo, para com elle acertar, e descançar nos maiores cuidados d'aquelle Estado grande, pareceo-lhe que o achava enterrado. Era isto em tempo, que estava recolhido de pouco. Não quiz, nem podia desfazer a obra de Deos; que se mudão mal os homens crescidos. Mas por não perder o interesse do bom conselho, do qual trazia ordem d'el-Rei Dom João se aproveitasse, não tomava assento em nenhuma cousa importante, sem o ouvir. Hia-se ao Convento, sentava-se com elle no canto da cella, em quanto foi noviço. E affirma-se, que de seu parecer proveo cousas de muita importancia, e sustancia para bem do Estado, e serviço de Deos. Depois que professou, mandava-o chamar, para ouvir seu parecer nas materias em que fazia juntas com Fidalgos, e Capitães. O mesmo fez depois o Viso-Rei Dom Constantino, irmão do Duque de Bragança, dando-lhe tanto credito em tudo, que quando foi a conquista do Jaffanapatão, o levou comsigo. Porque não tinha menos voto nas cousas da guerra, que nas da paz. Este Viso-Rei lhe fez a festa, e gasto da sua Missa nova com grande apparato, e magnificencia, por mandado da Rainha Dona Catharina, que já então governava o Reino por morte d'el-Rei Dom João. Soube que Dom Pedro lhe fizera a profissão com largueza: mandou, que na Missa nova houvesse aventagem. Ficarão d'este Padre muitos exemplos de humildade, obediencia, e brandura religiosa, com que se fazia amar de todos. Na obra da Igreja foi incansavel ajudador. Affirma-se, que a seu trabalho, e diligencia se deve a fermosura d'ella. Porque de noite recolhido na cella estudava traças para alvitres de esmolas, que sem damno da Fazenda Real, nem das partes servissem para a obra: E por taes lhe erão logo concedidos pelos que governavão. Estas esmolas, com o que deu de sua fazenda, e derão por amor d'elle seus amigos, se achou por conta de livro, que subirão a trinta mil pardáos. De dia assistia com os Architectos, e officiaes, ora procurando a perfeição da fabrica, ora correndo a pé, e muitas vezes, as pedreiras a ver, e notar a cantaria, que se cortava. E ultimamente foi grande parte com sua brandura, e bons modos, para que todos os Gentios, que na obra ganhavão jornaes, se viessem a converter, e ganhar as almas. E elle por sua mão os bautisou em hum dia de São Domingos. Faleceo de sua doença, pedidos, e recebi-

dos todos os Sacramentos. E ficou em memoria, que no da Extrema Unção fez huma fala a todo o Convento junto, com tanto espirito, que espantou muito aos doutos, e consolou a todos.

Filho foi do mesmo Convento, inda que nascido em Setuval, o Padre Frei Jorge da Costa. Assistindo na Vigairaria de Santa Barbara com seu natural, e amigo o Padre Frei Aleixo de Setuval, hum dia de S. Lourenço, em que o Vigario fez bautismo geral dos que tinha convertido, e cathechisado no discurso de hum anno atraz, foi tão excessivo o trabalho, que padeceo no santo ministerio, e em vestir os bautisados, que passavão de setecentos, que adoeceo gravemente: e sendo levado a Goa, á enfermaria do Convento, para ser melhor curado, durou poucos dias. N'elles padeceo fortes tentações do inimigo infernal, que em figura de hum cafre, negro, e feo (propria figura de qual o tem feito seu peccado, sendo d'antes fermoso, e bello, como a estrella d'alva) o tentava com desesperações de salvação. Chamou o affligido Padre pelos Irmãos, que lhe assistião, queixou-se, pedio soccorro. Começarão huma Ladainha, invocando todos os Santos do Ceo. E chegando ao verso *Agnus Dei miserere mei*, desapareceo o tentador. Ficou o enfermo cheio de alegria, e com ella expirou, e em mãos de Frei Aleixo, que nunca o desemparou.

Por filhos d'este Convento de Goa podemos contar com razão os doze, que o fundarão, que todos, e cada hum por si merecem memoria, e fama. E tiveramos boa occasião de historia, se entre nós não faltara (queixa já sem remedio) aquelle bom cuidado, que as outras Religiões tem nas cousas do lustre geral d'ellas, e dos que por ellas trabalhão. Assim sendo certo, e averiguado, que além d'estes doze nos deu este Convento muitos espiritos, que em vida, e morte forão insignes, he mui pouco o que de huns, e outros achamos apontado com aquella particularidade, e certeza, que em historia religiosa se requer.

Entre o pouco que achámos, se offerece dizer alguma cousa do Padre Frei Gaspar da Cruz, que foi hum d'estes doze. Este Padre foi natural d'Evora. Depois de serem fundados os Conventos de Goa, Chaul, e Cochim, navegou para Malaca, e fundou a casa, que alli temos; mas não lhe sofreo o espirito descançar, depois que a teve em estado. Tendo novas, que no Reino de Cambaya havia disposição para receber o Santo Evangelho, foi-se a elle, communicou o Rei, e o povo: mas achou que fôra engano dos informadores. Porque depois de lhe ter custado experimentar na viagem do mar muitos perigos de fome e doença, e perder

na terra perto de hum anno de tempo em estudar a lingua, achou que o Rei era Bramene por seita, feiticeiro por gosto, e costume; e governado por outros taes; que estes erão os seus maiores validos; e huns, e outros não punhão mão em nada sem primeiro consultar o Diabo. Vendo que não havia que esperar de homem, que de tal conselheiro se servia, quiz tentar o povo, deu com nova difficuldade: alcançou, que era todo, sem ficar homem, cativo do Rei, por hum muito antigo, e máo direito, e pelo mesmo caso, inda que lhes mostrava suas ignorancias, e elles as confessavam, por tão cativos se havião do Rei nos entendimentos, como nas pessoas: e conhecendo a verdade, por nenhum caso se atrevião a admittil-a, dizendo, que sem licença de quem lhes tinha na mão a liberdade, não podião mudar crença. Obrigado da cegueira do tyrano, e miseria dos subditos, dezejou buscar gente menos entregue ao Diabo, ou mais senhora de si. Havia no porto hum navio da China; notara bons juizos nos homens, communicando-os; foi-se com elles, e entrou pela terra dentro, e foi o primeiro Religioso, que lhes levou novas do Santo Evangelho. Mas parece, que não era chegado o tempo em que Deos queria começar a abrir-lhe os olhos, nem a estes, nem aos de Cambaya. A cabo de hum mez, que gastou na cidade de Antão fazendo suas diligencias na materia da fé, acudio o inimigo do genero humano com hum encontro, que não podia ser traçado senão de seu engenho. Aparecerão taboas por todas as ruas com rotolos, que ninguem agasalhasse os Portuguezes sob graves penas. Assim foi força deixar a terra, e o intento. Entrou o Padre Frei Gaspar em hum Templo, vio tudo cheio de idolos, páos, pedras, e metaes (1), inflammado em zelo do verdadeiro Deos, e com dor de ver gente, que enchia a casa, e tão cega, que os estava adorando; chega-se aos que com suas forças pôde abalar, dá com elles em terra, mostrarão cahindo quem erão fazendo-se pedaços. Acudia o povo á vingança, pedio elle que o ouvissem: e taes cousas lhe poz Deos na boca, mostrando-lhes a vaidade, e engano, que nenhum mal lhe fizerão. Perdeo o bom Padre a corôa certa do martyrio, que dezejava: e os Chins mostrarão seu bom entendimento, em o não maltratarem pelo feito. Mas era incansavel o animo d'este Padre, excessivo o dezejo em que ardia de prégar a Fé. E se bem despejou esta terra, porque não pôde alfazer, buscou logo outra igualmente cega, e necessitada. Navegou para Ormuz. Aqui achou mais liberdade. E não só prégou, e aproveitou mui-

(1) Padre Mendonça liv. 2. cap. 3 de seu Itinerario.

to, e a muitos; mas ajudou a fundar a casa, que alli teve a Ordem algum tempo, e depois por justas considerações largou. Da China, e Ormuz nos deixou Frei Gaspar huma bem escrita Relação, que se imprimio em Evora no anno de 1569. Porque em fim de tanto mar coado, tantas terras acometidas, fez ultima viagem para a patria: não para descançar, mas para merecer com ella em outros serviços, de que ao diante se dirá alguma cousa.

Companheiro foi dos doze, e parte não pequena em seus trabalhos o Padre Frei Ignacio da Purificação; primeiro Mestre de Noviços em Goa: tão conhecido, e estimado por toda a India, que d'ahi nasceo andar escrito, como anda no Martyrologio da Ordem, entre os varões mais insignes d'ella.

CAPITULO IX

Do Padre Frei Antonio Pestana, filho do Convento de Goa.

N'este Convento foi recebido ao habito Frei Antonio Pestana, sendo nascido no Reino de Portugal na villa de Figueiró, Bispado de Coimbra, villa, que sempre se acompanha com o titulo dos seus vinhos, pela abundancia que d'elles tem. Sua vida foi insigne em religião, sua morte dando o sangue por Deos. Bem nos merece por huma cousa, e outra, que alarguemos hum pouco a narração de suas cousas. Passou Frei Antonio á India muito moço: seguio o exercicio das armas, e deu tão boa conta de si, que alcançou nome de valente soldado na guerra, pelejando com os inimigos do Estado, e na paz sahindo a desafios com alguns naturaes, que primeiro havião sido ou amigos, ou companheiros. Assim era buscado dos fidalgos, que se embarcavão, respeitado dos soldados, e estimado de todos. Mas no meio d'esta oufania, que o mundo julgava por felicidade, veio a cahir com bom discurso, que hum dia podia ser vencido, e morto na paz, ou colhido de hum pelouro em máo estado na guerra, e faria naufragio á alma, sendo ella o thesouro de que só deve fazer conta o homem sisudo. Considerava que sendo tal, não só o trazia em vaso de barro, fraco, e quebradiço; mas por huma vangloria, e falsa opinião do vulgo o arriscava precipitadamente, e por sua vontade cada dia. Assentou comsigo buscar milicia, onde vencedor, e vencido segurasse sempre o partido d'alma. Mas acudio logo o tentador a lançar nevoas, e escurecer o que já erão luzes do Ceo, e da graça: e

como o tinha por seu na vida passada, e he grande dor do Inferno hum peccador convertido, armou-se contra elle de todos seus artificios, e maldade, provou varios generos de tentações, e enganos: e emfim vendo que prevalecia a graça, descubrio-se, fallou claramente, e não alcançando nada, nem por esta via, fulminou medos, e fantasmas: e para mais merito do novo soldado de Christo, permittindo-o assim o Senhor, chegou a pôr-lhe as mãos, e tratal-o mal. Porém tudo o confirmava mais em reconhecer, que lhe convinha recolher-se a sagrado, que pois o inimigo, nos tempos que andava afogado no vicio, e soberba da vida, nunca se lembrava d'elle, sinal era que fazel-o agora, não podia ser outra cousa, senão dor de o ver seguir os caminhos da verdade. Animado d'este pensamento, e posta toda sua confiança n'aquelle Senhor, a quem nenhum peccador, por grande que seja, se de verdade o busca, faz asco: antes aos taes manda festejar pelos seus cortezãos do Ceo: entrou pelas portas de S. Domingos, pedio, e recebeo o habito. O valor, com que se governou n'esta nova milicia do Ceo, foi hum retrato do mesmo, com que tinha procedido na terra, mudados somente os fins: lá soberba, cá huma extrema submissão: lá não sofrer nada, cá ser anticipado, e andar por humilde debaixo dos pés de todos, e tomar sobre si só todas as cargas, e pesos maiores da Religião: lá pouco lembrar do Ceo, cá se o não divertia a obediencia em algum serviço, estar em perpetua vigia diante do Santissimo Sacramento, orando: lá festas, risos, murmurações, cá silencio inviolavel, lagrimas continuas, e os banquetes, e delicias da Asia convertidas para toda a vida em Adventos, e Quaresmas inteiras passadas a jejuns de pão, e agoa. Assim o testemunha o P. Frei Antonio da Visitação na relação, que nos deixou escrita, e temos em nosso poder, das cousas d'esta Congregação, em que residio muitos annos, e em ella acabou a vida, como ao diante veremos. Em fim tal foi o noviciado, que não se lhe esperou mais para o fazerem Mestre d'elle, que chegar a cantar missa. Vio-se o acerto da eleição na hora que a começou a exercitar, como quem se apercebe de matolatagem, para navegação comprida: assim se fundou de novo em toda virtude, vendo-se encarregado d'almas. Lembrava-lhe, quão arriscada trouxera hum tempo a sua: não queria ver nenhuma com perigo. Dezaseis Irmãos havia na casa quando lhe foi entregue. Erão os dez noviços puros. Como se forão os olhos seus assim lhe temia até os argueiros, e procurava guardal-os d'elles. Assim os vigiava, como se elle fôra mãi, e elles donzellas. Ouvio hum dia na

lição da mesa: *Filiam habes, ne ostendas ei faciem hilarem* (1). Pareceo-lhe, que dizia: Tens filha, lembra-te, que inda que seja huma só, sempre te ache carregado no rosto, nunca risonho, nem prazenteiro. Sendo toda a brandura do mundo em lhes procurar consolação de obra, e palavra, o sembrante sempre era torcido, severo, e sombrio. E quando convinha castigar, se carregava a mão, via-se n'elle, que o fazia á força, e contra sua natureza. Comtudo o rigor era poucas vezes, porque de maneira o fazia respeitar a gravidade do gesto, que se dizia por elle, que o seu calar fazia Capitulos, e o seu fallar obrava: taes erão as palavras, que abrazava com ellas os corações, e a todos enchia de amor da virtude, e dezejos de agradar a Deos. Taes as obras, que como se tivera espirito profetico, assim sentião todos, e cada hum em si, que fallando, e obrando lhes acudia ás necessidades interiores. Dous casos diremos n'este proposito, que pelo fruto, que d'elles resultou, ficarão em lembrança.

Estava hum dia na cella do Prior, tratando com elle no que tocava a seu cargo: eis que subitamente fica todo demudado, e sem côr no rosto, corta a pratica, e sendo elle a mesma modestia, e compostura, sem fazer mais que abaixar a cabeça, levanta-se, e tira para casa apressurado. Notou o Prelado tudo: e não foi descuidado em querer entender a causa alguns dias depois. Confessou-lhe com humildade o Mestre, que n'aquelle ponto em que o vira ficar como desmaiado, vira o Demonio em figura de serpente entrar-lhe por casa dos noviços, e acudindo atalhara o damno, que procurava fazer. Não se declarou mais por então, mas da qualidade do segundo caso se póde inferir.

Andava hum noviço tentado a deixar o habito: acrescentava-lhe o inimigo o fastio d'elle; porque o Mestre a nenhum outro mortificava tanto: e na verdade assim passava, espantando-se todos os companheiros, e não podendo nenhum alcançar a causa. Hum dia vindo de Matinas fez Capitulo, e sem haver defeito, nem occasião, chamou por elle, mandou-lhe dizer suas culpas, e logo, como se o tentador lhe tivera declarado seu animo, lhe foi dizendo algumas cousas do amor, que devia ao estado a que Deos o chamara: os desastres ordinarios, e sabidos, dos que o deixavão, e dos bens que a Religião rendia na vida presente, e na futura. Espiravão as palavras fogo, amor, e devação, que se fazia conhecer nos suspiros, e lagrimas, que brotavão de peitos, e olhos de todos.

(1) Proverb.

Por remate: Eu meu filho, disse, no pouco, que me recolhi antes de Matinas, vi em sonhos hum milhano negro, e feio, que descia sobre dezaseis frangainhos, que me rodeavão, e empolgava hum. Acudia eu, tirava-lh'o das garras, porém ferido, e maltratado. O milhano he o Demonio inimigo do genero humano, e tanto maior de cada hum, quanto mais entrada lhe dá em sua alma: o ferido de suas unhas sois vós, meu filho, e por aqui vereis, como trata a quem se lhe rende. Ora para que vos não arrebate facilmente, que segundo parece, por vos achar mais leve se atreveo comvosco, he necessario que vos ajudemos com algum peso, que será o d'esta disciplina. E logo lh'a deu tão cruel, e sem piedade, que fez pasmar os Irmãos, por cousa nova, e extraordinaria no Mestre. Foi cura de Medico sabio, cura apropriada á doença: mostrou-se nos effeitos. Recolhidos os irmãos, ficou o penitente só debruçado em terra, regando-a com lagrimas de tal affecto, e compunção, que as não enxugou, nem se levantou até o segundo de Prima: e affirmava depois, que nunca desde que entrara na Ordem, sentira em si tamanha consolação, nem folgara tanto de ser Frade, como depois de recebidos os duros açoutes, que não forão castigo, senão mezinha, e remedio santo para sua alma. Porque a verdade era, que não só andava tentado, mas na mesma hora tinha assentado comsigo, tanto que o Mestre se recolhesse na cella, pedir-lhe seus vestidos, e hir-se. Foi penhor d'esta confissão perseverar honradamente no habito, professar a seu tempo, viver, e morrer n'elle consolado.

D'este, e d'outros successos nasceo, que quando succedia fallar-se n'este Frade, quem o queria nomear para fazer differença de outro do mesmo nome, que na Congregação residia, e vindo depois para a Provincia faleceo no mar, chamava-lhe o Santo. E vio-se que não era adulação, nem pensamento pouco fundado; porque em hum accidente, que teve de hum mal, que na India chamão mordexim, dando-o os Frades por morto, lhe fizerão em retalhos os habitos, e todas as mais peças de seu uso. e por reliquias as repartirão entre si. Mas estava-lhe guardado mais glorioso fim, á mão de Mouros, e em odio da fé, e serviço da Christandade de Solor, como veremos adiante(1). Não acabou do accidente. Conta-se d'elle, que sendo-lhe dada a Vigairaria de S. Miguel da ilha de Goa, para convalecença de huma comprida doença, nunca deixava de se levantar á meia noite a resar suas Matinas diante do Santissimo Sacra-

(1) P. Frei João dos Santos liv. 2. cap. 5 da Christandade Oriental: liv. 5. cap. 15.

mento, e depois ficar em oração grande espaço; cuidado, e continuação que tinha no Convento. E para inclinar os freguezes á devação, e mais veneração do culto divino, todos os Domingos, e dias santos dizia Missa cantada.

CAPITULO X

De outros Religiosos de grandes partes em virtude, e letras, que n'este Convento de Goa residirão.

Com grande nome de pulpito, e letras residio n'este Convento o Padre Frei Sebastião de Vargas, Presentado em Theologia, de que foi Lente não sô n'elle, mas tambem no dos Padres de São Francisco, em tempo que na India não tinhão Lentes, como já hoje tem.

Tambem leo n'esta casa Theologia o Presentado Frei Estevão d'Assumpção, que depois foi por ordem do Arcebispo Primaz de Goa, e com poderes da Santa Inquisição amplissimos visitar as Igrejas de Moçambique, e costa de Melinde, e ilhas de Quirimba. Jornada em que fez grande serviço a Deos, e beneficio aos povos, e emendando erros, castigando culpas, com muita prudencia, inteireza, e christandade.

Se a voz do povo, como affirma o proverbio, he voz de Deos, não podemos negar nomes de Santos aos dous Padres Frei Diogo d'Aveiro, e Frei Thomas do Espirito Santo, Mestre em Theologia, e Deputado do Santo Officio. Porque ambos em toda a India não só tinhão ganhado opinião de grande virtude, mas de huma mui solida santidade. Do Padre Frei Thomas temos já feito memoria em outra parte, e de força o faremos segunda vez, quando tratarmos do Collegio de Santo Thomas de Pangim, que foi obra de suas mãos, e industria.

A perfeição da vida do Padre Frei Thomas da Cova, que depois de muitos annos de residencia d'este Convento, e de Prior de Chaul foi ser Vigario em Mangalor, testemunharão os gentios, com verem na noite que faleceo, subir pelos ares huma resplandecente, e gloriosa companhia; em que notarão com espanto grande multidão, e differença de rostos, trajos, e cores, que seguião como em triunfo huma Senhora, que em tudo representava imperio, e geito senhoril, e junto d'ella hum retrato de Frade, que já conhecião ser o Vigario. Divina permissão para honra de seu servo, e para edificação dos fieis, e salvação dos gentios: dos quaes

se affirma, pedirão muitos o santo bautismo, penetradas as almas do que seus olhos virão.

D'esta casa foi ser Prior da de Cochim o Padre Frei Luis de Medeiros, que servindo o cargo, e sabendo de certo por conta de receita, e despeza, que não havia trigo no celleiro para chegar ao cabo do anno, nem dinheiro no deposito para o comprar, com que se temia grande falta, e trabalho no Convento, nunca deixou de acudir aos pobres, que erão muitos, com largueza. E no cabo do anno se achou com trigo de sobejo. O Padre Frei Antonio da Visitação na sua relação conta isto por outro modo. E diz, que sobre ser o trigo pouco, aconteceo-lhe chover no lugar, em que estava recolhido, que era como hum paiol de madeira, e quando se lhe acudio, estava todo molhado. Era o inverno grande, o trigo pouco, e mal parado, muitos os que comião d'elle. Acudio o Prior á oração, em que era continuo, e mandou, que o trigo se estendesse pelo claustro, para se enxugar, e aproveitar. Foi cousa averiguada, que quando o Procurador tornou ao paiol, para o recolher, achou-o cheio de trigo bom, e enxuto, e em tanta quantidade, que ao abrir da porta corria por ella fóra. Encommendou o Prelado segredo na maravilha, e fez repartir o que estava no claustro entre os pobres, do qual se affirma, que assim molhado, fazia melhor pão, que quando estava muito enxuto. Tinha-lhe a continuação da oração affervorado o espirito em amores do Salvador, e dos mysterios, que obrou em nossa redempção. De sorte que todos celebrava com lagrimas, humas de amor, e gosto, outras de dôr, e sentimento. Alegrava-se no Nascimento, como se só para elle nascera o bom Jesu. Chorava na Paixão tão desconsoladamente, que das Quintas feiras da semana santa, até o Domingo não era outro seu pão. Como o Senhor he tão benigno com os que deveras o amão, contão-se alguns mimos mui extraordinarios, com que honrou este seu servo. Refere o mesmo Padre Frei Antonio, que em huma doença, que teve, sendo Vigario de Damão, tinha hum retabolo defronte do leito com huma devota imagem do Redemptor. Succedeo, que estando acompanhado dos Frades, e pondo-lhe devotamente os olhos, o retabolo se despregou da parede, e á vista de todos se veio pôr entre seus braços: grande, e soberano favor! Mas inda tenho por maior o com que elle acabou a vida. Foi eleito por Prior de Goa, estando ainda em Cochim. Quando lhe derão a nova, foi-se diante do Santissimo Sacramento, e pedio-lhe que, se o Priorado não havia de ser de grande serviço seu, o livrasse d'elle, ainda que fosse com perda

da vida; que mais queria morte em sua divina graça, que todos os cargos, e bens do mundo com risco de a perder. Adoeceo logo, e acabou ao terceiro dia.

Era Mestre de Noviços em Goa o Padre Frei Simão das Chagas, de quem havemos de fallar adiante, quando chegarmos á Christandade de Solor, aonde por muitos titulos pertence. Veio-lhe pedir o habito de irmão Leigo hum mancebo de boa presença, natural d'Amarante. Sendo recebido pelo Prior, encommendou o Mestre aos noviços, que tivessem cuidado de fazerem oração por elle; porque lhe via geito de haver de dar hum bom filho de São Domingos. Com se fora profecia, assim foi o bom Leigo adiantando em todo o genero de virtude. De sorte, que era hum exemplo de humildade, de devação, e charidade. E conta o Padre Frei Antonio da Visitação, que sendo Enfermeiro no Convento de Goa, depois de cançar todo o dia em servir os doentes, descançava á noite em fervorosa oração. E tal, que foi fama, e cousa havida por mui certa, que huma noite lhe appareceo o bemaventurado São Gonsalo, Santo da sua terra, acompanhado de huma suavidade de cheiro tão extraordinario, que junto á novidade da visão ficara o pobre Leigo todo trasportado; e tornando em si gritára tão alto, que acudirão os Frades. E perguntado pela causa, não sabia responder outra cousa, senão: Oh que suaves erão! Não tem a terra cousa semelhante! Era hum dos que acudirão, o Padre Frei Thomé Cardoso, que pouco depois foi Prior de Goa, e contava o caso, como se fôra presente: e do Leigo tinha grande opinião. Este irmão veio a adoecer, e estando na enfermaria, e na mesma cella, em que estava o Padre Frei Paulo do Espirito Santo, chamou huma noite pelo Padre, e perguntou-lhe, que queria dizer: *Laudate Dominum de cœlis*? Contava este Padre, que na hora, que lhe respondera com a declaração, dera o bom Leigo dous grandes suspiros, e atraz elles a alma. E porque a doença não era de qualidade, que prometesse fim tão breve, julgou a piedade dos que conhecião seu espirito, que as palavras do Psalmo forão chamamento do Ceo, e juntamente effeito de o levarem traz si. Era o nome d'este irmão, Frei Aleixo.

N'este Convento vivia, e d'elle se embarcou em huma galé com Dom Gil Eanes Mascarenhas capitão d'ella, e de outros navios, o Padre Frei João Soares a provar os perigos do mar, e da guerra: e sendo o capitão morto desastradamente pelo gentio do Sanquisel, acabou com elle o Frade, animoso companheiro.

Da mesma maneira acabarão a vida ás mãos de Mouros Malabares, os Padres Frei Simão da Piedade, e Frei Pedro Usademar. Frei Simão vindo de Cochim para esta casa de Goa: e Frei Pedro vindo de Chaul. Como inimigos, que sempre ardem em sede do sangue Christão, e mais insaciavelmente d'aquelles, que com maiores vinculos professão a Fé, colhendo-os no mar, derão cruel morte a ambos.

Offensa fariamos aos moradores d'este Convento, se deixassemos de fazer memoria de dous insignes sugeitos, que no Capitulo d'elle esperão a ultima resurreição. Digo os mui doutos, e religiosos Padres, o Mestre Frei Gaspar de Mello, e o Presentado Frei Thomas Pinto: ambos forão mandados por Inquisidores á India por el-Rei Dom Filippe o Prudente. O primeiro nas náos do anno de 1583 depois de ter governado a Congregação com grande louvor quatro annos, e estar descançando no Reino. O segundo no anno de 1585.

Não devemos menos memoria ao Padre Frei João Lopes no mesmo Convento sepultado, e na flôr da idade mandado ao Ceo por raiva, e engano de huma malvada femea. Dotara-o Deos de huma natural gentileza de rosto, qual diz o proverbio, que he digna de imperio, e juntara-lhe gravidade, e modestia, que igualmente o fazião amavel, e respeitado. Sendo visto acaso da que dissemos, fez n'ella o bom gesto os mesmos effeitos, que em outro tempo a vista do casto Joseph na Egypcia. Ensinou-lhe o tentador, para mais aggravar o peccado, tomar por meio a confissão na Igreja. Defendeo-se o Religioso, não desespera ella. Finge doença, e perigo, esconde o nome, chama-o a casa a falsa fé. Tanto que o teve em posto de confissão, descobre o damnado intento. Levanta-se o Frade, e foge, como se dera com vibora; mas não pode ser com tanta pressa, que a miseravel lhe não lançasse mão ao capello, e lhe ficasse n'ellas o preto. Foi-se elle sahindo todo afrontado, e pasmado; e contente de não perder mais, caminhava para a rua. Mas no mesmo instante traçou a tentadora vingar-se, convertido o fogo da sensualidade em outro igual de ira, e raiva. Manda-lhe arremessar o capello na escada, que hia descendo. E dentro de poucos dias buscou, e achou meio, com que lhe fez dar peçonha tão disfarçada, e secretamente, que não tardou mais que oito dias em o enterrar; ficando-lhe por todos os membros manifestos sinaes d'ella em grossas pintas negras. Este genero de morte descobrio tambem a maldade de quem lh'a procurou; porque o gosto da vingança fez, que o tivesse ella em o publicar. E então contou o com-

panheiro do morto aos Frades o successo do capello. Assim acabou o bom Padre feito victima de honestidade, e limpeza. Era este Padre filho da Provincia, natural d'Aveiro, e Collegial de Santo Thomas de Coimbra, bom letrado, e bom prégador.

CAPITULO XI

Da vida, e santa morte do Padre Frei Antonio da Visitação, Deputado do Santo Officio de Goa.

No anno de 1623, sendo Vigario geral da Congregação o Padre Mestre Frei Jeronymo da Paixão, obrigado do zelo da Religião e da fama, que durava da perfeita observancia, e santo exemplo com que vivera na India muitos annos o Padre Frei Antonio da Visitação. Deputado do Santo Officio de Goa, e Prégador geral da Congregação, mandou fazer particular informação de sua vida, e costumes; e deu o cargo de a tirar ao Padre Frei Jacinto da Cruz, com o Padre Frei Damião de Santo Thomas por escrivão, sendo passados nove ou dez annos depois de sua morte. Era o Padre Frei Antonio natural de Setuval: tomou o habito na Provincia. Passando á India residio no Convento de Goa, e n'elle leo alguns annos Theologia. Foi em todo tempo hum extremo de mansidão, e humildade, que lhe abrio caminho para se enriquecer de todas as mais virtudes, que foram principalmente, grande charidade com os pobres, e grande amor da pobreza. Hum animo muito compassivo dos affligidos, e muito affeiçoado a curar, e servir emfermos, a que juntava singular honestidade, que em tudo o que fazia resplandecia notavelmente. Dourava estas partes com claro entendimento, e muita prudencia natural, que foi causa de que deixasse as escolas, e lição em que entendia, mais cedo do costumado. Porque quiz a obediencia aproveitar-se d'elle no governo de algumas casas da Congregação. Em todas, e no cargo de Vigario de Malaca, e das Christandades do Sul, que servio como Superior d'ellas, mostrou tanto talento, que vindo para Goa foi eleito em Prior do Convento de Santo Thomas, e nomeado por Prégador geral. Crescia com os cargos em authoridade, e estimação diante dos homens; mas na opinião propria era cada vez mais humilde, e mais pobre: e em nenhuma cousa representava maioria, mais que nas de obrigação de Prelado. Porque n'estas não sofria, que ninguem lhe perdesse o respeito. A sua

cella não luzia com paineis, nem escritorios, nem outras peças ricas, que na India se alcançam com pouco feitio, se os Prelados mostram gosto d'ellas. Tudo erão paredes nuas, e até de fato de vestir, em que ha grande largueza na India, respeito do fogo das calmas, era escaço comsigo, só para poder ser largo com os pobres, para quem queria tudo, e lhe não bastava nada. Aconteceo hum dia, sendo Prior, pedir-lhe esmola hum soldado. Merecia pela profissão, e por ser pobre. Que na India não ha gente que mais padeça, que hum soldado de inverno. Porque não he tempo de exercitar as armas, contra o uso, e boa razão de toda a boa milicia. Mandou ao Procurador, que o consolasse. Respondeo o Procurador, que em toda a casa não havia mais, que hum pardáo. Animosamente, e cheio de confiança em Deos: Esse pardáo, disse, lhe dai, que tão bom Deos temos, que o que dermos por seu amor por huma porta, nos mandará por outra; que sabe dar cento por hum, a quem por elle faz alguma cousa. Como se fôra profecia, lhe entrou no dia seguinte huma esmola de cem pardáos.

Eram suas partes muito sabidas. Mas a Prelacia as fez mais notorias. E d'ahi nasceo escolherem-no os Inquisidores para Deputado d'aquelle Santo Tribunal. Aceitou o trabalho porque nunca lhe subira á imaginação pertendel-o: e porque era honra da Ordem servil-o. E vio-se isto bem, porque offerecendo-lhe a Religião o grão de Presentado, fez-lhe escrupulo não ter lido tantos annos, como dispõem nossas regras para o merecer, e refusou a honra.

Sendo sua honestidade tão provada, que segundo a opinião commum, e testemunho de seus confessores, conservou pureza virginal perpetua: permitio o Senhor por seus occultos juizos, e para maior coroa do servo fiel, que houvesse homem tão desalmado, que na mesma materia lhe assacou testemunho falso, e o publicou no Convento por verdadeiro. Tentação foi, e seta, que o ferio no intimo da alma. Mas na paciencia com que levou a injuria, e no como se houve com o autor d'ella, mostrou estranho valor: prova manifesta de verdadeira innocencia. Via-se n'elle mais sentir a culpa alheia, que a afronta propria. E deixando a Deos o ponto da verdade, e da justiça, nem culpava a ninguem, nem desculpava a si. Veio a falecer sendo segunda vez Prior de Santo Thomas. Então lhe pareceo, que estava obrigado por razão do cargo, e hora em que se achava, dar satisfação de si a seus subditos. Junta a Communidade, e recebidos primeiro todos os Sacramentos, disse com

humildade, e poucas palavras, que por obrigação de consciencia, e cousas, que erão passadas, que todos sabião, declarava, que desde que vestira o santo habito (sabia-se que o tomara, sendo quasi minino) não commetera nunca culpa contra o voto da castidade. Apoz estas palavras fez huma pratica aos Padres cheia de altissimo espirito, e sentenças admiraveis; e traz ella fez entrega das chaves ao Prelado, a que pertenciam por sua morte; que era o Padre Frei Antonio de S. Joseph, seu Suprior: e pelo mesmo modo depois aos noviços santas, e devotas admoestações.

O transito foi glorioso, e como de quem assim tinha vivido. Estava muito no cabo, vio que punham os enfermeiros em pratica vigial-o. Era huma Quarta feira, disse-lhes, que se não cançassem, que não havia de morrer senão á Sexta feira; porque assim o tinha pedido a nossa Senhora, muitos annos havia; e confiava n'ella, lhe havia de fazer a mercê, para ser enterrado ao Sabbado, e com a sua Irmandade. Esta Irmandade era huma, que elle fundara no mesmo Convento de Santo Thomas, da primeira vez, que alli fora Prelado, com titulo dos Remedios, em devação da Senhora dos Remedios de Baçaim, de que ao diante falaremos. Á Sexta feira sobre tarde foi enfraquecendo tanto, que pareceo tempo de se fazer sinal com as taboas, para acudir a Communidade, como he costume da Ordem: e elle sentindo-o, pedio, que sobrestivessem em dar trabalho aos Frades. Porque inda não era tempo, que tivessem tento, como fosse mais entrada a noite, que das oito para as nove os havia de deixar. Pouco antes da noite pedio hum Crucifixo, que sempre tinha junto comsigo, tomou-o nas mãos, e começou com elle hum colloquio cheio de devação, e seguido de muitas lagrimas, e soluços, como quem esperava pela ultima, e temerosa hora; mas subitamente fez huma mudança, que muito espantou. Porque pondo os olhos contra a parede, encheo-se-lhe de alegria o rosto, desapareceràn as lagrimas, e a sombra escura da morte, de que já estava cuberto, e ficou todo risonho. E não bouve entre os circumstantes quem duvidasse, que fôra alguma visão celestial, com que o Senhor o consolara. Dadas as oito pelo relogio, começou a entrar em paroxismos. Juntaram-se os Padres aos ultimos soccorros, e acompanhado d'elles, acabou em paz na hora, que tinha dito. Se não tiveramos tantos penhores de santidade d'este varão em sua vida, podera ser bastante testemunho na morte o sentimento de toda a cidade, os lagrimas dos pobres, e o cuidado com que os Religio-

sos, e seculares procuravão haver cousas de seu uso para guardar por reliquias. Publico foi, que hum Diogo Pinto de Monroy, que padecia grandes dores de pernas, alcançou huns ourellos, que servião ao defunto de sustentar as meias: usou d'elles no mesmo officio, e affirmou que lhe foram meio de saude. Mais publico foi, que o Bispo primaz Dom Frei Christovão de Lisboa no primeiro sermão, que fez na Sé depois d'este dia, falou d'elle como de Santo.

CAPITULO XII

Fundação do Convento de Santo Thomas em Pangim: sua trasladação para a cidade: e principio da Casa Recolleta de Santa Barbara.

Para darmos conclusão ao mais, que temos que dizer das cousas da Congregação na cidade de Goa, faremos n'este capitulo breve relação de dous Conventos, que muito tempo depois se levantarão n'ella. Foi primeiro o de Pangim com titulo de Santo Thomas. Obra nascida do grande zelo do Padre Mestre Frei Thomas do Espirito Santo, e com sua industria executada. Entendendo este Padre, quanto convinha serem continuos no estudo os nossos Religiosos, para o effeito da conversão da Gentilidade, que fôra o fim, que primeiro os levara á India, e em que Deos lhes dava mão por toda a parte com maravilhosos successos: e que n'este estudo devia de haver tal ordem, e concerto, que se não estorvasse, nem divertisse hum pouco com as occupações, que de ordinario ha nos Conventos, que estão dedicados ao serviço, e necessidades do povo. Tratou de edificar huma particular casa, em que outro trato, nem occupação houvesse por sitio, e officio, senão só de exercicios ecclesiasticos. Era Viso-Rei Dom Duarte de Menezes, grande affeiçoado á nossa Ordem, e tanto a elle, que em nenhuma cousa punha mão sem seu conselho. Communicou-lhe Frei Thomas o pensamento. E o Viso-Rei como era varão de grande piedade, aprovou a determinação, e ajudou a obra com muita largueza. Fez muito ao caso começar Fr. Thomas esta fabrica em tempo, que tinha o cargo de Prior de Goa, e juntamente o de Deputado do Santo Officio. Estes cargos, e o muito credito, que tinha ganho na terra, forão occasião de lhe acudirem grossas esmolas. De sorte, que sem mais intelligencias, nem artificios de industria, vio hum pobre Frade acabado, e perfeito hum Convento, que começou dos

fundamentos, e o vio povoado de quarenta Religiosos, e huma Universidade formada de Mestres, Leitores de Artes, e Theologia: e providos do necessario com abastança, para sem cuidado nenhum exterior, se entregarem todos a Deos, e ao exercicio das letras. Sinalou-lhes o Viso-Rei de ordinaria em virtude de huma carta d'el-Rei Dom Filippe Prudente, vinte candiz de arroz, dez de trigo, oito cantaros d'azeite, e dez corjas de cotonias. São cotonias lenço da terra, que serve para vestido. A corja he numero de vinte. A casa he servida de Medico, e Botica, à custa d'el-Rei, como todas as mais, que a Ordem tem na India, nas terras em que ha Hospital Real.

Mas como somos homens, e pela mesma razão sugeitos a errar, effeito proprio da miseravel humanidade, mostrou o tempo, que sendo a obra em si santa, e boa, não fòra acertado o sitio, que se escolhera de Pangim. Erão as razões que se davão, muitas, e todas se reduzião a duas, que mais obrigavão. Primeira, estar o Convento fundado em huma ladeira, com tão desacommodado assento, que do baixo onde estava a Igreja, e a casa de Noviços, até o cume do monte, onde era o dormitorio dos Padres, havia de subida setenta e tantos degráos: e n'este ponto não se considerava só o trabalho da subida, e descida: mas como nas terras de Goa, e de toda a India são as invernadas de tamanho peso d'agoa, que ameação diluvios: e assim de ordinario desbaratão muitos, e bons edificios, este como estava dependurado, era lastima o que padecia cada anno de paredes derribadas, e assoladas. Era mais poderosa a segunda razão. Cria a ilha de Goa hum genero de cobras, que chamão de Capello; porque lhes deo a natureza sobre a cabeça hum genero de cuberta; que bem merece o nome, porque lh'a cobre, e esconde, em quanto se não querem descobrir. E são em tanto extremo venenosas, que a picada do dente com que ferem, com não fazer mais sinal, que de hum alfenete, mata dentro de huma hora, se ha descuido de lhe acudirem com antidotos. D'estas erão os Religiosos perseguidos. De sorte que nem no Dormitorio, porque era terreo, nem nas cellas, e camas se podião livrar d'ellas. E até no coro, para estarem quietos, convinha hirem armados de bastões para lhes fazer medo. Estes inconvenientes obrigarão os Frades da Congregação a desfazerem a casa, tresladando-a para a cidade. Foi executor da determinação o Padre Frei Francisco de Faria, Vigario geral, que lhe soube escolher na Freguezia de S. Pedro hum sitio muito bem assombrado, e commodo: porque fica à borda do

rio, com sua porta e caes para elle, da parte da barra, e na entrada da cidade. Nos sinco annos, que este Padre governôu, desfez huma casa, e levantou outra, com boa Igreja, e boas officinas: e quanto aos privilegios, estudo geral, e antiguidade lhe alcançou do Reverendissimo Geral Hippolito Mario Beccaria de Monte Regali toda a authoridade, em que fôra fundado Pangim. E quanto á sustentação não faltarão os Viso-Reis em lhe acudir com a mesma sustentação e ordinarias. Assim foi só a mudança de sitio, e nome. Esquecido o de Pangim, ficou-se chamando Collegio de Santo Thomas: e sustenta já hoje sincoenta e sinco Religiosos.

De poucos annos a esta parte se fundou tambem o Convento de Santa Barbara, na Vigairaria que a Congregação tem d'este nome na illha de Goa, que por ser a primeira, e mais antiga das quatro Igrejas, que a Ordem administra n'ella desde o tempo que entrámos na India ficou com hum notavel privilegio, que foi ser o seu Vigario o que tinha authoridade de confirmar a eleição de Vigario geral, quando acontecia fazer-se na India. Foi autor d'este Convento o Padre Frei Miguel Rangel, no tempo que entrou por Visitador, e Vigario geral na Congregação. E sendo a mais encontrada empresa de quantas se virão na Religião, assim de Religiosos como de seculares, e até do Viso-Rei. Em fim venceo a constancia do Vigario geral, e o ser a obra de Deos. E hoje he hum perfeito Convento (fóra de ser pequeno) assim no material da fabrica, como no espiritual de verdadeira observancia regular da primitiva Ordem, em que foi fundado com titulo de Recolleta. Mantem doze Frades sem ter mais ordinaria, que a que d'antes vencia, por razão de ser Freguezia, que não passa de quarenta e sete mil réis. Buscou-se na industria o remedio de se sustentarem, para não cançarem os que com medo da despeza reprovavão a obra. Obrigou-se a casa a tres Missas quotidianas perpetuas. Do dinheiro, que d'ellas houve, empregou huma parte na compra de hum grande palmar, e terras de rendimento, e com a demasia aperfeiçoou o que faltava de pedra e cal. Foi primeiro Prior o Padre Mestre Frei Jeronymo da Paixão, que poucos annos depois veio nomeado Vigario geral da Congregação, e servio seus quatro annos.

He de ver huma carta de religiosa, e apostolica eloquencia de nosso Padre Geral, pela qual parece, que ainda que o pensamento de fundar Recolletas na India nasceo do Padre Rangel, foi mui conforme ao animo, e tenção do Reverendissimo: encheremos com ella este capitulo: e

não daremos tradução, porque basta ficarem entendidos estes dous pontos, que são os que nos obrigão a ajuntal-a. Segue-se a carta.

Admodum Reverendo Patri Fr. Michaeli Rangeli Sacrarum Literarum Professori, Visitatori, et Vicario generali Congregationis nostræ Indiæ Orientalis, Provintiæ nostræ Portugalliæ Ordinis Prædicatorum. Epistola vestræ admodum Reverende Pater sub 23. Aprilis superioris anni data mirifice in Domino lætati sumus, et exultavimus gaudio magno, cumquæ totis cordis medullis exoptabamus, et difficilia rati ad ea capessenda lente festinabamus, insperata adipiscimur: nempe ut operarios præ manibus haberemus, quos idoneos per Dei gratiam ad amplissima Regna infidelitatis tenebris offusa, et Regiones gentium innumeras jam albas ad messem Ministros, ac Prædicatores destinaremus. Occurristi, tu Pater amantissime, vir desideriorum, desiderijs nostris, et epistolam nobis direxisti, non atramento, sed spiritu Dei Vivi conscriptam: eamque é medio itinere, seu navigatione, dum ad littus maris vastissimi Occeani Guineæ, per tumentes undas, et vortices Indiam versus navigabas, misisti, véri fateri possimus, aquas multas charitatem tuam extinguere non potuisse. Ais igitur animum tibi este, si repereris in Congregatione nostra Indiana, competentem Fratrum numerum, qui in maiori Observantia vivere cupiant, erigere eis Conventus, ex vicarijs ipsis plurimis, præsentim ditioribus, alijsque reditibus, et eleemosynis, quibus commode sustentari possint. Insuper et præcipere, ut juxta professionem nostram, et Evangelium Sanctum Dei, mittantur in perpetuum ex ejsdemmet Conventibus, sic creatis, et reformatis, in universum illum Orbem Prædicatores fervidi, ac zelum Dei habentes, qui eant Deo, et non sibi, juxta Isaiæ Vaticinium 6. Cap. Quis ibit nobis? Id est acquisitivè nobis, ut explicat Sanctus Thomas. Nos porro cogitationem, et propositum tuum commandantes, Deum Opt. Max. á quo omne datum optimum, et omne datum perfectum descendit, instantius oramus, ut qui pro bona voluntati tibi velle dedit, perficere largiatur. Ut autem quod officij nostri partes exigunt, exequamur; tenore præsentium, officij nostri prædicti authoritate licentiam, potestatem, et facultatem ad supradicta, quæ scribis executioni mandanda, in Dei gloriam, animarum salutem, Conventuum, locorum, et Fratrum nostrorum, in prædicta Congregatione nostra Indiæ Orientalis existentium reformationem, Ordinisque nostri Prædicatorum decorem tibi concedimus, et impartimur. Nec non et Paternitatem tuam in Domino hortamur, ut ad fortia mittens manus, non despendens

animo, sed Omnipotentis Dei fretus auxilio, evellas, destruas, et dissipes irreligiosos mores, quos repereris illuc introductos: reformationem autem, et Sanctæ Prædicationis fervorem ædifices, et plantes. Quæ etiam supradicta, Apostolica, intuitu ejusdem sanctæ reformationis, nobis concessa authoritate (quatenus opus sit) ut remotis impedimentibus omnibus, expeditius, ac securius præstare possis, harum tenore tibi concedimus, et impartimur: Et in sanctæ obedientiæ virtute, omnibus, et singulis Patribus, et Fratribus obedientiæ nostræ subjectis in eadem Congregatione existentibus mandamus, ut prædictorum executionem á te faciendam nullo pacto impedire, aut retardare præsumant. In nomine Patris, et Filij, et Spiritus Sancti. Amen. Quibuscumque in contrarium non obstantibus. In quorum fidem his sigillo nostro munitis, manu propria subscripsimus. Dat. Papiæ in Conventu nostro Sancti Thomæ die 4. Januarij 1615. Admodum Reverende Pater conservus in Domino Fr. Seraphinus Siccus Magister Generalis Ordinis Prædicatorum. Reg. f. 75. Fr. Thomas Marsius Magister Provintialis Terræ Sanctæ.

CAPITULO XIII

Sitio, e assento das ilhas de Solor, qualidade da terra, e da gente d'ellas: principio de sua conversão, e christandade por meio da Religião de São Domingos.

Tanto que os novos fundadores da Congregação se virão com casa, e assento nas principaes cidades, que a Corôa de Portugal possuia no Oriente, logo fizerão conta, que da mesma maneira que os capitães, e soldados d'el-Rei sahião das cidades com armadas a conquistar novas terras, e Reinos: Assim tinhão elles obrigação de sahir dos Mosteiros a fazer guerra á infidelidade, e ganhar almas para Deos. Levados d'este espirito, quasi a passo igual com a empreza, que tomarão da conversão das aldeas, que dissemos da ilha de Goa, entenderão de allumiar com a luz do Santo Evangelho o grande archipelago de Samitra, que alguns querem seja a antiga Taprobana. Na paragem, onde a natureza situou as ilhas de Solor, entre hum grande numero de ilhas menores que tem como semeado, digamol-o assim, este estendido archipelago, e ficando como encabeçadas na famosa ilha de Samatra, tomão em corda longa distancia de mares, jazem as de Solor, terras sem nome de tempos antigos; muito conhecidas hoje pela gloria da Fé, que souberão abraçar,

e de que lhe forão Apostolos, e Prégadores os Religiosos de São Domingos. Qual foi a occasião, que a ellas levou estes Padres, contaremos logo, tanto que dissermos alguma cousa do sitio da terra, propriedades d'ella, e qualidades da gente. He verdadeira arrumação das ilhas oito gráos da banda do Sul, e em distancia de Malaca quatrocentas e oitenta legoas. São tres as que comprehendemos debaixo do nome de Solor, que he huma d'ellas, por estarem tão juntas, que todas tres parecem huma só terra: e em algumas partes não tem mais de hum tiro de espingarda o mar, que as divide. A fórma, que entre si tem, he de hum bem feito triangulo, cujo fundo toma a que propriamente se chama Solor, ficando-lhe da mão esquerda, que he a banda do Norte, a que tem nome de Lamalla, e da direita, que he do Sul, a de Loboballa. E alargando-se o vão, e abertura do triangulo contra o rosto do canal, ou boqueirão, que faz a ilha de Servite com as terras vizinhas, canal, e boqueirão por onde he a ordinaria navegação das partes de Malaca, e China para a ilha de Timor. He Timor ilha celebre pela pranta, que n'ella cria a natureza em grande abundancia, do sandalo branco, estimado por todo o Oriente, pela suavidade medicinal do cheiro; como são conhecidas as de Maluco, e Ceilão pelo sabor do cravo, e canella. A qualidade das ilhas de Solor he, serem geralmente pobres, e faltas de todo trato para fóra. Porque como não tem ouro, nem prata, nem crião outros frutos tão ricos, que as fação cubiçadas, ninguem as busca para mercancia. He mais pobre de todas a que lhe dá nome, digo Solor, que he tão esteril, que carecendo dos mantimentos ordinarios para a gente, até dos que cria o mato para os animaes silvestres padece falta. De sorte, que se não vem n'ella bogios, de que ha copia nas outras. As agoas, quasi todas não só são salobres, mas intoleraveis no sabor. As serras, que a cortão, puro rosalgar. E se alguma cousa tem hoje boa, deve-se ás mãos dos Religiosos. E tal he a cabeça da Christandade, que coube em sorte á Ordem de São Domingos em tão alongados climas; para que vejamos, que quer Deos, que até desterrados da patria nos exercitemos em pobrezas, como aqui; ou em doenças perpetuas, como entre os Cafres da costa sempre ardente de Sofalla. Do que devemos ter hoje grande consolação, os que estamos sentidos de nos impedir, e tolher a casa, e Convento, para que nos chamava com amor, e liberalidade a mui nobre villa de Estremoz. He terra rica, a gente devota, o termo, e trato d'ella muito honrado: Estava certo, havermos de viver alli com commodidade; para que não haja parte, em

que logremos alguma. Foi a meu ver mercê de Deos, e alcançada no Ceo por nosso Padre São Domingos, não se nos dar. Mas tornando á historia: Boja Solor oito legoas em comprido, e meia em largo. A de Lamalla, tem seis legoas em roda; Loboballa he maior que as duas; e ambas estas fazem ventagem a Solor, no que a terra produz. Tem copia de mantimentos ordinarios, e suas criações, ribeiras de boas agoas, e frescura de arvoredos. Todas tres são muito habitadas. Causa-o a mesma pobreza. Porque como ella he a que enfrea a cubiça dos estranhos, para as quererem senhorear, faz que cresção em povo. Os que morão pelas praias, ou tem falta de bom terreno, vivem de pescaria; os mais de agricultura. E este pouco cuidado, ou quietação de vida, redunda em acrescentamento da geração. Ao que se juntava no tempo da Gentilidade ser estilo, ter cada morador tantas molheres, quantas podia sustentar. O modo de governo he ao natural. Cada lugar tem seu senhor, ou capitão, que acertou a ser mais poderoso de gente, e familia. A este chamão em Solor, Sangue de Pate, que he o mesmo que senhor de hum districto limitado. Porque se não estende a malicia, ou ambição de nenhum a querer reinar na jurisdição em lugar alheio. Assim nenhuma povoação he sugeita a outra; nem ha Rei, que mande sobre todas. No que se enganou o Padre Frei Antonio de São Romão, dando Rei em Solor, que nunca houve. Só sabemos, que o Rei do Macassá Mouro, como rico, e poderoso mandava algumas vezes pedir-lhes tributo de sua pobreza com navios armados. A que os pobres acudião, por escusar contendas, mas não por vassalagem. Os que em Solor são Sangue de Pates, chamão pelas outras ilhas, Atalaques.

Agora he tempo de dizermos, que razão empenhou com taes terras os Religiosos de São Domingos. He de saber, que crescendo a cidade de Malaca depois de conquistada pelos Portuguezes em povoação, e moradores, entre as fazendas, que mais requestadas acharão n'ella, foi o sandalo branco de Timor. Porque se servem d'elle para infinitos usos todas as provincias do Oriente. E como os naturaes de Malaca fazião viagem a buscal-o, não tardarão os Portuguezes em mandarem tambem suas embarcações ao mesmo. Era o interesse mui grosso. Porque o sandalo he hum genero de arvores, que crião os montes d'aquella ilha em não menos abundancia, que o mato ordinario das nossas terras. E o que se busca d'elle, não he o fruto, como do cravo de Maluco, nem a cortiça, como da canella de Ceilão: senão a mesma madei-

ra, tronco, e rama, que por todo he maravilhosamente cheiroso, e medicinal. E para se criar não tem necessidade de beneficio; nem para se vender ha mister mais feitio, que cortal-o o vendedor, e trazel-o ao porto. Assim he estranho o barato, com que se leva. Ao que se junta não terem os naturaes cubiça, para o navegarem para fóra, e serem tão barbaros, que não usão, nem conhecem moeda. E como lhes levão cousas, que hão mister para o uso quotidiano, ainda que muito vis sejão, dão liberalmente pelo troco, e commutação d'ellas grande copia de seu páo; fazendo conta, que lhes não póde faltar nunca, por muito que dem. Porque a ilha he tão grande, que boja sincoenta legoas de ponta a ponta. Corrião os Portuguezes de Malaca ao barato. E acontecia, andando o tempo, juntarem-se tantos navios de varias partes em Timor, que era força tardarem muito em fazer sua carga. Tem a ilha muitos, e bons portos, da banda que chamão de fóra, que olha para o Sul, onde he ordinaria escalla dos que buscão o sandalo; mas não póde nenhuma embarcação estar n'elles, mais que tres mezes do anno, que dura a monção dos Nortes. Tanto que entra a do Sul, he tão desmesurada a força, com que este vento os vareja todos, que não ha abrigo bastante para o navio, que n'elles colhe, nenhum escapa de soçobrar, ou dar á costa. Acudio a natureza a este perigo com huma estranha providencia. Oito, ou nove dias antes da mudança da monção, começão a soar no mar, da parte d'onde ha de ventar, huns espantosos roncos, que os navegantes tem por aviso tão certo, que sendo do Sul, no mesmo ponto se fazem á vela todos, e desandando vinte sinco legoas de golfo, que tantas ha de Timor ás ilhas de Solor, se recolhem a ellas, e alli no reduto, ou enseada do triangulo, que entrem si fazem as tres ilhetas, como atraz dissemos, achão estancia, abrigo e seguro, em quanto durão as tormentas. Assim ficava servindo Solor, como de estalagem, e refugio a todos os carregadores do sandalo. Era este o estado de Solor, e o conhecimento primeiro, que d'elle tivemos no tempo antigo. Andando os annos, como a navegação dos Portuguezes de Malaca continuava, e crescia para Timor, e pela mesma razão, era força valerem-se sempre dos portos de Solor, veio a continuação a criar amisade, e familiaridade entre os navegantes, e naturaes da ilha. De sorte, que alcançarão os nossos mercadores sitio junto da sua povoação, para edificarem aposentos, onde podessem residir sem molestia da terra, em quanto os detivesse a força da monção na hida, ou na vinda. D'aqui vierão a estender os pensa-

mentos a negocio mais alto. Tinha acontecido passar hum anno d'estes á ilha de Timor o Padre Frei Antonio Taveira. Devia ser a occasião acompanhar algum mercador amigo, e de bom espirito, que como as terras de Timor são de ares pestiferos para os estrangeiros, de sorte que ordinariamente morrem muitos, ou tornão opilados, e mui enfermos, que assim acontece pagarem-se os baratos da mercancia, quiz levar comsigo quem na necessidade lhe acudisse com os remedios d'alma. Parece que ordenou Deos a viagem, para remedio de muitos d'aquelles pobrezinhos, com que tinha determinado povoar o Ceo. E deu-lhe tão boa mão com elles, que converteo hum grande numero á luz da Fé, no mesmo tempo que em Cambaya perdia o tempo, e o feitio o Padre Frei Gaspar da Cruz, como atraz fica dito. Assim o escreve o mesmo Padre Frei Gaspar, no prologo do livro, que imprimio da China: affirmando, que não forão menos de sinco mil almas, os que bautisou o Padre Frei Antonio nas ilhas de Timor, e do Ende. Notando os Portuguezes a boa ventura d'este successo, e considerando juntamente o bom natural, que vião na gente de Solor, e seus vizinhos, julgavão com bom discurso, que não faltaria n'elles a boa, e a mesma disposição, e facilidade, para receberem o Santo Evangelho. Na hora, que forão de volta em Malaca, não tardarão em visitar o Bispo, e dar-lhe conta de tudo. Era Bispo Dom Frei Jorge de Santa Luzia, varão Apostolico, e no zelo da conversão das almas verdadeiro filho de São Domingos, como o era no habito: não quiz que houvesse tardança em tentar Solor; e ordenando, que fosse o trabalho da sua Ordem, commeteo ao Prior do nosso Convento de São Domingos de Malaca dispuzesse a missão, como diremos no capitulo seguinte.

CAPITULO XIV

Parte para Solor o Padre Frei Antonio da Cruz com tres companheiros, a prégar o Santo Evangelho: Dá-se conta das Igrejas que fundarão, e das muitas almas, que trouxerão ao gremio da Fé; e da Fortaleza, que para as defender edificarão.

Foi tenção dos Padres de São Domingos de Goa fundar n'esta grande, e opulentissima cidade de Malaca hum Convento, que fosse como praça d'armas, para guerrear a infidelidade d'aquelles estendidos reinos, ilhas, e provincias do Sul. Assim he Prelado supremo de todos os Re-

ligiosos, que por elles andão espalhados, que ordinariamente são muitos, o Prior d'ella. Achava-se na casa o Padre Frei Antonio da Cruz, pessoa em que concorrião partes de virtude, e prudencia bastantes, para se lhe fiar qualquer grande empreza. Encarregou-o o Prior d'esta, e deu-lhe tres companheiros de bom espirito, nomeando-o por Vigario d'elles. Do anno em que partirão, não nos consta ao certo: mas todos os antigos concordão, em que foi junto do de 1561. E que era Governador, e Capitão de Malaca Dom Francisco da Costa, que muitos annos depois faleceo em Fez, fazendo o officio de Embaixador d'el-Rei Dom Filippe II de Castella, e I de Portugal. Chegados os Prégadores a Solor, ou fosse que não quizerão ser pesados aos naturaes, antes, nem depois da doutrina, ou que os movesse o exemplo dos mercadores, que todos tinhão sua morada separada junto á praia: pedirão lugar para comporem tambem seu gasalhado; e ordenarão logo seus aposentinhos a uso da terra, com a leve fabrica, que dão os bosques: estacas grossas guarnecidas de sebe de mato miudo fizerão as paredes: fez telhado, e cuberta a folhada das palmas, que chamão Ola. Do mesmo ordenarão seu oratorio, e ficarão com hum genero de Mosteiro, que he de crer louvara muito nosso Padre São Domingos, se fora vivo, pelo que amava estreiteza, e pobreza. Mas o Prelado considerando como sisudo, que vivia entre inimigos, pois era gente sem Fé; quiz acautelar-se, para o que podia succeder de mal (que entre os valerosos he genero de valor saber temer de antemão os perigos, e saber prevenil-os) e mandou vir do monte grande copia de palmeiras bravas, que alli chamão sibalas, com que foi lançando huma forte tranqueira em roda do Mosteirinho, que ao diante, como se adivinhara, lhe valeo a vida. D'aqui começou a ensinar, e prégar, e grangear, e acquirir assim os animos dos principaes, e foi dando primicias ao Ceo de alguns mininos, que bautizavão. Mas não estava descuidado entretanto o inimigo do genero humano. Vendo a vinha do Senhor começada, e antevendo o fruto, que havia de dar crescendo, quiz destruil-a em flôr. Andava por estes mares huma armada de Jáos, inimigos perpetuos dos Portuguezes; guiou-a contra os Religiosos. Dous annos havia, que residião na ilha, quando huma manhãa se virão cercados por mar, e por terra. Então se conheceo o proveito da sua tranqueira. Recolherão comsigo os Christãos que havia, que erão poucos e mal armados, e puzerão-se á defeza animosamente. Mas conhecendo claramente que era impossivel valerem-se contra o poder inimigo, se Deos não acu-

dia com o de seu braço: assim começavão a tratar de se entregar com algum bom partido, quando se virão livres por caso não esperado. Eis que aporta, e dá fundo defronte dos cercados hum fermoso galeão de Portuguezes, que informados do que passava, e reconhecida a armada, derão sobre ella, e a desfizerão, e destruirão, metendo no fundo muitas embarcações com a artilheria, e matando grande numero dos inimigos. E para que se veja que foi obra do Ceo, mais que da terra, he de saber, que o galeão era d'el-Rei, e como tal vinha bem armado; e fazendo viagem de Maluco para Malaca, veio a entrar pelo boqueirão de Servite: cousa tão nova, e milagrosa, que nem d'antes tinha acontecido, nem depois se vio outra tal. Assim obrigou tanto o successo aquella gente, que invernando o galeão alli, e outros muitos navios de varias partes, abrirão os olhos, e receberão a Fé alguns Mouros, e Gentios com suas molheres, e familias inteiras. E os prégadores dando graças ao Senhor, de quem reconhecião o soccorro, ficarão mui animados, para proseguirem esforçadamente seu ministerio.

Seguio a vitoria hum grande amor, e conformidade do Sangue de Pate, senhor do porto, e dos nobres da terra com os Religiosos. De que nasceo bautizarem-se alguns, e com elles o mesmo Sangue de Pate. O que visto pelo Padre Frei Antonio, e como Deos hia favorecendo aquella vinha com grandes augmentos, determinou segural-a de semelhantes insultos ao passado, com se melhorar de sitio, e força. Erão as terras abertas, os inimigos muitos, e cheios de raiva contra a Christandade, que multiplicava. Dizia o bom Padre comsigo: Que se hão de fazer forças, e muralhas, para se possuir sem sobresalto o cravo de Maluco, a pimenta de Cochim, o ouro de Sofala? Não val muito mais que toda a mercadoria da terra huma só alma remida com o Sangue de Christo, que o reconhece por Salvador, quanto mais tantas, como são as que nos Deos tem dado n'esta ilha? Não terei descanço, até lhes fazer muros, que mas defendão. Se me não ajudarem os Governadores do Estado d'el-Rei, porque lhes faltão aqui as riquezas, que só estima o mundo, valer-me-ha quem governa o Ceo, e he Senhor de toda a terra. E tão bom Senhor, que nunca despresou os pobres, que o souberão buscar. Eu serei Architecto, eu serei Alvener. Seguirão as obras ao dito, junta gente, e materiaes. Sahe das mãos de hum pobre Frade, falto de tudo, senão de espiritos, huma obra, que para poderoso, e determinado Capitão fôra empreza gloriosa. Deu ao Estado mais huma for-

taleza, que pelo fim para que foi edificada, podemos crer, se somos Christãos, que defenderá dos inimigos todas as outras. Soube da obra quem governava a India, mandou dar em Malaca huma grande esmola para ajuda dos gastos. Não ha duvida, senão que este Padre devia ter engenho de fortificador. Porque o mostrou na escolha do sitio: que foi hum teso, que fica sobre a praia, lugar sobranceiro, e defensavel. E o mesmo mostrou na fabrica: porque a fez de sinco baluartes, e de tal capacidade, que ha muitas no Estado da India, que não são tamanhas, nem tão bem traçadas. Ficou em hum lanço do muro a Igreja da invocação de nossa Senhora da Piedade, e para os Frades seu dormitorio. De sorte, que erão elles senhores da fortaleza; excepto de hum baluarte, que he aposento do Capitão, e tem sua serventia livre para fóra. Á sombra d'ella, e á mão direita fizerão sua morada os Portuguezes, e Christãos estrangeiros em numero já então de duas mil almas. Na esquerda assentou o povo da terra com o Sangue de Pate em numero de até mil almas, e huma gente, e outra com suas freguezias distintas. Servião-se os Portuguezes da Igreja da fortaleza. Os naturaes tinhão entre si outra do titulo de São João Bautista. Do tempo que tardou em se acabar esta fabrica, não nos consta; do anno em que começou, faz boa declaração huma letra, que dura sobre a porta, e diz, que foi começada no de 1566. Costumavão os Religiosos, como autores, e donos da obra, nomear Capitão, que o Governador, ou Viso-Rei da India confirmava. Andando o tempo, pareceo cousa ambiciosa, e indigna da humildade de filhos de São Domingos. Largou a Congregação aos ministros d'el-Rei esta preeminencia.

Mas durando a obra material, não estava Frei Antonio ocioso no espiritual. Mandava os Religiosos, que comsigo tinha, e os que de novo lhe hião acudindo de Malaca, que fossem pelas duas ilhas vizinhas, e depois pelas mais afastadas, fazendo officio Apostolico. E em todas fez notavel fruto sua doutrina. Em tanto, que na costa que corre da ponta da ilha de Servite, até onde chamão Mari, que são trinta legoas de distancia, não havia porto, em que não houvesse muitos fieis. Outros mandou ao Ende; que he huma ilha, trinta legoas de Solor; onde forão bem recebidos: E ao mesmo passo fructificou a palavra divina. Mas era lastima, que como erão poucos, e não podião residir com os fieis, passavão como nuvens, e era forçado tornar no inverno a Solor dar conta do que tinhão feito, e do estado, e disposição, em que deixavão novas prantas.

E ainda que n'isto conformavão com o que lemos no Santo Evangelho dos Discipulos, que o Redemptor mandou de dous em dous a prégar, que depois lhe vierão dar conta das maravilhas, que em seu nome obravão: com tudo fazião muita falta com sua auzencia nos casos subitos de necessidade de confissões, e bautismos. Sentia o Padre Frei Antonio, como bom pastor; e não faltava no que podia, que era informar os Vigarios geraes da Congregação. E todavia não foi o trabalho perdido. Porque nasceo d'elle, mandarem os Viso-Reis nomear salario para os Religiosos: e pelo conseguinte repartir o Vigario os que havia pelos lugares, em que parecião mais necessarios. Sentença he santa, que se não cerre a boca ao boi que trilha. Mas se São Paulo entre gente, e lugares ricos se mantinha do trabalho de suas mãos, por não ser pesado aos que doutrinava: que farião os nossos prégadores em lugares pobrissimos, e povoados de gentes de sua colheita pouco liberaes? He cousa certa, que muitos d'elles depois que começarão a assistir com seus fregueses, despendião mais com elles em esmolas, que na sustentação de suas pessoas, e casas. Do que veremos ao diante alguns exemplos. Agora hiremos apontando lugar, e sitio das Igrejas.

Começando por Solor, como cabeça que he d'esta Christandade. Alem das duas Igrejas, que já apontamos, huma dentro da fortaleza, e outra fôra, ha mais outras duas: a saber, huma, que he a casa da Misericordia, em que alguns annos servio de Capellão hum Sacerdote secular, natural de Malaca, por nome Alvaro Gonsalves, mas de ordinario he servida pelos Religiosos. A outra está em huma serra (chama-lhe a lingoa da terra, Guno) freguezia já então de mil almas christãas, afóra muitos outros christãos, que vivião, e inda hoje vivem derramados pela ilha em seus casaes,e montes, a uso de Portugal: onde cada hum busca, como póde, seu genero de vida, e sustentação. A invocação d'esta Igreja he da Madre de Deos. Outra houve no lugar de Lamaqueira, que se perdeo por huma rebellião. Era o titulo de São João Evangelista.

Na ilha de Lamalla, com ser terra de muitos Mouros, e em que elles possuião dous fortes, a que chamavão Donara, e Torrão, tiverão os Padres muito tempo Igreja na povoação do mesmo nome de Lamalla, que havia duas mil almas Christãas, que erão os dous terços d'ella: os mais vivião na lei de Mafamede. Esta Igreja acabou por hum levantamento da terra, que ao diante contaremos. Com melhor successo fundarão outra no sertão da mesma ilha, no lugar de Carma. Contavão-se

aqui mil e trezentas almas bautizadas, gente tão bem fundada na Fé, que, quando foi o levantamento de Lamalla, estiverão firmes, e não consentirão n'elle. He a invocação do Espirito Santo. N'esta esteve muito tempo, e fez muito serviço a Deos, o Padre Frei Antonio do Loreto.

Passarão os Religiosos á Ilha Grande, cuja ponta he a que faz o boqueirão, ou canal, a que chamão Servite. E o nome de Grande tem com razão junto d'estas pequenas, porque faz mais de cento e vinte legoas em roda. Acharão a gente mui parecida em tudo com a de Solor; converterão grande numero, e multidão, e fundarão oito Igrejas em varias povoações, cujos nomes são: São Lourenço em Lavunana, ou Lavunama, lugar situado na ponta de Servite em Larantuca, onde foi muitos annos Vigario o Padre Frei Agustinho da Magdalena, Saboyano de nação: Nossa Senhora da Esperança no lugar de Bayballo; em que padeceo gravissimos trabalhos de doenças, e necessidades o Padre Frei Domingos Barbudo: Santa Luzia na povoação de Siccá, onde era Atalaque Dom Cosmo, muito bom Christão, que passou a Malaca, sendo moço, e alli se criou entre os nossos Padres: Outra Igreja no lugar de Paga, que he huma legoa adiante de Siccá, e terra de muitos mais moradores: Nossa Senhora d'Assumpção na povoação de Quevá: São Pedro Martyr em hum porto, que chamão Lena. Esta Igreja foi destruida por hum pirata de Maluco: e o Padre Vigario geral a mandou reedificar, e a encommendou ao Padre Frei Balthasar de Torres natural de Cochim: Nossa Senhora da Boa Viagem na praia de Dondo, que he huma ribeira, que sahe na contracosta da ilha, e responde ao lugar de Quevá, com só dous dias de caminho em meio: veio a desemparar-se, porque os fregueses vivião longe nos lugares mais acommodados a sua vivenda: e o Vigario que os doutrinava, não se atreveo a morar só na praia.

A estas quinze Igrejas, em que havia mais de treze mil almas christãas, juntamos outras tres da ilha do Ende, de cujos titulos, e fundação diremos no Capitulo seguinte, ficando aqui sabido, que estas são as dezoito Igrejas, que o Padre Frei João dos Santos aponta em Solor; inda que não dá os nomes de todas (1).

(1) Liv. 2. cap. 1. do Christ. Oriental.

CAPITULO XV

Fundão os Padres tres Igrejas na ilha do Ende, e levantão n'ella para segurança da terra outra fortaleza: dá-se conta dos modos que tinhão no ensino do povo: dos grandes trabalhos que passavão: e como muitos forão mortos por infieis.

A ilha do Ende he cousa tão pequena, que não tem mais, que duas leguas em roda; tão esteril, que não produz nenhum genero de frutos, dos que dão as ilhas vizinhas, e até d'agoa tem falta; porque todas as que ha são salobres: só de palmeiras bravas he feril, que todavia lhe são de algum proveito. Tudo o mais de que vivem, lhes vem de carreto da ilha Grande, a que está encostada com grande vizinhança defronte da povoação de Mari. Esta pobreza faz os moradores diligentes em grangear a vida por fóra. São mercadores, e habiles, mais politicos, e melhor entendidos, que todo o commum d'estas ilhas. Assim quando os primeiros Padres vierão de Solor a prégar-lhes, foram d'elles recebidos amorosa, e cortezmente, e muitos se bautisarão. Succedeo andado o tempo aportar na ilha huma Armada de cossarios Jaos, que saltando em terra assolarão, e destruirão o que n'ella havia, matando, e cativando muita gente. A que d'este trabalho se pôde salvar, como não tinha onde se recolher, espalhou-se pelos lugares vizinhos da ilha Grande, como Quevá, e Lena, e outros. Andando assim desterrados por casas alheas, acudio-lhes a charidade dos Religiosos de Solor. Veio a elles o Padre Frei Simão Pacheco, juntou-os, fallou-lhes, persuadindo-os que se tornassem á sua ilha. Era a offerta muito agradavel; porque a todos fazia suave força o amor da terra de seu nascimento. Mas considerando, que não tinhão remedio na ilha, se os inimigos, que já sabião os passos, e sua pobreza, tornassem sobre elles, propuzerão ao Padre, que lhes ordenasse hum forte, inda que não fosse mais que de pedra em fosso, e com hum só homem Portuguez por Capitão: e com isso prometião, que não sómente tornarião todos; mas que nenhum ficaria sem receber o santo bautismo. Deu-se por sobornado Frei Simão, não só obrigado com o que pedirão, pelo que tocava ao ponto da Christandade. Passa-se logo com elles á ilha, começa a obra; e inda que nos principios foi conforme ao que se tinha proposto, depois se animou tanto (sabemos d'elle, que era homem do grandes espiritos) que a fez toda de pedra e cal, e da

mesma traça, que a de Solor. E com tanta capacidade, que em huma occasião de perigo podia agasalhar todo o povo. E por não faltar em nada, poz n'ella por Capitão Pero de Carvalhaes, homem de valor, e rico, natural da cidade d'Evora. Bautisarão-se os Endes como tinhão promettido: e feita a fortaleza repartirão-se em tres povoações, huma que chamão Xaraboro, e outra Currolallas, com sua Igreja em cada huma: Xaraboro do nome de Santa Maria Magdalena: Currolallas de Santa Catharina de Sena. A terceira povoação, he a que chamão dos Numbas, onde está situada a fortaleza com sua Igreja da invocação do nosso Padre S. Domingos dentro dos muros d'ella: e ficou na ilha o Padre Frei Simão por Vigario, com outros dous Padres. O numero dos novamente bautisados se achava ser com os Christãos mais antigos de sete para oito mil almas. Por maneira, que toda a ilha era de Christãos, e gente boa, e fiel; sem embargo, que tambem houve n'elles algumas alterações, como nos mais membros d'esta Christandade.

As cousas até aqui escritas d'esta Christandade de Solor, e algumas, que mais diremos, são colhidas de huns quadernos, que á nossa instancia vieram da India nas náos, que o anno passado de 1626 partirão d'ella: e no presente de 1627 se perderam sobre a costa da Galiza, e Biscaia, perda por muitas razões digna de lagrimas. Foi escritor d'elles o Padre Frei Antonio da Visitação; de quem escrevemos atraz no capitulo segundo. Estava o original no nosso Convento de Goa. Vindo em náos tão mal afortunadas, forão enviados a Lisboa antes da perdição. Caso que na verdade não parece de todo falto de mysterio. Conta este Padre, que a ordem que havia em doutrinar as aldeas, era fazer acudir todos os dias manhãa, e tarde todos os mininos á Igreja, e as mininas só pela manhãa: e porque os homens, e molheres de idade crescida podessem tambem aprender, corrião alguns moços mais espertos as ruas todas entoando em altas vozes as orações, e mysterios santos: a que acudião as molheres ao pé de suas escadas, e os homens ás suas portas, ajudando, e repetindo todos o que se dizia. Por maneira, que era cousa de grande gloria de Deos, e gosto espiritual dos Religiosos, ver retumbar aquelles montes, e valles com os eccos da santa Doutrina, por boca de gente, que poucos annos antes servia ao Inferno na impiedade Mahometica, ou Gentilica, e alegrando-se parecia-lhes, que erão como profecia de taes maravilhas os versos do poeta:

Ipsi lætitia voces ad sydera jactant
Intensi montes: ipsæ jam carmina rupes;
Ipsa sonant arbusta. Deus, Deus ille, Menalca (1).

Em Solor como em cabeça de Provincia ordenarão os Padres outro grande remedio para estudo, e dilatação da Fé, ensinado já pelo Santo Concilio Tridentino: foram escolhendo mininos de melhor geito, e habilidade: vestirão-nos em opas brancas: fizerão d'elles Seminario, que em poucos annos chegarão a numero de sincoenta. Mas todos estes bons effeitos erão grandemente custosos aos nossos Padres; já na vida, porque muitos acabarão com crueis, e espantosas mortes, a mãos dos inimigos da Fé: outros com doenças pestilenciaes, quaes são as d'aquelle clima, sempre abrasado do sol da torrida zona. Já no descanço, e quietação, sendo necessario andarem em movimento continuo; ora passando de humas ilhas para as outras, por acudir ás ovelhas de Christo; ora trabalhando em aprender as lingoas, para serem entendidos: e sobre tudo padecendo muitas vezes gravissimas fomes, e faltas de tudo, humas vezes, porque as terras de si erão tão pobres, que chegavão a não ter com que sustentar a vida, mais que hum pouco de arroz, e este cozido sem sal: outras, porque os salarios, que el-Rei como santo, e piedoso lhes mandava dar, que erão a cento e vinte cruzados por anno a cada Vigario, como se pagavão na Alfandega de Malaca, havia tantos descontos, e inconvenientes na arrecadação da parte dos ministros, a quem tocava o pagar, que raramente chegavão a tempo, e com commodidade: e emfim sempre vinhão depois de grandes fomes, e trabalhos passados. E digo, que sempre vinhão, porque conta o Padre Frei Antonio da Visitação nos quadernos, que atraz allegámos, e o dá por quasi milagre, que perdendo-se cada dia navios por aquelles mares, se tinha observado que nunca se perdera nenhum dos que levavão as ordinarias dos Religiosos d'esta Christandade (grande sinal de quão justo, e santo era o emprego d'elles), e tambem conta, que sendo tantos os perigos, corriam comtudo tanto numero de jornaleiros, filhos de S. Domingos, a tomar parte n'elles, que até o anno de 1606 erão entrados em Solor sessenta e quatro Religiosos, e que chegarão a residir por junto dezoito, e algumas vezes vinte.

Mas vindo a particularizar, e pôr em memoria, como he razão, o

(1) Virg. ecl. 5.

que acima dissemos em geral dos que padecerão, e derão o sangue pela verdade da doutrina, que prégavão, he de saber, que se conta por primeiro em tempo, e na crueza da morte, o Padre Frei Antonio Pestana, cuja vida deixámos atraz contada entre os filhos do nosso Convento de Goa, e o fim ditoso guardámos para aqui, onde direitamente pertence. Tinha a cargo huma Vigairaria em huma d'estas ilhas, governava-a com aquella charidade, cuidado, e inteireza, que mais dizia, com o que de sua vida temos escrito. Quiz Deos pagar-lhe com huma mercê, que só faz aos que muito ama, e que são para muito: permittio, que saltassem na ilha (não ficou em memoria, como de cousa antiga, o nome d'ella, nem da povoação) huma companhia de Mouros da Jaoa, sempre sequiosos do sangue christão: matando muitos, levão comsigo a rasto, o que sabião ser só Mestre de todos. E como só contra elle era a ira, e indignação maior, não ficou nenhum, que não desafogasse a sua em o maltratar primeiro com palavras enormes, e feas, logo com repellões, bofetadas, e couces. Chegados á praia, onde tinhão as embarcações, alli por passatempo lhe estiverão trancando pés, e mãos com rachas de canas agudas, que lhe cravavão por entre as unhas de cada dedo. Acerbissimo tormento, mas levado com invencivel paciencia, e constancia, e dando graças ao Senhor por lhe dar huma morte em cada dedo, e membro: como seu Padre S. Domingos dezejava, segundo o disse aos herejes Albigenses, quando lhe perguntavão: Que havia de fazer se lhe cahira nas mãos? E he bem de crer, que esta lembrança devia consolar muito a Frei Antonio em tal passo.

Foi segundo em se laurear com seu sangue em serviço d'esta Christandade, o Padre Frei Simão das Montanhas. Achou-se em hum recontro, que os seus freguezes tiverão com os Mouros da Fortaleza do Torrão na ilha de Lamalla, como o refere o Padre Frei Antonio da Visitação nos seus quadernos. Andava com huma Cruz na mão animando os companheiros, á imitação de nosso Padre S. Domingos, juntarão-se sobre elle só todas as lanças dos infieis, cahio gloriosamente atravessado, e morto d'ellas.

Quasi no mesmo tempo foi morto o Padre Frei Francisco Calassa, filho da India, e pessoa de muito espirito. Governando a Igreja de S. Lourenço em Lavunama, acabou com sua prègação, que recebessem o santo bautismo todos os moradores junto da povoação de Tropobelle, posta meia legoa da sua Igreja. Quiz depois que se passassem para jun-

to d'ella para os doutrinar com mais commodidade sua, e d'elles. Mas isto, que o bom Padre lhes fazia por mimo, tomou Lucifer por meio de os fazer retroceder na Fé. Encheo-os primeiro de descontentamento da mudança, depois abraza-os com raiva contra o Pastor o dia que se havião de mudar, que era hum Domingo: foi o Vigario para os acompanhar, e em lugar de os achar juntos, não achou o Meirinho da Luvanama, que foi diante, em toda a aldea mais que huma velha, que chamada por elle para hir dar razão ao Vigario de tal novidade, levantou gritos a que acudirão os moradores, que andavão por fóra como a rebate do que tinhão assentado: e logo dão sobre o Meirinho, e fazem-no em postas. A primeira maldade aconselhou a segunda; fazem o mesmo ao Vigario, e a hum moço seu. Conta-se, que tres dias antes de sua morte vinhão misturadas com sangue as ondas, que quebravão nas praias de Solor. Admirou o prodigio, até que os Portuguezes, vingada a morte com destruição dos Apostatas, trouxerão o corpo do Padre para a fortaleza.

Por varios casos padecerão cruas mortes outros quatro Padres depois de muitos annos de serviço d'esta vinha do Senhor. Fr. Alvaro, que sendo Vigario de Pagá foi morto por Mouros na ilha do Ende. Fr. Paulo de Mesquita; a quem navegando de Solor para Malaca colherão Cossarios Holandezes; e dando a vida a todos os companheiros, que erão seculares, a elle só a tirarão em odio da Religião. Aos Padres Fr. Gaspar de Sá; e Fr. Manoel de Lambuão vindo de Solor, aconteceo darem á costa na ilha de Samatra; onde cahirão em mão dos Mouros do Achem, que são os mais crueis inimigos, que n'aquellas partes tem os Portuguezes: e por elles forão logo alanceados, e dados por mantimento aos peixes.

Não merecem ficar fóra d'esta conta os Padres Fr. Diogo do Rosario, e Fr. André, que por vindo de pouco tempo da Provincia, era chamado o Reinol: e era irmão do Padre Frei Sebastião da Vitoria. Navegavão em huma galeota para Solor: entrarão no ponto de Correa, forão ácommetidos á traição com mostras de paz. Não ficou homem com vida, Mas logo veremos outros casos de levantamentos, traições, e mortes, que não espantarão menos, com que os pobres Prégadores forão perseguidos dentro de casa, e pelos proprios doutrinados, e freguezes a quem servião.

CAPITULO XVI

Das alterações, que succederão no espiritual, e temporal d'estas ilhas, e como passou o primeiro levantamento, que houve na de Solor.

Não se deve ninguem espantar de ver grandes mudanças na terra. Porque como o Ceo, de cujas influencias ella se sustenta, corre sem cessar em continuas voltas: assim he força, que vá este mundo inferior experimentando novidades, e movimentos em tudo. Crescia a Igreja de Solor com notavel adiantamento, sem embargo dos contrastes, que temos referido, quando Deos foi servido, que se levantasse contra ella huma perseguição tal, que esteve a ponto de se perder de todo. Ha n'esta ilha duas castas de gente, que toda a tem entre si dividida. Huma tem nome de Damonaras, outra de Paginaras: e dizem, que procedem de dous irmãos, hum chamado Damon, o outro Pangim; que sendo inimigos em quanto viverão, deixarão seu odio como por herança aos descendentes. E estes tiverão cuidado de o conservar de maneira, que entre elles a malquerença continuava no tempo, que começou a prégação: e para que se não esquecessem, differençavão-se em algumas ceremonias, e costumes, ao modo que nos contão as historias de Italia, que usavão os Guelfos, e Gibellinos. Alem do que erão os Paginaras inclinados a superstições, e manhas dos Mouros: os Damonaras aos costumes portuguezes. De sorte, que estes sendo convertidos, erão firmes na Fé, e nossos amigos; nos outros sempre se achava leviandade, e muita malicia. Reconhecião os Paginaras por chefe, e capitão, que elles chamão Sangagi, a hum descendente por linha direita do primeiro Pagim, que no bautismo se fez chamar Dom Diogo. Este Sangagi Dom Diogo era tambem Sangue de Pate, ou senhor da principal povoação de Solor, onde estava a Igreja de São João Bautista. Porém era tal sua vida, que tendo nome de Senhor, e Christão, tinha alma, e procedimentos de Mouro: pelos quaes o capitão da fortaleza Antonio d'Andria o teve preso apertadamente perto de hum anno. Mas devendo sahir emendado, refinou-se n'elle com o castigo a peçonha da maldade, e passou a hum odio, e dezejo de se vingar diabolico, e tão dissimulado, e secreto (era o homem por extremo sagaz) que nunca se lhe entendeo, senão depois que brotou por obras. Havia no mesmo tempo na mesma ilha dous irmãos homens de conta, e nome, hum se chamava Dom João, que era Sangue

de Pate do lugar da Lamaqueira, outro Dom Gonsalo. Com estes se abrio Dom Diogo, porque o Dom Gonsalo tinha queixa publica do Capitão da fortaleza, por certo castigo pesado, que lhe dera em huma occasião de guerra. Assim se deixarão facilmente persuadir da lingoagem, e entranhas damnadas de Dom Diogo. Dizia-lhes depois de muitas razões: Deixo já, senhores, a barbara crueza, com que este tyrano me teve dez mezes sepultado em huma cova d'aquella fortaleza, e com tão pouca justiça, que em fim me soltou sem sentença; porque não achou culpas, em que a fundar. Deixo a brutalidade fera, com que por huma leve culpa vos abrio as costas, senhor Dom Gonsalo, de hombro a hombro, esgrimindo a duas mãos aquella sua espada longa de traidor, sem respeito do lugar, que vosso irmão, e eu temos n'estas ilhas. Como havemos de sofrer a soberba, com que os ladrões, que alli tem encastellados, tratão este pobre povo? Já lhe tomão por força o que levão ao basar, que elles dizem que he livre: se se defendem, tem mãos, e páos até contra as molheres. Se se queixão, he a dôr dobrada: porque se perde o tempo, cresce a ira, e maldade nos accusados, e o Juiz não remedea. Mas como ha da remediar, quem he maior ladrão, o que fazem os companheiros? Quem vio nunca lobo matar outro lobo? Se n'este houvera algum genero de virtude, impossivel fôra, não haver moderação nos seus. Obriga muito aos membros o bom termo de quem he cabeça. Mas este Andria he tal, que em lugar de os refrear, faz maiores excessos que os mesmos. Póde ser mór tyrania, que trazendo suas embarcações mareadas com os nossos pobres subditos, com que ganha muita fazenda para si, não tenha no cabo da semana hum real, que lhes dar por seu trabalho, para levarem para casa? Mas isto he nada á comparação das exorbitancias com que trata os que faz servir no forte, que fabrica na ponta de Servite, mais para seu interesse, que para nosso bem. E não basta trabalharem sem jornal, mas tambem sem comer; porque nem hum punhado d'arroz, nem quatro feijões lhe dá. Se isto não levão de suas casas, he força jejuarem os dias inteiros. E o que he peior, que para que estejão fartos quatro soldados ociosos, que na obra tem por sobrestantes; obriga os pescadores do meu lugar, a andarem em seu serviço com duas barcas continuas, e revezando-se cada semana. Quando assim procede o Capitão, que emenda esperais nos que o acompapanhão? Confesso-vos, senhores, que vivo com tanta dôr d'estas sem razões, e das lagrimas, e pobrezas, que ellas causão em nossos naturaes,

que me parece pouco beber-lhe o sangue a elle, e a todos os seus: e até aos Prégadores: e parece-me, que não tendes vós menos razão para o mesmo. Lei nos trouxerão santa, e perfeita, muito lhes deveramos a estes Padres, se assim como a lei he boa, e como querem que nós a guardemos, assim a fizerão guardar ao Capitão, e mais Portuguezes. Mas que nós sejamos santos, e os Portuguezes desbragados ladrões? Nós cativos, elles absolutos senhores? Não ha nenhuma boa lei, que tal desigualdade ensine. Assim não he menos o fogo de ira, e paixão, que tenho contra aquelles gestos contrafeitos, pescoços torcidos, e olhos humildes, que contra o mesmo Andria: a elles tenho por autores de todos nossos males. Elles nos fizerão deixar a lei de nossos avós em que viviamos com gosto, e liberdade: elles são, os que nos tem a culpa do cativeiro, e miserias, em que estamos. Que ha logo que fazer, senão vingarmo-nos de todos, se somos homens, se sentimos, e se nos sentimos? Os povos rebentão de oprimidos, e apertados; nós, que somos cabeças, estamos afrontados: seu trabalho nos admoesta, e nossa causa nos obriga. Lancemos logo tão pesado jugo de nossos hombros, ou acabemos como homens na demanda, e não acabaremos, se a Deos praz, que como sempre favorece cousas justas, assim nos favorece de presente huma occasião, qual não podiamos desejar melhor. D'aqui a dez dias se juntão o capitão, e Padres a festejar o Santo de Lavumana; alli os colheremos juntos, como em rede, e nos pagarão em hum dia injurias de muitos annos. Não disse mais Dom Diogo, nem foi mais necessario, para os dous irmãos lhe darem as mãos, e se conjurarem com elle: senão quanto a Dom Gonsalo, que se prezava de valente, e dezejava tomar por sua mão vingança do Capitão, se offereceo, para hir dar sobre elle, e sobre os Padres na hora de maior descuido, que seria quando estivessem jantando, e matal-os juntos. E assentarão, que logo osse dando conta da determinação, e animando os que no lugar estavão mais escandalisados, e erão homens de mais brio, para estarem prestes no dia sinalado. E Dom Diogo, tanto que o feito fosse executado em Lavumana, acommeteria a fortaleza em Solor, e se faria senhor d'ella.

Apoz este acordo, começou cada hum com cuidado a fazer gente, e buscar companheiros, e aperceber armas: até que amanhecendo o dia de São Lourenço, que he orago de Lavumama, em 10 de Agosto de 1598, appareceo o capitão Antonio d'Andria na Igreja com alguns Portuguezes poucos, e quatro Padres, e começarão a celebrar sua festa. A meia Missa entra pela Igreja Dom Gonsalo cercado de vinte conjurados do

seu lugar; mas com tal dissimulação, que pareceo na vinda mais devoto, que inimigo. Aqui lhe occorreo, que para executar a seu salvo o que vinha fazer, lhe convinha como em terra alhea, tomar licença do Sangue de Pate, e senhor d'ella, a pena que fazendo o contrario, se levantaria o povo, e o mataria com todos os seus. Era Sangue de Pate hum bom Christão chamado Antonio Luis. Foi-se a elle Dom Gonsalo, e pedio-lhe ajuda, ou pelo menos licença para o insulto, que a seu parecer era em beneficio, e honra de todos. Nem huma cousa, nem outra alcançou d'elle, nem de outro principal, por nome Cosmo Telles, abominando ambos a traição. Assim fez volta sem fazer nada, e guardou Deos aquelle dia o Capitão, e Padres, que sem falta perecião todos, se o Sangue de Pate dera hum só aceno de consentimento.

No dia seguinte moveo Deos os corações dos dous, que estorvarão a maldade, para a descobrirem aos Padres, que havia no lugar; pedindo-lhes, que logo avizassem ao Capitão, para que se vigiasse do Dom Gonsalo, e soubesse o perigo de que escapara. Era hum d'estes Padres Frei Francisco Thaca, natural da Batalha, Vigario então da Lumaqueira, o qual passou logo a Solor, e avisou de tudo a Antonio d'Andria, que devendo-se velar de todos os que tinha aggravado, andou tão inadvertido, que o primeiro a quem communicou o aviso, foi Dom Diogo, a quem conhecia por inimigo, e maligno: e em fim era cabeça da conjuração. Grandemente ficou sobresaltado Dom Diogo, de ver o trato descoberto, e entendendo, que lhe convinha executal-o, antes que o Capitão soubesse a parte, que tinha n'elle, foi correndo na mesma noite á Lumaqueira, vio-se com os conjurados, e persuadio-lhes, que logo no dia seguinte puzessem por obra em Solor, o que lhes fôra tolhido pelos cativos fieis, e covardes de Lavunama. Assentarão hirem com representação de paz, como outras vezes, e darem por razão do corpo da gente, acudirem a certo concerto, para que erão chamados dos Pamacayos. Mas que em desembarcando fizessem tres esquadras: huma, que fosse matar Antonio d'Andria, que então tinha sua casa no meio da povoação: outra, que entrasse na fortaleza com dissimulação, e se empossasse d'ella: a terceira ficasse nos barcos com as armas de todos; e tanto que ouvissem certo sinal, entrassem pelos arrebaldes, onde chamão Tanangarão, levassem tudo a ferro, e fogo, sem perdoar a viva alma, fazendo conta, que acudindo os Portuguezes a esta parte, ficarião em meio dos que

havião de matar Antonio d'Andria, e dos mais conjurados, que seguião a Dom Diogo, e não escaparia homem a vida.

Que fora do mundo, se todos os conselhos de guerra tivessem no campo o successo, que os bons discursos pintão em casa? Tinhão por certo, os que hião contra o capitão, que o acharião na sua sala, deitado em hum esquife, como costumava. Foi Deos servido, que estava recolhido: e isso lhe deu a vida. Porque vendo elles, que não sahia, e temendo que se tardassem, começarião os companheiros a dar por Tanagarão, voltarão para os barcos a buscar suas armas. Entretanto tinha Dom Gonsalo entrado na fortaleza com toda dissimulação. Fez oração na Igreja, fallarão com os Padres, que acharão n'ella elle, e os seus, e puzerão-se a passear na praça d'armas, esperando o sinal concertado. Mas eis que a poucos passos começa a soar da parte de Tanagarão huma alarida, que afundia a terra: vozes confusas de acommetedores, e acommetidos: Mata, mata, traição, traição, fogo, fogo. Ao primeiro grito manda Dom Gonsalo cerrar a porta da fortaleza, e que se não perdoasse a ninguem a vida. Foi primeiro morto á porta da sua cella o irmão Frei Belchior, porteiro do pobre Conventinho. Forão buscados os Padres: mas tinhão-se sahido antes. Derão logo traz os seculares: não ficou homem com vida, salvo os que o medo da morte fez saltar os muros. Crescia a grita e confusão. Juntarão-se os Portuguezes, e com elles os homens de melhor tenção da terra: e em lugar de acudirem aonde os chamava o damno, e o perigo de seus vizinhos, quizerão soccorrer primeiro a fortaleza falta de defensores; mas achando-a já fechada, e cheia de inimigos, que do muro lhe atiravão pedras, e azagayas, forão-se em demanda do Capitão: E n'isto esteve a salvação de todos. Porque se acertarão de hir contra o arrebalde, como erão poucos, e lhes vinha Dom Diogo nas costas, tomados em meio não escapava homem. Arrebentava o Capitão de dôr, e raiva de ver a terra ardendo, e a fortaleza tomada: raiva que mais justamente pudera ter contra seu descuido, e culpa de viver fóra da praça, que tinha em homenagem. Quizera acommeter contra Tanagarão, e dar Santiago nos Indios; mas foi advertido de hum dos Padres, que se tinhão sahido, quando Dom Gonsalo entrou, que guardasse a colera para melhor conjunção, e tratasse de cobrar a fortaleza por huma portinha falsa, que havia annos se fizera para certo effeito, e depois se tapara, e agora estava aberta havia dous mezes. Chamava-se este Padre Frei Diogo d'Assumpção, pessoa de grande nome n'esta Christandade.

Era a porta tão pequena, e em lugar tão escuso, que nem os os inimigos sabião d'ella, nem muitos dos nossos. Lançou-se a ella Antonio d'Andria como hum raio com hum montante nas mãos, e entrando levantou a voz como hum trovão, dizendo: Santiago mata traidores. Era este homem tão valente, e tão temido, como descuidado. Fez a voz effeito em muitos soldados. De sorte, que não teve lugar de fazer emprego de seu montante, que jogava com muita destreza, e força. Tal foi o medo, que cahio nos inimigos, que não houve nenhum, que lhe tivesse o rosto direito: e tal a confusão, que nem a porta puderão abrir, nem a souberão abrir, para fugirem. Saltarão dos muros abaixo. Mas já n'este tempo ardia a povoação toda sem remedio. Ajudou o mal huma extraordinaria tormenta de vento, que este dia correo, e serem as casas todas cubertas de ola, que he folha seca de palmas; e toma o fogo como palha. Arderão as Igrejas, e não valerão os muros á fortaleza, para deixar de ficar abrasado tudo, o que n'ella se cobria com ola, assim nos baluartes, como na Igreja, e Conventos, e ficarão por tudo rios de sangue, correndo entre brasas, e tições, e nuvens de fumaça, que cobrião o Ceo.

CAPITULO XVII

Do que mais fizerão os levantados depois da perda de Solor: da crueldade com que martyrisarão dous mininos do Seminario, porque não quizerão reneyar; e matarão outros muitos Christãos, e como emfim forão destruidos, e assolados.

Bem se diz: que quando o Diabo torna a huma alma de que em algum tempo foi senhor, e depois andou auzente, traz comsigo sete espiritos peiores: para que a maldade presente vença com grande excesso a antiga. Assim vemos, que não ha gente mais perversa, que os miseraveis, que da Fé huma vez recebida se tornão á cegueira da infidelidade. Errão por entendimento: ficão cegos de vontade. Não se podem crer, nem referir sem grande dor as irreverencias, que estes arrenegados cometerão contra as Igrejas, e imagens santas; o desaforo com que profanarão os calices, e ornamentos sagrados. Affirma-se que tirarão setas contra a imagem da Virgem nossa Senhora pintada na bandeira da Misericordia: beberão pelos calices: rasgarão os manipulos para toucarem as cabeças a uso dos Mouros Malaios. Mas tambem he razão confessarmos

que ainda que a ira, e queixas erão de todos, não forão todos apostatas. Antes a maior parte do povo perseverou na Fé com tanta constancia, que do meio do fogo, e mortes huns fugião para os Portuguezes; outros não se dando em nenhuma parte por seguros, se forão embrenhar no mato; d'onde depois se vierão recolhendo para a fortaleza. E alguns houve, que nos deixarão exemplos de valor, dignos de se compararem com muitos da primittiva Igreja, que por isso contaremos. Seja o primeiro de hum velho de sessenta annos, vizinho do lugar de Solor. Este quando chegou a saber, que Dom Diogo fôra author do levantamento, foi-se a elle com a confiança dos annos, e disse-lhe livremente, quão erradamente procedera em fazer mal a tantos innocentes pela culpa, que só o Capitão lhe tinha. Soffreo mal Dom Diogo a reprehensão, e continuando no animo, e obras de traidor, fez-lhe dar peçonha. Lavrou o mal depressa no corpo velho, entrou em morrer. Acudirão os Mouros a persuadil-o, que renegasse. Sobreveio Dom Diogo com outros apostatas de Solor, fazendo-se Caciz, e offerecendo-lhe salvação na seita de Mafamede, não houve cousa que o dobrasse. Ha muitos annos, dizia, que vivo, e muitos que professo a lei santa de Christo: n'ella espero salvar-me, n'ella quero morrer: e assim acabou. Chamava-se Cosmo Romeiro. A outros de seus companheiros mandou tambem matar Dom Diogo, porque ainda que forão consentidores no levantamento, começou a temer-se d'elles; porque lhes não via o animo tão perdido da Fé, como era o seu. Mas em dous mininos resplandeceo com gloria a verdade christãa. Erão criados no Seminario, de quatorze para quinze annos cada hum, e naturaes de Solor. Andavão pescando em hum barco, quando foi o alevantamento. Derão n'elles os Mouros de Lamalla, prendem-nos, e levão-nos a Dom Diogo. Erão de sua jurisdição, e seus conhecidos, pertendeo com mimos, e brandura, que renegassem; vendo que se não persuadião, deixou-os aos Mouros. Estes passarão com eiles a feros, e ameaças. Porém os innocentes respondião com grande animo, que por muitos males, que lhes fizessem, não havião de deixar a Fé de Christo, em que os tinhão criado os seus mestres, e Padres do Seminario. Começarão os infieis a pôr-lhe o ferro. E vendo, que crescião em constancia, arrancarão-lhe os olhos, e depois as lingoas, cortarão-lhe os braços: e assim a pedaços os forão trinchando para a mesa do bom Jesus. Até que lhe renderão as almas. Queixo-me dos Padres d'aquelle tempo, que sendo o martyrio publico, e certissimo d'estes mininos, não nos deixarão os nomes d'elles,

como do velho, que atraz contámos, e de outro, que agora diremos. Vivia entre os Lamaqueiras hum Canarim de Goa, chamado Lourenço Gonsalves: fôra hum tempo seu Meirinho da Igreja, e havido por bom Christão. Quizerão-se vingar d'elle com novo genero de morte. Levão-no a huma ilha de Mouros, comedores de carne humana (chamão-lhe Gallia) dão-lho a bom barato. Quizerão os barbaros atormental-o primeiro em odio da Fé, forão-no talhando vivo, e fazendo espetadas para assar; o que ficou depois de morto comerão cozido com figos, como costumão.

Triumfavão os apostatas, fartos de sangue, e ricos dos despojos dos pobres Solores: e comtudo não deixavão de os perseguir, correndo a terra, e tendo em cerco a fortaleza, onde sobre outros males se padecia tanto trabalho de fome, por se haver queimado todo o mantimento que havia, que morreo d'ella muita gente, e fôra maior mal, se lhe não acudira o Padre Frei Simão Pacheco, Vigario que então era do Ende com muita coja de arroz. E não era só a guerra, que fazião por terra; armarão barcos, forão-se a Timor, onde sabião que havia algumas embarcações de Portuguezes tratantes do sandalo. Acommeterão duas animosamente, e sendo rebatidos, passarão a outro porto, tomarão huma em que acharão descuido, matarão quantos havia, á falsa fé, roubarão as fazendas, e queimarão o navio. O mesmo fizerão a outros dous carregados de sandalo, usando de manha. Passavão para Solor segundo o costume: forão-se a elles os renegados; affirmarão-lhes, que estava a terra de cerco por piratas de Maluro: se quizessem aportar alli aquella noite, na manhãa seguinte lhes darião guarda com seus barcos, para passarem seguramente. Fiarão-se de dito os pobres mercadores. Surgirão no porto, desembarcarão em terra; na melhor hora do somno forão todos mortos, os navios tomados, e roubados de quanto trazião. Mas não parou aqui a maldade. No mesmo tempo andavão outros pelas Vigairarias da ilha Grande, solicitando os amigos, e conhecidos, a que se rebellassem: fazia medo, e obrigava muito o fogo de Solor visto de longe. Abalavão-se muitos em particular, e rebellou-se o lugar inteiro de Bayballo, e queimou a Igreja. O que visto pelo Vigario d'ella, e por outros dous Padres da Freguezia de Larantuc, e Lavunama, tratou cada hum de se desviar da perseguição, pondo terra em meio. Lançarão-se ao mato, caminharão trinta legoas a pé até hum porto, d'onde dous se embarcarão para Solor, e chegarão a salvamento. Não aconteceo assim ao Padre

Frei João Travassos, Vigario de Bayballo, que foi morto na ilha de Lucurava junto a Solor, em companhia de hum homem malquisto n'ella. Dizem, que quizerão os moradores congraçar-se com os levantados, na morte do Padre, e valendo-se com os nossos de desculpa fingida, de o não conhecerem por hir em trajos seculares; e na morte do companheiro vingar o odio geral, que lhe tinhão por algumas desordens, commettidas por elle na terra em tempos atraz.

Tardava a Justiça Divina em castigar estes rebeldes, para lhes carregar mais a mão a seu tempo. Tardava sua misericordia em livrar os fieis dos trabalhos da guerra, e sobresalto continuo em que vivião, para merecerem o remedio com orações, e emenda de costumes: que isto he o que de nós quer, quando manda afflicções. E comtudo aos seus hia já consolando com alguns sinaes de não estar esquecido d'elles: e assombrando os apostatas com mostras claras de que tinhão perto, e já sobre as cabeças o açoute merecido; foi cousa certa, que morrerão juntos, e em hum mesmo dia dous homens, que com espirito diabolico lançarão peçonha nos poços de que bebia a fortaleza: e não só acabarão elles, mas tambem suas molheres, e filhos com elles. Na gente de Lamaqueira entrou huma doença nunca d'antes vista, nem ouvida, que matava muitos, principalmente mininos. Dava-lhes huma dor tão intensa, que nenhum passava do terceiro dia, e alguns acabavão no mesmo em que lhe dava. E já era pratica commua, e até dos Mouros, ser pena das crueldades, que tinhão commetido contra seus vizinhos, e amigos, que lhe não tinhão culpa. Mas não espanta menos, o que se contava de huma arvore, que na porta da Igreja fazia sombra aos que vinhão a ella. Quer fosse verdade, quer representação, que assombrava as consciencias culpadas: ouvião-se de noite humas vezes soar n'ella vezes medonhas, e sentidas, que muito atemorizavão: outras ia-se a mesma arvore nas portas dos enfermos, e era sinal de morte certa. Assim andavão ameaçados, e medrosos; mas nada arrependidos. Aos Christãos consolou o Senhor com dous casos, que bem mostravão não os ter desamparados. Estava arvorada na entrada da Lamaqueira huma Cruz fermosa de páo, que os moradores, com serem renegados, não tiverão ousadia para a violar. Vierão Mouros, derão com ella em terra: fazendo conta de se servirem da madeira para cozerem o seu arroz. Mas tal foi o respeito, que o fogo lhe teve, que por muitas diligencias que fizerão, nunca pegou n'ella. E hum, que lhe poz hum machado para a fender, se soube,

que no mesmo dia pagara com a vida o atrevimento. Julgavão d'aqui os affligidos, que lhes queria Deos perdoar, como mandara ao elemento perdoar ao madeiro seco. O mesmo pronostico fizerão de outro successo quasi semelhante, que passou assim. Na Igreja de Bayballo, depois que os Mouros, e apostatas violarão, e descompuzerão quanto havia, quizerão fazer o mesmo á pedra d'ara. Não ficou nenhum, que deixasse de provar suas forças pela quebrar; e nenhuma bastou para lhe tirar, nem huma pequena lasca. Sendo lançada no fogo, e combatida com violencia de seixos antes, e depois. Deixada por invencivel reconheceo o milagre huma Dona Thereza, velha honrada, levou-a para casa: e havendo-a d'ella outro bom Christão, por nome Dom Jorge Basa, lhe teve tanto respeito, que se foi com ella a hum monte seu, n'elle fez huma choupana, e dentro hum modo de altar, em que a teve até que cessou a perseguição: e os Christãos de Larantuca a pedirão, e levarão para a sua Igreja. Durarão os trabalhos de Solor até a entrada do mez de Março do anno seguinte de 1599. Vierão navios de Malaca, juntou-se a gente d'elles com a da fortaleza, derão sobre a Lamaqueira em 24 do mez. Acommetido o lugar por mar, e terra, foi entrado com pouca resistencia, e não ficou cousa viva, e saqueou-se o lugar de quanto havia: depois foi assolado como terra de traidores, que merecia ser semeada de sal. E porque se veja o poder, que já tinha, he de saber, que vierão d'elle para Solor noventa e tantas embarcações entre grandes, e pequenas. E tal foi o fim d'este alevantamento.

CAPITULO XVIII

De hum principio de levantamento, que houve na ilha do Ende, e da guerra que el-Rei do Macassá moveo a todas as terras da Christandade de Solor; e do fim que teve com a morte do Padre Frei Jeronymo Mascarenhas.

Sendo Vigario da Christandade o Padre Frei Paulo de Mesquita, e juntamente Visitador por commissão do senhor Bispo de Malaca, visitava a ilha do Ende. N'este tempo succedeo hum terrivel movimento de guerra entre os Numbas, e os moradores da serra, em que houve incendios, e muitas mortes. Houvera de ser mui custoso aos nossos Padres, a quem já huns, e outros ameaçavão, se não chegara a Solor o Pa-

dre Frei Simão Pacheco, que como era mui conhecido dos Endes pelo tempo, que os governara, escreveo aos Atalaques; e dissimulando suas culpas, reduzio tudo a boa paz.

Mas logo no anno seguinte, que foi o de 1602, veio sobre esta Christandade outra perseguição geral, que lhe deu muito trabalho, e passou d'esta maneira. Mari he hum bom lugar da ilha Grande, junto de Queva, que fica defronte do Ende. Era morador n'elle hum Amequira, homem inquieto, e ambicioso, e se lhe meteo em cabeça poder ser senhor do Ende, e Solor, e de toda sua Christandade. Foi a traça, que logo executou, hir-se ao Rei do Macassá, Mouro, e senhor de huma grande ilha d'este nome (dista de Solor oitenta legoas) propoz-lhe fazel-o Rei de toda esta costa; e se o fazia seu Viso-Rei d'ella depois de conquistada, lhe daria em cada hum anno cem corpos de escravos, e hum grande boião cheio de ouro. Para a conquista não queria mais, que huma moderada armada; affirmando, e mentindo, que para tomar a fortaleza do Ende bastava pouco poder. Porque os moradores erão Christãos por força, e não podião sofrer o jugo dos Portuguezes. Para a de Solor usaria de manha, e com capa de amisade se faria senhor d'ella. Persuadio-se o Rei cubiçoso: deu-lhe huma armada de quarenta embarcações, com tres mil e tantos homens d'armas, de que fez general hum vassallo seu, que sendo renegado, retinha inda o nome do bautismo, que recebera. Chamava-se Dom João. Despachados, e feitos á vella, foi primeira determinação tentar Solor. Chegarão, propuzerão embaixada de seu Rei aos Portuguezes, affirmando, que a outra cousa não vinhão, senão a fazer, que tivessem fim a guerra, e contendas, que com elles tinhão aquellas ilhas: que por isso mandava tal poder, que nenhuma se atrevesse a resistir á sua vontade. Não pareceo aos Portuguezes, que podia caber virtude em gente sempre inimiga, e fazia-lhes má suspeita tamanho corpo d'Armada. Responderão com palavras de cortezia, e agradecimento; mas acautelados em secreto, e confiados em muitos, e bons soldados, que de pouco tempo atraz lhes tinha trazido Deos por caso pouco esperado. Partira no anno atráz Fernão Pereira de Sande de Malaca, em hum bom galeão, para fazer viagem de Maluco. Foi o Senhor servido, que se viesse a perder na costa da Jaoa, nos mais sabidos baixos, que em toda ella ha, que chamão da Parsada, junto ao Reino de Syrubaya; para que n'esta occasião fosse, como foi, o remedio de Solor. Meteo-se com toda a gente no batel, e com assaz perigo, por ser muita; entrando pelo boqueirão

de Servite, foi aportar em cabo de dez dias a Solor. Virão os Macassás mais provimento na terra, do que esperavão achar, não se atreverão com ella. Levarão ancoras com a mesma dissimulação, com que tinhão entrado. Atravessarão d'aqui á ilha Grande, e entrarão no porto de Sicá. Mandou logo Dom João dizer aos principaes, que lhe entregassem o Vigario, e mais Portuguezes, e com isso farião seus concertos de paz, e receberião seu tributo. Responderão, que para dar o tributo estavão prestes: o mais não farião, porque era traição. Replicou Dom João, que pelo menos os lançassem da terra, e queimassem a Igreja. Estiverão os bons homens constantes em não fazer vileza. E elle achando que cumpria fazer medo a todos os mais portos com o castigo d'este, em que primeiro começava a descubrir sua tenção, saltou em terra com animo de assolar o povo. Mas foi recebido com tanto valor dos nossos Christãos, que lhe matarão mais de cem homens; e entre elles huma pessoa real, sem perda nenhuma sua, inda que houve alguns feridos.

De Sicá passou Dom João a Pagá, que he porto vizinho. Como hia descontente, e quebrantado com a morte dos seus, não se atreveo mais que a pedir o tributo, que logo lhe foi dado. E fez-se á vella contra o Ende. De caminho tomou o porto de Mari, onde estava o Amequira, causa, e promotor da jornada. Achava-se em Lena, que he perto, o Padre Frei Jeronymo Mascarenhas; como não sabia o successo de Sicá, foi-se confiadamente á Armada, entrou na embarcação de Dom João: disse-lhe que os Endes estavão prestes para lhe acudirem com seu tributo: e se quizesse escusar maior viagem, alli lh'o trarião. Quiz Frei Jeronymo com isto entender, que tenção trazia Dom João. Foi a resposta sem rebuço, que elle vinha a castigar os Endes; derribar-lhes a fortaleza; e fazer que não houvesse entre elles Christandade. E com tudo, que aos Portuguezes não queria fazer fazer aggravo, e portanto se tornasse para Lena. Não tomou Frei Jeronymo o conselho: mas passou-se ao Ende, dar a nova aos Padres, e mais moradores da ilha, que ficando por extremo desconsolados, o fizerão tornar a Dom João, por ver se o podião abrandar, ou ao ao menos entreter. E entretanto pedirão soccorro a Solor com lastimosas cartas. Não alcançou Frei Jeronymo melhor resposta; antes mais aspera, e descortez. Melhor obra fizerão as cartas. Porque no mesmo ponto que chegarão a Solor, se despacharão Fernão Pereira, e o Vigario Frei Simão Pacheco com hum bom numero de soldados em duas caracoras. E derão tanto animo na terra, que chegando depois onze embarcações

do inimigo a ver onde terião commoda desembarcação, deu sobre ellas Fernão Pereira com as suas caracoras, e com alguns pilões dos Endes, e os poz em desbarato, tomando-lhe dous paraos, e outras duas embarcações, de que não escapou homem com vida; e fazendo fugir os mais á vella, e remo. Mas foi desgraça do Padre Frei Jeronymo de Mascarenhas, que tornando de fallar a Dom João, encontrou com os que vinhão desbaratados, e raivosos, que como gente fraca quizerão-se vingar da culpa alhea em quem lhe não tinha nenhuma: matarão-n'o ás lançadas com hum mancebo honrado que o acompanhava, filho de Manoel Henriques, cidadão de Malaca. Era Frei Jeronymo filho da Congregação, mas nascido no Reino.

Segundou Dom João em provar a mão contra a ilha, lançou em terra hum bom corpo de gente: porém não tiverão melhor successo. Acudirão os Endes em companhia dos Portuguezes, pelejarão tão animosamente, que o inimigo tomou por partido retirar-se ao mar: mas com tanta desordem, que os mais se embarcarão a nado, deixando a terra cuberta de corpos mortos. Passada esta briga, se não atreveo Dom João a fazer mais experiencias. Porque feita conta do que lhe custava a jornada, achou, que lhe faltavão oitocentos e tantos hômens. Contentou-se com lançar feros contra os nossos, prometendo de tornar dentro em dous mezes com dobradas forças. E feito á vella para sua terra, desassombrou aquelles mares. Foi el-Rei mais prudente: vendo sua armada destroçada, e com tanta perda, não sómente não mandou outra, mas enviou embaixada de paz a Solor, e com ella alguns navios de arroz, de que havia assaz necessidade na terra; restituindo juntamente, para mais dissimulação de sua perda, e dôr, duas espingardas, que os seus acertarão de levar.

Seguio-se grande bonança de parte de inimigo de fora, e tambem dos de casa, que durou alguns annos. E como a paz em toda a parte he occasião de crescerem as cousas pequenas, florescia a Christandade por todas estas ilhas em obediencia da Fé, e de seus Vigarios, e tanto concerto das Igrejas, e culto Divino, que affirma o Padre Frei Antonio da Visitação em seus escritos, que parecia Solor outra Malaca. Hum templo grande, e fermoso na fortaleza, com sua alampada de prata, mandada fazer na China, de quinhentos cruzados, e seus castiçaes altos do mesmo: os retabolos dourados todos com muita curiosidade de obra da China. E porque sobreveio hum fogo accidental, que queimou segunda vez todo o tecto, e cuberta da Igreja, senão foi a capella mór, que se

livron por estar já reparada de pouco, e de telha a uso de Portugal: Foi tanta a industria do Padre Frei Simão Pacheco, que dentro de pouco tempo houve ás mãos hum official de telheiro da China; e não só cubrio toda a Igreja, mas tambem os baluartes, e todas as mais casas da fortaleza. Porèm traz esta prosperidade vierão annos, e forão muitos, de novos trabalhos, e inimigos mais poderosos, e mais crueis, que de todo a escurecerão, e quasi extinguirão, e sepultarão a Christandade. Em quanto não chegão, diremos de alguns Religiosos insignes em vida, e costumes que a pastorearão, e n'ella acabarão torrados do Sol, e consumidos de miserias. E se não forão mortos á espada, como os que temos apontado, e outros, de quem ao diante diremos, póde ser, que seu merecimento fosse tanto maior, quanto mais custa huma morte lenta, e quebranlão afflições prolongadas, que hum golpe de cutello, ou lança, que n'um abrir, e cerrar de olhos, traspõe huma alma ditosamente no Paraiso. Será seu o capitulo seguinte.

CAPITULO XIX

Dá-se conta da virtude, e obras memoraveis de alguns Padres, que viverão e morrerão de sua morte natural, servindo esta Christandade.

Que lavrador ha tão frouxo, que respondendo-lhe com fertilidade o seu pedaço de terra, não acuda com muito cuidado a favorecel-a, e ajudal-a com todos os beneficios, que a agricultura ensina? Para que lhe venha a encher os celeiros com abundancia. Publicou-se pela Congregação na India, e cá em Portugal na Provincia, quão bem succedia o trabalho, que os nossos tomavão na sementeira de Solor; quanto fruto rendião para Deos as fomes, as doenças, os perigos, que passavão. Forão correndo de toda a parte os espiritos determinados, e valerosos a juntar-se com os bons obreiros. Forão muitos, não podemos dizer de todos, daremos memoria a alguns, que sem derramar sangue, se sinalarão muito n'este serviço.

Seja o primeiro na historia, quem já mostrámos, que o foi em levar a luz Evangelica a esta cega, e pobre gente. Digo o Padre Frei Antonio da Cruz, cuja vida foi tão pura, e penitente, seu animo tão inflammado em zelo da dilatação da Fé, que na memoria dos Religiosos antigos teve sempre nome de Santo: e se contão milagres mui patentes, que em vida, e morte fez: e se os deixamos, he porque os mesmos, que ti-

nhão lingoa para os celebrarem, não tiverão mãos para osescreverem, e authenticarem.

Segue a este Padre outro continuo assistente d'estas ilhas, e pai verdadeiro d'ellas. Foi o Padre Frei Simão das Chagas, de quem tocámos alguma cousa em outra parte (1), e aqui diremos mais: porque são extraordinarias as que se contão d'elle: e todas estas verificadas por instrumentos publicos de grande numero de testemunhas, que temos em nosso poder, em que interpoz sua authoridade o Ordinario de Malaca; sendo Bispo d'ella Dom João Ribeiro Gayo. Estava hum dia á porta da fortaleza de Solor, em tempo, que na terra havia grande falta de tudo, e fazia a necessidade maior, esperarem-se cada hora inimigos. Poz os olhos no mar contra a parte por onde trazem sua derrota os navios, que vem de Malaca, e da China. E chamando huns homens da terra, que erão presentes, perguntou: Se enxergavão hum vulto de navio, que elle divisou ao longe? Alegrando-se todos com a nova, mas dizendo, que nada vião, affirmou, que era navio, que vinha para o porto. Cerrou-se o dia sem aparecer nenhum genero de embarcação: e ficarão todos julgando, que se enganara Frei Simão. Porque era tempo largo, segundo o vento que corria, para ter vencido a distancia, que a melhor vista podia alcançar, e estar já no porto. Não são os Santos amigos de litigar. Mas amanhecendo o dia seguinte, provou, que fallara verdade. Porque apontou o navio na mesma parte, que elle dissera, e alegrou a terra com sua entrada; e juntamente encheo de espanto aos que tinhão ouvido o Padre. Porque perguntados os marinheiros, em que paragem vinhão na hora, que o dia atraz lhes dera novas da sua vinda; affirmarão, que era tanto ávante como o cabo das Flores, d'onde havia boas doze legoas até onde estavão ancorados: e em meio se atravessavão humas ilhas com serras tão altas, que era impossivel ser visto nenhum genero de embarcação, por grande que fosse, em tal lugar com olhos humanos, sem revelação divina.

Não foi menos maravilhoso outro caso, que teve por testemunhas os mesmos Mouros, que o tinhão cercado na fortaleza. Cuidavão de a tomar á fome, e porque sabião a pouca provisão, que dentro havia, tinhão-lhe a porta do mar livre. Chegou-se o bom Padre hum dia á agoa, meteo o bordão n'ella: eis que vem demandal-o hum cardume de peixe, como que lhe queria beijar os pés; manda encher cestos, e depois lançar

(1) Na vida do Santo Arcebispo D. Frei Bartholomeu, liv. 1.

huma copia do muro abaixo sobre os inimigos; que julgando não ser possivel tomar-se por fome praça, que tal provimento tinha, levantarão o cerco.

Começou-se hum dia de festa a vestir na sacristia para dizer Missa ao povo, disse-lhe o companheiro, que escusasse o trabalho, porque não havia em casa vinho. Respondeo, que fossem ver as talhas, que inda acharião quanto bastasse para a Missa. Replicou o sacristão, que as que havia estavão emborcadas por vasias de todo. Todavia hi de (tornou o Santo) e não duvideis, que vinho ha; e não ha de ficar o povo sem Missa. Obrigado da obediencia, mas cheio de desconfiança foi: e achou as talhas direitas, e cheias de vinho. Escrevemos isto no mesmo dia, em que o bom Jesu a rogo da Mãi Santa alegrou os convidados da boda em tornar em vinho saboroso a agua fria. E lembrando-me, que disse o mesmo Senhor aos Discipulos, que se tivessem fé, farião milagres aventajados ao seus, dou-lhe infinitas graças. Porque estou vendo esta verdade cumprida em Frei Simão, que se o Senhor converteo a agoa em vinho, Frei Simão fez vinho do ar, ou de nada.

Embarcando-se para huma illha vizinha, escureceo o Ceo, e como se o estivera esperando, começou a desfazer-s em agoa. Sentirão-se os companheiros, temendo molharem-se as armas, que havião mister enxutas, para em caso que se encontrassem inimigos. Hia o Padre encostado na popa do barco, e rezando, chamou-os, mandou-lhes, que se chegassem para junto d'elle, e não temessem. Virão logo, que o resto do barco se alagava com chuva, e outros, que hião na companhia: e só a parte da popa, que elles com suas armas e o Santo occupavão, não tocava a agoa: e como se fôra emparada de hum seguro toldo, assim hia enxuta. Maravilha foi, que mais de huma vez aconteceo ao nosso Santo Patriarcha: não deve espantar renovar-se em hum bom filho.

Mas não he muito mandar Deos, que os elementos obedecessem ao servo fiel, quando em sua virtude lhe obedecia o Inferno. Maltratava o inimigo, que n'elle reina, huma pobre molher, atormentava-a barbaramente. Tinhão-se provado muitos remedios contra elle; já com varias, e aprovadas reliquias, já com exorcismos. Não bastava nada. Acode o Santo, lança-lhe no pescoço hum rosario em que vinha rezando. Temeo Lucifer a santa cadea, e quem lh'a lançava. No mesmo momento foi fugindo, o deixou a pobrezinha livre, e sãa.

Passando por huma rua, sahio a tomar-lhe a benção huma moçazi-

nha, cujo pai era hido á China, muito tempo havia, e não sabião d'elle. Reconheceo cuja filha era, deu-lhe a benção, e disse-lhe, que seu pai entraria em casa no mesmo dia: e assim foi.

Á vista de cousas tão grandes, não ha para gastar tempo em contar virtudes particulares: de força havião de ser muitas, e grandes, d'onde taes prodigios sahião. Foi o instrumento, que atraz dissemos, tirado entre seculares, que do Santo não sabião mais, que as cousas geraes, e publicas: os Frades, que sabião do interior, e mais secreto erão mortos. Todavia se diz muito de sua charidade com os pobres, de sua compaixão com os affligidos, de sua brandura com os enfermos. Affirmão, que muitas vezes deixava de comer, e dava a ração. Chorava os trabalhos dos que gerara em Christo, como proprios. Aos enfermos curava, não só como medico, mas lavando-lhe as chagas por sua mão: e tinha por costume andar tão vigilante, sobre os que empeoravão, que nenhum morria sem o ter á cabeceira, A isto juntava ensinar-lhes os filhos a ler, e escrever, e as cousas da Fé, com estranha paciencia, e mansidão; e com tanta liberalidade para com todos, que chegava a dar tudo quanto tinha na cella, e ficar sem mais roupa, que a que trazia vestida. E ha huma testemunha, que depõe, que se lhe azou a morte de ver, que não podia, nem tinha com que remediar todas as pobrezas de seus freguezes. E prova-se isto bem. Porque em huma auzencia do Vigario geral, ficando elle por Presidente, mandou despender para provimento dos pobres huma somma grande, e grossa de dinheiro do Convento, que por nenhuma via pertencia ao povo. Dizia com toda confiança, que Deos acudiria aos Frades, como não deixassem perecer os seus pobres.

Esta foi a vida de Frei Simão. Mas seu fim testemunha melhor d'ella. Assim chamavão em Solor por elle depois de morto; assim confiavão, que lhes havia de valer em seus trabalhos, como se o tiverão presente, vivo, e são. Tornava de Timor hum navio em que vinhão muitos de seus freguezes, e conhecidos: eis que subitamente se embravece o mar, cresce o vento, solta-se em furioso tufão. Não havia na pobre gente, senão desesperar, conhecendo o tempo. A desesperação lhe trouxe á memoria seu bom Pastor: e fez, que chamassem por elle, lembrando-lhe com viva confiança, que prometera em vida áquellas fracas taboas, que a força da tempestade hia já abrindo, e descompondo, que não farião seu fim no mar. Fizera o Santo a promessa sendo chamado para benzer o navio, e

dar-lhe o nome que lhe deu de S. Nicoláo. Subitamente appareceo o Santo na popa em fórma, e habito, que de todos foi conhecido; e disse ao que hia ao leme, que fôra seu discipulo, e se chamava Paulo Ribeiro, apertando-lhe a mão, que governasse a outro rumo, e não temessem: e logo cessou a tormenta. Quasi o mesmo succedeo a outros em outras embarcações, valendo-se do Santo. E depois virão todos cumprida a profecia do navio S. Nicoláo. Porque sendo já bem velho, e varando-o seus donos em terra, para o concertarem, depois de bem estribado em seus pontões, cahio d'elles, e se desfez todo em pó, de pura velhice e podridão.

Mas não acudia só o Santo aos que o chamavão: tambem acudia aos que o havião mister, sem esperar ser chamado. Havia em Solor hum mancebo, que fôra seu discipulo, por nome Antonio Pereira. Sendo casado deu-lhe hum mal de olhos, que lhe tirava o juizo com dores, e lhe hia tolhendo de todo a vista. Cresceo tanto o tormento, e a cegueira, que lhe veio a cegar o entendimento, e ajudando o Diabo a tentação, determinou matar-se. Recolhendo-se huma noite no leito, meteo comsigo huma faca para usar d'ella tanto que a casa estivesse quieta, e ninguem o podesse estorvar. Faltava pouco para executar a damnada tenção, quando lhe fere nos olhos huma luz maior, que todas as ordinarias do dia, e vê seu Mestre Frei Simão, que amorosamente reprehendendo-o lhe prometeo saude. E logo ficou sem dor nenhuma. E no dia santo seguinte se foi á Igreja com huma corda ao pescoço por penitencia, e confessando-se, se contou o caso publicamente.

De outros dous Religiosos trata o instrumento, hum Sacerdote, e outro Leigo. O Sacerdote Frei Antonio d'Aguiar. Conta-se d'elle, que sendo mandado pela obediencia a certo negocio a huma ilha vizinha, abaixou a cabeça, e foi-se embarcar dizendo, que hia, porque o mandavão; mas que bem sabia, que não havia de tornar; porque havia de morrer no caminho: e assim lhe aconteceo. Este Religioso tomava cada noite tres disciplinas á imitação de nosso Padre S. Domingos, e não tinha mais cama que a terra nua, e hum livro por cabeceira.

Do Leigo não sabemos mais nome, que o de Frei Aleixo. Sua provada virtude, e bom juizo, e a falta que havia de jornaleiros em seara grande, obrigava aos Prelados a fiarem d'elle cathechizar, e bautisar em lugares ao longe os que se convertião. E estes mesmos testemunharão, verem-no no tempo que orava, levantado da terra mais de hum covado.

Misericordia do Senhor para confirmação d'aquelles pobrezinhos, que se sugeitavão á doutrina do Evangelho.

Tambem anda nomeado por santo agricultór d'esta vinha de Solor, assim lá como em toda a Congregação, hum Sacerdote chamado Frei Belchior. Mas não chegou a nós mais particularidade de suas cousas, como nem mais nome.

Mas não será razão, que fiquem separados d'estes Religiosos dous Prégadores da ilha de Timor, hum mui antigo, que por primeiro Apostolo d'ella merece aqui memoria, que he o Padre Frei Antonio Taveira, de quem atraz temos dito (1), que vindo de lá foi occasião das felicidades de Solor. Outro, o Padre Frei Belchior da Luz, que passando á mesma ilha muitos annos depois, foi tão bem recebido do Sangue de Pate do porto de Mena, porto melhor, e de mais commercio, que todos os outros que n'ella se sabem, que logo lhe consentio levantar Igreja, e fazer Christandade: e em favor d'ella foi o Senhor servido obrar algumas maravilhas, que os naturaes attribuião ás orações, e meritos do Padre. Foi a primeira, que perdendo-se a terra, e sementeiras por secca, lhe pedio o povo junto, que fizesse oração pela necessidade. Disse sua Missa, e sahio fóra benzendo as terras, e o ar: e foi o Senhor mandando logo tanta agoa, que igualmente alegrou, e espantou os moradores. Com a mesma benção lhes livrou as hortas de humas lagartas, que lh'as comião, e consumião todas sem remedio: e assim chegou a ser, não só estimado do povo, mas venerado tambem; e até do Senhor da terra, que fazia d'elle tanto caso, que vendo-o hum dia sahir de casa em palanquim, chegou a lhe querer tomar a cana por reverencia. Assim o refere nos seus quadernos o Padre Frei Antonio da Visitação. E tudo fica crivel, com sabermos que não querendo este barbaro aceitar o santo bautismo por não largar o vicio, com que o Diabo os enreda a todos, de muitas molheres, entregou hum filho ao Padre, para que o levasse a Malaca, e o bautisasse. Não se deteve Frei Belchior na ilha mais de seis mezes, por ser o clima tão enfermo, que em todo este tempo forão mui poucos os dias, que gozou de saude. Levou o moço comsigo, alvoroçou-se Malaca para elle, como para Principe. Porque he a cobiça tão manhosa para seus fins, que ao Sangue de Pate seu pai tratavão os mercadores do sandalo com o nome de Rei. Havia aqui muitos, puzerão-se de festa. Fez a ceremonia do bautismo o Bispo Dom João Ribeiro Gayo, com assisten-

(1) Cap. 13.

cia do Capitão, e Governador da fortaleza, e de todos os nobres da cidade. Inda que não foi de dura esta gloria, pelo pouco que depois se soube, que o novo soldado de Christo sustentou a Fé. Damnão muito exemplos caseiros, e são peiores os paternaes. Tornou ao vomito.

CAPITULO XX

De novos trabalhos, que vierão sobre a Christandade de Solor: e de alguns Religiosos, e outros naturaes, que n'elles derão animosamente a vida pela confissão da Fé.

Crescia a Santa Religião em Solor com a paz, que gozava de fóra, e de casa, produzindo flores, e frutos de boas obras para o Ceo, e para a terra; quando apareceo novidade, que foi causa de grande baixa n'ella. Deu-se paz em Espanha aos Estados rebeldes de Holanda, e Zelanda, e foi com tão pouco consideradas condições, que sendo as Indias Oriental, e Occidental o thesouro, nervo, e medulla, que sustenta a Monarchia de Espanha, não ficarão comprehendidas n'ella, mas antes sugeitas á guerra, como primeiro. Per maneira, que os mesmos, que como mortaes inimigos, a fogo e sangue, nos guerreavão em Goa, e Malaca, vinhão estar comnosco em braços em Lisboa, e Sevilha, gozando de todas as boas mercadorias de Espanha, sem as quaes não podem viver, deixando-nos a troco os seus espelhos, e alfinetes, que bem podiamos escusar. Miseravel e enganosa paz, que a elles fez ricos, e a Portugal não só empobreceo, mas assolou, pela grande dependencia, que temos do Oriente. Foi o caso, que como a India não ficou bem cuberta com o escudo da paz, e de Portugal não acudirão soccorros, como convinha de mais armadas que as ordinarias: antes succedeo, mandarem-lhe Governadores, que nenhuma experiencia tinhão de guerra: démos lugar, e quasi licença aos rebeldes, para sem nenhum risco, nem receio, encherem aquelles mares de navios, e as terras de gente sua. E correndo livremente por tudo, carregarão mais no mar de Malaca. Porque por elle navega toda a maior riqueza do Oriente. Tanto crescerão em poder, dado por nós mesmos, sem o querermos entender, que chegarão a dar batalha a nossas armadas, cercar Malaca, e outras fortalezas, e tomar-nos algumas. Que faria a pobre Christandade de Solor em tal conjunção? E bastavão só os Mouros, com que está misturada, e outros das ilhas vizinhas, para lhe dar oppressão. Que faria com inimigos dobrados, e unidos? Desanimarão-se os bons, cresceo a malda-

de nos desleaes, entrarão na terra Holandezes confederados com os Mouros. Não houve forças nas fortalezas contra tamanho poder, forão senhores de tudo. E como trazião nos olhos o odio do Santo Evangelho, foi primeiro cuidado lançar da terra todos os Religiosos, que poderão haver ás mãos, sem os matar, ou pelos defraudar da honra do martyrio, ou por não escandalizar os freguezes, que querião por amigos. Como a terra ficou sem mestres; porque só dous se atreverão a ficar escondidos no mato, e pelas cavernas dos montes, por não desempararem de todo suas ovelhas: não havia Christão, que ousasse alevantar cabeça. Triumphava a infidelidade. Durou este desemparo muitos annos. Até que o Senhor foi servido tornar a pôr os olhos de sua misericordia na sua pobre vinha, respeitando o sangue, e virtudes dos que a tinhão fundado. Acudião armadas nossa a Malaca. Juntarão-se os inimigos a resistir-lhes. Forão amainando sua furia, e forças nos lugares de menos conta para elles. Assim foi começando a tornar pouco a pouco a luz, e serenidade antiga. Mostra-nos Deos, que quando se embravece o mar, e cuidamos que dorme, e que se perde a barca, não está descuidado dos seus. São o que á vista parecem desemparos, humas vezes para prova de nossa Fé: outras para nos fazer novas, e maiores mercês. Porque, inda que houve muitos, que se tornarão, huns aos idolos, outros á cegueira de Mafamede; sabemos que houve outro grande numero por todas as ilhas, que constantemente sustentarão a Fé, e o nome, e amor de Christo, ainda d'aquelles, que estavão sem pastor, que erão quasi todos. D'isto nos derão clara, e valente prova na ilha do Ende tres bons moradores d'ella, com huma morte tão gloriosa, que merece comparada com muitos martyrios dos que celebra a Igreja Sagrada. Contal-a-hemos brevemente, segundo se authenticou diante do Ordinario de Malaca: visto serem filhos, e fruto da doutrina de São Domingos. Appareceo huma manhãa por fim do mez de Junho do anno de 1614 sobre a ilha, e defronte da povoação principal, hum patacho, que surgindo hum pouco afastado, disparou huma peça. O que sendo julgado por sinal de pedirem pratica, e ser gente de paz, foi a bordo huma embarcação, das que alli chamão caracoras. Mandarão os do patacho, que subissem os principaes: tanto que os tiverão no convez, lançarão mão d'elles para os prender. Safou-se hum com tempo, vendo a traição: saltou na caracora, fez remar para terra, e pôr a gente em armas; porque reconheceo ser o patacho de Holandezes, que vendo-se descobertos, lhe atirarão algumas bombardadas, e muitas mos-

quetadas. Erão estas ilhas n'aquelle tempo povoadas a partes de lugares inteiros, huns de Mouros, outros de Christãos, e Gentios misturados: e todos com ordinaria communicação entre si, e em pouca distancia de humas povoações a outras. Levantou-se o patacho, foi lançar ferro na praia de Volumavo, aldea de Mouros. Aqui se descobrirão aos presos huns tres Mouros, que de secreto acompanhavão os cossarios, e lhes fizerão grandes instancias, que renegassem, com promessas de grandes interesses, se o fizessem, e ameaças de maiores males, se resistissem. Acudio Deos aos pobrezinhos com hum espirito do Ceo, tão firme, como o dos moços de Babilonia. Erão tres como elles. Responderão alegremente huma vez, e muitas, que não temião nada, e estavão prestes para dar a vida, e muitas vidas pela Fé de Christo. Fôra hum d'elles criado no Seminario de Solor, sendo minino, e sabia ler, e escrever. Este animava, e dava coração aos dous, dizendo, que a morte passava n'um assopro (palavra formal do mesmo) e com ella tinhão certo ganhar o Ceo, e gloria para sempre, como os Padres lhe tinhão ensinado. Tres dias durou a prisão, e a tentação. No cabo d'elles juntão-se os Mouros, e Framengos, e como lobos carniceiros, forão-lhes retalhando com cutiladas, pernas, e braços. Algumas testemunhas dizem, que lhes esfolarão tambem os rostos, e mãos, e lhes arrancarão os olhos, chamando os bemaventurados sempre o nome de Santissimo de Jesu, que os esforçava. Até que por remate, durando-lhes ainda a vida, e o bom alento, atados rijamente os polegares de pés, e mãos, forão lançados ao mar, onde com o nome de Jesu na boca acabarão ditosamente. Chamava-se hum, Salvador, que era o collegial, moço de vinte e oito annos: outro, Pedro, de quarenta; ambos de sobrenome Carvalhaes, e moradores no lugar dos Numbas, freguesia de São Domingos. O outro era Manoel de Lima, da povoação dos Xaraboros, freguesia de Santa Maria Magdalena. Todos tres casados, e com filhos, e dos mais honrados dos seus lugares. E he de saber, que devemos a esta Christandade, não reservarem os que se convertem nenhum apellido gentilico (como se faz em outras) nem em parte, nem em todo. Tudo tomão dos Christãos, sinal de verdadeira conversão. Foi testemunha na inquirição hum irmão do collegial, o qual era entre os seus capitão de guerra; o nome, Joseph de Carvalhaes. Este depoz, que por hum cativo (que fora presente ao martyrio) lhe mandara dizer o moço, palavras formaes, que pelejasse até o fim do mundo pela Fé. E confessava, que se achava tão animado com o aviso, que ten-

do depois muitos encontros perigosos com inimigos d'ella, sempre Deos lhe dera vitoria, e de nenhuma maneira os temia. E he circunstancia de grande consideração, que havia nove annos, quando padecerão, que não tinhão Vigario, nem Cura. Porque tantos havia, que os cossarios lhes tinhão desterrado os Religiosos. D'onde claramente se infere, e prova a boa diligencia com que por elles se fundavão na Fé aquellas novas prantas.

D'este dia em diante mostrou o Senhor com muitos sinaes, que fôra agradavel em sua presença o sacrificio. Bemdito seja elle, que sendo mercê sua o valor dos que padecerão, quiz logo coroal-o, e honral-o, usando de novas misericordias com esta Christandade. Foi a primeira, não tardar com castigo á traição. Sempre a pena alcança o máo, por muito que corra, e vá diante; e por muito manca que seja a pena, que o segue. Assim o disse o Lyrico: *Sæpè antecedentem scelestum insequitur pede pœna Claudo* (1). Mas esta teve azas: porque logo aos dez do mez de Julho alcançou aos mais culpados, e traidores, que erão os Holandezes, sem se meterem no meio mais de quinze dias. Tornavão para a fortaleza de Solor, onde tinhão sahido no patacho o Capitão e Feitor d'ella, com a mais e melhor gente. Porque, nem no mar, nem na terra vião por então que temer. Determinarão dar de caminho em huma povoação de Christãos, que chamão Cramá. Largarão os pobres Christãos o lugar, e reconhecendo o navio, por poucos, e mal armados esconderão-se pelo mato de hum monte vizinho. Saltarão os cossarios em terra, roubarão o que havia, forão-se á Igreja, repicarão o sino com festa, e escarneo. Caminhão logo para a serra a buscar os escondidos. Hindo caladamente como bons caçadores, por não espantar a caça, succedeo, que no mesmo tempo descião quatro dos nossos com o mesmo silencio, e cuidado, a ver, e tomar lingoa do que fazião. Eis que a meia ladeira dão de rosto com elles. Dando-se por perdidos, animão-se com a desesperação: ferem o Ceo com hum trovão de brados, dizendo, Santiago, e disparão os arcabuzes. Vinhão diante de todos o Capitão, e Feitor da fortaleza: guiou Deos as balas, cahem ambos mortos, e outros dous com elles. Enchem-se de esforço os quatro, pelejão como leões. Enchem-se de pavor os que subião; vendo a sua primeira fileira derribada, virão as costas. Acodem logo os escondidos com novo animo. Foi vitoria claramente do Ceo, e vingança dos Santos Martyres. Porque

(1) Horat. Epod.

o medo nos Hereges cresceo tanto, que se despenhavão desatinadamente pelas quebradas, e penedos, e se afogavão n'agoa. Assim forão mortos quasi todos, tomada a bandeira, e o tambor, e muitos mosquetes. Nasceo d'esta vitoria o remedio, e redução d'esta Christandade. Que assim sabe Deos acudir aos seus, quando he servido. Porque desempararão logo a fortaleza os poucos Holandezes, que n'ella ficarão. E antes de chegar a nova a Goa, poz Deos no coração do novo Vigario geral da Congregação, Frei Miguel Rangel, que no mesmo anno d'estes successos chegou á India por fim d'elle, que entendesse em mandar novos Prégadores a restaurar o perdido. Não he para esquecer, para consolação da Fé, que affirmavão depois huns dos cossarios, que do desbarate escaparão com vida, que os espantara hum velho, que vinha diante dos nossos com hum bastão na mão, e cercado de muita gente. E se isto não foi quererem desculpar seu medo com mysterios do Ceo, que na boa paz não crem, podemos cuidar, que seria o santo velho Frei Simão das Chagas, acompanhado dos Mestres d'aquella Christandade. Que pois valia aos discipulos nas tormentas do mar, como atraz contámos, tambem o faria nas da terra, e em tamanho aperto, como este foi. Ajuntavão a isto os mesmos hereges, e alguns outros naturaes, que quando entrarão na Igreja, fazendo, como inficis, zombaria do que havia, virão com espanto descer do altar hum vulto de Frade Dominico, e pôr-se de joelhos diante d'elle, como em oração. Bem se póde crer, que seria este o velho do bastão.

CAPITULO XXI

Despacha o Vigario geral da Congregação hum Visitador a restaurar a Christandade de Solor.

Chegou o Vigario geral Frei Miguel Rangel, quando o anno de 1614 hia no cabo: e sentindo gravemente as calamidades de huma Christandade, que tanto tinha custado á Congregação; e o dano, que teria causado em grande numero de almas a falta de Pastores, determinou comsigo não entender em particular nenhum da Congregação, por mui importante que fosse, primeiro que na restauração d'ella. Mas foi necessario tardar muito. Porque por huma parte as cousas do estado da India corrião com grande estreiteza, por andarem os mares coalhados de Armadas Ingrezas, e Holandezas: e por outra convinha, como se não sabia

do despejo da fortaleza, acompanhar os Religiosos, que houvessem de ir com gente de guerra, para a combater, e cobrar. Assim requerendo com força, e chegando sobre o requerimento, por ser todo do serviço de Deos, a dizer ao Viso-Rei palavras cheias de liberdade, e severidade Apostolica, não pôde alcançar o que cumpria, nem despachar os Religiosos, senão depois de cumpridos dous annos depois de sua chegada. Emfim escolheo para Visitador, e Vigario geral da Christandade o Padre Frei João das Chagas, pessoa de partes de prudencia, letras, e actividade, quaes convinhão para remediar huma terra assolada, juntas com muita virtude, e exemplo. Deu-lhe ordem, que se fosse a Malaca, e alli esperasse huma galeota, que o Viso-Rei tinha mandado aprestar, com provimento de Capitão, gente, e munições bastantes para o effeito de ganhar a fortaleza, segurar a terra, e castigar os Mouros. Partio o Visitador de Goa ultimo de Setembro de 1616. Chegado a Malaca, e passados muitos dias, que a galeota não vinha, sentio estar perdendo tempo: e como havia já por escusado levar gente de guerra pela nova que achou da fortaleza estar livre de inimigos, fez instancia com os que alli governavão a fazenda d'el-Rei, que lhe dessem passagem por conta d'ella, e que em lugar da que lhe fosse dada, ficaria a que havia de vir de Goa. Aceitou-se o partido, e deu-se-lhe embarcação: mas de maneira, que para paga do frete foi necessario ajudar elle com parte das ordinarias, que se lhe derão para os Padres. E deu d'ellas cem cruzados, por não faltar á necessidade dos Christãos. Que d'esta maneira sabem servir na India os Frades de S. Domingos. Assaz era o trabalho espiritual, e corporal, sem tambem se haver de cortar pela sustentação. Embarcou-se emfim em huma galeota de mercadores, acompanhado dos Padres Frei Manoel de Sá, Frei Francisco das Chagas, e Frei Luis d'Andrada: e tinha mandado diante, para serem sinco entre todos, o Padre Frei Pedro de Caceres. Deu-lhe o Reverendissimo de Malaca huma honrada patente de Visitador seu: e com sua benção se fez á vela em onze de Dezembro. Não entra ninguem no mar, que não tenha perigos, e trabalhos que contar. Não faltarão ao Visitador nos poucos dias, que tardou até Solor. Hum só contaremos para gloria de Deos, e para se entender, que era a jornada de seu serviço. Tendo navegado tres dias com tormenta desfeita, depois de entrados pelo golfo da Jaoa puderão chegar no quarto a hum abrigo da terra, e na enseada que chamão de Correa, e lançarão ferro em huma ponta emparada do vento: mas erão os ma-

res tão levantados, que não corrião menos perigo surtos, que navegando: e sentião, que a galeota hia cassando, e correndo para o mar, parecendo, que se teria com outra anchora. Tanto que a lançarão, ficarão com mais alguma quietação, ao que se podia julgar. Mas na verdade foi cousa milagrosa. Porque, quando veio pela manhãa, se acharão apartados de terra mais de duas legoas. E obrigando isto ao Piloto a lançar prumo, foi assim que nem com duzentas braças de cordel se deu em fundo. De maneira, que estiverão surtos em paragem sem fundo huma noite inteira, pasmando todos os marinheiros; porque das amarras, que tinhão ao mar, nenhuma passava de sessenta braças.

Em quinze de Janeiro foi o fim da viagem, tomando terra nas praias de Larantuca, povoação principal da ilha Grande, onde então se achavão com o Capitão mór os homens mais principaes de Solor, e com elles os Padres Frei Gaspar do Espirito Santo, e Frei Agustinho da Magdalena, que forão os que aturarão valerosamente com os seus Christãos no meio das tormentas passadas, escondidos pelos matos á imitação dos que conta o Apostolo: *Egentes, angustiati, in pellibus caprinis, in cavernis terræ* (1), por não desempararem aquellas almas. Foi dia de triumfo, e grande gosto para todos, e principio de verdadeiro remedio. Porque a vizinhança dos inimigos, e os cuidados, e liberdades da guerra tinhão feito gravissimo estrago nas consciencias, e atavão as mãos aos Padres, para poderem apertar nas materias espirituaes com a severidade, que entendião cumprir. E como estavão sós, e tinhão muitas povoações para curar (que só o Padre Frei Agustinho correo muito tempo com tres) nem forças, nem tempo havia para acudir a tudo o que convinha.

Começou o Visitador seu officio de visitar, tomando primeiro hum dia para hir ver a fortaleza, e Mosteiro, em que não achou mais que paredes ermas; tudo o mais assolado, que lhe quebrou o coração, e obrigou a lagrimas. Mas peiores cousas inferio, que havia de achar no estado das almas. E não se enganou. Havia idolatrias, que o Diabo hia resuscitando entre os bautisados, humas particulares, outras que se fazião publicas. As particulares, que descobrio, forão dous penedos frios, e descompostos, sem figura, nem feição, que em huma casa se adoravão por idolo. As publicas induzio força de interesse. Havia huma pesqueira no lugar de Lavunama, freguezia de S. Lourenço, pendia sobre ella huma arvore antiga, ramada, e grande. Esta veneravão muitos com supersti-

(1) Ad Hæbr. 11.

ções, e com sacrificios de galinhas, havendo, que lhes acrescentava o peixe. As pedras recolheo para levar ao Bispo, e mostrar a cegueira, que o Diabo se atreve a persuadir a quem d'elle se fia. Contra a arvore se armou do zelo de hum S. Martinho. Não se contentou com menos. Elle foi o primeiro, que lhe poz o machado ao pé, e logo os Padres companheiros: e emfim ficou posta por terra. Nos vicios da sensualidade reinava desenfreada devassidão: e mais nos nobres, e poderosos, que no povo humilde. Havia quem mantinha muitas molheres de humas portas a dentro, casado com todas á mourisca, ou gentilica. E d'estes era o mais dissoluto Francisco Fernandes, que sendo Capitão mór da terra, e de sua pessoa tão valeroso, que mereceo mandar o Viso-Rei da India, que se lhe pagassem quarteis da fazenda real em Malaca: servia-lhe o poder, e mando, e o ter melhor lugar entre seus naturaes, para ser vicioso sem redea, e viver sem emenda de muitos annos atraz. Havia quem tinha por molher huma Gentia, sem se matar pela bautisar. Outro, que usava de huma Moura ao mesmo modo: e este era senhor de tres lugares. Que faria em tal caso hum Prelado religioso, e zeloso? Chorava com vivas lagrimas tamanhas miserias. E armando-se de valor, e prudencia, para lhe não ficar nada por remediar, prégava muitas vezes, animando todos á virtude. Com muito espirito, e amor ensinava, admoestava, rogava. Entrada a Quaresma, ordenou todas as Sextas feiras á tarde devotas procissões, em que hia com todos os Padres cantando ladainhas. Acompanhavão os nobres todos, levando óra hum, ora outro hum fermoso Crucifixo diante. E como era procissão de penitencia não faltavão disciplinantes, e havia devação geral no povo; em tanto gráo, que os Padres se maravilhavão, e davão graças a Deos de verem em provincias barbaras, e tão remotas, tanto respeito, e reverencia ás cousas da Fé. Perseverou o Visitador no começado toda a Quaresma. E na Semana Santa fez armar hum Sepulchro com todo o aparato que a terra dava de si: e á Quinta feira fez o auto de lavar os pés aos Padres, e aos pobres publicamente no meio da Igreja. Mas entretanto não se descuidava da cura, e remedio das enfermidades espirituaes particulares, que tinha achado. Assim como com os autos publicos hia abrandando, e dispondo as almas, tambem em particular persuadia os culpados com termo brando, e grave. E deu-lhe Deos tanta graça a elle, e a elles, que não houve nenhum, que não ficasse reduzido á vida Catholica. Ao Capitão môr Francisco Fernandes fez despejar a casa, e ficar com huma só molher; a outros

bautisar as Gentias: e recebeo a cada hum com a sua na porta da Igreja. Mais trabalho teve com o Senhor dos tres lugares, que tinha a Moura. Chamava-se Dom Luis, tinha-o o Diabo muito cativo. Emfim acabou com elle, que a recebesse, bautisando-se como logo a bautiseu. E forão os casamentos parte para quietacão, não só espiritual das almas, mas tambem temporal da terra, entre os pais, e parentes das noivas. Val muito em quem governa, juntar brandura com prudencia. Estas partes renderão ao Visitador fazer huma reformação, qual nunca se esperou: e obrigarão alguns renegados, que andavão a monte, a se lhe virem lançar aos pés. Os quaes recebidos com animo paternal, e suas penitencias, ficarão vivendo na terra com mostras de verdadeira conversão. Mas não foi só este o fruto da jornada. Acudirão muitos Gentios a pedir o santo bautismo: e logo se fizerão Cathecumenos quarenta e seis, só n'este lugar de Larantuca. O que referimos para sinal do que se fez nos mais.

CAPITULO XXII

Passa o Visitador á ilha do Ende: provê de Vigarios algumas Igrejas: torna para Solor, e Malaca.

Tomado este bom assento nas cousas de Solor, e ilha Grande, com paz, e consolação geral, determinou o Visitador não tardar em dar vista aos Christãos do Ende: gente tão constante na Fé, que havendo onze annos, que estavão sem Mestres, permanecião firmes no amor, e reverencia d'ella; e na lembrança dos Frades de São Domingos, que lh'a tinhão ensinado, como o vimos nos tres, que fizerão prova de sangue. Para esta segunda viagem foi-lhe necessario fazer novo gasto, porque a galeota, tanto que o poz em terra, não esperou mais. Navegou para Timor a fazer sua veniaga do sandalo, e mandou aperceber quatro caracoras, para se embarcar com armas, e soldados, tudo á sua custa, e de seus companheiros. Sahio de Larantuca passadas as Oitavas da Paschoa: e costeando a ilha, parou no porto de Sicá, freguesia de Santa Luzia. Onde deixou por Vigario o Padre Frei Manoel de Sá. Era senhor principal no lugar Dom Cosmo, pessoa de tão bom termo, e costumes, que não fazia differença de homem Portuguez bem reformado. D'aqui passou a Pagâ. E porque achou frieza nas cousas da Fé, como de tantos annos esquecida, deixou-a depressa, e atravessou ao Ende: onde chegou aos dez de Abril. Aqui foi recebido com festa, e animos de verdadeiros

Catholicos, que em fim tinhão filhos Martyres. Alegrou-se com ver, que todos conservavão os nomes Christãos, e sabião a doutrina, e orações da Igreja: e no modo de vida, inda que de tanto tempo sem doutrina, havia menos desconcertos, que n'outras partes. Quiz todavia tental-os, fez juntar os principaes de dous povos. Perguntou-lhes: Se querião Padres para continuarem na boa conta que seus filhos tinhão dado de si, e d'elles, morrendo por Christo? Responderão que se havia onze annos, que sem Padres sustentavão o nome Christão, como não havião de folgar muito com elles, vindo-lhes á terra seu pai, e mãi (foi termo seu, com que se declararão)? E como são homens de poucas palavras, não podia ser maior o encarecimento. Com esta boa reposta foi o Visitador alegremente ver suas Igrejas. Huma se chama dos Numbas, e he da invocação de nosso Padre São Domingos. Outra, que se chama dos Xaraboros, tem o titulo de Santa Maria Magdalena. Havia em cada huma mais de dous mil Christãos, tão fundados, e fieis, que entrando o Visitador pelos lugares, sahião as molheres com seus filhos a offerecer-lh'os, testemunhando nos gestos a alegria que recebião, de verem o nosso habito: e dizendo, que se os quizessem levar para Solor, de boa vontade lh'os darião. Tanto se consolou o Visitador do que via, e ouvia, que se deteve na ilha quinze dias. E foi a detença de muito effeito. Porque acudirão a visital-o, e ver os Religiosos alguns gentios da terra a dentro, e os mais lhe pedião Padres, offerecendo-se ao bautismo. E servio tambem o deter-se para averiguar, como fez, com larga inquirição em virtude dos poderes, que trazia do Bispo, a gloriosa morte dos tres naturaes. E juntamente hum estranho caso, que até os inimigos da Fé julgavão por pronostico de grandes prosperidades n'ella. E por isso ficará aqui apontado. Foi assim, que poucos dias antes que o Visitador chegasse ao Ende, apareceríão no porto de Volumano, lugar, e morada de Mouros arrenegados, duas embarcações com bandeiras de Christo, que investindo com tres de Mouros, que estavão surtas no porto, as renderão: E disparando só duas espingardas contra a povoação, se acendeo tal fogo n'ella, que ardeo a maior parte. Do que os Mouros ficarão cheios de medo, e julgando, que era ameaço do Ceo contra elles, porque depois de bautizados se tinhão tornado a Mafamede. E fazia-os mais temer verem que feitas muitas diligencias averiguarão, que por aquelles dias nenhum navio de Portuguezes, nem d'outros Christãos andara por aquelles mares: e que na terra depois do incendio aparecera novo, e maior

prodigio. Porque em todas as casas, que escaparão do fogo, amanhecerão pintadas cruzes de cal: a sete e oito cruzes por cada casa: humas nas paredes, outras nos esteos. Grande assombramento para elles, como consolação, e alegria para os Christãos.

Deixou o Visitador por Vigario dos Numbas o Padre Frei Pedro de Caceres: E dos Xaraboros Frei Francisco das Chagas. E para mais quietação, e segurança da Christandade, assentou com os principaes que lhes mandaria hum Capitão Portuguez, com gente de Solor, para assistir com elles, e os defender dos Mouros vizinhos, e dos cossarios Macassares, como depois mandou, que foi hum Lazaro Luis. E despedindo-se de todos com muito amor, e santas admoestações, tornou para Solor. De passagem, quiz tocar Pagâ, por ver se achava em melhor disposição os moradores. E foi Deos servido, que visto o exemplo do Ende, lhe fizerão apertados requerimentos por Vigario, e chegarão a dar-lhe seus aneis em sinal, que o pedião com gosto, e o tratarião com amor. Assim lhes mandou o Padre Frei Gaspar da Cruz. Chegado a Solor nomeou por Vigario geral da Christandade, o Padre Frei Francisco Barradas: e por Vigario de Nossa Senhora dos Remedios de Larantuca, ao Padre Frei Luis d'Andrade: e de Nossa Senhora do Rosario em Mulanato, o Padre Frei Agustinho da Magdalena, que pouco depois padeceo pela Fé, como adiante diremos: e o Padre Frei Gaspar do Espirito Santo da freguesia de São Lourenço de Lavunama. Apoz estas nomeações se embarcou para Malaca. E por lhe não ficar nada por fazer, do que parecia ao bem da Christandade, determinou visitar de caminho el-Rei do Macassá, que he o maior inimigo, que estas ilhas tem. Porque sendo-lhe ellas tributarias, e elle Mouro, o mais pesado tributo, que lhes pedem seus ministros, he que tornem á sua maldita seita. O que fazem de secreto: porque no publico não se atrevem, professando por seus interesses amizade com os Portuguezes. Com esta jornada acabou o Visitador sua commissão, e veio a entrar em Malaca em principios d'Agosto do mesmo anno, deixando as cousas das ilhas no melhor ponto, que por então podia ser. O que sendo entendido pelo Vigario geral da Congregação, acudio logo com Religiosos, e tantos em numero, que quando acabou os annos de seu cargo, havia dezoito Igrejas providas, como no tempo mais prospero, e a Christandade grandemente acrescentada.

CAPITULO XXIII

Da gloriosa morte, que padecerão em Solor os Padres Frei João Bautista, Frei Simão da Madre de Deos, e antes d'elles o Padre Frei Agustinho da Magdalena.

Para darmos bom remate a todos os successos de Solor, temos para escrever o valor, com que de proximo offerecerão sua vida ao sacrificio por honra de Deos, tres Religiosos d'esta Congregação, e pastores d'esta Christandade, que nos devem encher de esperanças de havermos de ver n'ella maravilhosos augmentos. Visto como lemos, e he certo, que nunca a primitiva Igreja mais cresceo, que quando os tyranos se davão mais pressa a regal-a com rios de sangue dos santos martyres. Os meios, que buscavão para a abater, e extinguir, esses mesmos a levantavão, e dilatavão com novas ventagens. Erão Vigarios na ilha Grande os Padres Frei João Bautista, e Frei Simão da Madre de Deos: Frei João da Igreja de Pagá, e Frei Simão da de Sicá. Pareceo-lhes, que sem fazer falta a seus freguezes, podião ajudar no Ende alguns dias aos Vigarios d'aquellas ilhas no beneficio de grande numero de almas, que cada dia entravão por suas Igrejas, pedindo o bautismo. Comò ambos erão vizinhos nos lugares, embarcarão-se juntos em treze de Janeiro de 1621, para hirem a Larantuca a tomar a benção ao Prelado maior, que era o Padre Frei João Grego, e prover-se de algumas cousas necessarias para a jornada. Sahidos do porto, cresceo vento, levantou-se o mar, e foi tal a tempestade, que por se não perderem, arribarão a hum porto de Gentios amigos, que chamão Lamalarra. Tiverão logo noticia em Solor, como tudo he perto, os Mouros renegados de Lamaqueira da chegada do barco. E havendo, que tinhão presa certa, armarão á pressa quatorze pilões. Entrão no porto, e pedem de paz aos Gentios, lhes fação entrega de dous Religiosos que de todo o barco nenhuma outra cousa querem. Fez-se de mal aos da terra tal requerimento. Responderão, como gente de razão, que tinhão paz com os Christãos. E sobre tudo não podião fazer aggravo a quem debaixo de sua fé lhes entrava no porto. Seguros estavão os Padres, porque os Mouros não querião, nem podião usar de força, se lhes não descubrira sua maldade, e o odio mortal, que tem á Religião, e a todos os Religiosos, huma traça diabolica. Souberão, que estava auzente o Sangue de Pate com os melhores do lugar em tres

caracoras, a fazer suas veniagas: e que erão esperados por horas. Sahem a buscal-o, dão com elle, e cativão-n'o com toda a companhia. Tornão logo com festa a Lamalarra; e com ameaças, que nenhum dos cativos ha de ficar com vida, se lhes não entregão os Frades. E se lh'os dão, nenhuma outra querem de toda a preza. Erão os cativos entre todos noventa pessoas: trazia cada hum seu pedaço de fazenda, para remediar a vida. Assombrou-se a terra com medo, ouvida a proposta. Acudirão molheres, e filhos dos presos com clamores, e lagrimas. Não houve que fazer, senão consentir na miseravel, e forçada preitezia. Souberão os Religiosos o que passava. E vendo, que os chamava o Senhor, confessão-se hum ao outro: logo sahem-se animosamente ao campo, e como bons soldados a encontrar os inimigos. Fazia-se hum terreiro grande no meio do lugar, sentão-se n'elle sobre humas pedras, e postos olhos, e almas no Ceo, sobem a elle com fervor, e espirito, pedindo ao Senhor graça, e ajuda, para lhe saberem offerecer aquelle sacrificio, a que sua infinita misericordia os trazia. Aqui obrou a fraqueza humana algum sentimento no Padre Frei João, de que os olhos forão dando sinal. O que vendo o companheiro, levantou a voz, e disse-lhe as palavras seguintes, que forão ouvidas por quem depois testemunhou no caso: Animo, Padre Frei João, animo. E d'onde merecemos nós tamanho bem, como dar a vida pela confissão da Fé de Nosso Senhor Jesu Christo? Demos-lhe graças, e digamos-lhe com animos de verdadeiros servos seus, que se faça sua vontade, pois assim he servido. D'aqui forão levados á praia com as mãos atadas atraz, e n'ella os tiverão com guarda toda a noite. Triste e desconsolada noite! Que na verdade não he tão penosa a hora da morte para quem morre, como he a dilação, e caminho, per que se vai á morte. No dia seguinte, que se contarão dezoito de Janeiro, pela manhãa foi a entrega. Tinhão os bons Padres imitado a seu Mestre Jesu na prisão, e noite atribulada: agora o começarão a imitar em todos os vituperios, e afrontas, que o mesmo Senhor padeceo entre os Judeos. Juntou-se a vil canalha sobre elles: huns lhes levavão nas mãos os cercillos com repellões: outros lh'as deixavão impressas nas faces com bofetadas. Tal havia, que os não tinha por dignos de suas mãos, e fazia guerra aos affligidos com pés, e páos, a couces, e pancadas. Todos lhes cuspião nos rostos, e rasgavão os habitos, com blasfemias, e nomes infames, dignos só das bocas d'onde sahião. Vós outros, dizião, sois os que nos fazeis guerra: vós os que trazeis cá os Portuguezes: vós os que nos enganais

com vossas doutrinas, e prégações. Ouvião, e callavão os bemditos Padres, sem torcer os rostos, nem se queixar: com alto silencio, e paciencia dentro em suas almas, que conhecião seu bom emprego, e por quem padecião. Seguio-se ás afrontas, meterem ambos ao remo, e fazerem-lhe estirar os braços, e cançar n'este trabalho o dia inteiro. Mas elles animarão-se n'este passo hum ao outro. E por não passarem sem fruto o pouco tempo, que já entendião lhes ficava de vida, fizerão do banco em que remavão pulpito: e ora hum, ora outro, dizião a vozes aos infieis, que olhassem que vivião cegos, e enganados. Porque tinhão deixado a Jesu Christo, verdadeiro Deos, por seguir ao falso Mafamede; que, se não tornavão sobre si, com elle hirião arder para sempre no Inferno. Assim hião merecendo, e levando novas injurias. Chegados a suas casas, mudarão os infieis conselho, para maior coroa dos martyres. Começarão a offerecer-lhes mimos, descanço, e vida alegre, e bom lugar entre elles, se quizessem tornar-se Mouros. Aqui tomou fogo o valor christão. Responderão com ira, que estavão cegos, e tontos em lhes commeterem tal. Que não deixavão a Christo, para ser Mouros, os que tinhão por officio converter Mouros a Christo. Que a vida querião dar por elle; e em quanto lhes durasse, não deixarião de prégar sua palavra santa. E assim forão continuando nas verdades, que publicavão. Era Frei João nascido em Malaca: declarava-se melhor pela lingoa malaya, que alli se entende. Offendidos do muito, que lhes dizia, saltão n'elle com furia, cravão-lhe hum prégo pela cabeça: logo levão dos terçados, cortão pés, e mãos a ambos. E porque inda movião as lingoas, soando n'ellas o nome de Christo, foi ultima pena, e principio de gloria, cortarem-lhe as cabeças. Celebrarão os barbaros o dia com banquete rasgado, em que fizerão prato dos figados dos Santos, cozidos com outros de animaes, para podermos dizer por elles com verdade: *Obturaverunt ora leonum.* Sobre tarde houve nova carniceria, acompanhada de salvas de arcabuzeria, grita, e vozes desentoadas de musica, e instrumentos barbaros, com que atroando o lugar por festa, forão desfazendo os corpos santos em quartos, e os repartirão pelas povoações de sua seita.

Mas graças infinitas á soberana bondade do Deos que temos, que logo quiz consolar aquella pobre Christandade, e todos os que n'ella temos parte, com mysteriosos sinaes, de que lhe foi aceito, e cheiroso lá no Ceo aquelle holocausto. Virão-se em Lamalarra na noite seguinte, e outras ao diante duas tochas acesas sobre as pedras, em que os bemdi-

tos Padres estiverão sentados, quando se dispuzerão para a morte, como contámos. Resplandecia com luz mui viva em cada pedra seu lume á vista dos Gentios, que acudião a pasmar: e a muitos devia ser occasião de deixar a cegueira dos idolos. E porque os renegados de Lamaqueira não duvidassem do caso, mostrou-lhes o Senhor dos Ceos, que he maravilhoso em seus Santos, outro maior. Virão por algumas vezes dentro no seu lugar, em praça publica, e diante do povo todo, os Religiosos ambos, que tinhão esquartejado, e trinchado, e como feras comido, ambos vestidos em seus habitos Dominicos. Não foi sonho, nem ficção, conhecerão ambos, e cada hum d'elles, e com elles a outro Padre, que tambem tinhão martyrisado, havia tres annos. Só faltou fallarem. Com o que andavão todos attonitos.

Este famoso, e fermoso successo, foi juridicamente authenticado na cidade de Malaca, pelo Chantre João Rodrigues de Luna, Vigario geral d'ella: e depois segunda vez pelo Arcediago Francisco Soares, Vigario geral de Solor pelo Reverendissimo de Malaca Dom Gonsalo da Silva, por cuja ordem forão remetidas as inquirições á Sé Apostolica. D'onde esperamos, que virão brevemente honrados com titulo de verdadeiros Martyres.

Porque temos fallado em terceiro companheiro, he de saber, que ficando o Padre Frei Agustinho da Magdalena por Vigario de nossa Senhora do Rosario em Mulanato, como atraz fica dito; foi colhido por estes mesmos renegados em huma sahida, que fizerão no anno de 1618. E levado ao mesmo lugar da Lamaqueira: onde depois de infinitos escarneos de palavra, e obra, cuidando em que genero de morte lhe darião, que fosse igual em tormento ao odio de seus corações, inventarão a mais horrenda crueldade, que jámais foi vista, nem se lê dos tyranos antigos. Tinhão no estaleiro para lançar ao mar hum grande navio: quizerão estreal-o com o fazerem correr por cima do Santo. Fazem-n'o estirar no meio da praia, e da carreira atravessado. Desce o navio. Tudo o que a furia, e peso colheo dos bemditos membros deixou moido, e feito como em leite. O resto do corpo ficou em dous pedaços palpitando meio vivos, e despedindo lastimosamante a alma.

Por carta do Padre Frei João de S. Jacintho, escrita em Goa no Convento de Santo Thomas, onde de presente he Mestre dos Estudantes, em vinte sinco de Fevereiro de 1630, soubemos como honrara nosso Senhor com maravilhas o corpo do bemdito Martyr Frei Agustinho da

Magdalena, Saboyano, de quem acima se trata, em o conservar em huma praia deitado tres annos incorrupto, com luzes do Ceo, que de noite aparecião sobre elle: e que chegando a maré onde estava, lhe não fizerão nenhum damno os peixes, nem aves, nem animaes: e o que he de maior espanto, que sendo toda a praia de pedra preta, se fez hum circulo grande ao redor do corpo todo branco, de modo que as pedras, que dentro estavão, todas erão brancas. As quaes, diz o Padre Frei João da Piedade, Vigario de Solor, que isto escreveo aos nossos Padres de Goa, que tem feito milagres em doenças, e se fazião diligencias por se authenticarem *in forma Juris.*

FIM DO LIVRO QUARTO

TERCEIRA PARTE

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO QUINTO

CAPITULO I

Entrão os Religiosos de S. Domingos no Réino de Camboya, a petição do Rei: dá-se conta dos gravissimos trabalhos, e variedade de successos com que n'elle perseveravão.

Louvão-se no bom Capitão as partes de prudencia, em saber governar hum exercito, em escolher sitio, e tempo para dar huma batalha: louvão-se as do esforço em acommeter, e pelejar. Mas acontece encontrarem-se estas, que intrinseca, e propriamente são suas, com huma de que não he senhor; e se chama fortuna, ou ventura, que sem remedio as desbarata, e põe por terra: tira a vitoria ao valeroso, e sabio: entrega-a nas mãos de hum venturoso. Cheio está o mundo de exemplos, não ha para que apontar nenhum. Por onde hum avisado juntou-lhe, e considerou com attenção a parte, que lhe achou de venturoso. Porque debalde he esforçado; debalde bem entendido, quem no cabo he desgraciado. Mas isto se ha de entender nas cousas corporaes, e da terra. Nas espirituaes, e do Ceo vai a conta muito ao revez. Julgão-se por outros discursos, medem-se por outros palmos. Porque servimos melhor Rei, e temos melhor Juiz. Faça de sua parte o que deve, quem segue a bandeira de Christo; que nunca deixará de vencer, e alcançar o premio dos bons intentos, inda que pouco favorecidos sejão do successo. Isto dizemos pelo que no livro passado terá visto, quem attentamente o leu; e pelo que verá em parte do presente. Entrou o Padre Frei

Gaspar da Cruz em Camboya: custou-lhe sobre perigos do mar, sobre fomes, e doenças da terra, hum anno de estudar a lingoa. No cabo achou tudo tão cerrado, e tão encontrado com seus bons pensamentos, que dos homens não pôde alcançar nada: porque elle mesmo confessa no livro, que compoz d'esta peregrinação, que só hum converteo, e esse deixou enterrado (1). Passou-se á China a buscar gente de entendimentos livres, e mais seguidores de razão. Tambem aqui por differentes caminhos se lhe cerrou a porta, e foi força despejar a terra apressadamente, obrigado de poder alheio, mais que gosto seu. E comtudo sabemos, que no mesmo tempo derão principio á grande vinha das ilhas de Solor, o Padre Frei Antonio Taveira por huma parte, e o Padre Frei Antonio da Cruz por outra, com tanta felicidade, que começou a florecer com frutos copiosissimos. Que diremos a sortes tão desiguaes, onde as peregrinações, os trabalhos, as vontades forão iguaes? Senão, que nossa differença de sortes, e a boa tenção igualou os premios. Porque para com Deos val tanto huma boa e determinada vontade, que a recebe por obra, e como a tal lhe dá o galardão. Assim nol-o deixou escrito, muito tempo ha, hum grande Sabio (2): *Cum anima* (diz) *magno desiderio ad cœlestia inhiat: miro modo hoc ipsum; quod præcipue quærit, jam degustat.* Quando huma alma com ardente desejo suspira pelos bens do Ceo; já por modo estranho se acha senhora, e goza do que apetece.

Fundados n'este discurso não duvidarão os Religiosos de S. Domingos tornar a tentar o mato bravo do Reino de Camboya, sem embargo da experiencia que tinhão na cabeça de Frei Gaspar da Cruz. E foi assim, que passados muitos annos depois, appareceo em Malaca Embaixador, e carta do Rei d'elle com requerimento de amizades, e offerta de aceitar Prégadores, e dar lugar para Igrejas, e Christandade; como sabia, que aceitavamos de outros Reinos. Acudio logo o Capitão, e Governador da cidade ao nosso Convento. Propoz ao Prior a boa occasião, que se offerecia aos Frades de exercitarem seu ministerio; que ficava mais de estimar por vir de mistura com o interesse temporal d'aquella praça, que como vivia em continuos ciumes dos Reis vizinhos, que a todo seu poder a perseguião, estava-lhe bem terem por amigo hum, que sabião ser muito rico, e poderoso, inda que afastado. Resistia o Prelado ao ponto de dar Frades, lembrado das difficuldades, que entre esta gente achara o primeiro nosso, que a tentara para a promulgação do

(1) No prologo do Livro da China. (2) Gregor. 15 Moral.

Evangelho; que não esquecião. E como prudente allegava, que o Rei barbaro não queria Religioso na terra para doutrina, senão só para penhor, como arrefens, ou de paz, ou de suas mercancias. São, dizia, os successos antigos regra, e modelo para acertar nos presentes. Que ha que esperar de hum Rei, que he Bramene por seita, escravo do Demonio por feiticarias continuas? Que ha que esperar de hum Reino composto de homens cativos, que se tem por taes em corpos, e almas? Se isto nos consta de certa sciencia, e por experiencia de homem nosso, homem sisudo e verdadeiro; que o vio com os olhos, e tocou com as mãos, não será temeridade, por não dizer cegueira, errarmos advertidos, que he errar por vontade, e acinte? Que ajudemos a paz para bem da terra em que vivemos, tal seja a minha vida. Que a compremos com a vida dos Frades, e com capa do Santo Evangelho a quem sabemos, que o não ha de receber em si, nem dar lugar aos seus, que o recebão, por mais offertas que faça: nunca me parecerá bem. Assim arrezoava o Padre sem dar mostras de se dobrar. Mas puzerão-se de parte do Capitão dous Padres graves, ambos Prégadores, e vindos da Provincia de alguns annos atraz, que não só o ajudarão; mas convencerão o Prior. Porque se offerecerão para a jornada, e para acompanharem logo o Embaixador. Erão os Padres, Frei Lopo Cardoso, filho de S. Domingos de Lisboa, que na Congregação tinha servido os cargos de Prior de Chaul, e Malaca, e Vigario da Christande de Solor; e Frei João Madeira, filho do Convento de Azeitão, e natural d'Elvas. Partirão animosamente, tiverão prospera viagem, e forão recebidos d'el-Rei, não só com boa sombra, mas com festa. Porém dentro de pouco tempo se trocou tanto, que muito á sua custa provarão quão acertado conselho era o do Prior. Forão seus trabalhos grandes com a morte diante dos olhos muitas vezes: e nenhum fruto da prégação na terra. Não especificaremos aqui nada; porque largamente temos escrito o que lhe succedeo na Primeira Parte d'esta Historia entre os filhos do Convento de Lisboa, pelo ser tambem o Padre Frei Lopo, como fica dito. Só proseguiremos aqui como em seu proprio lugar, o que passou n'esta Provincia o Padre Frei Silvestre de Azevedo, que Frei João dos Santos chama de Figueiredo (1); ficando com Frei Lopo em lugar de Frei João Madeira, que era lido.

He pois de saber, que despedido o Padre Frei Lopo Cardoso com licença d'el-Rei para Malaca, a buscar meio de satisfazer sua cobiça: e

(1) Frei João dos Santos, liv. 2. cap. 7. da sua Ethiopia.

assim resgatar o companheiro, e desempenhar a sua palavra, como em sua vida contámos (1), juntou segunda vez entre amigos, e gente caridosa, quanto pareceo, que igualaria de bom retorno a encommenda Real. Porque soube logo, que se perdera o primeiro no mar. Este segundo retorno, que foi causa de grandes males para muitos Padres da Congregação, despachou com bom tempo, e esperanças de boa viagem. Quando menos se cuidou, deu em mãos de Achens, crueis inimigos de Malaca, que tomarão o navio, e roubarão tudo. Entretanto nascerão novas desconfianças no Rei, não vendo resposta de Frei Lopo, e lançando sempre o juizo a cuidar o peior, não respeitava perigos de mar, nem inconvenientes da terra; mas sentindo-se com espirito mercantil, e rasteiro, que sobre a encommenda, que não vinha, perdia tambem o escravo, que soltara, para a hir buscar; e descarregava sua ira sobre o companheiro, que cada dia prometia mandar lançar aos elefantes. Assim passou Frei Silvestre longos dias em sobresalto continuo, gastando todos em doutrinar hum grande numero de almas, que tinha bautisado, gente de varias nações, e cativos d'el-Rei como elle. que erão quasi quinhentas pessoas, Japões, Chins, Jaos, e outros, mas nenhum Camboya. Com estes se consolava. Até que succedeo o caso, que dando-lhe novos cuidados, ordenou, que fosse meio para o livrar de todos, e ficar não só com descanço, mas subir a huma não cuidada prosperidade. Parece caso imaginado na fantasia para representação de comedia ociosa, e fingida, mais que acontecimento como foi, certo, visto, e sabido. No mesmo tempo que Frei Silvestre passava em medos, e agonias, e o tyrano se queixava d'elle, e de todos os Frades, vivia o nosso Prior de Malaca com tão differentes pensamentos, que vendo, que estava largamente satisfeita por Frei Lopo a valia da encommenda d'el-Rei, fez conta, que era tempo acommodado para acudir a Frei Silvestre com ajudadores para a conversão, e despachou-lhe dous Religiosos em hum navio de mercadores Portuguezes, que na mesma confiança hião alegremente fazer sua viagem, e veniaga. Mas não erão bem entrados no primeiro porto, que puderão tomar, quando el-Rei tendo aviso, que era gente de Malaca, mandou lançar mão de tudo, tomar as fazendas, cativar as pessoas. Erão os Religiosos Frei Reinaldo de Santa Maria, e Frei Gaspar do Salvador. Ambos com todos os passageiros, e mercadores ficarão cativos d'el-Rei; não sem grande e nova pena de Frei Silvestre. Porque forão tantas as necessidades, e

(1) Na part. 1. liv. 3. cap. 32. d'esta Historia.

apertos em que se virão os pobres Frades, que se chegarão a sustentar de esmolas: e porque estas não bastavão, buscar em que trabalhar de mão, e ganhar jornaes. Emfim determinarão pôr em risco as vidas por fugir de tal terra. Concertarão-se com hum navio, que estava de partida: vencerão com promessas, e teve o furto successo.

Ficou Frei Silvestre só, ou por ser mais vigiado, e ser muito conhecido, ou, como tenho por mais certo, por não deixar os seus Christãos. Passados muitos dias, vendo-se el-Rei largamente pago, e sua sede farta no roubo, que fizera aos Portuguezes, dezejou reconciliar-se com o Capitão de Malaca. Chamou Frei Silvestre, começou a tratal-o com mimos, e brandura para o fim, que pertendia. No meio d'estes favores, como Frei Silvestre era muito avisado, e os trabalhos lhe tinhão afinado o bom juizo natural, soube-lhe ganhar a vontade de maneira, que de escravo, que era, subio ao mais alto grão de valia, que havia no Reino. Tanto o adiantou o Rei a todos seus grandes, que geralmente era chamado Pai d'el-Rei. Testemunhavão obras, porque seguia em tudo seus conselhos. por seu voto pagava serviços, fazia mercês a subditos, e estranhos. E ao nosso Mosteiro de Malaca mandava esmolas reaes. Chegando algumas vezes a lhe enviar juncos carregados de arroz; que como he mantimento principal d'aquellas terras, que não produzem trigo, enriquecião a casa, e sustentavão a cidade. Igualavão-se as obras de liberalidade com honras. Fazia-o assentar em sua presença, e dava-lhe cadeira: mostrando, que não podia estar sem elle. E ultimamente lhe deu licença para trazer sombreiro alto, que he insignia, que ninguem senão el-Rei póde usar. Para Igreja não só deu licença, mas proveo a despeza, e o necessario para ella. Assim o chama o Padre Mendonça no seu Itinerario, segundo Joseph do Egypto em Camboya(1). E quadra-lhe bem a comparação pelo estado primeiro de cativo, e pobre, e pelo segundo de mandar tudo. Por onde me persuado, que nunca Frei Silvestre sahio de Camboya; inda que não falta quem diga, que antes d'estas prosperidades veio a Malaca, e a rogo do Capitão se tornou.

(1) Mendonça Ag. cap. 21. do seu Itin. Gen. 41

CAPITULO II

Pede Frei Silvestre licença a el-Rei para se hir para Malaca, que lhe não concede: Converte hum Sacerdote dos idolos, pessoa insigne, que morre pela Fé.

Em meio de tantas abundancias de bens da terra, com que se fazia por toda a parte invejado Frei Silvestre, não sentia todavia hora de gosto em sua alma. Porque via correr os annos, e não podia acabar com el-Rei, que désse licença aos vassallos, para receberem a lei de Christo. Sendo assim, que muitos dos melhores, e maiores, ou fosse genero de adulação por sua potencia, ou força da doutrina, que sempre lhes praticava, lhe offerecião seu bautismo, como el-Rei consentisse. Tinha-o tentado em todas as occasiões, que mais benigno se lhe mostrava. Sempre o achava duro, ora dizendo não ser honra revogar a lei, que seu antecessor fizera contra mudanças de religião: ora affirmando que, se a quebrasse, se levantaria o Reino. Acrescentava o desgosto a Frei Silvestre, ter avisos de Frades amigos, que a fama que d'elle corria por toda a Congregação, era, que folgava de mandar, e ser Principe entre barbaros, descuidado das primeiras obrigações do habito, que erão prégar a Fé. Vivendo assim desconsolado comsigo, e nos olhos do mundo grão Senhor (que isto acontece n'elle a muitos) entrou navio de Malaca, que de novo o encheo de cuidados, presentando-lhe cartas, e obediencia do Prior de São Domingos de Malaca, que he Prelado de todos os Frades, que por aquellas partes do Sul andão esparzidos; na qual com pena de excommunhão lhe mandava, que na primeira occasião, que pudesse, sahisse de Camboya, e se fosse a Malaca. Nenhuma nova se pudera dar a Frei Silvestre de mais gosto, senão trouxera de mistura o preceito, que era argumento de ser certa a opinião avessa, que os amigos lhe affirmavão se tinha de suas cousas. Foi-se logo com os papeis a el-Rei. Era huma patente de rigorosa nota, passada pelo Presentado Frei Antonio Rebello, que de novo entrara por Prior de Malaca. Propoz-lhe a obrigação, que tinha de acudir a ella, e o discredito, em que estava com os seus, por ter deixado passar tantos annos sem se resolver, ou em prégar, que era o seu officio, ou em deixar a terra. Carregou-se-lhe el-Rei; e remeteo-o ao Presidente da fazenda, em quem achou clareza de tudo o que entendera do sembrante Real. Recapitulou este tudo o

que o tyrano tinha dado, e doado por amor d'elle, emprestimos, e mercês, que tinha feito a Portuguezes, e a outras nações. Hum junco (he genero de navio de alto bordo) que emprestara por seu rogo a certo Portuguez, e se perdera. E por não ficar nada por lhe lançar em rosto, e pôr em rol, ajuntava a encommenda antiquissima dos escravos, que mandara a Malaca, por quem tanto padecera Frei Lopo Cardoso: E concluia, que pagando-lhe tudo (porque tudo el-Rei fizera por contemplação d'elle Frei Silvestre, sem outro respeito, nem conhecimento de partes) então se poderia hir. Assombrado o pobre Frade com resposta tão fóra de caminho, segundo isso, disse, não quer el-Rei, que me eu vá. Porque elle sabe mui bem, que fôra d'este habito, e Breviario, nenhuma cousa outra possuo debaixo do Sol. Assim passa, replicou o Gentio, e bem he razão, que saibas estimar, fazer tanto caso de ti, sendo tu hum pobre estrangeiro do cabo do mundo. Que se te pede estas cousas, não he por necessidade, nem cobiça d'ellas; que antes está prompto, para te fazer maiores mercês; senão pela graça, que tua ventura diante d'elle achou. Reconhecia Frei Silvestre o amor d'el-Rei, como agradecido que era: mas quizera antes, que fora verdadeiro odio, para que o lançara de si, ou o deixara hir. Ficou-se, porque não era Senhor de si.

D'este dia em diante se determinou Frei Silvestre a hum novo genero de vida; vida de homem malencolizado, e descontente. Encerrou-se em huma casa com portas fechadas, com porteiro, e campainha, e estava em meio da cidade, como se vivera no deserto com grande admiração, e louvores dos gentios. O que ainda fôra mais toleravel, se tivera companhia de Frades. Mas fôra segunda desgraça, que como era publico na Congregação, que Comboya não admittia o Evangelho, e sabião d'elle, que nadava em prosperidades, ateimarão, julgando mal do homem, em lhe não darem companheiro, que com grandes efficacias requeria: e chegou a passar sinco annos inteiros, sem ter quem o confessasse. E mais passára, senão acontecera aportar na terra hum junco da China, e n'elle hum Sacerdote secular, que festejou, como se fôra Anjo mandado do Ceo: e com muitos rogos acabou com elle, que se ficasse em sua companhia. E porque a differença do trajo não fosse estranha no povo, vestio-lhe hum habito de São Domingos. Como teve tal companheiro, que lhe foi de grande alivio espiritual, e temporal, ajuntou á clausura outra circunstancia de casa religiosa, que foi levantar-se á meia noite, e precedendo primeiro, e segundo sinal de sino, rezar na Igreja suas

matinas, seguidas sempre de oração, e disciplina. E depois com a mesma ceremonia de sino ás horas costumadas do dia. Na Quaresma fazia juntar os Christãos, que tinha convertido, e tomar suas disciplinas, entoando com pausa, e devação o psalmo, *Miserere mei Deus, etc.* Assim temperava as saudades em que vivia, de sua Religião, dizendo com David: *Contabiles mihi erant justificationes tuæ in loco peregrinationes meæ.* Como se dissera: Quando, Senhor, me achava mais longe das terras, onde sois conhecido, e venerado, então tinha mais gosto de louvar vosso nome, e cantar vossas grandezas.

Sahio-lhe bem a Frei Silvestre esta representação, que fez de Mosteiro. Porque alem de se consolar com o mesmo em que se criara, mostrava juntamente a estes barbaros a fermosura da Igreja de Christo; para os hir affeiçoando a ella. Assim continuavão com elle muitos Sacerdotes dos idolos, espantados do concerto, e perseverança com que procedia. E porque houve hum tão atrevido, que presumio convertel-o á sua seita, e foi Deos servido, que de caçador ficasse caçado, com tão boa ventura, que veio a morrer por Christo, será bem dizermos brevemente alguma cousa das cegueiras, com que o Diabo traz envolta esta miseravel gentilidade, para que demos graças a Deos por nos criar na luz verdadeira da Fé(1). Primeiramente ha n'este Reino muitas, e sumptuosas casas, em que se recolhem, como em Mosteiros, tanto numero de homens, que se affirma comprehender-se a terceira parte do Reino nos que já tem titulo de Sacerdotes, e os que o vão por seus degráos pertendendo, com trato e vida a seu modo religiosa; com ser o Reino tão grande, e populoso, que punha este Rei em campo n'aquelle tempo cem mil homens de peleja. Entre estes ha sinco gráos, com que entre si são distinctos em nome, authoridade, e lugar diante d'el-Rei, e do povo. Os primeiros, e de maior dignidade, que se chamão Massancraches, em toda a occasião tem assento acima d'el-Rei. Succedem os Naczindeches, que se assentão igualmente com el-Rei. A terceira differença he dos Mityres, que são do gráo commum dos Sacerdotes, e tem lugar abaixo d'el-Rei. A estes seguem duas distinções, que chamão Chapazes, e Sazes. Todos procurão viver separados do povo, em vida, e trato. E não fica meio, que não busquem para se fazerem estimar, e venerar por grandes sabios, com que crescem em soberba, e presumpção luciferina. Por onde são os maiores inimigos, que tem a lei evangelica, e as peiores almas de conquistar.

(1) Fr. Gaspar da Cruz. trat. da China cap. 1.

Porque sendo assim, que tratados, e levados por razão, não ha gente mais facil de convencer: como tem alcançado tanta estima, e credito entre os seus, quando chegão a ver descuberto o erro em que vivem, não sabem sahir d'elle com medo de perder reputação. Assim póde mais com elles o ponto da vaidade, que o da verdade, e salvação; e caminhão com milhões de almas para o Inferno. Entre muitos Deoses que adorão, de hum, que dão por author do Ceo, e da terra, tal vida contão os mesmos Sacerdotes, que fez, e taes historias publicão d'elle, que com poucos argumentos vem a confessar, que foi homem, e cheio de maldades. Não ha entre elles estudo, nem sciencia de cousas altas. O que ensinão, e publicão da outra vida, são patranhas, e ignorancias de meninos. Dizem, que ha vinte sete Paraisos. No mais alto põem seus Deoses. Cujos corpos dizem, que são redondos como balas. E a maior honra, que dão aos que sobem da terra, he terem tambem os corpos redondos ao modo dos Deoses. Abaixo d'estes, querem que vão os seus Sacerdotes santos, que vivem pelos ermos. E a bemaventurança que lhes dão, he estarem se refrescando ao vento. Parece que, como os miseraveis passarão toda a vida torrados do Sol; ficão bem pagos no outro mundo, com lograrem virações brandas. Outros Paraisos fazem para toda a cousa vivente, em que põem por gloria abundancia de comer e beber, e sensualidades varias: affirmando, que até a pulga, e a formiga vão lá gozar nova vida. Mas isto baste para argumento das trevas, que cegão n'esta gentilidade a mestres, e discipulos.

Entre os que mais continuavão com Frei Silvestre, era hum Naczende che, acreditado no povo, e valido d'el-Rei, homem de bom natural, e no trato, e conversação ordinaria avisado, e brando. Este achando em Frei Silvestre as mesmas partes, propoz comsigo trazel-o á mesma seita. Hum dia, que estiverão sós, depois de longa pratica, descobrio-se com elle. E foi-lhe dizendo tudo o que em longos dias tinha estudado para o persuadir. Não teve Frei Silvestre melhor hora de quantas lhe levou Camboya. Deu por conquistada a alma do gentio, como o vio posto em tratar de verdades, e boa razão. Desfez-lhe todos seus argumentos com pouco trabalho; porque em nenhum havia força, nem fundamento. Logo tornou sobre elle. E tanto lhe soube dizer, que ajudado o idolatra da Graça Divina, abrio os olhos á luz, e pedio, e recebeo o santo bautismo. E tão fundado ficou nas verdades catholicas, que com grande afouteza publicava, que não havia salvação senão em Christo, que era verdadeiro

Deos, e homem, e Salvador do mundo. E tudo o que os Massancraches, e Naczandereches prégavão era falsidade, e desatino. Consolava-se grandemente Frei Silvestre com tal discipulo, tinha-o por premio de seus trabalhos, porque fazia conta de ganhar muitas almas por seu meio. Mas foi tal o fogo do odio, e indignação, que se levantou nos companheiros de seu grão, e em todo genero de Sacerdote Camboya, que havendo-se todos por afrontados n'elle, determinarão tirar-lhe a vida. E não tardarão com a execução. Colherão-n'o fóra de povoado, derão-lhe tantas feridas, que, bastando poucas para o matar, enxergou-se na multidão d'ellas o grande numero dos conjurados, e a força da ira. Porém melhor mostrou o Senhor, que fòra preciosa em seus olhos aquella morte. Porque havendo tres dias que era executada, quando chegou á noticia de Frei Silvestre, e foi buscar o corpo, para lhe dar sepultura, com ser o clima tão calido, que por momentos corrompe as carnes mortas, tão frescas estavão as feridas, e o sangue, como na hora que lh'as derão. E sendo o mato cheio de bichos, e animaes feros, nenhum lhe tinha tocado. Assim o sepultou na sua Igreja com lagrimas de alegria, como a quem tinha por bemaventurado, e junto d'elle se mandou depois lançar, quando faleceo.

CAPITULO III

Obriga el-Rei a Frei Silvestre, que faça oração em caso de falta d'agua: acode a misericordia de Deos a honrar seu servo dando-a: chegão de Malaca Embaixador, e novos Prégadores: assentão com el-Rei fazer livro dos mysterios da Fé.

Estava hum dia Frei Silvestre com el-Rei, em companhia de alguns grandes do Reino: era conjunção de huma grande seca, que havia muitos dias durava, sem o Ceo dar sinal, nem esperança d'agoa. Começarão a tratar do grande mal, e fome, que ameaçava. E assentavão, que se muito em breve não chovia, estava certo perderem-se todas as novidades, e principalmente os arrozes, que he o mantimento geral da terra. Virou-se el-Rei para Frei Silvestre, e disse-lhe: Agora, Padre, era tempo para que nos descubrisses alguma d'aquellas grandezas, com que cada dia nos quebras as orelhas do teu Deos. Se tão poderoso he como publicas, roga-lhe que nos acuda n'esta necessidade: ao menos, porque não pereção os pobres. Levou el-Rei o Frade pelo que devia saber de sua natureza, que era andar sempre remediando pobres, e requerendo

para elles. Levantou-se Frei Silvestre, e respondeo assim: As muitas mercês, e honras que me fazes, gram Rei, que eu attribuo a ser servo d'esse mesmo Senhor a quem me mandas rogar, que para ellas não ha outra razão, me obrigão a pôr vontade, e obra n'este requerimento; fal-o-hei com muito desejo de aproveitar. Mas tambem te faço saber, que se elle me não quizer ouvir; ou por meu pouco merecimento, ou pelos grandes peccados d'esta provincia, que entrando-lhe por casa a luz do santo Evangelho, lhe cerra as portas, e as almas, ou por outro secreto juizo seu: nem por isso deixarei de o reconhecer por tão Santo, e tão Omnipotente como cada dia prégo: nem deixarei de ter por falso, e vão tudo o que teus Bramenes, e Sacerdotes apregoão de seus Deoses. Não disse mais Frei Silvestre. E pondo logo os joelhos em terra, e os olhos no Ceo, levantou a alma sobre todas as hierarchias dos Anjos, pedindo ao Senhor d'ellas, quizesse ouvir sua oração, que d'alli hia fazer, e alli começava. Andava Frei Silvestre muito desconsolado, como quem fazia conta, que já não havia de sahir d'aquelle cativeiro. Offerecia a Deos o desterro forçado em terra alheia; e o descredito, que innocentemente padecia na propria: ajuntava suspiros, e lagrimas, e disciplinas. Isto, que n'elle era ordinario, fez a oração muito devota, pedindo a Deos fosse servido de antecipar com as bençãos de sua misericordia aquelles cegos: para que, ou por este meio o reconhecessem, ou ao menos ficassem sem desculpa, se depois de as verem não deixassem a idolatria. Bemdigão-vos os Anjos, piadosissimo Senhor: sempre tiverão lugar diante de vossos divinos olhos petições de gente affligida. Choveo no mesmo dia: e foi tanta a agoa, e tão grossa, e durou tanto tempo, que referindo-a o Rei a Frei Silvestre, lhe mandou rogar, que pois alcançara a chuva, pedisse de novo serenidade, que já era necessaria. Pedio-a. Tornou tempo claro: e tal, que até o entendimento d'el-Rei allumiou, e o obrigou a se dar por convencido de taes dous sinaes. Mas tinha-lhe o Diabo tomado posse da vontade. E tão cativo estava do gosto de reinar, que chãamente dizia, se bautizara logo, se não temera levantarem-se-lhe os vassallos, e perder o reino.

Era isto já pelos annos de 1585, em que o longo andar do tempo tinha descuberto aos Padres da Congregação a verdade do bom procedimento de Frei Silvestre; e juntando-se parecer ao Capitão de Malaca, Roque de Mello, cousa conveniente ao bem da Cidade, continuar o commercio, e amizade antiga de Camboya; acordou de conselho commum

com o Prior de S. Domingos, que elle despachasse Embaixador ao Rei, e o Prior mandasse Frades para acompanharem Frei Silvestre, e tratarem juntos de apertar acom conversão. Partirão em 25 de Agosto d'este anno o Embaixador, e os nossos Padres, que erão Frei Antonio Dorta, que depois foi Vigario geral da Congregação, e Frei Antonio Caldeira, ambos chegados de fresco de Solor. Juntarão-se com elles dous Padres Capuchos Franciscanos da Custodia de Malaca. Foi dia de gloria, e triunfo para Frei Silvestre, o em que chegarão a Camboya; alegrando-se com ver gente do habito, e claros sinaes n'ella, de quei nda que tarde, e depois de envelhecido em desgostos, estava conhecida sua innocencia. Mandou el-Rei agasalhar os hospedes por hum Massancrache, a quem por tal dignidade, e por ser havido por grande letrado, fazia honras extraordinarias. Este os levou a hum comil de seus Religiosos, de fórma, e largueza de Mosteiro, onde forão por elle, e pelos subditos tratados com toda a cortezia, e mostras de amor. Na primeira noite depois de recolhidos os hospedes, quiz o Massancrache mostrar suas habilidades: e rezou em voz alta, que soou por toda a casa, algumas orações. Tinhão rezado os nossos Frades logo á noite suas Completas, e procurado modificar com o canto sagrado da Igreja aquelles peitos selvaticos, e subditos do Inferno; forão dizendo os Psalmos com sua pausa, e devação, e depois o *Nunc dimitis, etc.*, de canto d'orgão, que todavia os penetrou com força incessivel. E muito mais depois que sentirão a mesma musica nas Matinas da meia noite. Que na verdade aquella hora, como he a primeira do dia novo, que se dá a Deos, ajudada do silencio, e sombra nocturna, arrebata com o canto as almas, e obriga a devação. Assim se lhe mostravão grandemente affeiçoados, e affirmavão, que se el-Rei désse licença para a promulgação do Evangelho, nunca se apartarião d'elles. Mas era grande a desaventura da gente. Ella pendia da vontade d'el-Rei: el-Rei do medo de perder o Reino. Assim perdião todos o Ceo, e triunfava o Inferno.

Propuzerão os Frades sua embaixada a el-Rei com carta do nosso Prior de Malaca, e segundo o uso da terra tambem com presente. Continha a carta, que elle Prior se achava obrigado a dezejar-lhe todos os bens, e prosperidades da vida pela muita mercê, que em Frei Silvestre fazia a toda a Ordem. E porque a maior boa ventura da terra he conhecer o verdadeiro Deos, esta era a que dezejava summamente lhe entrasse por sua casa, e por seu Reino; e a esse fim manda-

va aquelles Padres, que erão letrados, e virtuosos, com os quaes para em tudo acertar, mandasse juntar aos seus Massancraches, e mais Religiosos, e disputando a verdade das Leis seguisse aquella, com que ficasse a vitoria: que os seus Frades levavão ordem para pôrem em livro, e na lingoa de Camboya os pontos principaes da Fé Christãa, para ficar mais facil a todos. Que soubesse, que era virtude particular da Lei de Christo unir, e amigar animos encontrados: se a recebesse tivesse por certo, que só ella bastava para lhe fazer dos cativos filhos fieis, e muito obedientes: e dos Portuguezes irmãos, e amigos, e companheiros perpetuos. Respondeo logo, que disputas publicas não queria; porque causarião alteração no povo; que o livro fizessem: e se depois de feito lhe parecesse bem, então daria licença para se publicar, e prégar. Bem cahirão os Frades, que era a reposta de homem, que como feiticeiro seguia conselho de quem não quer verdades aclaradas, que he o Diabo. No livro, como era cousa para mais devagar, não lhe faltarião com o tempo seus desvios. Entre tanto disputavão os Frades com os Chapazes, Sazes, e Mitens: e não achavão em nenhum sciencia, nem argumento de bons juizos. Assim os atavão, e convencião logo como a puros idiotas. Hum dia quiz o Massancrache, que os agasalhava, fazer alardo de suas letras, presente toda a Communidade dos seus. Propoz algumas materias rebentando de vaidade, e presumpção. Taĩ resposta lhe derão os nossos, descobrindo-lhe as falsidades de cada huma, e provando as verdades christãas, que de corrido, e atalhado, cortou a pratica dizendo, que ficasse para outro dia a resolução. E soube-se depois, que reprehendera asperamente hum Chapaz moço, filho de hum Senhor principal; porque todavia lhe disse que os Frades provavão bem sua tenção.

Procedia-se entretanto na composição do livro, porque os Frades não querião perder tempo. Escrevia Frei Silvestre como mais prompto na lingoa. Assistia por parte d'el-Rei hum seu Letrado de nome. Foi o principio tratar da criação do mundo, e do primeiro homem: contar o diluvio, e divisão das lingoas: e como não havia mais que hum só Deos todo poderoso, criador de tudo. Tratava do peccado de Adão; e como por elle ficara a natureza humana inficionada; e para a remediar viera Christo ao mundo. Assim hião continuando com boas esperanças de fazerem grande beneficio na terra. Porque el-Rei, que tinha bom entendimento natural, dando-lhe o seu Letrado cada dia razão do que se hia fazendo, recebia bem as cousas, quadravão-lhe, e alegrava-se. E hum dia soltou

diante de muitos dos seus, que se o livro continha o que lhe referião, de boa vontade daria hum filho aos Padres para que o fizessem Christão, e passaria suas licenças em chapas d'ouro para que todo o Reino se bautisasse. D'estas palavras veio pedir alviçaras a Frei Silvestre hum irmão da Rainha, que obrigado d'ella, andava cobiçoso de ser o primeiro bautisado: e como tal costumava já trazer á Igreja lenços de boninas, que offerecia a huma imagem de nossa Senhora. As mesmas novas tinhão os mais Religiosos por outras vias: e confirmou-as el-Rei, passando-se para a sua cidade de Angor, com os mandar agasalhar defronte do Paço, e dar-lhes panos ricos da sua recamara para armação, e concerto da Igreja.

CAPITULO IV

Manda el-Rei cessar a composição do livro: vão-se os Frades: torna el-Rei sobre si, dá licença para se prégar o Evangelho: morreo elle, e Frei Silvestre: acodem novos Prégadores.

Estava toda a terra aballada, e não só aballada, mas alvoroçada para receber a nova Lei, desde o Rei até ao mais humilde pião. Erão estimados os Religiosos dos Senhores; visitados, e acariciados dos Sacerdotes, servidos do povo com grossas esmolas. Vio o inimigo do genero humano, que se lhe aparelhava perder hum numero infinito de almas, que sem nenhum feitio seu, erão todas de sua jurisdição: acudio por si, e fez hum tiro muito seu, escondendo, como dizem, a mão. E foi o Senhor servido por seus occultos juizos, que lhe valesse. Era el-Rei de Jor, estado vizinho de Malaca, hum dos que n'este tempo tinhão ordinaria guerra com ella, e com odio tão entranhavel, que não sabia dar-nos hora de quietação. Este sabendo, que mandava da India contra elle huma grossa armada, que foi aquella com que Dom Paulo de Lima, valeroso Capitão, lhe tomou, e abrasou a melhor cidade que tinha, com famosa vitoria: e vendo que o Camboya entrava em amizades com o Capitão de Malaca, por meio dos Frades, determinou estorval-os a todo seu poder. Despacha-lhe Embaixadores; e juntando a hum bom presente palavras brandas, e lisongeiras, dizia-lhe, que a grandeza de Camboya, famosa por todo o Oriente, perderia muito de sua authoridade se se dissesse, que tratata. e sustentava amizades com homens, que erão inimigos communs de todos os Reinos da India, quando tratarão de destruir a terra de hum

vizinho, amigo, e alliado antigo d'el-Rei de Camboya, e de seus antepassados, e que hoje se tinha em conta de vassallo seu; que entendesse, que n'esta consideração não se desempara hum Rei natural, por favorecer estrangeiros; mas contra si mesmo dava armas aos mesmos estrangeiros. Porque estava certo, que como tomassem Jor, que era como ar: rabalde, e jardim de Camboya, ficavão com chegada tomada para a conquistarem. E se lhe não queria dar credito, perguntasse, e soubesse com que meios se tinhão feito senhores de Goa, Ormuz, e Malaca, e outros Reinos: gente sagaz, e manhosa, sabião dividir os alliados, e amigos: e depois de enfraquecidos com a divisão senhoreal-os hum atraz outro. E para este fim mandavão diante huns como corredores, que com capa de virtude, e humildade fingida entravão a espiar as terras, e alcançar os secretos d'ellas: que d'estes se devia vigiar primeiro, e os lançasse de si, ou os matasse. Porque erão tanto mais perniciosos inimigos, quanto menos o representavão na vista: que pois Deos lhe concedera sustentar tantos annos com valor o Reino de seus avós, não o viesse a perder por descuido, e enganos depois de velho. Fez notavel aballo no peito do Camboya esta embaixada: e como he annexa a todo o poder, e mando a desconfiança, assoprou Lucifer o fogo, e de faiscas fez incendio. Foi primeiro principio tolher as entradas do Paço, que erão francas aos Frades: logo mandou ao Letrado, que corria com o livro, que deixasse a obra: e elle suspendeo as sahidas, que costumava fazer pela cidade; e se sahia era cercado de guarda, e armas. Não foi necessario mais para os vassallos. No mesmo ponto desempararão grandes, e pequenos os pobres Religiosos. De sorte, que onde d'antes vivião com abundancia de tudo, vierão a estado, de não haver quem por piedade lhes désse huma esmola. Dissimularão algum tempo, havendo que seria leviandade de barbaros: mas depois que virão passados nove mezes, e que vivião como cativos, animarão-se a prégar sem licença a palavra de Deos, e consolar-se com morrer por ella. E logo aconteceo ao Padre Frei Antonio Caldeira á conta da santa determinação, ver-se atado á tromba de hum elefante: e fôra em hum momento feito pedaços, se lhe não valera hum homem poderoso, e piadoso, que o fez livrar. Emfim despejarão todos a terra, senão foi Frei Silvestre, que el-Rei não consentio que se fosse.

Era el-Rei entrado em dias: e na verdade tinha tinha boa vontade a Frei Silvestre: mandou fazer estreitas, e secretas inquirições de sua vida,

e averiguar se elle, ou algum de seus companheiros, em quanto na terra morarão, tiverão trato occulto com seus inimigos, ou pratica em damno do Estado daquella Republica, ou de sua pessoa. Como não resultou culpa contra nenhum, tornou a Frei Silvestre os favores, e honras antigas, com tantas ventagens, e animo tão desassombrado, que mostrava claro procedera a falta passada mais de engano, que de vontade damnada. E para prova maior lhe mandou passar de seu moto proprio largas provisões; pelas quaes não só lhe dava licença a elle para prégar o Santo Evangelho em todas suas terras, mas a quantos Religiosos quizessem vir a ellas. E mandou fixar quarteis, e publicar editos, porque notificava a todos seus subditos de qualquer qualidade e condição, que fossem, que quizessem deixar as seitas antigas, e abraçar a lei christãa, o pudessem fazer livremente, sem por isso incorrerem para com elle em pena, nem culpa alguma: antes lhes fazia a saber, que se dava por tão bem servido de a receberem, que desde logo confirmava aos taes todos os officios, terras, estados, e rendas, que possuião: e de novo lhes fazia mercê, e honra. Veio a succeder esta grande, e não esperada mudança entrado já o anno de 1589. D'ella avisou logo Frei Silvestre a Malaca, e ao Vigario geral da Congregação com os treslados das provisões: e pedindo, que acudissem áquella vinha do Senhor, que se apercebia para grandes frutos, se lhe acudissem trabalhadores, quantos convinhão: e de presente pedia, que fossem logo pelo menos doze Padres: para se repartirem pelas cidades, que erão muitas, e a terra muito povoada; e com elles alguns mestres de latim, e canto d'orgão; inda que fossem seculares: porque lhes faria dar salarios, com que vivessem contentes.

N'este bom animo continuava el-Rei, quando lhe bateo á porta a hora da morte, com assaz desgraça sua. Porque nos não consta, que recebesse o santo bautismo, com que convidava os seus. E bem he de crer, que lhe não faltarião em tal tempo boas diligencias da parte de Frei Silvestre. Porém como era só, e a terra cheia de seus Massancraches, e Naczondeches, que não só se fazem reverenciar, mas adorar por santos. devia-lhes morrer nas mãos. Para exemplo de que não haja ninguem, que guarde para aquelle terrivel passo, o que podia fazer em vida.

Succedeo-lhe na coroa, e na boa inclinação para as cousas do Evangelho hum filho moço, criado entre os Frades, e por Frei Silvestre: e como tal não lhe mostrava menos amor, que seu pai. O que fazia de pa-

lavra, e obras: como se póde ver de huma carta sua para o Prior de Malaca, que por isso a ajuntamos aqui. Foi resposta dos parabens, e visita, que o Prior lhe mandou tanto que soube de sua successão. Segue-se a carta.

«Prauncar, Rei de Camboya, á Ordem de S. Domingos de Malaca amizade, e lembrança perpetua. Pelos meus Embaixadores tive huma carta d'essa Religião, e outra por Francisco Luis, com o presente, que me mandava. E bem vi o muito que folgava com as minhas prosperidades: posto que ao presente inda sejão envoltas com guerras, e desobediencias de meus vassallos. O que me causa não acudir a essa Religião, como minha vontade e dezejo pede. Mas tendo tudo quieto, e as guerras acabadas, não serei descuidado a lhe fazer lembrança, se sirva d'estes Reinos, como o fez em vida d'el-Rei meu pai. Porque agora estão as guerras taes, que nem tempo me dão para cumprir com o que tenho promettido aos Padres de S. Francisco. Mas de tudo lhe tenho passado chapa Real para na primeira bonança a pôr por obra.»

Assim cerrava a carta, que damos na mesma fórma em que chegou a nossas mãos: porque nos não constou se a escrevera el-Rei em sua linguagem, ou se a mandara fazer por mão de algum Portuguez, como era possivel. Abaixo havia mais duas regras, que dizião assim:

«As cousas ditas me fazem continuar com a arrecadação do junco, e fazenda, que n'essa fortaleza tomarão a hum cativo meu. VV. RR. sejão parte para que se me mande.»

Apoz estas cartas mandou outras para o Capitão da fortaleza; pedindo com efficacia, e encarecimento lhe fossem os Frades de S. Domingos, e com elles alguns artilheiros, e espingardeiros, e bons soldados, e tambem mestres de levantar navios, a que prometia fazer gasalhado, e dar bons partidos. E em sinal de verdadeira amizade, e bom espirito, alem de hum bom presente para o Capitão, mandou ao Prior duas grandes cruzes de páo ferro, que erão como mastros. O feitio era oitavado, e dourado sobre charão vermelho, para preservação do sol, e ouro contra a força do sol, e agoa. Era Prior de Malaca Frei Gonsalo de Cerqueira,

que fez arvorar logo huma na praça da nossa Igreja: a outra mandou aos nossos Padres de Cochim, onde se poz no adro do Convento.

Chegando novas á India da boa correspondencia, que o Rei moço tinha com Malaca, encommendou o Governador do Estado ao Vigario geral da Congregação, que era já o Padre Frei Jeronymo de S. Domingos, que em todo caso despachasse alguns Padres para Camboya. Porque além de lh'os pedir o mesmo Rei por carta sua: era muito conveniente ao Estado a conservação de tal amigo. Mandou o Vigario geral logo dous Padres, que forão Frei Luis da Fonseca, e Frei Jorge da Mota. Os quaes sendo partidos, chegou ao Prior, que era já o Padre Frei Thomas do Espirito Santo, recado d'el-Rei, com nova instancia sobre a mesma materia, de lhe mandar Religiosos; dando-lhe juntamente aviso de ser falecido o Padre Frei Silvestre, desconsolação em que vivia com a falta de tão bom amigo. Dizia mais, que por saber que elle Prior era vindo de pouco áquelle cargo, e casa, desejava enviar-lhe huma esmola, que folgaria mandasse buscal-a por pessoa de confiança. E não foi descuidado em a mandar, nem foi pequena, para nos fazer mais magoa o pouco que depois logrou o Reino, e a vida, e o não receber a Fé quem fazia tantos bens aos Prégadores d'ella. Foi a esmola de hum poderoso junco carregado de arroz, e de outros mantimentos, que fez entregar a hum Irmão Converso, que o Prior lhe despachara, a que juntou algumas peças boas para a Igreja. E isto he quanto chegou á nossa noticia do que Frades nossos passarão, e trabalharão por este Reino, em quanto se governou por Rei particular. O fim do Reino, e do Rei, e o muito que custou a estes dous Padres acompanhal-o, contaremos adiante onde nos ficará em proposito: depois que dissermos alguma cousa de outra missão, que tambem occupou os Religiosos d'esta Ordem não só com trabalhos, mas tambem com effusão de sangue.

CAPITULO V

Entrão os Frades de São Domingos em Sião: Dá-se conta, como foi por traição de Mouros morto o Padre Frei Jeronymo da Cruz: e do que fez no caso seu companheiro, ficando muito ferido.

He o Reino de Sião hum dos mais estendidos senhorios, assim por costa, como por largura de terras pelo sertão dentro. Chamarão-lhe os

antigos Servau: O nome presente tomou da cidade Sião, situada sobre as ribeiras do grande rio Menau. Os naturaes devendo-se dizer Sionezes, chamão-se Mantuays: e a cidade metropoli Odiah. Foi terceira empresa dos Padres de Malaca, tentar se seria Deos servido, que fosse seu Santo Evangelho n'esta grande provincia recebido: corria com bom successo em Solor. Esperava-se bem n'aquelles primeiros tempos de Camboya. Não fazião medo os riscos, e trabalhos dos irmãos em huma parte, nem o sangue derramado em outra. Antes era tudo invejado dos que vivião descançados na quietação dos Conventos. E como Sião prometia tanto mais fertilidade, quanto maior era a seara, e havia novas certas da gente da terra não ser desafeiçoada ao trato, e conversação dos Portuguezes, andava o Prior de Malaca com desejos de lhe mandar bater nas portas, e offerecer-lhe as novas, e meios da salvação. Governava aquelle Convento, e era Prelado de todos os Religiosos do Sul, o Padre Mestre Frei Fernando de Santa Maria. Pertendia com grande vontade, não só ver effeituada a jornada; mas ser hum dos que n'ella entrassem. Chegou-lhe de Goa no meio d'estes cuidados por Conventual, o Padre Frei Jeronymo da Cruz, vindo de fresco da Provincia. Trazia nome de muito espiritual, publicava desejos de ser mandado, e alvoroços de servir. Não quiz o Prior diffirir occupal-o, e dar juntamente execução ao que trazia imaginado. E dando-lhe por companheiro o Padre Frei Sebastião do Canto, pessoa de boas letras, e partes quaes convinhão para a empresa, embarcou ambos na primeira passagem, que se offereceo para Sião. O successo, que estes Padres tiverão em sua chegada, e estada, deixamos escrito na primeira parte d'esta Cronica (1): onde nos pareceo que pertencia, por razão de ser o Padre Frei Jeronymo filho do Convento de Lisboa. Aqui bastará dizermos, que sendo recebidos com amor dos Mantuays Gentios, e procedendo com grandes esperanças de fazerem muito serviço a nosso Senhor, atalhou tudo o odio dos Mouros, que erão muitos, e poderosos na terra; usando de huma traça, e traição diabolica, com a qual matarão ás lançadas o Padre Frei Jeronymo, e deixarão passado de muitas feridas o companheiro. D'este caso fez relação o Prior Frei Fernando ao nosso Padre Geral a Roma, por huma carta, que anda impressa no fim das actas do nosso Capitulo geral, celebrado na mesma cidade no anno de 1571.

Agora diremos o que mais succedeo ao companheiro, e o que o Rei

(1) Liv. 3. cap. 31.

fez em vingança da maldade, e sinal do que estimava os Padres. Chegou-lhe a nova da morte de hum, e ferimento do outro, andando longe da cidade; e na mesma hora mandou a quem deixara o governo da justiça, que fizesse estreitas informações, e castigasse os culpados, tão exemplarmente, que vissem os estrangeiros, que tinha por afronta propria, e feita á sua pessoa real, a que se fizera aos Religiosos. Descubrio a cidade o amor, que já lhes tinha, na hora que se publicou a ordem d'el-Rei. Porque n'um momento forão denunciados, e presos todos os delinquentes, e cumplices, e festejada a justiça que d'elles se fez: que foi lançarem-se aos elefantes os que erão Mouros. Basta hum leve ferimento d'aquelles vastos animaes, para fazer pedaços hum corpo humano. Mas para que lhe não escape com vida o que querem matar, tem tal distincto natural, que depois que o veem estendido em terra, porque não acerte de se lhe fingir morto, assentão-lhe huma mão em cima: e logo suspendem todo o corpo sobre ella, levantando ora os pés, ora outra mão. De sorte, que basta para ficar feito em huma pasta. E tal foi a pena dos Mouros, como mais culpados. Dos Gentios, que os acompanharão peitados, forão huns degolados, outros desterrados. Mas não parou aqui a justiça. Estavão os carceres cheios de outros de menos, ou nenhuma culpa. Apercebia-se o Juiz para fazer mais sangue. Acudio a elle Frei Sebastião, cheio de piedade christãa; pedindo-lhe que suspendesse a execução, até ter saude, e poder interceder com el-Rei por aquelles pobres, que sabidamente innocentes estavão em ferros. Poz-se a caminho ainda mal convalecido: e foi ouvido com admiração do Rei, e de toda a Côrte, orando por inimigos, e pedindo, que cessassem as mortes. «Não venho (dizia) poderoso Senhor, á tua presença pedir vingança d'estas feridas, que ainda vês abertas: Misericordia peço para teus vassallos, que estimarei como feita a mim. Porque a lei, que seguimos os Christãos, não costuma dar mal por mal. He lei, que dá vida celestial a todos, e a ninguem tira a mortal. A edificar viemos a Sião, não a destruir, mas a morrer pela Fé, que prégamos, com tanto gosto, que a maior queixa que tenho dos que matarão a meu companheiro, he, deixarem-me a mim com vida. Por tanto se alguma cousa elle, e eu te merecemos, cesse tua ira, abrão-se os carceres, não haja mais sangue.» Reconhecerão o Rei, e vassallos o espirito christão: e adiantarão na affeição do vivo, e saudades do morto. De sorte, que foi a reposta do mesmo Principe, que a troco da graça,

lhe prometesse elle, não se sahir de sua Côrte. E logo lhe mandou dar casa, e bom gasalhado.

Sempre foi meio da dilatação do Evangelho, o derramamento de sangue dos que o prégavão. Mais almas juntava ao rebanho de Christo nos tempos primeiros da Igreja a cabeça cortada de hum só Martyr, que as lingoas vivas de muitos Prégadores. N'esta confiança pedio Frei Sebastião licença a el-Rei, e aos muitos amigos que já tinha, huns convertidos, outros inclinados á Fé, para hir a Malaca buscar novos companheiros, affirmando que, pois a sementeira, que os trouxera a Sião, ficava regada de sangue innocente, e santo, tinha por certo, que não podia faltar pelo tempo adiante em responder com grandes abundancias. E por isso não tardaria em tornar, e vir colhel-as, e logral-as.

CAPITULO VI

Entra o Padre Frei Sebastião do Canto em Malaca, a buscar companheiros Prégadores, para tornar a Sião. Torna com dous: morrem todos tres á mão de Mouros.

Foi recebido o Padre Frei Sebastião do Canto em Malaca com geral alegria, e santas invejas de Religiosos, e seculares, pelos fermosos sinaes que lhe cruzavão rosto, e cabeça, das feridas que recebera por Christo; de que já tinhão ouvido. Estavão no Convento dous Padres esperando conjunção de navio, para sahirem ao santo ministerio da prégação, ao lugar, que o Prior lhes sinalasse: para o que trazião licença do Vigario geral da Congregação. Quando virão huns penhores tão claros de confissão da Fé, e ouvirão contar, a quem os trazia, os meios e artificios, com que os inimigos d'ella lh'os procurarão a elle, e derão cruel morte a seu companheiro: em lugar de temer, abrazavão-se em dezejos de huma semelhante sorte. Lançavão-se a seus pés para lh'os beijar: E pedirão-lhe licença para fazer o mesmo ás santas feridas. Como se escreve do grande Constantino, que achando-se no famoso Concilio Niceno, quando encontrava alguns d'aquelles Bispos antigos, que alli apparecerão sinalados dos tormentos dos tyranos seus antecessores; huns com mãos cortadas, outros sem orelhas, e sem narizes; não se contentava com menos, que beijar com veneração os santos sinaes, quasi sentindo não lhes ser consorte n'elles. E porque Frei Sebastião dizia, que vinha para se tornar

logo ao mesmo sitio, pedirão-lhe com efficacia, lhes désse palavra de os aceitar, não só por companheiros, nem coadjutores, senão só por servos. Porque isso lhes bastava em jornada de tanta honra. Parece que a semelhança, que o nome de Sião representava da santa cidade de Palestina, lhes fazia força nas almas, e quasi pronosticava, que havia de ser meio para conquistarem a celestial com darem as vidas pelo Senhor d'ella, que era a cousa que seus espiritos sobre todas as do mundo dezejavão. Estavão embarcados com Frei Sebastião, e em passagem para Sião, e ainda o não acabavão de crer. E era tamanho o gosto de hir, que nenhum tratou do como havião de hir. Foi o provimento hum pouco de arroz com algum biscoito, e nenhuma cousa outra. Valeo-lhes a boa companhia, para se não anteciparem trabalhos. Erão Portuguezes, que passavão a suas veniagas. Não consentirão, que passassem faltas no mar. E não forão menos piedosos em terra. Acompanharão-nos até a cidade principal de Odeah, ou Jodeah, como outros pronuncião: e n'ella lhes tomarão casa. Pagarão os Religiosos o mantimento corporal, e da terra com lhes communicar o espiritual, e do Ceo, assim a elles, como a todos os Portuguezes que havia na cidade, que erão muitos. Devedores somos, dizião primeiro aos nossos, que aos estranhos: E os nossos, pois são criados no leite da Fé, devem ser exemplo aos que de novo a recebem, na pureza dos costumes, e em todo o trato. Assim começarão a desenredar huns de vicios, encaminhar outros para a virtude, fazer continuar a todos com os sacramentos. Logo forão entendendo com os naturaes. Mostravão-lhes ao claro as cegueiras de suas idolatrias. Trazião elles seus Sacerdotes, gente cega, e guias de cegos: ouvião, desenganavão-se. Vinhão outros mais agudos, que depois de convencidos de seus erros, movião questões artificiosas na nossa doutrina: e como os Padres erão letrados, e resolutos, davão-lhes tal satisfação, que se deixavão entender, que não faltava mais que agoa, e bautismo. Mas este prohibia por huma parte o animo cativo d'aquelles povos, ensinados a temerem mais os mandados de seus tyranos, que os perigos das almas: e não disporem sem sua licença da parte do entendimento, e livre alvedrio, que Deos poz na mão de cada hum. Por outra fazia contradição igual o medo da guerra, com que o Rei andava assombrado, para não poder assistir aos Prégadores com a facilidade, e bom termo, com que n'outro tempo ouvira a Frei Sebastião. Era a guerra temerosa pelo aparato, e numero de combatentes, mais do que se póde crer. Porque não

chegou nenhum exercito d'aquelles, quasi innumeraveis, com que as escrituras muito antigas nos espantão, dos Xerxes, e Darios, a igualar o que por mar, e terra movia contra Sião o tyrano Taumigron, ou Chaumigron, que geralmente era chamado Rei do Bramá. Faz-me escrupulo apontar n'esta historia, que he em tudo ecclesiastica, e livre de obrigação de apurar particularidades, que tocão a Reis infieis, o poder que acho escrito, que a este acompanhava. Dizem, que subia a soldadesca de pé a hum milhão e setecentos mil homens: Os elephantes de guerra a quinze mil: A cavallaria a sincoenta mil. Assim vinha assolando grandes reinos, como hum diluvio da terra, ou raio do Ceo, sem haver cousa que lhe fizesse rosto. Tinha-se feito senhor de Bengala, e Pegu, que sendo vastissimas provincias, ficarão despovoadas, e perdidas para muitos annos. Com a mesma furia, e fazendo estragos entrou por Sião, e assentou cerco sobre a famosa cidade de Odeah. Encerrou-se el-Rei n'ella, não se atrevendo a esperar em campanha tamanho poder. Juntou-se ao cerco da terra, outro não menos apertado, por mar com infinitos navios, que tiravão aos cercados toda esperança de remedio, senão o de seus braços. Mas que braços, ou que forças podião bastar contra tanto poder? Erão os assaltos continuos. Pelejava-se de huma, e outra parte com igual porfia, e valor. Porém na cidade fazia-se sentir o trabalho demasiadamente: porque hia faltando a melhor gente. E ainda que dos inimigos morria muita, não se conhecia n'elles falta, pela multidão com que cobrião a terra.

Não pudemos averiguar, que razão houve, para se acharem os nossos Religiosos em tal perigo. Se foi a causa tomar-se-lhe o mar, antes de chegar o exercito da terra. Se parecer-lhes obrigação de valor christão não desemparar aos que já em todas as mostras se davão por discipulos de Christo, e subditos da Fé. Qualquer que fosse a occasião, foi lhes o cerco pão de lagrimas, occupação de orações, de jejuns, e disciplinas de noite, e de dia: pedindo a Deos remedio da pobre cidade, que esperavão allumiar de sua luz, havendo paz. Seis mezes havia, que durava o trabalho; mas já com tão pouca esperança de remedio, que os mercadores Portuguezes, por verem tudo perdido, negocearão por seus meios hum seguro real das vidas com o Bramá, que folgou de lh'o passar, inda que pelejavão contra elle. Porque tinha os olhos no poder do Viso-Rei da India. Mas declarava-se, que o salvo conduto se entendia em caso, que escapassem da primeira furia, e entrada do exercito, de que os não

podia segurar. Vendo estes homens, que o inimigo entrava, e que não havia que fazer conta das armas, forão-se juntar com os Padres, que estavão no seu oratorio postos de joelhos diante do altar, rezando, e encommendando a Deos suas almas, que das vidas já tinhão novas que havia pouco que esperar, porque os Mouros do exercito vinhão lançando feros contra elles; por saberem, que prégavão o Evangelho, e fazião christandade. Succedeo pois, que entrando logo aquella multidão sem conto a saquear, destruir, e assolar, como em terra tomada á força, forão Mouros os que derão na casa dos Padres, arrombando as portas. O primeiro que acommeterão, foi o Padre Frei Sebastião do Canto, á conta de sua veneravel presença, e hum envoltorio, que lhe virão debaixo do braço. E porque fez resistencia a hum, que lançava mão d'elle, e chegando outros reconhecerão Frade, levarão dos alfanges, fenderão-lhe a cabeça com muitas cutiladas, e o mesmo fizerão aos dous companheiros. Acudirão logo ao envoltorio, que fazião conta seria de peças de ouro, ou pedraria: e acharão hum fermoso Crucifixo, que era toda a delicia do devoto Padre: que pelo livrar das irreverencias, que estavão certas em tal tempo, e tal gente, o tirara do altar, determinando, se houvesse occasião, salval-o: e quando mais não pudesse, morrer abraçado com elle. E assim aconteceo. Quando foi visto, o primeiro que o descubrio fez d'elle arremesso contra os outros dous Padres, que estavão espirando, envoltos em seu sangue. E dando-se por satisfeitos com a morte dos tres, perdoarão a todos os mais Portuguezes, levando-os por então cativos. Correo a fama por entre os Mouros do campo, que erão muitos; acudirão os mais a fartar o odio, ensopando as lanças nos corpos defuntos, e sangue frio, e por ultimo oprobrio os queimarão. D'aqui nasceo a variedade, que ha nos que escrevem este successo: que huns dizem, que forão alanceados, e outros queimados; sendo assim que huma, e outra cousa aconteceo.

Por este modo acabarão estes tres Padres, só a respeito da Fé, que professavão, e prégavão. Do que foi argumento ficarem com vida os mais Portuguezes. Por este tempo se conta tambem, que passarão outros Padres de Malaca para Sião, antes de saberem da guerra, mandados de Goa pelo Vigario geral da Congregação, que era Frei Francisco de Abreu. E achando, que tudo ardia em armas, alguns fizerão volta, outros dando em portos differentes, forão consumidos com doenças do clima pestilencial. Hum pobre irmão Converso que os acompanhava, e escapou d'ellas,

veio a cahir em mãos de Mouros: e tantos açoutes lhe derão (contão, que com raizes de figueira) e tão terrivelmente dados, que no meio d'elles espirou. Chamava-se Frei Pedro dos Santos. Merece ficar seu nome em memoria, pela causa, e crueza da morte.

CAPITULO VII

Desce el-Rei de Sião sobre Camboya, toma a cidade de Angor: leva cativos os Padres Frei Jorge da Mota, e Frei Luis da Fonseca: dá-lhes liberdade, e licença para prégarem: mata hum Gentio ao Padre Frei Luis no altar: embarca-se Frei Jorge para Malaca.

Passarão annos depois da morte dos Religiosos, que acabamos de contar: recrescerão grandes novidades no Reino de Sião, que cerrarão de todo as portas ao Evangelho, e seus Ministros, levantando-se novos tyranos, e matando-se huns aos outros, cousa ordinaria entre estes barbaros: que como vivem sem lei, nem fé, que os enfree: e pelo mesmo caso não móra nem honra, nem verdade, nem nos senhores, nem nos vassallos; cada dia ha mudanças de Reinos, e reinados, de titulos, e senhorios: com que muito se embaraça a penna de quem escreve, para concertar com elles os successos da gente, que nos toca. Pelos annos que Prauncar succedeo no Reino de Camboya por morte do pai, como atraz fica escrito, reinava em Sião hum cruel, inquieto, e cobiçoso tyrano. Este sabendo, como vizinho que era, que alguns vassallos poderosos de Prauncar vivião descontentes de seu governo, e lhe fazião guerra, offereceo-lhe seu favor, e logo entrou por Camboya tão poderoso, que determinou fazer-se senhor dos que hia ajudar, e dos que elles querião defender. E assim cahirão os nescios, e traidores na rede que armavão a seu Rei, e senhor natural; e vierão a ficar cativos do que buscavão para valedor, e amigo, e não para superior. Porque marchando caminho da cidade de Angor, cabeça do Reino, não bastarão suas torres, e muros de fortissima cantaria, nem suas largas, e profundas cavas cheias d'agua, para defender, que não fosse entrada, e saqueada. Foi grande para se perder, achar-se Prauncar mal apercebido para esperar tamanho inimigo, e desemparal-a apressadamente.

Acharão-se no meio d'esta tribulação os Padres Frei Jorge da Mota, e Frei Luis da Fonseca, que poucos mezes havia, enviara áquelle Reino

a nossa Congregação, e forão recebidos por Prauncar com todo o gosto, e bom gasalhado, que suas cartas prometião, segundo temos contado. Salvou-lhes Deos as vidas de que não fazião conta. Mas forão levados cativos para Sião com todos os mais Portuguezes. E tal foi o caminho de miserias, e fomes, e todo outro máo tratamento, que forão experimentando bem quanto menos doe huma morte abreviada de alfange cortador, que a vagarosa de duro cativeiro. Mas como o mesmo trabalho he inventor de traças, foi imaginando o Padre Frei Jorge, que poderia succeder achar em hum tyrano vitorioso, e farto de imperios alguma piedade, se chegasse a fallar-lhe. Communicou-se com os companheiros. Tratarão de o armar com hum presente a uso da terra, que não sofre aparecer ninguem diante dos grandes com as mãos vazias: valerão-se a bom pagar de alguns Portuguezes, que já conhecião na terra. Frei Jorge tinha boa lingoagem, e ajudava-o huma presença autorisada com gravidade, e modestia. Abrio-lhe as portas a offerta, e deu-lhe Deos graça com o tyrano, para que tivessem fim os trabalhos presentes. Fallou palavras livres, de quem temia pouco a morte: mas a mesma liberdade agradou ao tyrano. «Soberano Senhor, disse, se és prudente, quanto venturoso, deves estimar, que hum escravo teu te falle as verdades, que os teus Principes, e grandes se não atrevem a dizer-te: porque são cativos de animo, se o não são de ferro, como eu. Fez-te Deos senhor de grandes terras, poz em tuas mãos os thesouros dos que os possuião: e elles mortos, destruidos, e acabados; tu só vivo, rico, são, e poderoso: e vivirás mil annos prosperamente. Venho a visitar-te, que caias na conta, e sejas agradecido a quem tudo governa lá d'esse alto Ceo. Sou teu escravo na sorte, mas filho no amor: escravo no estado, mas livre no entendimento. E como tal te digo, que não só és pouco agradecido aos infinitos beneficios, que com larga mão te tem esse Senhor communicado, mas chãamente ingrato. Perdoa-me a palavra. E a prova he só huma, e bem achada: que he trazeres presos seus Sacerdotes de dentro de Angor, e andarem muito tempo ha n'esta terra, e á tua vista humilhados, famintos, e maltratados. Se o sabes, he tua culpa, se o ignoras, de teus ministros. Mas seja de quem quer que fôr, sabete, que em remedial-a consiste crescerem tuas boas venturas, ou desandar a roda d'ellas: que Deos não dorme.» Mostrou el-Rei tanta satisfação do bom termo com que o Frade se deu a entender, que ficou fallando com elle desassombradamente. E sabendo que era Sacerdote, e hum dos que lhe apontara, mandou

logo melhorar em tudo a ambos: e por seu meio se alargou logo a prisão aos mais Portuguezes. D'alli em diante era chamado muitas vezes d'el-Rei, e ouvido d'elle com particular gosto. E cresceo tanto o favor, que tratou despachal-o para Malaca a procurar o resgate dos Portuguezes, que cativara em Camboya. N'este meio se aproveitou Frei Jorge da facilidade, que n'elle achava, pedindo-lhe licença para levantar altar, e prégarem a Christo, elle, e seu companheiro. E como acontece valer muitas vezes mais para com os Principes hum serviço por fazer, que muitos feitos, rendeo-lhe a occupação, para que e tinha despachado da ida de Malaca, deixar Igreja feita a Frei Luis, e faculdade larga para prégar, e bautisar, antes de sua embarcação.

Fez Frei Jorge sua viagem a Malaca, e de maneira negociou, o que levava a seu cargo, que el-Rei se houve por bem servido d'elle, e o passou tanto adiante em sua graça, que fazia mercês, e honras a muitos naturaes, e estrangeiros por sua intercessão: e emfim lhe deu a dignidade de trazer sombreiro alto, que só pertence a pessoas reaes. Mas não ha vento mais mudavel, nem mar mais inconstante do que he a valia das Côrtes, e a graça dos Principes. Bem se diz, que he maldito quem n'elles fia(1). Começou a ruina por inveja dos grandes. Queixavão-se de lhes ser avantajado em honras, e valia hum estrangeiro, serem tratados com esquivança os naturaes, e nobres, quando chovião mimos sobre hum Christão mal conhecido, e cativo seu. Forão estas queixas fazendo impressão no animo pouco firme do Rei. De sorte que se lhe começou a mostrar menos benevolo, e pouco a pouco o foi retirando de si. Ajuntarão os emulos força para acabar de derribar a quem vião abalado: accusarão de soberbos, e descomedidos os Portuguezes tratantes, que havia na terra. Porque em certa briga accidental, que com elles houve na cidade, succedeo sahir mal ferido hum soldado da guarda real: e referirão o atrevimento da briga, e das feridas; a confiança, que tinhão em Frei Jorge, fazendo-lhe calumnia da culpa não sua. Mas logo trouxe a desgraça muito peior caso, que pareceo fulminado do Inferno, para impedir a prégação, em que se procedia com tão bom pé, que corrião já muitas conversões, e muitos bautismos. Vivia na cidade de Odeah huma molher rica, e honrada da nação Japoa: que sendo seu marido, que tambem era Japão, ausente, recebeo a Fé, e se bautisou. Chegando o marido de fóra, com sua veniaga foi tanto o que sentio o feito,

(1) Proverb.

que instigado pelo Demonio, entrou pela Igreja huma Sexta feira de Endoenças, acompanhado de outros naturaes seus, e ferio de morte o Padre Frei Luis da Fonseca, que estava no altar, e fôra o que bautisara a molher: erão presentes como em tal dia, os mais dos Portuguezes, que havia na cidade. Tomarão a afronta por sua, derão todos sobre o matador, ficou passado de estocadas junto do que tinha morto. Inda que Frei Jorge não tinha no desastre mais parte, que muito sentimento da morte do companheiro, e do desacato feito á Igreja, e ao dia: e juntamente grande desgosto da arrebatada vingança, que á Religião não estava bem, e aos aggressores podia causar muita inquietação com os Gentios: comtudo juntando este successo á mudança, que no Rei era já muito descuberta; temeo com bom fundamento, que seus emulos lhe armassem por aqui alguma cilada, para acabarem de o tirar diante dos olhos. E foi cuidando como poderia sahir da terra a furto, e sem ser sentido; porque com a vontade do Rei, por certo tinha que nunca poderia ser. Deparou-lhe Deos, quando menos o cuidava, huma fragata, que vinha de Manilha, e n'ella hum Religioso da Ordem, Castelhano, por nome Frei Pedro de los Martyres: concertou com elle, que o esperasse na foz do rio: e pedindo licença a el-Rei para fazer visita ao Irmão do habito; enganou-o, como dizem, com a verdade: e ainda que foi mandado vigiar por muita gente, com tanta dissimulação, e sutileza procedeo, que diante dos olhos de todos se embarcou, e se fez á vela com elle, e chegou em paz a Malaca.

CAPITULO VIII

Entra o Padre Frei Belchior da Luz em Martavão. Vai a el-Rei de Sião enganado: fica com elle honrado, e favorecido; e alcança licença para fazer christandade: E leva por seu mandado provimento a Malaca: D'onde acodem outros Religiosos a continuar a prégação.

Assim acabou a vida Frei Luis da Fonseca: assim escapou Frei Jorge da Mota a sua. Mas foi o risco de Frei Jorge grande. Porque na fragata foi acommetido de quarenta embarcações da terra, com tanta ira do tyrano, que se havia por afrontado, e enganado, que jurava, se o colhia, o havia de frigir em azeite. Infame crueza, que usava com gosto, por castigo dos que o offendião: e tinha para o effeito grandes caldeiras, e

ministros particulares. Foi necessario aos da fragata, menearem bem as mãos, e fazerem o mesmo até os Frades, para se acabarem de safar do perigo. Porque a gente d'armada, como sabia, que se os não levava e el-Rei, havião de ter por paga as caldeiras, azeite e fogo, querião mais morrer pelejando, que tornar com a vida. Assim se diz, que ficarão mortos tamanho numero, que passa do que se póde crer. E se soube depois, que chegados a terra os que não tiverão lugar de morrer, forão todos presos, e gozou o barbaro muitos dias do passatempo de os ver frigir. Este mesmo medo foi o que espertou aos nossos, para se defenderem. E se bem escaparão, foi á custa de muitos mortos, e todos feridos. E com tudo não faltarão logo do mesmo habito outros aventureiros, que o bom espirito desprezador de mortes, e perigos levou ao mesmo porto, e posto. Dos quaes diremos alguma cousa para conclusão do que nos resta d'esta missão.

Poucos dias depois da venturosa fugida de Frei Jorge, aportou na cidade de Martavão o Padre Frei Belchior da Luz, despachado do novo Convento de São Domingos de Bengala, de que ao diante diremos, para as terras de Arracão, a petição do Rei d'ellas. Tanto que o Governador de Martavão teve noticia de ser entrado no porto Frade do habito, e côres de Frei Jorge; como estava informado do modo com que se auzentara, e do desgosto que el-Rei com isso recebera, determinou colhel-o com manha, e mandal-o á Côrte, para que, se quizesse, desafogasse n'elle sua paixão. Mandou-lhe dizer, que tinha recado d'el-Rei, que folgaria de fallar com elle, que devia dar-lhe aquelle gosto, pois o podia fazer sem perder viagem, se lhe não désse pena a detença de hum caminho bem assombrado, e breve. Não se fez de rogar o Frade; porque estava ignorante do que era passado com Frei Jorge. Antes fazendo discurso, que porventura se lhe abriria alli porta para maior sementeira, que a que vinha buscando, poz-se desassombradamente ao caminho da terra, com os olhos em Deos, por cujo serviço começara o do mar. Ficou-se finando de riso o Gentio da innocencia do Religioso: e porventura fazendo conta, que lhe valeria mercês a falsa fé, com que o enviava. Mas bem se diz, que os corações dos Reis estão na mão de Deos. No ponto, que el-Rei vio a Frei Belchior, perdeo toda a raiva que tinha contra Frei Jorge; porque ainda que o sembrante retinha algum rasto d'ella, foi só n'este primeiro ponto, e encontro. Considerava a singeleza, com que o pobre Frade acudira a menos, que hum aceno seu. Que ainda foi menos que aceno, o

que só foi falsidade, e engano do Governador de Martavão. E conjecturando d'aqui sua boa alma, deu-se por obrigado, não só a tratal-o bem, mas a fazer-lhe mercê. Juntou-se dizerem-lhe, que não ousava a sahir de casa, temeroso dos successos, que já sabia de Frei Jorge, como sisudo, e modesto. Quando segunda vez tornou a aparecer diante d'elle por seu mandado, o recebeo com muita affabilidade; e fallando com os seus, tratava d'elle como de homem, que tinha por virtuoso, e discreto. De tudo tomou Frei Belchior occasião para tentar, se podia haver licença para prégar, e abrir Igreja. Porque se a não alcançava, queria escusar perder mais tempo na terra, e passar, se lh'o não impedissem, onde fosse de algum proveito. Encommendou muito o negocio a Deos, e a nossa Senhora do Rosario. E buscando sua offertazinha ao uso da terra, onde sem levar diante não he costume pedir-se nada, entrou a el-Rei, e tratou confiadamente o que levava em seu animo. E foi o Senhor servido, que nem desprezou a dadiva por pequena, nem se mostrou difficultoso no requerimento. Reconheceo no presentinho pobre hum animo cheio de respeito do que se devia a sua Pessoa Real; e juntamente dezejo de poder offerecer muito, em quem não era chatim, nem de seu possuia mais que o Breviario. Mostrou com real benignidade, que estimava tudo, mas muito mais a vontade, que n'aquella pobreza enxergava. Fallou com elle devagar. E sobre o favor da boa sombra, que nos Reis cativa mais que todas as riquezas, que podem dar, mandou vir peças de sua recamara, que de sua mão lhe foi dando. Nunca subira á imaginação do Frade poder alcançar mais d'aquella visita, que a licença pertendida, com que se havia por bem pago. Quando sobre o bom despacho vio el-Rei metido em o querer enriquecer, e com cousas não ordinarias, senão de muito preço: não se atrevia a dar credito aos olhos no que ouvião. E dizia-lhe: «Magnificentissimo Principe, que não só do grande grande Imperio de Sião, mas do mundo todo mereces o senhorio: Depois de tamanha mercê, como me tens feito, que eu estimo mais, que se me deras hum Reino inteiro: peço-te, que escuzes mandar-me receber ouro, nem pedraria, que estou havendo medo, que os que me virem tuas joias, ou me julguem por grande cobiçoso, por querer de ti mais riquezas, que as de tua graça: ou por mui indigno do habito de Religião que trago. Pois sendo (como he) obrigação minha seguir voluntaria, e perpetua pobreza, e não possuir cousa nenhuma de valia sobre a terra, nem os olhos devo pôr n'ellas, quanto mais as mãos. Basta para hum

pobre Frade, que deixou tudo por Deos, huma curta pitança, com que passar o dia. Riqueza, e copia de peças, he carga, he cuidado, he culpa; com teu perdão não hão de hir comigo. Aqui hão de ficar». Não ha cousa, que mais mal tomem os grandes do mundo, que hum encontro do que tem por razão, ou por gosto. Ficou el-Rei desabrido com Frei Belchior. E tanto que de sua presença sahio, lhe mandou significar por hum ministro, que, não havendo de aceitar o que lhe fazia mercê, podia escusar hir mais diante d'elle. Porque hum Rei de Sião, por muito que désse, nunca ficava pobre. E elle em não abraçar com ambas as mãos, e pôr na cabeça, o que lhe dava quem lh'o podia dar, e dava com gosto, se mostrava mais hypocrita que virtuoso; mais presumptuoso, que cortez. Foi necessario ao Frade d'alli em diante trocar estilo, e condição, e agasalhar quanto el-Rei lhe dava; e fingir gosto com o que não estimava. Acho escrito, que importarão as dadivas, que recebeo em pouco espaço de tempo, de seis para sete mil cruzados: afora muitas graças, que por seu meio fez a outra gente, principalmente Portuguezes. E até a fabrica da Igreja, que se havia de levantar, quiz que fosse á custa da Fazenda Real.

D'esta maneira foi o Senhor servido restaurar segunda vez Igreja, e prégação em Sião, quando parecia estar de todo acabada; que estes são seus poderes. Não duvido, que clamava por misericordia para aquella terra o sangue, que primeiro a banhou do bom Padre Frei Jeronymo da Cruz, e dos que depois o seguirão; como n'outro tempo requeria vingança contra o de seu irmão o do santo Abel. Foi el-Rei continuando nas mostras de amor com Frei Belchior; e veio a estender sua liberalidade, que na verdade era grande, a o despachar para Malaca com hum fermoso junco, carregado de arroz, para provimento da cidade, e esmola do Convento. O que nos constou por copia de huma carta, que veio á nossa mão do mesmo Padre, escrita aos Religiosos de São Domingos de Malaca, andando para se embarcar. Na qual lhes dá conta, e novas de si, e da terra, e lhes faz a saber, como o Rei o tinha despachado com o provimento que temos dito. Escusamos lançar aqui a carta por encurtar leitura: basta colhermos d'ella, que era feita em dezaseis de Outubro de 1602. E que corria por tres annos, que partira de Goa, e andava n'aquellas peregrinações.

Não he para esquecer para louvor d'este Rei, que succedendo cahir em huma perigosa doença: e temendo-se Frei Belchior, que haveria por

sua morte grandes alteraçées, como de quem alcançara o reino á força de braço, e armas: na hora que vio, que o mal dava mostras de mortal, despejou caladamente a terra, e passou-se ao porto de Tanassarim D'onde, quando tornou, que foi depois que teve novas que el-Rei melhorava, achou n'elle queixas, e desconfianças amorosas, mais como de pessoa igual, que sentia faltar-se-lhe com a correspondencia de affeição devida, que de superior, e senhor, que a pudera castigar: E foi continuando nos beneficios. De sorte que a conversão procedia com fruto, e deu occasião de acudirem a ella depois coadjutores em numero. Entre os quaes achamos contados os Padres Frei Pedro Lobato, Frei Jeronymo Mascarenhas, Frei Jeronymo de São Domingos, pessoas de conta em letras, e virtude: e com elles Frei João do Espirito Santo, que lá morreo; e Frei Diogo Duarte, Castelhano, conventual de São Domingos de Manilha. Do Padre Frei Belchior nos conta Frei João dos Santos na sua Ethiopia(1), que tornando depois a Bengala, e andando em aquelles rios em serviço da Christandade, se perdeo, e afogou em hum d'elles.

CAPITULO IX

Da viagem, que o Padre Frei Francisco d'Annunciação fez a Sião; e a outros Reinos por serviço do Estado da India, e bem da Christandade: e de sua assistencia no Reino, e fortaleza de Sirião, e Pegú.

Ainda nos torna a levar de novo a Sião outro Religioso d'esta Ordem, espirito incansavel, e constante em trabalhar, tanto na obrigação de seu instituto, como no beneficio temporal da Republica. Por onde lhe podemos bem dar o nome de Ambidexter, quero dizer, de homem que jogava, e sabia jogar de ambas as mãos. Mas para virmos a contar os empregos de sua vida, creio que dará algum preço á historia, e a fará melhor entendida, infiarmos com ella hum desastrado, e lastimoso caso de homem nosso conhecido; e honrado, que servirá para exemplo das inconstancias, e miserias da vida, e do triste fim em que ordinariamente parão suas mais levantadas felicidades. Depois da destruição e perda universal do imperio dos Bramás, e Pegús, causada pelo desconcertado governo do mesmo Emperador Bramá, avó d'el-Rei de Ová, que hoje he d'elle absoluto senhor, excepto os Estados do Lajão, Sião,

(1) Fr. João dos Santos liv... cap. 10.

e Arracão, que ficarão com seus Principes particulares, nenhum d'estes nem outro vizinho se atreveo a chegar mais á cidade metropoli de Pegú, nem povoar os Reinos de Pegú, e Sirião. Per maneira que a cem legoas da cidade ficou tudo tão deserto, e devoluto, que por maravilha se achavão quatro naturaes juntos, senão era embrenhados no coração das serras. Estando as cousas n'este estado pareceo a el-Rei de Arracão, que lhe seria de proveito assentar huma feitoria de fazendas, e mercancia no porto de Sirião, para ter trato com os Reis vizinhos. He Sirião huma grande ilha ao longo da costa de Pegú; de sessenta legoas em roda, e trinta de largo: e faz hum bom Reino. Buscando a quem entregar o cabedal, e meneio da feitoria, não achou pessoa de quem com mais razão se pudesse fiar, que Filippe de Brito de Nicote, Portuguez geralmente havido por homem verdadeiro, e de bom proceder: e que ao mesmo Rei não devia menos que a vida. Porque estando cativo em Chandecam, e suas cousas no estado, que se tratava de o pôrem na forca: elle lhe valeo para ter vida, e liberdade. Devia, a meu parecer, juntar-se a esta obrigação, haver o Rei, que por Portuguez, e á conta de nossas armas, seria mais respeitado do grande poder de Ová; poder que de todos se fazia temer então. Posto o Brito no cargo, descubrio saber, e industria, e de maneira foi meneando as mãos, que juntou com o cabedal alheio muita riqueza, e bastante poder para entrar em pensamentos de fundar huma fortaleza, não só para guarda do que tinha adquirido; mas para fins, e intentos mais altos. O que logo foi pondo em effeito, dando a entender a quem o armara, e puzera em pés, que o fazia á conta de segurar sua pessoa, e feitoria de alguns ladrões do monte. Começou a fabrica ao descuido por muros de taipa, para menos suspeita: logo foi metendo cunhaes de ladrilho, com seus baluartes, e revezes. Emfim apareceo feita praça defensavel, com provisão de gente, e munições. De sorte que começou a dar cuidado a quem fôra seu amo, e aos mais Reis comarcãos. Mas não parou aqui o brio, e ambição, que nasce da riqueza. Tendo Filippe de Brito subido de condemnado para a forca a Ministro Real, inda que de Rei Gentio; e de pobre mercador a rico, e poderoso Capitão de guerra: para passar adiante, e se isentar de seu amo, tratou de se arrimar ao poder do Estado da India. Era entrado por Viso-Rei no anno de 1601 Ayres de Saldanha. Vai-se a elle, deixando em seu lugar Rodrigo Alvares de Siqueira com cento e sincoenta soldados de presidio, offerecendo-lhe a fortaleza em nome d'el-Rei de Portugal,

e faz-lhe menagem d'ella, e torna acrescentado em titulo, e honras de Capitão d'el-Rei D. Filippe, e quasi genro do Viso-Rei, que lhe deu por molher huma sobrinha sua, filha natural de Manoel de Saldanha seu irmão. Juntou-se-lhe nova honra: porque alcançou de Portugal por mercê d'el-Rei brasão de armas, e fidalguia: e começou a nomear-se em seus papeis por primeiro fundador da fortaleza de Santiago de Sirião, e Capitão geral da conquista dos Reinos de Pegù.

Antes que fosse aceitada a fortaleza para o Estado, poz-se em consulta de letrados se podia el-Rei de Portugal com boa consciencia fazer-se senhor d'ella? E não faltavão bem fundadas contradições. Emfim buscou-se hum direito, que tirou os escrupulos; concordando os votos, que se el-Rei de Jangomá a quem pertencia o imperio de Pegú, como a irmão, e ligitimo herdeiro, que era do Emperador, que o possuira e perdera, désse seu beneplacito para que o Estado a possuisse, como estava certo daria. Porque o Viso-Rei se obrigaria a o ajudar a cobrar seu imperio em tal caso, se tomasse posse d'ella; offerecendo-se juntamente a Jangomá, que ficaria com a ametade de todos os rendimentos da alfandega, que em Sirião se assentasse. Para levar esta embaixada escolheo o Viso-Rei a pessoa do Padre Frei Francisco d'Annunciação, Conventual de S. Domingos de Goa. São as terras do Jangomá mui afastadas da India: e dizem os naturaes, que confinão com a Tartaria. Fez Frei Francisco animosamente a jornada, e com bom successo. Achou bom gasalhado no Rei, que soube estimar ver em suas terras hum Sacerdote Christão; e era o primeiro, que n'ellas tinhão visto aquellas gentes. E quanto ao negocio, alcançou d'elle para Estado da India a ilha, e reino, e fortaleza de Sirião, com doação livre, e tão liberal, que até a parte da alfandega offerecida largou: dizendo prudentemente, que era arvore nova, e de fruto incerto; que se algum dia viesse a dar muito, então consentiria que Filippe de Brito partisse com elle.

Tornando Frei Francisco d'esta jornada, ficou na fortaleza de Sirião com cargo de Visitador dos Frades de S. Domingos do Sul, e Commissario do Santo Officio do anno de 1604 em diante. Aqui tratou logo de levantar sua Igreja, e prégar, e bautisar. E sem embargo d'estes officios, temendo-se a fortaleza de inimigos, se embarcou a rogo de Filippe de Brito para Goa a pedir soccorro ao Governador. E navegando por mar até Meliapor; passou d'alli a Goa por terra, atravessando com muito risco todo o Reino de Bisnagá, e terras do Idalcão: e alcançou do go-

vernador, que era o Arcebispo Primaz Dom Aleixo de Menezes, gente, e munições, com que fez volta na força do inverno: e chegou a tempo que tinhão levantado cerco de sobre a fortaleza os tres Reis de Arracão, e Ramú, e Tangú. Levou tambem huma provisão do Arcebispo Governador, na qual declarando, que os Frades de S. Domingos forão os primeiros Prégadores do Evangelho nas terras de Pegú: pela mesma razão dizia, que em quanto n'ellas residissem, tivesse o Presidente da casa o cargo, e titulo de Pai dos Christãos, e houvesse com elle certo ordenado, que Sua Magestade costuma a mandar dar na India, para sustentação dos Cathecumenos.

Tratando-se depois de pazes entre Filippe de Brito, e el-Rei de Arracão, foi Frei Francisco no anno de 1607 assental-as dentro á cidade de Arracão: e levou a el-Rei seu filho herdeiro, que em hum recontro das guerras passadas ficara cativo dos nossos: e na jornada procedeo tão desinteressadamente, que fazendo-lhe el-Rei mercê de humas aldeas em Dianga, que valião grossa renda, que fossem para elle, ou para quem elle quizesse: o bom Padre as não quiz aceitar, se não fossem aplicadas para o Convento da Ordem, que em Sirião se hia fazendo: causando maravilha no Rei, e nos seus ver hum animo tão isento de cubiça.

Passados dous annos foi tambem ao Reino de Tangú fazer pazes com elle, no anno de 1609. E aqui resgatou muitos filhos, e filhas de Christãos antigos, que estavão já tornados Gentios. E fez jurar a paz a el-Rei com suas solemnidades, e depois lhe prégou a Fè a elle, e aos seus, e os deixou tão affeiçoados a ella, que lhe pedirão imagens de Christo, e de nossa Senhora, que Filippe de Brito lhes mandou. E o Rei deu licença larga para Igreja, e prégação.

Estava com estas jornadas o Padre Frei Francisco tão reputado entre os Reis Gentios do Sul, que el-Rei de Sião andando n'este tempo em grandes quebras com os Portuguezes, e dezejando todavia por seus particulares interesses pacificar-se com o Estado; mandou por duas vezes a Sirião pedir-lhe, quizesse hir-se ver com elle á sua cidade de Odeah. O que emfim veio a fazer. E valeo sua hida para libertar a Gaspar de Siqueira, Capitão da viagem de Choromandel, que lhe fôra com certa embaixada do Estado. E a Diogo Rodrigues Navarro, que tinha em aspera prisão por hum leve desgosto, que lhe dera: e muitos outros Portuguezes mercadores, que tinha retidos, que logo despedio: e se forão cada hum por sua via em proseguimento de seus tratos. E sobre tudo

com gosto d'el-Rei levantou altar, e prégou, e converteo, e bautisou alguns Sioneses, e Japões. E para mais merecimento da jornada, foi Deos servido, que da volta, que fez em cabo de muitos dias, se veio a perder, com tudo o que trazia para seu Convento, defronte da mesma fortaleza de Sirião, no macareo. Chama-se macareo aquelle impeto, com que por esta costa enchem, e vazão as agoas do mar. Tal he a força, tamanho o arrebatamento, e violencia com que descem, e sobem, que de qualquer força, que colhem os navios, senão he com a proa direita, e muito cuidado contra a corrente, de nenhum modo escapão de trabucados. Tinha o pobre Religioso pelejado n'esta jornada com muita doença em terra, faltava-lhe andar a braços com as ondas do mar: salvou se quasi por milagre. De todos estes trabalhos vierão á minha mão certidões, passadas pelo mesmo Filipe de Brito, que foi causa da maior parte d'elles.

CAPITULO X

De hum prodigioso caso, que lhe passou pelas mãos ao Padre Frei Francisco d'Annunciação, residindo em Sirião: dá-se conta do desastrado fim do Capitão Filippe de Brito: torna Frei Francisco a Sião, e Arracão em serviço do Estado.

Residia o Padre Frei Francisco d'Annunciação na fortaleza de Sirião, procurando não só levantar, mas ornar o Convento, e Igreja d'ella. E acudindo a todo seu poder a grande numero de Gentios, que concorrião para a ilha depois do assolamento de Pegú. Para os hir dispondo, e ganhando-lhes as vontades para a conversão em que entendia com alguns Religiosos, que de ordinario o acompanhavão, tres, e quatro. Succedeo em meio d'esta occupações, que estando hum Domingo de Ramos para fazer o Officio, e dizer Missa ao povo, se chegou a elle hum homem, e lhe disse, que em huma aldea perto estava espirando huma minina Gentia: foi á pressa, com dezejo de salvar aquella alma com o santo bautismo. Quando chegou vio-a toda desfigurada, e com huma apoplexia, que lhe tinha torcido feamente a boca, e olhos: a mãi chorando-a por morta, e as parentas dando-lhe culpas por em tal caso não acudir ao remedio do talanho, que todas usavão. Chama esta gentilidade talanho, hum genero de sacrificio com que em suas necessidades se soccorrem ao Diabo. Perguntou o Vigario se lhe davão licença para a bautisar. Con-

sentindo o pai, inda que a mãi contradizia, tomou o Vigario a estola, e ao tempo, que se baixava para lhe lançar a agoa do santo bautismo, levantou a rapariga a mão (seria de sinco annos, e jazia como morta nos braços da mãi) e assentou-lh'a no rosto com tanta força, que parecia bofetada prodigiosa, e diabolica. Todavia foi maior prodigio, que na hora que esteve bautisada, se levantou livre totalmente do accidente, e com a boca, e olhos em seu lugar, e pedio de comer. Foi grande o pasmar dos Gentios. Mas não parou aqui o caso. Tinha dito a mãi, quando vio bautisada a filha, que se tivesse saude prometia bautisar-se com toda sua casa. Pedio-lhe então o Vigario cumprimento á palavra, dizendo, que pelo menos lhe deixasse bautisar outra, que alli havia de peito. A estas palavras levantou a minina o rosto com geito de quem não queria consentir. E o Vigario disse-lhe na lingoa da terra, se queria ser Christão? parece, que infundio Deos virtude n'aquellas palavras. Porque respondeo muito depressa, e clara, e distintamente: Sim, Padre. Vendo cousa tão nova Portuguezes, que erão presentes, e Gentios, em huma criança, que não tinha mais que seis mezes de idade, louvarão a Deos com espanto: e o Vigario com alegria de todos bautisou-a logo, pondo-lhe o nome de Magdalena; porque á maior o tinha posto de Domingas. Fez obra o successo nos animos dos pais de maneira, que aos oito dias vierão á Igreja, pedindo o bautismo, que lhes deu, chamando a elle Gonsalo, e a ella Maria. Apoz elles veio tambem huma cunhada com filhos, e filhas, e foi batisada com todos. E se seguirão outros muitos obrigados do caso das mininas. Das quaes se affirma, que a menor ficou d'aquella hora começando a fallar.

Mas era já tempo, em que a fortuna queria fazer ultima representação da miseravel tragicomedia da vida de Filippe de Brito. Governava sua fortaleza com a mór gloria, que homem particular nunca alcançara; cheio de riqueza, e respeitado dos Reis vizinhos; e tão senhor do Reino de Sirião, que só lhe faltava a coroa, e titulo de Rei, quando acabou hum dia com tudo quanto tinha. Veio sobre elle com hum poderoso campo el-Rei de Ová: e por muito, que trabalhou em se defender com esforço, e desesperação, emfim foi entrado, vencido, e preso, e logo enforcado, e a fortaleza posta por terra, sua molher cativa, e levada ás terras de Ová, com os poucos, que escaparão dos assaltos. E ficarão as cousas d'este homem, como se forão hum sonho, ou sombra de sonho: que outra cousa não he tudo o da vida. Succedeo esta perda no anno de 1613. E não

colheo ao Vigario geral Frei Francisco, por ser ido a Goa na conjunção, que veio o cerco. Mas acharão-se n'ella os Padres Frei Manoel Ferreira, e Frei Gonsalo, por alcunha o Ganço: dos quaes os infieis alancearão logo com furia infernal o Padre Frei Manoel: e o outro levarão cativo.

Entrando o anno de 1616 foi tornado a mandar a Sião o Padre Frei Francisco d'Annunciação pelo Viso-Rei Dom Jeronymo d'Azevedo: a razão, que teve para o mandar, e a importancia do que foi negociar, nos especifica huma certidão do mesmo Viso-Rei, que inda que passada depois de deixado o cargo, tem bastante credito, e por isso irá aqui copiada, e he a seguinte:

«Dom Jeronymo d'Azevedo, do Conselho de Sua Magestade, etc. Certifico, que sendo Viso-Rei d'este Estado, mandei ao Padre Frei Francisco d'Annunciação, Religioso Prégador da Ordem de S. Domingos, ao Sião, em tres de Maio de 616, a effeito de tratar amizades fixas com o Rei, e a persuadil-o, e fazer com elle, mandasse a seus vassallos, que fossem a Malaca com juncos de fazendas, e mantimentos, como antigamente hião; pelo muito que importa para bem, e segurança d'aquella fortaleza o tal commercio; e tratar juntamente o modo, como se havia de sustentar, e defender a fortaleza de Martavão, que o dito Rei offereceo a este Estado, por carta sua, e seus enviados: e que vindo o Rei em todas as cousas, que mandava tratar com elle, mandasse a esta cidade algum Fidalgo de sua Corte grave, e pratico, para se assentarem, e concluirem de todo estes negocios, e amizade. O que tudo aceitou o dito Padre fazer, por lh'o eu pedir, e a sua obediencia lh'o mandar, e por ser muito zeloso do serviço de Deos, e de Sua Magestade. Fez muito inteiramente tudo o que lhe mandei, como varão de muita prudencia, e virtude; fazendo com o Rei, que mandasse juncos á fortaleza de Malaca, com fazendas, e mantimentos, e chumbo, assim seus, como de Portuguezes, como em effeito mandou. E finalmente trouxe comsigo os Embaixadores do dito Rei de Sião, para effeituarem, e concluirem de todo esta amizade; e depois passarem com o dito Padre a Portugal, com carta, e presente para Sua Magestade. E por me constar de tudo, o que n'esta digo, lhe passei esta certidão para bem de sua Religião: e juro aos Santos Evangelhos ser verdade. Em Goa, 2 de Fevereiro de 618.

Dom Jeronymo d'Azevedo.»

Passados alguns annos no 1620 se apresentarão em Goa tres Embaixadores d'el-Rei de Arracão, que vinhão mandados a pedir paz ao Viso-Rei Dom João Coutinho, Conde do Redondo: e por ser falecido, fizerão sua embaixada ao Governador Fernão d'Albuquerque, que lhe succedeo, e com elle fizerão solemne assento de pazes. E por ser conveniente acompanhal-os na volta huma pessoa de authoridade para assentar com el-Rei alguns pontos, que os Embaixadores para elle reservarão, chamou o Governador ao Padre Frei Francisco d'Annunciação, e lhe encommendou o cargo, dando-lhe juntamente commissão, e poder para eleger Capitão dos Portuguezes, que residem no porto grande de Bengala, huma pessoa de satisfação sua, e que o fosse tambem da do Rei da terra. Compoz o Padre tudo de sorte, que com ficarem as cousas muito em prol do Estado, libertou de cativeiro sessenta Portuguezes, moradores do porto pequeno de Bengala: os quaes o Arracão tinha em ferros, por haverem seguido contra elle as partes do Grão Mogor; que por outro nome chamão Aquebar, nos movimentos, e guerras passadas.

CAPITULO XI

Da hida que o Padre Frei Gaspar d'Assumpção fez a Bengala: Igreja, e casa que edificou: e successos que n'ella houve, até ser destruida por infieis, e tornada de novo a levantar.

Como nossa tenção he fazer memoria não só das casas em que de presente a Ordem de São Domingos serve a nosso Senhor de assento n'este Oriente; mas tambem de todas aquellas, em que algum tempo trabalhou: por essa razão vamos proseguindo as jornadas, que achamos fizerão a esta conta os Religiosos d'ella: e as casas que fundarão, inda que não permanecerão. Nas quaes não podemos guardar mais ordem, que tratar primeiro d'ellas, como vamos fazendo: e em segundo lugar diremos, das que hoje durão. He Bengala huma das mais abundantes, e ricas provincias de tudo o que a terra de si produz, que ha em todo o Oriente; e por ser tal, acodem a ella todos os homens, que por casos feos, ou costumes damnados não cabem entre os seus. Porque em chegando a Bengala, logo tem vida, e remedio, quer sigão a mercancia, quer as armas. E como a terra he de Gentios, quem era devasso na dos Christãos, fica com larga estrada para o Inferno. E assim reinava entre hum grosso numero de Portuguezes, que

n'ella de assento moravão, hum miseravel, e geral desenfreamento em todo o vicio. E era Bengala hum couto de facinorosos, e desalmados, quando o Senhor piadoso poz os olhos de sua misericordia em tanta miseria, e moveo os corações d'aquelles, que entre elles tinhão melhor lugar, a que buscassem remedio. Foi o meio despacharem cartas ao Vigario geral da nossa Congregação, escritas com grandes instancias, e mostras de verdadeira christandade, pedindo-lhe ministros de Sacramentos, e prégação, e doutrina. Commeteo o Prelado a empresa, que pareceo muito digna da Ordem, aos Padres Frei Gaspar d'Assumpção, e Frei Belchior da Luz. Tomou á sua conta o Padre Frei Gaspar, considerando com animo cheio de piedade, que serviria a Deos, se pudesse desviar estas almas do caminho da perdição, em que vivião. E fazia conta, que quando depois de grandes feitios, não ganhasse mais, que huma só para o Ceo: assaz ficava interessando diante d'aquelle Senhor, que por sua infinita bondade, manda fazer festa a todos os Anjos por huma só que se converte. Tomada licença do Prelado, caminhou para Bengala. Entra em Dianga. Foi isto, segundo a conta mais acertada, pelos annos de 1601; inda que não falta quem a passa dous annos adiante ao de 1603 (1). Juntão-se os moradores alegres com sua vinda, e dezejosos de verem no mesmo dia começado o que tinhão requerido, fazem carretar madeira, palha, e esteiras, que são os materiaes tumultuarios, que a terra, e monte offerece; porque não dá pedra, nem cal: levantão brevemente huma Ermida, não pequena, que havia de servir a muitos freguezes. Juntão-lhe pobres aposentinhos com sinco cellas. Põem-se no altar cheio de bom espirito o Padre Frei Gaspar, celebra aquelle mysteriosissimo, e divinissimo mysterio, memorial, e principio de todo nosso bem, remedio, e fim de todos os males, á vista de idolatras, e d'aquelles, que sendo nascidos no gremio da Igreja Catholica, andavão mais culpados, e mais infernados, que muitos d'elles. Acudião todos huns sobre outros, ao que já quasi não conhecião, senão por reminiscencia. Hião tornando em si, e vendo, que os buscava o mesmo Deos, de quem andavão voluntariamente fugidos, cahião muitos na conta de suas miserias. Fazião-se confissões, e penitencias. Melhoravão-se vidas. Já Frei Gaspar dava por mais que bem empregado seu trabalho.

Veio-se juntar com o Padre Frei Gaspar hum Prégador de nome, vindo de Meliapor, onde residia, chamado Frei João das Chagas. Não

(1) Fr. João dos Santos, liv. 2. cap. 10 da Christandade Oriental.

nos consta se era o mesmo, de quem fallámos em Solor, se outro do mesmo nome. Hia no cabo o mez de Setembro do anno de 1602: determinou prégar na festa de São Miguel. Acudirão todos ao prégador novo. E elle, como quem sabia com quem o havia, e vio a occasião, que lhe dava o Evangelho da festa nas palavras do Senhor: *Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in Regnum Cœlorum.* Querem dizer: Se por obra não tornardes ao estado de mininos pequenos, não entrareis no reino dos Ceos. Levantou os conceitos, esforçou o estilo, e lingoagem, encarecendo esta divina sentença com tanto espirito, que fez effeitos de fogo em todo o auditorio, abrazando os corações em amor de Deos, e em dôr, e compunção de peccados, que os peitos testemunhavão com gemidos, e soluços, e os olhos com lagrimas. Cousa tão nova para aquella terra, que os mesmos Portuguezes se espantavão de si. E os naturaes costumados a não ver, nem ouvir entre elles, senão brigas, roncas, e ferocidades, estavão encantados com aquelles penhores de humanidade, e brandura. Mas tudo se houve por pouco, quando, acabado o sermão, virão lançado aos pés do prégador hum dos ouvintes, que o fôra só por companhia, ou curiosidade. Porque era tal no estrago da vida, e consciencia, que, perdida a vergonha a Deos, e ao mundo, se sabia publicamente, que havia doze annos que se não confessava. Ficou o prégador sobresaltado; porque tinha noticia de seu máo estado. E o penitente conhecendo, que não era crido, nem o merecia ser, valia-se com nova submissão das Chagas do bom Jesu, pedindo-lhe por ellas o quizesse ouvir de confissáo, e remediar. e curar hum peccador, que em nenhuma parte de sua alma sentia cousa sãa. Levantou-o nos braços o prégador, imitando o bom pai do Prodigo, animou-o, consolou-o. Assentarão hora para a confissão. E foi ella tal, e taes os effeitos, que a seguirão, que se deixou bem entender a olhos de toda a terra, que fôra obra do Espirito Santo. Porque trocou o trato, emendou a vida, continuou os sacramentos. E como todo homem costuma amar o lugar, onde alcançou alguma boa ventura, ficou com affeição, e devação perpetua ao habito de São Domingos.

Declarou o mesmo prégador por fim do sermão, que no Domingo seguinte, que era o primeiro de Outubro, determinavão os Padres fazer a festa, e procissão de nossa Senhora do Rosario, que n'aquelle lugar de Dianga se não fizera nunca. Apontou algumas das mercês, e graças, com que a Senhora enriquecia seus devotos: e as grandes indulgencias,

que se ganhavão, concedidas pelos Summos Pontifices. Pedio, que se aparelhassem todos para as receberem dignamente. Como a gente ficou obrigada do movimento, que em todos tinha feito a prégação, acudio tanta a se confessar na pobre casinha, que tres dias antes da festa não sahirão dos confessionarios quatro Padres, desque amanhecia até anoitecer. E acontecia entrar-se pela noite. E quando foi o dia da festa, se affirmou, que commungarão n'ella mais de quinhentas pessoas. O que foi notado, e advertido por hum Padre da Companhia de Jesu, que a rogo dos nossos aceitou a prégação do dia: affirmando que nunca tal vira em Bengala.

Quiz a Senhora do Rosario honrar sua festa com desviar hum desastre, que esteve armado para grande desconsolação dos Padres, e perda dos seculares. Estava a casa por dentro, e por fóra, nos lugares que a procissão havia de correr, paramentada de todo o bom que havia em Dianga, de sedas, e alcatifas, e joias dos moradores mais ricos. Tinhão os Religiosos ordenado huma charola para nosso Padre São Domingos, em que amontoarão, porque não hia outra, hum thesouro de peças de ouro, e pedraria, humas pendentes, outras que guarnecião os balaustes: das mais ricas se via cercada a capa, e habito do Santo. Estava inda a Igreja cerrada: eis que, sem se saber como, de huma vella, que perto ardia, salta fogo na charola, e prende por onde era guarnecida de algodão. O tempo seco, a materia disposta, fez lavrar o fogo como polvora, e lançar a lavareda ao alto da casa, que sendo, como era, tecida de canas, e palha, não se duvidava de lastimoso incendio. Acudirão os Padres cheios de pavor, a abafar a chamma da charola, com alcatifas, para atalharem communicar-se a armação das paredes. Subirão escravos, e criados ao telhado, todos chamando por nossa Senhora. Acudio ella com seu bemdito soccorro. Porque remediada a charola com diligencia; a lavareda, que andava ateada no tecto, que força humana já não podia vencer, subitamente se apagou por si, e antes que chegassem a ella os criados. E não houve perda, nem damno de consideração.

Mas que diremos aos juizos divinos? Não passarão trinta dias, que se não visse abrazada a Igreja, e casa, sem ficar cousa em pé. Parece que o primeiro fogo de paz, e descuido, foi agouro de segundo, de guerra e cuidado. Entrou el-Rei de Arracão no porto com huma poderosa armada: acommeteo de subdito a terra desapercebida, alem de por si ter pouca força, assolou tudo. Valeo aos Religio-

sos, recolherem-se a huma não de força, que estava no porto. Onde tiverão bebida a morte por muitas vezes em medo, e sobresaltos: até que se moveo pratica de pazes, e com ellas o mesmo Rei inimigo foi o que poz condição d'ellas, que ficassem os Frades na terra. E chegou a fallar-lhes elle em pessoa, e rogar-lhes, que a não desemparassem: julgando, que nunca teria paz segura com aquelles Portuguezes, se ficassem desacompanhados de Sacerdotes, e em particular dos de São Domingos, que mostrava estimar, e ter em grande conta. E tratava d'este particular tanto de verdade, e vontade, que á sua custa nos mandou fazer Igreja, e casa nova. E vio-se na pressa da fabrica o poder, e gosto, com que se fazia. Porque quando veio o dia de nossa Senhora da Purificação por Fevereiro do anno seguinte de 1603, disserão os Frades n'ella a primeira Missa. Era novo Vigario o Padre Frei Manoel da Gama, filho do Convento de Cochim, que deixando em seu lugar o Padre Gaspar de Andrade, se partio para Seripur a sacramentar os Portuguezes, que alli residem. E para o mesmo effeito, mandou a Bacalá o Padre Frei Francisco do Avelar. Porém no meio d'estes bons officios despedio o Padre Frei João das Chagas a informar o Vigario geral dos perigos de guerras, e traições d'aquella residencia, e da pouca defensa que tinha. D'onde nasceo mandar-se largar: e não assistirem já hoje em aquellas partes Frades de São Domingos.

CAPITULO XII

Dos Conventos, Vigairarias, e mais Igrejas, que a Congregação de S. Domingos tem nas partes do Sul.

Agora he tempo de lançarmos a fio todos os mais Conventos, Casas, e Vigairarias, que a Congregação tem n'este Oriente. E pois com as referidas nos achamos da banda do Sul, diremos primeiro das que n'ella nos restão; e depois passaremos ao Norte. A razão que ha para tal divisão, nasce de que toda a costa da India corre direitamente de Norte a Sul, não fazendo conta das pontas, que lanção ao mar, nem das enseadas com que se retira. De maneira que por toda ella se lhe levanta o sol sobre a terra, e desce a esconder-se no mar. E como a ilha, e cidade de Goa, cabeça, e metropoli de todo o Estado, que os Portuguezes possuem n'ella, jaz na mesma costa: a respeito da mesma cidade, e ilha contamos o sitio de todas as mais terras, e fortalezas do Estado. Assim chamamos terras do Norte as que lhe ficão na mão direita; porque estão

ao Norte d'ella: e as que correm para a esquerda chamamos do Sul; porque tem seu assento ao Sul d'ella.

De todas as casas, que temos no Sul, he a mais antiga, e maior a de Cochim, e tambem a mais vizinha de Goa por esta parte. Porque dista d'ella cem legoas. Está situada no meio da cidade, e he Convento perfeito, e acabado em todas suas partes. A Igreja de tres naves, bem capaz, com suas capellas em respondencia de huma parte, e outra bem ornadas. A capella mór de fermosa, e alta abobada: o coro, e cadeiras de boa obra; e o retabolo em feitio de massenaria, e pintura semelhante ao de S. Domingos de Lisboa. Tem tambem seu coro alto, e junto a elle dous antecoros com suas janellas, que cahem sobre o frontispicio da Igreja, e ornão a perspectiva. Tem dous dormitorios, e dentro largueza de hortas, e jardim. Sustenta de ordinario trinta Religiosos com provisão de trigo, e arroz da Fazenda Real, que commummente importa por avaliação trezentos e oitenta xerafins (val cada xerafim de moeda de Portutugal trezentos réis) ajuda-se a sustentação com o rendimento de huma ilheta, que o Convento possue junto á cidade (chamão-lhe a ilha das Ostras) porque além de servir de recreação aos Padres, he de consideração o que n'ella se colhe; depois que se comprarão a el-Rei de Cochim, e aos Caymais de Vaypim, e a outros possuidores as partes, que n'ella tinhão. O que foi obra de hum filho do mesmo Convento, feita com sua herança: e por bemfeitor merece ficar aqui seu nome, que era Frei Manoel da Gama. Ha n'esta ilha huma Igreja, que a invocação de nossa Senhora, e o titulo alegre das Boas Novas, de que na India todos dependem, a faz de muita romagem.

A cem legoas de Cochim contra o Sul, e duzentas de Goa temos a cidade, e fortaleza de Columbo, na famosa ilha de Ceilão, famosa por sua grandeza, e pelo fruto da canella, que he proprio seu, e quasi infinito. No meio da cidade tomarão sitio os nossos Frades. He a casa pequena; porque ha poucos annos, que forão chamados. Morão n'ella de presente quatro com seu Vigario. Mas em outros lugares da ilha residem outros sinco. Porque junto á cidade tem á sua conta huma freguezia, que chamão de S. Sebastião, em que assiste hum de continuo por Cura. E em Gale dezoito legoas adiante, residem dous: outros dous em Jafanapatão, casas muito mais modernas, e curtas. E com serem de assaz trabalho para os Padres, que n'ellas morão; só a de Columbo come ordinaria da fazenda d'el-Rei, que he cento e vinte xerafins, e algum ar-

roz. Bem merecida, e suada ordinaria. Porque tem escola aberta para todos os moços da terra, de ler, e escrever, e contar, e principios de latinidade.

Segue-se na costa da terra firme a oitenta legoas de Columbo a cidade de Negapatão: e n'ella huma das boas Vigairarias da Congregação, casa de quatro até seis Frades, mui perfeita de tudo o que he obra material, e com boa Igreja. Não goza de ordinaria, com ter o Prelado titulo de Pai dos Christãos, e ser o que julga da escravaria, que por ali sahe, quaes são bem, quaes mal cativos.

Sincoenta leguas adiante he a cidade de Meliapor, sepultura gloriosa do Apostolo S. Thomé. Aqui ha huma casa pequena, que se mantem de esmolas. Estão n'ella tres, e quatro Frades com trabalho. Porque carecem de ordinaria d'el-Rei, e as esmolas vão faltando, pelas muitas embarcações, que os cossarios Holandezes tomão aos moradores com a occasião, e vizinhança de huma fortaleza, que fundarão, e sustentarão em Paleacate.

Seguem-se correndo a costa os portos de Bengala, e Pegú. Das casas, que n'elles tivemos, e largámos, fica dito.

Malaca he a quinhentas legoas de Goa. A Igreja, e Convento d'esta cidade diz bem com a riqueza, e grandeza d'ella. He obra fermosa, porém não acabada. O assento d'elle he de tal fórma, que por huma parte fica o claustro, e dormitorio servindo de muro á fortaleza, e pela outra está sobre hum rio de grande frescura. Como casa de terra tão principal goza de ordinaria da Fazenda de Sua Magestade, quatrocentos cruzados de seis tangas o cruzado, inda que não assistem n'ella mais de seis até oito Religiosos. O Prelado d'aqui he Vigario geral dos que andão esparzidos pelas ilhas de Solor, Reinos de Sião, e Camboya, e outras partes d'este Sul; e em dignidade está diante de todas as casas, e residencias d'elle.

Seguem-se as ilhas, e archipelago de Solor em quasi mil legoas de distancia de Goa, D'ellas temos dito atraz de seu principio, e estado presente, quanto baste. He vinha, e Christandade propria dos Frades de S. Domingos, prantada com seu trabalho, e cultivada com seu braço, regada com seu sangue: e como tal devera convidar a todos os que nos prezamos de filhos de tão grande, e santo Patriarcha, a hirmos ajudar os bons obreiros, e não ser só ouvintes de suas proezas. E cresce nossa obrigação pelo titulo, que elles por humildade sustentão de filhos, e

subditos d'esta Provincia; quando aquella Congregação oriental, por numero de gente, e casas podera bem constituir Provincia por si. Fazem-lhe honra os Summos Pontifices. Sua Magestade a manda favorecer com suas Reaes provisões, e ordinarias. Os Viso-Reis, e Governadores lhe acodem com boa vontade. Não era razão dizer-se de nós, que sendo irmãos, e irmãos mais velhos lhe faltamos.

A mil legoas de Goa na costa da China, na provincia que chamão de Cantão, está situada a cidade de Macao em huma pequena ilha do mesmo nome. Aqui temos Convento de seis até oito Religiosos, que vivem de esmolas, e sem nenhuma ordinaria Real. Foi fundado, não ha muitos annos, por hum Religioso do habito, que alli veio das ilhas Filippinas. Como n'estas ilhas florece a Ordem de S. Domingos com numero de Conventos, e notavel observancia, succedeo sahir d'ellas com animo de fazer algum bom serviço a nosso Senhor, e á sua Religião o Padre Presentado Frei Antonio Arcediano com dous companheiros, Frei Alonso, e Frei Bartholameu. Tomando terra n'esta ilha pareceo-lhe posto acommodado para acommeter, e combater a mui cerrada gentilidade da China. E levantou logo huma pequena ermida em nome de S. Domingos, acompanhada de pobres aposentinhos. Passados alguns annos, vendo que como o Convento se frequentava, e estimava dos moradores, avisou ao Vigario geral da India mandasse tomar posse d'elle pela Congregação: e elle com dezejos de servir de novo á Ordem na sua profissão, que era de muito boas letras, se foi para Goa, onde leu alguns annos Theologia, e depois se embarcou para Espanha sua patria nas nossas náos: e veio a acabar em paz no Collegio de S. Domingos de Valladolid, fazendo officio de leitor de Theologia, e deixando grande fama de virtudes, e doutrina.

Obriga-nos o amor, e bom gasalhado, que a Religião de S. Domingos tem achado n'este povo de Macao, não passar d'aqui sem fazermos memoria de hum famoso feito de seus moradores, que para em todas as idades a elles dará fama, e honra, e ao nome Portuguez grande gloria. Amanhecêrão em 24 de Junho do anno de 1622 sobre a cidade dezasete velas de cossarios Holandezes. E não tendo duvida de a ganharem por assalto, visto ser praça aberta, e desemparada de todo genero de fortificação de natureza, e arte, puzerão em terra oitocentos mosqueteiros em hum temeroso esquadrão. Era dia do grande Bautista, dia festival em toda a Christandade, e só desconhecido de Hereges, que negão o po-

der, e valia, que os Santos tem diante de Deos. Animou-se a gente a defender suas casas ou morrer sobre ellas. Sahem da terra, sem esperar ser acommetidos duzentos luzidos mancebos, arremetem ao inimigo como leões, e com tal furia, que sem lhes darem lugar para segunda carga, os puzerão em desbarato, e forão cortando, e matando n'elles até o mar. De sorte que ficou todo o campo cuberto de corpos sem vida, e armas sem dono. E foi cousa averiguada que morrerão mais de quatrocentos Holandezes. Não he para esquecer, que resultou d'este successo tanto credito aos nossos entre os bons entendimentos dos Chins, que onde d'antes nem hum vallo lhes deixavão levantar, como por lei: desde este dia lhes mandou el-Rei passar licenças para se murarem, e fortificarem.

CAPITULO XIII

Das casas, e residencias, que a Ordem tem na ilha de Mossambique, e terras da Ethiopia Oriental.

Por differente caminho, mas com mais razão que todas as casas referidas, pertence ao Sul a que temos na ilha de Mossambique com outras que d'ella dependem, situadas na Ethiopia, que commummente chamamos Cafraria. Digo por differente caminho. Porque esta ilha fica arrimada á costa, que corre do Cabo de Boa Esperança contra a India, por grande numero de legoas; que por isso mereceo o nome de Ethiopia Oriental, á differença da Occidental, que desde o Cabo Verde até o de Boa Esperança, cria gente semelhante a esta em côres de rosto, em infidelidade, e barbaria de trato, e costumes. Esta ilha he todo o refugio, e alivio, que achão as náos de Portugal, depois de longa, e cançada viagem. Aqui tomão alento dos trabalhos, e tormentas de quatro, e sinco, e ás vezes mais mezes de mar. E d'aqui tornão a navegar ordinariamente na entrada de Agosto com a monção, que então entra. E sem mudar velas, correm novecentas legoas, que ha de golfo até Goa. Disse com mais razão. Porque esta ilha jaz da banda do Sul, tanto contra o Tropico de Capricornio, que fica em quinze para dezaseis gráos alem da Equinocial. Foi autor da casa o famoso Capitão Dom Luis de Ataide, da segunda vez que governou a India. Sahio de Lisboa no anno de 1577, despachado por el-Rei Dom Sebastião; chegando a Mossambique, achou n'ella dous Religiosos Dominicos, que tratavão de passar á

ilha de São Lourenço, por outro nome Madagascar, a fim de se empregarem na conversão d'aquelle Gentio, que he innumeravel; mandou-lhes suspender a jornada, e aconselhou-os que fundassem casa alli: que seria de muita importancia para gasalhado, cura, e remedio de tantos Religiosos, como cada anno passão do Reino para a India, e sempre chegão perseguidos de enfermidades, que a longa viagem causa. E lhes não faltaria occasião na terra firme que tinhão á vista, para se occuparem a tempos em allumiar aquelles pobres Cafres, tão escuros nas almas como nas carnes. Era conselho de quem podia mandar como senhor, e de quem podia ser seguido por prudente. Foi aceitado pelos Padres, que erão Frei Jeronymo do Couto, e Frei Pedro Ususmariz. Escolheo o Viso-Rei o sitio para o Convento, fez demarcar a praça que havia de occupar e podemos dizer, que foi d'elle o fundador. Começou a obra com felice pronostico pelo titulo que escolheo de nossa Senhora do Rosario, que he o mesmo, com que a acho aceitada pela Provincia nas actas do Capitulo provincial do anno de 1579, em que foi eleito Provincial o Padre Frei Antonio de Sousa, que depois foi Bispo de Viseu. Não se teve por menos bem assombrado pronostico da fabrica outro, que agora diremos. Era Mestre d'ella hum Gentio assaz emperrado em sua seita, e envelhecido nos annos, como no erro. Tinhão-lhe lastima os Religiosos: procuravão ganhar-lhe a alma com santas batarias, que cada hora lhe davão. Respondia Santunayque (que assim se chamava) que seria Christão, quando sua hora chegasse. Foi o Senhor servido dar-lhe huma forte doença, e com ella hum ar de celestial graça, com a qual, sem ninguem lhe fazer lembrança, mandou chamar os Religiosos, e usando do mesmo termo, com que d'antes rebatia as santas admoestações, disse-lhes, que era a sua hora chegada, e queria receber o santo bautismo. E teve tal ventura, que apoz a hora do bautismo, lhe chegou a da morte, com que voou para o Ceo.

Ajudou o edificio huma molher rica de nação Jaoa, chamada Violante; que sendo casada com hum Portuguez, Condestable da fortaleza, deu por sua devação ao Convento hum grande palmar a elle vizinho. E como se fôra mãi de cada hum dos Religiosos, os sustentou muitos annos de todo o necessario. Estas charidades podemos crer, que lhe acrescentarão fazenda, e honra. Que assim sabe Deos pagar as que se fazem a seus servos. Porque morto o primeiro marido, achou hum homem muito nobre, que folgou de casar com ella. Chamava-se Pedro de Sousa Ca-

mello. E ficarão continuando ambos no beneficio da casa. De sorte que a boa Violante não era conhecida por outro nome, senão de mãi dos Frades. E por officio de gratidão, fazemos aqui d'ella esta memoria.

Sustenta a casa commumente quatro até seis Religiosos, que recebem por ordinaria da Fazenda Real hum tostão por dia cada hum. Foi a obra muito acertada. Porque tanto que chegão as náos do Reino, agasalha, e cura com charidade todos os Religiosos de qualquer Ordem que sejão. O que sendo notado pelo Viso-Rei Mathias d'Albuquerque muitos annos depois, lhe assentou outra particular ordinaria de cem mil réis de renda em cada hum anno, para effeito de continuarem com largueza, e poder, o que d'antes obrava só a boa condição, e piedade religiosa.

Fica esta casa imitando o mesmo officio, e representação de fronteira com a Cafraria, que, segundo atraz dissemos, faz a de Malaca com os reinos vizinhos, e ilhas d'aquelle mar. Porque d'ella passárão logo os Padres á terra firme, e subirão aos rios de Cuama: e atravessarão a outras ilhas, e a grande de São Lourenço, não lhes soffrendo o bom espirito ficar nada por tentar, para dilatarem a prégação do Santo Evangelho, á custa de muitas vidas, e perda de saude, por ser todo aquelle clima de ares pestilenciaes, e totalmente contrarios a naturezas criadas debaixo do Ceo temperado, e benigno.

Foi primeira occupação, passarem todos os domingos, e dias santos a hum destrito da terra firme, porque a travessa he estreita, a dizer Missa, e ministrar os sacramentos a muita gente Christãa que n'elle mora, com grande beneficio das almas, e como seus Parochos. Chamão o destrito a Cabeceira.

Derão segundo salto na ilha de Quirimba, junto ao Cabo Delgado, sessenta legoas de Mossambique. Era senhor d'ella Diogo Rodrigues Correa. Persuadirão-lhe que fundasse Igreja. Edificou-a o Portuguez grande, e lustrosa. E não se contentou com menos, que entregal-a aos Religiosos, com doação perpetua, juntando-lhe terras, e palmares de bom rendimento, sem mais obrigação, que duas Missas rezadas cada semana. Esta Igreja he suffraganea á de Mossambique: e de ordinario residem n'ella dous Religiosos, pelo muito que tem crescido a Christandade, depois que a tomarão á sua conta.

Terceira viagem foi a dos rios de Cuama, e terras de Sofalla, e Monopotapa; atravessarão a estas partes, porque em todas andavão espalhados muitos Portuguezes, a quem a cubiça do ouro trazia esquecidso

da saude corporal, e muito mais da espiritual. Assim fizerão grande serviço a Deos, encaminhando estes para a salvação. Bem se diz, que he raiz de todos os vicios, e hum genero de servir idolos a cubiça. Quasi que tinhão perdido o conhecimento de que erão Christãos, devassos nos costumes, cegos nas obrigações da Fé, e mandamentos de Deos, e de sua Igreja. Não havia guardar domingo, nem festa. Não conhecião Quaresmas, nem distinção de dias da semana, para o santo costume de guardar abstinencia nas sextas feiras, e sabbados, com outros muitos erros, e descuidos. Tudo remediarão estes Padres, prégando, rogando, reprehendendo, admoestando; e de caminho ganharão outras muitas almas para Christo com sua prégação.

CAPITULO XIV

De outras Igrejas, que os Religiosos de S. Domingos, moradores em Mossambique, governão na terra firme de Monopotapa; e do valor com que se portarão em dous cercos, que aquella fortaleza padeceo.

Residindo já na povoação, que acompanha a fortaleza de Sofalla, o Padre Frei João Madeira, Religioso antigo na idade, e provado na virtude: foi-lhe mandado por Julho de 1586 por companheiro o Padre Frei João dos Santos, porque tinha á sua conta seiscentas almas de confissão entre Portuguezes, e Mistiços, e gente da terra, que era grande carga para hum homem só. Partio este Padre de Mossambique, e foi-se juntar com Frei João Madeira. Como estiverão juntos ajudarão-se muito. Levantarão duas ermidas, huma de nossa Senhora do Rosario dentro do lugar: outra com titulo da Madre de Deos, em hum palmar dos Frades, sitio fresco, e bem assombrado, e casa de muita romagem: ambas ornadas com toda a decencia, e concerto, que a terra então dava de si. E forão convertendo de Gentios, e Mouros tanta gente, que só o Padre Frei João Madeira bautisou mais de mil almas, e o companheiro por lista que se fez, seiscentas e noventa e quatro.

Ao mesmo fim paasarão outros Padres de Mossambique ás estendidas terras, que lava o grande rio de Cuama, que os naturaes chamão o Zambeze. He rio tão poderoso, e grande, que ao desembocar no mar não sahe menos, que por sinco portas, cada huma tão espantosa por largura, e impeto das agoas, que d'aqui nasceo darem nomes de muitos rios

ao que na verdade he hum só rio, e huma só madre: como acontece ao Nilo no Egypto, que não cabendo suas agoas em hum só leito, entra com ellas partidas em sete no mar Mediterraneo. Por este rio Zambeze acima a sessenta legoas da boca tem os Portuguezes hum forte sobre as ribeiras d'elle, que chamão Sena, provido d'artelharia, e munições, que serve como de huma feira, e feitoria, para guarda das fazendas, que o Capitão de Sofalla manda ao resgate do ouro, que alli acode muito das terras do Monopotapa. Para o mesmo effeito fundarão outra casa forte, outras sessenta legoas mais adiante sobre o mesmo rio, e da mesma parte, que chamarão Tete. Ambas estas praças ficão nas terras, e senhorio do Monopotapa, e ambas são governadas por ministros, que a ellas manda, e põe de sua mão o Capitão de Sofalla. A huma, e outra subirão os nossos Religiosos de Mossambique. Em Sena levantarão huma Igreja da invocação de Santa Catharina de Sena, aproveitando-se do nome da patria da Santa, que o da terra lhes offerecia. Em Tete dificarão outra em honra do glorioso patrão de Espanha Santiago. Em ambas acompanharão os altares de devotas imagens, lavradas com curiosidade, e mandadas trazer da India, e ajuntarão concerto de ornamentos, e muita limpeza do culto Divino. E para espertar devação instituirão suas confrarias. Em Sena huma de nossa Senhora do Rosario, e outra do nome de Jesu, para evitar os juramentos. Em Tete huma de nossa Senhora da Conceição, e outra de Santo Antonio. Emendados os abusos, e desterradas as cegueiras, que atraz apontámos, que por tudo corrião, forão reduzindo as terras, e gente a toda a policia, e boa ordem da observancia christãa: de tal maneira, que por sua diligencia florece hoje em aquelles lugares, que são no coração da Cafraria, a perfeição da Fé de nosso Senhor Jesu Christo, como em qualquer dos bons lugares de Portugal.

Além das Igrejas ditas administrão os nossos Religiosos outras tres, que são Luanze, Mossapa, e Manica, que por todas trazem continuos em seu serviço doze, e quatorze Religiosos. E porque em todas sem differença são os ares venenosos, e inimigos da complexão, e gosto d'aquelles, que tiverão seu nascimento em terras temperadas: e comtudo os Frades de S. Domingos as correm, e aturão constantemente por serviço de Deos, e obrigação do habito. Parece justo darmos-lhe por paga a que nossa penna pôde, que he ficar memoria n'estes escritos de seus nomes. Assim os poderamos alcançar todos! Os que chegarão á nossa noticia são os Padres Frei Jeronymo Lopes, e Frei João Frausto: e apoz elles

Frei João Madeira, e Frei João dos Santos. Dos quaes o Padre Frei João dos Santos, vindo depois a este Reino, compoz, e imprimio hum curioso tratado das particularidades d'aquellas provincias, e dos trabalhos, que n'ellas experimentarão elle, e outros muitos Padres nossos (1). E affirma, que achou por conta de livros, serem por elles bautisados d'este destrito dos rios de Cuama até o anno de 1591 passante de vinte mil almas: entre os quaes houve muitos senhores de vassallos, que lá chamão Encosses. A estes Padres juntaremos outros quatro, de cujas letras, e industria se aproveitarão os Metropolitanos de Goa, para por elles mandarem visitar estas ilhas, e costa Ethiopica, que são de sua jurisdição. Forão Frei Jeronymo de Santo Agustinho, Frei Diogo Correa, nascido na India em Chaul, o Presentado Frei Estevão d'Assumpção, e Frei Manoel Pinto. De todos quatro se sabe, que correrão estes povos, e cumprirão sua obrigação com muita inteireza, emendando vicios, e castigando culpas. Sigua a estes Religiosos o Padre Frei João de Santo Thomas, que foi despachado de Mossambique para a ilha de S. Lourenço pelo Alferes mór Dom Jorge de Menezes, no tempo que servio de Capitão de Sofalla. Era o intento fundar povoação, e Igreja, e convidar aquelles povos com a Lei de Christo. Passou o mar, começou a correr com seu ministorio. Mas não pôde resistir á inclemencia do Ceo. Acabou de doença.

Mas não se contentarão só os Religiosos de S. Domingos do Convento de Mossambique, de pelejarem com as febres pestilenciaes, e mortiferas da Cafraria. Tambem provarão a mão em medos de fogo, e sangue: quero dizer, sendo companheiros dos bons soldados, que defenderão aquella fortaleza de Mossambique aos cossarios Holandezes em dous acommetimentos tão apertados, que a tiverão em grande perigo: e porque o feito da defeza foi de valor memoravel, e não toca menos á honra da Religião, que da patria; por ambas as cousas faremos aqui breve relação do successo d'ambos. Em conselho pleno assentou a Republica rebelde de Holanda, que lhes estaria bem para segurar os roubos, que na India Oriental fazião suas Armadas. e enfraquecerem o poder dos Portuguezes n'ella, fazer-se senhora da ilha de Mossambique, unico refugio, e reparo das náos, que d'este Reino navegão para a India. Aprestarão huma Armada de treze velas, nomearão por General d'ella Paulo Van-Carden, Capitão experimentado n'aquellas viagens, e tão pra-

(1) Liv. 3. cap. 12 da Christandade da Ethiopia.

tico do poder, e força, que havia na ilha, que cotejando com ella o que levava nas treze náos, offereceo aos Ministros que o mandavão, não só tiral-a da mão dos Portuguezes, mas que desde logo, como de praça já subdita aos Estados de Holanda, faria d'ella sua homenagem, se lh'a quizessem dar em guarda, e aceitar-lhe a obrigação. Porque tinha por certo, que não podia haver resistencia em Mossambique. Corria o anno de 1607, quando com igual soberba, e golodisse de huma, e outra parte se concertarão Van-Carden, e seus maiores, lançando em seus livros mais huma praça de novo na India, e Governador d'ella Paulo Van-Carden. Assim foi sua, em quanto não chegarão a tental-a. Passou Van-Carden com boa viagem sua navegação: entrou no porto, desembarcou, prometendo-se vitoria a terceiro dia. Era a fortaleza mais sombra de fortaleza, que praça defensavel, poucos soldados, e esses meio consumidos dos ares pestiferos, e sol sempre ardente da torrida zona. Mas bem disse Antigono a hum, que o advertia, que erão muitas mais as náos dos inimigos, que as suas (1): Se fazeis boa conta, dizei-me, por quantas náos contais minha pessoa? Assistia na fortaleza por Capitão d'ella, e de Sofalla Dom Estevão de Ataide, fidalgo honrado, e valeroso. Valeo sua pessoa, e dos bons companheiros, inda que poucos, para fazer retirar a Van-Carden com mais pressa do que tinha obrigação pela menagem dada, e com muita gente morta, e reputação perdida. Porque os nossos como gente que sabia, que seus braços havião de ser os verdadeiros muros de sua defeza, sahião como leões, de dia, e de noite a offender o inimigo. De sorte, que temendo Van-Carden ficar cercado de cercador; houve por seu conselho largar a terra, e embarcar-se. Mas muito mais graça teve o successo do anno seguinte. Como os rebeldes se davão por senhores da ilha, despacharão traz Van-Carden a Pedro Blens na entrada de 1608 com outra boa Armada, e ordem que de caminho visitasse a nova conquista, e seus conquistadores. Chegou este a Mossambique, e com a certeza de achar a terra por sua, entrou de festa, lançando bandeiras, e estandartes, e com salva de artelharia, como se aportara em Frangelingas. Porém acharão tudo tanto ao revez, que no primeiro acommetito virão, que lhes convinha despejar a terra, e porto: e assim o fizerão.

(1) Plutarcho in Vita Palopico.

CAPITULO XV

Das Casas, Conventos, e Residencias, que a Congregação tem nas cidades, e terras do Norte.

Resta, pois temos dito dos Conventos, e Casas do Sul, darmos noticia dos que nos ficão ao Norte da cidade de Goa, que por isso na India se chamão geralmente Casas do Norte. Ha a primeira, e mais vizinha em Chaul, que dista de Goa sessenta legoas. E como atraz fica dito, he o segundo Convento em antiguidade na India. Está situada junto á barra: e corre o dormitorio contra a praia com huma fermosa varanda no cabo, que fica defronte da serra, que chamão o morro de Chaul, que n'outro tempo deu grande cuidado a todo o Estado da India; pelo poder da gente, e munições, com que o tinhão fortificado os inimigos. E sendo ganhado pelos Portuguezes á força de braço, e boa ventura, foi para Portugal occasião de nova gloria. E ficou em lembrança, que a primeira bandeira, que em seus muros se arvorou, foi o guião de nossa Senhora do Rosario, da Confraria que tem n'este Mosteiro, que os Irmãos acertada, e devotamente quizerão levar comsigo no assalto. Este primeiro Convento foi assolado com cerco, que o Isamaluco poz á cidade em tempo, que n'ella não havia muros, nem mais fortificação que os peitos dos Fidalgos, e soldados Portuguezes, acompanhados do Capitão Dom Francisco Mascarenhas, depois Conde de Santa Cruz, que em tal estado a defenderão a muitos dos inimigos. E el-Rei Dom Filippe, primeiro de Portugal, mandou reedificar á custa de sua Fazenda a Igreja, que temos de presente, que excede em bom edificio a todas as que ha na cidade. He de huma só nave, com a capella mór d'abobada alterosa, e bem feita: o Convento todo de bom edificio, acompanhado de hortas, e tanques, e tão boa cerca, que a mór parte d'ella he a mesma, que faz muro á cidade. Sustenta commummente vinte e sinco até trinta Religiosos, em que contamos dez, e doze Irmãos de casa de noviços. E goza de ordinaria da Fazenda Real de vinte candiz de trigo, e oito de arroz (responde hum candil a quasi trinta alqueires da medida de Portugal porque o alqueire da India, que lá chamão pará, tem quasi alqueire, e meio dos nossos). Tem mais duas pipas de vinho do Reino para as Mis-

sas, e seis cantaros de azeite para Refeitorios (porque o da terra serve só nas alampadas) e botica paga nas doenças de todo o anno. Achámos aceitada pela Provincia esta casa com titulo de Santa Maria de Guadalupe nas actas do Capitulo do anno de 1556, em que foi eleito Provincial o Mestre Frei João de Salinas. Por sua antiguidade goza o Presidente d'ella o titulo de Pai dos Christãos, que se convertem: e tem da Fazenda d'el-Rei em razão d'este cargo, cem patacões de quatro larins, cada larim de valia de hum tostão. Este dinheiro serve para acudir a algumas necessidades dos Cathecumenos. Fóra da povoação assiste hum Frade em huma Igreja da invocação de nossa Senhora das Mercês. Outro reside em huma ermida da ilha de Caraniá, que he quatro legoas adiante ao longe da costa para o Norte. He orago de nossa Senhora do Rosario. Foi herança de terras, que deixou hum devoto ao Convento, com obrigação de suffragios: rendem algum arroz.

A oito legoas ao longo da costa está a ilha de Salsete, e n'ella huma grande, e lustrosa villa, que chamão Taná, povoada de todas as Religiões, que na India tem assento. O Convento da nossa he pequeno, e pobre, e com ordinaria nenhuma d'el-Rei: serve de hum hospicio commodo para os Religiosos, que descem de Baçaim; e para isso sustenta sómente dous, que bastão para o gasalhado, não deixando de ser de proveito, e estima na terra.

Quatro legoas adiante de Taná está situada na terra firme sobre o mar a cidade de Baçaim, lugar fermoso, e muito fresco: e por isso escolhido por morada de muita gente nobre. Como tem muito povo, tem tambem Conventos de todas as Ordens, que ha na India. O Dominico he da invocação de S. Gonsalo. Foi edificado hum anno depois da beatificação do Santo, que se alcançou no anno de 1563. Tem melhor Igreja que todos os da terra; sem embargo que ficou assolada com a força da prodigiosa tormenta do anno de 1618, que atraz escrevemos, com todo o mais edificio. Era Vigairaria por ser pobre, e não tinha mais que seis até oito Frades. Agora tem de renda dous mil patacões de quatro larins. Sustentará muitos mais, tanto que estiver de todo redificado. Porque he terra barata, e abundante de todo genero de mantimentos: e a essa conta o fez Priorado o Padre Frei Miguel Rangel, sendo Vigario geral da Congregação: e foi primeiro Prior o Padre Frei Francisco de Seca, que no tempo que isto escreviamos, era actualmente despachado, e partido para Visitador das Casas do Sul, a saber: Malaca, Solor, e Ma-

cao. Na contia de renda, que lhe nomeamos, entrou a ordinaria d'el-Rei, que vale cada quartel oitenta e sinco pardáos de ouro. Aqui lem os nossos Padres hum curso de Artes aos seculares por ser terra grande, e muito nobre.

No meio da Cassabé (que assim chamão o grande e espesso bosque, que serve á cidade, parte com hortas, e parte com palmares, e canaviaes de assucar) tem a nossa Ordem a mui nomeada, e celebre Igreja de nossa Senhora dos Remedios, que levantou n'este sitio o Padre Presentado Frei Marcos Coelho. E foi a occasião sonhar este Frade, que lhe dizia a sagrada Virgem, que alli queria se lhe désse, e edificasse casa, e que fosse o titulo dos Remedios. Era o lugar n'aquelle tempo guarida de ladrões, que por ser cego, e escuro, por espessura de arvoredo, e distante meia legoa do povoado, se recolhião n'elle, e d'alli sahião a fazer seus assaltos. O dezejo de evitar este damno, junto com a qualidade do sonho, que pelo fim merecia estima, obrigou ao Frade a visitar logo o sitio, desmontal-o, e arvorar n'elle huma Cruz. Pouco depois levantou hum pequeno oratorio, fabricado do mesmo arvoredo que cortara, com seu altar, e imagem da Senhora, a que logo deu nome dos Remedios, Ajudou á obra huma Senhora principal da cidade: doando á Ordem a maior parte do sitio, que era fazenda sua. Seu nome Dona Anna Ortiz. Mas a Sagrada Virgem não tardou em acreditar o seu nome dos Remedios, acudindo com muitos, e muito milagrosos em casos desesperados, assim a Christãos como a Gentios, e Mouros. Com que o Padre ficou honrado pela obra: e a casa cresceo em nome, e romagem. De sorte, que de muitas legoas concorrem, e se soccorrem a ella de todo o genero de gente, assim fiel, como infiel, os que se achão em trabalho. E desde então dura sem cessar a devação d'esta costa, acudindo a servir á Senhora com ricas, e varias offertas, que tem rendido levantar-se-lhe huma sumptuosa Igreja com gasalhado para quatro Frades, que n'ella residem. Os milagres forão tantos, que no anno de 1605 estavão authenticados cento e vinte. Diremos alguns, para edificação dos devotos.

Por Setembro de 1597 entrou na Igreja huma cabilda de Gentios, que trazião hum moço de idade de dez annos, alejado de nascimento do pé direito; de maneira, que andando assentava no chão o peito do pé, como se fôra a sola. Offerecendo-o á Senhora com varias promessas, se lhe dava saude, untarão-lhe o pé com o azeite da sua alampada, e perseverarão com fé por espaço de tres mezes. No cabo dos quaes o leva-

rão são, e livre de toda a deformidade, e aleijão. Ficou em memoria, que os Gentios erão de casta Bundarim, e o moço se chamava Uvalca.

Em Baçaim de cima, que he povoação differente, e distante da nossa cidade, se lavava, e recreava em hum tanque (que he o remedio que se acha contra o fogo do tempo, e clima ardente) hum Domingos Carvalho. Estando no meio d'elle assentado em huma almadia com alguns amigos, e com hum filho moço de oito annos, succedeo virar-se o madeiro, e ficarão todos mergulhados. Remediarão-se os mais facilmente; mas não aparecia o minino. E quando derão com elle, que foi a cabo de duas horas, foi tirado morto, e todo inchado da agoa. Bradarão todos em altas vozes por nossa Senhora dos Remedios: não faltou ella com sua misericordia. Porque juntando-se aos brados muitos Christãos, e Gentios, começou o minino a saluçar, e vomitando hum rio d'agoa, ficou á vista de todos, de morto, resuscitado. Foi este caso em Abril de 1598.

Logo por Outubro seguinte do mesmo anno, tendo Gaspar Pereira, Christão da terra, hum filhinho enfermo, e vendo, que por momentos se lhe acabava a vida; porque tinha feito já tres termos; obrigado do amor paternal, e da fé de bom Christão, começou a chamar devotamente por nossa Senhora dos Remedios, pedindo-lhe, que désse algum áquelle innocentinho, que não passava de hum anno e meio de idade, e era todo o bem, e alegria da casa: e ajuntava promessas de lh'o pesar a cera dentro na sua Casa, se lhe dava saude: no mesmo ponto tornou a criança em si, com novo alento, e de maneira, que foi mais resurreição, que continuação de vida. E o pai cumprio seu voto.

Jaschore se chamava hum Gentio, que vivia aleijado do pé direito, sinco annos havia, sem tratar de remedio: e havendo-se por incuravel em huma aldea, por onde corria muita gente das terras de Damão; perguntou hum dia, que fim levava a tantos homens, como via passar para Baçaim? E sabendo que era devação, e necessidade, disse com grande animo, inda que falto de Fé: Pois eu prometo de visitar sua Casa, e não hir com as mãos vazias, se ella n'este pé me dá saude. Seguio ás palavras com querer dar hum passo: seguio ao passo hum grande estrallo do pé aleijado: e subitamente se vio tão são, que já não conhecia qual fôra o pé doente.

Hum anno e quatro mezes havia por Março de 1604, que hum pobre homem por nome Antonio da Cunha, tinha perdido a falla por força de accidentes de apoplexia, que a meude o tomavão. Veio-se a esta Casa

buscar remedio para a vida nas esmolas, que os Romeiros lhe fazião n'ella; e para os males que padecia, na misericordia da Senhora. E fez ella, que achasse tudo. Porque residindo na Igreja, que varria todos os dias, e pondo na lingoa d'aquelle pó, que juntava, prometeo em sua alma, segundo depois dizia, offerecer á Senhora huma vela do comprimento de sua estatura, e fazer partilha com os pobres, que havia na casa, das esmolas, que tinha juntado. Não foi despresado o voto, cobrou a falla, e perdeo os accidentes.

Christovão Affonso, morador em Baçaim, padecia huma doença de gravissimas dores de cabeça, que trazião comsigo huns vagados, como de mal caduco, que o derribavão em terra, e o tinhão hum espaço fóra de seu juizo. Tendo provado muitos remedios da Fisica da terra, acudio-á do Ceo. Prometeo-se a esta Senhora com novenas, e huma Missa. Foi cousa averiguada, e certa, que desde a hora da promessa nem dor, nem vagado teve mais: e cumprio-a inteiramente, levando de mais á Igreja hum painel, que n'ella dependurou com relação do successo, para memoria, e edificação. N'elle se declara, que alcançou saude por Setembro de 1604.

Deixando mais milagres por encurtar leitura, passemos a louvar a devação da India, que sabemos ser tão affectuosa, e humilde, que muitas senhoras quando visitão a Igreja não se contentão com menos, que varrer com os cabellos o altar da Senhora.

CAPITULO XVI

De outras Casas, Conventos, e Vigairarias do Norte.

Seguem-se pela costa adiante duas Vigairarias. A de Maym de dous Religiosos, e a de Terapor de quatro. A primeira a quatro legoas de Baçaim: a segunda a oito. Ambas se sustentão da Fazenda Real com quatrocentos cruzados cada huma; por serem de muito serviço, e utilidade espiritual d'estes lugares.

A cidade de Damão fica noventa legoas de Goa. Aqui temos grande casa, mui boa Igreja; mas não he atê agora mais que Vigairaria. Residem n'ella seis atê oito Religiosos, sem possuirem maior ordinaria, que a que tem as duas Igrejas atraz. N'esta cidade fizerão os nossos Frades hum serviço ao Estado da India, que por muitas razões merece ficar em

lembrança n'este lugar; inda que já em outros o temos contado(1). He esta praça fronteira, e muitas vezes acommetida de hum dos mais poderosos inimigos, que n'este Oriente tem os Portuguezes, que he o Aquebar, Rei dos Mogores. Mantinha-se em tempos atraz com muito trabalho, por não ter mais cerca, que huns pequenos vallos, arrimados a huma fraca estacada. Tratarão os Viso-Reis de a fortificar: e por razões, que para isso considerarão, commeterão a obra, por ser de grande confiança, e grossa despeza, aos nossos Religiosos, e aos Padres da Companhia de Jesu. Dando ordem, que ambas as Religiões de conformidade com o governo da Camara corressem com ella, porque se fazia á custa das rendas, e proprios da cidade. Mas entrando por Viso-Rei Mathias d'Albuquerque no anno de 1592, largarão os Padres da Companhia a occupação, e ficarão sós com todo o trabalho os Religiosos de São Domingos, acompanhados da Camara. E procederão com tanta diligencia, que sendo muito mais o que estava por fazer, que o que era feito até então, derão inteiro remate a toda a fortificação antes do anno de 1603. O que nos constou por hum instrumento de vinte testemunhas, que em nosso poder temos, que foi juridicamente tirado da mesma cidade por Luis de Mello, Ouvidor, e Escrivão Antonio de Seixas. E he muito de estimar o que por elle se vê que estes Padres fizerão; para dar animo, e exemplo aos successores. Porque se prova, que levantarão desde os fundamentos a grande machina do baluarte São Sebastião, em hum dos mais importantes sitios da cidade; acabarão, e puzerão na altura que tem de presente o baluarte, que chamão de São Domingos o velho, que estava mui longe de sua perfeição, e fizerão todo o que cerra a rua de São Domingos o novo. E o de Santiago, que não estava mais que principiado. E acabarão de levantar o de São Jorge, e toda a cortina do muro, que fica entre estes dous baluartes. E puzerão em sua altura o de São Filippe, que olha contra a barra. De sorte que ficou logo d'elle jogando a artelharia; e lançarão todo o pano de muro, que corre entre o de São Filippe, e o da Madre de Deos; e toda a mais muralha, que d'este vai entestar no de São Francisco. Fabricarão mais os grandes baluartes, São Miguel, e São Martinho, com hum rebellim, que d'este nasce, e vai correndo sobre hum braço do rio, obra forte, e de grandes terraplenos. Per maneira, que só no breve tempo de sua particular administração fizerão os nossos Frades as duas partes de toda a fortificação: sendo assim, que

(1) Part. I. liv. 3. cap. 18.

em vinte sinco annos atraz não era feita mais, que huma só. Assim se deve á sua industria, e cuidado, deixarem toda a cidade perfeitamente cercada; e fechada com suas portas mui fortes, chapeadas todas de ferro, guarnecidas de sua cravação de diamães do mesmo. A que juntarão outras fabricas assaz importantes, tanto dentro na cidade, como fóra d'ella. As de dentro forão, a capella da casa da Misericordia: e a casa do Concelho com sua cadea por baixo. As de fóra, reforçar com obra mui fundada, e firme o forte de Terapor, e a insigne fortaleza de São Gens: e lançar huma importante tranqueira em hum sitio tres legoas pelo sertão dentro, para guarda das terras, que são toda a riqueza dos moradores. E em tudo se procurou aproveitamento, e moderação na despeza, com pureza, e fidelidade religiosa. E por isso se póde fazer tanto. N'esta cidade, e nas duas praças de Venuca, e Terapor são os nossos Padres Pais dos Christãos por declaração, que disso fez por sua provisão o Viso-Rei Dom Duarte de Menezes.

Com sincoenta legoas, que abre em boca a grande enseada, que chamão de Dio, fica dividida de Damão a famosa ilha, e cidade de Dio; sendo huma mesma toda a costa, e em distancia de cem legoas de Goa. N'esta cidade tem todas as religiões sumptuosos, e perfeitos Templos; só a de São Domingos, que veio a ella primeiro que todas, e em tempo de maior opulencia da terra, não tem Convento acabado. Foi a razão, que em principio fundámos dentro na fortaleza junto á Sé: depois quizemos fabricar fóra, como os mais. Mas com medo de fazer padrastos á fortaleza, para em occasião de algum cerco, não se tratou de edificio magnifico. Todavia já agora temos huma grande Igreja. E ainda que o Convento a respeito das obras que se fazião, deixou alguns annos de ser Priorado; hoje está já restituido a esta honra. Sustenta seis Frades, e tem ordinaria d'el-Rei de vinte pardáos de ouro cada mez. E goza por mais antigo do titulo de Pai dos Christãos que se convertem, e corre juntamente com todo o governo do hospital, que el-Rei aqui tem, assistindo n'elle continuos dous Religiosos. Fóra da cidade temos outras duas Igrejas. Huma nossa Senhora da Saude, que fica junto da outra barra a duas legoas da fortaleza: e fôra de muito rendimento, se nos nossos Frades houvera zelo de grangearia. A outra he mais perto, e a invocação de nossa Senhora de Penha de França: Casa grande, e airosa, e toda de abobada. He privilegio antigo, de serem os Religiosos Pais dos Christãos, receberem de toda a embarcação que entra com mantimentos, a saber: trigo, arroz, e mi-

lho, huma certa medida, que leva mais de hum alqueire de cada genero. Como a terra he de muita gente, que só a povoação de Mouros passa de sincoenta mil almas; e tudo lhe vem de carreto; fica consideravel a pensão. Pela mesma razão, e titulo de Pais dos Christãos, costumão o Prior, e Vigario visitar as náos de Meca que aqui aportão, que são muitas. E procura-se descubrir n'ellas, se trazem Abexins do Preste João, que costumão os Mouros cativar mininos, e os estimão, e fazem renegar, para se servirem d'elles, pelos acharem fieis, e diligentes. E sendo achados alguns, se lhes dá liberdade.

Em Ormuz mandou a Congregação fundar logo em seus principios, quando entrou na India. Depois largou a casa, que os Padres de Santo Agustinho aceitarão, e ficarão conservando n'ella em memoria de sua origem huma capella, e confraria do nosso glorioso Santo d'Amarante, São Gonsalo. Não pude alcançar, que razão houve para a deixarmos. E porque tratamos de casa deixada, bem he, que fique aqui dito de outra, que tivemos na fortaleza de Chale, na costa do Malabar; pouco mais de vinte legoas de Cochim. Era praça forte: vierão inimigos sobre ella, não foi soccorrida, rendeo-se por fome depois de porfiado cerco: e os inimigos a desmantelarão, e puzerão por terra.

FIM DO LIVRO QUINTO

TERCEIRA PARTE

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO SEXTO

CAPITULO I

Principio, e fundação do Convento dos Frades de São Domingos de Montemór o novo, com titulo, e vocação de Santo Antonio de Padua.

Entra o anno de 1559, e com elle cresce huma casa á Ordem em huma das melhores villas do Alemtejo, qual he Montemór, que chamamos novo, a differença de outra do mesmo nome, e muita mais antiga junto a Coimbra. Dezejavão os moradores ouvir a prégação, e doutrina dominica: fazendo conta, que assim como se achavão edificados da grande religião, que havia no Mosteiro de Freiras, que de muitos annos atraz tinhão no alto, e dentro dos muros d'ella; a mesma acharião nos Religiosos: e com tanto mais proveito das almas, quanto havia de ser o trato, e conversação mais particular, respeito do pulpito, e administração dos Sacramentos. Era nosso Provincial o devotissimo Padre Mestre Frei Luis de Granada: que não obrigava menos os animos de quem o tratava com sua religiosa pratica, e boa sombra, do que o faz o retrato verdadeiro, que d'ella nos deixou em seus escritos. Acertou de chegar aqui este anno a visitar as Freiras. Estava bullida entre os naturaes a materia de nos darem sitio para o Convento. Com sua chegada, vista, e ouvida, acendeo-se a devação, acordou-se o concerto, e tomado assento com a Camara, e gente da governança, ficava só a duvida no posto, que seria melhor para os Religiosos, e juntamente mais commodo para o povo,

que pertendia ficassem no baixo da villa, onde hoje he o maior corpo d'ella. N'este passo houve hum devoto, que lembrou estaria bem a tudo, e a todos, dar-se aos Frades a ermida de Santo Antonio, assim em razão do sitio, como para terem logo Igreja em que exercitar os ministerios da Religião. Era a Ermida tão antiga, que de sua fundação não havia memoria. E para ser mais estimada dos Frades, vio-se, quando n'ella entrarão, que na parede junto ao altar estava pintada huma imagem de nosso Padre São Domingos, a insignia de seu cachorro aos pés, a tocha ardendo atravessada na boca: pintura tão antiga como a mesma do altar. Parece, que já então começava nosso Padre a tomar posse do lugar com tanto beneplacito do Santo Portuguez, que se conta por cousa certa, e com instrumento de testemunhas juridico averiguado hum caso, que muito o confirma, e que por tal não he razão ficar fóra d'estas memorias. São os vizinhos d'esta villa geralmente devotos de Santo Antonio. Como davão a casa para Dominicos, quizerão passar a outra Igreja huma Confraria antiga, que tinha na Ermida, e com ella a imagem do Santo. Feita a tresladação, eis que no dia seguinte não apparece a imagem no altar em que fôra collocada, nem n'outro algum da Igreja. Sobresaltou o caso; porque não se podia julgar furto. Em cabo de muitas diligencias forão dar com elle na sua casa, e altar antigo. Mas procurando saber, se intervierão n'isso mãos, ou meios humanos, nenhum rasto, nem sinal se póde achar. E em fim tirou de todo o cuidado aos Confrades a mesma imagem, sendo trazida segunda vez para o segundo altar, achada tambem segunda vez no altar primeiro. D'aqui devia nascer, que depois de edificado o Convento, e Igreja nova, não quizerão os Religiosos que perdesse o titulo, e vocação do Santo Portuguez. E he conhecido, e nomeado na Ordem por Convento, e Igreja de Santo Antonio de Padua. E sustentarão este ponto com tanta firmeza, que se deixarão levar por auditorios pelo manter. Porque não faltou quem lhes armou demanda, pertendendo, que a Casa Dominica não usasse de vocação de Santo Franciscano. Mas sentenceou-se a causa pelos Dominicos, mostrando-se pelas Cronicas do Serafico Francisco, estarem algumas Casas suas fundadas em Igreja da Ordem de São Domingos, sem haver por isso encontro, nem desgosto da parte nossa. Como aconteceo, não ha longos annos, em huma, que edificou no seu lugar de Xarandilha o Conde de Oropesa, Dom Francisco Alvares de Toledo, que dando-a a Frades de São Francisco, foi assento, e concerto, que conser-

varia o Mosteiro, e Igreja o nome que primeiro tinha, de São Domingos. E o mesmo vemos em hum Mosteiro de Santa Clara da ilha Terceira, que he huma das que chamão dos Açores no mar Oceano. O qual sendo fabricado desde a primeira pedra no nome, e devação do milagroso Santo Dominico, São Gonsalo d'Amarante, serve a Freiras Franciscanas. Estes dous exemplos traz a Cronica nova da Serafica Ordem, mandada escrever por seu Geral Gonzaga(1). Mas outro temos mais vizinho, que he a pouco menos de meia legoa da cidade de Viseu, onde chamão Orgens. He Mosteiro de São Francisco, e padroeiro d'elle o successor da casa de Ruy Gomes da Silva, sem perder a Igreja na voz do povo a memoria, e vocação do Padre São Domingos, cujo fôra em sua origem.

Este mosteiro acho aceitado pela Provincia no Capitulo intermedio do mesmo Provincial Frei Luis de Granada, que foi no anno de 1560, e pelo Capitulo geral de Bolonha no de 1564. E com tudo o mesmo Provincial na hora, que lhe foi concedida a Ermida de Santo Antonio, disse Missa, e fez auto de posse n'ella, e no mesmo lançou primeira pedra nos alicesses, que logo quiz que tivessem principio. Como tinha pouco cabedal de renda, e se havia de despender muito na fabrica, ficou com titulo de Vigairaria: do qual não passou, senão sessenta annos depois, sendo Provincial o Padre Mestre Frei Diogo Ferreira, que considerando como por perfeição do edificio, e contia da renda, estava já em termos de poder acudir ás obrigações de Convento formado; nomeou n'elle primeiro Prior, e sustenta doze, ou treze Religiosos. Mas sempre com queixa dos Prelados. Porque a renda de que vive, com tudo o que se grangea de esmolas pela sacristia, e por outras vias, he curta para tantas bocas. E isto he o mesmo, que segundo em outra parte tocámos, acontece a quasi todos os Conventos de São Domingos d'este Reino, que escassamente lhes basta o que possuem para se sustentarem.

Era Alcaide Mór da villa Dom Fernando Martins Mascarenhas, Capitão dos ginetes da guarda d'el-Rei Dom Sebastião. O cargo de Alcaide Mór he ter primeiro lugar para em tempo de guerra. He o nome móurisco, responde-lhe de presente o de Capitão Mór. Como pessoa de tanta qualidade, e grande entendimento, soube estimar a nova companhia de Religiosos, que entrava na terra, que tanto lhe tocava: e succedendo achar-se pouco depois por Embaixador de Portugal no Concilio de Trento, impetrou do Papa Pio IV hum Breve de grandes graças para o Con-

(1) Fol. 933 e fol. 1157.

*

vento, das quaes he huma plenaria indulgencia para todos os que visitão a Igreja de primeiras Vesperas té as segundas, todas quantas vezes a visitarem no dia de Santo Antonio.

CAPITULO II

Faz-se memoria das Vigairarias de Ansede, e Mancellos; e da fundação do Convento de Santa Cruz de Vianna.

A este mesmo anno de 1559 pertencia fazermos relação da Vigairaria, que a Ordem tem no antigo Mosteiro de Ansede. Porque em tal anno o pedio por sua carta a Rainha Dona Catharina em nome d'el-Rei Dom Sebastião seu neto á Sé Apostolica, para effeito de o annexar com suas rendas ao Convento de São Domingos de Lisboa. Mas por quanto ao respeito de tal annexação dissemos d'elle na primeira parte d'esta obra(1), quando escrevemos do mesmo Convento de Lisboa em conformidade da ordem que levamos, de apontar por junto tudo o que achamos tocante a cada casa; escusaremos fallar n'esta Vigairaria de presente. Lá remeto, quem tiver curiosidade. Visto ser o mesmo que fizemos com a Vigairaria de Mancellos, dando conta d'ella na relação do Convento de Amarante, onde pertencia; porque lhe foi annexada para sua sustentação por el-Rei Dom João o III, alguns annos depois de principiada a obra de São Gonsalo. E por tanto basta fazermos aqui esta breve memoria.

Tambem será curta, e breve a relação, que succede apoz o anno de 559 do Convento de Santa Cruz de Vianna, respeito á largueza, com que temos escrito a vida, e feitos do santo Arcebispo de Braga Dom Frei Bartholameu dos Martyres, fundador d'elle. Em sua historia verá o leitor todo o discurso d'esta fundação, com as razões, que obrigarão o santo, e animoso Prelado a emprehender huma fabrica magnifica, e de grandissimo custo n'esta villa, em tempo que tinha começado outra de não menos importancia na sua cidade de Braga, do Collegio da Companhia de Jesu. Tendo o Arcebispo communicada a determinação d'esta obra pessoalmente com o Padre Frei Luis de Granada, nosso Provincial que então era, no tempo que foi seu hospede em Braga por Julho do anno de 1560, mandou dar conta d'ella á Camara de Vianna, por Novembro do mesmo anno(2). E foi Embaixador de fabrica intentada por hum

(1) Part. 1. liv. 3. cap. 19. (2) Na Vid. do Arceb. liv. 1. cap. 25.

Arcebispo Primaz, para felice pronostico, outro Arcebispo, e tambem Primaz; quero dizer o Padre Frei Henrique de Tavora, que sendo então Religioso particular, subio depois á cadeira de Goa metropoli, e primaz do Oriente. Aceitou a villa o Convento com applauso geral em 12 de Novembro do mesmo anno; sendo Vereadores Affonso de Barros Rego, e o Doutor Antonio da Rocha Barbosa. E no de 1562 foi aceitado pela Provincia no Capitulo de Santarem, em que sahio eleito Provincial o Padre Mestre Frei Jeronymo d'Azambuja. A primeira pessoa, que primeiro entendeo por parte da Ordem na eleição, e compra de sitio, ainda antes da aceitação da Provincia, foi o Padre Frei Estevão Leitão, que depois foi nosso Provincial. Começou a fabrica na rua da Rosa; e depois de algum cabedal metido, parecendo, que seria melhor sitio o de Altamira, largou-se aquelle, e proseguio-se n'este outro de primeiros de Abril do anno seguinte de 1563 em diante. Na Igreja poz diante a primeira pedra o Arcebispo com grande solemnidade por Janeiro de 1566. E por Agosto de 1571 fez celebrar n'ella a primeira Missa.

Tenção tive de suprir o que resta d'este capitulo com successos, que vierão a minha noticia pertencentes ao santo Arcebispo depois da impressão, que fizemos de sua vida; huns que arguem seu grande espirito, e muita valia com Deos; outros grande prudencia, e aviso natural, todos merecedores de fama. Mas fiz conta, que se havião de servir para maior significação de suas virtudes, quando não bastarão os que n'aquelle volume vão contados; bastante força deve fazer a todo o bom entendimento, para formar hum alto conceito de suas partes, só a fabrica d'este Convento. Porque considerada a pouca fazenda que possuia, respeito da pensão, que pagava ao Cardeal Infante, e da baixa das rendas, que nunca quiz levantar, e vista a qualidade, e magnificencia das obras de pedra, e cal, em que repartio, tanto que entrou na Provincia, e prelacia, sobre continuas, e larguissimas esmolas de pão, dinheiro, e vestido, que abrangião a toda a diocesi, e sempre precedião a toda outra despeza, por maior milagre se póde contar, que todos os maiores que d'elle sabemos: pois constando, como consta por conta de livro que se despenderão n'elle vinte sinco mil cruzados; parece impossivel, que sahisse tanto dinheiro de renda tão curta, e que a tantas obrigações acudia. Mas muito mais espantará o que agora diremos. Acabado o Convento, e acabada muitos annos depois a grande obra, com que el-Rei Dom Filippe I de Portugal mandou accrescentar o forte da barra, não faltarão engenhei-

ros, que propuzerão a Sua Magestade, convinha desfazer o Convento, porque pela vizinhança, e grandeza podia em algum tempo ser padrasto temeroso para o forte. Aprovado o conselho, mandou-se avaliar a casa por Ministros Reaes, que a orçarão em oitenta mil cruzados. E já póde ser, que o medo de tanto dinheiro lhe foi padrinho, e a salvou.

Não he menos de espantar a liberalidade, com que o Arcebispo tirou de si mil e quinhentos cruzados de renda, estavel, e perpetua, aplicando para sustentação do Convento, e desannexando da Camara Archiepiscopal a Igreja de São Salvador da Torre, que fôra Mosteiro da Ordem de São Bento, e de annos atraz andava já unido a ella. E para ter effeito negoceou em Portugal as licenças d'el-Rei, e em Roma impetrou as do Summo Pontifice. Foi o encargo, com que o deu aos Religiosos, ficarem obrigados a prégar na matriz todos os Domingos do anno, e festas de nosso Senhor, e nossa Senhora, e lerem n'ella huma lição quotidiana de Theologia Moral.

D'esta Igreja de São Salvador, e de quem a fundou, e reedificou, fizemos larga menção na vida do Arcebispo; segundo o que então podemos alcançar. Mas porque hindo depois á villa de Vianna, descubrimos huma notavel antiguidade da mesma Igreja, provada com hum pergaminho, que no cartorio d'ella se guarda: pareceo-me referil-a n'este lugar em serviço dos curiosos. Contém o pergaminho huma mercê, que o grande Rei Dom Affonso Henriques fez ao Mosteiro, dando-lhe privilegio, e liberdade de Couto em tempo, que ainda não tinha tomado o nome de Rei, e se chamava só Infante. He muito de estimar a escritura, por razão do tempo em que foi feita; porque d'elle deve haver mui poucas em Portugal. E diz assim:

In nomine Sanctæ, et individuæ Trinitatis, Patris, et Filii, et Spiritu Sancti. Unitas indivisa, quæ nunquam erit finienda, sed permanens per infinita sæculorum sæcula. Amen. Ego Infans Dominus Alfonsus bonæ memoriæ magni Ildefonsi Imperatoris Hispaniæ nepos, et filius Comitis Henrici, Reginæ Tareisiæ, cautum facio ad ipsum Monasterium de Sancto Salvatore de Turre, pro remedio animæ mæ: Et pro pretio, quod accepi de Pelagio Pelaez, ut serviret mihi per spatium trium annorum cum suis militibus sine soldada: Et pro duobus equis, quos dedit mihi Suerius Goterres, pretiatos in septingentos, et triginta modios: et pro alio equo, quem dedit mihi Petrus Guterres, pretiatum in ducentos, et decem modios: Et pro

una mula, et uno vase argenteo, pretiato in quadrigentus et nonaginta modios. Et hoc facio, ut ante Deum mercedem accipiam. Et ut etiam in Missis, et in Orationibus, et in omnibus beneficiis vestris Ecclesiasticis me semper in memoriam habeatis, facio cartulam donationis, ei firmitatis de rivulo Putri, usque in rivulo de Nogana, et Desconcieyro in Limia: do, et offero pro pretio, quod sursum resonat, et pro peccatis meis, et pro remedio animæ meæ ad illud cœmiterium Sancti Salvatoris de Turre: ita ut semper sit illud cautum, semper habeat firmitatem, et roborem, sicut sursum resonat. Et si aliquis homo tam de propinquis, quam de extraneis, hoc factum meum irrumpere voluerit, quod fieri non credo, illi Monasterio, vel qui vocem suam pulsaverit, quingentos solido pariat, et regiæ potestati, quod liber judicum præcipit. Et insuper sit excommunicatus, et à liminibus Sanctæ Matris Ecclesiæ segregatus, et cum Juda in palacio Gehennæ habeat habitaculum. Facta carta, vel cautum terminationem locorum, et firmitatis, octavo Kal. Julii. Era M. C. 2x6iij. Ego Infans Dominus Alfonsus prædicto Cœnobio manum meum roboro. Affonso.

Qui præsentes fuerunt.

Pelagius Bracalensis Archiepiscopus	*Confirmat.*	
Ermigius Moniz Curiæ Dapifer.	*Conf.*	
Fernandus Captivus Alferus.	*C.*	*Suerius test.*
Gonsalvo Rodrigues.	*C.*	*Pelagius test.*
Garcia Menendiz.	*C.*	*Gunsalus test.*
Laurentius Veneras.	*C.*	

Por tu
ga ✠ l.

Petrus Cancellarius Infantis Notarius.

Com a formalidade que aqui presentamos, sem tirar, nem acrescentar nada, jaz esta escritura no pergaminho, excepto na firma do nome Affonso; porque este fica ao pé da ultima regra em meio d'ella, escrito com letras muito apartadas humas das outras, e entre cada huma risquinha direita, e huma pequena cruz antes das duas letras ultimas. Ficamos d'aqui colhendo a certeza das armas antigas d'este reino: E do feitio da cruz podemos conjecturar, que teve respeito a elle el-Rei

Dom Diniz, quando instituio a Ordem de Christo, pela semelhança, que tem com as que deu aos Commendadores. Segue-se a traducção.

Em nome da Santa, e individua Trindade, Padre, Filho, Espirito Santo, Unidade indivisa, que nunqua ha de ter fim; mas permanecerá por infinitos centenares de annos. Amen. Eu o Infante Dom Affonso, nêto do grande Emperador de Espanha, Ildefonso de boa memoria, e filho do Conde Henrique, e da Rainha Tareja: Faço, e constituo couto no Mosteiro de S. Salvador da Torre, por fazer bem por minha alma; e pelo preço que recebi, a saber; de Payo Paes, que se obrigou a me servir com suas gentes tres annos, sem me levar soldo; e de Sueiro Goterres, que me deu dous cavallos, de valia de quinhentos, e setenta modios; e por outro cavallo, que me deu Pero Guterres de preço de duzentos, e dez modios: com mais huma mulla, e hum vaso de prata, avaliados huma cousa, e outra em quatrocentos, e noventa modios. E isto faço, para ter de Deos o galardão: E para que tambem os Sacerdotes vos lembreis sempre de mim em vossas Missas, e Orações, e em todas as mais obras religiosas. Faço esta Carta de doação, e firmeza, desde onde chamão o Ribeiro Podre, até o Ribeiro de Nogana, e Desconcieyro sobre o Lima. O que tudo dou, e offereço pelo preço acima declarado; e juntamente por remissão de meus peccados, e salvação de minha alma, para o Cemiterio de S. Salvador da Torre. Per maneira, que sempre seja couto, e sempre tenha firmeza, e força, como fica dito. E havendo alguma pessoa de vizinhos, ou estranhos, que isto, que aqui assim fazemos, queira encontrar, o que não creio, pagará quinhentos soldos ao Mosteiro, ou a quem seu poder tiver, e para a Fazenda Real o que o livro dos Juizes dispõe. E sobre tudo seja excommungado, e evitado das Igrejas, e condemnado com Judas a perpetua morada do Paço Infernal. Foi feita esta Carta, e couto, e demarcação de lugares, e firmeza aos oito dias antes das Kalendas de Julho (que he aos 23 de Junho) da era de Cesar mil cento, e sessenta e oito (responde ao anno de Christo 1130). Affonso.

Pessoas que forão presentes.

Pelayo Arcebispo de Braga.	*Confirma.*	*Sueiro test.*
Ermigio Moniz Mordomo mór.	*Conf.*	*Payo test.*
Fernando Captivo Alferes.	*C.*	*Gonsalo test.*
Gonsalo Rodrigues.	*C.*	
Garcia Mendes.	*C.*	
Lourenço Vieiras.	*C.*	

Pedro Chançarel do Infante a escreveo.

Em cousa tão antiga não será de espantar faltar-nos noticia do que erão os modios, com que o Infante avalia as peças, que recebeo, podendo ser algum genero de moeda. O que tenho por mais certo he, que como nos bons tempos por falta de dinheiro se usavão commutações, devia ser medidas. Nos soldos não ha duvida, que era moeda, de cuja valia a mesma antiguidade tolhe a certeza, quando nas moedas presentes vemos cada dia alteração, e mudanças.

CAPITULO III

Fundação do Mosteiro de Freiras de Nossa Senhora d'Assumpção de Moura.

Outras vezes nos temos queixado da injusta partilha, que o mundo costuma fazer com Deos, d'aquellas mesmas cousas, que a elle só deve, e d'elle por mercê recebe. Porque he ordinario offerecer-lhe para o servir na Religião o filho manco, ou pouco habil; a filha tonta, ou menos favorecida de partes naturaes: offertas verdadeiramente de Caim, sobre o desatino que n'ellas concorre, de tomarem os pais o officio ao Espirito Santo, e se fazerem senhores d'aquella liberdade de arbitrio, com que toda a creatura humana foi creada. Hoje louvaremos n'esta parte hum fidalgo honrado da familia, e appelido dos Mouras, e morador na villa de Moura, que de quatro filhas, que recolheo no Mosteiro do Paraiso da Ordem de São Domingos em Evora, só aquella quiz que ficasse no mundo, que menos era para elle, por varios achaques de enfermidades, a que era sujeita. Chamava-se Dona Angela de Moura. Esta casou seu pai, fazendo profissão ás tres. Mas ou fosse porque diante do Tri-

bunal Divino não agradou o juizo, e affeição paternal; ou porque Deos guardava para si a nova casada, dentro de poucos mezes João Alvares de Moura, que assim se chamava o pai, se vio sem genro, e a filha sem marido; levando a morte quem era robusto, e rijo, e ficando na vida a enferma, que cada hora morria. Criara-se Dona Angela de muito minina com as Freiras: e como tinha tomado o sabor á paz, e gosto, com que vive na Religião quem sabe conhecer os bens d'ella, tornou-se aos santos claustros na hora que se vio livre das obrigações da terra. Mas erão mui differentes os designios do pai, e da filha, elle determinado em lhe dar segundas bodas, e buscando novo genro: ella tão longe de taes cuidados, que na hora, que se tornou a ver com suas irmãas, assim se entregou a todos os exercicios, e trabalhos da vida religiosa, que o não pudera fazer mais, se gozara de tão firme disposição, como cada huma d'ellas; e tão resoluta em não tomar outro estado, que, porque soube que seu pai não desistia de lhe buscar cazamentos; e hum, em que se fallava, andava perto de conclusão, fez voto a nossa Senhora de lhe edificar hum Mosteiro, e servil-a n'elle toda a vida, se a livrasse de tornar ao mundo. E a este fim fazia algumas esmolas, como rica que era, e senhora de grande dote. Era filha obediente: procurava servir a Deos, que só amava, e não desgostar o pai, de quem se via muito amada. Bafejou a Virgem piadosa os dezejos santos. Depois de celebrados os contratos, houve occasião, que tolheo o desposorio. Vendo-se Dona Angela obrigada ao voto, com muita consolação de sua alma foi logo procurando licença da Sé Apostolica para a sua fundação, que declarou havia de ser na villa em que nascera, e da Ordem do Carmo, e titulo d'Assumpção de nossa Senhora. E com esta petição juntou outra, que foi se dispensasse com suas irmãas, para poderem passar para Moura, deixando Evora, e deixar o habito Dominico pelo Carmelitano. Pedia cousas pias, e era muito nobre: nada se lhe negou em Roma. Porém havendo, que tinha tudo feito, achou pesadas contradições, onde menos as temia. Vindo os Breves, e vista a fórma d'elles, declararão-se com ella as irmãas, que por nenhuma cousa da terra trocarião o habito de São Domingos. Pareceo-lhe então, porque não queria estar sem ellas, que as obrigaria, se alcançasse do Pontifice, que pudessem viver no novo Mosteiro com trajo Dominico, como em tudo o mais se conformassem com os estilos de Freiras do Carmo. Affirma-se, que fez segunda petição, e segundo gasto. E tambem foi tempo, e feitio perdido. Porque nem a isto se qui-

zerão dobrar, desenganando-a, que para Mosteiro, que não fosse de sua mesma Ordem, seria impossivel sahirem nunca do que tinha nome do Paraiso. Puderamos engrandecer esta fineza, e firmeza não aballada com força de amor, e afagos do proprio sangue, nem com esperanças de commodidades certas, se nos não tivera mostrado a Fé de Christo em muitas molheres exemplos de heroica constancia maiores em qualidade, aventejados em numero. Em fim Dona Angela fez o voto, suas irmãas derão a casa. Porque vendo-as invenciveis, e não se atrevendo a viver sem sua companhia, impetrou terceiro Breve, e disposição do voto na parte, que tocava á qualidade do habito, e em que fosse da Ordem de São Domingos.

Começou a fabrica do Mosteiro com as licenças do Reino em sete de Outubro de 1562 dentro no Castello da villa de Moura. Veio Dona Angela d'Evora a lançar a primeira pedra, e assistir na obra, trazendo comsigo por então Dona Antonia sua irmãa sómente. O sitio que escolheo, foi a propria casa em que nascera, que por estar arrimada á Igreja Matriz, deu occasião a huma traça de grande commodidade para abreviar o Mosteiro, que foi lançar sobre a Igreja o coro como tribuna, rasgando com licença d'el-Rei as paredes, e abrindo grandes portaes, para grades e confissionarios. No que a Igreja não ficou perdendo nada, e as Freiras ganharão escusar o custo, e sitio de outra nova. Correndo assim o edificio chegou de Roma o Breve da licença para a fundação, que foi mandado despachar pelo Papa Pio IV, em dezoito de Julho de 1564, no anno quinto de seu Pontificado. Mas ainda foi necessario trabalhar-se mais dous annos, para se por a casa em perfeita clausura. E veio Dona Angela a povoal-a em principios de Outubro de 1566 com sinco Religiosas, que trouxe do nosso Mosteiro do Paraiso d'Evora, que forão suas tres irmãas, Soror Antonia de Nazareth, Soror Jeronyma de São João, Soror Branca de São Francisco: E para primeira Prioresa a Madre Soror Maria de Jesu sua tia, a quem acompanhou huma velha de grande valor por nome Soror Maria d'Assumpção. N'este tempo tinha Dona Angela já offerecido o Mosteiro, e dado obediencia ao Ordinario d'Evora, em cuja Diocese está Moura. E foi a razão, porque sendo proposto no Diffinitorio, não sómente o não quizerão os Diffinidores admittir ao governo, e obediencia da Ordem: mas antes o declararão por desmembrado d'ella. E succedendo assim na verdade, por bons respeitos não ficou declarado nas actas. O que então se praticava entre algumas pessoas

zelosas, que dera motivo a este rigor, foi, que chegara a noticia dos Padres, que a fundadora tinha alcançado da Sé Apostolica, que a prelacia do Mosteiro andasse sempre nas Madres que fossem de seu sangue, e geração. E sendo-lhe pedido que exhibisse as letras, ou renunciasse o privilegio, porque não quiz fazer huma cousa, nem outra, acordarão o que acima fica dito. Porém nós respeitando, que foi casa fundada por filhas de São Domingos, e que persevera em seu habito, leis, reza, e mais ceremonias: e attento, que as virtudes dos bons filhos são gloria, e honra do pai; damo-nos por obrigados a dizer alguma cousa d'ella, inda que seja brevemente, apontando alguns exemplos mais qualificados da Religião, e Observancia, que n'ella florece, em virtude da boa doutrina, e santos principios, em que foi fundada.

CAPITULO IV

De algumas Madres, que n'este Mosteiro se sinalarão em grandes gráos de virtude.

Merecem primeiro lugar por fundadoras, e por titulo de religiosa perfeição em que resplandecerão as tres irmãas de Dona Angela. Soror Jeronyma, que das tres era a segunda na idade foi a primeira, que deixou a vida. D'ella sabemos, que dezasete annos, que a logrou n'esta casa, não teve nunca huma hora de descanço, servindo como em casa nova, e de pouca gente, muitos officios juntos. Era Sacristãa, Cantor mór, Mestra de Noviças, e dous annos antes de acabar levou só o peso de toda a casa servindo de Suprioresa. Em meio de tantas occupações sempre tomava muitas horas para se dar á oração: mas isto era cortando pelas do repouso necessario para a vida: não pelas que devia aos officios; que quando se fazem bem, não ha oração mais meritoria diante de Deos, por quem se fazem. Todos os Domingos, e dias santos rezava á honra de nossa Senhora, com quem tinha particular devação, mil Ave Marias além do seu Rosario, que era pensão de cada dia, com o officio pequeno de nosso Padre S. Domingos. A oração acompanhava com estreitos jejuns, e asperas penitencias, e huma alma em tudo purissima. Como era tal quando o Senhor a quiz levar para si, foi servido revelar sua morte a huma Religiosa da casa por estranha maneira, que brevemente diremos. Era pelo mez de Julho de 1583, quando huma noite dormindo

em seu leito a Madre Soror Joanna de S. Domingos, se lhe representou huma comprida procissão de Freiras, e outra gente, que não conheceo, que acompanhavão tres defuntas, e parecia-lhe, que chegando a ver quem serião, conhecia ser huma a Madre Soror Jeronyma Suprioresa, e outra a Madre Soror Maria de Santiago, prima, e amiga da que sonhava. Fez-lhe medo a visão: espertou toda despavorida, e todo o dia seguinte andou triste: porque, ou fosse malencolia natural, que muitas vezes traz comsigo profecias de males; ou querer Deos revelar-lh'os, era costumada antever alguns principalmente em gente de seu sangue, segundo dizia; contando este sonho ás amigas, que lhe perguntavão pela causa da desconsolação interior, que no sembrante representava. Mas passados poucos dias vio toda a casa inteiro cumprimento do sonho. Fazia Capitulo no coro na manhãa do dia seguinte depois de Prima a Madre Soror Jeronyma como Suprioresa que era. Ao levantar-se d'elle sentio huma dor aguda na ilharga, sobre a região do figado, que foi em crescimento, e parou em mortal prioriz, que a enterrou aos vinte do mesmo mez, em idade de sincoenta e sincò annos. Testemunhou a quietação, e serenidade com que se entregou áquella terrivel hora a muita, que tinha em sua consciencia, e com que sempre vivera. Porque sendo desenganada, que a chamava Deos, respondeo ao Medico com agradecimento, e recebeo os Sacramentos, não só com devação, mas tambem com alegria. E depois de ajudar os psalmos na Santa Unção, respondendo por si onde era necessario, advirtio a huma sobrinha sua do lugar em que tinha junto o que cumpria para sua mortalha, e enterro. Na ultima agonia, quando pareceo que faltava pouco para acabar, encheo-se-lhe o rosto de huma nova viveza, e còr de vida; e os olhos de alegria. Espantou muito as Madres tal novidade, e obrigou-as, imaginando o que poderia ser, a lhe perguntarem a causa d'ella. Respondeo com confiança de quem morria, que tinha diante a Virgem nossa Senhora, vestida de sol, e tanta fermosura, que não sabia cousa com que a poder comparar, e em sua companhia o Padre S. Domingos. Cresceo a curiosidade: multiplicavão perguntas; atalhou todas com huma só resposta, que não era o estado de perguntar tanto, nem a hora de dizer mais.

Mas antes de dizermos das mais irmãas da fundadora, como propuzemos parece-me acertado fazer huma parenthesis, para vermos primeiro quem erão as outras duas defuntas do sonho. He pois de saber, que as duas, que Soror Joanna de S Domingos vio, que acompanhavão mortas

á Suprioresa morta, erão a que conheceo Soror Maria de Santiago: e a que não pôde conhecer era ella mesma, que sonhara. O que se verificou com falecerem ambas no mesmo mez de Julho dous dias depois da Prioresa, pelo modo que agora diremos, que não teve menos estranheza que o do sonho. Erão estas Religiosas primas ambas entre si, e naturaes da villa de Moura. E como a razão do parentesco era estreita, corria tambem n'ellas huma certa semelhança de inclinações, que as fazião não só muito particularmente amigas, mas conformes com espanto em todos os exercicios da religião, e da vida. Ambas tão penitentes, que se martyrisavão qual mais podia com disciplinas de sangue; e tão abstinentes, que tinhão por delicia os jejuns de pão, e agoa. De que nascia serem continuas na oração, e meditação, e andarem sempre companheiras, sem se apartar nunca huma da outra. Amizade santa, e companhia digna de ser invejada; que as chegou a concertarem entre si, e se prometerem que a que primeiro sahisse das prisões da carne appareceria á outra, se Deos fosse servido conceder-lhes esta consolação. E mereceo sua grande virtude alcançarem-na. Aconteceo pois, que adoecerão ambas no mesmo dia, e da mesma doença, que foi prioriz, logo apoz a Suprioresa. Erão as primas desiguaes nas idades. Maria de Santiago não passava de vinte e sinco annos; e a outra era quasi de quarenta. Foi a doença mortal em ambas: e vierão a falecer com seis horas só de differença. E acabou primeiro a que era mais velha. No mesmo ponto estando Maria de Santiago cercada de Freiras, levantou a voz, e disse: Venhaes embora, Senhora: *Ipse junget nos in gloria.* Como quem dizia: Quem nos fez tamanha mercê de nos deixar ver aqui, esse mesmo nos juntará na gloria. E virando-se para as Religiosas: Porque não fazem, dizia, Madres minhas, sinal por minha prima? Tinhão ellas determinado encubrir-lhe a morte da parenta, porque lhe não abreviasse a sua. Responderão, que estava viva. E ella tornou: Mal póde isso ser, que agora a vi espirito já, e livre da terra. E foi proseguindo com as palavras do psalmo: *Exultabunt Sancti in gloria* (1). Alegrar-se-hão os Santos na gloria: repetindo-as muitas vezes. E acrescentava louvando alegremente o Senhor: *Confitemini Domino, quoniam bonus, quoniam in sæculum misericordia ejus. Deus meus es tu, et confitebor tibi. Deus meus es tu, et exaltabo te.* Como se dissera: Louvai gentes ao Senhor, cuja bondade, e misericordia são eternamente sem fim. Vós sois meu Deos, sempre vos louvarei: vós sois

(1) Psalmo 117.

meu Deos sempre, engrandecerei vossas maravilhas. Teve Satanaz inveja a quem entre louvores divinos hia despedindo huma alma bemdita: descobrio-lhe no meio d'elles toda sua fealdade, para lhe fazer medo, e ella gritou com palavras formaes: Jesu, que Diabo tão feio! *Noli me tangere.* E logo pondo a boca com humildade nos pés de hum Crucifixo, rendeo n'elles o espirito. E ficou-lhe no rosto impressa huma certa graça, e alegria, que dava sinaes do que sua alma hia gozar. Assim vierão a falecer as amigas, e primas, e ser enterradas no mesmo dia em hum sabbado 22 de Julho de 1583, e se veio juntamente a cumprir o sonho de Soror Joanna. D'esta semelhança de inclinações, e successos de vida em pessoas muito differentes em terras, e nascimento temos exemplo nas historias antigas: e na Vida do Angelico Doutor Santo Thomas temos outro concerto semelhante, que fez com seu irmão Reinaldo, que morrendo na guerra cumprio a palavra, e lhe appareceo defunto.

Agora tornemos ás irmãas de Dona Angela. Faleceo Soror Branca em 20 de Agosto de 1598. D'esta Madre se conta por caso raro, que nascendo de hum ventre juntamente com outras duas irmãas, morrerão as duas, e ella só teve vida. Sendo assim, que quando nascem tres, nunca se vio lograr-se nenhuma. No dia que faleceo, fazendo a Communidade o officio da commendação costumado no dormitorio, soou dentro da enfermaria hum grande, e extraordinario estrondo, que sobremaneira atemorisou a todas as Madres. Porque notarão, que se armara no ar, e do tecto da casa para baixo. Estava presente ao officio sãa, e bem sua irmãa Soror Antonia da Nazareth; e sem nenhum pavor disse alto, que todas a ouvirão: Este sinal he por mim. E como se fôra revelação, assim aconteceo, e assim se dispoz para seguir a irmãa. E tardou menos de hum mez em se hir apoz d'ella. Deu-lhe hum mal de aguda esquinencia com febre ardente, e acommetimentos ao coração: e teve logo por certo, que morria. E não esperou lembranças de ninguem para o que lhe cumpria fazer em tal tempo. Fôra Prioresa vinte quatro annos. Despedio-se das Madres em geral com grande inteireza; e depois em partilar, pedindo perdões a cada huma com muita humildade, e até ás Servidoras. E d'esta hora até pouco antes de espirar, não fallou mais com ninguem, tratando só com Deos, por meio de huma imagem de nossa Senhora, que tinha diante, de que nunca tirava os olhos, e com ella chorava. Mas algumas vezes se via, que trocava sembrante, ficando de chorosa bem assombrada, e risonha: e particularmente duas horas antes

de acabar; que então levantou a voz, e com notaveis mostras de gozo, e confiança, disse as palavras seguintes: Hei-me de salvar. Oh quantas cousas dissera, se minha rudeza me soubera declarar; e o mal que tenho, me deixara fallar! Passado hum espaço, estando já para espirar, tornou a levantar a voz, e pronunciou claramente, e com sinaes de alegria as palavras da antiphona da vigilia da Natividade: *Hodie scietis quia veniet Dominus*. Hoje sabereis, que ha de chegar o Senhor. D'esta Madre se conta por excellencia, que podia dizer por si o dito do Filosofo: *Omnia mea mecum porto*. Porque era tão pobre com vinte quatro annos de Prelada, que não tinha mais de seu, nem havia mais na sua cella, que quanto levou á cova. Exemplo raro de santa pobreza! Acabou em 8 de Setembro do mesmo anno de 1598.

CAPITULO V

Das Madres Soror Guiomar de Nazareth, Soror Magdalena do Sepulchro, Soror Maria d'Assumpção, Soror Brites de Jesu, e Soror Paula da Resurreição.

Semelhante apparecimento ao que acima fica contado, temos na Madre Soror Guiomar de Nazareth. Foi esta Religiosa a primeira que professou n'este Mosteiro, e entrando n'elle de nove annos, admirou grandemente a pressa, com que procurou retratar em si todas as virtudes, penitencias, e mortificações, em que as fundadoras a começarão. Mas a natureza fraca não póde com o trabalho, e veio a sossobrar com o peso. Ajuntou-se, andando já muito quebrada, ser eleita em Prioresa, que foi para ella nova, e mui pesada carga. Porque como era mui verdadeira Religiosa, fez conta, que não lh'a dava Deos para descanço, e boa vida, como a gente enganada cuida, senão para mais fadiga: e para com seu exemplo fazer crescer a observancia, e o rigor da casa. Assim quando pudera descançar com as commodidades, que muitas achão nos officios, os seus jejuns, que primeiro costumava, de pão, e agoa, erão mais apertados, as disciplinas mais rigorosas, o cilicio mais continuo, e as vigias, e oração com aventagem dilatadas. A poucos mezes de Prelada cahio em febre continua, e em fim se fez thisica. Mas não se vio doença mais bem assombrada. Estava vizinha á morte, e não ignorava seu estado. E com tudo não se affligia, nem dava pena a ninguem. Antes todas as vezes,

que entrava o Medico, as praticas, que com elle tinha, não erão de novos generos de remedios, nem de esperanças de saude, senão exclamar, e dizer suspirando: Ah senhor Doutor, quando ha de ser aquelle dia alegre, e fermoso, em que me ha de pedir alviçaras de ter chegado o termo, e fim de meu desterro! Este lhe chegou a cabo de quatro mezes e meio de cama, e de grandes martyrios. Entrando nos ultimos parocismos disse ás Religiosas que a acompanhavão, que fizessem lugar a quem vinha. Perguntada quem era, foi nomeando huma por huma, todas as Freiras que erão mortas no Mosteiro, e dizia, que a vinhão buscar. Passado hum espaço, começou a fazer força, que já não tinha, para se pôr de joelhos, com hum gesto tão cheio de alegria, que parecia resuscitada. E perguntando lhe as Madres, que sentia? respondia, que tinhão alli comsigo a Rainha dos Anjos, acompanhada do Padre São Domingos, e do Serafico Francisco, e seu filho Santo Antonio. Quietando hum pouco, tirou com novo alento debaixo da roupa os braços, em que havia dias não tinha já movimento: E cruzando-os tres vezes dizia com alvoroço: Santo Evangelista, meu Santo, assim o confiava eu de vós, que me não havieis de faltar n'esta hora. O mais que lhe ouvirão dizer, foi pedir á Virgem gloriosa, e depois ao Evangelista, que a levassem comsigo. Sentião as Freiras perder tal companhia; e assim enferma se consolavão com a terem viva. E houve huma, que lhe disse, que não havia Deos de querer, que as deixasse tão depressa; porque o Medico affirmava que estava inda devagar. E ella respondia: Pois a mim me dizem aqui á orelha, que hoje n'este dia hei de entrar em posse de grandes bens. Era vespera d'Assumpção da Senhora, e orago da casa: e assim succedeo, que na mesma noite acabou. Não lhe faltou no meio d'estes mimos sua afflição para merecimento de Fé. Acenou que lhe lançassem agoa benta, dizendo: *Bestiæ, et universa pecora.* E logo tornou com hum brando riso, como quem via fugir os inimigos, e dizendo: Bemdito seja meu Criador, e Redemptor Jesu Christo. Com este santissimo nome na boca se foi para elle. Pareceo-se esta Madre em lhe ficar no rosto huma boa sombra, e resplandor não cuidado depois de morta, com o que temos escrito da Madre Soror Maria de Santiago. E espantou mais, porque o tinha ardido, e consumido da força das febres. E a essa conta não quizerão as Madres, que fosse cuberto, como he costume, quando a levarão á cova, fosse ociosidade, ou força de affeição. Huma Religiosa, que a curava, teve cuidado de lhe lembrar, que fiasse d'ella, que se diante de

Deos tivesse necessidade de algum suffragio, para mais depressa gozar de sua santa vista, sem duvida lh'o procuraria. Porém que isto havia de ser, sendo por ella avisada. Respondeo a enferma, que se á necessidade se juntasse licença d aquelle Senhor, que tudo podia, de sua parte não haveria falta. Contão que, passados quatorze dias, estava a enfermeira em seu leito assentada, e esperta: eisque sente duas mãos, que por detraz se lhe punhão sobre os hombros, e huma voz, que lhe dizia: Madre não hei mister nada: vejo a Deos. Ficai-vos embora.

Não tinha mais de dous annos de idade a Madre Soror Magdalena do Sepulchro, quando seu pai Lopo Alvares de Moura a entregou na sepultura d'este Mosteiro em hum dos sinco lugares, que a fundadora tinha deixado para gente de sua geração. Affirma-se que perseverou todo o resto da vida, que forão vinte e nove annos, na innocencia de tal idade; porque de trinta e hum acabou. E para a conservar, usava de todos os meios, que a Religião ensina, de cilicios, disciplinas, abstinencias, e muita oração, acompanhada de tantas lagrimas, que ficou em memoria, imitava bem as que a Santa de seu nome chorou no sepulchro de seu Mestre. E assim se affirma, que na ultima hora mereceo ver á sua cabeceira a mesma Santa.

A Madre Soror Maria d'Assumpção foi aquella velha de grande valor, que veio acompanhando a Madre Soror Maria de Jesu, tia da fundadora, quando foi trazida d'Evora para primeira Prelada de Moura, como atraz fica dito. Foi esta velha hum espelho de santidade, que por tal honrou a casa d'Evora, em que teve a criação: e grandemente edificou a de Moura, em que veio a acabar. Sendo esta na vida, virão-se em sua morte novos, e maravilhosos testemunhos do thesouro, que o Senhor dos Ceos tinha n'ella escondido. Estava já no ultimo, e via-se cercada da afflição, que a alma, e carne naturalmente padecem ao desfazer da companhia de muitos annos. Mandou, que lhe lessem das lamentações de Jeremias, no primeiro capitulo, onde começa o verso: *Vide, Domine, etc*(1). N'este passo se começou a ouvir huma musica de vozes muito acordada, que parecia estar longe. E para que se entendesse, que não era cousa da terra, aconteceo, que estando toda a Communidade junta, houve muitas, que nada ouvião; estando outras enlevadas na suavidade da melodia. Parece, que as tribulações dos justos espertão as vozes dos Anjos do Ceo, para louvarem o Senhor d'elle. Mas a cabo de pequeno

(1) Jerem. cap. 1.

espaço cessou tudo; e a enferma abraçando-se com hum Crucifixo, chea de nova, e desacostumada alegria, e pondo a boca nos pés encravados, despedio n'elles a santa alma. Notou-se aqui huma novidade na boa velha. Tinha-lhe a longa idade enverrugado o rosto, e crespo, como huma cortiça, segundo acontece onde sobejão annos, e falta o vigor, e verdura natural. Na hora que espirou, ficou tão differente, que todas a desconhecião por moça: de maneira, que podia dizer: *Refloruit caro mea.* Remoçou, e vestio-se de huma frescura nova minha humanidade.

Temos na Madre Soror Brites de Jesu hum mysterioso successo, que acredita outros semelhantes, que atraz deixamos contados. Sendo das primeiras Religiosas, que n'este Mosteiro tomarão o habito, foi tão perfeita discipula das que n'elle fundarão a observancia, que não só igualou, mas deixou atraz as Mestras. Particularmente foi louvada de estranho amor á santa pobreza, em tanto grão, que sobejando-lhe com que se poder tratar bem, porque tinha pais ricos, e nobres, que lhe acudião com largueza, não havia Freira mais pobre, nem nos atavios de sua pessoa, nem nas alfaias da cella. Tudo o que a suas mãos vinha, e vinha muito, passava por ellas sem detença para as dos pobres. A este bom espirito juntava singular devação com a Virgem Sagrada, e com seu santo Rosario, em que adiantou tanto, que ouvindo dizer, que o numero das Ave Marias, que n'elle se rezão, fora tomado do Psalterio de David, continuou muitos annos em o rezar cada dia. Vindo a falecer, pedio com humildade á Prioresa, que lhe désse licença para levar comsigo as contas, por que rezava. Deu-lh'a a Prioresa. Erão brancas, e enfiadas em hum cordão de seda carmesi. Passados onze annos, succedeo abrir-se a cova para outro enterro; acharão-se tornados em pó, e cinza, corpo, habito, e toucados; só estava inteiro, e limpo, e livre de corrupção o Rosario e a infiadura, como se estivera guardado em huma boceta, e não debaixo da terra, e lugar humido, e cercado de podridão.

Foi celebrada na Madre Soror Paula da Resurreição huma doença, que padeceo; porque nas circunstancias d'ella, e no tempo que durou, pareceo mais hum tormento do Purgatorio, que enfermidade natural. Nascera-lhe junto do olho direito huma verruga. Era moça, dava-lhe pejo, temeo disformidade, se fosse crescendo, determinou cortal-a. Em tal hora a cortou, que lhe aposthemou, e se tornou em hum feio, e asqueroso *noli me tangere.* De que lhe procedia, além do martyrio de continuas dôres, outro de carne esponjosa, que crescia; e assombrando-lhe o

olho, se acompanhava de humas materias podres, que brotava com cheiro tão pestilencial, que não fôra peior de sofrer, se já estivera meia comida da terra. Acode o Senhor sempre com suas misericordias onde sobejão miserias. Era a paciencia igual ao tormento. E tão conhecida vivia, que este lhe vinha do Ceo; que ainda que algumas vezes a força de tantos males juntos, lhe fazia dezejar a morte: logo tornava sobre si, e dizia com Santo Agustinho: *Hic ure, hic seca, ut in æternum parcas.* Vingai-vos, Senhor, n'esta vida mortal, queimai, abrazai, cortai, e espedaçai, por onde, e como quizerdes: como seja, para haverdes piedade na que ha de ser immortal, e eterna. N'estas penas se lhe alargou a vida trinta annos; e para que fosse maior o merecimento, chegou a estado, que não podia ver a luz nem de huma candeia, sem gravissima pena: e a mesma lhe dava qualquer ar de vento, por leve que fosse. E o remedio era mais intoleravel. Porque outro não tinha, senão viver ás escuras, e como em carcere perpetuo. Alegrem-se todos os atribulados, e saibão, que: *Prope est Dominus.* Quero dizer: Que quanto mais cresce o fogo da tribulação, mais perto, e mais á porta tem o mesmo Deos, que lh'a manda, e que nos affirma, que está por companheiro do affligido: *Cum ipso sum in tribulatione.* Tinha recebido todos os sacramentos, e entrava na ultima agonia. Eis que começa a soar huma voz de estremada melodia, e graça, que cantando só alegrava, e enlevava os sentidos das Madres, que ouvião. Acudirão algumas a huma janella, por ver se seria de algum secular; quando chegarão, conhecerão, que lhe ficava dentro na enfermaria. E da suavidade, e lugar se assentou por todas, não ser musica humana, mas antes celestial, e a mesma, ou semelhante áquella, com que o Esposo Divino chama nos Cantares a alma santa, do meio da aspereza das serras, e da companhia das feras para ser coroada, dizendo: *Veni de Libano Sponsa mea, veni de Libano; veni, coronaberis: de capite Amana, de vertice Sanir, et Hermon, de cubilibus leonum, de montibus pardorum*(1).

Mais cousas puderamos dizer d'esta casa, pela muita Religião, com que nosso Senhor he servido n'ella. Mas parecem bastantes as referidas, para satisfazermos á obrigação dos principios, que teve na Ordem.

(1) Cant. 4.

CAPITULO VI

Como teve principio o Convento de São Sebastião da villa de Setuval.

Tendo dado fim a seu quadriennio de Provincial o Padre Mestre Frei Luis de Granada, veio ajuntar Capitulo de eleição, por fim de Outubro do anno de 1562 no Convento de Santarem: e n'elle foi eleito para seu successor o Padre Mestre Frei Jeronymo d'Azambuja, que em seus doutissimos escritos se chama com nome latino Olcastro. Viveo este Padre no cargo pouco tempo. Porque os cuidados d'elle, juntos ao trabalho continuo da Inquisição em que servia, e ao estudo que nunca deixava, lhe abreviarão os dias da vida. Adoeceo, e sentindo que era chamamento do Ceo, juntou os Padres do Conselho da Provincia: e por causas, que então parecerão justas, acordou com elles, que o futuro Capitulo, que nas actas do de Santarem ficara lançado para o Convento de Bemfica, se transferisse para Lisboa. A tenção que n'esta mudança tiverão, Provincial, e Conselheiros, descubrio o tempo, e o successo: de maneira, que nos livrão de lançar sobre ella juizos. Era Prior de Lisboa o Padre Frei Estevão Leitão, pessoa de rara prudencia, e de grande virtude, e exemplo. Foi hum genero de significar á Provincia, metendo-lhe o Capitulo em casa, que tinhão n'elle pai, e Provincial futuro, qual convinha para o bom governo d'ella. E tudo veio a succeder conforme a traça. Porque primeiro ficou Frei Estevão por Vigario geral, sendo falecido o Padre Frei Jeronymo Provincial. Segundo os estilos da Ordem, por razão de estar lançado o Capitulo na casa, em que presidia: e conseguintemente foi eleito em Provincial. Eleição tão acertada, que tanto que outra vez lhe coube poder entrar no mesmo cargo, mostrou a Provincia a satisfação que tinha de seu governo, tornando-lhe a dar o mesmo lugar, como adiante veremos. Collegimos que foi sua primeira eleição por Janeiro de 1564. Porque veio a celebrar Capitulo intermedio, em outro Janeiro de 1566, que foi no Convento da Batalha. Governando este Padre a Provincia, foi-lhe commetido pelos que então tinhão mão, e poder no Conselho d'el-Rei Dom Sebastião, que era minino, que aceitasse para a Ordem hum Convento na villa de Setuval. He Setuval huma das melhores, e mais ricas villas do reino; que por isso goza o titulo de notavel: e das que reconhecem ao Mestrado de

Santiago a melhor, e mais importante. Pelos annos em que vamos, tinha crescido em gente, e edificios tanto, que duas Igrejas parochiaes antigas, e grandes, que n'ella havia, davão estreito gasalhado ao povo. Esta razão, e parecer tambem, que seria proveito das almas, e lustre da terra a hum Mosteiro, que já havia de Religiosos de São Francisco, juntar outro de São Domingos, com que se supriria a estreiteza das Igrejas, e haveria abundancia de doutrina, e prégadores, obrigou aos senhores do Conselho a propôr a materia. E porque se visse, que este era o fim principal que os movia, declararão, que das rendas do Mestrado de Santiago, que el-Rei como perpetuo Administrador d'elle possuia, se proveria bastante sustentação para os Religiosos, que houvessem de assistir. Aceitou o Provincial Frei Estevão Leitão o Convento: e por sua procuração foi assistir no contrato que se fez com os Deputados da Mesa da Consciencia, e Ordens, que he o Tribunal, a cujo cargo está a administração das Ordens Militares, o Padre Mestre Frei Luis de Granada: e conseguintemente na eleição, e posse do sitio. Sinalarão-se por parte d'el-Rei ao Convento para em cada hum anno doze moios, e quarenta e sinco alqueires de trigo, e hum moio e meio de cevada, com mais quarenta mil e setecentos réis em dinheiro. Como esta consignação foi feita em Tribunal, que tem nome de Consciencia, e em que assistem pessoas qualificadas em letras, e prudencia, desculpados ficão os quebrados, e miudeza, com que compassarão a quantia da renda. El-Rei como andava inda então em annos pueris, não dava voto em materias de governo. Forão as condições, que puzerão aos Frades, darem prégadores para as duas Igrejas de São Gião, e Santa Maria alternadamente, ora em huma, ora em outra, desde principio de Setembro até Pentecostes, todos os Domingos, e festas principaes do anno. E terem huma lição de casos de consciencia no Convento para todas as pessoas, que a quizessem ouvir, desde dia da Exaltação da Cruz até a entrada da Quaresma. E depois das Oitavas da Paschoa da Resurreição até passadas as de Pentecostes. O sitio foi o melhor, e o mais sadio de toda a villa, ao Levante d'ella, em lugar alto, e desabafado, e sobre o rio. Deu-se-lhe o nome de São Sebastião, por honra do nome d'el-Rei. A obra começou com moderação, e proporcionada com a terra, em que se fazia, quanto a dormitorios, e mais officinas. Só a Igreja sahio dos termos de boa architectura, com tanto excesso, que fez desigual todo o edificio. E não ha duvida, que só com a despeza que n'ella se empregou, pudera sahir hu-

ma bastante Igreja, e bom Convento acabado. Sendo assim, que ainda hoje está longe de sua perfeição. Desculpão-se os que assistirão na obra com os espiritos grandiosos d'el-Rei Dom Sebastião, que chegando a ver a fabrica, que em seu nome começava a sahir dos alicesses, quando já hia crescendo na idade, animava os Religiosos de palavra, e obra a gastar largo. Assim ficou descompassada em corpo, e numero de capellas. E por ella se póde dizer, que faz mais representação de huma praça forte militar, que de casa de Religiosos.

Nas actas do Capitulo intermedio d'esta Provincia, que passou no Convento da Batalha pelo mez de Janeiro de 1566 achamos aceitado hum Convento por estas palavras: *Acceptamus Domum de Rosa*: sem mais outra declaração. E pelas confrontações do tempo nos deu azo a cuidarmos, que poderia ser esta de Setuval, e que o titulo de Rosa seria boa tenção de algum devoto. Tirou de duvida hum Religioso antigo, que estava lembrado nos fôra dada então outra casa junto da villa do Crato, onde chamavão Val de Rosa, pelo Prior de São João de Malta, de cuja jurisdição he a villa. Tanto que n'elle foi nomeado o Senhor Dom Antonio, filho do Infante Dom Luis, em primeiro sinal da boa inclinação, que tinha á nossa Religião, e lembrança do Mestre, que n'ella teve, que foi aquelle grande sugeito, o Mestre Frei Bartholameu dos Martyres, que depois vimos subido a Arcebispo, e senhor de Braga, sem mais escadas que as de sua virtude, e letras. Sinalou-lhes o Prior renda; e tão copiosa, que a achámos em algumas actas, contribuindo já para os gastos da Provincia, com sua porção entre os Conventos de posse. Porém sahio-nos o sitio mal são, e tal, que dentro de poucos annos se vio a provincia necessitada a largal-o, com muito sentimento dos vizinhos, que sabião estimar a companhia, e a doutrina.

Por este mesmo tempo governava a Ordem outro Mosteiro, que tambem largou. Era de Freiras Terceiras de nossa Regra, e habito, no limite d'Azeitão, em menos distancia de huma legoa de Setuval; o titulo de Jesu Bom Pastor. E assim como para largar Val de Rosa deu causa o sitio, por enfermo: assim a deu este, para o mandar extinguir a provincia, estar longe de povoado. Ao que se juntava ser pobre de renda, e edificio, e pouco authorisado em sugeitos. Impetrou-se para o effeito hum Breve do Papa Pio V, que em sete de Janeiro do anno de 1566 foi posto na cadeira de São Pedro, sendo Religioso Dominico da provincia da Lombardia. E foi mandado executar pelo Cardeal Infante Dom

Henrique, que depois foi Rei, e então era Legado á Latere n'este Reino pela Sé Apostolica. Os bens, e fazenda, que erão poucos, e de pouca substancia, forão applicados ao novo Convento de São Sebastião de Setuval, não por mais vizinho, senão por mais pobre, em conformidade da Bulla do Pontifice Xisto IV, que chamão *Mare magnum*, e começa: *Regimini Universalis Ecclesiæ, etc.*

CAPITULO VII

Que contém huma carta, que o Papa Pio V escreveo ao Cardeal Infante em favor d'esta Provincia. Vem a visital-a o Geral Frei Vicente Justiniano: faz-se huma breve relação da vida do Padre Provincial Frei Estevão Leitão.

Occasião nos dá o anno de 1566 em que vamos, e a eleição, que n'elle succedeo do Santo Pontifice Pio V, Pontifice famoso pelos meios, que subio áquella Santa Sede, que forão de virtude, e valor, sem outro estribo, e pelos admiraveis successos, que vio a Christandade nos breves annos, que a governou, de insignes victorias alcançadas de infieis, e hereges, attribuidas tanto á sua grande industria, como a suas santas orações, para tomarmos licença de lançar aqui em memoria sua, huma carta, que pouco depois de eleito mandou escrever ao Cardeal Infante Dom Henrique, em recommendação dos Mosteiros Dominicanos d'este Reino. He carta de ver pela humildade, não só modestia com que falla de si; e pelas vivas saudades, que n'ella mestra dos claustros, e vida fradesca, em cuja lembraça e affeição affirma, que nem a dignidade de Cardeal póde acabar com elle deixar o habito da Ordem. Segue-se a carta:

Dilecto filio Henrico tituli Sanctorum quatuor Coronatorum Presbytero Cardinali, Portugallia Infanti, nostro, et Sedis Apostolicæ de Latere Legato. Pius Papa V. Dilecte fili noster, salutem, et Apostolicam benedictionem. Gratissimum nobis fuit officium, quod charissimus in Christo filius noster Sebastianus Rex, nepos tuus, Nobis, et Sedis Apostolicæ ex omnium Christianorum Regum more prœtitit. In quo præstando dilectus filius nobilis vir Ferdinandus Menesius, tanti Regis, cujus nomine eo officio functus est, dignitatem, et amplitudinem conservavit. Nihil in eo desi-

deravimus, neque in in Oratione, quæ habita fuit, præterquamquod, laudes nobis tributas, sicut agnoscere non potuimus, ita ne commemorari quidem voluissemus. Cætera non omnia in ea oratione dilectarant. Et enim digna illo loco, et tanto conventu fuit. Imprimis vero jucunda nobis fuit commemoratio pietatis, et virtutis ipsius Regis, et ingentis spei, ac expectationis quam de se omnibus illa jam ætate affert. Id, quod nos cum vi naturæ, generisque tribuimus, tum vero paternæ curæ, et institutione tuæ: nec solum monitis sapientissimis, sed etiam exemplis, quæ in te sibi proposita ad imittandum habet, gratulamur tibi, dilecte fili, gratulamur populis ejus Regno subjectis: Quod speramus, et quadam divinatione permoti auguramur, eum, cum adoleverit, nemini maiorum suorum vel virtute, vel gloria inferiorem futurum. Ex ipsius Ferdinandi, et Pinti tui literis cætera, quæ scribere prætermitimus, cognosces. Tantum illud addimus, vehementer nos cupere, Conventus omnes Ordinis Sancti Dominici, qui in isto Regno sunt, tibi commendatissimus esse. In eo Ordine, nos (ut scis) maximam vitæ nostræ partem egimus, non sine summa quidem animi nostri tranquillitate, ac lætitia, cujus nobis sæpissime in mentem venit: sicut in Cardinalatu, nunquam, nec studium nostrum erga illum, nec Habitum ejus deposuimus: Ita in hoc loco constituti, in pristina erga eum voluntate manemus; et tantum ad eam addidimus, quantum pro suscepte officio addere debuimus. Sed tibi, qui tanti Ordinis insignia merita nosti, quemque scimus favere studiosissimé solitum omnibus Religiosorum Ordinibus, non esse cum pluribus verbis commendandum putamus. Dat. Romæ apud Sanctum Petrum, sub Annulo Piscatoris, die 26. Aprilis 1566. Pontificatus nostri anno primo. Antonius Floribellus Lavellinus.

Não damos tradução, porque nos escusa d'isso a noticia, que no principio do capitulo deixámos dada dos pontos mais essenciaes, que contêm.

No mesmo anno d'esta eleição entrou em Portugal o Reverendissimo Geral da Ordem, Frei Vicente Justiniano, pessoa mui insigne por virtude, letras, e prudencia. Depois de ter visitadas as mais Provincias de Espanha, não quiz fazer volta, sem dar vista a esta nossa. Entrou por Alemtejo; onde o foi receber o Provincial, acompanhado do Padre Frei Francisco Bovadilha a Badajoz, e Elvas. E visitadas todas as casas da Provincia, sahio por entre Douro, e Minho: onde foi muito festejado do nosso Primaz Dom Frei Bartholameu dos Martyres. Chegou o Geral

a Braga em conjunção, que o Arcebispo celebrava Synodo Provincial. Quando soube que o vinha buscar por conhecido amigo do tempo do Concilio Tridentino, em que se acharão juntos; sahio o Arcebispo a buscal-o fóra da cidade em companhia dos Bispos, que assistião ao Synodo, e dos Conegos, e dignidades da Sé, e muitos Abbades, e toda a nobreza da cidade, que fizerão a entrada mui solemne. Agasalhou-o comsigo de suas portas a dentro, com mais amor que pompa, com mais reverencia que despeza. Porque no aparato da mesa, quasi não excedeo de sua moderação costumada. Mas no tratamento, e cortezia assim o venerava, como se se considerara pobre Frade, e ainda seu subdito: porque n'esta conta se teve sempre com qualquer Prelado de sua Religião, quanto mais com o supremo. D'este Padre Geral nos consta, que foi tão satisfeito da observancia, que achou na Provincia, depois de a vizitar com muito cuidado, e atenção, que quando depois fazia por outras semelhantes vizitas, costumava para exemplo allegar com a reformação, e pureza, que vira n'esta. E particularmente affirmava, que comparado Portugal com todo o resto da Ordem, ficava com o mesmo lugar n'ella, que tem em qualquer Mosteiro huma bem concertada Casa de Noviços. Emfim chamava a esta Provincia o Noviciado da Ordem.

Resta-nos para cerrar este capitulo dizer alguma cousa do Padre Frei Estevão Leitão. Devemos-lh'o por sua pessoa, e porque sendo, como era, filho do Convento de Lisboa, pareceo, que viria mais a proposito fallar n'elle, juntamente com seu governo, que temos entre mãos, que não entre os Padres seus conventuaes. Escusando assim repetições de materias, e seguindo a brevidade, que sempre dezejamos. Era Frei Estevão muito nobre por geração, e parentes, sem embargo, que de presente não ha Casa importante no Reino d'este appellido. Criou-se na casa, e serviço do Infante Dom Luis; bom fundamento para acreditar tudo o que d'elle dissermos; pelo grande preço d'aquella escola: buscou a religião com grande edificação da Côrte, passados os annos da mocidade, e procedeo no resto da vida, como quem reconhecia da mão de Deos a mercê de o tirar do mundo. Acabou seu estudo: e sem pertender adiantar por elle nas honras da Ordem, tratou só de se aventajar no espirito, e merecer com Deos. Para este effeito procurou passar á India e empregar-se na conversão da gentilidade. E fazendo força no requerimento, se embarcou duas vezes. Mas de ambas foi Deos servido, que arribasse. Da ultima arribada fez se assinar no Convento de Bemfi-

ca. N'elle foi Mestre de Noviços, e pouco depois Prior. Aqui se fez por extremo bemquisto, e cobrou nome, que lhe rendeo ser buscado, para a Prelacia de Lisboa. Era muito compassivo dos doentes, muito amigo dos pobres, e tão liberal com elles, que todas as vezes que tomava contas das officinas, como he ordinario por fim de cada mez, mandava ficar em deposito separado algum dinheiro para esmolas particulares: e d'este, quando estava em Lisboa, era depositario o Porteiro mór, Frei Jordão, bem conhecido por sua charidade. E dizia com grande fé aos Padres depositarios: Padres meus, este he o formento, que ha de fazer crescer o nosso deposito. E para o mesmo costumava aplicar todas as esmolas, que vinhão de sermões extraordinarios, que se pedião de fóra. Foi muito cuidadoso do culto divino, grandemente zeloso da guarda da Religião, grave na pessoa, brando e macio no trato; e tão estimado da Ordem, que quatro vezes o fez Prior de Lisboa. O que por ventura não aconteceo nunca a outro sugeito: e duas Provincial. Da primeira vez que foi eleito n'este cargo, tentou visitar a Provincia a pé, e caminhou muitas legoas. Mas aggravou-lhe o exercicio huma indisposição, que tinha de peitos, que lhe causava lançar algumas vezes sangue pela boca; com que foi forçado desistir dos bons propositos, e principios: e achámos escrito, que o obrigou tambem particular advertencia do Cardeal Infante por lhe constar da doença, e impossibilidade.

CAPITUO VIII

Fundação do Convento de S. Paulo d'Almada: com huma breve relação da vida do Padre Mestre Frei Francisco Foreiro, autor d'elle.

Era Prior de Lisboa o Padre Mestre Frei Francisco Foreiro, e assistia no Santo Officio, servindo de Qualificador dos livros, por commissão do Cardeal Infante, que fazia o officio de Inquisidor Geral: e era juntamente Prégador d'El-Rei Dom Sebastião, tão antigo, que o começara a ser d'el-Rei Dom João III no anno de 1555, no qual achamos, que lhe foi passada sua carta em 23 de Dezembro d'esta honra, e do ordenado d'ella, que erão sincoenta mil réis em cada hum anno. Estava lançado o Capitulo de eleição no mesmo Convento de Lisboa, para o proximo Domingo depois da festa de nossa Senhora de Setembro do anno de 1567; em que o Padre Frei Estevão Leitão dava por acabado seu

tempo: juntos os Capitulares, puzerão com razão os olhos na muita idade, e grandes merecimentos do Prior, que os agasalhava: e sahio eleito Provincial, e forão com elle Diffinidores os Mestres, Frei Lopo d'Aveiro, e Frei Luis de Soutomaior, os Padres Frei Thomas da Costa, e Frei Nicoláo Dias, que então não erão mais que Prégadores geraes. Foi a eleição bem recebida na terra, e com grande gosto confirmada pelo Reverendissimo Justiniano, que com o mesmo o confirmara em Prior de Lisboa, quando no anno de 1566 se achara n'esta Provincia. Mas teve este Padre calamitoso tempo. Porque entrando o anno de 1569 mandou Deos hum açoute de peste sobre a cidade de Lisboa, que deixando-a quasi assolada, correo o Reino todo com infinito damno, como logo contaremos mais distintamente, depois que dissermos alguma cousa do que toca a este Padre, e á fundação do Convento d'Almada, que foi obra sua.

O castello, e villa d'Almada, que os naturaes em suas escrituras, e papeis antigos, e modernos chamão Almadão, referem sua origem quanto ao tempo, ao reinado d'el-Rei Dom Affonso Henriques, primeiro Rei de Portugal; e quanto aos fundadores, a huma companhia de Ingreses, que sendo parte d'aquella grande Armada de gentes do Norte, com que Guilherme de Longa Espada, seu General, ajudou a el-Rei Dom Affonso a ganhar Lisboa aos Mouros, que de muitos annos atraz erão senhores d'ella, folgarão edificar no Reino: servindo ao mesmo, e assentando n'este sitio, lhe quizerão só dar o nome da ventura, e bom successo que tiverão em Lisboa. Porque *Al, ys, made*, são tres palavras da lingoa ingresa, que soão o mesmo, que dizer: Tudo está feito, e acabado. O curso dos annos as cortou, e encurtou de sorte, que fazem huma só, que ficou por nome á villa, e a huma nobre familia, que n'ella, e nos fundadores teve sua origem do appelido d'Almada. Acredita-se a antiguidade d'esta povoação com hum privilegio de que a villa, e moradores gozão, quasi dos mesmos dias em que seus antecessores a fundarão. Concedeo-lhe el-Rei Dom Sancho primeiro, Rei segundo de Portugal, que elles a guardassem, e defendessem por então, nem depois lhes nomear particular Capitão, ou Alcaide mór, como vemos que tem todas as mais villas, e fortalezas do Reino: que foi o mesmo que dar testemunho do valor, que tinhão mostrado todos no serviço feito em Lisboa, com que merecerão esta confiança. O privilegio andava registado nos livros da Camara. E inda que hoje não parece n'elles, pelo descuido ordinario, que reina em

quasi todas as Communidades, e por sua muita antiguidade, tambem se não acha nos registos, e memorias geraes do Reino: comtudo a posse immemorial he registo equivalente, e tão bastante, como se o tiverão vivo, e authorisado com sellos pendentes, e certidões da Torre do Tombo. E por tal lhes valeo em annos atraz contra alguns pretensores, que houve do cargo. O castello que hoje tem, não he mais antigo, que o reinado d'el-Rei Dom Fernando, unico d'este nome, segundo parece de huma letra, que está sobre a porta, que inda que gastada do tempo, declara bastantemente que foi elle o author, como sabemos que cercou de muros muitas terras de Portugal; e fortificou a cidade de Lisboa com segunda cerca. A razão do nome recebemos de hum Ingrez muito antigo na idade, Catholico, e de bom entendimento natural, que nos affirmou a ouvira, sendo moço, praticar em Inglaterra entre homens velhos, curiosos de antigualhas, e doutos n'ellas.

A este lugar tomou por assento o Provincial, para se desviar da furia da peste, que ardia em Lisboa, e para se não alongar dos filhos que n'ella ficavão, offerecidos voluntariamente a todo o perigo, por acudirem aos proximos, como ao diante mais largamente contaremos. Pareceo-lhe o sitio acommodado para hum bom Convento de gente, que se quizesse retirar para a quietação do espirito, ou do estudo das letras, ou para tudo junto. E como havia annos, que trazia na imaginação fundar hum edificio tal, e para isso hia juntando cabedal de entre parentes, e amigos; tanto que se contentou do posto, não quiz dilatar a obra. Havidas as licenças necessarias, começou a entender com a pedra e cal, e juntamente em comprar renda: a villa deu liberalmente toda a terra, que a casa occupa, que he grande, com huma cerca que se estende do alto até a praia, acompanhada de pomar, e vinhas. O edificio ficou muito recolhido, e moderado; e conforme a tenção com que se tratou. Ao que obrigou tambem a qualidade do sitio, que como he no mais alto do monte, e pendurado sobre o mar, fica como grimpa sugeito a todos os ventos que grandemente o combatem. Porém paga-se este damno, com ser senhor de hum tão fermoso, e tão bem assombrado horizonte, que confiadamente, e sem parecer encarecimento, podemos affirmar, que não ha outro tal em toda a redondeza da terra: o que fica bem de crer, pois se sabe, que tem diante dos olhos por painel a cidade de Lisboa, estendida sobre a ribeira direita do Tejo, e que de nenhum outro ponto se póde ver, e julgar sua grandeza toda junta, como d'este. Assim o enten-

deo el-Rei Dom Filippe Segundo de Espanha, e Primeiro de Portugal, que escolheo esta villa para gozar da vista da cidade, em quanto não entrava n'ella. E para ver tambem de noite o que as trevas lhe tolhião, mandou em huma, que lh'a coroassem de luminarias: estando assim ardendo sem damno toda; ficou devendo mais ás sombras nocturnas, que ao resplandor do dia: porque se mostrou maior n'ellas, e não menos bem assombrada, que de dia. O horizonte para a parte do mar se estende sobre o rio, e barra, torres, e fortalezas d'ella, e contra o Oceano até se perder a vista n'elle; e para a banda da terra descobre grande numero de legoas, de villas, e lugares.

Não foi menos provido o Padre Frei Francisco na escolha da renda que do sitio, se contra as mudanças, e revezes do tempo houvera no mundo bastante providencia. Tinha juntos dez mil cruzados, que devião huma grande parte aos salarios, que vencia de antigo Prégador d'El-Rei, outra ao que lhe rendia a impressão de seus doutissimos escritos: mas a maior se tem por certo, que lhe foi enviada da India por seu grande amigo Dom Frei Joseph de Santa Luzia, Frade nosso, e Bispo meretissimo, que fòra de Malaca; e não para outro emprego senão de huma nova casa da Ordem. Vendia el-Rei Dom Sebastião juros na casa da India, e baratos; pareceo-lhe, que se segurava comprando caro, quando todos hião ao barato. Comprou com os seus dez mil cruzados duzentos mil réis de juros, a rezão de vinte por milhar; comprando outras pessoas a dezaseis, e a menos. Foi a compra no anno de 1571. Porém passado pouco tempo, mostrou-lhe o successo, que não acertara no emprego. Porque o mesmo Rei, que fora o vendedor, mandou suspender o pagamento de todos os juros da casa da India. E supposto, que teve sempre respeito, e se tem de presente ao Mosteiro, e necessidades d'elle, ficou a arrecadação trabalhosa e descomposta. Queixou-se Frei Francisco, e fez sua queixa tanta impressão no animo brando, e grandioso d'el-Rei, que por modo de satisfação lhe acudio com huma notavel mercê, que foi converter em juro para o Convento os sincoenta mil réis, que Frei Francisco tinha de ordenado de seu Prégador. E estes possue hoje assentados no Almoxarifado de Setuval, desde o anno de 1576, alem dos duzentos da casa da India.

Dura n'esta casa huma memoria, que dá bom indicio da parte, que acima dissemos, teve n'ella o Bispo de Malaca, Dom Frei Jorge de Santa

Luzia, que he huma Missa quotidiana, assentada nos livros da Sacristia, por sua alma.

Tanto que o Mestre Frei Francisco se vio livre do cargo da Provincia, determinou lograr-se da obra de suas mãos, e industria, fazendo ninho para si da casa, que fizera para a Ordem. Recolheo-se n'ella com determinação de não tratar mais que de sua alma, e de seus livros (vida bemaventurada, e de verdadeiro Religioso) (1). Era este Padre nobre, e conhecido por geração: mas vale tanto o estudo das letras, que por ellas chegou a ser não só nobre, e conhecido; mas famoso no mundo. Sendo moço deu-se a aprender lingoas, e sahio consumado nas tres Latina, Grega, e Hebraica (2). Do que lhe resultou, que como não tinha menos engenho, e juizo, que applicação para toda sciencia, tanto que se applicou á Theologia, fez-se n'ella doutissimo, e não menos na parte especulativa, e moral, que na sagrada Escritura (3). A primeira pessoa, que conheceo, e honrou n'elle este talento, foi o grande Infante, nunca bastantemente louvado Principe Dom Luis, irmão d'el-Rei Dom João III. Conheceo o thesouro, que tinha em Frei Francisco, e honrou-o com o dar por Mestre ao Senhor Dom Antonio seu filho, que depois foi Prior do Crato. Com esta lição de cadeira das portas a dentro, começou Frei Francisco a juntar outra do pulpito, e de portas a fóra, em que era tão bem ouvido, que não tardou el-Rei Dom João em lhe dar o titulo de seu Prégador, com muita aceitação de toda a Côrte, como atraz dissemos. E o mesmo officio teve com el-Rei Dom Sebastião, que lhe succedeo na corôa. E quando no anno de 1561 houve de mandar Theologos ao Santo Concilio de Trento, foi Frei Francisco hum dos enviados por este Reino. N'esta jornada, e assistencia do Concilio, ganhou Frei Francisco credito, e grande nome para sua patria, e para si começou a lustrar com a prégação. De sorte, que a petição de muita gente de qualidade, prégou as Quartas feiras da Quaresma do anno de 1563 em particular Freguezia onde foi ouvido, e louvado de muitos, e grandes Prelados. E foi fama constante em Portugal, que fazendo hum sermão aos Cardeaes, Legado, e mais Padres do Concilio, ao tempo que quiz subir ao pulpito mandou avisar ao Mestre das Ceremonias, que soubesse de Suas Illustrissimas, em que lingoa erão servidos que prégasse. Rara confiança, mas muito

(1) Bibioth. Sancta Lib. 4. litt. F. (2) Frei Gomes de Rebuteza, sobre o Magnificat. lição. 14. (3) Sena, Bibl. de S. Domingos, Litt. F. fl. 85.

mais rara facilidade nas lingoas (1). D'aqui devia nascer, que ordenando os Legados huma Junta de Padres gravissimos para Censores dos livros, que se havião de prohibir por toda a Christandade, derão, e nomearão, por Secretario d'ella a este Padre. E offerecendo-se pouco depois ser necessario enviar-se a Roma huma pessoa de inteira confiança, a consultar com o Summo Pontifice verbalmente algumas materias de grande importancia, escolherão ao mesmo. E feita a jornada, não ficou menos grato ao Papa, do que foi a satisfação dos que o mandarão. Seguio-se a este serviço encommendar-se-lhe por todo o Concilio a reformação do Breviario, e Missal Romano, em companhia de Dom Frei Leonardo Marino, Arcebispo Lancianense, e de Dom Frei Egidio Fuscarario, Bispo de Modena: ambos Frades Dominicos. E acabado o Concilio, commeteo o Papa aos mesmos tres, que compuzessem hum Cathecismo, que he o Romano, que anda impresso. E juntamente fossem procedendo na reforma encommendada do Breviario, e Missal (2). Fizerão estes Padres huma, e outra cousa com tanto acerto, que o Cathecismo he o mesmo, que anda impresso com o nome de Cathecismo Romano. E a reformação que tardou mais do Breviario, e Missal, foi tão aceita ao Papa Pio V, que succedeo na Séde Pontifical a Pio IV, que sendo por elle approvada, e confirmada, se imprimirão logo conforme a ella os Breviarios, e Missaes, que chamão do uso Romano.

No meio d'estas occupações não podia Frei Francisco largar a que tinha por de maior gosto seu, que era o estudo das sagradas letras: e estando no Concilio tirou a luz huns Commentarios doutissimos sobre o Profeta Isaias; que por serem taes, depois da impressão em Veneza a primeira vez, forão impressas outras duas em Reinos differentes. Escreveo mais sobre os Psalmos, e livros de Salamão, e sobre todos os Profetas menores: e fez de todos nova versão, conforme a verdade hebraica (como era tão senhor da lingoa) para confirmar a versão Vulgata. E sendo todos estes tratados muito dignos dos louvores, que encarecidamente lhe dão os autores, que allegámos á margem, temos por certo, que a todos excedeo no que deixou escrito sobre o livro de Job. Temos d'isso testemunho seu: porque he certo, que dando-lhe fogo por desastre na cella, e apagando-se depois de muitos papeis abrasados, pergun-

(1) Bibl. Apost. Vaticana fl. 226.—Sena, ubi supra.—Bibl. Sanct. lib. 4. litt. F.—Seraphin. Razzi, na Hist. dos Varões illustres Dominicanos cent. 1.—Frei Juan de la Cruz, liv. 3. cap. 24 da Cron. de S. Dom. (2) Mariet. 2 part. liv. 14. litt. F.—Cronica abreviada que anda no fim de nossas Const. fl. 97. ligão 14.

tou a quem tinha noticia de seus escritos, se escapara o seu Job: e respondendo-lhe, que com pouco damno estava em salvo: ficou tão contente, que de toda a mais perda não fez caso. Este tratado está hoje vivo, e em tão boa mão, que não deixará de chegar á impressão, inda que já tem tardado muito.

Tornado Frei Francisco ao venturoso ocio da sua cela, que só estimava: inda que el-Rei Dom Sebastião o occupava de ordinario em materias de seu serviço; e o tinha feito Deputado da Mesa da Consciencia, quiz Deos dar-lhe merecimento de Santo; permittindo, que gente invejosa o calumniasse diante d'el-Rei de homem delicioso, e amigo de suas commodidades. Tanto pôde a inveja, que levou a el-Rei a ver a cela de passagem em certa occasião, que Frei Francisco era auzente. Grande dita fôra, se quizerão os Reis, ou poderão fazer outro tanto em todas as materias. O que n'esta succedeo foi ficarem corridos, e com isso bastantemente reprehendidos os accusadores; porque não appareceo n'ella cousa contra o commum da Ordem: salvo hum pavelhão de serguilha ordinario, velho, e pobre, que abrigava do vento hum corpo velho, e indisposto, que aos que o virão pareceo mais reparo necessario, e forçado para posto tão desabrigado como he o de Almada, que delicia ociosa. Faleceo Frei Francisco n'esta sua casa d'Almada, de sua doença, em 10 de Janeiro de 1581. Está sepultado no Capitulo.

CAPITULO IX

Dos grandes serviços, que a Ordem de São Domingos fez a esta Republica de Portugal nas calamidades da peste, que em differentes tempos houve por todo o Reino.

Escreve-se nas historias de Cister (1), que Conrado Cardeal, e Bispo Portuense, varão de conhecida virtude, e santidade, vendo perseguidos de muita gente os Religiosos de São Domingos no tempo, que sua Ordem começava a florecer, e dilatar-se pelo mundo; tomou como Santo á sua conta emparal-os com tanto zelo, que mereceo dar-lhe d'isso as graças a gloriosa Virgem Mãi de Deos, com huma revelação cheia de mimos, e favores. Pedia este Santo a Deos, entre as calumnias, que ouvia dos Frades, e as obras virtuosas que n'elles via, lhe revelasse a que

(1) Fr. Bern de Brito, na Cronica de Cister, liv. 6. cap. 39.

fim mandara esta Ordem ao mundo, para se não enganar com ella. E hum dia, em que mais efficazmente orava, ouvio huma voz, que lhe disse: *Ad laudandum, benedicendum, et prædicandum.* Isto he, que Deos a instituira para louvar, glorificar, e prégar seu santo nome. E conforma com isto o que achamos na Cronica da Ordem, que nos deixou escrita o Mestre Frei Theodorico de Appoldia. Conta elle (1) do mesmo Cardeal, que entrando em Bolonha por Legado Apostolico; e não lhe soando bem nas orelhas o titulo, que usavão de Prégadores, como mais faustoso, do que a Religiosos humildes convinha, pedira hum livro, que acertou a ser Missal, e abrindo-o, feito primeiro sobre elle o sinal da Cruz, tomara como por oraculo as primeiras palavras, em que deu com os olhos, que forão do prefacio de nossa Senhora, e dizem: *Laudare, benedicere, et prædicare.* Devia ser pela conformidade da revelação, que contamos.

Obriga-nos a renovar esta antiguidade huma nova occupação, em que acho metidos os nossos Frades pelos annos, em que levamos esta historia. Occupação, que se bem he nova, e mui differente d'aquellas primeiras; comtudo ninguem me póde negar ser cheia de grandes merecimentos para com Deos, e para com os homens. Muito resplandece a charidade dos Religiosos no trabalho continuo do estudo para allumiar o mundo, cansando no pulpito, aturando no confissionario; não largando dia, e noite a oração, e coro. Mas haver homens, que se esqueção da saude, e vida propria, por grangearem a vida corporal alhea, e saude d'alma do proximo, he ponto tão subido, que a Igreja Sagrada, allumiada pelo Espirito Santo, trata com honra de Martyres a todos aquelles, que em tal empresa acabarão a carreira mortal da vida. Como he de ver na lembrança, que manda fazer, dos que em tempo do Emperador Valeriano falecerão em semelhante occupação (2).

Assim se determinarão muitos Frades d'esta Ordem em servir os povos d'este Reino, nas tres occasiões de cruelissima peste, que Deos mandou sobre elle, como se só nascerão para outrem, e não para si. Assim despresarão o que tudo se aventaja em estimação no mundo, que he a vida, e seus gostos, como quem com olhos da Fé estavão vendo, que de a perderem aqui lhes havia de resultar ganho certo de outra immortal, e gloriosa, e sem fim sobre as estrellas. E porque o perigo foi maior em Lisboa, e o serviço mais abalisado n'ella; porque abrangeo

(1) Appoldia liv. 6. cap. 7. (2) Cal. Rom. ultimo dia de Fevereiro: prim. dia Cal. Martis.

a maior numero de gente, diremos primeiro o que lhes succedeo n'esta grande cidade, e depois hiremos tocando o que mais merecerão nos outros lugares do Reino.

Havendo largos annos, que a cidade de Lisboa gozava tempos benignos, e salutiferos, sem quasi haver quem se lembrasse das contagiões, e males antigos, foi o Senhor servido de a visitar com hum rigorosissimo castigo de peste, que tendo seu principio por fim do anno de 1568, durou todo o de 1569, com estrago maior do que se póde crer. Houve dous termos na cura. Foi o primeiro curar-se cada enfermo em sua casa, como se fazia nas outras doenças. E este foi causa de se passar ao segundo. Porque, como não havia resguardo, e estavão de mistura sãos, e enfermos, ateou-se o fogo de maneira, que parou em hum incendio universal, que admoestou, e ensinou, que convinha haver separação, despejar-se a cidade dos doentes, e da roupa impedida.

No primeiro termo acudirão os Religiosos com charidade, e espirito a ajudar os Parochos, para poderem acudir com os remedios das almas. Repartirão entre si a cidade por freguezias. Couberão ao Convento de São Domingos, as tres que a cercão, Santa Justa, São Sebastião da Mouraria, e São Nicoláo. Offerecerão-se para o ministerio tres Padres prégadores dos mais antigos da casa; que forão Frei Pedro Altamirano, Frei Belchior de Monsanto, e Frei Gaspar da Cruz. Offerecendo-se muitos outros para os acompanharem, não admitirão os Prelados, que erão do Convento, Frei Antonio de São Domingos, e da Provincia o Mestre Frei Francisco Foreiro, mais que a tres irmãos Leigos; cujos nomes erão, Frei Antonio Magueya, Frei Jorge dos Reis, e Frei Diogo da Piedade. Estes Padres, cada hum com seu Leigo, visitavão todas as casas, em que havia doentes, correndo todas as ruas, e aturando hum trabalho immenso. Porque não acudião só com os remedios d'alma; mas tambem com os corporaes, de tudo o que podia servir para alivio do mal, de mantimento, de mesinhas, e doces, com que os Officiaes da Camara mandavão prover em grande abundancia. Porém, sendo o gasto infinito, e o trabalho dos enfermeiros intoleravel, via-se resultar d'elle tão pouco proveito na enfermidade, que a cidade se hia corrompendo cada dia mais. Forão feridos do mal os Padres Altamirano, e Monsanto, e com elles dous Leigos. Do Padre Altamirano se conta n'esta conjunção hum auto mais que heroico: e foi, que achando em huma casa dous pobres homens, feridos ambos, e em hum [illegible], e em estado que [illegible] confis-

são: e porque fazer-lhes qualquer abalo, era abreviar-lhes a morte, que já os cercava, lançou-se em meio d'elles; e pondo a orelha na boca, do que lhe pareceo mais fraco, que tinha o lugar da parede, e sustentando-lhe a cabeça com a mão, o ouvio, e absolveo. E logo virando-se para o outro, fez com elle o mesmo; e dentro de meia hora acabarão ambos, mas commungados, e ungidos: porque em quanto elle confessava, tinha o companheiro preparado os outros sacramentos.

De animos, que tão desapegados andavão do amor da vida, não parecerá estranho nenhum auto, que contarmos de perfeita charidade. Averigũou-se que em todo o tempo, que os tres Padres fizerão este officio, confessando, e fazendo testamentos a muita gente poderosa de fazenda, e dinheiro, nunca grangearão para si, nem cousa sua, nem para o Mosteiro, em que residião, nem para outro nenhum da Ordem, dinheiro, nem herdade, nem outra peça alguma. A lingoagem que usavão, sendo consultados em materia de esmolas, e repartir fazenda, era, que valessem aos parentes necessitados, se os tinhão, e acudissem á Casa da Santa Misericordia.

Com este genero de proceder sem mais resguardo, nem prevenção, entrando o tempo de calmas, tinha crescido tanto a contagião, que no mez d'Agosto de 1569, houve dias de seiscentos mortos. Então amoestou a força do mal novo genero de cura. Sinalou-se junto aos arrabaldes huma quinta de bom sitio, e grande aposento, proveo-se de Medicos, Surgiões, e Barbeiros, e de todo o genero de mesinhas, e grande numero de camas, com hum Cidadão caridoso, e sabio por Superintendente. Na cidade andavão Ministros diligentes, que corrião todos os bairos com esquifes, e levavão os enfermos para a quinta, que do fim, para que foi buscada, começou a chamar-se casa da Saude, como na verdade o foi para muitos. Havia outros Ministros, que provião em apartar a outra parte os sãos, que pela communicação dos feridos chamavão impedidos. A outra parte mandavão o fato, do qual se queimava hum, e se purificava outro. Começou a sentir-se alivio na cidade com a boa ordem. Mas desbaratou-se tudo com a morte do Cidadão, que governava a casa da Saude. Deu-lhe o mal como hum raio, levou-o com muitos coadjutores. Encheo-se a cidade de turbação com o caso. E foi maior a que poz o medo nos que podião succeder no bom serviço. N'este passo tornou a Ordem de São Domingos a mostrar seu valor, e charidade: offerecerão-se muitos Religiosos ao serviço, e sacrificio da casa da Saude,

resolutos a se hirem meter no meio do fogo da corrupção. Aceitou a cidade a offerta, e commeteo-lhe o governo inteiro d'ella, assim no temporal, como no espiritual.

Forão os aventureiros o Padre Frei Antonío d'Azevedo, filho do Convento de Bemfica, que entrou para Provedor da casa, e cabeça dos mais; Frei Isidoro Altamirano, que quiz fazer nova prova de charidade, Frei Christovão Moreira, e outro Moreira Frei Gonsalo, que chamavão o Queimado, e Frei Diogo da Piedade. A fama da piedade, e bom procedimento d'estes Padres espalhada pela cidade, foi grande parte de melhora mais em breve. Porque, d'onde d'antes fazia pavor igual com a morte, deixarem os doentes as moradas proprias, e muitos se curavão escondidamente, e com mais perigo, agora corrião aos novos enfermeiros com tão bom animo, que em poucos dias passou o numero dos que curavão na casa da Saude, de sinco mil. Acabou em seu officio o Provedor Frei Antonio d'Azevedo, arrebatado do mal. Succedeo-lhe Frei Christovão Moreira, que sendo ferido, e julgado por morto, convaleceo, e tornou ao cargo com tão boa sombra, como se se não vira ás portas da morte; e n'elle continuou com os companheiros acima referidos, e com outros, que de novo o vierão acompanhar, que como havia muito que fazer, sempre forão sinco, e seis. Mas não estavão entretanto ociosos os Padres do nosso Convento. Porque em todo o tempo, que durou o trabalho, e afflição da cidade, nunca lhe faltarão com prégação, e Officio Divino cantado com tanto cuidado, e perfeição, como na bella paz; para effeito de animar o povo. E sempre tiverão Padres deputados para hirem a confessar pela cidade. Affirma-se, que chegou o numero dos mortos n'esta occasião a setenta mil.

CAPITULO X

Da segunda, e terceira peste, que deu em Lisboa: do damno que fez n'esta cidade, e na d'Evora; e como se houverão os nossos Religiosos de S. Domingos em ambas as occasiões, e em ambas as cidades.

Foi segunda occasião de nova honra, e novo trabalho para a Ordem de S. Domingos a nova praga de peste do anno de 1579. Estava o Reino cheio de magoas com a perda do anno atraz, em que acabara nos campos de Africa el-Rei Dom Sebastião com tudo o melhor d'elle: perda, que nunca verá enxutas as lagrimas, que causou. O desgosto pre-

sente, e o receio dos que se esperavão acabando os breves dias, que já tinha de vida seu successor Dom Henrique, tinhão dado geralmente tal disposição nos animos, e complexões, que inficionando-se o ar de novo sobre os males, que particularmente affligião todas as casas, e soltando-se em peste descuberta, foi gravissimo o damno, que fez por todo o Reino. Em Lisboa houve muitas mortes, e por muitos lugares grandes: especialmente ardeo a cidade d'Evora com tanta violencia, que só no Convento de S. Domingos contámos nove Religiosos mortos. Entre os quaes foi o gravissimo Padre Frei Francisco de Bovadilha, depois de duas vezes Provincial, como em seu lugar deixámos contado. D'este estrago foi causa principal a valerosa resolução com que os Padres d'este Convento se entregarão ao serviço da cidade. Entre os quaes o que mais se esmerou em servír, e trabalhar, e emfim pagou com a vida, foi o Padre Frei João da Mota. Affirma-se, que fôra contagião tão cruel, juntando-se o pouco resguardo, que então havia na cura, que em grandes ruas inteiras não ficou cousa viva, nem havia cemiterios para receber os que morrião: emfim se diz, que passarão os mortos de vinte e sinco mil.

Mas não era Deos servido, que cessassem as pragas, e castigos d'este Reino (sinal evidente, que tambem lhe não ha de faltar com misericordias, e bonanças, como verdadeiro pai que he), chegou outro anno oitavo sobre o de 1590. E como tres vezes os d'este numero forão infelicissimos para Portugal, e não menos para toda Espanha: o de 568, com a peste grande, que n'elle teve principio, e a correo, e assolou toda: o de 578 com a perda de Africa: o de 588 com o naufragio d'Armada, que foi contra Inglaterra, calamidade em reputação, e sustancia, quasi igual á Africana: assim entrou este de 1598 com nova, e impetuosa contagião. Mas foi pela misericordia de Deos muito menos o damno em Lisboa, que o da primeira, inda que maior que o da segunda. E valeo muito a experiencia, que se tinha do mal antigo, para haver ordem, e preservação. Porque tanto que se declarou, foi primeiro conselho deputar quinta grande, e capaz sobre a ribeira d'Alcantara, sitio alto, e lavado dos ventos, para Enfermaria dos feridos, com aposentos separados para a convalecencia de homens, e molheres. Acudirão Religiosos das Ordens dos Eremitas de Santo Agustinho, e dos Menores, que com grande espirito, e devação começarão a trabalhar logo. Deo-se-lhes hum Cidadão, que assistia de fóra, para prover o que fosse necessario. E inda

que pareceo medo, mais que bom conselho, não foi o successo desacertado. Não faltarão os Padres de S. Domingos por continuação de posse dos tempos passados, em se offerecerem ao trabalho; e forão os primeiros, o Padre Frei Antonio de Santo Estevão, celebre prégador, e já com titulo na Ordem de Prégador geral. Juntou-se-lhe o Padre Frei Jorge de S. Domingos, velho de muitos annos, que tinha servido de Porteiro mór, e Sacristão mór de Lisboa. Seguirão-no o Padre Frei João Mendes, e Frei Francisco da Costa, moço, e irmão da casa dos Noviços, que hoje vive, e dous Frades Leigos, Frei Francisco da Madre de Deos, e Frei Luis Cardoso. Entregou-se ao Padre Frei Jorge, e ao Padre Frei Antonio por ordem do Presidente da Camara, que era Dom Gilanes da Costa, que depois o foi do Desembargo do Paço, a casa da convalescencia das molheres, como parte importantissima, e de grande confiança. Mas falecendo dentro de poucos dias o Padre Frei Lucas, e seu companheiro, que tinhão o governo todo, e procedião n'elle com zelo, e charidade de verdadeiros filhos que erão do Padre Santo Agustinho, e da Ordem dos Eremitas, ficou todo o peso da casa á conta dos nossos Religiosos, a que acompanhavão alguns de S. Francisco, grandes, e zelosos trabalhadores. E foi nosso Senhor servido, que dentro de dez mezes depois de entrados, foi aliviando o mal na cidade, e na casa da Saude havia tão poucos doentes, que geralmente se julgou o trabalho por acabado. Despedirão-se os Frades: e a cidade ordenou huma devota procissão de graças, para em dia de nossa Senhora de Setembro do anno de 1599, com que foi ao nosso Convento de S. Domingos: e querendo tambem mostrar agradecimento á Religião na pessoa do Padre Frei Antonio, Enfermeiro mór, ordenou, que fosse n'ella como em triunfo á mão direita do Presidente, e que depois désse as graças do pulpito prégando. No fim do sermão se lhe deu hum papel, que leo ao povo. O qual continha, que n'aquelles dez mezes, e poucos dias mais que erão corridos de 25 de Outubro de 98 até 8 de Setembro presente de 99, tinhão entrado na casa da Saude vinte mil duzentos, e vinte sete feridos da peste, dos quaes sahirão d'ella sãos treze mil, oitocentos e sessenta, e hum; e os mais falecerão. E por remate declarava o papel, que fora a despeza d'este beneficio, sessenta e oito mil e cem cruzados. Não he para esquecer, que dos cinco companheiros da Ordem, com que o Padre Frei Antonio entrou, só hum lhe morreo, que foi o Leigo Frei Francisco da Madre de Deos; e por ser o caso muito notavel, conformou com elle o

thema do sermão, que tomou do verso do Psalmista, que diz: *Qui exultas me de portis mortis, ut annuntiem omnes laudationes tuas in portis filiæ Sion* (1). Porém da doença, qua não achou nos ares grossos, e inficionados da casa de Saude, foi salteado o bom Padre, tanto que começou a gozar dos delgados, e salutiferos do bairro d'Alfama, onde se foi recrear com seus pais. Fizerão com sua pureza (quem tal cuidara!) effeitos pestilenciaes. Parece que reconhecerão, e apertarão os venenosos, que tanto tempo bebera, para arrebentarem com a mesma furia, que faz a polvora em mina bem cerrada; e emfim arrebentarão em hum temeroso accidente de febres malinas, acompanhadas de todos os sinaes de fina peste, excepto postemas, que o teve atribulado, e perigoso hum mez inteiro.

Teve el-Rei Dom Filippe em Madrid noticia d'este serviço: mandou escrever a carta seguinte ao Padre Mestre Frei Alvaro Leitão, que então era nosso Provincial.

«Padre Provincial. Eu el-Rei vos envio muito saudar. Por carta de Dom Gilanes da Costa, do meu Conselho, Presidente da Camara da cidade de Lisboa, tenho sabido o muito serviço, que tem feito os Religiosos do Mosteiro da vossa Ordem da dita cidade na occasião do mal, que n'ella houve, curando, e sacramentando os enfermos: e posto que isto he o que d'elles se devia esperar por sua muita religião, e virtude, quiz eu dar-vos por isso, como dou, os agradecimentos devidos. E tende por certo, que em tudo o que houver lugar, folgarei sempre de fazer toda a mercê, e favor a essa Provincia, e em particular ao dito Mosteiro, e Religiosos d'elle. E porque de Frei Antonio de Santo Estevão sou informado, que tem servido muito bem, e com ventagem de todos os outros, dar-lhe-heis de minha parte em particular as graças devidas; dizendo-lhe, que eu o terei em lembrança, para no que se offerecer, folgar de lhe fazer mercê. Escrita em Madrid a 30 de Setembro de 1599. Rei.»

Mas não durou muito na cidade o gosto d'esta saude. Logo no mez de Outubro seguinte começarão a repicar rebates; segundarão pelo termo, com mortes arrebatadas; sinaes de verdadeira peste. Pareceo necessario abrir-se de novo a casa da Saude, que ainda estava com as pare-

(1) Psalmo 9

des quentes do mal passado. Derão-se-lhe ministros seculares. E como todos os principios das cousas, primeiro que se acertem trazem suas desordens, soou no povo, e nas orelhas dos zelosos, que havia falta de charidade em ambas as curas de corpo, e alma. Acudio a Camara ao nosso Convento a buscar n'elle o remedio primeiro. Não se atreveo com o venturoso Frei Antonio de Santo Estevão, que descançava, e merecia descançar do trabalho passado, e das febres, que contámos, de que não estava ainda bem convalescente. Mas elle não esperou ser rogado, nem quiz, que outro lhe ganhasse por mão. Assim se offereceo para o segundo trabalho, e tão levemente caminhou para a casa de Saude, como se fôra, hir residir em hum jardim deleitoso, ou aposento de saude certa; sendo-o tanto ao revez, que alguns Padres Menores, que o forão ajudar (e nunca lhe faltarão huns traz outros) os mais acabou o mal repentinamente. Foi grandemente estimada na terra esta segunda determinação do Padre Frei Antonio. E diante d'el-Rei pareceo de tanto preço, que logo no Março seguinte do anno de 1600 o honrou com titulo de Prégador de sua capella.

Succedeo-lhe n'este tempo hum caso, que muito acreditou o cuidado com que procedia em todos. Entrou na casa com outros feridos hum mancebo Alemão; tratando com elle em materias d'alma, que era o primeiro medicamento de que se tratava por estilo ordinario, e inviolavel; achou-se com hum fino herege Lutherano. Aqui foi necessario novo genero de cura, cura de letras, doutrina, e espirito. Tanto soube dizer, e fazer, que o bom moço Gerardo, que assim havia nome, recebeo por seu ministerio duas saudes, e duas vidas, e ficou reduzido á Igreja com mostras de verdadeiro Catholico. N'esta cura de espirito tinha este Padre experiencia antiga. Porque residindo no Convento, que temos na cidade de Tangere em Africa, lhe aconteceo converter hum moço Turco, e duas molheres: e sendo huma d'ellas de resgate, tanto que a teve catechisada, buscou esmolas com que a pagou a seu senhor: e bautisou-a com tres filhos mininos. Durou a peste d'esta terceira vez, procedendo lentamente, e não acabando de levantar de todo até Fevereiro de 1602, que se cumprirão dous annos, e quatro mezes. E todos aturou a residencia o Padre Frei Antonio. E achou-se por conta, que curara n'este tempo dous mil trezentos, e vinte seis feridos; dos quaes morrerão mil trezentos e sessenta hum. Pouco depois em paga d'estes trabalhos foi nomeado por Sua Magestade por Bispo d'Angola, e Congo. Honra, e

mercê grande quanto á dignidade; mas em tudo o mais pena, e desconsolação: e emfim genero de castigo dos mais graves, que se dão a malfeitores pela Justiça secular. Assim perdeo a vida em breve no desterro, que conservara annos inteiros no meio da corrupção, e fogo da casa de Saude. E Lisboa perdeo hum Prégador, *de cujus ore* (como Tullio gaba no seu) *dulcior melle fluebat oratio* (1).

CAPITULO XI

Do cuidado com que os Religiosos de São Domingos acudirão a outros lugares do Reino na terceira occasião da peste.

Da mesma maneira, que o mal d'esta ultima peste (que durou em Lisboa desde o anno de 1598 até o de 1602) foi menos violento na cidade, que o primeiro que deixámos contado: assim se embraveceo em furia por outros lugares do Reino, como se pertendera pagar-se n'elles do que perdoara a Lisboa. E em todos os que tinhão Conventos de São Domingos, se oppuzerão contra ella os nossos Religiosos, como se só á sua conta estivera o remedio. Estava Evora cheia de lembranças do muito que lhe custara este mal de dez annos atraz, como temos contado; bastarão elles para lhe fazer grande medo, e aggravarem o trabalho. Mas não forão parte para intibiarem os animos dos Frades de São Domingos, que tambem tinhão diante dos olhos os muitos irmãos, que então perderão; antes na hora, que a contagião se descubrio, derão alegremente seus nomes para Enfermeiros da cidade, os Padres Frei Jeronymo da Cruz, natural de Portel, e Frei Manoel de São Domingos, e o irmão Leigo Frei Paulo do Horto.

Andando na cidade do Porto mui acesa, tomou o Padre Frei Domingos d'Anunciação a cura, e serviço dos doentes com gosto, e graças da Camara da cidade, que lhe entregou todo o governo espiritual, e temporal da casa da Saude, ao modo de Lisboa. Era o trabalho, que sustinha, intoleravel; porque juntava ao cuidado maior ser enfermeiro, e sangrar tambem os doentes, que o sabia bem fazer. Assim o salteou a contagião com grande furia. Mas o Padre São Domingos guardou o seu Frade; e dando-lhe Deos saude por sua intercessão, tornou ao serviço, e n'elle assistio, até que o mal teve fim.

(1) Quæst. Tuscul.

Na cidade d'Elvas, tanto que o mal foi descuberto, logo se apresentarão diante do Bispo sinco Religiosos do Convento que alli temos, para confessarem, e sacramentarem os feridos: E ordenando a Camara hospital geral fòra dos muros, como se usava em Lisboa, entregou o cuidado do hospital, e juntamente do temporal ao Padre Frei Salvador d'Ascenção, que assistio n'elle atè o fim, com lhe custar adoecer perigosamente. Foi seu companheiro Frei Domingos da Magdalena, irmão leigo, natural de Lisboa; mas filho de habito da nossa Congregação da India. Este irmão tinha tanto espirito, que fazia tres officios distinctos, e escusava outros tantos ministros á cidade. Porque era grande Surgião, e curando, e sangrando como tal, quando os enfermos chegavão a passar da vida, achavão n'elle santas admoestações, com que partião consolados. Mas o trabalho intoleravel para hum só corpo, lhe abreviou os dias, e em fim acabou n'elle.

A grande vizinhança, que a cidade de Leiria tem com o Real Convento de São Domingos da Batalha, foi causa, que tanto que o povo se inficionou da peste, lhe foi pedir o Padre Frei Jeronymo do Rosario, filho da mesma casa. E estimando mais o bem dos proximos, que a vida propria, continuou na terra, confessando, e sacramentando todos os doentes, em quanto o trabalho durou.

Mas tudo venceo a força do mal, e da charidade que vimos na grande, e nobre villa de Guimarães. Entrou a peste rigorosissima, e ao mesmo passo foi o espirito, e valor, com que os Frades do nosso Convento se lhe oppuzerão. Ardia a terra, ordenou-se com bom conselho, casa separada para cura, e recolhimento dos necessitados. Mas convinha, para não perecerem ao desamparo, arriscarem-se a acabar com elles alguns sãos. Tomarão este cargo, sem serem rogados, mas offerecendo-se a elle voluntariamente, os Padres Frei Gaspar das Chagas, natural da mesma villa, mas filho do Convento de Bemfica, e Frei Jorge dos Anjos. Fazião ambos os officios ambos de Martha, e Maria. Acudião a curar os feridos, e dar-lhes o mantimento corporal, e juntamente o mais principal dos Sacramentos, e consolação da ultima hora. He grande o sacrificio, temeroso o martyrio; e por grande que seja o animo dos que a elle se atrevem, raramente ha quem escape. Assim durou poucos dias Frei Jorge. Mas não faltou no Convento, quem se oppuzesse ao lugar, e ao perigo. Foi o Padre Frei Joseph da Fonseca, nascido em Aveiro, e filho da profissão do Convento d'Evora: entrando animosamente, e acompa-

nhando a Frei Gaspar, era de ver, como vencia com fervor de charidade a complexão natural, que era mui debil. E como trabalhava sobre as forças, durou-lhe a vida muito á comparação do que aturava, e sofria. Deu-lhe a contagião, consumio-o em hum momento: e a alma purificada no fogo d'ella, foi gozar dos premios eternos. A Frei Gaspar guardou Deos para remedio dos pobres na doença, e dos desamparados na saude. Viveo até o cabo da peste n'este Collegio de amor do proximo, e pedra de fino toque das almas em que mora. Chegarão os feridos, que curou (que com este nome se declara esta enfermidade, como dada com setas do Ceo) a numero de seis mil: e d'estes escaparão com vida quasi os tres mil. Os mortos, e os vivos confessavão dever a Frei Gaspar, e a seus companheiros, huns o remedio das almas, outros o corporal. Para mais merecimento de Frei Gaspar, e da santa empresa, deixou-lhe Deos a sua conta hum grande bando de mininos, que não conhecião outro pai, nem mãi. Porque os naturaes lhes tinha levado a peste, e erão tão pequenos, que quasi todos estavão mais necessitados de quem lhes fizesse officio de mãi, que não de pai. Mas elle fazia ambos, como bom filho de São Domingos. Erão cento e sincoenta. Teve-os a seu cargo, buscou esmolas, e sustentou-os até os encaminhar onde tivessem criação no presente, e remedio no futuro.

Pouco depois dos annos em que vamos, porque não ficasse nenhuma parte d'estes reinos livre da grande afflição da peste, com que Deos foi servido castigar-nos, chegarão a inficionar as terras do Algarve. Mostrou o Senhor, que erão tiros de sua ira, e verdadeira pena de peccados. Correo todos os lugares d'aquelle reino com gravissimo damno. Apontaremos só o que passou a cidade de Faro, que servirá para exemplo, e para escusarmos tratar das outras, e tambem para estimarmos, como soube acudir aos verdadeiros remedios de todo o mal, que são os do Ceo. Andava a contagião sem freio, não havia casa livre. Poz o Senhor misericordioso no coração de hum bom vizinho, que procurassem valer-se dos Santos, e lançando sortes, aquelle tomassem por patrão, e valedor, que n'ellas lhe désse o mesmo Deos; sem cuja licença nem as folhas das arvores fazem movimento. Agradou em geral a proposta, reparte-se em pequenos escritos huma grande ladainha dos Santos, cresce o fervor, e a devação apertada da necessidade. Sahe por remediador, e advogado o grande Thomás de Aquino, Doutor da Igreja, e filho de São Domingos. Parece, que foi espirito do Ceo o que a todos toou. Tão contente ficou

todo o povo com a sorte, que não houve homem, que d'aquelle ponto em diante fizesse mais conta da peste. E ordenando logo huma devota procissão, que se cerrava com a imagem do Santo, fez o governo da cidade hum auto de grande fé, e da confiança que tinhão no Padroeiro. Tomão as chaves da cidade, e metem-lh'as na mão, como que n'ellas lhe entregavão a saude, e a salvação de todos. E apoz isto, como se a peste fôra de todo acabada, mandão levantar bandeira de Saude: grande, e maravilhoso poder da Fé! Foi cousa averiguada, e certa, que onde d'antes ardia como fogo a corrupção, não se sentio mais nem hum minimo sinal d'ella. Agradecida a cidade fez dous autos de agradecimento ao Santo: Primeiro determinar-se em celebrar aquelle dia, que foi aos sinco d'Agosto, com huma procissão perpetua de cada anno: Segundo levantar-lhe huma capella, e confraria na Igreja matriz, em que he celebrado seu dia, e nome por todos os nobres da terra.

CAPITULO XII

Dos Religiosos da Ordem de São Domingos, que acompanharão a el-Rei Dom Sebastião, e seu exercito na infelice jornada d'Africa.

Succede aos annos em que vamos, outro serviço não menos importante, que os que deixamos contados, que a nossa Ordem fez ao Reino, e ao Rei. Entra o anno de setenta e oito, de triste, e magoada memoria, que sempre o será para Portugal: memoria que não só receia o animo renovar; mas deseja fugir, e furtar-se a cuidar n'ella. Com os infortunios da peste do anno de 569, foi força juntar todos o que os seguirão da mesma qualidade nos tempos adiante, que he a ordem que seguimos em todos os successos, quando são de huma mesma qualidade, por não interrompermos o fio da historia; sobresaltando, e dando a cada hum seu anno particular, como em outra parte deixámos advertido. Tomou el-Rei Dom Sebastião sobre si, e contra o conselho de todos os que lh'o podião dar, a infausta determinação de passar aos campos de Africa em favor de Muley Mahamet Xarife, despojado do Reino por Maluco seu tio. Passou a Arzilla com huma poderosa armada, tudo o que havia de forças em Portugal; exercito tão luzido, que bastava para maior empresa, se fôra bem governado. Acudirão todas as Religiões a acompanhar seu Rei: não faltou a de São Domingos. E dos melhores sugeitos que tinha,

empregou dezanove em o servir, entrando n'elles o Provincial, que então era Frei João da Silva. Diremos os nomes de todos; que não he razão fique nenhum em esquecimento, e esquecido. Apoz o Provincial logo o primeiro em qualidade de letras, e annos foi o Padre Frei Ayres Correa, Mestre em Theologia; e seguirão-se o Presentado Frei Christiano Simões, Framengo de nação, e Presentado na Ordem; Frei Lopo de Sousa, que fôra Vigario da Ordem n'esta Provincia, e Prior de Lisboa, e de outras casas; Frei Manoel da Costa, que fôra Prior de São Gonsalo de Amarante, e da Serra de Almeirim; Frei Antonio de Lacerda, que depois foi Provincial, e Vigario geral da Provincia; Frei Gaspar d'Aveiro; Frei João da Costa, Frei Vicente da Fonseca, Presentado que depois foi Arcebispo de Goa, e Primaz do Oriente; Frei Agustinho da Costa; Frei Thomas de Sequeira; Frei Antonio Mendes; Frei Manoel do Rosario, e Frei Lourenço de Santo Thomas. Estes erão todos prégadores. Juntarão-se-lhe Frei Manoel de Sousa, Religioso muito nobre, e por sua grande virtude muito aceito a el-Rei, e Frei Francisco Coelho, e Frei Sebastião de Goes, eminente Surgião, de quem temos feito memoria em outra parte; e dous irmãos Conversos, hum para ter cargo da enfermaria, que era Frei Diogo da Piedade, e Frei Antonio de Santo Agustinho para ser Sacristão.

Chegada a armada a Arzilla, como era já por fim de Julho, tempo em que o Sol por toda a parte faz effeitos de fogo, e maiores na terra de Africa, forão os primeiros que começarão a sentir a differença do clima, e destemperança dos ares, a gente dos Tudescos, que hia no exercito. Fazia grande lastima a furia, com que os derribava a doença. Como era o primeiro trabalho que se offerecia, adiantou-se o Provincial a lançar mão d'elle. Deu cargo de os curar ao Padre Frei Sebastião de Goes, que inda que sua profissão era Surgia, tinha de Medicina bastante conhecimento, e experiencia. Era lingoa sua, para o que tocava ao espirito, o Padre Frei Christiano; para o remedio, e cura corporal acudião outros Padres. Erão as febres ardentes, e o mal tão pernicioso, que se pegou logo aos enfermeiros: e morrerão brevemente os Padres Frei Lourenço de Santo Thomas, e Frei Manoel do Rosario. E como o Padre Provincial era superintendente d'esta enfermaria, acudindo pessoalmente e com charidade a ver o que se fazia, foi salteado de huma febre tão venenosa, que a derão os Medicos por mortal, e desconfiado de sua saude, tomou-se por meio, que sahisse da terra para ares menos inficiona-

dos, do que já estavão os de Arzilla com a multidão da soldadesca. Passou-se para Tangere, cidade da mesma costa, mas sadia de ceo, e desabafada da gente.

Entrou o exercito com seu Rei pela terra dentro, demandando a cidade d'Alcacere Quibir. Deu-se a infausta batalha, que foi remate da vida para tres Reis, ao de Portugal, e seu companheiro Mahamet com as espadas na mão, vendendo a vida a preço de muito sangue inimigo: ao Maluco victorioso, com doença de que já vinha apertado, e n'esta conjunção o acabou. Acabarão n'este dia todos os Frades Dominicos, excepto alguns, que obrigados da doença se passarão a Tangere em companhia do Provincial: e outros sinco, que ficarão cativos, que forão Frei Antonio de Lacerda, Frei João da Costa, Frei Francisco Coelho, Frei Vicente da Fonseca, e Frei Thomas de Sequeira. Do que a estes Padres succedeo depois de cativos, e ao Padre Provincial em sua doença, diremos brevemente. O Provincial foi passando sua doença, e não sem esperanças de saude; até que foi certificado do desbarate, e morte d'el-Rei Dom Sebastião. No qual ponto contão os que forão presentes, que sem dizer palavra, nem fazer outro movimento, se virou para a parede, e deu remate a seus dias. Tanto póde huma dôr, e bem empregado sentimento! Era Religioso por todas suas partes digno de longa vida, e melhor fortuna: muito charitativo com os doentes, muito pobre, e amigo dos pobres. Conta-se d'elle, que nunca vestia habito novo. E quando lhe davão algum, logo o trocava por outro já trazido, e usado. Nem tinha de seu outro habito, nem escapulario, senão o que trazia vestido. E depois de Prior de Santarem, Bemfica, e Lisboa, não se via na sua cella cousa, em que a cubiça pudesse fazer preza, mais que alguns livros: e esses poucos, e necessarios para o ministerio da prégação, que com muito gosto, e beneficio dos ouvintes exercitou sempre. Foi muito zeloso no cumprimento do bem commum, assim no que tocava á observancia da Ordem, como ás necessidades da Republica secular, em que se empregava de boa vontade, e facil entrada, e benevolencia, que sempre teve com el-Rei. Ao que juntava grande curiosidade no culto divino, e particular devação ao Santo Rosario. Devemos-lhe esta memoria aqui; porque a não fizemos entre os filhos de Lisboa, onde era propria, pelo ser d'ella, se nos não parecera que tinha aqui mais conveniente lugar; e sem repetições, de que sempre fugimos.

Os Padres cativos mandou el-Rei Mouro recolher na Sejana em com-

panhia dos Fidalgos, e mais pessoas de resgate, parecendo-lhe, que lhes não faltaria tambem a elles por Religiosos, como não faltou. Aproveitarão-se elles do lugar, e occasião, para tornarem ao ministerio religioso. Levantarão altar, rezavão, e dizião sua Missa todos os dias. Cantos erão do Senhor em terra alhea: mas de grande consolação, e alento para os animos atribulados. Acudião os mais dos cativos aos domingos, e dias santos: e como se foi entendendo que não havia contradição da parte dos Mouros, que antes de ordinario erão pacificos ouvintes, celebravão-se os Officios Divinos com muita ordem, e concerto. Deu os ornamentos, e algumas imagens, e retabolos Dom Francisco de Portugal, filho mais velho do Conde do Vimioso, que com sua grande liberalidade, e zelo, resgatou por muito dinheiro. Juntavão-se ao coro, para não faltar musica, Capellães d'el-Rei, e do Duque de Barcellos. Prégavão os nossos Frades. Com esta Ordem em chegando a Quaresma, houve completas solemnes todas as semanas, nas terças feiras, quintas, e sabbados, acompanhadas muitas vezes de prégação. E quando chegou a semana santa, se fizerão os Officios Divinos com toda a solemnidade que pudera ser, se toda aquella companhia se achara livre, e em terra de Christãos. Porque alem de huma devota procissão, que houve á quinta feira á noite de muitas lagrimas, e sangue de disciplinantes; tendo commungado os mais dos Fidalgos pela manhãa, tiverão desencerrado o Santissimo Sacramento vinte e quatro horas, com mui decente apparato, e sem nenhum temor, nem sobresalto. Porque alem de terem as portas da Sejana firmemente trancadas, e haver diligente vigia n'ellas, estavão providos de páos ferrados (que outras armas não erão consentidas dos Mouros) para em caso, que se intentasse alguma irreverencia, pôrem todos as vidas por honra do Senhor, e da Fé. Cerrou-se a semana com paz, e grande consolação, e com huma solemne procissão no Domingo de Paschoa. Era o prégador mais continuo o Presentado Frei Vicente da Fonseca, que juntando grande eloquencia natural com o muito estudo que tinha de boas letras, fazia-se ouvir com attenção, e gosto de todos os nossos, e até dos Judeos Rabinos, que como em sua cegueira se prezão de sabios, acudião em grande numero ás prégações; e ainda que o fim era mais curiosidade, que aproveitamento, foi Deos servido que abrirão os olhos alguns, para conhecerem a luz, e se virem depois a converter. Entre os Mouros renegados, que tambem chegavão a ouvir a doutrina santa, fez ella tornar sobre

si o Alcaide Ali, que por memoria de ser Portuguez, era conhecido pelo nome de Ali Raposo, e com elle sua molher Cayda. E depois lhes bautizou hum filho, com grande contentamento de pai, e mãi, como deixamos contado em outra parte (1).

CAPITULO XIII

Do fim que teve a causa antiga de precedencias, que corria em Roma, e como foi sentenceada em favor da Ordem de São Domingos, contra as de Santo Agustinho dos Eremitas, de Nossa Senhora do Monte do Carmo, e da Santissima Trindade.

He de saber que, sendo eleito em Provincial d'esta nossa Provincia de São Domingos pelos annos de 1547 o Padre Mestre Frei Francisco de Bovadilha, como atraz fica tocado; e ficando vago o priorado de São Domingos de Lisboa, que elle governava, foi posto em seu lugar o Padre Mestre Frei Thomaz Manrique, chegado de poucos dias da Provincia de Espanha, com perfilhação para esta de Portugal. Começando este Padre a servir seu cargo, estranhou muito aos nossos Frades não fazerem diligencia por serem restituidos á posse antiga, que tinhamos n'este Reino, e em todos os de Espanha, de precedermos em todos os autos publicos, e procissões ás tres Ordens de Santo Agustinho dos Eremitas, de Nossa Senhora do Monte do Carmo, e da Santissima Trindade. Se o faziamos por escusar litigios, era frouxidão: se por conservar humildade, era culpa, não virtude, pois d'ella resultava detrimento para toda a Religião, que não só em todo o resto da Christandade tinha primeiro, e mais eminente lugar; mas tambem dentro na cidade de Roma, na capella do Summo Pontifice, e em sua presença. Por estas razões determinou o bom Padre a pôr em juizo a causa; e na primeira occasião, que se offereceo, mandou fazer juridicos protestos ás tres Ordens, pedindo nos largassem o lugar, que usurpado nos tinhão, e nos pertencia entre as Ordens Mendicantes. Passou o negocio a Roma. Correo largos annos. Até que finalmente se veio a sentencear em tempo do Papa Clemente VIII de felice memoria, no anno de 1602, pouco menos de sessenta depois de começada a demanda. O teor da sentença lançaremos em vulgar, para maior noticia do caso. Sem embargo, que a posse em que estamos,

(1) Na part. I. liv. 3. cap. 6. d'esta Cronica.

o faz mais publico, que todo outro instrumento judicial. Segue-se a sentença.

«Christi nomine invocato. Por esta nossa sentença, que sentados em nosso Tribunal, e tendo só a Deos diante dos olhos, de conselho de Letrados damos por escrito na causa, e causas, que ante Nós correm entre os Reverendos Senhores, o Prior, Frades, e Convento de S. Domingos da cidade de Lisboa, e outros Frades da Provincia, e Reino de Portugal, da Ordem dos Prégadores, Authores, de huma parte: e os Reverendos Frades Ermitães de Santo Agustinho, e da Santissima Trindade, e Nossa Senhora do Monte do Carmo, todos das Cidades, e Dioceses de Lisboa, Evora, Santarem, Coimbra, e Porto, Reos convindos de outra parte: sobre a execução das Letras Apostolicas, cuja data he em Roma *ad Sanctum Petrum sub Annulo Piscatoris*, aos dezaseis dias de Março do anno de 1600, ácerca do modo de hirem nas Procissões, que pelo tempo em diante n'aquellas partes se fizerem; e de virem a ellas, e obedecerem a nossas Letras monitoriaes, para sua execução por Nós decernidas, e a elles legitimamente intimadas, e nos autos judicialmente reproduzidas, e sobre outras cousas mais largamente deduzidas por esta occasião: Dizemos, pronunciamos, determinamos, e declaramos os ditos Reverendos Prior, e Frades de São Domingos da Ordem dos Prégadores da dita Provincia nas ditas Procissões, e Congregações de quaesquer Concilios Geraes, Provinciaes, e Synodaes, e em todos os mais autos, e funções quaesquer, publicas, ou particulares, que pelo tempo adiante se fizerem, segundo a fórma das ditas Letras precederem aos ditos Frades de Santo Agustinho, Santissima Trindade, e Nossa Senhora do Monte do Carmo, e terem, e deverem de ter mais digno, e honrado lugar; segundo Nós queremos, que os ditos Frades da Ordem dos Prégadores precedão, e tenhão mais digno lugar. E mandamos aos ditos Ermitães, e Frades da Santissima Trindade, e de Santa Maria de Monte Carmelo, que venhão ás Procissões, e Congregações, que pelo tempo se fizerem, e sejão a isso obrigados, segundo a fórma das ditas Letras Apostolicas, e de nossas Letras monitorias, e que os ditos Frades de Santo Agustinho, e Santissima Trindade, e Nossa Senhora de Monte Carmelo, devem de ser n'isso condemnados, como Nós os condemnamos. E para isso decernimos, e relaxamos qualquer mandado nosso para tal effeito necessario, e opportuno: E lh'o concedemos, e mandamos, lhe seja concedido outro

sim pela dita nossa sentença, dizemos, pronunciamos, determinamos os ditos Frades partes adversas; se em termo de quinze dias, depois que o instrumento das presentes particularmente lhes fôr intimado, ou por affixação das portas das suas Igrejas, não obedecerem ás ditas Letras Apostolicas, e ás nossas monitoriaes: e com effeito não vierem á primeira Procissão, e ás outras successivamente, e aos sobreditos autos; e não derem a dita precedencia aos Frades Prégadores acima ditos, e nos ditos autos reproduzidos, conteudos d'agora para então *in juris subsidium*, incorrerão em pena de suspensão *á Divinis*, e em outras Ecclesiasticas sentenças, censuras, e penas conteudas nas ditas Letras monitoriaes a elles intimadas, e nos autos reproduzidas, por não obedecerem a ellas, e por taes devem ser publicamente denunciados. E para isto, mandamos lhe sejão concedidas Letras de suspensão necessarias, e opportunas, e aos ditos partes adversas condemnamos em todas, e cada huma das custas, por parte dos ditos Frades da Ordem dos Prégadores legitimamente feitas: cuja taxa reservamos para Nós, ou para aquelle, a quem de Direito ao diante pertencer: não só no modo, e forma acima dita, mas em todo outro melhor modo. Assim o pronunciei eu Thomás Lapio, Loco-Tenente. Dada em Roma em nossas pousadas. Anno do nascimento do Senhor 1602. Indição 15, aos trinta dias do mez de Março, e do Pontificado do Santissimo em Christo Padre, e Senhor nosso, Clemente pela Divina Providencia Papa VIII, anno decimo.»

CAPITULO XIV

Em que se contem a vida, e morte do Padre Frei Constancio Magni da Ordem de S. Domingos, que faleceo na cidade de Marrocos em Africa.

As mesmas razões, que nos obrigárão a fazer menção em outra parte d'esta Cronica da prégação (1), e horrendo caso que a seguio do Padre Frei Alonso de Toledo, na ilha de S. Miguel; sendo filho de Provincia estranha, e em nada pertencente a esta de Portugal: nos fazem agora força para darmos huma breve noticia n'este lugar do grande espirito de Frei Constancio Magni, nascido em Italia, e morto em Berberia. Ajunta-se, que como a Ordem de S. Domingos tem Convento em Africa, que ha na cidade de Tangere, com antiguidade de mais de duzentos annos, ficão justamen-

(1) Part. 2. liv. 2. cap. 7. d'esta Cronica.

te pertencentes a esta Historia todos os successos, que n'ella acharmos de Frades de S. Domingos, e de honra, e credito de nossa Religião. Nasceo Frei Constancio em Pistoia, cidade da Toscana, de pais nobres. Sendo moço estudou Humanidade, e passou á Theologia. N'este tempo foi prevenido das bençoes do Senhor. Porque vivendo ainda sem sugeição, nem vinculo de Religião, fez voto de castidade, e pobreza. E para se valer de armas contra o Inimigo commum da virtude, ajuntou outro voto mui importante a tal fim, que foi de não comer carne, nem beber vinho. N'este estado lhe pareceo todavia, que seguraria mais a mercadoria, e thesouro do Ceo, se o escondesse nos claustros da Religião; e escolheo a de nosso Padre S. Domingos, e n'ella professou. E como era já Theologo, foi logo mandado exercitar o ministerio da prégação. Succedeo achar-se em Roma por fim do anno de 1593, e ouvir contar grandes, e exquisitos tormentos, com que os Turcos tinhão martyrizado em Argel dous Padres de S. Francisco, e outros dous da mesma Ordem em Tunes, estando por ordem do Papa resgatando cativos. Enchião-se de pavor os ouvintes, e elle abrasava-se em fogo de inveja de acabar a vida em semelhante carreira: e cuidando muitos dias na gloria, que he para hum Christão ser martyr por Christo, emfim resolveo comsigo hir-se por qualquer via, que pudesse a terra de Mouros, n'ella viver, servindo aos Christãos, e prégando a Christãos, e Mouros, e esperar, se seria Deos servido dar-lhe a boa sorte, que a sua alma aspirava de morrer por elle. Com tal determinação procurou, e alcançou licença do Papa Clemente VIII, e achando-se em Palermo de Sicilia, embarcou em huma náo, que passava para Lisboa, e havia de tomar terra em Valença, Era seu dizenho ficar-se em Valença, para d'alli passar a Argel, ou a Tunes com a primeira occasião, que houvesse de navio. Mas a Divina Providencia, que o tinha guardado para maior serviço seu, e remedio de mais numero de gente, e mais necessitada, ordenou, que na mesma paragem da terra, em que cuidava ficar, se levantou hum temporal tão forte, que sem poder alfazer, foi a náo correndo até Gibraltar, e alli tomou porto. Não desesperou Frei Constancio, vendo-se lançado tão longe do que buscava. Foi-se entretendo com officios de charidade, pelos quaes, e pela singular abstinencia, que guardava, era estimado, e amado de toda a terra: até que aportou n'ella huma setia, que fazia sua viagem para Barcelona. Alegre com tal passagem, assentou com os marinheiros embarcar com elles, e não tardou em juntar seus livrinhos, e

algum pouco de mantimento, e tornar-se ao mar. N'este caminho o veio buscar hum homem desatentado, e affligido, pedindo-lhe quizesse mostrar sua charidade em hir confessar hum desemparado mancebo, que estava passado de estocadas a meia legoa do lugar: e não achava quem lhe quizesse acudir com a brevidade, que o caso pedia. Aqui entrou em contenda, o receio de perder a embarcação com o officio da charidade. Venceo a charidade, foi correndo ao ferido, que achou assaz necessitado. Porque as feridas erão mortaes: e não corria menos perigo o estado de sua alma, pelo estrago de costumes em que tinha passado a vida; mas valeo-lhe o medico com seu fervor, e espirito, e santas admoestações. De maneira, que morrendo logo, não houve quem duvidasse, que fôra effeito da predestinação, achar-se com elle Frei Constancio a tal tempo, tantas forão as lagrimas, tantos os effeitos da verdadeira contrição. Não se contentou Frei Constancio com o que tinha feito: gastou algumas horas no officio da sepultura. Porém quando tornou, achou partida a sua embarcação. E entendendo d'aqui, que não era Deos servido da jornada, que trazia no pensamento, começou a tratar d'outra com o mesmo fim nos effeitos, mas não nos lugares.

A grande vizinhança, que Gibraltar em Espanha tem com a cidade de Ceita em Africa (que não ha mais distancia de hum lugar a outro, que a do mar, que os divide, e este he aqui tão estreito, que se contão só tres legoas de travessa em meio) he causa, que seja a communicação, e trato de ambos continuo. Aqui soube Frei Constancio de moradores de Ceita, praticos nas cousas de Berberia, que não padecião menos trabalhos em Marrocos os cativos Christãos, que os de Argel, e Tunes: nem tinhão menos necessidade no espiritual. Deu-se por obrigado logo com tal informação a procurar por todas as vias, que podesse, hir-se para elles. E para tentar se acharia meio para entrar por Ceita, communicou o pensamento ao Marquez de Villa Real, que agora he Duque de Caminha, e então era Governador de Ceita de que tambem he Senhor. Respondeo-lhe o Marquez com toda brandura, e humanidade de grande Principe, e muito christão, mas declarando, que pertendia huma impossibilidade; porque nem o Rei Mouro daria licença para sua entrada, nem elle acharia quem sem ella se atrevesse a leval-o em publico, nem escondido; porque não arriscava menos, que vida, e fazenda quem tal fizesse. Mal sofre contradição no que pertende hum animo resoluto. Quiz tocar com as mãos o que ouvia por palavra. Passa-se a Ceita, onde residio quasi

hum anno, e se fez tão aceito na terra com sua prégação, e costumes, que levava traz si os corações de todos. E o Marquez pelo agradar, escreveo com efficacia a hum honrado Valenciano, que a titulo de mercador residia entre os Mouros, e era agente d'el-Rei de Espanha, quando se offerecião negocios com o Xarife, lhe procurasse licença. Mas não servio mais esta diligencia, que de desengano final para Frei Constancio, que não tinha que esperar de Ceita. Tornou-se então a Gibraltar com novo dizenho de procurar a entrada por Mazagão: e offerecendo-se a cabo de tres mezes embarcação para aquella praça, foi-se a ella. Aqui não esteve mais tempo, que em quanto passou a Quaresma, que era entrada quando chegou: e n'ella se houve com tanto espirito como quem fazia conta, que seria a ultima, que havia de ter em terra de Christãos. Acabada a Quaresma, na primeira sahida que o Capitão fez se deixou ficar no campo, offerecendo a Deos os juizos, e má opinião a que se condemnava entre os Portuguezes; porque a nenhum quiz dar parte do que fez. A duas legoas de Mazagão tem os Mouros outra praça, que em tempos antigos foi senhoreada de Portuguezes, chama-se Azamor: como entrou a noite caminhou para ella, e quando amanheceo succedeo-lhe a pedir por boca o que imaginava. Derão com elle Mouros, que sahião do lugar. Levão-no ao Alcaide, que a boa conta o mandou carregar de ferros, e pouco depois o levou a Marrocos, onde tambem tinha casa, porque era a segunda pessoa do Reino, e Alcaide dos Alcaides, e mui conhecido pelo nome de Soffiane. Assim entrou Frei Constancio apezar de toda a Mourisma em Marrocos.

Tinha já Frei Constancio fama, e nome entre os cativos honrados, que ganhara no tempo, que residira em Ceita, e Mazagão. Escrevêo-lhes logo huma carta cheia de seu espirito, e fazendo-lhes saber, que o não levava outra cousa a Marrocos, senão hum vivo dezejo de ser participante de seus martyrios, e coroas, e de servir, e consolar a todos: e por tanto se avizassem, que de seu resgate ninguem tratasse. Mas elles entendendo, que não tinhão outro remedio, para se valerem de sua doutrina senão tendo-o comsigo resgatado, e livre, offerecerão juntar entre si tudo o que o Alcaide por elle pedisse. E dando o cargo a Antonio de Saldanha d'Albuquerque, e a Diogo Marim, que o fizessem logo cortar, repartirão entre si a somma do resgate, com tanta vontade, que amanhecendo o dia seguinte, estavão juntos, e passados quasi mil cruzados em ouro, que foi tudo o que o Mouro quiz. D'este dia em diante

começou Frei Constancio hum genero de vida de grande edificação, e consolação para todos. Dizia sua Missa duas horas ante manhãa, acompanhada nos Domingos, e dias santos de prégação, que fazia com tanto espirito, que muitos renegados compungidos do que lhe ouvião, se ficavão na Sejana para com elle tratarem do remedio de suas consciencias. Depois de amanhecer caminhava para o Hospital dos pobres Christãos, curando, esforçando, e consolando a todos, sacramentandop rimeiro os que tinhão necessidade. Apez isto buscava os cativos antigos, e sãos, conversava com elles: e a voltas de boa conversação tratava-lhes dos bens do Ceo, e das penas do Inferno. Dava-lhe Deos graça, com que tirou a muitos de peccados graves, e fez confessar a outros, que de dez, e doze annos não sabião que cousa era confissão: mas não se descuidava de si com o muito, que fazia pelos proximos; lembrado do que diz S. Paulo, que convém ao Prégador Evangelico, para não cahir no que reprehende aos ouvintes. Era sua vida huma penitencia continua, jejuava o anno inteiro, e além dos jejuns de sua Ordem, ás quartas, e sextas feiras, e sabbados, passava sem mais, que pão, e agoa: sendo assim, que em nenhum tempo bebia vinho, como atraz dissemos.

Com esta ordem de vida continuou dous annos e meio, até entrar o de 1598 em que deu peste em Marrocos, com tanta furia, que sendo costume entre os Mouros não usarem de nenhum resguardo contra o mal, pode mais com o Xarife o medo d'ella, que o preceito de sua lei, que he não fugir, nem desviar do açoute do Ceo, em quanto dura. Sahio-se da cidade buscando ares livres, e salutiferos. E foi o conselho tão acertado, que depois de hido houve dia, que levou á sepultura mais de quatro mil homens. E não falta quem affirme, que das sinco partes d'aquelle grande povo, não ficou mais que huma quando cessou a contagião. Que farião em meio de tamanho incendio os pobres cativos sugeitos a barbaros, que nenhum remedio, nem desvio fazião d'elle, e se deixavão morrer como brutos? Então mostrou Deos, que para seu remedio lhes trouxera alli Frei Constancio: averiguou-se, que de mais de quinhentos cativos, que n'esta occasião perecerão, nenhum foi sem confissão, e a todos assistio na ultima hora, e aos mais sacramentou com o santo Viatico, que comsigo o levava escondido, e dissimulado em huma boceta pequena. E aos mais desemparados acudia com remedios corporaes de botica, galinhas, e doces. Sobre tão bom serviço quiz o Senhor accrescentar-lhe os merecimentos, permitindo, que sentisse tambem o

tormento da peste: mas deo-lhe tanto animo, e zelo de acudir aos proximos, que tomou as febres ardentissimas em pé, e curou as postemas, que forão tres, sem fazer cama; só por não faltar aos affligidos, e pobres: cujo remedio, e saude lhe dava mais cuidado que a propria. Durou a força do trabalho quatro mezes: e Frei Constancio sempre constante, e com taes forças, que parecião do Ceo. O que era, e foi causa de muitos, e não cuidados bens dos cativos para então, e para o diante. Porque os mercadores Christãos, e cativos nobres, e ricos admirados de tanta charidade, acudião-lhe com largas esmolas para o emprego presente, e os que falecião todos lhe deixavão o que possuião, para que o gastasse como lhe parecesse, sem nenhuma limitação. E como forão tantos os mortos, e elle só o herdeiro, ou depositario, resultou em huma somma mais grossa do que se póde crer. Mas o bom Padre deu d'ella tão boa conta, que brevemente a passou toda ao Ceo em favor dos defuntos. Porque no tempo do aperto, e tribulação da peste repartia esmolas com hum extremo de liberalidade a todo genero de necessitados sem respeito de ser Christão, Mouro, ou Judeo o que lh'a pedia. Depois de passado o mal, deu n'outro emprego de grande serviço de nosso Senhor: resgatava moços, e moças, que estavão em perigo de renegarem da Fé. E tal houve, que lhe custou de resgate seiscentos cruzados. A outros cativos ajudava com parte do em que estavão cortados, quando lhe constava, que não tinhão outro remedio de liberdade. E averiguou-se, que forão d'estes mais de trinta resgatados. E no mesmo tempo (como entre os Mouros póde a cobiça mais, qne os preceitos de sua seita) contratava com os que erão praticos nos caminhos, passarem-lhe a terra de Christãos alguns renegados Andaluzes, que obrigados de suas prégações tornavão sobre si, e dezejavão reconciliar-se com a Santa Igreja, e erão já tão publicos estes officios na terra, e o gosto com que os fazia, que chegou a fama a leval-os diante do Caddi, que em Berberia he como entre nós Justiça do espiritual, ou ecclesiastico: e este não tardou em dar conta a el-Rei, que mandou logo fosse buscado Frei Constancio, e levado á prisão dos Mouros, com ordem, que nenhum Christão o visse, nem lhe consentissem ter papel, nem tinta; e sobre tudo o carregassem de ferros do peso de hum quintal. Foi dia de triunfo para Frei Constancio ver-se assim tratado; sendo de grande dor, e lastima para todos os Christãos, que julgarão não sahiria d'alli com vida. Passados vinte dias, succedeo, que visitou a cadeia o Aquéme, acom-

panhado do Caddi. He Aquéme em Marrocos officio de justiça secular supremo, que responde entre nós ao Regedor de Lisboa, mas com muito aventajada authoridade, e jurisdição. Porque sentencea verbalmente, até cortar pés, e mãos, e arrastar, e matar: e tem por costume despejar a prisão de cada visita, que faz. Tendo despachado a mór parte dos presos, e parecendo-lhe, que não havia mais que fazer; foi-lhe dito, que ficava inda na prisão hum Christão, que el-Rei mandou a ella com rigor. Mandado apparecer, e perguntado por suas culpas, respondeo com liberdade christãa, que não sabia outras; senão erão aconselhar a todo genero de homens, o que para sua salvação lhes cumpria, o que fazia de boa vontade, visto como tudo o da vida era momento, e passava como sombra, e só se devia fazer conta dos bens d'alma, que grangeão o Reino do Ceo, para que Deos criara todo o homem racional. Era o Aquéme velho na idade, e de bom entendimento, e segundo se dizia, e alli o mostrou, não mal inclinado para os Christãos. Fallou com elle hum espaço desassombradamente (que até dos inimigos se faz estimar a virtude) e por fim lhe mandou aliviar o peso das cadeas pela metade, e que fosse passado ao carcere dos Judeos, onde o podessem visitar, e consolar os mais cativos. E não faltando quem o advertio, que estava alli preso por el-Rei, respondeo: que a ira do Senhor para com seu cativo, não era razão, que passasse de huma hora.

Erão presentes alguns cativos. Levarão-no em hombros, e com tanta alegria, como se de morto resuscitara á vida. O aposento que lhe derão foi dadiva verdadeira de Judeos. Melhor lhe podemos chamar cova, que aposento: sete palmos de altura, e alguma cousa menos de comprido, sinco de largo. Em tal estreiteza viveo o bom Padre quatro annos; e dez mezes, e alguns dias mais, até aos 24 d'Agosto de 1604. No qual dia faleceo o Xarife, e lhe succedeo na Coroa Muley Bufferes seu filho: que como he lá costume, soltarem-se todos os presos no levantamento do novo Rei, mandou que fosse solto Frei Constancio, e entregue aos Christãos. Tornado á Sejana, começou a entender em suas occupações primeiras de Missa quotidiana, e sua prégação de tanto espirito, que bem se mostrava, lhe rendera o aperto da prisão novos, e altos interesses do Ceo. Mas estava tão extenuado de suas gravissimas penitencias, que nunca deixou no carcere sobre o tormentos dos ferros, e do sitio, que tudo era intoleravel, que não durou mais, que mez, e meio. Depois d'este genero de liberdade, deu-lhe hum prioriz, que logo conheceo por

remate da vida; e acabou dentro de dous dias. Porque o sugeito não estava em estado de poder resistir; e o Senhor queria coroar suas virtudes. Foi morte de cisne, que acaba cantando, tanto na paz, e alegria, com que a recebeo, como na efficacia das santas admoestações, com que se despedio de todos os cativos em geral, e particular. Antonio de Saldanha, e Diogo Marim tomarão á sua conta o officio da sepultura, que se fez o melhor, que o tempo, e a terra sofria, com mais lagrimas, que pompa, com mais saudades, e silencio, que vozes, nem cantos funeraes.

CAPITULO XV

Fundação do Mosteiro de Freiras do Sacramento em Lisboa sobre o rso, junto á ponte d'Alcantara.

Passava de trinta annos, que esta Provincia não dava ouvidos a nenhum genero de fundação de Conventos, quando se offereceo huma, que por muitas razões pareceo digna de ser aceitada, e estimada. Erão os que a propunhão o Conde do Vimioso Dom Luis de Portugal, e a Condeça Dona Joanna de Castro Mendonça, sua molher, irmãa do Conde de Basto, Dom Diogo de Castro. E obrigava muito huma circumstancia, que offerecião, que era de mais do dote do Mosteiro, entregarem á Religião de S. Domingos suas pessoas com raro exemplo em gente de tanta qualidade, executando entre si hum santo divorcio. De sorte, que ella tomasse o habito, e professasse na mesma casa, que instituião: elle no Convento de S. Paulo d'Almada. Muitas cousas faz parecer novas o serem muito antigas, ou estarem já esquecidas do mundo. Semelhante caso deu principio ao nosso Convento de nossa Senhora da Piedade de Azeitão, como atraz deixámos escrito, só com differença na authoridade, e partes das pessoas, que erão muito inferiores, não no feito. Houve duvidas sobre a quantia do dote, que os Condes prometião, que era de duzentos mil réis de juro, pagos nas rendas da casa do Vimioso. Julgavão os Padres por mui curta porção esta, para haver de sahir d'ella sustentação das Religiosas, e fabrica dos claustros, que as havião de agasalhar. Quanto mais, que para haverem de guardar sem mudança o ponto mais alto, e mais rigoroso da Regra de S. Domingos, como os Condes pertendião, nenhuma cousa era mais conveniente, que possuirem tanta abundancia de renda, que escusassem mendigar pelo povo, e pa-

rentes (cuidado, e occupação de que ordinariamente nascem relaxações). Sobre tudo pareceo não encontrar a vontade dos instituidores, entendendo-se, que a novidade, e titulo da Casa, que havia ser do Santissimo Sacramento, chamaria tantos sugeitos nobres, e familias ricas (como logo se foi vendo) que os dotes supririão para o edificio, que se havia de levantar, e juntamente para acrescentar a renda. Ao que se juntou declararem os Condes, que sem embargo de ser costume no Reino ficarem por donos da capella mór, e com titulo de padroeiros as pessoas, que dotão, e fundão qualquer Mosteiro; elles erão contentes de largar todo este direito: de que estava certo haverem de resultar grandes interesses á casa: porque não podia faltar pelo tempo em diante pessoa muito eminente em poder, e nobreza, que pagasse com liberalidade a honra de tal jazigo, e tal padroado.

Aceitado o Mosteiro pela Ordem, foi segundo cuidado tratar do sitio em que se lhe havia de dar principio. E como de presente faltava cabedal para a fabrica nova, e os fundadores sentião mais do que se póde dizer, qualquer hora, que se lhe dilatava o entregar-se a Deos na Religião: porque as grandes resoluções perdem muitos quilates nos olhos do mundo, e até dos mesmos, que as tomão, se depois de publicas, e assentadas, correm com frouxidão: tratarão de tomar de aluguel hum aposento nobre, e capaz de se poder encerrar n'elle a Condeça fundadora com algumas Religiosas, que havia de tirar de Mosteiros da Ordem para Mestras da Observancia, e começarem juntas na fórma da Religião, que estava assentada. Escolherão-se as casas, que forão do Morgado dos campos, abaixo de S. Vicente de fóra, e sobre o bairro d'Alfama. E como se tomavão por interim, compuzerão-se com pouco apparato, e brevemente de sua Igreja, e Coro, e mais officinas: por maneira, que aos 9 do mez de Julho do anno de 1606 se acharão dentro em perfeita clausura as Madres, que vierão para fundar a Religião, repartidos entre si os cargos ordinarios d'ella. E a Condeça entrou em seu noviciado. De fóra ficou por Vigario o Padre Mestre Frei João de Portugal, que hoje he meritissimo Bispo de Viseu, acompanhado de Confessor, e Capellães, segundo costume, e ordem das nossas Religiosas.

Composto, e assentado assim o material do Mosteiro, começou a correr no formal do espirito, e religião com tanto concerto, e verdadeira guarda do primeiro rigor, e austeridade, que nosso Santo Patriarcha introduzio na Casa de S. Xisto de Roma, que foi em grande extremo a

edificação, que deu n'esta cidade, e o gosto, e bençãos com que o recebeo o Illustrissimo Dom Miguel de Castro, nunca bastantemente louvado Arcebispo d'ella, e tio da fundadora, irmão de seu pai. Seguiu-se logo o que se tinha pronosticado. Começarão a pedir o habito muitas pessoas de qualidade, não só nada espantadas das asperezas, que se contavão, mas antes convidadas d'ellas, e para ellas alvoroçadas. O que foi causa, que o Vigario, passados poucos annos, se encheo de animo, e começou a tratar de lhes levantar morada propria, e perpetua. E reconhecidos muitos sitios, veio a escolher hum, que tirado ser fóra dos muros, não podia achar melhor. Havia na estrada, que corre do bairro que chamão da Pampulha, para a ribeira, e ponte d'Alcantara, hum estendido pedaço de terra lavradia chão, e desabafado, cuja largura capaz de hum grande edificio era da estrada para o mar, e o comprimento corria dos fornos da cal, até pegar nos muros da quinta do Aposentador mór Lourenço de Sousa, quinta nobre, que fica sobre a ribeira de Alcantara. E com ser terra, que se lavrava cada anno, tinha o fundamento sobre huma pedra viva. Esta pedra descendo talhada, e pendente sobre as agoas do rio, onde com estreiteza correm como em garganta apertadas com os montes altos d'Almada, faz o sitio forte para bom fundamento do edificio, e tão alto, e sobranceiro, que fica senhor de todo o rio, e livre dos damnos, e vizinhança da praia, que lhe lava os pés: offerece defronte como painel, as rochas d'Almada vestidas em parte de verdura, parte ao natural descompostas: e contra a boca da barra, larga, e fermosa prospectiva, até se perder a vista no mar. Em tal sitio, e no mais eminente d'elle foi o Vigario dezenhando o seu Mosteiro. E como começou a ter algum cabedal, não quiz dilatar a fabrica, fiando, e deixando á conta de Deos os fins.

Era entrado o anno de 1612; assistia n'esta cidade de Lisboa Dom Frei Aleixo de Menezes, da Ordem dos Padres Eremitas de Santo Agustinho, Arcebispo de Braga, Primás das Espanhas, depois de ter governado muitos annos a Igreja de Goa na India Oriental, tambem Primacial d'ella. Pedirão-lhe as Religiosas, quizesse dar principio á Casa de Deos, assentando por suas mãos a primeira pedra do edificio. Determinou-se o dia, que foi a 7 de Janeiro do mesmo anno. Veio o Arcebispo, e fez a santa ceremonia com grande solemnidade. A pedra levava entalhada a letra seguinte:

«Jesu Domini, veri Filij Dei arcanæ Deitati, in bonæ gratiæ Sacramento, vivo Pani immortalitatis alimoniæ, vitalis mortis Symbolo, divinique Amoris monumento, pauperes Sorores Dominicanæ, primitivæ Observantiæ voto, Domum in solo puro sacrant, et nuncupant devotorum Comitum de Vimioso fundatam reditibus.

Adsit quæ Deum cepti, Virgoque edidit, altrix Rosarij, et mundi utriusque Domina, ter Beata Maria, una cum Sponso Joseph, et loci Patronis Servo Dominico, Virginique Senensi, et cum tota Cœlitum Aula, numine propitio. Sacrat Illustrissimus Dominus D. Alexius Menesius, Orientis olim Ecclesiæ, et nunc Hispaniarum Primás. Anno Domini 1612, *Januarij die septima.»*

Em vulgar responde o seguinte:

Á Divindade do Senhor Jesu, verdadeiro filho de Deos: Divindade encuberta, e encerrada no Sacramento da boa graça: ao Pão vivo, que he Mantimento de immortalidade, Symbolo de morte vital; penhor, e lembrança do Amor Divino, as pobres Freiras de S. Domingos dedicão, e consagrão esta Casa, com voto da primeira Observancia, em terra pura, e nova, de que são fundadores com sua fazenda, e rendas os devotos Condes do Vimioso. Acuda-lhe com seu favor, e ajuda aquella Senhora, que em si recebeo a Deos, e o pario, ficando Virgem, Mãi do Rosario, Senhora de hum, e outro mundo, mil vezes Bemaventurada Maria, e acompanhem-na seu esposo Joseph, e os Padroeiros naturaes da Ordem, seu Servo S. Domingos, e a Virgem Catharina de Sena, com toda a Corte Celestial. Fez o auto da Sagração o Illustrissimo Senhor Dom Aleixo de Menezes, Primaz que foi da India Oriental, e agora o he das Espanhas, em sete dias de Janeiro, anno de 1612.

Foi-se proseguindo na obra d'este dia em diante, sem levantar mão, e com tão boa diligencia, que quando entrou o mez de Setembro do anno de 1616 havia bastante gasalhado para as Religiosas, sem embargo de faltar muito para a perfeição de Mosteiro, e ellas terem crescido muito em numero. Estava acabado o dormitorio que ficou lançado no comprimento do sitio ao longo do rio, com a Igreja no topo do Nascente, e no contrario casa de lavor com janellas altas, e de recreação para seus tempos contra a terra; Igreja pequena, porém maior que a tenção. e animo

das Religiosas, que em tudo querião conformar-se com aquella antiga pobreza de nossa Regra. Da estrada para a Igreja se procurou boa distancia, tanto para fugir da perturbação dos passageiros, como para ficar diante praça commoda, e authorizada. Esta mesma tem com aposento o Vigario, e Capellães, que se fabricou para quietação por detraz da capella mór, com suas janellas, e varandas de Sol sobre o rio. Aprazou-se logo dia para a transmigração da casa alhea para a propria, que foi solemnissima. Porque acudio toda a Nobreza da terra, parte por auto de devação, e christandade; parte para acompanharem suas parentas; e outros por curiosidade de ver, e notar cousa poucas vezes vista. Seguio o Povo a Nobreza: e como o de Lisboa he geralmente pio, e muito devoto, tanto que soou a nova da passagem, não ficou homem em casa, nem em tenda; foi o concurso, como da mais celebre procissão de todo o anno. Forão em coches até o Mosteiro de Santo Alberto. Alli se formou a procissão. Estava na rua posta em ordem a Communidade dos Frades de São Domingos de Lisboa, com sua Cruz diante, acompanhados de alguns dos Conventos vizinhos. Forão sahindo as Madres, e tomando o meio da rua, segundo suas antiguidades, e precedencias no habito. Chegarão-se os parentes ás que os tinhão, e forão-se com ellas ao seu passo com toda cortezia, e bom termo. Cerrava a procissão o Arcebispo, não tanto por tio da Condeça fundadora, como por Prelado zelosissimo de todo o bem, levando debaixo do rico pallio o Santissimo Sacramento, preço de nossa salvação, e titulo, e honra do novo Mosteiro. Deu o caminho occasião aos bons entendimentos de se edificarem, e compungirem, vendo molheres fracas caminhar com gosto para encerramento, e sepultura perpetua; gente illustre cuberta de saco do mais vil, mais seco, e aspero, que usão os moradores dos montes: rosto, e olhos tapados de toucas negras, sinal não só de mortificação, mas de verdadeira morte. Mas não fez menos aballo o que muitos virão no Mosteiro novo. Estava aberto, e a entrada franca aos seculares, em quanto tardavão as Madres. Espantados da estreiteza das cellas, pasmavão do enxoval de cada huma, para cama, enxergão de palha sobre huma vil taboa, fazendo officio de cubertor, lençoes, e travesseiros o mesmo saco dos habitos, ou outro mais crespo: Na parede sobre a cabeceira huma cruz de páo, sem outro painel, nem retabolo; para assento huma cortiça. E tal era o concerto de todas sem differença em nenhuma.

Recolhidas as Religiosas na casa nova, como se com a mudança da

morada entrarão em nova obrigação, ou houvera que melhorar na vida, que na outra fazião: assim começarão com estranho fervor de espirito, acrescentar oração, estender as vigias, carregar a mão nas penitencias. Parece que o ver crescer a obra de pedra, e cal, que todavia continuava, lhes dava motivo, e animo para fazerem mingoar, e decrescer as paredes vivas á força de trabalho proprio; que todavia foi a algumas occasião de abreviar os dias da vida. Porém com tanta opinião de santidade e tantos mimos, e favores sabidos do Divino Esposo, que se tiveramos licença para fazer especificada relação, crescera este ultimo livro em volume, e juntamente em preço, e grande estima. Como este Mosteiro he o Benjamin, e ultimo em idade da Provincia, tomão as Madres d'elle por timbre de humildade, ou brio santo, não consentirem, que saião a luz suas proezas em companhia das que deixamos contadas dos irmãos mais velhos: O que me faz ter por certo, que assim como o ouro no mais profundo da terra entranhado, lá está recebendo as influencias do Sol, que o cria, e crescendo em quantidade, e quilates: o que lhe não acontece depois que anda pelas mãos dos homens: Da mesma maneira, quando d'aqui a longos annos derem licença estas Religiosas, que se publiquem no mundo as maravilhas, que a mão do Poderoso Autor da Natureza, Sol Divino tem obrado, e vai obrando cada dia n'ellas: enchão de espanto, e inveja a quantos as ouvirem. E não falte mais alentado Escritor, que d'ellas componha particular, e famosa historia.

CAPITULO XVI

Em que se dá conta da mercê, que el-Rei fez a esta Provincia de São Domingos de Portugal, dando-lhe hum lugar perpetuo no Tribunal Supremo da Santa Inquisição.

Do anno, em que foi a fundação do Mosteiro do Sacramento, até o de 1614 não achamos cousa digna de entrar n'esta Cronica, excepto huma, que o mesmo anno de 1614 nos offerece de grande honra d'esta Provincia, o que muito nos vem a proposito, para darmos com ella final conclusão a este livro, e remate a toda a obra de tres grandes volumes, que com o favor divino vamos chegando ao porto. Mas he primeiro de saber, que governando a Igreja de Deos o Summo Pontifice Bonifacio IX legitimo successor de São Pedro, eleito em Italia por falecimento do Papa Urbano VI durando a grande scisma, e divisão, que então affligia a Chris-

tandade, tinha tanta satisfação da constancia, e valor, com que os Religiosos de São Domingos das Provincias de Espanha defendião a Fé Catholica, contra todo o genero de heresia, e hereges, que obrigado d'ella lhes mandou despachar hum privilegio, cuja sustancia era, que tanto que o Provincial da Ordem de São Domingos da Provincia de Espanha (que então comprehendia o que agora está dividido em tres Provincias; a saber: Castella com titulo de Espanha, Andaluzia, e Portugal) fosse legitimamente eleito, ficasse logo com tal authoridade nas materias da Inquisição, que pudesse nomear huma pessoa, e a mesma revogar quando lhe parecesse, para Inquisidor de Espanha. E não obstante a tal nomeação, exercitasse elle Provincial tambem o mesmo officio, se quizesse assim em auzencia, como em presença do seu nomeado. Este breve original achámos no cartorio do Convento de São Domingos da Batalha: E obriga-nos a fazer menção d'elle n'este lugar, ver que passando já de duzentos annos, que nos foi dado, e não se praticando muitos ha; foi Deos servido, que a grande piedade, e devação d'el-Rei Dom Filippe III em Castella, e II em Portugal, como por revelação o resuscitasse. E não com menos favor: porque ordenou, e mandou que no Tribunal Supremo do Santo Officio da Coroa de Castella, e no da Coroa de Portugal, tivesse hum lugar perpetuo a Ordem de São Domingos. E assim o fez saber por suas Reaes Letras ao Inquisidor geral de Portugal, nomeando logo no d'este Reino a pessoa do Mestre Frei Manoel Coelho: grande, e soberana mercê. Em que ha de consideração duas circunstancias, que muito a engrandecem: Primeira, não ser pertendida, nem buscada: Segunda, o fundamento que el-Rei toma, e declara que teve para a fazer, do zelo, e cuidado com que sabia, que a Religião de São Domingos, e todos seus filhos acudião á defensão da verdade da Fé Catholica. Daremos primeiro o treslado da Carta d'el-Rei: e cerraremos o capitulo com o Breve Apostolico.

Treslado da Carta.

«Por El-Rei. Ao Reverendo Bispo D. Pedro de Castilho, do seu Conselho d'Estado, seu Capellão Mór, e Inquisidor Geral de Portugal. Reverendo Bispo Inquisidor Geral, amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Havendo respeito, a que a principal obrigação do Instituto da Ordem de São Domingos dos Prégadores he a defensão da verdade de nossa Santa Fé Catholica, e extirpação das Heresias, em que os Religiosos da

dita Ordem se empregão sempre com o cuidado, e zelo, que he notorio: E por a particular devação, que eu tenho: Hei por bem de lhe fazer mercê de hum lugar perpetuo no Conselho do Santo Officio da Inquisição, d'essa Coroa: assim como n'esta lh'o concedi agora. E por a boa informação, que me foi dada das letras, e virtude do Mestre Fr. Manoel Coelho, tendo tambem consideração ao tempo que ha, que serve de Qualificador do Santo Officio, o nomeio para o dito lugar do Conselho d'elle, e vos encommendo, e encarrego muito, que em conformidade d'esta resolução, ordeneis, que se passem logo os despachos necessarios, para ella haver effeito, e me venhão a assinar. Escrita em S. Lourenço, a 23 de Setembro de 1614. — REI.»

Trazia esta carta posta a vista pelo Conde de Villa nova, Dom Manoel de Castello Branco, que então assistia no Conselho d'Estado de Portugal em Castella, e era n'elle Conselheiro mais antigo. E depois de vinda a Portugal, foi feita registar na Torre do Tombo, por Diogo de Castilho Coutinho, Guarda mór d'ella, no livro nono das Doações d'el-Rei Dom João o III, a folhas 186.

Treslado do Breve do Santo Padre.

Bonifacius in perpetuam rei memoriam. Sedis Apostolicæ providentia circunspectans hæreticæ pravitatis labe respersos, quorum nequitia serpit, ut cancer, ne in aliorum perniciem sua venena diffundant, remedium libenter adhibet opportunum: ut exinde negotia Catholicæ Fidei, elisis omnino, et eradicatis erroribus prosperentur, ac Fides ipsa fortius invalescat. Cum itaque, sicut accepimus, quondam Vincentius de Lisbona, Ordinis Fratrum Prædicatorum Professor, olim in Provincia Hispaniæ, Inquisitor hæreticæ pravitatis, per dictam Sedem Deputatus, extra Romanam Curiam fuerit vita functus. Nos affectantes ad hujusmodi negotium Fidei ibidem efficaciter promovendum continue: talem deputare personam, cujus honesta conversatio exempla tribuat puritatis, ejusque labia erudita doctrinam fundant sapientiæ salutaris: ut ejus ministerio omne formentum exinde labis hujusmodi expurgetur: Authoritate Apostolica tenore præsentium, ex certa scientia statuimus, et etiam ordinamus, quod ex nunc, et de cætero, perpetuis futuris temporibus, Provincialis Provinciæ Hispaniæ, secundum morem prædicti Ordinis, qui nunc est, et pro tempore fuerit, ibidem Inquisitorem

hæreticæ pravitatis hujusmodi, pro ut ei, secundum Deum, fuerit visum expedire, Authoritate Apostolica, quoties expedierit, deputare: Ac hujusmodi Deputatum, sicut quoties sibi videbitur, ab hujusmodi officio removere, et alium loco suo subrogare. Ac etiam Inquisitionis officium hujusmodi, quoties sibi placuerit, tam in absentia, quam in præsentia, Deputati hujusmodi pro tempore exercere possit, et debeat; qui quidem Deputatus pro tempore in hujusmodi negotio Inquisitionis procedere valeat, tam secundum indulgentias, et privilegia Inquisitoribus pravitatis ejusdem dicta Authoritate Apostolica deputatis, seu officia Inquisitionis hujusmodi exercentibus, ab eadem Sede concessa, quam etiam secundum Canonicas sanctiones: Districtius inhibentes quibuscunque personis Ecclesiasticis, et mundanis, quorum interest, vel intererit quomodolibet in futurum, ne Provincialem, et Deputatum hujusmodi pro tempore, super his contra præsentium tenorem, impedire, seu molestare quoquo modo præsumant: Ac decernentes ex nunc irritum, et inane, si secus super his á quoquam, quavis authoritate, scienter, vel ignoranter contigerit attentari. Per hujusmodi autem deputationem, ut præmittitur, faciendam, locorum Ordinariis quo minus Christi Inquisitionis Officium, super labe prædicta, pro ut volunt dictæ Canonicæ Sanctiones, exercere valeant, et quibuscunque privilegiis, Ordini, vel Inquisitoribus, seu officio memoratis, si qua sunt eis á dicta Sede concessa, nullum volumus præjudicium generari. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostri Statuti, Ordinationis, et voluntatis infringere, vel ei ausu temerario contraire. Siquis autem hoc attentare præsumpserit, indignationem Omnipotentis Dei, et Beatorum Petri, et Pauli Apostolorum ejus, se noverit incursurum. Datum Romæ apud Sanctum Petrum. Kal. Februarii, Pontificatus nostri anno decimo tertio.

Escusamos traduzir este Breve, visto como já deixámos declarado o que contém.

LAUS DEO.

TABOADA DOS CONVENTOS

DE QUE SE TRATA N'ESTE VOLUME

CONVENTOS DE FRADES

1 Convento de Amarante, pag. 187.
2 Convento de S. Domingos de Goa, pag. 307.
3 Convento de Santo Thomas em Pangim pag. 333.
4 Casas e residencias na India e Ethiopia Oriental, pag. 429.
5 Convento de Monte-mór o novo, pag. 449.
6 Convento de Vianna, pag. 452.
7 Convento de S. Sebastião de Setuval, pag. 469.
8 Convento de S. Paulo d'Almada, pag. 475.
9 Collegio de Santo Thomas em Coimbra, pag. 90.

CONVENTOS DE FREIRAS

1 Annunciada de Lisboa, pag. 27.
2 N. S. do Paraiso em Evora, pag. 72.
3 N. S. da Rosa de Lisboa, pag. 99.
4 S. João de Setuval, pag. 132.
5 N. S. da Consolação de Elvas, pag. 150.
6 N. S. da Graça da villa d'Abrantes, pag. 236.
7 Santa Catharina de Sena de Evora, pag. 263.
8 N. S. d'Assumpção de Moura, pag. 457.
9 Sacramento, junto a Alcantara, pag. 506.

INDICE

DOS CAPITULOS D'ESTA TERCEIRA PARTE DA HISTORIA DE SÃO DOMINGOS, PARTICULAR DO REINO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO PRIMEIRO

Pag.

Cap. i. Da entrada do Visitador, e Reformador da Ordem em Portugal o Padre Mestre Frei João Furtado. Como se celebrou Capitulo de eleição, e se ajuntarão em hum corpo os Conventos da Provincia, e Observancia, e elegem Provincial 17

Cap. ii. Da despedida do Visitador, e noticia breve dos Provinciaes que succederão d'este anno em diante, até o de 1613 em que fenece a Historia 22

Cap. iii. Da fundação do Mosteiro da Annunciada em Lisboa. . . 27

Cap. iv. De algumas Religiosas, que florecerão n'este Mosteiro em virtudes 31

Cap. v. Da vida, e morte da Madre Soror Maria de Jesus . . . 35

Cap. vi. Das vidas das Madres Soror Brites de Jesus, Soror Guiomar do Espirito Santo, Soror Maria da Cruz, e Soror Antonia das Chagas 41

Cap. vii. Das vidas das Madres Soror Brites da Madre de Deos, Soror Briolanja da Annunciação, e Soror Brites do Rosario . . 48

Cap. viii. Das vidas das Madres Soror Maria de Jesus segunda, e Soror Isabel da Encarnação 53

Cap. ix. Das vidas das Madres Soror Guiomar de São Paulo, e Soror Maria Bautista, Irmãas Conversas. 58

Cap. x. De algumas particularidades d'este Mosteiro, e de sua Igreja. 61

Cap. xi. De hum estranho, e calamitoso successo, que n'este Mosteiro se vio em huma Religiosa. 66

Cap. xii. Da fundação do Mosteiro de Nossa Senhora do Paraiso, da cidade d'Evora 72

Cap. xiii. Da occasião, que houve para o nome, que este Mosteiro tomou do Paraiso, e como passou á Observancia 75

Cap xiv. De outras particularidades d'este Mosteiro, e de algumas Religiosas, que n'elle houve de grande espirito 80

Cap. xv. Das Madres Soror Maria da Resurreição, Soror Elena da Cruz, Soror Antonia de Santo Thomas, e Soror Margarida

Fag.

São Pedro 83
Cap. xvi. Das Madres Soror Joanna de São Domingos, Soror Joanna do Presepio, e Soror Magdalena do Sepulcro, e de algumas particularidades mais d'esta casa 87
Cap. xvii. Fundação do Collegio de Santo Thomas de Coimbra. . 90
Cap. xviii. Em que se dá conta da fabrica, e fórma do material do Collegio, e do tempo que esteve suspenso, e como tornou a correr estudo n'elle 93
Cap. xix. Dá-se conta como el-Rei Dom João antes de acabada a obra do Collegio, mandou reformar os estatutos d'el-Rei Dom Manoel: e da grande religião, que n'elle se guardou sempre . 95

LIVRO SEGUNDO

Cap. i. Fundação do Mosteiro de nossa Senhora da Rosa da cidade de Lisboa 99
Cap. ii. De algumas grandes, e particulares virtudes das Madres Soror Isabel da Cruz, Soror Lianor da Trindade, Soror Guiomar dos Fieis de Deos, e Soror Brites dos Reis 103
Cap. iii. Das Madres Dona Branca, Dona Francisca da Silva, e Soror Antonia de Jesus, Prioresas 108
Cap. iv. Das Madres Soror Isabel da Cruz segunda, e Soror Brites da Cruz 112
Cap. v. Das Madres Soror Guiomar da Trindade, Soror Catharina do Espirito Santo, Soror Brites da Resurreição, Soror Maria dos Santos, Soror Custodia de Jesus, e Soror Magdalena da Silva . 117
Cap. vi. Em que se referem alguns milagrosos effeitos do Santo Rosario, e outras particularidades d'este Mosteiro 120
Cap. vii. De huma prodigiosa calamidade, succedida na ilha de São Miguel, manifestada antes de succedida por hum Religioso de São Domingos 123
Cap. viii. Descreve-se o sitio, que a villa tinha, e o modo porque ficou sovertida 127
Cap. ix. Fundação do Mosteiro de São João de Setuval 132
Cap. x. Da estreiteza, e bom governo, com que se procedia n'este Mosteiro, e da religiosa vida, e santo fim de algumas Religiosas d'elle 137
Cap. xi. Das Madres Soror Elena da Vera-Cruz, Soror Maria do Espirito Santo, Soror Brites da Trindade, e outras 141
Cap. xii. Das Madres Soror Isabel do Evangelista, Soror Ambrosia de Santo Agustinho, Soror Paula da Conceição, e outras particularidades da casa 144
Cap. xiii. Fundação do Mosteiro de nossa Senhora da Consolação

Pag.

da cidade d'Elvas 150

Cap. xiv. De algumas Religiosas, que n'este Mosteiro viverão, e morrerão com fama de grande virtude 153

Cap. xv. Das Madres Soror Isabel de São Francisco, Soror Anna da Conceição, Soror Maria de Christo, Soror Anna Rodrigues, e outras 157

Cap. xvi. Da causa do titulo, que este Mosteiro tem de nossa Senhora da Consolação, e das mercês, que por seu meio tem recebido a cidade 162

Cap. xvii. Da grande devação, que n'esta casa se tem ao Santo Rosario, e das maravilhas que n'ella tem obrado 163

Cap. xviii. De algumas molheres de boa, e santa vida, que por este tempo tiverão nome no habito, e profissão da Terceira Regra de São Domingos. 169

Cap. xix. Parte Soror Margarida para Roma, passa á Terra santa: torna a Bolonha em Italia, e fica de morada n'ella 173

Cap. xx. Sepultura de Soror Margarida, com outras particularidades, que depois de sepultada se virão 177

Cap. xxi. De outras molheres de muita qualidade, e virtude, que em Lisboa professarão a mesma Regra de Terceiras 180

Cap. xxii. Que contém hum Breve Apostolico, sobre certo litigio, que correo entre os Religiosos de São Francisco, e São Domingos na materia das Chagas de Santa Catharina de Sena . . . 184

LIVRO TERCEIRO

Cap. i. Fundação da devotissima casa de São Domingos da villa de Amarante: com a vida do glorioso São Gonsalo, por cujo respeito, e devação foi fundada 187

Cap. ii. Parte o Santo Abbade para Jerusalem: Dá-se conta da jornada, e do que mais que lhe succedeo tornando á sua Igreja, e casa 191

Cap. iii. Entende o Santo em prégar, e ensinar o povo de Entre Douro, e Minho: levanta huma Ermida sobre o rio Tamega: toma o habito de São Domingos por hum mysterioso meio . . 197

Cap. iv. Começa o Santo a prégar depois de professo na Ordem de São Domingos: Dá-se conta da fabrica, que emprehendeo da ponte de Amarante 201

Cap. v. De outras maravilhas, que o Senhor obrou em honra do Santo, antes, e depois de dar fim á ponte 204

Cap. vi. Do bemaventurado transito do Santo: de suas exequias, e grandes milagres, que logo fez 210

Cap. vii. Em que se escrevem alguns milagres, dos muitos que o Santo tem feito: e grandezas notaveis, que se veem na sua casa 214

Pag.

Cap. viii. Como foi dado principio ao Real Convento de São Gonsalo de Amarante 219
Cap. ix. De outras mercês, e favores, que el-Rei Dom João fez á Ordem n'este Convento; e como foi levantado em Priorado; e o Santo beatificado 223
Cap. x. Do grande numero de imagens, altares, Igrejas, Freguezias, e Confrarias, em que n'este Reino, e fóra d'elle he venerado São Gonsalo de Amarante: e em muitas de muito tempo antes de sua beatificação 227
Cap. xi. Em que se dá conta dos meios com que os Religiosos da Ordem de São Bento pertenderão tirar este Santo á de São Domingos: do litigio, que sobre isso correo, e sentença, que n'elle se deu 230
Cap. xii. Que contém a sentença, que em Roma se deu contra os Religiosos de São Bento na pertenção que tinhão de São Gonsalo ser Frade de sua Ordem. 232
Cap. xiii. Fundação do Mosteiro de nossa Senhora da Graça da villa de Abrantes 236
Cap. xiv. Dos meios, com que este Mosteiro se passou á Ordem de São Domingos 240
Cap. xv. Das mercês, e favores que os Reis fazião a este Mosteiro, depois que foi incorporado na Provincia de São Domingos, e como mudou de sitio 243
Cap. xvi. De algumas Religiosas, que n'este Mosteiro se adiantarão em obras, e fama de grande espirito, depois que se entregou á Ordem de São Domingos 245
Cap. xvii. Das Madres Soror Magdalena de São Paulo, e Soror Isabel da Conceição 251
Cap. xviii. Das Madres Soror Magdalena da Cruz, Soror Brites de Christo, Soror Maria de São João, e de tres irmãas Conversas 253
Cap. xix. Das Madres Soror Filippa de São João, Soror Francisca dos Anjos, Soror Filippa do Espirito Santo, e Soror Aldonça de Jesus, com algumas particularidades da casa 257
Cap. xx. Fundação da Vigairaria de nossa Senhora da Esperança, da villa das Alcacevas 261
Cap. xxi. Origem, e antiguidade do Mosteiro de Freiras de Santa Catharina de Sena de Evora, antes de ser recebido na Ordem de São Domingos, e no titulo de Santa Catharina 263
Cap. xxii. Mudão estas Religiosas casa, e nome de Santa Martha, em casa, e nome de Santa Catharina de Sena 265
Cap. xxiii. De algumas Religiosas, que n'este Mosteiro se adiantarão em fama, e obras de grande espirito 269
Cap. xxiv. Das Madres Soror Brites do Horto, Soror Maria da Re-

Pag.
surreição, Soror Brites da Cruz 273
Cap. xxv. Das Madres Soror Maria do Presepio, Soror Isabel Bautista, Soror Brites de São Francisco, e Soror Elena do Espirito Santo, sua irmãa 277
Cap. xvi. Das Madres Soror Isabel da Assumpção, Soror Isabel de Nazareth, Soror Maria de Santo Antonio, Soror Filippa da Madre de Deos, Soror Guiomar de Pina, e Soror Joanna do Anjo . . 281
Cap. xxvii. Das Madres Soror Brites de Mariz, Soror Catharina de Mariz, e Soror Maria de São Francisco 283
Cap. xxviii. Em que se dá conta de algumas particularidades importantes d'este Mosteiro, e das reliquias que n'elle ha . . . 288

LIVRO QUARTO

Cap. i Em que se dá conta, como nos principios da Ordem de S. Domingos entrarão muitos Religiosos d'ella por terras de infieis a prégar o Santo Evangelho, e chegarão á India, e morrerão pela santa Fé 294
Cap. ii. Em que se prosegue a mesma materia, e se prova com evidencia. 396
Cap. iii. Dos primeiros Religiosos d'esta Ordem Portuguezes, que navegarão de Portugal para a India; depois que foi descuberta por el-Rei Dom Manoel . . . , ... 299
Cap. iv. Passão os Religiosos de S. Domingos em Communidade á India, e começão a fundar 304
Cap. v. Edifica-se o primeiro Convento de S. Domingos em Goa: contão-se os pronosticos, que precederão á fabrica, e o que el-Rei mandou dar para a despeza d'ella, e sustentação dos Religiosos 307
Cap. vi. Fundão-se os Conventos de Chaul, Cochim, e Malaca: tomão os Religiosos a seu cargo a conversão da gentilidade da ilha de Goa 312
Cap. vii. Em que se apontão os Vigarios geraes, que governarão esta Congregação, com seus nomes, e tempo que no cargo assistirão 314
Cap. viii. De alguns filhos d'este Convento de S. Domingos de Goa, dignos de memoria 318
Cap. ix. Do Padre Frei Antonio Pestana, filho do Convento de Goa 322
Cap. x. De outros Religiosos de grandes partes em virtude e letras, que n'este Convento de Goa residirão 326
Cap. xi. Da vida, e santa morte do Padre Frei Antonio da Visitação, Deputado do Santo Officio de Goa 330
Cap. xii. Fundação do Convento de Santo Thomas em Pangim; sua trasladação para a cidade, e principio da Casa recoleta de Santa

Pag.

Barbara 333

Cap. xiii Sitio, e assento das ilhas de Solor, qualidade da terra, e da gente d'ellas, principio de sua conversão, e christandade por meio da Religião de S. Domingos . . . , ... 337

Cap. xiv. Parte para Solor o Padre Frei Antonio da Cruz com tres companheiros a prégar o Santo Evangelho: dá-se conta das Igrejas, que fundarão, e das muitas almas, que trouxerão ao gremio da Fé, e da fortaleza, que para as defender edificarão . . . 341

Cap. xv. Fundão os Padres tres Igrejas na ilha do Ende, e levantão n'ella para segurança da terra huma fortaleza: dá-se conta dos modos, que tinhão no ensino do povo: dos grandes trabalhos, qoe passavão, e como muitos forão mortos por infieis . . 447

Cap. xvi. Das alterações, que succederão no espiritual, e temporal d'estas ilhas, e como passou o primeiro levantamento, que houve em Solor 352

Cap. xvii. Do que mais fizerão os levantados depois da perda de Solor: da crueldade com que martyrisarão dous mininos do Seminario, porque não quizerão renegar, e matarão outros muitos Christãos, e como emfim forão destruidos, e assolados . . . 357

Cap. xviii. De hum principio de levantamento, que houve na ilha do Ende, e da guerra, que el-Rei do Macassá moveo a todas as terras da Christandade de Solor, e do fim que teve com a morte do Padre Frei Jeronymo Mascarenhas 361

Cap. xix. Dá-se conta da virtude, e obras memoraveis de alguns Padres, que viverão, e morrerão de sua morte natural, servindo esta Christandade 363

Cap. xx. De novos trabalhos, que vierão sobre a Christandade de Solor: e de alguns Religiosos, e outros naturaes, que n'elles derão animosamente a vida pela confissão da Fé 371

Cap. xxi. Despacha o Vigario geral da Congregação hum Visitador a restaurar a Christandade de Solor 375

Cap. xxii. Passa o Visitador á ilha do Ende: provê de Vigarios algumas Igrejas: torna para Solor, e Malaca 379

Cap. xxiii. Da gloriosa morte, que padecerão em Solor os Padres Frei João Bautista, Frei Simão da Madre de Deos, e antes d'elles o Padre Frei Agustinho da Magdalena 382

LIVRO QUINTO

Cap. i. Entrão os Religiosos de S. Domingos no Reino de Camboya a petição do Rei: dá-se conta dos gravissimos trabalhos, e variedade de successos com que n'elle perseverarão 387

Cap. ii. Pede Frei Silvestre licença a el-Rei para se hir para Mala-

Pag.

ca, que lh'a não concede: converte hum Sacerdote dos idolos, pessoa insigne. que morre pela Fé 392

Cap. III. Obriga el-Rei a Frei Silvestre, que faça oração em caso de falta d'agoa: acode a Misericordia de Deos a honrar seu servo, dando-a: chegão de Malaca Embaixador, e novos prégadores: assentão com el-Rei fazer livro dos mysterios da Fé 396

Cap. IV. Manda el-Rei cessar a composição do livro: vão-se os Frades: torna el-Rei sobre si, dá licença para se prégar o Evangelho: morreo elle, e Frei Silvestre: acodem novos prégadores . 400

Cap. V. Entrão os Frades de S. Domingos em Sião: dá-se conta como foi por traição de Mouros morto o Padre Frei Jeronymo da Cruz, e do que fez no caso seu companheiro, ficando muito ferido 404

Cap. VI. Entra o Padre Frei Sebastião do Couto em Malaca, a buscar companheiros prégadores para tornar a Sião: torna com dous; morrem todos tres a mão de Mouros 407

Cap. VII. Desce el-Rei de Sião sobre Camboya: toma a cidade de Angor, leva cativos os Padres Frei Jorge da Matta, e Frei Luis da Fonseca: dá-lhes liberdade, e licença para prégarem: mata hum gentio ao Padre Frei Luis no altar: embarca-se Frei Jorge para Malaca 411

Cap. VIII. Entra o Padre Frei Belchior da Luz em Martavão: vai a el-Rei de Sião enganado: fica com elle honrado, e favorecido; e alcança licença para fazer Christandade: E leva por seu mandado provimento a Malaca: d'onde acodem outros Religiosos a continuar a prégação 414

Cap. IX. Das viagens, que o Padre Frei Francisco da Annunciação fez a Sião, e a outros Reinos por serviço do Estado da India, e bem da Christandade: E de sua assistencia no Reino, e fortaleza de Sirião, e Pegú 418

Cap. X. De hum prodigioso caso, que lhe passou pelas mãos ao Padre Frei Francisco da Annunciação, residindo em Sirião: Dá-se conta do desastrado fim do Capitão Filippe de Brito: Torna Frei Francisco a Sião, e Arração em serviço do Estado . . . 422

Cap. XI. Da hida que o Padre Frei Gaspar da Assumpção fez a Bengala, Igreja, e casa que edificou: e successos que n'ella houve, até ser destruida por infieis, e tornada de novo a levantar . . 425

Cap. XII. Dos Conventos, e Vigairarias, e mais Igrejas, que a Congregação de São Domingos tem nas partes do Sul 429

Cap. XIII. Das casas, e residencias, que a Ordem tem na ilha de Mossambique, e terras da Ethiopia Oriental 433

Cap. XIV. De outras Igrejas, que os Religiosos de São Domingos moradores em Mossambique governão na terra firme do Mono-

Pag.

potapa; e do valor com que se portarão em dous cercos, que aquella fortaleza padeceo 436
Cap. xv. Das Casas, Conventos, e residencias, que a Congregação tem nas cidades, e terras do Norte 440
Cap. xvi. De outras Casas, Conventos, e Vigairarias do Norte . . 444

LIVRO SEXTO

Cap. i. Principio, e fundação do Convento dos Frades de São Domingos de Monte-mór o novo: com titulo, e vocação de Santo Antonio de Padua 449
Cap. ii. Faz-se memoria das Vigairarias de Ansede, e Mancellos; e da fundação do Convento de Santa Cruz de Vianna 452
Cap. iii. Fundação do Mosteiro de Freiras de nossa Senhora da Assumpção de Moura. 457
Cap. iv. De algumas Madres, que n'este Mosteiro se sinalarão em grandes gráos de virtude 460
Cap. v. Das Madres Soror Guiomar de Nazareth, Soror Magdalena do Sepulcro, Soror Maria da Assumpção, Soror Brites de Jesus, e Soror Paula da Resurreição 464
Cap. vi. Como teve principio o Convento de São Sebastião da villa de Setuval 469
Cap. vii. Que contém huma carta, que o Papa Pio V escreveo ao Cardeal Infante em favor d'esta Provincia. Vem a visital-a o Geral Frei Vicente Justiniano: faz-se huma breve relação da vida do Padre Provincial Frei Estevão Leitão 472
Cap. viii. Fundação do Convento de São Paulo de Almada: com huma breve relação da vida do Padre Mestre Frei Francisco Foreiro autor d'elle 475
Cap. ix. Dos grandes serviços, que a Ordem de São Domingos fez a esta Républica de Portugal nas calamidades da peste, que em differentes tempos houve por todo o Reino 481
Cap. x. Da segunda, e terceira peste, que deu em Lisboa, e na cidade de Evora; e como se houverão os nossos Religiosos de São Domingos em ambas as occasiões, e em ambas as cidades . . 485
Cap. xi. Do cuidado, com que os Religiosos de São Domingos acudirão a outros lugares do Reino na terceira occasião da peste . 490
Cap. xii. Dos Religiosos da Ordem de São Domingos, que acompanharão a el-Rei Dom Sebastião, e seu exercito, na infelice jornada de Africa 493
Cap. xiii. Do fim, que teve a causa antiga de precedencias, que corria em Roma, e como foi sentenceada em favor da Ordem de São Domingos, contra as de Santo Agustinho dos Eremitas, de

nossa Senhora do Monte do Carmo, e da Santissima Trindade . 497
Cap. xiv. Em que se contém a vida, e morte do Padre Frei Constancio Magni da Ordem de São Domingos, que faleceo na cidade de Marrocos em Africa . . . . . , ... 499
Cap. xv. Fundação do Mosteiro de Freiras do Sacramento em Lisboa sobre o rio, junto á ponte de Alcantara . . . . . : . 506
Cap. xvi. Em que se dá conta da mercê, que el-Rei fez a esta Provincia de São Domingos de Portugal, dando-lhe hum lugar perpetuo no Tribunal Supremo da Santa Inquisição 511

COLLECÇÃO

DOS

LIVROS CLASSICOS PORTUGUEZES

DE MELHOR NOTA

Elucidario das palavras, termos e phrases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram. Obra indispensavel para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam, por Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. Segunda edição revista, correcta e copiosamente addicionada de novos vocabulos, observações e notas criticas, com um indice remissivo sob a direcção do sr. Innocencio Francisco da Silva. Dois volumes em folio, 4$000 réis.

Chronica da Companhia de Jesus do estado do Brazil, pelo Padre Simão de Vasconcellos, contendo como additamento sete cartas do Padre Manuel da Nobrega. Dois volumes em 4.º 1$800.

Trabalhos de Jesu, por Fr. Thomé de Jesus, dois volumes em 4.º de 432 pag. 1$800.

Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire, tres partes em um volume 720 réis.

Origem e orthographia da lingua portugueza, por Duarte Nunes do Leão, um volume 500 réis.

Historia de S. Domingos, por Fr. Luiz de Sousa, 1.º volume, 1$000. — 2.º vol. 1$200. — 3.º vol. 1$440. — 4.º vol. 1$200. — Em breve estará a obra concluida.

EMPREZA PARA A REPRODUCÇÃO DOS LIVROS CLASSICOS PORTUGUEZES

OBRAS A ENTRAR NO PRELO, NO FORMATO DE 4.º

Preço por assignatura 800 *rs. cada volume de* 400 *pag., avulso* 1$000 *rs.*

Chronica d'El-Rei D. João I, por Fernão Lopes e Gomes Eannes d'Azurara.
Nova Lusitania, Historia da Guerra Brasilica, por Francisco de Brito Freire.
Ethiopia Oriental, por Fr. João dos Santos.
Chronicas dos Reis de Portugal, por Duarte Nunes do Leão.
Memorial dos Cavalleiros da Tabola redonda, e mais obras de Jorge Ferreira de Vasconcellos.
Historia da India, por Antonio Pinto Pereira.
Arte de Reinar, por Antonio Carvalho Perada.
Cartas que os Padres da Companhia de Jesus escreveram da China e Japão *(Completas)*.
Apologos Dialogaes, por D. Francisco Manuel de Mello.
Espelho de Casados, pelo Doutor João de Barros.
Antidoto da Lingua Portugueza, por Antonio de Mello da Fonseca.
Verdadeira informação das terras do Preste João, pelo Padre Francisco Alvares.
Historia do Brasil, por Sebastião da Rocha Pita.
Comedias de Simão Machado.
Historia Insulana, pelo Padre Antonio Cordeiro.
Itinerario da Terra Santa, por Fr. Pantaleão d'Aveiro.—Dito pelo Padre Francisco Guerreiro.
Historia das vidas e feitos heroicos dos Santos, por Fr. Diogo do Rosario.
Chronica d'El-Rei D. João III, por Francisco de Andrade.
Nobiliarchia Portugueza, por Antonio de Villas-boas Sampaio.
Vida de S. Francisco Xavier, pelo Padre João de Lucena.
Vida do veneravel Padre José d'Anchieta, pelo Padre Simão de Vasconcellos.
Obras poeticas de Pedro Antonio Corrêa Garção, nova edição correcta e accrescentada com muitas poesias e discursos ainda não impressos.

Escriptorio da Empreza: Rua Aurea, 132—134.

Livraria de Antonio José Fernandes Lopes.

Uma Lição de florete, c. d. em 3 actos..... 180
Trabalho e honra, c. em 3 actos 300
A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos..... 300
Coração de ferro, d phantastico em 5 actos..... 300
O Chale de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda..... 120
E' perigoso ser rico, comedia em um acto..... 160
As joias de familia c. d. em 3 actos..... 300

MENDES LEAL ANTONIO

Poesias, 1 vol..... 500
Abel e Caim, c. em 3 actos..... 240
Uma Victima, d. original em 3 actos..... 160
Dôr e Amor. c d. em 3 actos... 200

J. D'ABOIM

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos..... 240
O Recommendado de Lisboa, c. em 1 acto 80
O Homem põe e Deus dispõe, c. em dois actos..... 120
As nodoas de sangue, d. em 3 actos..... 160
Cada louco com sua mania, c. original em um acto..... 100

I. M. FEIJOO

Lamões do Rocio, c. em 3 actos. 300
A Torre do Corvo, d. em 4 actos e um prologo..... 400
Carlos ou a Familia de uma Avarento, c. em 4 actos..... 240
Pedro Cem, c. em 5 actos 300
Remechido, o Guerrilheiro, d. em 3 actos..... 300

E. BIESTER

Um Quadro da vida, d. em 5 actos..... 480
A Redempção, c. d. em 3 actos. 360
Duas epocas da vida, c. em 2 actos..... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea..... 200
As obras de Horacio, imitação, comedia em um acto..... 120
Um homem de Consciencia, c. em 2 actos 160
O Maestro Favilla, drama em 3 actos..... 200

ALFREDO HOGAN

As Brazileiras, c. d. em 3 actos. 200
Ninguem julgue pelas apparencias, c. d. em 3 actos..... 360
Os Dissipadores, c. em 4 actos . 400
E melhor não experimentar, c. em 1 acto..... 200
Memorias do Coração..... 240
A Irmã de Caridade, c. em 2 actos..... 160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo..... 240
O Marido no Prégo, c. em um acto..... 160
Já não ha tolos!.. c. em um acto..... 80
Não desprese sem saber, c. em um acto..... 120
O Colono, c. d. em 3 actos..... 160
Segredos do Coração, c. d. em 3 actos..... 200
O Juizo do Mundo c. d. em 3 actos..... 240
A Mascara Social, c. d. em 3 actos..... 200
A Pelle do Leão, c. d. em 3 actos. 200
A Roda da Fortuna, c. d. em 3 actos..... 160
Nem tudo que luz é oiro, c. d. em 3 actos..... 200
O dia 1.º de Dezembro de 1640, c. heroica, original em 3 actos. 200
O ultimo dia dos Jesuitas em Portugal, drama original historico portuguez em 8 quadros 4 actos e um epilogo..... 200

JULIO CESAR MACHADO, E ALFREDO HOGAN

A Vida em Lisboa, c. d. em 4 actos 300
Primeiro o dever! c. d. em 3 actos..... 160

F. EVARISTO LEONI

Genio da Lingua Portugueza... 1:800

J. C. DOS SANTOS

O Segredo d'uma Familia, c. em 3 actos..... 240
O Pae prodigo, comedia em 3 actos..... 120
O Homem das Cautelas, c. em 2 actos..... 180
Gil Braz de Santilhana, comedia em 3 actos..... 008
Maria, ou o Irmão e a Irmã, c. em 3 actos..... 200
Uma chavena de chá, c. em um acto..... 120
Convido o coronel!!... c em um acto..... 100
A Herança do tio Russo, c. em 3 actos..... 220

HENRIQUE VAN-DEITERS

Poesias, 1 vol..... 360
Os moedeiros falsos, c. d. original em 3 actos..... 160
Dois cães a um osso, c. em 1 acto 100
Não envenenes tu, a mulher quiproquo em 1 acto..... 102
Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto 100

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA

A Corôa de Carlos Magno peça magica de grande espectaculo

em 4 actos 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda= Les quatre fils Aymon..... 320
A Costureira, c. em um acto.... 100
Erros da Mocidade, c. em 3 actos. 160
A ave do Paraizo, comedia-magica em 20 quadros, formando 3 actos 360
O paraizo perdido, ou a creação e o Deluvio, peça biblica em 1 prologo, 3 actos, e 1 epilogo, formando 21 quadros..... 360

MANUEL ODORICO MENDES

Opusculo ácêrca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez..... 200

I. DE VILHENA BARBOSA

Cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasões d'Armas: 3 vol. 8.º fr. (com estampas lytographadas)..... 3:000

JULIO CESAR MACHADO

A esposa deve acompanhar seu marido, c. em um acto..... 140
O Capitão Bitterlin, c. em um acto..... 140

ARISTIDES ABRANCHES

Stambul, c. em 3 actos e 9 quadros..... 300
A mãe dos escravos, d. em 4 actos..... 200
Como se descobrem... mazellas, c. em 1 acto..... 120
Trovoadas de maio, c. em 1 acto 160
Os dois pescadores, c. em 1 acto. 80
Nem todo o mato e oregãos, c. em 1 acto..... 160

J. R. CORDEIRO JUNIOR

Amor e arte, drama em 3 actos. 220
O Arrependimento salva, drama em um acto..... 100
Fernando, comedia-drama em 4 actos 200

J. I. DE ARAUJO

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em 3 actos..... 160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em 3 actos..... 200
Um Bico em Verso, scena comica 60
O Principe Escarlate, tragedia burlesca em 2 actos em verso. 180
Um homem que tem cabeça; c. em um acto..... 100
Ultimos momentos d'um Judas; entre-acto tragico-burlesco... 80

JOSE BENTO D'ARAUJO ASSIS

O segredo d'uma esmola, c. d. em 2 actos. 180
As duas paixões, c. em 1 acto.. 120
Deus nos livre de mulheres, c. em um acto, ornada de coplas . . 120

J. A. DE MACEDO

A Creação, poema pelo P. José Agostinho de Macedo..... 120

ERNESTO MARECOS

As Primeiras Inspirações,—Poesias..... 600
Juca, a Matumbolla—Lenda 160

MANUEL MARIA PORTELLA

Ensaios poeticos.—Poesias..... 400

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES

Reflexões sobre a lingua portugueza, 2.ª ed..... 720
Cirurgia e medicina 1 vol 360
Camões e o Jão, scena dramatica. 100

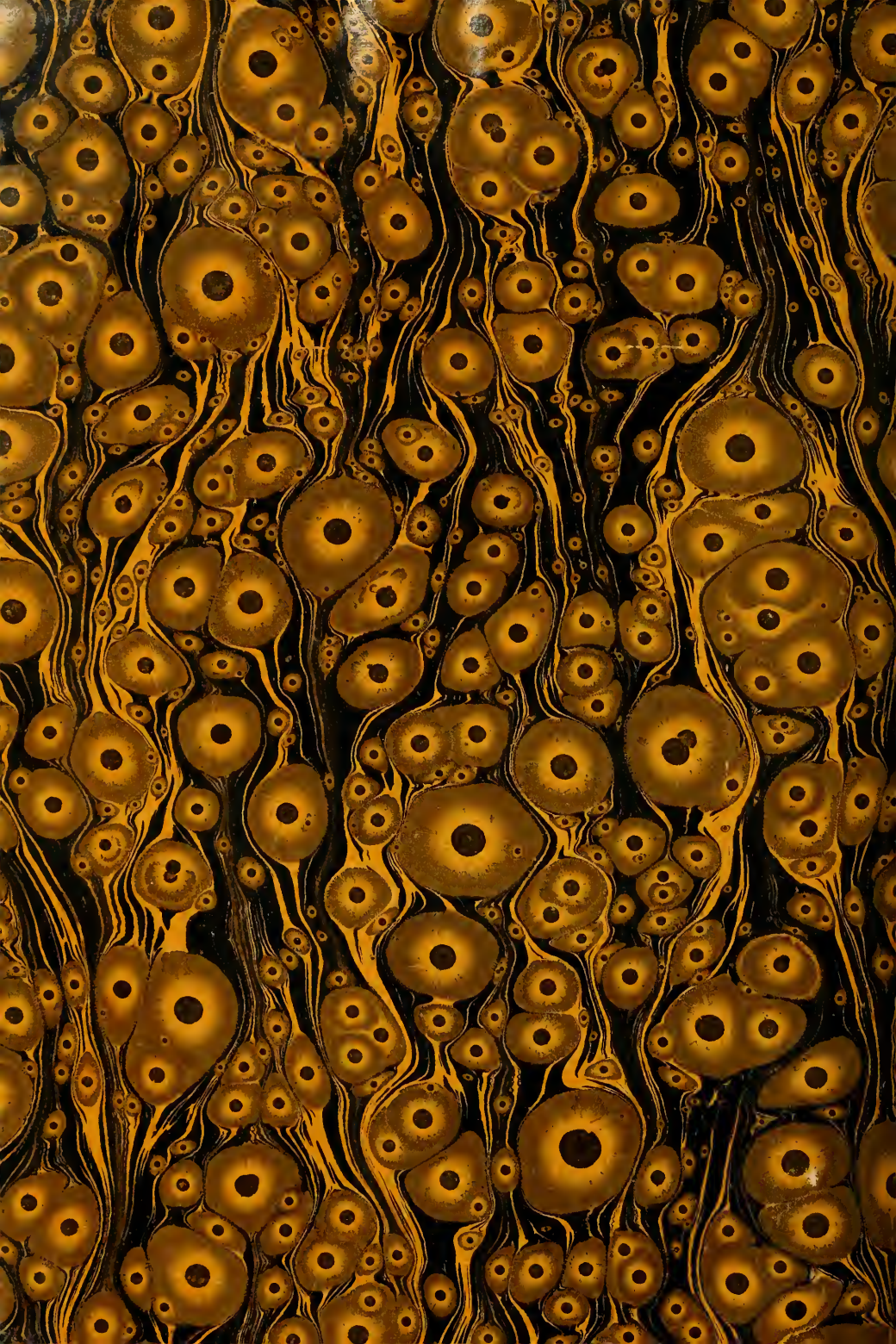
NO PRELO

Historia de S. Domingos, por Fr. Luiz de Sousa.— Acha-se quasi completo o 5.º vol.

Savitri, Lenda indiana, por Ernesto Marecos.

Memorias da Mocidade, Romance pelo Conego Soares Franco.

Conquista de Lisboa, romance historico, por Carlos Pinto d'Almeida. (Acha-se quasi concluido).



PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BX
3542
A1C3
1866
v.4

Cacegas, Luiz de
Primeira [quarta] parte da
historia de S. Domingos

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 15 15 15 09 006 2